O CASTELO E O LAGO

Arthur Guirdham

Tradução: Amadeu António

O LAGO E O CASTELO

ARTHUR GUIRDHAM

Publicado pela primeira vez em 1976 pela Neville Spearman (Jersey) Limited Esta edição publicada pela The C. W. Daniel Company Limited Church Path, Saffron Walden, Essex, CB10 1JP, Inglaterra, em 1991

ÍNDICE

Prefácio Quadro de Nomes
Livro Primeiro
O Lago
Livro Segundo
O Castelo **Livro**
Terceiro
A Ametista

PREFÁCIO

Esta é a história das encarnações romana, celta e napoleónica de um grupo que se manteve unido ao longo de cinco encarnações. Alguns dos seus membros figuraram como cátaros em *We Are One Another*. Aqui são vistos nos seus papéis romano, celta e napoleónico. As personagens principais são novas e só foram reveladas como membros do grupo nos últimos dois anos.

Para os leitores que não leram *We Are One Another*, um breve resumo poderá ser útil. Clare Mills é a mulher que recebeu do outro mundo uma enxurrada de visitas e mensagens escritas que revelaram de forma inequívoca que ela vivera como Esclarmonde de Perella no século XIII. O seu principal visitante desencarnado foi também identificado como Braida de Montserver. Neste livro, esta última é tão informativa sobre as encarnações romana, celta e napoleónica como o foi sobre a cátara.

O pai de Clare Mills, reconhecido no livro anterior como Bertrand Marty, reaparece na presente obra, mas no contexto de outras encarnações. Betty, anteriormente minha irmã Heélis de Mazerolles no século XIII, reaparece num papel diferente em *O Lago e o Castelo*. O mesmo acontece com a sua mãe do século XX, Jane Butler, outrora Bruna, a esposa cátara de um sargento de armas e queimada como herege após o cerco de Montségur em 1244. Kathleen foi identificada em *We Are One Another* como Arsendis, esposa de

outro sargento de armas medieval e, tal como a sua amiga Bruna, queimada na fogueira no mesmo dia de 1244. Esse destino foi também partilhado por Jack, mais um sargento de armas, que como Brasillac participou no cerco de Montségur.

Eu próprio fui mais do que suficientemente identificado tanto em *The Cathars and Reincarnation* como em *We Are One Another* como Roger de Grisolles (ou de Fanjeaux).

Este resumo seco é apresentado apenas para esclarecer a ligação entre as personagens medievais e os seus equivalentes nas eras celta e napoleónica. As personagens principais aparecem pela primeira vez.

Para cada membro do grupo, uma encarnação em particular foi dominante. É por isso que a encarnação celta gira em torno de Annette e a napoleónica em torno de Marion.

Embora, ao longo desta história, eu tenha identificado as minhas personagens pelos nomes que tiveram nas suas encarnações celta e napoleónica, ao contar a sua história permiti que um nome servisse uma personagem ao longo das diferentes vidas. Isto para evitar confusão. A mulher conhecida nesta vida como Betty não pode ser sobrecarregada com cinco nomes num único relato, nem se pode estar sempre a mudar o seu sexo ao referir-me a ela. Na maior parte das vezes, mantive a designação que me vem mais naturalmente à mente. Em qualquer encarnação em que Annette apareça, é-me mais fácil pensar nela em termos da sua descrição do século XX. Por outro lado, Braida é sempre predominantemente Braida, porque a encarnação em que usou este nome foi a mais importante para ela e para mim.

Para os que apreciam este tipo de coisas, juntei uma lista dos diferentes nomes usados pelos membros do grupo nas suas diferentes encarnações. O leitor poderá notar que os nomes celtas têm um sabor latino. Isto é facilmente compreensível. O grupo que viveu em Cumberland no século VII depois de Cristo era o que se chamava romano-britânico. Muitos eram produto de casamentos mistos entre celtas e romanos. Era também prática, naquela época, romanizar nomes celtas. Betty, como Brigida, era a mais pura celta entre nós.

O Lago e o Castelo não é apenas uma história de reencarnação de grupo nas chamadas idades das trevas e no Primeiro Império e nos regimes que o

precederam e seguiram. O registo das nossas vidas como membros da Igreja Celta em Cumberland tem enorme importância devido à luz que lança sobre a natureza e os ensinamentos sofisticados do cristianismo celta. Esta história está inextricavelmente ligada à comunicação com o outro mundo. Paradoxalmente, também diz respeito ao imenso poder evocativo — pelo menos para os membros do grupo — de certos lugares neste planeta. Nunca pensei que algumas das horas mais mágicas que passei em criança em Cumberland se devessem ao facto de lá ter estado antes.

Refiro-me em vários pontos do texto à minha capacidade de comunicar diretamente com os desencarnados. Até setembro de 1973, na maior parte das vezes, dependi de Clare Mills para retransmitir a informação que eles forneciam. A partir dessa data, muitas vezes consegui falar diretamente com eles, desde que ela estivesse presente. Mais tarde, consegui funcionar de forma independente, embora de modo limitado. O processo através do qual alcancei a capacidade de falar, sentir e ver os revenants foi em si mesmo uma revelação. Está registado na última secção deste livro.

O facto de continuar a usar a palavra *revenants* para os visitantes não substanciais que me instruíram é uma questão académica. Chamá-los espíritos é altamente enganador quando aquilo com que lidamos são psiques. O uso excessivo da expressão «entidades desencarnadas» parece-me pesado e pedante.

No quadro que se segue, a entrada «desconhecido» significa que o nome não foi revelado. Um traço horizontal indica que não há evidência de que o indivíduo tenha estado vivo nessa encarnação particular.

LIVRO PRIMEIRO

O Lago

Capítulo Um

Em outubro de 1916, caminhei com a minha mãe pela estrada que passa por Wythop até ao lago Bassenthwaite. Dois anos antes, um mundo morrera no auge de um verão ardente. A morte do mundo e a passagem do verão estavam inscritas no silêncio e na luz pálida do sol. Tudo naquele dia tinha contornos mais nítidos. Uma macieira brava inclinava-se da sebe para o vale. O amarelo das maçãs destacava-se claro ao sol e era realçado pela geada da noite anterior. Havia rosas-da-china num jardim de uma casa de campo. As suas pétalas estavam envoltas em luz e a sua beleza quase audível. Caminhei completamente fora do tempo. É algo que não consigo esquecer.

Conheci instantes, mesmo minutos, luminosos. Aquele dia foi diferente. O tempo e a duração expressavam-se em luz. Sei agora que me lembro daquele dia porque, hora após hora, estive fora do tempo. O que mais recordamos são os momentos intemporais. É um paradoxo que a memória — o teste da nossa resposta à dor da duração — seja mais nítida para os episódios em que o tempo dorme.

Com a minha mãe, saí do comboio em Embleton. A estrada serpenteava livre do murmúrio do riacho e da sombra das árvores até ao descampado aberto. Ainda era de manhã. Vi o lago com a névoa dissipada e sem nuvens por cima. Bassenthwaite era muito tranquilo nos primeiros anos do século, mas os seus ecos são insistentes ao longo de toda a minha história. Tenho-os ouvido há mais de mil anos.

Fomos almoçar ao Pheasant, um edifício longo e baixo à sombra das árvores. Até à estalagem, a estrada pertence à minha mãe e a mim tal como eu era há muitos séculos. Para lá da estalagem, há trezentos metros até ao cais. Só nos últimos anos soube que este troço da estrada pertence tanto ao meu pai como a estrada até à estalagem pertencia à minha mãe, por causa da minha experiência intemporal com ela. Não sabia que o tempo se dissolve ainda mais nitidamente na estrada até ao cais.

O meu pai morreu em 1952. Quando me disseram que ele estava morto, pedi-lhes que repetissem a mensagem. Quando o vi três dias depois de morto, o seu perfil romano estava mais nítido do que nunca, mas não havia distância e, mesmo na morte, ele não atingira a indiferença. Havia vida no

quarto e o ar vibrava. Ao inclinar-me para ele, a vibração e a sensação de vida intensificaram-se. Algo tremeluziu e passou no ar acima do seu rosto. Nessa altura, não sentia senão que ele ainda existia e que o seu rosto era belo. Não acreditava em espíritos. Só os sentia no ar. Não sabia que aquilo que sentia era a passagem da sua alma. Talvez ele tivesse esperado por mim.

Depois disso, houve um vazio, uma não perceção de que o meu pai partira. Durou anos e dissolveu-se num colapso súbito num momento numa manhã de inverno. Vejo agora que, quando o meu pai estava vivo, olhava para a vida e para além dela. Estava plenamente comprometido com este mundo e com as pessoas nele. Sorria como se contemplasse constantemente algo fascinante para lá da próxima esquina. Os seus olhos azul-pálido eram luminosos e penetrantes. A sua história estava escrita nos seus olhos. Quando dirigidos plenamente ao mundo, eram claros e brilhantes. Em momentos estranhos, retraíam-se e ficavam sem luz. Estavam a olhar dentro dele para alguma mensagem subitamente rabiscada na retina do inconsciente. Quando a luz se apagava dos seus olhos, ele era atraído para outro mundo e para um conhecimento mais profundo. Nestes momentos, passava de um lado para o outro através da tundra informe do tempo e do espaço.

Vinte anos após a morte do meu pai, quase sessenta anos depois de ter caminhado por Wythop com a minha mãe, caminhei junto ao lago com a luz do dia a esmorecer e o campo a mergulhar no seu sono de inverno. Caminhei do cais até ao Pheasant. Com a queda do crepúsculo, o bater das ondas no cais tornou-se mais nítido e o lago escureceu sob a sombra da montanha. Subitamente, de forma irrefutável, senti o meu pai ao meu lado. A sua presença era mais nítida e clara do que a escuridão das árvores e o murmúrio da água do lago na noite de inverno.

Já antes soubera que o meu pai voltara após a morte para estar comigo. Havia a mulher na casa de campo que nunca o vira. Estava menos consciente da minha presença do que da do meu pai atrás de mim. Descreveu-me o seu perfil e, acima de tudo, o seu olhar inequivocamente direto que tudo via e a tudo amava sem cessar. Disse-me que a mensagem dele para mim era que eu estava na margem e devia nadar no oceano. Não dei muita atenção. Não sentia que tivesse nascido para essas experiências oceânicas.

Quando penso no meu pai, recordo menos o génio inflamatório e anónimo da sua alma do que uma figura ardente e completamente

concentrada a jogar ao berlinde numa noite antes de o velho mundo morrer. É lógico que prefira estas memórias paroquiais e rústicas dele. Nunca me disse que havia outros mundos. Sabia que a verdade não pode ser verbalizada.

Durante algum tempo pensei que a estrada da estalagem até ao cais era evocativa para mim por causa das minhas memórias do meu pai. Esta é a história de como aprendi que ela é mágica por direito próprio. Não é propriamente a estrada em si, mas o bosque e o pequeno outeiro adjacente. Os mortos sussurram aos vivos de entre as árvores. Aqueles que regressam são tão facilmente identificáveis como o meu pai. Aqueles que chamam e aqueles que ouvem estão num certo comprimento de onda, mas o poder de evocação está localizado no lugar.

Capítulo Dois

Suponho que se lhe poderia chamar um «cavalo escuro». Clare tinha olhos azuis e era loura. Tinha uma pele clara, rosada e branca, e parecia anormalmente saudável.

Ela vestia as roupas e tinha os interesses que se esperaria dela. Adorava tweed, flores, cães, ir a Wimbledon e ver jogos de râguebi. Gostava de bailado e de paisagens tradicionais. Trabalhava arduamente e, no tempo livre, era seriamente viciada em ar puro. Era extremamente sociável e a sua agenda social estava sempre congestionada. Nunca percebi donde lhe vinha a energia para tanto trabalho e para tantos concertos e palestras.

Pelo que se podia julgar pelas suas palavras, vivia segundo alguns máximas simples. Era como o vento vindo do mar. Entrava e saía das casas das pessoas espalhando pela atmosfera slogans tão simples como «Não te preocupes» e «Segue em frente custe o que custar». Tinha qualidades tônicas. Era notável como as pessoas se sentiam muito melhor depois das suas visitas. Devia ter sido instalada num museu como modelo pré-permissivo da extrovertida anglo-saxónica. Não havia absolutamente nenhum disparate nela. Via as coisas como elas eram. Parecia gostar da maior parte do que via porque amava a diversidade das criaturas.

Escondia-se muito bem. Era uma extrovertida, mas diferente das outras por estender a mão não só aos seus semelhantes, mas a todo o cosmos.

Ninguém, ao olhá-la, poderia imaginar que as suas antenas percetivas oscilavam através do tempo e do espaço.

A sua amiga Jocelyn era viúva de um oficial do exército. Fora moldada no mesmo tipo que Clare. Era igualmente vigorosa e possuía a mesma inteligência prática. Tinha a mesma capacidade de ir rapidamente ao cerne do problema. Via tanto a floresta como as árvores.

Jocelyn tinha uma filha chamada Annette. Em 1950, aos cinco anos, Annette caiu de um balanço e magoou gravemente as costas. A mãe colocou uma mão no local onde a dor era mais intensa e a outra no plexo solar. Ao mesmo tempo, Clare pousou uma mão na testa da criança e a outra na nuca. Clare não fazia ideia do que a impelia a fazer aquilo. Não lhe ocorreu perguntar a Jocelyn porque colocava as mãos naquela posição particular. Não sabia que ambas estavam a praticar uma técnica de cura com sete séculos de idade. Se Jocelyn sabia, é outra questão.

Clare e Jocelyn encontravam-se frequentemente na casa junto aos downs. Naqueles tempos, o subúrbio era tranquilo. Era belo em maio. Os jardins estavam cheios de bandeiras de laburnos. Nos amplos relvados entre as casas, os espinheiros retorcidos inclinavam-se afastados do vento da foz. Quando o ar estava parado, o perfume dos espinheiros era narcótico e persistente por causa das casas altas que encerravam as praças.

Quando Jocelyn e Clare se encontravam, falavam de muitas coisas, mas raramente daquilo que era mais importante. Sem sentimentalismo, sem conjecturas e com pouca discussão, sabiam que se tinham encontrado noutra vida. Nunca falaram do quando nem do onde. Naquela altura, a própria Clare não tinha qualquer indício de outro século. Jocelyn nunca disse quanto se lembrava.

Foi um trovão e uma escuridão num céu limpo quando Jocelyn foi internada no hospital. Era tão saudável e normal que ninguém conseguia imaginá-la doente. Claro que estava gravemente enferma. Havia nela uma radiância indefinível. Pessoas assim atraem as sombras. Se uma luz for suficientemente intensa, atrai a escuridão para si. Tinha um cancro incurável.

Foi cuidada numa dessas casas de repouso que tornam a morte respeitável. Na primeira primavera do ano, era belo percorrer as estradas em subida com as amendoeiras a iluminar o longo crepúsculo cinzento. No final da primavera, havia sempre o transbordo pletórico de lilases dos jardins e as

chamas dos laburnos a pender sobre os passeios. Acima do rio e com o vento de oeste a soprar, sentia-se sempre a presença do mar.

Foi ao longo desta estrada, com o coração pesado e os pés a arrastar de miséria, que Clare caminhava diariamente até à casa de repouso. Chegou o dia em que o que restava de Jocelyn a olhou intensamente dos seus olhos escavados. Há um tipo de amor que, em certos momentos, é simultaneamente altruísta e autodestruitivo. Clare fugiu de si mesma e da mulher ao seu lado.

«Volto a ver-te amanhã», disse.

A mão de Jocelyn fechou-se sobre a dela com a força e o desespero da despedida.

«Não, não amanhã. Voltaremos a ver-nos, mas não tão cedo. Passará algum tempo antes que eu regresse a ti.»

Clare regressou a casa pelas ruas dignas e indiferentes. Acreditava numa vida após a morte e que um dia voltaria a ver Jocelyn. Repetiu isto a si mesma muitas vezes enquanto descia a rua. Convenceu-se de que este pensamento era reconfortante. Acreditava também que regressamos a este mundo e que, na nossa próxima jornada, encontramos aqueles que amámos anteriormente. Estes pensamentos eram tão obviamente consoladores que se interrogava porque se sentia tão desesperada.

Foi ao jardim onde tantas vezes conversara com a antecessora risonha da sombra que estava agora na clínica. A agonia era a mesma. Não dormiu nessa noite. Nas horas vazias, quando os que sofrem são afligidos não só pelas suas próprias misérias mas também pela malícia das idades, preparou-se mentalmente para outra visita a Jocelyn. Mas quando o dia chegou e telefonou à clínica, já não era necessário.

Nos primeiros dias após a morte de Jocelyn, as suas palavras voltaram: «Voltaremos a ver-nos, mas não tão cedo.» Com o passar do tempo, o impacto das suas palavras esmoreceu. Clare nunca conseguiu esquecer Jocelyn. Por vezes, quando pensava nela, a atmosfera parecia invadida por um momento pelo eco da sua contagiante alegria. Deixou de pensar no regresso de Jocelyn. Havia outro mundo e outras vidas neste mundo. Não se podia pedir mais do que isso.

Antes de morrer, Jocelyn pedira-lhe que cuidasse da sua filha, mas Annette estava feliz no casamento e vivia longe. Realmente não havia nada que ela pudesse fazer.

Não havia nada que pudesse fazer por Jocelyn ou por Annette, mas havia sempre algo para fazer. Teve dois dias de exaustão — era tudo o que permitia a uma crise. Mesmo assim, pouco se notava. A sua tez continuava clara e a voz tão ressonante como sempre. Apenas os olhos eram diferentes. Já não eram luminosos e parecia que a luz se voltara para dentro. Nunca fraquejou na sua determinada consciência de dar aos outros o valor do seu dinheiro. Tinha também o pai para cuidar.

O Sr. Mills era um empresário reformado com mais de oitenta anos. Achei-o encantador. Emanava bondade e várias das pessoas que aparecem neste livro viriam mais tarde a falar dele com adulação.

Quando Jocelyn morreu, ele deteriorou-se rapidamente. Gostava de Jocelyn e da filha dela, mas não mais do que gostava das outras amigas de Clare. Tornou-se evidente, para Clare e para o médico, que ele já não sabia o que lia. Por vezes não tinha noção da data nem do dia da semana e confundia a identidade das visitas.

Era estranho, mas naquela altura não particularmente significativo, que tivesse passado tanto tempo em Bassenthwaite. Não tinha qualquer ligação com Cumberland. Viajara pelo mundo e vivera anos na Índia. Era estranho que Bassenthwaite exercesse sobre ele uma compulsão poderosa e constante. Parecia que o lugar tinha uma mensagem especial para ele.

A sua confusão mental agravou-se ainda mais. Num homem da sua idade e tipo, isto significa muitas vezes que uma catástrofe física está iminente. Foi acometido de pneumonia e o seu estado tornou-se rapidamente crítico. Não respondeu aos antibióticos. Parecia predestinado que a doença seguisse rapidamente o seu curso.

Perto do fim, a sua mente clarificou-se. Isto não é um dos mistérios, mas um facto simples e facilmente compreensível. Vemos com a nossa psique e, à medida que o corpo morre, a psique vê com mais clareza.

No entanto, apesar da sua claridade terminal, as suas últimas palavras, claras, firmes e confiantes, eram difíceis de interpretar. As últimas palavras foram dirigidas a Clare:

«Muito em breve poderás curar pessoas.»

Ela não sabia o que ele queria dizer. Sabia que o que dissera devia ter significado, pela natureza clara e não distorcida do seu amor por ela. Ainda não via a significação das últimas palavras do pai quando, algumas semanas depois, uma torrente de pessoas veio ter com ela a pedir ajuda.

Noite após noite, após as suas horas de trabalho, era assediada por pessoas enlutadas, agitadas e doentes. Por vezes estendia involuntariamente as mãos para elas e tocava-lhes a testa. Chegou um dia em que disseram que as suas mãos estavam a arder. Mais tarde, disse-se que uma grande força parecia emanar dela.

Nunca relacionou o que estava a acontecer com as últimas palavras do pai.

Uma noite, o telefone dela não parou de tocar. Quando atendia, não havia resposta. Quando pousava o auscultador, o toque continuava. Sentou-se ao lado dele para poder atender ao primeiro toque. Nada passava. Telefonou aos amigos para saber se alguém lhe tinha ligado. Nenhum o fizera, mas quando pousou o auscultador o telefone começou outra vez a tocar.

Eu estivera fora nessa noite e era tarde quando ela me telefonou. Estava estranhamente agitada e insistia que alguém estava a tentar contactá-la. Disse-lhe que bem poderia ser assim e que a pessoa em causa não conseguira. Depois de falar comigo, o telefone parou de tocar. Salientei as notáveis idiossincrasias do serviço local.

Na manhã seguinte, contou-me que o dia anterior fora o aniversário da morte de Jocelyn. Fora lembrada disso porque nessa manhã recebera uma carta de Annette.

Fiquei espantado quando ela disse que acreditava que a amiga Jocelyn estivera a tentar comunicar com ela. Não achei que valesse a pena discutir a impossibilidade mecânica de tal explicação.

Disse também que acreditava que eu fizera parar o toque do telefone. Não via como poderia ser um substituto da amiga falecida. Nessa altura já sabia que Clare tinha um pé fora deste mundo. Sentia que, naquele momento, estava excessivamente esticado.

Não sei como se explica o toque do telefone, mas depois daquele dia a vida dela mudou.

À aparência exterior, continuou a mesma. Era vigorosa, vivaz e constantemente disponível. Num outro nível, vivia, dia e noite, uma vida — desconhecida dos outros.

Descrevi em *We Are One Another* como ela estabeleceu contacto com uma desencarnada chamada Braida de Montserver, que viria a tornar-se sua mentora e anjo da guarda, ao ponto de Clare dizer mais tarde que não sabia como alguma vez existira sem ela.

O que não vi, quando escrevi esse livro, foi a relação entre a morte de Jocelyn, o telefone insistente e as revelações posteriores.

Escrevi dois livros sobre vidas anteriores. Foram o resultado final de uma epopeia de verificação, de não aceitar nada por fé. Na realidade, refutava o materialismo com as suas próprias armas.

Agora escrevo noutro nível. Continuo a verificar e a confirmar, mas não na mesma medida, porque me preocupo tanto com os chamados mortos como com os vivos. Estes últimos são pródigos na provisão de evidências. Escuto com atenção aqueles que saíram do invólucro de carne, mas conservaram a sua individualidade, a sua forma e a sua capacidade de comunicar.

Este, de certo modo, é o meu Livro dos Mortos.

No entanto, não me preocupo apenas com pessoas vivas ou que já passaram. Os lugares, tanto como as pessoas, têm qualidades vivas. A colina e o bosque junto ao lago Bassenthwaite são tão importantes nesta história como qualquer das personagens.

Capítulo Três

Existe um vínculo eterno e indissolúvel entre mim e Betty, já apresentada como minha irmã do século XIII, Hélis de Mazerolles, em *We Are One Another*. Agora ocupamo-nos das suas aventuras posteriores.

Estamos de volta à estrada de Bassenthwaite.

Alguns meses depois de Betty ter morrido de uma hemorragia subaracnóideia *(rutura de aneurisma cerebral)* fiquei fascinado ao saber que ela regressara dos mortos à sua mãe, e mais do que espantado ao ouvir que

isso acontecera em Bassenthwaite e, sobretudo, no troço de trezentos metros de estrada entre o Pheasant e o cais — onde, no ano anterior, sentira o meu pai ao meu lado.

Ter-se-ia tratado apenas de que Betty e a mãe, o meu pai e eu — uma proporção igual de mortos e vivos — nos estivéssemos a reunir num lugar que conhecêramos e amáramos?

Mais tarde vim a saber que Betty, na sua existência do século XX, nunca estivera em Bassenthwaite. Ainda não sabia que o curto troço de estrada que serpenteava junto ao lago tinha o seu próprio espírito, que nos atraía para o seu abraço e despertava as nossas memórias após séculos.

Recebi um telefonema da mãe de Betty, Jane Butler.

«Porque aconteceu lá?», perguntou.

«Talvez o mesmo tipo de pessoas vá aos mesmos tipos de lugares.»

Fiquei contente por Jane porque ela estivera no Pheasant. Lamentei não estar eu próprio em Bassenthwaite. Ao descer do cais para o Pheasant, podia olhar para lá dos álamos nos prados pantanosos até à cortina de árvores nas colinas atrás. Visualizei isto enquanto falava com Jane. Não sabia que estava a olhar para além da minha infância até uma encarnação anterior.

Não tinha qualquer pista de que Betty regressara não apenas porque a mãe estava em Bassenthwaite, mas porque ela própria estava inexoravelmente ligada ao lugar pelas correntes da memória distante. Não sabia que o lugar era tão vivo como as pessoas que o visitavam e que as psiques dos vivos e dos mortos falavam com mais clareza em certos lugares.

Escrevi noutro lugar a história anterior de Jack, de como a sua mulher, Penelope, ao morrer de cancro, se lembrara dele pelo seu nome do século XIII, Brasillac, e de como ele próprio recordara a sua identidade como outro sargento de armas que morrera na fogueira em Montségur.

Para completar a sua história, passamos de outra idade e de outro país, da beleza enigmática de Montségur para o lago de Bassenthwaite, que parece não guardar memória de perseguição.

Algumas semanas após a morte da mulher, Jack também foi diagnosticado com cancro. Telefonou a Clare, com quem ele e Penelope tinham sido muito amigos quando viviam na mesma localidade. Contou-lhe, com precisão e sem emoção, que ia ser internado no hospital.

Era estranho que procurasse tão abertamente a companhia dela após dez anos sem contacto. Pediu desculpa por incomodar, mas disse que simplesmente precisava de entrar em contacto com ela. Estava calmo e pouco exigente, mas não deu qualquer razão para a sua atitude.

Foi espantoso para Clare que ele se mostrasse tão confiante.

A operação que se seguiu aliviou os sintomas imediatos, mas descobriu-se que estava cheio de cancro.

Após a alta do hospital, visitou Clare. Levou consigo alguns desenhos de cintos cátaros com o padrão característico, de um medalhão usado por sacerdotisas especializadas em cura e de uma mesa preparada para o Consolamentum cátaro.

Estava mais claro do que nunca que ele e Penelope tinham partilhado uma encarnação no século XIII.

Perguntou a Clare se havia mais alguma coisa que ela desejasse. Ela pediu os nomes das pessoas de que ele se lembrava da vida anterior.

Estava claro que se estava a despedir.

Fiquei atónito com o que Jack disse quando telefonou a seguir. Disse que tencionava visitar os Lagos. Nunca lá estivera antes. A razão para ir era que a sua mulher, Penelope, sempre desejara ir lá. Disse simplesmente que lhe viera durante a noite que devia ir a Bassenthwaite. Nunca ouvira o nome antes. Não sabia de onde viera a sugestão. Sentia que devia ter vindo de Penelope, mas admitiu que não a sentia como presença.

Clare perguntou se já tinha reservado alojamento. Ele disse que não fizera quaisquer preparativos, mas tencionava ficar no Pheasant. Tinha a certeza de que correria tudo bem. Não conhecia a existência do hotel. Tal como a palavra Bassenthwaite, simplesmente lhe viera durante a noite.

Era interessante que, no dia anterior, eu tivesse estado a trabalhar num poema que oscilava entre Bassenthwaite e Florença.

Clare nunca revelou a Jack que eu lhe mencionara Bassenthwaite.

Alguns dias depois, ele passou por casa de Clare a caminho do norte. Deixou-lhe mais desenhos e a lista de nomes de que Penelope e ele se lembravam. Esta incluía os mesmos homens e os mesmos nomes de lugares recordados por Clare, Jane, Betty e outros.

Estava fora de qualquer dúvida que ele subira a Bassenthwaite com um propósito. Fazia parte de um desígnio que tinha origem para lá desta vida. Seguia o caminho percorrido por outros três cátaros.

Clare perguntou-me se havia alguma evidência de uma colónia cátara perto de Bassenthwaite. Isso parecia completamente irreal. Não há um único indício que indique que o catarismo alguma vez tenha chegado a Cumberland.

Além disso, não se tratava de estas pessoas serem dirigidas para Bassenthwaite e estimuladas a recordar o seu passado meridional. Elas já se sabiam cátaras antes de lá irem. Não conseguia explicar porque razão Bassenthwaite atuaria como um íman para cátaros reencarnados. Haveria algum outro elo que unisse Betty, Jack e eu? O que havia em comum entre Jack e Betty? Qual era a ligação entre Jack e a criança que chegara a Bassenthwaite vinda de Wythop Fell numa manhã de outubro, sessenta anos antes?

Parecia-me mais importante aceitar estas ligações misteriosas do que explicá-las. De uma coisa estava certo: em Bassenthwaite, Jack retomaria o contacto com Penelope. Também temia que ele estivesse a despedir-se.

Quase uma semana depois, Clare recebeu uma carta dele. Era exatamente como Clare e eu esperávamos. Penelope regressara. Ele não a vira, mas sentira intensamente a sua presença. O que era mais importante era o local da experiência. Ela viera ter com ele entre a estalagem e o cais. Ele não fazia a menor ideia do que os outros haviam sentido naquele troço de estrada.

Jack telefonou a Clare depois do regresso de Cumberland. Confirmou o que dissera na carta e que, junto ao lago, Penelope era uma realidade viva. Disse que estar em Bassenthwaite fora uma experiência mágica. Sentia Penelope tão próxima que aguardava a morte sem uma partícula de medo. Disse que não a pedia positivamente, mas que ela podia «vir quando quisesse». No fim da vida, sentia uma paz ainda mais profunda na estrada junto ao lago do que eu conhecera na minha própria infância. Nunca manifestou a menor surpresa por ter sido dirigido para Bassenthwaite.

Jack regressou à sua casa no sudoeste. Alguns dias depois foi internado no hospital e morreu nas vinte e quatro horas seguintes. O filho telefonou a Clare para lhe dar a notícia. Michael disse que o pai morrera não só em paz,

mas com uma felicidade positiva. Fora como se não estivesse a morrer, mas a deslocar-se deliberadamente para junto de alguém que amava. Disse que a morte do pai fora tão feliz que não sentia pena dele. Só conseguia sentir pena de si próprio. Ao falar da morte do pai, o rapaz usou exatamente as palavras que o pai empregara ao falar da passagem da mãe.

Sabia agora que tipo de pessoas reagia a Bassenthwaite e como eram afetadas por ele. Sabia que ao longo daquela estrada os mortos regressavam aos vivos. Mas continuava a pensar nestas reações como geradas pelas pessoas e não pelo lugar. Não me satisfaziam todas as explicações que me ocorriam. Tive de esperar até Annette aparecer para conhecer as respostas. Não me ocorreu que a memória de outra encarnação estivesse a despertar.

Capítulo Quatro

Annette entrou na história quando Jack estava a sair dela. Parece haver uma espécie de serviço de vaivém entre os vivos e aqueles que já passaram. Quando Jack estava próximo da morte, Annette emergia do sono da meia-memória. Quando Jane Butler morreu, Raymond Agulher, o grande cátaro a quem ela chamara o avançado de râguebi, partiu para consolar outra. Annette pediu a ajuda de Clare numa questão muito maior do que uma queda do balanço no jardim da mãe. Tinha agora vinte e seis anos e estava casada com um homem cinco anos mais velho. Viviam numa cidade suja. Não tinham filhos, mas eram muito felizes até ao dia em que foram ao médico.

O marido, Guy, sofria de dores de cabeça. Estava também desequilibrado e caíra várias vezes. Estava alegre e sem queixas e não se sentia fisicamente doente. O médico levou o assunto mais a sério do que ele. Marcou uma consulta com um neurologista, que diagnosticou um tumor cerebral. Guy foi enviado para o hospital, onde o diagnóstico de cancro foi confirmado por radiologia e exames laboratoriais. O crescimento foi descrito como incurável. Foi autorizado a regressar a casa.

Annette escreveu a Clare a dizer que vira a mãe, que lhe dissera para pedir ajuda a Clare. Parecia que Annette era frequentemente visitada pela mãe e aceitava a sua presença como algo natural. Nem Clare ficou especialmente surpreendida por Jocelyn, três anos depois de morta, ter regressado à filha. Preocupava-se apenas em ajudar Annette, que estava esmagada pelo diagnóstico do médico.

Clare estava também ansiosa por si própria. Desejava manter as suas experiências em segredo. Não achava que os seus contactos com Braida e o século XIII casassem bem com a sua vida numa cidade de província. Estava preocupada quanto à forma de responder à carta de Annette.

Surpreendeu-me que ela fizesse uma viagem especial para me mostrar a resposta que escrevera. Disse a Annette que a mãe devia estar a referir-se ao facto de ela «fazer um pouco de cura». (Nessa altura já aceitava que era capaz de fazer o que o pai previra no leito de morte.) Assegurou a Annette que faria tudo o que pudesse e perguntou se Guy poderia descer para a ver.

Não era uma carta impressionante, mas parecia que Annette lhe ficara grata. Telefonou na manhã seguinte e disse que na noite anterior fora novamente visitada pela mãe. Não conseguia entender porque esta estava vestida com uma túnica azul-escura e uma corrente de prata à cintura. A corrente tinha um laço que pendia da anca esquerda.

Era evidente que o traje da mãe era o mesmo que o de Braida. O que era ainda mais espantoso era que ela vinha acompanhada pelo pai de Clare. O Sr. Mills era claramente reconhecível, embora os traços estivessem mais nítidos do que ela conhecera em vida. O cabelo era preto. Quando o conhecera, fora sempre grisalho. Tinha a mesma altura, mas estava mais magro. Vestia uma túnica azul-escura da mesma cor e feitio que a da mãe.

Annette não parecia tão espantada quanto poderia estar com a aparição destes dois visitantes. Clare presumiu que era porque os sentimentos de Annette estavam esgotados na preocupação com Guy.

Clare e eu ficámos atónitos por Jocelyn ter aparecido com uma túnica cátara azul-escura. Que o Sr. Mills estivesse vestido de forma semelhante era menos surpreendente. Sabíamos que, no século XIII, ele fora o bispo cátaro Bertrand Marty.

Nessa noite Braida apareceu a Clare. Disse-lhe que devia visitar Annette ou convidá-la para sua casa. Era uma nova atitude da parte de Braida. Sempre aconselhara Clare a esperar até que as outras pessoas fizessem pedidos positivos. Era estranho também que falasse de Annette e não do marido. Parecia que considerava haver mais a fazer por Annette do que por Guy.

A condição deste último agravara-se e fora novamente internado no hospital.

Nesse dia tive uma visita de Clare. Estava muito divertida e falou com a sua habitual vivacidade de corpo inteiro. É um milagre como estas pessoas conseguem carregar tantas tristezas de dois mundos. Não se trata de fortaleza. O que têm é a capacidade do holofote de varrer de um canto do horizonte para outro. Onde o feixe se dirige, há sempre luz. A sombra está sempre próxima, mas quando o feixe se vira para nós, vivemos na sua incandescência.

Depois, uma nuvem atravessa a fronteira entre este mundo e o próximo. Sente-se estas pessoas a afastarem-se de nós através da tristeza cósmica dos fantasmas do mundo que passam.

Quando se levantou para sair, a cor esvaiu-se-lhe das faces e vi-a estremecer. O rosto estava contraído e enregelado de frio. Era um daqueles dias abafados e suaves de agosto. As folhas estavam imóveis nas árvores. Não havia frio no ar nem ameaça de outono. Fiquei surpreendido quando pediu à minha mulher que lhe emprestasse um casaquinho.

Já a vira antes em momentos de esgotamento. Nunca esperara ouvi-la admitir que estava desprovida de vitalidade. Não era difícil perceber que estava a ser destroçada pela experiência que estava a registar. Quando a mulher de Jack morrera a cem milhas de distância, vira a luz apagar-se-lhe nos olhos, de repente, completamente, como se fosse um interruptor.

Quando voltou na manhã seguinte, estava tão aberta e sorridente como sempre. Falava tão factualmente como de costume sobre as coisas que vira e as pessoas que encontrara. Foi só ao sair de casa que disse: «O marido de Annette morreu ontem à noite.»

Alguns dias depois, Annette visitou Clare. Ficou a dormir e falaram durante horas. Acreditava que voltaria a ver o marido. Acreditava que tinham estado juntos antes desta vida. Estava certa de que as pessoas reencarnam em grupos. Não indicou que fosse para algum propósito especial. Era como se acreditasse simplesmente que o amor é mais forte do que a morte. Acreditava também que, mesmo nesta vida, não perdemos o contacto com aqueles que nos amaram e morreram.

Clare descreveu-a como falando incessante e ansiosamente, mas sem pressão. Considerando a perda recente, estava espantosamente resiliente. Tinha olheiras escuras e parecia exausta. Apesar disso, dava a impressão de ser fisicamente forte. Era expansiva e dizia a primeira coisa que lhe vinha à

cabeça. Era não só direta, como quase precipitada. Pensei que estava a despejar a alma para aliviar a tristeza. Quando a conheci melhor, percebi que era da sua natureza falar sem premeditação.

Clare disse que, no fundo da tristeza, havia nela algo ardente e franco. Algo dentro dela sobrevivia ao fecho súbito da porta sobre o marido, por quem a devoção era eterna. Sentia que ele regressaria, mas aceitava que, por agora, o silêncio da morte o rodeava.

Antes de partir, Clare disse-lhe que a túnica azul-escura usada pela mãe e pelo Sr. Mills fora usada pelos cátaros. Explicou-lhe muito brevemente quem eles eram. Annette nunca ouvira o nome. Clare disse-lhe que eram hereges que viveram no Languedoc no século XIII. Não ficou surpreendida, mas também não particularmente interessada. Acreditava num ciclo de vidas, mas não se preocupava com nenhuma encarnação em particular.

Annette telefonou a Clare alguns dias depois. Fora convidada para jantar por amigos das redondezas. Um dos amigos falara de Montségur e sugerira-lhe que lesse um livro chamado *The Cathars and Reincarnation*. Annette nunca me conhecera nem ouvira o meu nome. Contou a Clare que ficara a ler o livro até às pequenas horas da manhã.

Disse que a mãe tinha uma paixão pelo nome Roger. Por sua vez, todos os cães, gatos e pássaros em gaiola da casa tinham sido chamados por esse nome. Roger era o meu nome na encarnação do século XIII. É assim que sou descrito nesse livro.

No dia seguinte, Annette telefonou-me pela primeira vez. Com a primeira sílaba que pronunciou, fiquei de joelhos fracos de espanto. A voz dela era idêntica à de Jane Butler. Não eram parentes nem se conheciam. Era também muito semelhante à de Kathleen. Esta última era mais ténue e menos vibrante.

É difícil descrever uma voz comum a três pessoas. Era uma vibração profunda que começava na garganta e parecia aligeirada pela passagem através de lábios móveis. A voz de Annette era mais forte do que a de Jane Butler, mas havia cinquenta anos de diferença entre elas. Annette era Jane numa manhã de primavera três décadas antes e sem o seu humor sardónico.

Annette telefonou para dizer quanto gostara do meu livro e repetiu o que dissera a Clare sobre o nome Roger. Disse que tinha a certeza de que a mãe tinha recordações de outra vida, mas nunca dissera nada que indicasse

que vivera no século XIII. Ela própria não tinha recordações de ter vivido antes.

Falámos muito sobre o pai falecido de Clare. Ela vira o Sr. Mills muitas vezes na infância.

«Era um homem maravilhoso, sim, maravilhoso, e toda a gente o amava. Eu era como os restantes.»

Limitava-se a repetir o que Jane Butler e outros tinham dito sobre ele. O contacto de Annette com ele era diferente porque vivera perto dele e o vira muitas vezes. Sentira, em toda a força, a emanação que eu percebera menos claramente nos seus últimos anos.

Dois ou três dias depois, Annette telefonou-me novamente.

«É engraçado que a mamã use esta túnica azul-escura e esta corrente à cintura e o penduricalho.»

«Onde está o penduricalho?», perguntei eu. «Na anca esquerda. Porque perguntas?» «Já ouvi a mesma coisa de outras pessoas.» «O que me interessa mais é o medalhão. Está pendurado no laço. Não consigo ver os detalhes.» «Já ouvi falar do medalhão antes», disse eu. Antes de Braida de Montserver se ter materializado perante ela, Clare desenhara num papel um desenho inexplicável: uma cruz de braços iguais com três pequenos T no final de cada braço. Alguns meses depois, quando Braida apareceu, trazia à anca esquerda um medalhão decorado com o desenho descrito, o que indicava que fora treinada como curandeira.

«Achas que a mamã era cátara? Usa aquela túnica azul.» «É possível.» «Achas que ela praticava cura?» «Não me admiraria», respondi. Os meus pensamentos saltaram para Jocelyn e Clare a tratarem Annette no jardim no dia em que ela caiu do balanço.

«Bem, um dia destes volto a telefonar-te.»

Tive a impressão de que ela estava a refletir sobre a questão da cura.

Annette não refletiu por muito tempo. Telefonou novamente à noite.

«Não consigo deixar de ver o medalhão. Achas mesmo que a mamã praticava como curandeira?»

«O medalhão que descreves é usado por outro espírito chamado Braida, que eu sei ser uma curandeira. Mas seria preciso mais elementos.»

«Sempre que me magoava em criança, ela punha a mão no sítio dorido e mantinha-a imóvel. Às vezes punha a outra mão perto do sítio dorido. O engraçado era que nunca mexia as mãos. Nunca esfregava nem acariciava os sítios doridos como as outras mães fazem.»

Agucei os ouvidos quando ela me falou das mãos da mãe. Quando Braida ensinara Clare a curar, insistira que as mãos fossem mantidas imóveis em certos pontos fixos. Estes pontos eram determinados pelo local da ferida ou da dor e também em relação a certas referências ósseas. Senti que a mãe de Annette podia bem vir a juntar-se à minha crescente coleção de cátaros.

Fiquei espantado quando Annette me disse que a mãe a criara como dualista. Custava-me acreditar que Jocelyn tivesse dado instrução positiva em qualquer credo. Supus que isto se devia às minhas próprias inibições quanto ao proselitismo. Nunca consigo missionar porque não acredito na crença. Penso que a fé é uma reação total que ocorre quando o momento está maduro. Estamos, num dado instante, abertos a certas ideias como um botão de flor se abre ao sol. Não consigo acreditar que qualquer sistema expresso intelectualmente possa afetar, nem por um jota ou um til, a evolução interior de alguém. Se somos convertidos pelas palavras dos outros, é porque já vibrávamos com elas antes de serem pronunciadas.

No entanto, era inegável que, aos sete anos, Annette fora ensinada sobre a Luz e as Trevas, sinónimos de bem e mal. Disseram-lhe que o mundo fora criado pelo Diabo e ela aceitara isso como natural. A mãe usara os mesmos argumentos simples que eu tantas vezes utilizei por escrito e em palestras. Se o mundo é o Inferno, tem as suas compensações. É belo por vezes e vamos atravessando-o de algum modo. Se considerarmos esta vida como a pior que temos de suportar, a perspetiva é, no geral, favorável. Era claro que, mesmo em criança, Annette via as coisas dessa forma e não se sentia de modo algum deprimida pela instrução recebida.

Ainda assim, continuava a espantar-me que, no século XX, uma criança pudesse ter sido criada como dualista.

«A tua mãe disse-te que o bom Deus criou os bons espíritos e o Diabo o mundo das formas?»

«Sim», respondeu ela. «Exatamente com essas palavras.»

Parecia que tinha de aceitar que a mãe de Annette era cátara.

«Alguma vez te sentiste isolada dos outros por causa destas ideias?»

«Não. Nunca as discuti com ninguém a não ser com a mamã até conhecer o Guy.»

«Não achaste que chocavam com a religião que te ensinavam na escola?»

«Nunca pensei que as orações e os hinos que ouvia chocassem com coisa alguma. Tudo o que a mamã me dizia me ajudava. Não teria conseguido ultrapassar a morte do Guy como consegui se não fosse o que ela me ensinou.»

Ainda assim, era estranho imaginar esta criança a brincar na beleza opulenta e narcótica do jardim no verão, carregando no coração o que antes fora ensinado nas colinas descoloridas dos Corbières, marcadas por fissuras escuras, e para lá do último matagal em Montségur. Estava certo de que, embora Annette tivesse recebido instrução da mãe, não fora de modo algum doutrinada. O seu dualismo era natural e sem tensão. Para ela, as suas verdades eram tão inevitáveis que não mereciam discussão. Era interessante que a mãe nunca tivesse usado a palavra «cátaro». Annette nunca ouvira a palavra «dualismo» até me conhecer. Não sabia que o catarismo fora uma das suas formas medievais.

Quando Annette telefonou a seguir, disse que durante anos tivera sonhos recorrentes de estar num espaço encerrado, bombardeado continuamente do exterior por enormes pedras. Montségur foi bombardeado dessa forma por duas máquinas de guerra conhecidas como trebuchet e mangoneau. Annette não sabia que Clare, Penelope e Kathleen tinham tido recordações semelhantes. A declaração seguinte apontava claramente para a sua pré-existência como cátara.

«Estou um pouco preocupada com uma coisa. Uma palavra não me sai da cabeça. Existe alguma coisa chamada Consolamentum? Vejo mulheres a serem conduzidas à volta de uma sala pelo cotovelo por homens de túnicas azul-escuras.»

Fiquei completamente atónito. Nessa altura recebia uma grande quantidade de evidências de reencarnação em grupo, mas ainda não estava tão saturado de dados que não pudesse entusiasmar-me com esta recordação detalhada. Com certeza era impossível que houvesse aqui outra pessoa a olhar para trás para os mesmos anos cruciais, talvez para o mesmo

dia, que Clare, Penelope e Kathleen. Estas três tinham partilhado a mesma celebração do Consolamentum antes de irem para a fogueira. O Consolamentum era o único sacramento reconhecido pelos cátaros. A maioria das pessoas recebia-o no leito de morte. Depois da cerimónia, os homens eram conduzidos à volta da sala pela mão. As mulheres eram guiadas pelo cotovelo.

Quer ela própria tivesse recebido ou não o Consolamentum, parecia que se lembrava de ele ter sido administrado a outra mulher. Quis interrogá-la mais, mas ela continuou, sem fôlego e impetuosa:

«Há alguma passagem no Consolamentum que diz "fazei-me um bom cristão"?»

«Isso podia ser qualquer tipo de oração», respondi.

«Continua "e levai-me". A minha memória para aí.»

«Posso acabar por ti: "e levai-me a um bom fim".»

«Sim, é isso», disse ela.

«Mas não é o Consolamentum. É o que um crente dizia ao encontrar um Perfeito. Também se inclinava três vezes.»

Lembrei-me de como, meses antes, Clare me fizera a mesma pergunta da mesma forma e de como eu lhe dera a resposta errada. Pensara que o excerto que ela citava fazia parte do Consolamentum. Annette sintonizara tanto com este simples ritual como com o sacramento. Sabia agora, sem qualquer dúvida, que estávamos perante outra cátara. Sabia-o nos ossos e com as antenas da perceção. O outro lado da minha cabeça exigia mais evidências.

«Mais alguma coisa de que te lembres?», perguntei.

«Estou sempre a ver reuniões em bosques.»

«Queres dizer nos teus sonhos?»

«Sim, e de dia também. Simplesmente me vem. As pessoas vestem todas de azul-escuro.»

Ela não sabia que, meses antes, Clare vira constantemente homens e mulheres de túnicas azuis nas suas reuniões em florestas.

Annette saltitava de um tema para outro. Perguntou se o sal tinha alguma importância médica no século XIII. Disse que a mãe sempre usara soluções de sal para fins médicos. Expliquei-lhe que o sal era raro e importante na Idade Média. Antes da capitulação em Montségur, os Perfeitos tinham oferecido sal, juntamente com outros condimentos, como presente aos soldados que os defenderam. Sal, cera e pimenta estavam incluídos nas mensagens escritas ditadas a Clare por Braida de Montserver.

«A mamã era muito dada ao sal. Um dia, quando entorsei o tornozelo, ela tratou-o com uma mistura de sal e qualquer outra coisa. Já não me lembro do nome da outra coisa.»

«Hamamélis», disse eu. Um ano antes, Braida prescrevera essa mistura a Clare, que sofria de líquido num dos tendões do pé direito.

«Sim, é isso mesmo. Sal e hamamélis é uma mistura de médico?»

«Era há sete séculos.»

A partir desse momento senti-me em sintonia com Annette. Sabia que restabelecêramos contacto. Não era apenas questão de estarmos na mesma onda. Ambos vibrávamos à mesma música cujas notas tinham sido tocadas sete séculos antes.

Certamente algo se soltou de repente nas espirais do seu inconsciente. As suas recordações da infância nesta vida estavam a acelerar a recordação de outra existência.

«Sim, lembro-me daquela vez em que entorsei o tornozelo. Depois de a mamã ter posto o penso, ela pôs uma mão no meu tornozelo e a outra no joelho. Manteve as duas mãos imóveis. Ah, sim, e depois caí do balanço. Ela e a Clare trataram-me. A Clare pôs as mãos no meu pescoço e na testa. A mamã fez-me as costas e algures na barriga.»

Repetiu a história da terapia medieval que já ouvira de Clare.

Annette hesitou um pouco antes de continuar.

«Sinto que posso falar contigo sobre qualquer coisa. Suponho que é porque és médico. Sabes que o Guy e eu éramos felizmente felizes. Não consigo pôr isto noutras palavras. Era simplesmente fora deste mundo. E sabes que não havia relações físicas entre nós? Por vezes pergunto-me se isto foi justo para o Guy. Uma coisa de que tenho a certeza é que não fez

diferença nenhuma para a nossa felicidade. É só desde que ele morreu que por vezes sinto que o falhei.»

Fez uma pausa e acrescentou suavemente:

«Isto tem alguma coisa a ver com eu ser cátara?»

Não havia na sua conversa nada induzido por culpa nem autodefesa. Não estava de modo algum a compensar falhas passadas. Falava tão suave e simplesmente do seu amor pelo marido que eu não sabia que nos aproximávamos de um dos pontos centrais da história.

«O Guy e eu éramos tão felizes que por vezes era como se o mundo se perdesse para nós. Uma vez aconteceu uma coisa que não consigo descrever. Saímos completamente de nós próprios e do tempo. Só se podia chamar bem-aventurança. O estranho era que ambos o fizemos ao mesmo tempo.»

«Quando foi isso?» «Foi na nossa lua de mel.»

Não pude deixar de refletir que algumas pessoas bastante comuns sentem bem-aventurança na lua de mel. Nesta fase, eu não estava especialmente atento. Senti que a conversa estava a divagar. Disse: «Onde foram?»

«Para um lugar nos Lagos.» «Como se chamava?» Eu já sabia o que vinha a seguir.

«Bassenthwaite.» «E onde ficaram?» Nem precisei de perguntar.

«Num lugar chamado o Pheasant.» «Conheço-o bem.» Não achei necessário fazer mais perguntas. «E tiveste essa sensação intemporal, de estares fora de ti, na estrada entre o cais e o Pheasant.»

«Mas como é que sabias?» A voz dela era jovem e excitada. Não vivera tantas sincronias como Clare e eu.

«Conheci uma ou duas pessoas que tiveram experiências semelhantes no mesmo lugar.»

«Há qualquer coisa mágica naquele troço de estrada.» «O que vos levou a ir a Bassenthwaite? Conheciam bem os Lagos?»

«Não os conhecia de todo. Fomos lá porque o pai da Clare disse que íamos adorar. Ele próprio ia lá muitas vezes.»

Não consigo descrever os meus sentimentos quando ela falou da sua experiência em Bassenthwaite. Senti uma espécie de reverência. Para mim, Bassenthwaite tornara-se um dos nós de interseção do destino humano. Mas tudo isso fora sobre mim na minha infância: o lago, o cais, a estrada junto à estalagem, a espera na estação nas noites de verão, a última vista das montanhas ao regressarmos a casa. Teria eu vivido uma emenda à experiência de Wordsworth no mesmo país?

O céu estivera à minha volta na infância, mas eu não o soubera. Annette era a quarta a libertar a sua psique na estrada do Pheasant. E o Sr. Mills, que assombrara o lugar, que insistira para ela lá ir na lua de mel e que toda a gente reverenciava, era diferente do comum dos homens. Qual era a sua ligação com a estrada junto ao lago? Sabia que ele fora cátaro. Após a morte, aparecera com a túnica azul-escura, o cinto e a fivela de bispo. Não conseguia aceitar que o catarismo estivesse ligado a Bassenthwaite.

Tudo aquilo era demasiado misterioso. Rejeitei a ideia de que tivesse existido nas redondezas alguma forma estranha e esquecida de dualismo. Então ocorreu-me um pensamento estranho. Ouvira dizer que Bassenthwaite seria o lago de onde Artur retirou a espada Excalibur. Sabia que, para alguns — especialmente para românticos alemães —, o catarismo está inexplicavelmente ligado à lenda do Graal e que existe também alguma evidência ténue, quase reduzida a pó pela erosão do tempo, que descreve Artur como herege. Mas eu não sou um romântico alemão, nem sou competente para dizer até que ponto teoria e lenda são expressão do dualismo. Não conseguia convencer-me de que procurar o catarismo em Bassenthwaite fosse uma ocupação proveitosa.

Também, a esta altura, estava menos empenhado em procurar evidências escritas. Quando escrevia *The Cathars and Reincarnation* e *We Are One Another*, mergulhava ansiosamente nas fontes necessárias. Agora tornara-se mais difícil para mim praticar as subtilezas da erudição. Nos últimos dois anos, o meu percurso pelas bibliotecas tem sido rápido e irregular como o voo de uma narceja. Sigo uma trajetória imprevisível e escolho alimento de forma imprevisível. Não é por falta de interesse. Sei que, se esperar, outros fornecerão a evidência.

Sentia que o que acontecera naquela estrada estava pelo menos relacionado com o facto de eu ter vivido antes e de amar Bassenthwaite. Mas não podia atribuir as experiências de outras pessoas, espalhadas por anos, às

minhas próprias reações e à iluminação solitária do meu amor pelo lugar. Estava cada vez mais convencido de que estes fenómenos eram atribuíveis tanto ao lugar como às pessoas.

Ansiava por ver Annette. Lamentava amargamente nunca ter visto Betty. Nesta altura, o meu desejo intensificou-se numa angústia roedora. Parecia a prostração e as cólicas da fome. Ansiava não só conscientemente, mas com as vísceras, pelo que conhecera antes. Parecia que, por agora, tinha de me contentar em ouvir a sua voz. O dualismo minimizava a importância do mundo da forma. Talvez, ao longo da vida, eu tivesse prestado demasiada atenção ao que pode ser visto.

Capítulo Cinco

A esta altura já tinha a ideia de que a mãe de Annette era Braida. O elo de ligação era a questão da cura. Clare recebera recentemente instrução intensiva neste assunto por parte de Braida. Anos antes, praticara a mesma arte no jardim de Jocelyn. No dia em que colocara as mãos na cabeça de Annette, não fazia ideia de onde vinha o impulso. Por que razão ela e Jocelyn, sem trocarem uma palavra, haviam empregado um ritual antigo numa tarde de verão vinte anos antes?

Da próxima vez que Annette telefonou, perguntei-lhe se os traços da mãe se tinham alterado de alguma forma desde a morte. Ela disse que era exatamente como a conhecera em vida. Pareceu-me razoável que entidades desencarnadas aparecessem às pessoas sob o aspeto em que eram mais conhecidas. Se Clare conhecera Braida noutra encarnação que não a do século XIII, era óbvio que os seus laços tinham sido mais estreitos nesta última. Ela e Braida tinham estudado juntas a preparação de medicamentos e a imposição das mãos.*

Dois anos depois vim a saber diretamente dos revenants que vemos aqueles que regressam a nós na forma em que os conhecemos melhor. Se por vezes aparecem noutras encarnações, é sempre com um propósito especial.

Annette estava deprimida porque o seu patrão — uma pessoa desinteressada e bondosa que a ajudara a organizar os seus modestos assuntos após a morte de Guy — morrera de um ataque cardíaco. A mãe visitara Annette e dissera-lhe para me telefonar. «Afinal», dissera ela,

«conheci-o bem.» A voz de Annette subiu uma oitava ao transmitir esta mensagem.

«O que queria ela dizer?», perguntou.

«Asseguro-te que nesta vida nunca conheci a tua mãe. Ela deve ter-me conhecido há muito tempo.»

Com certeza, pensei, isto tinha de ser Braida. Era certamente o contacto mais direto que alguma vez alcançara com ela. Ela desempenhara um papel inaudível ao aproximar Kathleen e outras de mim. Nunca antes dirigira especificamente nenhuma pessoa viva, além de Clare, para entrar em contacto comigo. Percebi que, quando as pessoas consultam médiuns, recebem mensagens e indicações específicas, mas o nosso rapport com Braida não era desse tipo.

Clare e eu nunca tentáramos contactar Braida nem nenhum dos seus confrades. Era sempre Braida quem nos procurava. Braida diferenciava-se dos guias espirituais de muitos médiuns pelo facto de raramente responder a perguntas diretas que Clare lhe colocasse. O conhecimento era disseminado de forma tangencial no decorrer da conversa. Muitas vezes previa o que aconteceria no futuro, mas raramente em resposta a pedidos diretos.

Annette veio ver-me sem telefonar antes. Nesse dia eu tinha de ir visitar a minha filha em Dorset. Estava indisposto nesse dia. Tinha febre, estava cansado e a garganta doía-me. Sentia-me incapaz de viajar, mas fui seduzido pela perspetiva de um dia no campo. Mesmo assim, ao descermos a colina, senti um impulso quase irresistível de voltar para trás. A minha mulher parou o carro.

«Não vás», disse. «Vais estar melhor em casa.»

Claro que ela tinha razão, mas eu não ouvi. Como Braida disse, ainda não aprendera a seguir os meus pressentimentos.

Continuámos até casa da minha filha. Foi assim que falhei Annette. Ela passou por minha casa nessa tarde, por isso senti-me profundamente deprimido por a ter perdido. Não sabia que ela deixaria o país sem me ver.

Quando Annette telefonou a seguir, contou-me que nas últimas duas semanas encontrara mensagens garatujadas na sua própria letra num bloco de notas ao lado da cama. Não tinha qualquer recordação de as ter escrito. Fiquei espantado que uma rapariga de vinte e seis anos aceitasse isto quase

sem comentário. Era fascinante que estivesse a passar pela mesma experiência que Clare. Havia também a minha amiga em Montségur que tivera uma experiência semelhante dez anos antes. Tal como as duas antecessoras, Annette escrevera as mesmas referências escriturísticas, sobretudo às Epístolas de São Paulo e, mais especialmente, à Primeira aos Coríntios. Isto é compreensível porque Paulo é o intérprete do cristianismo no seu aspeto espírita. É mais preciso do que os outros apóstolos ao falar de corpos corruptíveis e incorruptíveis.

Nas suas referências escritas, Annette ia além das Escrituras. Registou nomes como Plotino e Porfírio. Também aqui repetia as experiências anteriores de Clare sem o mínimo conhecimento do que esta última escrevera. Annette atirava estes nomes com desenvoltura e era óbvio que não significavam nada para ela. Penso que se habituara tanto às visitas da mãe que as mensagens ditadas do outro mundo eram para ela de importância secundária.

O próximo item escrito era surpreendentemente específico. Encontrou o número 609 escrito no seu próprio bloco de notas. Expliquei noutro lugar como a repetição do 609 fora uma pista importante para me permitir identificar Braida de Montserver.* Agora este número surgia do nada, sem evidência acompanhante, para esta rapariga simples e franca na sua pequena casa à beira de uma cidade insalubre. 609 é o número do dossiê nos arquivos da biblioteca de Toulouse que contém a maioria das referências à família Montserver. Annette nunca ouvira este nome antes.

Porque teria esta rapariga, sem instrução na história do catarismo, recebido esta mensagem em particular? Seria para que ela entrasse em contacto comigo e eu lhe explicasse como me ajudara a identificar Braida? Tive a ideia estranha de que estávamos perante um problema completamente diferente.

A próxima visita de Braida a Clare foi um marco importante. Disse que alguém mais jovem do que todos nós estava a fazer a sua aparição. Eu já ia avançado em anos e os outros do grupo estavam bem entrados nos quarenta. Íamos ser fortemente reforçados por alguém mais jovem e mais vigoroso. Era divertido que Braida, do outro mundo, se envolvesse tanto nas necessidades práticas desta vida. O novo recruta era obviamente Annette.

Voltei a ponderar a possibilidade de Braida ter sido Jocelyn no século XX. O quadro mudara tanto desde que Annette aparecera. É estranho dizê-lo,

mas parecia mais humano. Por exemplo, parecia que todas as noites Jocelyn beijava a filha como fazia quando estava viva. Estes pormenores caseiros são intensamente importantes. Jocelyn, com a sua túnica azul e corrente de prata, era certamente cátara. Durante séculos, o catarismo foi considerado pelos seus inimigos e por alguns dos seus simpatizantes mal orientados como um credo sombrio e repressivo. Alguns dos mais simpatizantes pintaram-no como impossivelmente austero e com uma nobreza mutilada que beirava a perversão.

Aqueles que nos regressaram — a própria Braida, o Guilhabert de rosto rechonchudo e o Raymond de Jane Butler — continuavam, cada um à sua maneira, profundamente envolvidos nas mutações de humor e na paisagem mutável de nuvens da tristeza humana. Mesmo após a morte, estavam em contacto. Lê-se sobre almas emancipadas que regressam à terra por causa da sua infinita compaixão. A linguagem com que este fenómeno é descrito é muitas vezes tão lírica que a experiência parece perder validade. Nenhum destes cátaros mortos que visitaram os vivos estava desligado deles nem adotava atitudes éticas edificantes. Eram intensamente práticos e exprimiam-se em linguagem quotidiana. Embora descritos como desprezadores da carne, mostravam um interesse intenso pela doença física. Mesmo como entidades desencarnadas, eram caseiros e de bom feitio.

Após a morte, Jocelyn era tão maternal para com Annette como fora em vida. Seria possível que exemplificassem algo mais profundo e mais prolongado do que uma relação comum de mãe e filha?

O que lhe contei sobre os arquivos de Toulouse certamente estimulou o interesse de Annette. Ela interrogava-se sobre quem teria sido no século XIII. Disse-lhe também que não achava que obtivesse qualquer informação interrogando diretamente a mãe. Citei a experiência de Clare com Braida. Disse que, nas suas muitas conversas, ficara estabelecido sem dúvida que Clare fora Esclarmonde de Perella e eu Roger-Isarn de Grisolles.* Mas nunca, em momento algum, Braida respondera de forma direta a perguntas sobre a identidade anterior de pessoas vivas.

De certo modo tinha razão, embora não tivesse previsto a engenhosidade dos desencarnados. Annette telefonou novamente nessa mesma noite. A mãe acabara de lhe aparecer. Como eu previra, Jocelyn não respondera a perguntas diretas sobre a identidade da filha. Contornara o

problema dirigindo-se a Annette por outro nome. Nessa altura ela já estava realmente excitada.

«O que quis ela dizer ao chamar-me Cecília?»

«Porque esse era o teu nome: Cecília de Montserver.»

Está registado que Braida teve uma filha chamada Cecília e um filho Isarn.

«E a mamã?» «Bem, com certeza era Braida de Montserver.»

Não consigo analisar os meus sentimentos naquele momento. Não creio que alguma emoção em particular tenha predominado. Tive uma sensação de inevitabilidade, de estar próximo da realidade, talvez mais próximo do que alguma vez antes. Havia muito por que me entusiasmar, mas o facto simples era que não estava entusiasmado. A rapariga era Cecília de Montserver. A mãe era Braida. Esta última aparecera a Annette como sua mãe e a Clare como Braida. Braida e Cecília tinham sido mãe e filha no século XIII e renascido com a mesma afinidade no século XX. Esta era a minha primeira experiência de tal fenómeno. Pelo menos para mim, era algo sobre o qual valia a pena escrever. Tudo o que sentia era que estava mais próximo do que nunca do século XIII.

Não consigo explicá-lo. Só posso registá-lo. Talvez tais convicções sejam um substituto da emoção.

Senti-me mais próximo do que nunca de Annette e da mãe porque, quando Braida esteve doente em 1235, foi cuidada na casa do meu irmão, Isarn de Fanjeaux, em Limoux. Conhecia e amava Limoux. Nesta vida, desci muitas vezes a longa estrada que serpenteia sobre o rio em Alet. O sol bate entre os altos plátanos descoloridos. Estive nessa estrada no início de novembro, com as vinhas em fogo pelas folhas da videira a mudar de cor.

É uma estrada antiga e, no século XIII, havia um tráfego intenso e contínuo ao longo dela. A estrada ia da cultura perdida e do segredo não explicado de Toulouse, passando por Carcassona e mais além até Limoux. Quando melhorou, Braida deixou a casa do meu irmão e seguiu pela estrada até Fanjeaux. Estaria eu com o meu irmão quando ela jazia debaixo do seu teto? Terá sido por isso que ela enviou a filha para mim?

Annette fez outra das suas visitas súbitas e impulsivas a Somerset para ver Clare. Esperava ver-me, mas eu estava fora numa das minhas raras saídas

noturnas. Fui a uma festa sofisticada entre pessoas convencidas da própria utilidade. Deixei-me flutuar na maré da conversa. Continuava a regressar à sensação de privação que parecia corroer-me o esterno.

Annette telefonou-me cedo na manhã seguinte antes de partir para casa. Estava ansiosa por me ver, mas disse que era impossível. Sentia-se obrigada a consolar os familiares do patrão falecido. Aqueles que conheci e que estiveram em contacto regular com o outro mundo foram sempre extremamente conscienciosos nisto. Refiro-me aos que estão em contacto regular. Conheci vários que fizeram buscas obsessivas impressionantes da eternidade e que não tinham tempo para mais nada. Senti-me deprimido e amargo por, mais uma vez, ela ter deixado a vizinhança sem nos encontrarmos. Talvez eu esperasse que ela partilhasse a minha sensação de privação. Ela nunca soube quanto me doía não a ver.

A visita seguinte foi igualmente desastrosa. Mais uma vez veio passar a noite e mais uma vez não pude vê-la. Tínhamos amigos que não víamos há muito tempo e que ficavam apenas uma noite. Fiquei com o coração apertado por, mais uma vez, pela malícia das circunstâncias, me ser impedido de a ver. Recompus-me porque acredito que, em qualquer plano em que funcionemos, nos é exigida vontade e organização neste mundo. Combinei que a esperaria na casa de Clare. Isso significaria chegar tarde aos meus convidados, mas achei que a situação o justificava. Esperei sozinho no silêncio palpitante, pelo que julgava ser talvez o mensageiro mais íntimo do destino. Annette não apareceu. Tivera problemas com o condensador do carro. Chegou logo depois de eu ter saído.

No entanto, se a tivesse visto, talvez tivesse perdido a experiência que se seguiu. Talvez não saibamos quanto perdemos ao agarrarmo-nos ao mundo da forma e da substância.

Mais tarde nessa noite recebi um telefonema de Annette. Estava hospedada em casa de Clare, que a encontrara exausta e deprimida. Deu-lhe o jantar e deitou-a. Repetiu o tratamento que dera anos antes quando Annette caiu do balanço. Clare depois saiu para um compromisso previamente marcado. Annette contou-me que, durante o tratamento, não sentiu que a tocassem. Não teria conseguido dizer onde os dedos de Clare a tocaram ou mesmo se a tocaram. Estava a experimentar o abandono completo de si própria que pode ocorrer entre pessoas psíquicas com o mais leve contacto físico. Fora preparado para isto por um lama tibetano vários

verões antes, numa árida charneca escocesa. Eu próprio o experimentara — uma sensação de flutuar acima do corpo — quando uma mulher de enorme capacidade de cura me massajara o joelho. Após o tratamento, Annette adormeceu. Quando acordou, encontrou um homem de rosto rechonchudo junto à cama.

«Estava a usar uma túnica azul-escura e o cinto e a fivela de bispo cátaro.»

Pela experiência passada, reconheci-o como Guilhabert de Castres.

«O que disse ele?», perguntei.

«Disse que eu não devia agarrar-me tão fortemente à vida e que devia deixar-me levar por ela. O que quer isto dizer? Não consigo entender.»

Parecia ansiosa. Era óbvio que as palavras dele a perturbavam mais do que a presença.

«Diria que ele quis dizer que não adianta tentar dominar as circunstâncias. Devemos deixar as coisas seguirem o seu curso.»

Não era impressionante, mas é difícil, de um momento para o outro, exprimir metafísica em palavras de uma sílaba. Felizmente, na pergunta seguinte, ela desviou-se para assuntos mais concretos.

«O que significa esta palavra? Veio-me enquanto falava com ele.»

Soletrou: Mioret.

«Pelo menos foi o que soou. Tem alguma coisa a ver com uma batalha.»

«Isso é fácil», disse eu. «É a batalha de Muret.»

«O que aconteceu?»

«As forças combinadas do Languedoc e do rei de Aragão foram derrotadas por De Montfort e os seus Cruzados. Muret foi o verdadeiro cemitério das esperanças do Languedoc do ponto de vista militar e político.»

Eu estava mais interessado do que ela por esta referência a Muret. Telefonou-me tarde no dia 11 de setembro. A batalha ocorreu a 12 de setembro de 1213. Annette era menos precisa do que os outros a sintonizar com aniversários, mas certamente mostrava promessa.

Uma das características do nosso grupo era a exatidão com que os seus membros reagiam — por depressão, tensão ou sintomas físicos — a tragédias ocorridas em encarnações anteriores. Então Annette disse algo que ressoou mais profundamente do que tudo o que dissera antes.

«Tenho a sensação de que já fiz tudo isto antes.»

«Tudo o quê?»

«Esta conversa com o bispo, toda esta confusão sobre vida e tempo. Tenho a sensação de que uma vez fui treinada para alguma coisa. Não sei se me qualifiquei.»

Disse-lhe que era possível que tivesse recebido a instrução para aspirantes a Perfeitas. Expliquei que era costume entre a nobreza herege treinar pelo menos uma das filhas para a fé. Parecia que ela se desviara do caminho porque, afinal, casara com Arnaud-Roger de Mirepoix. Como Cecília de Montserver, está registada como uma das mulheres que participaram na defesa de Montségur. Não consta da lista das que pereceram na fogueira. Isto por si só não é conclusivo, pois não temos evidência de que os nomes que chegaram até nós incluam todas as vítimas.

Depois de falar com ela, fiquei certo de que Annette recebera instrução e fora rejeitada por não ser material adequado. Mais de um ano depois, ouvi diretamente de Braida e de outros que Annette nunca se qualificara como Perfeita, não fora queimada como herege e vivera até uma idade avançada, morrendo nas redondezas do Castelo d'Usson.

A minha conversa com Annette durou cerca de quarenta minutos. Enquanto falava com ela, perdi toda a noção do tempo. Só percebi quanto tempo falara quando desci e olhei para o relógio. Tivemos uma conversa detalhada e factual, ambos registávamos em plena capacidade e estávamos atentos aos pormenores do ambiente. Perguntara-lhe se estava confortável e aquecida e se ainda estava na cama. Ela disse que estava sentada na beira da cama, de roupão.

Annette telefonou-me na manhã seguinte antes de regressar aos Midlands.

«Desculpa», disse. «Desculpa imenso.»

«Porquê?»

«Por ter telefonado ontem à noite. Estava a dizer disparates?»

«Achas mesmo que o que disseste eram disparates?»

«É exatamente esse o problema», disse ela. «Não consigo dizer. Não me lembro do que disse.»

«Estás a falar a sério?»

«Sim. Alguns fragmentos vagos, mas a maior parte está esquecida.»

A minha primeira reação foi clínica. Quis tranquilizá-la.

«Olha, tudo o que disseste era racional como pedra. Não importa se te lembras ou não. O que disseste fazia sentido.»

«É bastante estranho, não é?»

«Não. As coisas não são estranhas só porque não as conseguimos explicar. A que horas partes?»

«Tenho de ir agora.»

«Vem cá antes de ires.»

«Não posso», disse ela, «mas quero tanto conhecer-te.»

Mesmo com a partida dela nessa manhã, estava menos desgostoso do que na véspera à noite. A conversa da noite anterior fora um substituto para a ver em carne e osso. Conseguia também ver a sombra do propósito por trás do não nos encontrarmos. Talvez seja melhor que as verdades mais profundas nos sejam transmitidas da forma mais impessoal possível.

Quando Clare telefonou mais tarde, disse-lhe:

«Percebeste que esta rapariga esqueceu o que me disse ontem à noite?»

«Ela disse o mesmo. Quando cheguei ontem à noite tive de a impedir de te telefonar outra vez. Sabia que tinha de o fazer, mas não tinha a certeza de já não o ter feito.»

Depois da conversa com Annette, compreendi melhor as coisas. Quando falara comigo na véspera à noite, estivera completamente lúcida e perfeitamente orientada no tempo e no lugar. No entanto, apesar de tudo isso, uma hora depois de falar comigo já não sabia se o fizera ou não. Não se trata aqui de confusão mental. Isto não é um problema psiquiátrico, mas uma questão de níveis de consciência. Estes existem certamente e passamos

diariamente de um para outro. Na sua forma mais sem drama, este fenómeno é uma experiência diária.

Esta mudança de níveis foi mais pronunciada quando, durante uma doença grave, tive uma longa e racional conversa com uma mulher que conhecia há anos e que não reconheci. Esta experiência não era estritamente análoga à de Annette, mas aponta na mesma direção. Na manhã após o encontro com Guilhabert de Castres, considerei-o em certo grau semelhante ao que acontecera a Clare quando tomara nota das mensagens escritas. Mais tarde vim a saber, quando Annette repetiu a mesma performance ao recordar outra encarnação, que estávamos perante um mecanismo psíquico diferente.

Capítulo Seis

Foi um golpe quando Annette me disse que ia para o Canadá. Partiria dali a três meses. A ideia era que um país novo a distraísse da sua tristeza. Eu desejava ainda mais vê-la. Foi outro golpe quando ela telefonou a dizer que ia para a Escócia durante quinze dias. Devia estar contente por ela, depois de todas as suas provações, ter férias. Sentia-me vazio e abatido. Os racionalistas e os freudianos podem, se quiserem, imaginar-me como um sentimental frustrado a tecer fantasias senis em torno de um rosto que nunca vi. Certamente fui menos passivo com ela do que com os outros porque estava convencido de que ela tinha uma mensagem especial para mim. Não sabia que influência nos mantinha afastados, mas ressentia-me amargamente da separação.

Não sabia que receberia um consolo imediato e misterioso.

Ela contou que na noite anterior Clare se tinha materializado com uma túnica azul-escura semelhante à que usava a sua mãe — isto é, Braida — e outras de quem já falei. Em certos aspetos estava mudada. Era baixa e leve, e os traços mais agudos. «Mas», continuou Annette, «tinha os mesmos olhos extraordinários, sabes a que me refiro, azul-pálido e luminosos.»

Clare vinha acompanhada por um homem dos seus cinquenta anos. Também ele usava uma túnica azul-escura e o cinto e fivela dos membros seniores da hierarquia cátara. Era magro de rosto e de corpo. Era mais alto do que o homem de rosto rechonchudo, mas não alto segundo os padrões modernos. Tinha feições romanas e um nariz proeminente. O cabelo ainda era escuro e chegava-lhe aos ombros. Este homem aproximou-se de Annette

e tocou-lhe na testa. Ela tinha a certeza de que não se tratava do habitual ritual curativo. Ele não tocara nos pontos prescritos na testa e no pescoço. «Parecia muito feliz por me ter tocado.»

«Parecia feliz?», perguntei eu.

«Oh, sim.» Falava num tom calmo e, de facto, não tinha motivo para falar de outra maneira. Não sabia que eu estava deprimido por causa da sua ida à Escócia. «Claro que fiquei contente por ele me ter tocado, mas ele estava especialmente feliz.»

A descrição de mim tal como era no século XIII coincidia exatamente com a que Clare e Kathleen tinham dado, elas que me tinham visto em sonhos e visões. No meu primeiro encontro cátaro, a Sra. Smith disse-me que eu mudara pouco de aspeto desde o século XIII. «Era eu», disse eu.

Foi espantoso como o meu coração se aliviou com o que ela me contou. Na noite anterior, enquanto dormia, eu fizera um contacto ténue e sombrio com ela. Parecia que isso bastara para me deixar feliz.

Ela disse que na sua visita à Escócia ia a Iona. Contei-lhe que já lá estivera, que era muito belo, mas que não me deixara grande impressão. Disse que talvez não me tivesse feito nada porque eu esperava demasiado dela. Montségur fora o único lugar que me dera a atmosfera que eu desejava e que continuava a exercer sobre mim a sua influência. Disse-lhe que, de todos os outros lugares, Rievaulx, que visitei em 1964, se destacava e vibrava com memórias indefiníveis.

Uma semana depois Annette telefonou novamente para descrever a sua visita a Iona. É uma pessoa simples e direta que comunica por emanação. Quando fala das suas próprias sensações e sentimentos, limita-se a um vocabulário reduzido. Quando descreve acontecimentos, exprime-se com precisão e competência.

Na parte antiga da igreja de Iona ouviu cânticos e viu um monge com cabelo comprido até aos ombros, num estilo parecido com o moderno. Foi muito enfática ao dizer que ele não tinha tonsura. As túnicas dele eram mais escuras do que as da sua mãe.

Depois de visitar a catedral, sentou-se num banco junto à Cruz de São Martinho. Foi aí que a mãe a visitou. Esta estava vestida com a sua túnica azul-escura. Parecia ter adotado permanentemente essa vestimenta. Disse a

Annette que Guy fora membro da Igreja Cristã Celta. Annette lembrou-se de como, em vida, Guy falava muitas vezes da Igreja Celta e dizia que os sacerdotes podiam casar. Nunca mostrara o menor interesse por qualquer observância religiosa contemporânea.

Stendhal escreveu, na Vida de Henri Brulard, que era impossível descrever os grandes momentos da vida, como quando atravessou os Alpes ao serviço do Exército de Itália. Era claramente impossível para Annette ampliar por palavras a alegria que lhe causara esta referência a Guy. Limitava-se a repetir: «Foi maravilhoso.»

Depois da experiência de Annette em Iona, perguntei-me se haveria algum vínculo entre o catarismo e a primitiva Igreja Celta. Uma ligação direta parecia improvável. Haveria alguma evidência de que a Igreja Celta tivesse tendências dualistas? Sabia que Pelágio, tal como os cátaros, rejeitara o sacramento do batismo. Sabia também que o casamento era permitido na primitiva Igreja Celta. Isso constituía, até certo ponto, uma ligação, porque, embora os cátaros ainda tenham uma imerecida reputação de austeridade frenética, recrutavam em boa medida o seu sacerdócio entre pessoas que anteriormente haviam sido casadas ou que tinham vivido com pessoas do outro sexo. Sabia ainda que a crença na imortalidade da alma e na reencarnação era muito difundida entre os celtas em tempos pré-cristãos e constituía uma característica fundamental do druidismo. Refletiria a Igreja Celta essas antigas crenças?

Annette forneceu mais informações da próxima vez que falou. A mãe dissera-lhe para me perguntar se eu compreendia «as cruzes e os entrelaçados». Como a mãe me dirigia perguntas através de Annette, eu considerava esta última, de certo modo, mais próxima de mim do que os outros do grupo. Preocupado com esta reação pessoal, não consegui ver que a questão das cruzes e dos entrelaçados era um ponto crucial na história e, de facto, na minha vida.

A questão das cruzes não era muito difícil. Tanto a cruz cátara como a celta têm braços iguais. Tipicamente, o desenho celta é uma cruz de braços iguais inscrita num círculo. Era exatamente isso que eu vira numa parede junto a uma igreja em Vals, perto de Fanjeaux, região saturada de catarismo e centro de tanta atividade da parte de Braida, Clare e de mim no século XIII. Muitas das cruzes descritas como cátaras no Languedoque seriam por nós consideradas celtas.

No ano anterior, Clare recordara como concluíra uma mandala sob a direção de Guilhabert de Castres. Desenhara um padrão de cabos entrelaçados semelhante ao que se vê em tantas cruzes celtas. O efeito transmitido pelo entrelaçado é o de ser sem princípio nem fim. Simboliza a imortalidade. Um padrão semelhante foi desenhado por Penelope, a mulher de Jack, nos últimos meses da sua vida. Estava a esboçar um tipo de cordão usado pelos sacerdotes cátaros.

Ao regressar ao sul da Escócia, Annette sentia-se feliz. Fora transformada por Iona. Pensava que não demoraria muito até Guy regressar do mundo dos mortos. Num momento de exaltação, ia meio a andar, meio a tropeçar pelo passeio. De repente escorregou. O tornozelo doeu-lhe intensamente. No hospital local pensaram que tinha partido um osso, mas depois verificou-se que rompera um ligamento. A zona foi imobilizada com gesso, mas mesmo assim o pé doía muito. Estava proibida de apoiar o peso nele. Os médicos também lhe deram um par de muletas.

Tinha combinado que, ao regressar das férias, viria a Bath ver-me. Não pôde fazê-lo por causa do pé. Nessa altura estava deprimida. Percebia-se pela voz. Perdera o tom vibrante que lhe dava uma curiosa qualidade estimulante. A vitalidade fora-lhe drenada por causa da antipatia irracional de uma colega de trabalho. Como outros dualistas contemporâneos que conheci, era extremamente vulnerável a más atmosferas. Sofria também com as boas intenções sinceras de um jovem que sempre a amara e desejava casar com ela. Isso era impossível porque ela continuava apaixonada por Guy, que para ela ainda estava vivo. Não alimentava uma ilusão, vivia uma realidade. Sabia que era irrealista pensar que poderia voltar a ser amada por alguém que não lhe fizesse exigências físicas.

Sentia necessidade de escapar a estes problemas. Estava também ansiosa por me ver. Marcou uma data para vir a Bath. Ainda necessitando de muletas, não podia conduzir e viajar de comboio seria difícil. Mesmo assim estava tão desejosa de vir que, nos dois dias anteriores ao previsto, telefonou para dizer o quanto ansiava por nos ver.

Falhei completamente se a pintar como uma rapariga agarrada ou sugestionável. Não estava a construir um futuro, estava a recordar o passado. Se sentia o mesmo que eu, perguntar-se-ia se o passado se estava a aproximar. Nestes assuntos sempre acreditei que quanto mais se procura, menos se encontra. Por isso nunca tive paciência com pessoas que

procuravam o toque de um rosto para recordar outra vida. Mas agora era eu que o fazia. O passado estava a erodir a barreira da consciência de um modo peculiarmente pessoal. Perguntava-me se ela sentiria o mesmo.

Quando chegou o grande dia da visita de Annette, ela adoecera com gripe gástrica. Sabia agora que não nos encontraríamos antes de ela partir para o Canadá. Era inútil Clare tentar consolar-me com a ideia de que ainda faltavam dois meses inteiros para o Natal. Não conseguia aceitar com o coração e a alma que o momento não era o certo para nos encontrarmos. Perguntava-me se alguma força maléfica estaria a trabalhar contra nós. Era despropositado pensar que os cátaros tivessem impedido Annette de me ver mediante um acidente doloroso e uma infeção vírica aguda.

Kathleen e Marion (esta última uma personagem importante que intervém mais tarde) também seriam impedidas de me ver por doenças graves. Mesmo que os cátaros desejassem interpor-se entre nós, sabia que eram incapazes de infligir dor a alguém. Além disso, estavam constantemente a incitar Annette a contactar-me. Sabia bem, a essa altura, que a força do mal pode precipitar acidentes e é especialmente eficaz a provocar o que chamamos infeções víricas. Já tratara destes temas em livros e artigos. Sabia o que a minha velha amiga, uma matrona de hospital de inteligência brilhante, diria sobre o assunto. Ela não tinha dúvidas de que o mal era um fator importante na causação de doenças e particularmente de acidentes.

Mas talvez houvesse também uma intenção sábia por trás da minha separação de Annette. Pelo menos ensinou-me a pouca importância da forma. Durante muito tempo acreditei que a função da beleza era elevar-nos à contemplação de um princípio para além da forma e da substância, a uma harmonia última que transcende as categorias do bem e do mal. Sempre simpatizei ardentemente com o poeta sufi que dizia que a contemplação da beleza humana nos era necessária para facilitar a contemplação do divino. Esta atitude sempre me pareceu quente e reconfortante, mais adequada às minhas fragilidades do que o ar rarefeito de formas de aspiração mais impessoais.

A implicação hindu de que o mundo e as pessoas nele são uma teia intricada de ilusão é demasiado árida e exigente para mim. Talvez tivesse chegado a hora em que me era pedido que vivesse com todo o meu ser aquilo que contemplara ao pensar num princípio abstrato de beleza. Fora ainda mais longe ao dizer que os maiores amores das nossas vidas são ou

aqueles há muito mortos ou aqueles que nunca conhecemos. Mesmo assim, era doloroso não ver Annette nem uma única vez.

A minha mulher, com a sua sabedoria habitual e sem pretensões, disse que, embora possa estar ordenado que eu não a veja, ou que o próprio Diabo esteja a conspirar para nos separar, eu devia resistir à malícia das circunstâncias e fazer o que ela considerava óbvio. Isso era simplesmente conduzir até à cidade onde Annette vivia. Disse que, por mais que acreditemos no destino, às vezes cabe-nos desafiá-lo. Com esta prescrição tónica e animadora, decidimos ir na semana seguinte. Não conseguia deixar de sentir que, se o fizéssemos, o carro avariar-se-ia ou que teríamos um acidente. Passados alguns dias, tornou-se claro que a nossa viagem projetada era desnecessária.

Braida apareceu uma noite a Clare e disse-lhe que a primitiva Igreja Celta existira para além da Irlanda, Escócia, Nortúmbria, Gales, Cornualha e Bretanha. Disse que era errado pensar nela como mais ou menos exclusivamente concentrada no noroeste da Europa. Havia também focos na Bélgica, no oeste da Alemanha, no sul de França e em Itália. Isto talvez não seja novidade para os eruditos, mas era para mim. Ora, precisamente estas zonas eram aquelas onde o catarismo foi forte na Idade Média. (Os cátaros foram reconhecidos e tratados com relativa moderação nas redondezas de Liège no século XII. Havia também uma forte colónia em Colónia.

A heresia era tão forte no norte de Itália como no Midi. Nesta última região predominava no Languedoque e na Provença.) Braida chamava a atenção para a distribuição geográfica do catarismo e para a sua tendência a irromper em zonas celtas. É bem conhecido que a sua força se concentrava sobretudo nos Pirenéus, nos seus contrafortes e nas planícies adjacentes. Esta área estava fortemente infiltrada por influência celta e as regiões vizinhas sempre resistiram à ortodoxia romana.

Braida falou também dos druidas. Disse que eram referidos por Platão. Isso eu sabia bem, mas não que também eram referidos em sânscrito. Braida disse ainda que a civilização atlante de que Platão falava era de origem celta. Disse a Clare que era importante ler um livro ou artigo escrito por alguém cujo nome Clare não conseguia soletrar exatamente, mas que a mim soava como de Nelli. Nessa altura eu desconhecia completamente o livro de Donnelly sobre a Atlântida. Certamente é bem conhecido dos estudiosos da

Atlântida. O importante é que Braida achou por bem remediar a minha ignorância.

Nessa altura o tema celta inicial predominava. Parecia que Annette estava a atuar como mensageira acessória. Telefonou a dizer que vira o Sr. Mills com a túnica azul do seu precursor do século XIII, Bertrand Marty. Estava acompanhado por um monge vestido com uma túnica muito mais escura e com o mesmo cabelo comprido que ela vira em Iona. Este último deu-lhe uma mensagem: «Leia sobre a Ilha de Man.»

Mas no dia seguinte a Ilha de Man e a Igreja Celta foram brutalmente afastadas da minha mente. Annette disse-me com uma ausência de emoção estudada que partia no dia seguinte para o Canadá. A data da partida fora antecipada de repente. Ela sabia-o há dias. Fizera uma última e curta visita a Clare enquanto eu estava fora a dar uma palestra em Brighton. Estava demasiado atordoado para me zangar. Ela parecia incapaz de compreender o quanto eu teria encurtado a minha visita para a poder ver. Achava que se tinha comportado com consideração.

Qualquer ressentimento que eu sentisse morreu por completo quando a ouvi chorar. «Não quero ir. Por favor, por favor perdoa-me por me comportar assim. Só não quero ir.»

Era dilacerante ouvir esta rapariga solitária e desamparada a chorar o coração para alguém que nunca vira. Embora atraísse muito afeto, à exceção de Clare tinha poucos amigos íntimos. Ela e Guy tinham vivido uma vida ampla num espaço restrito. Significavam tanto um para o outro que não precisavam da companhia dos outros. Chorava para mim porque, de algum modo, estávamos próximos um do outro.

«Porque vais se não queres?», disse eu. «Não posso desiludir os meus amigos. Arranjaram-me um emprego.» «Acho que se não fores vais sentir-te ainda pior. Experimenta durante algumas semanas. Se não aguentares, guarda o orgulho e a consciência no bolso e volta para casa.» «Sinto que tenho de ir.»

Era já suficientemente difícil para esta rapariga enlutada aos vinte e poucos anos enfrentar sozinha uma vida nova noutro continente. Não sabia ainda que seria ainda mais difícil e que a sua vida no Novo Mundo seria um verdadeiro Getsémani. Tudo o que sabia era que me entregava inteiramente à pena que sentia por ela. Dissemos adeus. Fui dar um passeio na estrada lá

fora. Era um tempo ameno de outubro. O sol estava velado, mas o céu claro e o vale quente com as folhas das faias a mudar de cor. Mesmo assim, a estrada, as sebes e os campos entre elas faziam parte de um padrão sem vida e sem respiração. Os traços comuns da paisagem eram pétreos e indiferentes.

Capítulo Sete (continuação) e início do seguinte

Na manhã seguinte ela telefonou-me do aeroporto. Era como uma voz vinda do além e, para mim, não havia nela senão alegria no sotaque. Quase esqueci que a ia perder por anos. Disse que estava arrependida pelo dia anterior e que nessa manhã se sentia melhor. Falava com determinação. Era óbvio que o seu moral estava mais elevado, mas ainda ansiava por ficar.

Na noite anterior fora visitada por Braida e pelo Sr. Mills. Usavam as suas túnicas azul-escuras. A partir de então nunca mais se vestiram de outra maneira. O Sr. Mills tinha uma mensagem que desejava transmitir-me: «Tem cuidado em notar Paulinus e James, o Diácono.»

Era estranho pensar que esta rapariga me levava de volta às Idades das Trevas a partir da modernidade estridente e da sofisticação sem coração do aeroporto de Londres. Antes de se despedir ficou um pouco em silêncio. Senti que havia algo de suplicante nesse silêncio. Quando voltou a falar, a voz estava mais baixa do que o habitual e parecia mais jovem, não mais do que uma escolar. «Achas que vou ver a mamã quando for para o Canadá?»

«Sim.» Há semanas que Braida dizia a Clare que o espaço era, de certo modo, sólido, mas que podia ser aniquilado mudando as vibrações. Eu nunca compreendera a física e a metafísica destas afirmações, mas conseguia seguir facilmente o princípio geral. Braida preparava-nos para uma separação física que podia ser contornada por viagens astrais e fora do corpo.

Annette despediu-se e dirigiu-se ao avião.

Qual era o significado das mensagens de última hora do Sr. Mills a Annette sobre Paulinus e James, o Diácono? Descobri que eram pregadores cristãos que atuaram na Nortúmbria no século VII d.C. E a mensagem anterior sobre a Ilha de Man, vinda do monge que ela vira em Iona? Para mim, isso aproximava as coisas um pouco mais de casa. Os habitantes de Man são substancialmente da mesma raça que os de Cumberland, um tronco nórdico enxertado numa raiz celta. Sabia que na Idade das Trevas houvera considerável comunicação entre as duas regiões. Não sabia que nos

estávamos a aproximar das experiências intemporais naquela estrada junto ao lago Bassenthwaite. Porque aparecera a mãe cátara de Annette num santuário celta antigo como Iona? Quem era o monge que Annette vira naquele lugar? Porque estava Guy tão preocupado com a Igreja Celta?

Abandonara completamente a ideia de que houvesse qualquer ligação direta entre Bassenthwaite e o catarismo. Era claro que os cátaros que mencionei estavam também a sintonizar com uma época celta. Poderia ser que as mesmas pessoas que se reagruparam hoje em Inglaterra a partir do Languedoque do século XIII tivessem estado juntas num período anterior? Haveria afinidades entre a Igreja Celta e o catarismo? Até Braida falar das cruzes e dos entrelaçados, não fazia ideia de que pudesse haver qualquer filiação entre eles.

Agora recordava que, no que fora outrora a Nortúmbria, havia uma fundação celta antiga, para além de Bassenthwaite, que falava claramente a vários cátaros reencarnados, incluindo eu próprio.

Quando visitei as ruínas da Abadia de Rievaulx, em Yorkshire, em 1964, tive uma experiência mística, não verdadeiramente passível de descrição, em que toda a história parecia passar por mim em sentido inverso a uma velocidade enorme, como se fosse reproduzida por um gravador universal gigantesco. A sensação de o mundo e o tempo rodarem para trás era tão intensa que me senti tonto. Sentia que as pedras estavam vivas.

Na altura da minha visita a Rievaulx não conhecia a sua história. Tudo o que sabia era que me fizera algo e que, como descrevi noutro lugar, o meu sentido do tempo ficara deslocado. Dois anos depois li, em L'Érotique des Troubadours, do professor Nelli, que Alfredo, abade de Rievaulx no século XII, tinha ideias sobre o amor platónico semelhantes às expressas pelos trovadores do Languedoque e da Provença na Idade Média.

Pensara, e com razão, que a minha reação a Rievaulx era determinada pela minha existência anterior como cátaro. Assim era, mas não era exclusiva minha. Foi surgindo lentamente e de forma tangencial que, além de mim, sete elementos do nosso grupo de cátaros reencarnados tinham estado na abadia. Todos a visitaram independentemente uns dos outros. Jane Butler e Betty haviam ficado intensamente comovidas. Clare caminhou alegremente em direção às ruínas e desmaiou imediatamente. Kathleen ouvira cânticos que descreveu como belos, apesar da semelhança com o cantochão, que normalmente detestava. Marion, uma recruta tardia que ainda não entrou em

cena, também ouvira cânticos quando visitou Rievaulx. Era claro, sem dúvida, que aquele lugar tinha um significado especial para o nosso círculo cátaro. A abadia está construída no local de uma fundação celta anterior. Tive de esperar dezoito meses depois de Braida ter desviado pela primeira vez a nossa atenção para a Igreja Celta até saber que Clare e eu tínhamos uma identificação mais próxima com Rievaulx e que, dentro das ruínas da abadia, somos levados para além do catarismo até algo mais antigo, entrelaçado nas suas raízes. Como Braida e Bertrand Marty disseram, devemos estudar as cruzes e os entrelaçados.

Supus que, ao guiar-nos de volta através da Igreja Celta até aos druidas e à Atlântida, Braida chamava a nossa atenção para a antiguidade do dualismo na Europa e no Médio Oriente. Há autores nos nossos dias que postulam semelhanças entre o catarismo e os druidas. Otto Rahn chega ao ponto de dizer que o primeiro reproduzia a estrutura social do segundo. Para ele, os trovadores, contemporâneos dos cátaros e fortemente influenciados por eles, cumpriam o papel dos bardos druidas. Os Perfeitos cátaros representavam o sacerdócio druida. Muito do que diz é completamente inaceitável. Algumas das suas intuições podem ser descritas como conjeturas admissíveis.

Seja qual for a resposta a estas questões, era claro que Braida precisava que soubéssemos da antiguidade das nossas origens dualistas. Certamente parecia estar a apontar para uma encarnação celta.

Quando Annette partiu para o Canadá, pensei muitas vezes no que ela disse sobre as visitas da mãe morta. O que aprendi nestes últimos anos é que, uma vez que se revelam, os mortos não estão de modo algum afastados das dores e problemas dos vivos. Para mim isso era muito estranho. Anos antes via a morte como o dissolvente dos laços humanos. Para os jovens e felizes era uma tragédia porque os separava daqueles a quem se uniam no ardor do amor jovem. O amor não podia ser tão forte como a morte. A morte era um suplício para aqueles ainda quentes com os fogos da individualidade. Era menos dolorosa para os verdadeiramente velhos e para os prematuramente fatigados que a viam como a dissolução do fardo da individualidade num estado vago de consciência indivisível. Era um alívio vazio para os velhos em quem as brasas relutantes já não davam calor.

As minhas opiniões foram transformadas pelas experiências recentes. Braida continuava a demonstrar, através da terra de ninguém entre psique e

matéria, uma preocupação pessoal e especial pela filha. Antes de Annette partir para o Canadá, ela falou dela com Clare. Disse que Annette era um tipo sem sofisticação, não indeciso, mas que, nos momentos críticos da sua vida, precisaria de alguém que a empurrasse na direção certa. Tendia a baixar a cabeça e a carregar. Embora os conselhos de Braida fossem sempre diretos e práticos, ensinaram-me também que o amor, num sentido pessoal e específico, é muito mais forte do que a morte.

Capítulo Sete

Na sua visão prática e sardónica da vida, Kathleen lembrava Jane Butler. Tinha ainda o talento adicional para uma invetiva pitoresca. Se descrevia alguém, conseguia sempre encontrar um nome vívido e evocativo e as suas descrições eram muitas vezes mordazes. Morrera com Jane Butler no século XIII. Foram das últimas a ir para a fogueira. Descrevi em We Are One Another como fiquei perplexo com o nome Brunasendis, que fora ditado a Clare por Braida, e como descobri mais tarde que era uma elisão de Bruna e Arsendis, os nomes de Jane Butler e Kathleen na sua encarnação cátara. Não pode haver maior partilha de experiência do que ser queimado vivo juntos.

Era, pois, lógico que nesta vida Kathleen fosse devotada a Jane Butler. Embora se vissem raramente, dizia o quão próxima se sentia dela. Quando Jane morreu em julho de 1972, Kathleen estava a convalescer de angina e também prostrada por uma crise doméstica. Apesar do esgotamento e da depressão, e embora não visse Jane há anos, forçou-se a percorrer duzentas milhas até ao funeral. Regressou completamente exausta.

Mais tarde, devido à depressão e ao esgotamento, foi convencida a consultar o médico. Ele atribuiu o seu estado à perturbação doméstica e à idade. Eu sabia que havia outros fatores. Sentia terrivelmente a falta de Jane Butler. Estar separada da mulher com quem morrera sete séculos antes era como um gémeo siamês ser amputado do outro.

Mais uma vez fiquei atónito com o fenómeno da voz. Nessa altura, falar com Kathleen ao telefone era uma experiência estranha. A sua voz sempre tivera uma semelhança notável com a de Jane, embora o tom e o volume fossem mais baixos. Agora ganhara volume e adquirira a ressonância da outra. A sua voz era mais do que nunca indistinguível da de Jane.

A voz não era tudo o que herdara de Jane. Uma noite teve uma visão em plena consciência desperta. Estivera numa mata densa com o Sr. Mills. Ele usava a túnica azul-escura e o cinto e fivela. Demorou um pouco a reconhecê-lo porque o cabelo estava mais escuro e o rosto mais magro do que na sua encarnação do século XX. Parecia mais jovem porque morrera numa idade anterior na sua encarnação cátara. Tinha consigo outra figura vestida de forma semelhante. Este era mais alto, de peito largo e mais robusto.

Era um sujeito de traços agudos e rudes, com expressão taciturna. Viu os dois homens com tanta clareza como se estivessem no quarto com ela. O pai de Clare falou com Kathleen. Disse-lhe que ela ia ser entregue a este outro homem. O recém-chegado era facilmente identificável como Raymond Agulher, que visitara Jane Butler durante anos e que ela descrevera como o avançado de râguebi. Agora que Jane estava morta, transferira o seu apoio para a mulher com quem ela morrera na sua encarnação do século XIII.

Kathleen foi visitada duas ou três vezes pelo avançado de râguebi, que permaneceu silencioso em todas as ocasiões. Era claro que sentia uma decepção compreensível e muito humana por ele não ter falado. Um dia telefonou a dizer que não era ela própria, que estava muito irritável e a dizer coisas vingativas e completamente injustificáveis às pessoas de quem gostava. Fora visitada por Raymond Agulher. Ele ainda não disse nada, mas deu-lhe tratamento. Colocara uma mão na testa dela e outra no ponto do pescoço prescrito por Braida e executado por Clare.

Chegou o grande dia em que Raymond Agulher falou pela primeira vez. Disse-lhe que alguém mais vinha, alguém mais jovem do que todos nós, que tinha um grande papel a desempenhar. (Falava na altura em que Annette apareceu pela primeira vez na história.) O que era ainda mais impressionante era que confirmava a identidade dela. Repetia sem parar as palavras «Braida, Cecilia». Era a noite depois de Braida ter visitado Annette e lhe chamado Cecilia. Embora no século XIII fosse conhecido como um debatedor formidável, nesta vida Raymond era muito melhor a dar conselhos práticos e informações do que a dispensar os consolos da filosofia. Quando começou a transmitir informações concretas, fiquei demasiado espantado para comentar. Disse a Kathleen para estar atenta às «cruzes e ao entrelaçado». Repetia exatamente o que Clare ouvira de Braida e do pai dela.

Estava menos preocupado com o que ele disse do que com o momento. Kathleen recebeu esta mensagem na mesma noite em que Annette a ouvira em termos idênticos de Braida.

Raymond Agulher visitou Kathleen e disse que Clare e eu descobriríamos a ligação entre a Igreja Celta e o catarismo e que não devíamos perder demasiado tempo a procurar ativamente provas e fontes. A ligação seria revelada a seu tempo. Era exatamente o que Clare ouvira anteriormente de Braida. Uma ou duas noites depois, Raymond visitou Kathleen e chamou-lhe a atenção para o desenho na fivela do seu cinto. Na noite anterior, o pai de Clare tirara o cinto para lhe mostrar melhor a fivela. Esta ação destinava-se certamente a enfatizar que, embora a fivela fosse cátara, também era celta no seu padrão entrelaçado.

Era claro que os revenants estavam a implicar que a Igreja Celta também era dualista.

Era óbvio que alguns dos revenants tinham funções específicas. Braida era o mentor particular e mais constante de Clare. Raymond atuava na mesma capacidade para Kathleen. Annette era servida sobretudo por Braida e mais tarde por Guy e pelo Sr. Mills. Estas trocas ocorriam maioritariamente num intervalo de doze horas. Era comum eu receber uma chamada de Annette no Canadá, outra de Kathleen na Suíça, onde se estabeleceu depois de deixar East Anglia, e outra de Clare em Somerset, todas no espaço de uma hora e todas descrevendo a mesma experiência psíquica. Não havia possibilidade de colaboração entre elas. Não conheço os processos envolvidos nestes fenómenos.

É difícil compreender a mecânica da divindade. Isto não é cegueira nem estupidez, mas o reconhecimento franco de que, nesta vida, não temos instrumento de compreensão plena. As nossas tentativas de fabricar para nós tal aparelho são, na melhor das hipóteses, vãs e, na pior, diabólicas. Só sei que compreendo mais plenamente o significado e o propósito da reencarnação em grupo. Pensara nos vivos a recordar vidas passadas e talvez a partilhar as suas memórias de intervalos raros e iluminados no tempo cósmico. Não compreendi, até o aprender com Clare, Annette e Kathleen, que nestes círculos de incandescência psíquica se desenvolve um padrão claro a partir desta partilha constante entre este mundo e o próximo.

Numa manhã de novembro ainda e melancólica, recebi uma mensagem espantosa de Kathleen. Fora visitada por Raymond Agulher, que lhe falara

dos trovadores. Disse que eles não eram apenas poetas e cantores de poesia, mas propagadores da verdade. Tinham difundido, maioritariamente de forma sub-reptícia e por insinuação, os factos sobre o dualismo. Esta última afirmação era vital. Para mim era óbvio que os trovadores foram imensamente influenciados pelo catarismo. Dizer, como alguns fazem, que eles e os cátaros foram contemporâneos mas que não havia ligação entre eles era como insistir que, embora os ensinamentos de Freud chegassem a Londres nos anos vinte, a intelligentsia e a profissão médica não foram de modo algum influenciadas por eles. Mas foi quando Raymond disse que eram grandes viajantes e vieram a Inglaterra que fiquei excitado. Disse que tinham influenciado os lolardos.

Esta é uma afirmação espantosa porque, apesar da tendência errónea de ver o catarismo como precursor do protestantismo, não li em nenhum livro que o lolardismo tenha sido influenciado pelo catarismo. Li algures que havia lolardos que rejeitavam a ideia de uma Igreja construída e visível. Nisso assemelham-se aos cátaros, que realizavam frequentemente as suas reuniões nas florestas. Era pouco para avançar. Mas não conseguia esquecer que, dois anos antes, Clare estivera semanas atormentada por referências aos lolardos e a William Wycliff. Vinham-lhe por clarividência auditiva e também nas mensagens escritas ditadas por Braida. Ela não tinha mais conhecimento de Wycliff do que o manifestado pelo aluno médio que estudou esse período para o nível O. Recordava a persistência com que Clare voltava ao tema dos lolardos e a sua pergunta sobre se estariam de algum modo relacionados com os cátaros. Dissera-lhe que não havia evidência para essa suposição.

Mesmo assim, não conseguia esquecer a minha preocupação de anos com Ashridge, em Hertfordshire, como possível centro de catarismo.

Era sugestivo que a Sra. Smith, em *The Cathars and Reincarnation*, tivesse manifestado uma preocupação semelhante com o mesmo lugar, ou que o professor Nelli, grande autoridade francesa no catarismo, se tivesse preocupado com Ashridge e possuísse uma fotografia dele? Seria mera coincidência que Annette, que nessa altura não conhecia a existência de Kathleen, me dissesse que Guy sempre se sentira fascinado pelos lolardos? Ele também fizera um curso de gestão no colégio de Ashridge, erguido no local do antigo mosteiro que, segundo Todd em 1821, teria sido fundado para albergar uma seita herética vinda do Midi — afirmação que, de resto, não posso considerar provada. Annette recordava que Guy adorava Ashridge, comentava a sua atmosfera e ficara particularmente fascinado pelo poço,

cuja posição excêntrica me influenciara mais do que qualquer outra coisa a acreditar que havia fatores estranhos e inexplicáveis na construção de Ashridge. Vicars Bell, no seu livro *Little Gaddesden*, examinou com simpatia a questão de Ashridge ser uma fundação herética.

Pode ser que eu estivesse a olhar demasiado para trás, para Ashridge como fundação cátara, e de menos para a frente, para a sua associação com os lolardos. O lolardismo era particularmente forte nesta região e muitos dos seus adeptos eram recrutados do que hoje chamamos Buckinghamshire e Hertfordshire. Ashridge situa-se perto da fronteira entre os dois condados. Aqui temos de decidir se acreditamos que a verdade por revelação inclui não só aquilo que é diretamente alimento para o espírito, mas também a verdade histórica construída a partir dos grânulos concretos dos factos.

Nessa altura Braida disse a Clare para ler o livro de Bayley *New Light on the Renaissance*. Já indiquei que, desde a aparição de Annette, Braida se tornara ainda mais positiva e específica nas suas instruções. Nunca usara a linguagem portentosa do esoterismo. Para ela, a verdade era algo acessível. Estendia-se a mão e ela agitava-se na palma como um pássaro cativo. Há um ano ou mais dera capítulos e versículos nas suas citações escriturísticas.

Era uma modernização estranha, quase urgente, dos seus métodos o facto de agora dar a Clare os nomes de livros mais contemporâneos. Um dos temas principais da obra de Bayley é exatamente aquele mencionado por Raymond Agulher na sua visita a Kathleen. Os trovadores eram viajantes e mensageiros da Palavra. Muitos jograis de corte, depois de o catarismo ter passado à clandestinidade, continuaram a tradição trovadoresca e, pelo seu anticlericalismo e crenças dualistas, minaram como toupeiras os alicerces do catolicismo.

Outro tema deste livro é que os cátaros foram dos primeiros fabricantes de papel. Durante séculos depois de o catarismo ter passado à clandestinidade, a fé foi difundida por marcas d'água aparentemente inexplicáveis, que na realidade eram propaganda dualista velada. É significativo que, até hoje, Hertfordshire, onde se situa Ashridge, continue famosa pela fabricação de papel.

Considerei o que os revenants diziam sobre as origens do lolardismo como uma linha lateral fascinante. Não fazia ideia de que era uma seta apontada diretamente ao coração de uma encarnação celta.

Kathleen não era de modo algum uma atleta espiritual e não tinha qualquer desejo de ser vidente ou qualquer tipo de oráculo. Se tivesse tais ambições, o seu próprio humor ácido ter-lhe-ia impedido a realização. Ao mesmo tempo, era óbvio que ansiava por estabelecer um contacto mais profundo com alguém ou algo. Quando Raymond Agulher apareceu pela primeira vez, sentiu-se reconfortada e transfigurada, mas mais tarde a experiência ficou um pouco manchada pelo atraso dele em falar-lhe e pelo facto de só vir infrequentemente e quando ela estava em dificuldades. Estaria à procura de alguém ou de algo mais? Estariam os seus anseios nesta vida determinados pelas suas reações noutra? Ouvira muitas vezes dizer que o que somos é determinado pelo que fomos em vidas passadas. Muitas vezes sentira que o caso era exagerado. Kathleen ia provar que eu estava enganado.

Como tantas coisas, começou com Clare. Quando a encontrei num dia de novembro sem vento, com um sol tímido, ela estava positivamente efervescente. Fora acordada do sono na noite anterior pelo latido do cão. Fora como na primeira noite em que vira Braida, mas em vez de uma mulher com túnica azul-escura era Jane Butler, vestida com um simples vestido medieval de tecido áspero castanho-avermelhado. Estava cingido à cintura por uma espécie de cinto. Não usava qualquer medalhão. «O que disse ela?», perguntei.

«Foi mesmo conversa fiada, uma espécie de mexerico do além. Foi maravilhoso vê-la. Não era só que ela era absolutamente real. Isso é o mesmo com Braida. Era o modo como tagarelava sobre as pessoas, tal como fazia em vida. Era como se tivéssemos continuado a última conversa que tivemos antes de ela morrer há quatro meses. Disse que não estava a fazer nada em particular, só a observar as coisas e especialmente as cores. Disse que neste mundo não fazemos ideia da intensidade da cor e de como todas as cores vibram. Enviou-te o seu amor.»

Recordei a última vez que falara com Jane. Fora um dia cinzento e negativo no fim de junho. Não havia cheiro a verão e o ar estava frio. Ia de férias. Ela demorou-se um pouco ao desejar-me boas férias. Não havia presságio na sua voz, mas senti que desejava prolongar o momento. Quando regressei a Inglaterra, ela estava morta.

As reverberações do que, para Clare, fora um dia pungentemente feliz e de cores vivas sentiram-se uma semana depois. Kathleen entrara noutra fase

difícil. Continuava a sofrer dos meses traumáticos em que também fora levada ao limite ao passar de um plano de consciência para outro. Agora esgotara-se ainda mais ao cuidar de amigos gravemente doentes. O médico mandou-a descansar. Sentia-se deprimida e culpava-se. Acreditava ter desiludido os amigos. Precisava de todo o apoio que eu pudesse dar-lhe. Mais uma vez, a ajuda veio quando mais era necessária. Contou-me logo. Uma das coisas simpáticas nela era que, quando melhorava, informava-nos rapidamente. Durante a maior parte da minha vida fora o contrário. «Ontem à noite vi uma mulher com uma túnica castanho-esverdeada. Era simples, presa por um cinto. Não usava qualquer ornamento.»

«A cor da túnica era mais castanha do que verde?»

«Oh sim», disse ela. «Era castanha com um toque esverdeado. Era pequena e magra, com um rosto de duende.»

«Que idade tinha?»

«Oh, jovem», disse ela. «Cerca de vinte e cinco anos. Quem achas que era?»

Hesitei antes de responder. Era simplesmente que tinha medo de a perturbar. Sentia-se próxima de Jane nesta vida e sabia que morrera com ela sete séculos antes. Poderia aceitar calmamente uma visita de uma morta? Estaria em estado de suportar tal experiência sem desastre? Mas sabia que nessa altura ela era agudamente percetiva. Se não lho dissesse, descobriria sozinha. «Só pode ser Jane Butler», disse eu. Contei-lhe a experiência de Clare.

«Sim, sei.» Ao dizê-lo, a sua voz esmoreceu até nada. Senti que estava cansada mas contente.

Duas ou três noites depois, Jane Butler voltou. Kathleen falou dela calmamente, como se a sua aparição fosse um comentário interessante à parte. «É mesmo Jane», disse ela. «Com o rosto de duende. Está um pouco diferente do que era aqui, mas tenho a certeza de que é Jane.»

«Vê-la como a conheceste melhor. Não se viam muitas vezes nesta vida. Viram-se dia após dia durante meses em Montségur. Viveram juntas e morreram juntas.»

Kathleen melhorou maravilhosamente depois da visita de Jane Butler. Se se vive metade noutra século, é melhor saber onde se está. Bruna voltara

para Arsendis. Kathleen esperara muito tempo, mas já o fizera antes. Ela e Jane foram das últimas a morrer em Montségur.

Mais uma vez Kathleen ficou desapontada por Jane Butler permanecer silenciosa nas primeiras visitas. Não teve de esperar muito. Foi sobretudo através de Jane que soubemos bastante sobre as transgressões altamente coloridas de Kathleen noutra encarnação.

Capítulo Nove

É interessante como as diferentes personagens desta história entram nos momentos apropriados. Parece uma peça em que as entradas e saídas são bem cronometradas. Por vezes é necessário recuar no tempo para descrever as entradas. Quando Annette estava prestes a partir para o Canadá, surgiram dois novos atores. Recebi um telefonema de Marion, uma médica que foi figura principal na nossa encarnação napoleónica e que entra na história algumas páginas adiante.

O outro ator fez uma entrada mais fantasmagórica.

Temos de voltar ao dia anterior àquele em que Annette devia ficar connosco antes de partir para o Canadá. Estava ameno e ensolarado. Com as folhas ainda densas nos ulmeiros das sebes, sentia-se no ar a memória do verão. A ameaça do inverno ainda não chegara. Estava feliz com a antecipação da visita de Annette.

Kathleen telefonou a Clare. Falaram de assuntos quotidianos e Clare não se queixou de nada. Mesmo assim Kathleen telefonou-me imediatamente para dizer que Clare estava muito deprimida. Era já uma história velha. Jane Butler sempre se preocupara que eu cuidasse de Clare e me certificasse de que ela não se gastasse em vão. Kathleen estava apenas a continuar onde Jane ficara. Como a voz e Raymond Agulher, era mais uma coisa que herdara dela.

Depois veio a saber-se que Clare perdera um amigo homem que parecera devotado a ela durante anos. Graham morrera subitamente, em idade jovem, de um ataque cardíaco numa viagem de negócios à Nova Zelândia. Pedira-lhe que casasse com ele, mas ela sabia que os prazeres do casamento não eram para ela. A rejeição da proposta não afetara a sua relação e ele permanecera constantemente e sem amargura devotado a ela.

Ela gostava muito dele e sentia-se sempre feliz na sua companhia. Pareciam ter conseguido a quase impossibilidade de permanecerem amigos apesar do seu inegável amor por ela. Uma ou duas semanas após a morte dele, entregou-me um envelope volumoso contendo uma dúzia de folhas de papel fino cobertas com uma caligrafia angular e pontiaguda. O nome dela estava escrito no envelope. «Suponho que era mais um», disse ela.

«Mais um quê? Outro cátaro?»

Acenou com a cabeça para o envelope. Era muito diferente dela fazer afirmações abruptas e positivas sem evidências. A sua técnica habitual era produzir primeiro uma profusão de dados e deixar-me as conclusões. Fiz concessão a uma perda que começava a ver ser muito mais grave do que imaginara.

Era quase inacreditável, mas a história de Betty e Penelope repetia-se. Escritos nas folhas de papel estavam nomes idênticos aos descobertos pela mãe dela após a morte de Betty e por Jack entre os papéis de Penelope. O que saltava à vista eram os nomes dos sargentos de armas implicados no massacre de Avignonet. Era claro que, para Graham, tal como para os cátaros reencarnados já conhecidos, o caso de Avignonet era um foco intenso de vibração. Havia também uma multidão de nomes de escritores de tendência dualista ou gnóstica. Incluíam Plotino e Porfírio. A lista de Graham era muito semelhante à fornecida por Betty. Novidades eram a sua preocupação com o que chamava a escola alexandrina e com Basilides, um gnóstico do século II.

Numa folha de papel havia uma pequena lista do que obviamente era leitura favorita. Incluía *Song to Mithras* de Kipling e *A Creed*, de Masefield. O primeiro estivera entre os papéis de Penelope. O segundo ocorrera numa mensagem ditada a Clare após a morte por Betty. Havia também as referências idênticas a Eclesiástico e Sabedoria de Salomão que Clare recebera de Braida.

Em vida, Graham não conhecia a existência de Penelope. Vinte anos antes encontrara Betty em uma ou duas ocasiões. O resto do grupo era-lhe desconhecido. Ao ler os seus papéis, fiquei menos intrigado do que se poderia imaginar. Era mais um cátaro acrescentado a um grupo já considerável e aparecia numa data em que o meu interesse se dirigia à Igreja Celta e a outras formas de dualismo. Considerei a intervenção de Graham como uma questão secundária fascinante em si mesma, mas não particularmente interessante para mim. Sentia que já tínhamos informação

suficiente sobre os cátaros. Ao continuar a ler, percebi que, ao albergar esta reflexão, era tanto precipitado como paroquial. Era claro que Graham se preocupava com o dualismo como um todo. Na página seguinte estava claramente afirmado que acreditava na reencarnação, nas forças do bem e do mal e que o mundo fora criado pelo Diabo.

Tinha a certeza de que Graham possuía memória remota. O que escrevera sincronizava-se tão perfeitamente com o que reunira de outras fontes neste mundo e no próximo. Descrevia um castelo numa colina assaltado por pedras lançadas por máquinas de guerra. Obviamente voltava a Montségur e partilhava uma experiência já vivida e relatada por Clare, Kathleen e Penelope. Graham recordava que usava uma jaqueta peculiar reforçada com tiras de couro. Isso ligava-se completamente ao que Jane Butler me dissera do seu marido, Arnaud, que também era sargento de armas e cujo nome era mencionado junto com Brasillac (Jack) e Pons Narbona, que fora marido de Kathleen na sua encarnação cátara.

O parágrafo seguinte era chocante. Graham descrevia como fora prisioneiro num castelo junto ao mar. Isso nada tinha a ver com Montségur, que está empoleirado no topo de uma montanha. Graham disse que fora marinheiro francês. Fora feito prisioneiro numa batalha naval em que o seu navio ficou danificado, capitulou e foi rebocado para o porto. Foi levado do porto num pequeno barco para um castelo. Fora notavelmente feliz como prisioneiro. Pertencera a um clube que acreditava na igualdade dos homens e na fraternidade universal.

Não posso alongar-me neste aspeto da experiência de Graham até introduzir Marion, que foi muito esclarecedora sobre esta encarnação posterior e que ainda não apareceu nestas páginas. Ela deu-se a conhecer entre a morte de Graham e a receção por Clare das suas notas. A história da nossa aparição como marinheiros franceses está inextricavelmente entrelaçada com a da encarnação celta. Para mim, como naturalista destes fenómenos, estes entrelaçados são fascinantes e de importância maior, mas relatar cada evento pela ordem da sua ocorrência seria desesperadamente confuso para o leitor.

Graham passou abruptamente da sua vida como prisioneiro de guerra francês para afirmações claras e positivas sobre a natureza do cristianismo primitivo. Descreveu-o categoricamente como uma forma de dualismo. Os seus antecedentes particulares eram as filosofias de Pitágoras e Platão. Nos

escritos de Graham havia também referências a Plotino e aos gnósticos, que considerava continuadores da tradição dualista. Disse que o dualismo era a atitude religiosa mais antiga e melhor fundamentada. Era algo que sempre fora perseguido, mas que nunca morreria.

Era inconfundível que Graham se interessara pelas muitas formas de dualismo manifestadas na Europa desde o declínio do Império Romano. Era quase certo que vivera várias encarnações como dualista. Revelara-se primeiro como cátaro porque era com essa encarnação particular que estávamos mais familiarizados. O que aconteceu a seguir veio confirmar o assunto.

Uma noite tive um sonho em que vi Clare vestida com uma túnica com capuz. A cor da túnica era de um roxo tão intenso que quase parecia preto. Depois vi o contorno enevoado de um homem vestido de forma semelhante. As duas figuras fundiram-se uma na outra. Não se tratava de qualquer tipo de abraço. Era mais como uma fotografia um pouco desbotada ser sobreposta a outra. Depois a segunda figura pareceu separar-se novamente, mas as suas roupas eram diferentes. Usava uma espécie de jaqueta, um pouco mais curta do que fraque, reforçada com tiras verticais de couro.

A sua aparência também mudara e parecia um tipo mais rude. O mesmo processo repetiu-se. Ele e Clare fundiram-se um no outro como imagens desfocadas de uma fotografia. Este ritual repetiu-se uma terceira vez. Nesta última ocasião, o estranho usava uma camisola áspera e calças bastante largas, como as de um marinheiro. Exceto esta, não me recordo de alguma vez ter sonhado com um único membro do grupo. O meu contacto psíquico com eles era tal que tornava os sonhos desnecessários.

Não é necessário que eu explique este sonho porque a sua interpretação está contida na chamada telefónica de Clare. Ela estava ofegante e excitada e mal conseguia esperar para falar. «Tenho de o tirar ou rebento», disse ela.

«O quê?»

«Ontem à noite vi um monge com uma túnica longa e escura e cabelo comprido. Depois isso mudou para um tipo de aspeto rude com tez avermelhada. Usava uma jaqueta longa reforçada por tiras de couro. Depois mudou novamente para outro personagem de aspeto rude com uma

camisola áspera de marinheiro e calças azuladas largas. Sei que os três eram o mesmo homem.»

«O segundo tipo com a jaqueta reforçada com couro é fácil», disse eu. «É outro sargento de armas do século XIII. Suponho que o terceiro seja outro marinheiro francês.» (Nessa altura, Clare e eu já tínhamos consciência da nossa encarnação francesa na era republicana e napoleónica.) «Depois do que tem acontecido nas últimas semanas, o monge representa alguém da primitiva Igreja Celta. O que achas que isto significa?»

«Acho que é a mesma pessoa em três encarnações.»

«E quem?», perguntei.

«Graham.»

«Algum dos rostos era parecido com o dele?»

«Não. Só o reconheci.»

Sei que afirmações como esta última são insatisfatórias para o tipo de investigador esquilo que rola um fator como uma noz preferida e ignora toda a experiência. A essa altura já conhecia Clare suficientemente bem para saber que a afirmação «só o reconheci» era uma manifestação da perceção sobrenormal que ela já exibira tantas vezes antes. Sabia também que em breve teríamos evidências de outras fontes e que o padrão estava a tornar-se mais fluido.

Na noite seguinte, Clare desejou ardentemente que o pai a visitasse. A seu tempo ele apareceu. Foi este tipo de fenómeno que tanto me impressionou e que sublinhou as minhas próprias limitações. Nunca tive as experiências que desejava. Era claro, sem qualquer dúvida, que o meu desejo por elas impedia a sua aparição. Clare tinha, mais do que eu, a capacidade de invocar auxílio e consolo quando era necessário.

O Sr. Mills disse a Clare que Graham fora a figura central na sua visão da noite anterior. Disse que o que ela vira era uma experiência culminante. Fora concebida para lhe revelar que nós, que estivéramos juntos numa encarnação, mantivéramos contacto estreito em todas as quatro.

Quem era Graham no século XIII? O nome Pons Narbona figurava proeminentemente nos seus papéis. Tocou um sino claro em Kathleen. Estava entre os nomes que mais vividamente lhe voltaram no período de memória remota intensificada que descrevi em *We Are One Another*. Que ela

o recordasse bem era apenas natural. No século XIII ele fora seu marido e fora queimado com ela em Montségur. O que era igualmente compreensível e ainda mais fascinante era que, nesta vida, quando jovem, embora o tivesse visto pouco, ela lhe fora devotada e ficara desolada quando se tornou claro que o afeto dele era dado a Clare. Não havia dúvida de que ele era Pons Narbona.

Apesar do que aprendera sobre ele, Graham continuava para mim uma figura sombria. Considerava-o alguém à margem do grupo. Fora introduzido relativamente tarde no processo para fornecer evidência adicional de que o grupo persistira através de várias encarnações. Não via que a sua vinda tivesse sido preparada. A questão foi confirmada por Annette. Telefonou do Canadá num vendaval de exultação. Na noite anterior Guy aparecera-lhe tal como fora em vida e falara-lhe pela primeira vez. Disse-lhe que estava muito feliz. Como Jane Butler, falou especialmente da intensidade e da qualidade vibrante das cores que o rodeavam no seu mundo.

A sua declaração seguinte colocou a importância de Graham em perspetiva. Disse que outro contribuinte importante estava no processo de se ligar a nós. Sem qualquer dúvida, era Graham. Disse-lhe que ele, Guy, era o monge com a túnica escura que ela vira em Iona. Na altura ela não o reconhecera. Pode recordar-se que a mãe dela lhe dera uma pista ao dizer que, numa existência anterior, ele fora membro da Igreja Celta.

Guy disse-lhe que, em Cumberland, onde vivera e trabalhara, a Igreja Celta se assemelhava ao cristianismo primitivo e que este último era dualista. A crença na reencarnação e nas forças do bem e do mal eram fundamentais. Cristo não era o filho de Deus, mas um numa linha de profetas e sábios que começava com Pitágoras e incluía Platão. (Mais uma vez, como com outros neste grupo, vivos e mortos, fomos remetidos para a Grécia clássica.) Pitágoras, Platão e Cristo falavam do mesmo ponto de vista básico. O que distinguia Cristo era que ele era um tipo diferente de ser. Foi por isso que as pessoas o seguiram, e não porque a sua mensagem fosse nova ou única.

O cristianismo primitivo era uma religião de emanação. Propagava-se pelo que um cristão irradiava para outro, e Cristo era a principal fonte de emanação.

Annette disse que não conseguia compreender plenamente tudo o que Guy dissera. Isso ficou claro quando se referiu à sua afirmação de que Cristo

tinha um tipo especial de corpo. «Não consigo compreender nem recordar tudo.»

Nesta fase intervim e ofereci uma explicação padrão que já dera a vários outros e que para mim era uma espécie de ladainha privada que reservava para estas ocasiões. «Vês, tudo na vida é uma questão de vibração. Uma coisa como uma mesa pode parecer inerte, mas não é. Numa mesa as vibrações são tão lentas que parece inerte. No universo há todos os tipos de gradação, desde, digamos, um bloco de madeira que representa espírito desacelerado na matéria, até, no polo oposto, alguém como Cristo que tem um corpo tão espiritualizado que possui os contornos das outras pessoas, mas na realidade é quase imaterial. Foi isso que Cristo exibiu aos discípulos na Transfiguração no Monte. O que tomaram por um homem natural era na realidade um corpo espiritualizado.»

«Mas como podes saber?», disse ela. «Foi exatamente isso que Guy disse, e com as suas próprias palavras.»

«Tem sido assim há um ano ou mais. Pessoas deste mundo e do próximo têm dito a mesma coisa com as mesmas palavras.» Fiquei fascinado que a Igreja Celta tivesse visões semelhantes sobre a natureza do corpo de Cristo como os cátaros. «Que mais disse Guy?»

«Disse tanta coisa que não consigo lembrar tudo. Ah sim, disse que a Igreja Celta odiava o Crucifixo. Isso ligava-se às ideias deles sobre a Encarnação.»

Guy disse que a Igreja Celta usava cruzes de braços iguais, mas que todo o tipo de crucifixos e rosários eram tabu. Era essencialmente uma religião muito simples, não azedada pelo dogma. A Crucificação não era uma parte essencial do cristianismo. Fora uma grande desgraça que alguma vez tivesse acontecido. Como os cátaros, a Igreja Celta rejeitava completamente essa imensa pedra angular do cristianismo ortodoxo: que somos redimidos pela morte de Cristo na Cruz.

Guy disse que a ideia de que a primitiva Igreja Celta tinha «diferentes tipos de tonsuras e cortes de cabelo extravagantes era tudo disparate». Era interessante que os Perfeitos cátaros também usassem cabelo comprido, um pouco abaixo dos ombros.

Falou muito sobre Iona e Lindisfarne. Disse que Clare iria mais tarde a este último lugar e também à Ilha de Man e a Cumberland.

Se ainda precisava de prova de que as nossas convicções mais profundas nos são dadas pelo que se chama espíritos, ela foi fornecida pela conversa mais recente de Annette. Partilhei as minhas opiniões sobre a Transfiguração com Guy, que passara pela educação superior da morte. O que mais me impressionou foi a expressão repetida desta ideia de que o cristianismo era uma religião de emanação. Dissera-o durante anos, por vezes com menos evidência do que gostaria.

Era um grande conforto saber de que fontes as minhas ideias tinham origem. Nem se tratava apenas de convicções partilhadas. A própria forma como eram expressas era idêntica ao que os revenants tinham dito a outros. Agora vejo claramente que muita arte criativa, filosofia e experiência religiosa surge não em nós próprios, mas nos desencarnados que nos rodeiam. Quanto mais nos contentarmos em servir apenas como instrumentos, maiores e mais válidos serão os fenómenos que percebemos.

O que foi um dia histórico na minha vida completou-se quando Clare veio jantar. Contou-me que Guy também lhe aparecera na noite anterior. Não tinha o entusiasmo explosivo de Annette, mas era óbvio que esta experiência fora uma intensa alegria para ela. Falou-lhe sobre a natureza e as crenças da Igreja Celta. O que disse era tão idêntico ao que Guy contara a Annette que não precisa de ser repetido. Diferiu apenas na ênfase relativa de certos pontos. Por exemplo, expressou-se com força quando falou do Crucifixo, que até descreveu como maligno.

É quase desnecessário acrescentar que na manhã seguinte Kathleen telefonou da Suíça. Estava a combinar com Raymond Agulher para fazer a sua habitual contribuição imediata. Vira-o na noite anterior. Ele repetiu o que Guy dissera a Annette e a Clare. Não deixou dúvidas de que a primitiva Igreja Celta era inequivocamente dualista e que o cristianismo primitivo e o cristianismo celta primitivo eram religiões de emanação. Não gostava não só de crucifixos, mas também da forma latina de cruz com o braço inferior alongado, porque esta também simbolizava a Crucificação. Amava as cruzes celtas de braços iguais, que representavam simplesmente e com modéstia o amor.

Raymond acrescentou duas coisas suas. Disse que os escritos paulinos tinham grande significado para a Igreja Celta. Isso era fascinante porque eu já conhecia a sua importância para os cátaros. Recordava o dilúvio de referências paulinas com que Clare fora inundada um ou dois anos antes.* Fora porque Paulo era o principal intérprete do cristianismo do ponto de vista

espírita e transmitia mais do que qualquer outro escritor que o cristianismo primitivo era uma religião de emanação. O próprio catarismo era essencialmente da mesma natureza e marcadamente espírita. O que Raymond Agulher dizia era que o cristianismo celta era da mesma natureza e que os escritos paulinos tinham igual importância para ele.

Raymond disse a Kathleen que, na primitiva Igreja Celta, os Coríntios eram mais importantes do que as outras epístolas paulinas. Ela disse que não sabia se era a Primeira ou a Segunda aos Coríntios. Os leitores de *We Are One Another*, recordando o dilúvio de citações dadas anteriormente a Clare, não terão dúvidas de que era a primeira.

- *Ver We Are One Another.*

Capítulo Dez

Quando falo de Marion Dacre, só posso maravilhar-me com o modo como todo o processo foi miraculosamente concebido e como uma fonte de revelação era substituída por outra. Para contar a sua história, tenho de recuar no meu caminho. Ela entrou na minha vida no dia em que Annette partiu para o Canadá.

Quando Marion falou comigo pela primeira vez, tive o choque da minha vida. Já observara que Annette falava com quase os mesmos sotaques de Jane Butler, mas as vozes de Marion e Annette eram absolutamente indistinguíveis uma da outra. Este fenómeno em que pessoas diferentes falavam com a mesma voz estava a tornar-se um pouco inquietante.

Marion fora aconselhada por Clare a telefonar-me. Tinham-se conhecido anos antes, mas não eram particularmente amigas. Viam-se de dois em dois ou três em três anos. Tinham respeito mútuo, mas não eram especialmente íntimas. Marion era tímida e apologética. Deixou claro que Clare a aconselhara a telefonar-me.

Estivera em Iona. Parada na parte mais antiga da igreja, um monge materializara-se à sua frente. Era baixo, com cabelo comprido e vestido com túnicas escuras. O corte e o comprimento do cabelo e a cor da túnica eram os mesmos do monge que Annette vira no mesmo lugar. Viu-o chegar e partir. Quando foi a Lindisfarne, viu-o novamente.

Na sua viagem, Marion parara em Rievaulx. Ficou encantada com a atmosfera e ouviu cânticos nas ruínas.

Revelou mais plenamente as suas ligações celtas. Alguns anos antes visitara a Ilha de Man e achara-a mágica por causa das abundantes cruzes celtas e memoriais.

Marion era médica, lidando sobretudo com condições infantis. Lera bastante do que eu escrevera. Concordava que certas malformações congénitas só podem ser explicadas pela atitude da mãe durante a gravidez e que muitas crianças nascidas por cesariana têm mães psíquicas em quem o impulso maternal entra em conflito com a relutância em aprisionar outras almas na matéria. Parecia ter inclinações dualistas.

Falou dos seus pacientes mais jovens e especialmente dos que tinham pé torto. Nestes casos, o objetivo do tratamento é relaxar os músculos na vizinhança da deformidade para permitir que o pé se mova mais livremente. Disse que recentemente começara a tentar um pouco de fisioterapia por sua conta. Colocara uma mão na deformidade e outra sobre um dos marcos anatómicos do joelho. O que era impressionante era que usara a palma da mão e mantivera ambas as mãos imóveis. Algum tipo de movimento simulando massagem teria sido mais coerente com o seu papel de médica. Era claro que estava a usar a terapia cátara do século XIII que Clare e Jocelyn praticaram em Annette quando ela caiu do balanço há vinte anos e em que Clare fora reinstruída durante as visitas de Braida.

Marion não fazia ideia de que estava a praticar uma técnica medieval.

Perguntei-me se teria visto demasiado nos seus interesses celtas e se estaríamos a regressar mais uma vez aos cátaros. O equilíbrio inclinou-se a favor do cristianismo celta quando, numa ocasião posterior, ela me passou para a mãe dela quando eu levantara a questão das pessoas reencarnarem na mesma família. Mais uma vez deparei-me com o problema atordoante da voz idêntica.

Numa ocasião, depois de Marion ter trazido a mãe para falar comigo ao telefone, fiquei reduzido a perguntar a esta última se era realmente com ela que estava a falar ou se Marion não a encontrara e voltara ela própria para continuar a nossa conversa.

A Sra. Dacre estava na casa dos setenta e muitos anos. Embora fosse de voz suave e tímida, era também lógica e, à sua maneira discreta, direta.

Olhando para trás, para a nossa primeira conversa, é óbvio para mim que a considerava alguém colocado numa posição de autoridade acima de mim, apesar de a sua afeição carinhosa por mim ser evidente desde o início. Porque a minha afeição por ela se combinava com respeito e reverência tornar-se-á óbvio nos capítulos seguintes.

A Sra. Dacre trouxe-nos bruscamente de volta ao tema de Bassenthwaite. Disse que a família do seu falecido marido era originária de Cumberland. Falei de muitos dos meus velhos recantos e parecia que ela os conhecia a todos, e acima de tudo Bassenthwaite. Disse que lhe era especialmente querido porque fora ali que, depois da sua morte, o marido lhe voltara. «Junto ao lago?», perguntei.

«Sim. Conheces o Pheasant?»

«Sim.»

«Ele voltou na estrada entre o cais e o Pheasant.»

Estávamos de novo na beleza modesta e amena da estrada que contornava a curva junto ao Pheasant. Ao longo daquela estrada os mortos tinham regressado a três pessoas e Annette e o marido tinham saído do tempo. Não senti excitação, apenas uma sensação de inevitabilidade. Na mente e no coração, tinha regressado a casa. Regressara através do tempo e no sentido de voltar aos recantos do meu coração. Regressara também, simbolicamente e na realidade, ao meu próprio país. Caminhei através de um espaço limitado e definível até aos altares de pedra esculpida da verdade. Foi aqui, no país natal, que ouvi pela primeira vez os murmúrios do dualismo. Bassenthwaite falava comigo e com outros que tinham o dualismo nos ossos. Nasci neste país porque ele tinha uma mensagem para mim.

Com o nosso regresso a este troço magnético da estrada, era óbvio que o dedo do destino apontava novamente na direção de Bassenthwaite. Isso tornou-se ainda mais claro quando ela me aconselhou a ir a Cumberland com Clare, a quem só vira duas vezes na vida. Insistiu acima de tudo que devíamos ir a Bassenthwaite. Disse também que eu devia visitar Isel, Uldale e Lamplugh. Falou com particular insistência de uma cruz que eu devia ver perto de Lamplugh. O seu falecido marido, que fora uma autoridade nestes assuntos, ficara fascinado por ela. Admirou-me que ela conhecesse esta zona remota que, para mim, desde a infância, fora inexplicavelmente dotada de magia. O que era ainda mais estranho era que eu, tão cético por natureza e tão

meticuloso na peneira das evidências, desse tanto valor ao que me era dito por uma conhecida tão recente e tão sombria. Escutava a Sra. Dacre com uma intensidade especial e não me apercebia de que isso se devia ao que lhe devia. Não sabia que a minha dívida se originava para além da minha vida presente.

Tudo o que a Sra. Dacre aconselhou foi amplamente apoiado pelo mundo do além. Durante semanas fui bombardeado pelos revenants com conselhos para que eu fosse com Clare a Cumberland. Era obviamente uma questão crucial. Era essencial que eu fosse com ela, caso contrário falharia na interpretação do que visse. Estas exortações intensificaram-se na segunda metade de março. Foi indicado que veríamos uma pedra que seria para nós uma experiência transfiguradora. Comunicaria algo que era essencial sabermos.

Este conselho geral foi transmitido por Braida e pelo Sr. Mills diretamente a Clare ou através de Annette, e por Raymond Agulher a Kathleen. Braida deu também indicações específicas. Repetiu o que a Sra. Dacre dissera sobre visitarmos Bassenthwaite, Lamplugh, Isel e Uldale. Insistiu que devíamos ver a velha igreja de Santa Bega em Bassenthwaite. Esta igreja, e a de Isel, são pequenas e remotas, e Braida, como Jocelyn, nunca as visitara na sua encarnação do século XX. Acima de tudo, falou da misteriosa pedra. Disse que ela nos revelaria como as nossas diferentes encarnações estavam ligadas entre si. Braida nunca disse a Clare o local exato da pedra. Tudo o que sabíamos era que ficava perto de Lamplugh. Mencionou o nome da aldeia a Annette, mas esta, infelizmente, esqueceu-o.

Não reparei que Betty não tomara parte nestas exortações. Passaram meses até compreender as razões da sua abstenção.

Havia todos os indícios de que a nossa visita a Cumberland era vista pelos revenants, e possivelmente pela Sra. Dacre, como um divisor de águas nas nossas vidas. Pode surpreender que eu esperasse pouco dela. Isso devia-se simplesmente ao facto de, na minha experiência, desejar algo impedir a sua realização. Ouvira tanto sobre Bassenthwaite deste mundo e do próximo que não conseguia sentir que me falaria ainda mais claramente. A minha história começara comigo a caminhar por Wythop até ao lago de Bassenthwaite. Era difícil esperar que atingisse o clímax no mesmo lugar.

Pode parecer falta de fé que eu não conseguisse acreditar que os dedos do destino me roçavam a testa. Aceitava completamente a verdade de tudo o

que Braida dissera a Clare. Tivera provas irrefutáveis da exatidão das suas previsões. Se não conseguia aceitar que o sol estava alto e a colheita próxima, era porque a minha psique estava impedida pelos farrapos do meu antigo ceticismo.

Para além disso, há muito que esperava pouco deste mundo. Era demasiado esperar que as experiências associadas a Bassenthwaite e aos seus arredores continuassem comigo a atuar como espetador entusiasta à margem. Os mortos tinham regressado a três pessoas na estrada entre o Pheasant e o cais. Um quarto tivera uma experiência mística no mesmo lugar. Recusava-me a acreditar que um quinto se materializaria na mesma localidade para me permitir concluir a evidência com precisão e elegância. A vida simplesmente não funcionava assim.

No entanto, ir a Cumberland a meados de abril foi um ponto de viragem. Foi como se tivesse chegado subitamente ao cume de uma montanha sem saber da sua proximidade. É uma forma de viajar tão boa como qualquer outra. Toda a minha vida soube que procurar é perder e que nos esterilizamos pelos nossos desejos mais profundos.

Capítulo Dez

Concluíra, pelo que os revenants e outros disseram, que o objetivo da nossa visita a Cumberland era duplo. Em primeiro lugar, aprenderíamos mais sobre as afinidades entre as Igrejas Celta e Cátara. Em resumo, teríamos mais evidências de que a primeira era dualista. Em segundo lugar, veríamos uma pedra de forma e dimensão desconhecidas que resumiria para nós os fios persistentes tecidos nas nossas várias encarnações. Pouco considerei a possibilidade de outras revelações mais pungentes e pessoais.

Algo aconteceu na noite da nossa chegada. Fui com a minha mulher e Clare ao longo da estrada do Pheasant, onde Betty regressara a Jane e onde eu sentira, anos após a sua morte, a presença do meu pai. Virei-me subitamente e passei por uma abertura numa sebe que nunca vira antes. Conhecia aquela região há sessenta anos, mas, nos dias em que caminhava pelas fells *(colinas elevadas)*, aquela pequena colina junto ao lago era demasiado pouco dramática para atrair a minha atenção. Um caminho antigo e bem definido leva ao cume do outeiro. A colina está encerrada entre o lago e a estrada. O cume é plano e arredondado, rodeado por terraplenos.

Não direi que foi ali que as coisas começaram a acontecer, porque nessa altura a minha perceção de presenças individuais era modesta. Só posso dizer que entrei numa nova atmosfera. Respirava um ar mais agudo e rarefeito. O lugar estava violentamente vivo. A minha memória foi trespassada pela intensidade da vida que irradiava dele. Olhei através dos vidoeiros jovens em folha para o lago, Skiddaw e os fells verdes a norte. Tive a mesma sensação de vertigem e de ar vibrante que tivera em Rievaulx dez anos antes. Mais uma vez, a história revelava-se-me. Era como se um rolo iluminado se desenrolasse tão rapidamente que eu não conseguia ver os detalhes. Pertencia a Castle How como pertencia a Montségur.

Clare vagueou sozinha. Sabia, por uma espécie de iluminação crepuscular nos seus olhos, que ela percebia as coisas intensamente. «Sentes alguma coisa?», disse ela.

«O lugar inteiro está vivo.»

«E que alguém está aqui?»

Nos últimos dias parecia surpreendida por eu não ver ou sentir as coisas tão depressa como ela.

«Não. Só que o lugar está vivo e que o ar tem uma espécie de ritmo palpitante.»

Na manhã seguinte, Clare levantou-se cedo e foi dar um passeio antes do pequeno-almoço. Virou à esquerda à porta do Pheasant e caminhou afastando-se do cais. Subiu a estrada para Wythop que eu descera com a minha mãe há quase sessenta anos. A minha história começa comigo a caminhar com a minha mãe e fora do tempo na estrada para Bassenthwaite. Dá um enorme passo em frente com o mesmo tipo de experiência no mesmo lugar mais de meio século depois. É claro que a capacidade irradiadora de Castle How se estende para além da estrada entre a estalagem e o cais.

Cebin regressou a Clare na estrada para Wythop. Usava uma túnica muito mais escura do que o azul-real escuro do Perfeito cátaro. Disse a Clare para procurar a pedra mitraica.

Assumi imediatamente que era a pedra de que Braida e os outros haviam falado. Parecia natural que Graham juntasse as suas exortações às dos outros.

Fizemos a segunda visita a Castle How ao crepúsculo. Embora houvesse outros visitantes a subir o caminho, o lugar estava tão vivo como sempre. A sua atmosfera não era contaminada pela conversa dos visitantes e dos seus cães semi-humanizados e agitados. Esperámos até que se fossem embora. Fiquei sozinho no cume do outeiro. Clare movia-se inquieta ao longo da periferia. A minha mulher olhava para o lago de algum ponto da encosta. De repente, apercebi-me de que Clare regressara e me observava atentamente. «O que estás a olhar?», perguntei.

«Não sentes nada?»

«Como disse antes, o lugar está vivo.»

«Mas alguém atrás de ti?»

«Não. O que vês tu?»

«Pois, Betty. Tenho-a sentido o tempo todo, mas agora vejo-a. Tens a certeza de que não vês?»

«Não.»

«Vais ver», disse ela. «Eles disseram que vais ver.» Parecia muito desapontada.

Era apropriado que Betty se colocasse atrás de mim. A mãe dela fora a primeira do grupo a contar-me como os mortos regressavam na estrada para o cais. Jane dissera que Betty e eu tínhamos sido muito próximos e que ela confiara muito em mim no século XIII. Não me magoou não a ter visto. Senti que a visão direta me era negada por um propósito específico, que alguma outra mudança interior me era exigida antes de poder ver mais. Sabia também que não era necessário nenhum esforço especial da minha parte. Tudo o que precisava era esperar.

Nunca me perguntei porque Betty viria ter comigo a Castle How. Aceitava agora que vivera antes em Cumberland e que naquele momento estava no meu próprio território. Nunca me ocorreu que Betty também tivesse vivido ali. Se ela se colocava atrás de mim em Castle How era porque tínhamos sido tão importantes um para o outro na encarnação cátara e ela ainda tinha direito a assombrar-me.

A colina e o bosque de carvalhos eram mágicos, mas para mim não eram o principal objeto da minha visita. Era mais um exemplo de como, por objetivos demasiado concentrados, passamos despercebidos lugares

sagrados para nós. Desde a infância, Castle How me fora tão familiar como o meu próprio jardim. Era característico que eu não me apercebesse da sua santidade. A pedra de que Braida e os outros falavam ocupava o primeiro lugar nos meus pensamentos.

Pode parecer frio, mas para mim tudo era secundário à misteriosa pedra. Isso devia-se em parte ao enorme acumular de indicações e também à minha preferência por evidências concretas. A Sra. Dacre descrevera-a como estando perto de Lamplugh. Braida, que nesta vida nunca estivera em Cumberland, foi ainda mais específica. O que era exasperante era que ela mencionara o nome da localidade a Annette, que, na sua maneira pouco discriminadora, não o considerara especialmente importante. Ela esqueceu o nome. Quando repeti uma série de nomes, disse que Lorton era a aproximação mais próxima ao que a mãe dissera. Parecia que rimava com o nome do local da pedra.

Na primeira noite fomos a Isel, que era novamente um dos lugares para os quais fôramos dirigidos por agentes deste mundo e do próximo. O que procurava ali não era a Arca da Aliança, mas a pedra Triskelion, que aprendera ser de origem antiga e desconhecida. A pequena igreja de Isel estava fora do tempo e além da descrição. Os seus contornos eram modestos e o que lhe dava beleza era o dilúvio de narcisos selvagens que inundava o prado entre o cemitério e o rio. Para além do prado estava a rapidez e o silêncio do frio e rápido Derwent.

Como sabia que a pedra Triskelion estava na igreja, passei rapidamente pelo alpendre. Olhei para a esquerda ao chegar à porta. Na parede do alpendre havia uma pedra toscamente talhada com um padrão circular dentado. Tive a sensação de já a ter visto antes. Tê-la-ia encontrado no Languedoque ou numa fotografia? Não conseguia situá-la de todo. O que era estranho era que, no momento em que a vi pela primeira vez, senti uma estranha e leve punhalada no plexo solar. Não conseguia explicar. Os meus pensamentos vaguearam como magnetizados para o Languedoque. Não sabia, até meses depois, que ao olhar para aquela pedra estava a confundir as minhas encarnações.

A própria pedra Triskelion não provocou reação. A pedra vital não era fácil de descobrir. Não a encontrei em Lamplugh. Todas as pessoas que perguntei concordavam numa coisa: que um certo cavalheiro local certamente saberia. Tivemos um encontro encantador no decurso do qual a

mulher dele revelou que, pelo menos num aspeto particular, o pai lhe ensinara doutrinas dualistas. O nosso anfitrião pôs-nos no caminho.

Quando vi a pedra, soube sem dúvida que era aquela que procurávamos. Estava encastrada alto na parede de um celeiro num pátio de quinta. Notei que, assim que entrámos, os olhos de Clare se ergueram. Ela viu-a antes de mim e admitiu mais tarde que sempre a imaginara alta numa parede. A quinta dominava as frias águas setentrionais de Ennerdale. Era um longo caminho desde as terras altas acastanhadas e o calor esmagador do Lauragais até à sombra dos fells refletida na água.

Esta região de bosques varridos pelo vento, com anémonas brancas de cabeças curvadas, era outro mundo das linhas dentadas e tenazes da Corbières, com as jovens videiras a torcerem-se para a luz nos bolsos ensolarados entre as rochas. Quanto mais me aproximava das minhas origens celtas, mais me inclinava para a minha encarnação dominante no Languedoque.

Uma emanação mágica, estranhamente pessoal, de verdade jorrava da cruz encastrada na parede do longo celeiro, longo como um barco viquingue. Havia algum tráfego a descer a estrada sinuosa do país alto para a escura fenda de Ennerdale com as suas águas frescas e a sensação de estar no fim do mundo. No pátio da quinta que abrigava a cruz havia um silêncio subjacente à turbulência dos anos, aos ventos do mar e aos ventos terrestres dos fells. Havia a sensação de uma quietude que sustentava e sobrevivia aos caprichos da memória.

O que vimos a olho nu foi para mim um prodígio. Tornou-se ainda mais miraculoso quando, mais tarde, examinei a fotografia tirada precariamente de uma escada inclinada e vi, através de uma lupa, a história de séculos escrita nas fissuras e saliências desta pedra firme. Nos seus traços gerais, onde se encastrava na parede, era uma cruz celta. Mais abaixo, no fuste da cruz, encontravam-se vestígios de entrelaçados celtas. Dentro dos contornos da cruz havia um círculo com doze dentes. Apontavam para fora como se partissem de um círculo interior.

Este padrão de raios solares era um símbolo dualista e eu já o vira entre as relíquias cátaras no Languedoque. Curiosamente, esta parte da cruz era idêntica à que eu vira no alpendre de Isel. Havia o contorno nítido de uma rosa dentro do círculo cátaro. Desde os tempos do antigo Egito que a rosa tem sido o símbolo esotérico da verdade. Transmitiu a mesma mensagem a

diferentes gerações de dualistas. Era especialmente significativa para os rosacruzes, que utilizavam um alfabeto secreto de símbolos nas épocas em que o mundo era incapaz de tolerar a mera menção do dualismo.

Mais abaixo na pedra via-se um padrão claro de folhas. Destacava-se com mais ousadia do que as linhas e marcas à sua volta. Vi mais tarde que a folha era acompanhada por uma flor simples e estilizada, semelhante a uma tulipa. Clare reconheceu-a como idêntica aos padrões de folhas com que concluíra o seu mandala sob a direção de Guilhabert de Castres no século XIII.

Havia muito mais do que isso.

Senti desde o início que a cruz era extremamente antiga. A princípio pensei que tivesse sido esculpida na Idade Média. Isso devia-se, por um motivo ou outro, ao facto de a encarnação cátara estar a clamar por atenção. Brincava com a ideia de que teria sido trazida para Cumberland por algum dualista itinerante na Idade Média. Não me perguntei como ele a teria transportado. Mais tarde pareceu-me que a cruz era ainda mais antiga. O que mais sentia era um peculiar magnetismo íntimo que parecia emanar dela. Era quase como se tivesse uma mensagem pessoal para mim.

Além dos contornos que mencionei, o de uma pomba tornou-se discernível numa observação posterior e mais atenta da fotografia com lupa. Era indubitavelmente um símbolo cátaro. Recordava o dia, anos antes, em que, numa sala protegida do calor e do tráfego palpitante de Carcassona, segurei na mão um modelo de chumbo de uma pomba apanhado na terra recordante e reverberante do Ariège. Isso era suficientemente satisfatório. Havia símbolos da Igreja Celta e do catarismo unidos no mesmo memorial mudo mas eloquente. Isso bastava-me. Havia também a rosa que, além de ser um símbolo imemorial de iluminação, tendia especialmente a reaparecer como emblema dualista. Para mim, a pedra encaixava-se perfeitamente como parte de um padrão intricado e imenso. Era a tábua da lei para a qual os dedos de dois mundos tinham sido apontados.

Não me preocupei muito com o padrão simples de flor e folha porque se assemelhava ao desenho com que Clare concluíra o seu mandala no século XIII.* Descartei-o como mais um símbolo cátaro. A pedra resistira durante séculos ao vento e ao tempo desta fenda desolada num reduto setentrional. Na sua substância desafiara a erosão do tempo. Podia permitir-se guardar mais um segredo durante uma ou duas semanas. Bastava-me ter estabelecido que, no emaranhado de matagal dos séculos, a liana resistente do

cristianismo celta e de outras formas de dualismo permanecera entrelaçada uma na outra.

O que descrevi até agora são padrões geométricos encastrados na pedra. Pode reconhecer-se o círculo como círculo e a rosa como rosa. Outras formas tornam-se visíveis quando a fotografia é examinada com lupa. Não as discuto porque os seus contornos eram ténues e a sua natureza mais conjetural. Clare estava especialmente preocupada com o lírio ou tulipa simplificado e estilizado na base da cruz. Eu contentava-me com as suas ligações ao século XIII. Era claro que para Clare havia mais por vir.

Vimos a cruz no mesmo dia em que Graham aparecera na estrada para Wythop. Nessa noite voltou a Clare. Falou novamente da pedra mitraica. Achei esta exortação desconcertante. A pedra que eu vira em W——* era suficientemente antiga, mas não conseguia imaginar que fosse tão velha a ponto de ter servido ao culto de Mitra. Não dei muita atenção quando Clare falou da pedra mitraica. Acordei nessa manhã tão intensamente deprimido que as circunstâncias imediatas não tinham interesse para mim.

Clare não comentou o meu estado de espírito, mas perguntou se eu vira Betty na noite anterior. Pareceu espantada por eu não o ter feito. Disse que Betty estivera a falar comigo durante a noite e que eu acordara deprimido porque não conseguia lembrar o que ela dissera. Não dei muita atenção a isso. Não conseguia compreender a sua intensa preocupação com Betty. Tudo o que sabia era que se esperava que eu a visse e não o fizera. A pedra em W—— parecia muito mais importante.

Passámos a manhã a vaguear pelos lugares para os quais fôramos dirigidos por Braida e pelos outros. Era um dia ensolarado, o ar estava calmo e a terra despertava do torpor do inverno. Nas horas paradas e imóveis do início da tarde chegámos a Torpenhow. Não tinha a certeza se devíamos ir à igreja. Segundo a minha memória confusa, não era particularmente interessante. Entrei apenas por causa da minha mãe, cujos antepassados tinham vivido a poucas milhas dali. Clare e a minha mulher ocupavam-se a ler o folheto descritivo e a verificar os detalhes. Eu vagueava sem rumo. Estava naquele estado semi-embriagado provocado por um dia quente de primavera, quando se está impregnado da exalação da terra que desperta do sono e não se tem tempo para minudências. Clare chamou-me do coro. Acima da piscina havia uma pedra decorada com um círculo de raios projetados. Era obviamente um sol com radiações solares. O folheto dizia que esta pedra fora

retirada de um sítio romano nas proximidades. Tudo o que deduzi foi que Graham chamava a nossa atenção para um símbolo mitraico para nos recordar a idade e a indestrutibilidade do dualismo. Não via a ligação entre a pedra de Torpenhow e o eloquente símbolo que tínhamos visto em W——. Passaram vários meses até eu saber que esta preocupação com o culto de Mitra era bem fundamentada.

Nesse domingo em particular vimos quão justificada era a afirmação de Braida de que, pelo menos em Cumberland, a Igreja Celta se construíra sobre locais druidas ou, pelo menos, sobre aqueles que eles teriam favorecido. A igreja de Santa Bega ficava isolada junto ao lago, longe da aldeia de Bassenthwaite, e tinha também um ribeiro ao lado. O cemitério era circular. Quando a igreja foi construída, a terra adjacente estava coberta por uma floresta. Ao descer para a igreja há ainda hoje um bosque, predominantemente de carvalhos, com uma clareira circular rodeada de pedras. Foi-me difícil afastar-me daquela clareira silenciosa no centro do bosque. Falava-me mais claramente do que a própria igreja, mas a sua linguagem ainda era intraduzível.

O local da igreja de Santa Bega é daqueles que satisfariam não só o mais viciado adepto do crepúsculo celta, mas também todos os que são agudamente sensíveis ao pitoresco. Nessa manhã de domingo não consegui dar-lhe toda a minha atenção. Clare afastara-se sozinha. Estava a alguma distância da igreja, junto a uma pedra plana enterrada no chão. Tinha aquele olhar distante que dava um efeito de crepúsculo aos seus olhos luminosos e que eu já observara antes quando ela recebia presságios de desastre. Perguntei-me se algo ominoso estaria para vir. Não me ocorrera que ela pudesse estar igualmente a olhar para o passado trágico. Tudo o que me preocupava era que ela estava retraída e que, não sabendo que era observada, sorria tristemente.

Esse domingo foi um dia frutuoso. Vimos outras evidências de que os celtas construíram sobre locais druidas. A igreja de Uldale ficava a uma milha e meia do lugarejo sombrio e fustigado pelo vento, e o cemitério era um oval deformado. Talvez o que mais me fascinou tenha sido a descoberta, em três dos cemitérios, de manchas de uma planta rara que na minha infância chamávamos Easter Magiant. Suponho que esta é a aproximação mais próxima da grafia do que é obviamente um nome popular. A planta assemelha-se a uma pequena e delicada azeda com caules rosa-escuros. Creio que no sul de Inglaterra é conhecida como bloodroot *(Sanguinária*

canadensis) e que se trata de algum tipo de polygonum *(família do trigo-sarraceno).* É descrita nos manuais como rara e encontrada apenas em pastagens do norte. Fiquei fascinado por duas razões. Era um dos ingredientes do pudim de ervas que comíamos na Páscoa na infância e que nunca ouvira falar fora de Cumberland. Estava obviamente na tradição folclórica das medicinas de primavera. Fiquei ainda mais intrigado por tê-la encontrado porque lera recentemente, numa revista de Cumberland, como um velho agricultor insistira que esta erva crescia sempre melhor nos cemitérios. Pensei, com um realismo pouco apropriado, em toda a espécie de teorias para explicar como o Easter Magiant poderia florescer na lenta decomposição dos nossos restos mortais. Mais uma vez estava enganado. Viria a saber mais tarde que a razão por que esta planta florescia nos cemitérios era mais simples, mais agradável e mais absorvente do que as minhas reflexões fisiológicas excessivamente realistas.

Perguntara-me, ao ver Clare junto à pedra no cemitério de Santa Bega, se ela estaria a antecipar problemas no futuro. Eles chegaram nessa noite. Acordei nas pequenas horas da manhã com uma depressão agonizante e com a sensação de que ela estava a passar por alguma crise. Na manhã seguinte estava visivelmente abalada e exausta. Estava tão pálida, abatida e com os olhos tão sem luz que me perguntei se estaria em condições de fazer a viagem de regresso a Somerset. Pelo que disse, era óbvio que esta viagem a Cumberland estimulara memórias agudas e dolorosas. Estavam no processo de irromper para o nível consciente.

Durante a noite vira uma verdadeira multidão de rostos e figuras a passar por ela. Achava que os reconhecia, mas não conseguia atribuir-lhes nome nem período. Ao mesmo tempo sentia-se horrivelmente doente, com uma dor agonizante no peito. Sentia que de algum modo estava a ser arrastada para fora de si mesma para outro país. Sentia-se tão desesperada que desejava pedir-me ajuda. Não sendo feita desse modo, limitou-se a ansiar pela presença de Braida. Esta veio a seu tempo, acompanhada pelo Sr. Mills. Disseram-lhe que não devia tentar recordar a sua encarnação celta. Viria a ela no momento próprio. Negou-me ter feito algum esforço consciente de recordação. O pai disse-lhe que o seu nome na encarnação celta era Trubellia e o meu era Mercantius.

No regresso a Bath deixámos Clare em casa e tomámos uma refeição com ela. Mostrou-me um pequeno estojo de colheres de café que o pai lhe oferecera como presente de aniversário três anos antes de morrer. Estava

inscrito: «Com amor, para Bellia.» Nunca compreendera porque ele sempre a chamara por esse nome. Estava a tornar-se claro que o interesse do Sr. Mills por Bassenthwaite, manifestado pelas suas visitas constantes e pela exortação a Annette para que lá fosse na lua de mel, não era apenas bem fundamentado, mas de longa data.

No caminho para casa ponderei novamente sobre a data da cruz de W——. A princípio perguntei-me se algum refugiado errante da perseguição cátara teria encontrado o caminho até ao que para mim era sempre uma Ultima Thule. Teria inscrito as suas crenças na pedra como testemunho do passado e como desafio velado a este posto selvagem vigiado e protegido pelas águias altaneiras?

Era um pensamento estimulante imaginar algum ser solitário, a pele curtida, os olhos aguçados pelo sol e pela luz do Languedoque, a carregar a sua fé e a sua fidelidade para este ermo setentrional de fells nus e vales sufocados por árvores. Era estimulante, não inteiramente impossível, mas pouco provável. A cruz parecia mais antiga do que o século XIII, tão antiga, por exemplo, como as cruzes de Iona e outras relíquias da Igreja Celta. Mas como explicar os variados motivos entrelaçados na sua substância? Poderiam os símbolos que eu pensara serem cátaros ter sido também usados pela Igreja Celta?

De repente pensei nos lolardos. Não foi um lampejo puramente intuitivo, porque Raymond falara deles semanas antes e recordava como Clare estivera preocupada com eles. Quando registava as suas mensagens misteriosas nas vigílias noturnas e ouvia a voz durante o dia, houve um período de semanas em que um dos seus canais laterais mais subtis apontava na direção do lolardismo.

Os lolardos floresceram nos séculos XIII e XIV. Perguntei-me se a cruz poderia ser dessa data. Parecia muito mais antiga, mas hesitei em reivindicá-la como tal. Não me considerava uma autoridade nestes assuntos. Estava disposto a ler e a examinar o que me chegasse, mas não propunha embarcar num estudo intensivo do tema. A essa altura já conseguia apreciar os ritmos variáveis do sistema de vibrações psíquicas que me rodeava. Sabia que o ritmo se acelerara e que não teríamos de esperar muito até que outras vozes acrescentassem o seu testemunho.

Era estranho que eu, criado em Cumberland, caminhante incansável e interessado em história, tivesse sido tão indiferente ao meu património celta.

Quando rapaz nunca registara que as cruzes celtas eram tradicionais ali. Nesta visita vira em Crosthwaite uma vintena ou mais de cruzes de desenho celta datadas do início deste século. Isso pelo menos implica que a tradição celta ainda vive entre os pedreiros locais. Suponho que, na juventude, os meus olhos estavam voltados para as colinas distantes. Ainda não adquirira a acuidade de visão que me permitisse ver o que estava à minha própria porta. Este fim de semana foi para mim uma experiência transcendental. Fascina-me que a região em torno de Lamplugh, que me parecera sagrada na infância, fosse considerada lugar santo na época da Igreja Celta. O nome da aldeia transmite efetivamente que ali existia um local de culto. Que a pedra de W—— estivesse tão perto do meu local de nascimento era algo para além da crença.

- *A pedido do simpático e prestável agricultor que é dono do celeiro, não revelo o nome da aldeia.*

- *Ver We Are One Another.*

Quando mencionei isso a ela, recordou imediatamente que W. era o nome pelo qual Braida descrevera a cruz e que ela anteriormente esquecera. Era completamente incapaz de compreender as tensões, as suposições e os incómodos das falsas partidas que eu fizera ao perseguir esta pedra de um lado para o outro nas amplas redondezas de Lamplugh. Não perdeu tempo a discutir relíquias celtas. Estava mais preocupada com Clare. Insistiu que ela estivera doente e quis saber todos os detalhes. Contei-lhe o que sabia da experiência de Clare na noite anterior.

«Oh, há muito mais do que isso», disse ela. «Vi a mamã ontem à noite. Ela disse-me que Clare estivera realmente muito doente. Na verdade, tinha passado para o outro lado. Não consigo dizer-te exatamente o que ela disse porque não sei o que queria dizer, mas parece que a psique dela passou para o outro lado e ficou demasiado tempo fora do corpo. É psique o nome correto e isto faz sentido? Foi-lhe dada uma espécie de escolha, seguir em frente ou voltar. Ela não queria voltar, quero dizer, a este mundo, mas a mamã disse que voltou porque era necessário ajudar-te com a tua escrita. Isto não significa que precises de aulas de escrita, mas sem ela não obterias a informação de que precisas. De qualquer modo, agora está melhor. A mamã disse que a hora dela ainda não chegou e que tem muito para fazer.»

Fiquei aliviado com as últimas duas frases de Annette porque falhara na tentativa de convencer Clare a telefonar ao médico. Parecia-me que, embora os sintomas fossem psicologicamente induzidos, eram também, num grau significativo e grave, de natureza física. Como tal, estavam fora do meu domínio. Annette estava agora mais preocupada com o futuro de Clare. Disse que as experiências da noite anterior tinham sido um prelúdio necessário para ela aprender mais sobre a sua encarnação celta. O fluxo de rostos que vira durante a noite eram de pessoas que conhecera nessa época.

Três dias depois encontrei Clare. Braida voltara a visitá-la após um intervalo relativamente longo. Falou das cruzes que tínhamos visto em Cumberland. Disse que eram basicamente celtas, mas que as de Isel e W continham emblemas associados a outras formas de dualismo. Isso era sobretudo verdade da cruz em W.

Esta era, para nós, o símbolo mais importante que alguma vez provavelmente encontraríamos.

Quando disse que a pedra de W estava ligada aos lolardos, foi estranho como recebi esta informação com tanta naturalidade. Uns anos antes teria agarrado nela avidamente e explorado todas as possibilidades que daí advinham. Nestes dias recebia-a com tranquilidade. Estaria eu a tornar-me blasé? Seria apenas que o que outrora fora uma rara aventura se tornara agora algo comum? Seria porque, nestes dias, as peças do quebra-cabeças eram colocadas no lugar com tal rapidez e destreza? Todas estas explicações eram verdadeiras, mas insuficientes por si só. Há algum tempo que sabia que outro fator estava em ação.

Não me surpreendeu que Braida expressasse esta ideia sobre os lolardos porque estava convencido de que fora ela quem primeiro a colocara na minha cabeça. Sabia, pela minha experiência congestionada dos últimos três anos, que quando parecemos inspirados é apenas porque estamos a receber com mais liberdade. O que parecem ser os nossos melhores feitos não são nossos e não devemos tirar mérito por eles. São sussurros murmurados aos ouvidos da nossa psique por aqueles que nos amam, e o amor é um aspeto da sabedoria que é, por sua vez, o eco de uma longa memória.

Quando Annette telefonou a seguir, foi para dizer que levara a sério as minhas críticas brincalhonas à sua falta de memória. Estava menos

inclinada a misturar recordações de encarnações passadas com pormenores sobre culinária transatlântica e aquecimento central excessivo. Não tinha meios de regular o que lhe chegava do mundo do além. Fez um esforço determinado, mas não sustentado, para o transmitir em sequência adequada. Vira Guy na noite anterior. Ele disse-lhe que Clare e eu tínhamos visto uma cruz que era importante porque «continha um bocadinho de tudo». Confirmou as conclusões que eu fizera de forma tentativa, até tímida, porque nunca poderia considerar-me uma autoridade no assunto. Não sei se precisava de ser tão tímido. Apesar da falta de qualificações académicas, tinha acesso a fontes de informação não disponíveis aos eruditos.

Guy parece ter-se expresso de forma concisa. Estaria ele consciente do génio de Annette para parênteses efervescentes ou teria ela própria recordado que, para além das suas capacidades psíquicas, era uma secretária de primeira classe e, perante um assunto de negócios, conseguia exprimir-se com facilidade e precisão? De qualquer modo, disse de forma simples e clara que a cruz era celta, que o círculo e o fuste eram cátaros, que os entrelaçados eram celtas e representavam a imortalidade e que a rosa era o símbolo antiquíssimo da verdade.

Parecia, pelo que disse, que a rosa era, de origem, o mais antigo dos símbolos representados. Confirmou o que eu pensara, que os dez pontos à volta do disco eram cátaros, mas acrescentou, para minha surpresa, que também eram romanos e mitraicos. Representavam os raios do sol que simbolizavam o Deus da luz e da bondade.

Não consegui saborear plenamente o que Guy dissera por causa de outro item que Annette citou. A sua citação prosaica tirou-me o fôlego.

«Falou muito sobre uma flor e uma folha que tinham a ver com prisioneiros franceses nas guerras napoleónicas.»

Era o padrão simples de flor e folha que Clare reconhecera como parte da mandala que concluíra no século XIII. Mais significativamente, eu já sabia que era um símbolo associado à nossa vida na encarnação napoleónica porque, a essa altura, como veremos nos capítulos seguintes, muito me fora revelado por Marion e pela sua mãe. O que me deixava completamente perplexo era que as guerras napoleónicas eram séculos depois da data da cruz.

«Mas olha», disse eu. «Sei que a tua mãe implicou que todas as encarnações estavam representadas na pedra de W., mas certamente quis dizer todas as encarnações antes dos cátaros, ou, quanto a isso, antes dos lolardos?»

«O que Guy diz é sempre verdade.»

«Tenho a certeza de que sim», disse eu, «mas como explicas que algo sobre uma encarnação napoleónica esteja contido numa pedra com pelo menos seis séculos antes?»

«Não me perguntes, não sou inteligente. Vou perguntar ao Guy. Ele sabe.»

As minhas perguntas céticas não eram muito inteligentes. O que não via era que um símbolo medieval ainda podia estar em uso seiscentos anos depois. De qualquer modo, Annette não precisou de perguntar a Guy.

Uma semana depois tive uma chamada de Marion, ainda à espera nos bastidores para entrar em cena. Confirmou sem dúvida que este emblema fora usado pelos prisioneiros franceses em Portchester no início do século XIX. A mãe dela também confirmou a ligação com França. Deixarei as provas para quando contar a história de Marion. Entretanto, só posso repetir que a pedra de W continha símbolos de todas as minhas encarnações conhecidas.

Capítulo Doze

Não precisava de pensar nos lolardos porque era deliberadamente lembrado deles. Tive a habitual chamada rápida de confirmação de Kathleen na Suíça. Raymond visitara-a e dissera que a pedra fora colocada ali pelos lolardos. Não disse quando a obtiveram nem quem a fez. A essa altura já estava habituado a esta evidência confirmatória do outro lado. Era como se Raymond e Kathleen fossem uma sucursal de alguma bolsa cósmica operada por Braida e Annette no Canadá.

Durante todo este período não houve troca de cartas nem telefonemas entre Annette e Kathleen. Nunca se encontraram, exceto por algumas horas quando Annette se encontrou por um dia e uma noite na Suíça numa viagem de negócios.

A chamada telefónica da mãe de Marion, a Sra. Dacre, foi muito mais significativa. Não telefonou porque queria discutir pedras em Cumberland, mas porque sentia que eu estava preocupado. E estava, e ela sabia o motivo. A minha mulher, cuja doença está entrelaçada no padrão da minha história, sentia-se particularmente mal. O facto de os lolardos aparecerem apenas em segundo lugar na agenda tornava de algum modo a evidência mais convincente.

A Sra. Dacre perguntou se eu vira a pedra em W——. Disse que sim e que era uma das poucas coisas na minha vida que correspondera e superara as minhas expectativas. Já dissera antes que o marido ficara fascinado por ela. Agora contou-me que ele acreditava que estava de algum modo ligada aos lolardos. O que disse surpreendeu-me. Era como se um objeto que fora examinado a olho nu fosse agora colocado sob o microscópio.

A própria Sra. Dacre não tinha grande conhecimento sobre o lolardismo. Perguntou-me se o nome Wycliffe significava algo e se Oxford era o centro da heresia. É um facto histórico que, em certa altura, a vida religiosa de Oxford esteve virtualmente nas mãos dos lolardos. Creio que é a única vez na longa e variada história de Oxford que foi varrida por uma heresia religiosa. (Houve muitos equivalentes seculares.) Esta preocupação com Wycliffe e Oxford chegara recentemente à Sra. Dacre. Disse que, quando a heresia foi reprimida em Oxford, um dos mais ardentes apoiantes de Wycliffe partira para a Escócia. Parara nas redondezas de Carlisle e organizara o transporte da pedra para o seu local atual.

«Se conseguires encontrar o nome do homem que foi para Carlisle, estarás perto de completar a história da pedra.» Esta informação não fora adquirida pela Sra. Dacre por estudo. Não sei quanto derivava das intuições dela ou do marido.

Contou-me que o Sr. Dacre, que morreu alguns anos após a Segunda Guerra Mundial, dedicara o tempo que poupava dos negócios ao estudo dos memoriais da primitiva Igreja Celta. Não era de modo algum uma pessoa propensa a conjeturas. Teria pouco uso para grande parte da literatura especulativa dedicada hoje em dia à Igreja Celta e assuntos afins. Era um homem dado a palpites, mas, ao contrário da maioria deste tipo, nunca descansava até provar as suas intuições pelo exame de toda a

evidência documental e outra. Em círculos instruídos era reconhecido como uma autoridade, apesar de nunca ter escrito um artigo nem dado uma única palestra sobre o assunto. Era autorizado pelos eruditos e curadores de museus a examinar longamente os seus documentos e peças mais preciosos porque, em correspondência com eles, provara a imensidade do seu conhecimento. Estudara os fatores comuns aos desenhos do Livro de Kells, do Evangelho de Lindisfarne e do Livro de São Chad em Lichfield.

Classificara na mente e explicara à mulher os diferentes desenhos nas cruzes celtas. As que tinham origem em Inglaterra e Irlanda eram mais densamente entrelaçadas. Um padrão mais amplo era preferido no Continente. Esta última afirmação era particularmente fascinante para mim. O que o Sr. Dacre dissera era confirmado pelo que eu próprio vira na Croácia. Também lhe informara que a adição de animais aos desenhos indicava influências viquingues e, em geral, uma data posterior para as cruzes.

Fascinava-me que este empresário bem-sucedido, devotado ao círculo restrito da mulher e da única filha, fosse uma tal autoridade sobre a Igreja Celta. Estaria ele também guiado por uma insistente memória remota? O casamento com a Sra. Dacre, altamente psíquica e com indubitável memória remota, seria mais um exemplo das peças do quebra-cabeças a encaixarem? Havia também o facto, revelado mais tarde neste livro, de que a mulher dele, a filha Marion e eu tínhamos estado estreitamente associados numa encarnação passada sobretudo na primeira metade do século XIX.

Era surpreendente que mais tarde se tornasse claro que, nesta vida, eu estava relacionado com esta família e que ambos derivávamos do país sombrio e deserto, com lugarejos esguios e visibilidade penetrante, que começa a norte de Bassenthwaite e se estende por fells verdes e pastagens ondulantes até à cidade mercantil de Wigton?

O Sr. Dacre insistira sempre que o celeiro em W fora um lugar de reunião religiosa. A cruz fora inserida alto na parede para evitar a sua profanação. Clare tivera a mesma impressão logo que a viu. Em última análise, não se trata de o Sr. Dacre e ela terem chegado às mesmas conclusões em momentos diferentes. Nestes assuntos, ela e ele olhavam

na mesma direção a partir do nó central, sem vibrações, da experiência intemporal.

Capítulo Treze

Depois do nosso fim de semana a meio de abril até início de maio, as coisas começaram a mover-se firmemente na direção da encarnação celta. Muito disto foi conseguido pela intervenção de Guy, que falou muito dela nas suas visitas a Annette. Numa ocasião disse-lhe que os dois dias de depressão que eu sofrera recentemente se deviam a algo que acontecera na minha encarnação celta. Foi a primeira evidência que tive de que algo nessa encarnação ainda podia afetar alguém nesta vida. Noutra visita disse a Annette que ela também tivera uma encarnação celta. Perguntei-lhe como parecia, mas, antes de ela poder responder, disse:

«Para, eu digo-te. Tinhas cabelo ruivo e olhos verdes. Eram mesmo verdes, não avelã. Eram um tanto bruxescos. Tinhas a pele clara, mas não pastosa, que vai com esse tipo ou pelo menos com esse tipo como eu o vejo.»

«Como raio sabes isso? Foi exatamente assim que Guy me descreveu, mas na verdade já me via assim há algum tempo.»

«Comparada com a média daquela época, eras bastante alta.»

«Sim. Lembras-te do meu nome? É bastante bonito.»

«Aurelia», disse eu sem um momento de hesitação.

«Mas como sabes?»

«Para que interessa? Só posso dizer que tenho o nome e a descrição na mente há anos.»

As minhas memórias de Annette como Aurelia foram despertadas por uma visita a Sorrento e Roma há uma dúzia de anos. Ao descer uma estrada que mergulhava entre as rochas até ao mar de inverno, pensei numa rapariga chamada Aurelia. Tinha cabelo ruivo abundante e os olhos mais profundos do que o verde-mar. Estivera muitas vezes ao meu lado e durante meses. Descartei-a como uma espécie de companheira fantástica. Isso não bastou. No meu romance *The Gibbet and the Cross*, a heroína Andrée antecipava a vinda de Annette. Era uma curandeira, considerada bruxa, magoou o tornozelo esquerdo e foi alvo de uma turba. O romance

foi publicado em 1971. Em 1973 revelou-se que os itens acima mencionados eram verdadeiros relativamente a Annette na sua encarnação celta.

Nessa altura Guy, do mundo do além, deu a Annette uma massa de informação que ela só conseguiu transmitir em fragmentos. Era uma pena mil vezes que não fosse feita para manter um diário. Isso era demasiado esperar de alguém que mal escrevia uma carta pessoal. Naquele tempo temi, sem necessidade, que se tentasse convertê-la em escriba inibiria as suas experiências. Agora sei que isso seria impossível, mas certamente o esforço para o fazer lhe criaria um problema. Ela vivia duas vidas. Numa, as antenas da sua psique flutuavam sem inibições no meio palpitante do mundo do além. Na outra, era uma secretária altamente competente.

Sentia que se tentasse demasiado depressa fechar a lacuna entre o lado prático e o intuitivo da sua natureza poderia produzir sintomas obsessivos. É interessante que mais tarde tenha passado por tal fase.

Guy disse a Annette que a Igreja Celta se ocupava primordialmente da cura. Muitas vezes as ervas e poções eram distribuídas da própria igreja ou mesmo à sua saída. Os arredores imediatos da igreja eram frequentemente usados para o cultivo de ervas. Depois mencionou algo que, na sua intimidade e natureza quotidiana, reverberou em mim com mais força do que outras revelações mais dramáticas. Disse que entre as ervas usadas havia uma que se assemelhava a uma pequena azeda de folhas delicadas, com caules rosa conspícuos. Voltávamos ao Easter Magiant, que fazia parte da minha dieta regular de primavera quando rapaz.

Guy disse que era esmagada, cozida e transformada em poção. O que se seguiu foi mais interessante. Disse que urtigas jovens e folhas de espinheiro também eram usadas como ervas medicinais. Todas estas três plantas eram constituintes do pudim de ervas que nos davam em crianças. Não me recordo de que outros vegetais fossem incluídos. Parecia que o que era tradicional e fazia parte da minha vida de criança em Cumberland baseava-se nos princípios e práticas da terapia celta primitiva.

Clare estava marcada para ir de férias com uma amiga à Ilha de Man e ao norte de Inglaterra. Guy instruiu Annette sobre que cruzes Clare devia ver nas férias. Estava particularmente ansioso por que ela visse a cruz em Maughold na Ilha de Man. Disse que em Lindisfarne veria uma pedra de imensa importância para ela, mas que não perceberia todo o seu

significado. Guy, Braida e o pai de Clare disseram todos que ela não reagiria plenamente ao que visse nas férias porque estaria acompanhada por alguém que não estava na mesma sintonia. Assumi que esta seria a única explicação para o seu fracasso em compreender plenamente a pedra de Lindisfarne. Não sabia que muito dependia do que eu veria nas minhas próprias férias. A minha mulher e eu tínhamos combinado visitar a Jugoslávia. Ela sempre desejara visitar o Adriático. Eu queria ver o que pudesse dos túmulos bogomilos.* Guy disse-me através de Annette que devia visitar Trogir e Solano. Acrescentou que sem Clare eu não perceberia o significado de tudo o que visse.

Na verdade, fiz melhor do que esperava. Na Croácia e numa viagem à Bósnia vi algo semelhante ao que observara em Cumberland no mês anterior. Vi cruzes de braços iguais encerradas em círculos. Havia também numerosos padrões de estrelas igualmente encerradas. Algumas das estrelas irradiavam de um foco circular central e assemelhavam-se a margaridas. Vi entrelaçados muito semelhantes aos das cruzes celtas em Cumberland. Nalguns destes, os cabos entrelaçados eram largos e davam a impressão de estarem trançados. Uma característica marcante dos padrões jugoslavos era que muitas vezes os entrelaçados terminavam em espirais circulares.

Fiquei arrebatado pelas praças de Trogir que, mesmo assediadas por visitantes madrugadores, emanavam uma atmosfera de silêncio e recolhimento. Suponho que Guy me dirigira a este recanto esquisito porque estava associado à heresia dualista e se diz que foi um dos centros de onde o Languedoque foi missionado. Senti uma punhalada de recordação numa pequena igreja do século IX aninhada nas sombras de edifícios maiores e construída com colunas romanas pilhadas.

Acima do alpendre exterior havia desenhos simples encerrados em círculos semelhantes ao que vira em Cumberland. Parti de Trogir e do cemitério cristão do século IV em Solano com a sensação de que, devido à ausência de Clare, falhara em perceber muito do que teria achado esclarecedor. Se nessa altura fosse capaz de comunicação direta com os revenants teria aprendido mais, mas só em agosto desse mesmo ano alcancei uma competência modesta nestes assuntos.

Apesar das minhas limitações, ganhei muito com a visita à Jugoslávia. Era reconfortante saber que, enquanto na Dalmácia, vivera numa

atmosfera liberalmente carregada de dualismo. Ao penetrar na Bósnia estive tão perto do coração da heresia como estivera no Languedoque. A visão dos túmulos bogomilos de um branco calcário, eles próprios evocativos de ossos alvejados, era inesquecível. Jaziam sem cuidados, sem cercas e num pedaço de terreno baldio. Havia túmulos isolados do outro lado da estrada do espaço onde os monumentos estavam mais congestionados. Era evidente que em algum momento uma pista fora aberta através deles e a indiferença do homem se somara à erosão do tempo e aos rigores do tempo.

Um túmulo atingiu-me com um impacto quase físico. Numa das faces havia um crescente numa extremidade e, na outra, o padrão de uma estrela. Se a estrela estivesse em proximidade próxima do crescente, teria assumido que se tratava de um emblema turco. Senti imediatamente que era um padrão dualista. Foi realmente precipitado fazê-lo porque o desenho na extremidade esquerda era uma estrela. Só mais tarde aprendi que tais desenhos simbolizavam o sol e as suas radiações. Para mim, era imediatamente, e talvez ilogicamente, uma simbolização do sol e da lua, da luz e da escuridão, do bem e do mal. Só posso registar que falava comigo insistentemente com a eloquência silenciosa das pedras e cruzes que vira em Cumberland.

A minha próxima reação total foi a um padrão simples de linhas retas encimado por círculos toscos. Repetia-se em vários dos túmulos. Um mês antes vira-os num edifício que encontramos por acaso. Ao conduzir por uma estrada estreita em Cumberland, vimos por cima da sebe um pequeno edifício em ruínas, alto em proporção à sua largura, isolado num campo e distante da aldeia mais próxima. Quando entrámos, descobrimos que era a Velha Igreja de Ireby. Os desenhos numa das paredes exteriores eram os mesmos que vimos nos túmulos bogomilos.

Descrevi os dois itens que despertaram em mim uma pontada pessoal de recordação. Na verdade, o desenho mais dramático era o de um homem de braços abertos e vestindo uma espécie de saia. Repetia-se em mais do que um dos túmulos. Viras um memorial semelhante três anos antes na exposição jugoslava em Paris e também numa ilustração de livro.

Quando regressámos a Inglaterra, Clare trouxe-me os despojos da sua expedição à Ilha de Man e a Lindisfarne. Ficara encantada com as cruzes celtas e as vistas na ilha. Maughold falara-lhe especialmente.

Reuniu uma coleção abrangente de fotografias, postais e folhetos ilustrados. Não fiquei excessivamente excitado ao ver novamente os entrelaçados terminados em espirais concêntricas que me tinham impressionado na Jugoslávia. Talvez isso tivesse sido instrutivo para alguém mais erudito do que eu, mas motivos entrelaçados não são incomuns e não me entusiasmei excessivamente com eles. O que realmente me espantou foi encontrar repetido o homem vestido com saia que, devido ao seu gesto cru, de braços largos e acolhedor, pensara ser absolutamente característico dos bogomilos.

Ainda havia uma surpresa por vir. Clare ficara arrebatada pela atmosfera de Lindisfarne. Falou dela como falara de Montségur. Depois de ver o primeiro disse, e com verdade, que a vida nunca mais seria a mesma. Era claro que Lindisfarne tivera um efeito semelhante nela. Teria vivido ali algum tempo como vivera em Montségur? Com uma exceção, os detalhes e conteúdos de Lindisfarne tiveram pouco efeito nela. «Só uma coisa me impressionou», disse ela. «Havia um túmulo no museu com uma estrela e uma meia-lua.

Perguntei-me se significava alguma coisa.» Procurou entre a massa de material e produziu uma imagem que reproduzia, como no túmulo bósnio, o contorno de uma estrela e o crescente claramente separados um do outro. O folheto que acompanhava sugeria que representava o sol e a lua e fazia uma delicada comparação com a vida antes e depois da revelação cristã. Para mim era mais uma representação da luz e da escuridão que é a base do dualismo.

Nunca me apercebera de que um cemitério eslavo pudesse produzir símbolos dualistas semelhantes aos dos países celtas. Lera algures que o contacto entre as Igrejas Oriental e Celta fora muito mais próximo do que geralmente se imaginava. Nunca esperara ver a evidência com os meus próprios olhos. Quando Braida instruía Clare por mensagens escritas, desviara-se uma vez para os Balcãs. Entre os nomes que Clare encontrou escritos ao lado da cama estavam Solano e Trogarium.

Este último era o nome antigo de Trogir. Braida conseguira demonstrar que as raízes do dualismo eram não só profundas mas espalhadas. É difícil definir a emoção que senti quando soube que o que vira na Bósnia também se encontrava em Lindisfarne. Primeiro houve uma sensação geral de partilhar algo universal, antigo e indestrutível. Não

tinha pista alguma de que o que vira era um sinal mais específico para o meu próprio passado.

Depois do regresso de Clare da Ilha de Man e do meu da Jugoslávia, Annette esteve invulgarmente ativa. Vira Guy frequentemente durante a nossa ausência e desde o nosso regresso. Era como se ele tivesse seguido os nossos passos e verificado o nosso progresso e ela estivesse a relatar sobre isso. Dissera-lhe que muitos dos desenhos em forma de estrela que eu vira representavam o sol. A idade de uma proporção deles podia ser determinada pelo número de pontas nas estrelas. Alguns dos mais antigos, datados dos dias de culto puro ao sol, tinham número par.

Os símbolos mitraicos eram pares ou ímpares e atuavam como ponte entre os primeiros adoradores do sol e os dualistas posteriores que afetavam maioritariamente um número par de pontas. Disse que o significado dos desenhos nos túmulos de Solano e Lindisfarne era idêntico. Representavam o sol e a lua como a velha analogia para o bem e o mal. Disse também que ele e Clare tinham trabalhado juntos em Maughold. Jane Butler apareceu também das sombras para dizer que Clare fora sacerdotisa em Maughold.

Annette confirmou o que o Sr. Mills dissera anteriormente: que o nome de Clare na sua encarnação celta fora Trubellia e o meu Mercantius. Produziu também como item isolado que o nome de Graham fora Cornelius e que tinha a ver com o culto de Mitra. Naturalmente vi isto como outra memória da encarnação celta porque isso estava muito em evidência naquela altura. Assumi que Graham ainda era influenciado pelo culto de Mitra mesmo como membro da Igreja Celta. Na verdade, Annette cruzara as linhas e a minha própria interpretação estava errada. Estava a recuar para o passado ainda mais distante de Graham. Foi na sua encarnação romana, francamente mitraica, que Graham se chamara Cornelius. Na sua encarnação celta era conhecido como Davidius.

Capítulo Catorze

Esta história ficaria incompleta sem referência à saga patológica aterradora de Annette. Ela passou pelos portais da morte de um modo que nunca vi igualado. Começou nos primeiros meses de 1973. Estava a descer a rua na cidade canadiana onde trabalhava. Tropeçou numa saliência insignificante no passeio. Foi uma repetição do que lhe acontecera na Escócia no outono anterior. Nesta ocasião teve, também,

uma consequência igualmente desproporcionada a um acidente trivial. Sofreu uma fratura grave da tíbia. A fratura era baixa no lado esquerdo e a centímetros do ligamento rompido por que, na Escócia, fora envolvida em gesso e fornecida de muletas. O médico que a examinou e diagnosticou a fratura verificou que as extremidades do osso estavam desalinhadas. Tentou reajustá-las e verificou o que conseguira por raio-X. Disse-lhe que o deslocamento fora corrigido. Ela achara a manipulação excruciantemente dolorosa e ficara consideravelmente chocada com ela. Foi-lhe colocado um gesso temporário e muletas. Nessa noite Annette foi visitada por Clare e pela mãe dela.

A primeira colocou uma mão no local da fratura e outra no lado interno do joelho. Braida colocou uma mão sob o pé de Annette e envolveu o dedão do pé com a outra. Annette disse que não dormira e falara toda a noite com Clare e a mãe. Saber quanto tempo estivera acordada na presença de tais visitantes era uma nova experiência para ela. Durante a maioria dos seus episódios de consciência alterada não tinha noção de duração. Quando, nos primeiros dias da nossa amizade, falara comigo de Guilhabert de Castres, não sabia quanto tempo tínhamos falado nem sequer se o tínhamos feito.

Nesta ocasião Clare não tinha conhecimento de ter vivido uma experiência fora do corpo.

O médico viu Annette no dia seguinte. Removeu o gesso temporário e repetiu os raios-X. Ficou espantado com o resultado e notavelmente franco nas suas observações a Annette. Disse-lhe que no dia anterior não conseguira realinhar as extremidades do osso. Abandonara as tentativas porque considerava que ela já sofrera o suficiente. No entanto, descobriu que, durante a noite, os fragmentos separados pareciam ter deslizado para o lugar por sua própria vontade. Percebeu que isso era impossível. Notou também que o inchaço feio diminuíra num grau que nunca teria antecipado. Disse a Annette que havia algo milagroso em todo o processo.

O Dr. Paul era excecionalmente dotado. Percebeu imediatamente que a constituição de Annette era invulgar e que a sua resposta ao tratamento seria influenciada por isso. Pediu outro raio-X decorridos alguns dias. Isto não era procedimento ortodoxo, pois já estava satisfeito com o alinhamento perfeito das extremidades do osso. Ficou espantado

ao verificar que a formação de calo já começara. O processo de cura estava muito mais avançado do que seria de esperar. A sua reação foi dupla. Decidiu que Annette era alvo de influências curativas independentes dos procedimentos ortodoxos da medicina. Acreditava também que ela era uma potencial curandeira por direito próprio.

Era extraordinário que um jovem médico num país novo, pioneiro, positivamente materialista, e integrante do quadro de um hospital mundialmente famoso, tivesse deslizado imediatamente para fora das fronteiras da medicina ortodoxa ao avaliar a constituição de Annette. Que estivesse certo foi revelado por evidências especializadas. Braida apareceu a Clare e disse-lhe que o dever de Annette era ser curandeira, mas que antes de embarcar na sua carreira sofreria algumas tribulações inevitáveis. Por respeito pelos nossos sentimentos, não se alongou sobre a sua natureza.

Quando Annette partira para o Canadá no outono anterior, eu sentira uma sensação aguda de privação, porque sabia que tínhamos estado intimamente ligados numa encarnação anterior e porque me era privado vê-la nesta. Sempre pensara nela tal como fora na sua encarnação cátara. Agora perguntava-me se nos teríamos conhecido noutra vida ainda. Certamente parecíamos estar a aproximar-nos, pois ela telefonou-me a dizer que eu me materializara ao seu lado da cama enquanto Clare e Braida tratavam da sua perna. Desde a minha última aparição neste papel ela vira uma fotografia minha. Parecia que mudara pouco desde a minha encarnação cátara, exceto que estava barrigudo e o cabelo branco.

Durante uma das suas chamadas perguntei-lhe se achava que os dois acidentes no tornozelo esquerdo eram um eco de algo que acontecera numa encarnação anterior. «Oh, sim», respondeu ela, «lembro-me disso. Estava a correr colina abaixo a fugir de uma multidão. Prendi o pé numa grossa rama de silva ou de bryonia ou algo assim. Caí com estrondo e o tornozelo ficou muito danificado.»

«Porque a multidão?», perguntei.

«Pensavam que eu era bruxa.»

«Porque bruxa?»

«Porque estava sempre a fazer poções. Porque praticava cura.» Tudo estava a vir à superfície.

Por mais que parecêssemos à beira de uma nova iluminação, na realidade estávamos a entrar nas sombras. No fim de maio ela entrou numa fase de depressão claramente atribuível às suas memórias do massacre de Avignonet no mesmo mês de 1242. Os outros membros do grupo também foram agudamente afetados. Annette sofria da sua própria memória remota e também da depressão que captava do resto de nós. Recuperou no início de junho. Quando me telefonou de Londres a caminho da Alemanha estava alegre e loquaz. Eu também estava feliz porque havia a perspetiva de ela poder visitar Bath no regresso. Nessa fase voava para cima e para baixo pelo mundo com o patrão como sua secretária confidencial.

No dia seguinte acordei a meio da noite agudamente deprimido e com a sensação de que algum desastre era iminente. Voltei a adormecer. Quando acordei pela segunda vez não estava melhor. Ao descer para o pequeno-almoço senti nas narinas o odor doce e penetrante de choupo-bálsamo. Toda a atmosfera estava impregnada dele. O choupo-bálsamo era o odor pelo qual Braida se anunciava quando não tinha intenção de se materializar. Adotara esta estratégia para comunicar a sua presença a Clare quando esta estava rodeada de pessoas e Braida não queria revelar-se visualmente. Perguntei-me o que estaria para vir.

Três dias depois tivemos Clare para bebidas e jantar. Ela teve uma das suas ausências em que parecia olhar para a distância, mas em que, ao mesmo tempo, a luz parecia esvair-se dos seus olhos luminosos. Este é um fenómeno que à primeira vista poderia ser confundido com petit mal (epilepsia menor), mas que sei por experiência não ser uma interrupção da consciência, mas a sua direção para outro plano. Na manhã seguinte tive uma chamada de Annette em Bruxelas. O patrão levara-a no dia anterior ao campo de Waterloo, mas ela sentira-se tão mal que não descera do carro. Ao regressar a Bruxelas à noite desmaiou entre as 19h00 e as 19h30. Foi durante este período que Clare sofrera a sua «ausência».

Annette telefonou no dia seguinte para dizer que chegara a Londres a caminho de Nova Iorque. Agora sentia-se um pouco melhor, mas ainda indisposta. Disse-lhe que, se se sentisse mal, devia ficar onde estava. Sentia-se enjoada, exausta e geralmente doente. Vomitara mais do que uma vez, mas não tivera dor propriamente dita.

Perguntei-me do que poderia estar a sofrer. Imaginei que não estava habituada à comida rica e aos bons vinhos dos restaurantes exclusivos a que fora levada pelo patrão e que também estava exausta por demasiado voos de longa distância. Estes últimos podem ser tóxicos para os psíquicos. Deslocam a sequência temporal em pessoas já propensas a saltar de um século para outro.

No dia seguinte a minha mulher queixou-se de uma dor no abdómen. Isso vinha a formar-se há alguns dias, mas não fora intensa. Nesse dia piorou e ela parecia cinzenta e exausta por causa dela. Além disso tinha ondas de náusea em que mudava de cor e meio desmaiava. Tive os habituais pensamentos lúgubres que afligem os médicos hoje em dia quando as mulheres têm dores abdominais. O meu diagnóstico mais otimista era uma variedade de espasmo intestinal. Pensei também numa condição ginecológica. A dor era do lado direito. O abdómen estava distendido, especialmente desse lado, e perguntei-me se teria um quisto ovárico em rápida expansão. Fora-lhe removido o apêndice aos dezasseis anos.

Clare colocou uma mão na área dolorosa e a outra no ponto recomendado pelos cátaros na vizinhança do joelho direito. A mão no abdómen da minha mulher vibrava num grau quase audível. Perguntei-me se os processos curativos estavam a operar com intensidade crescente ou se isso indicava uma lesão de significado ominoso sob os seus dedos.

Ao regressar a casa Clare ouviu o telefone tocar ao subir as escadas. Correu para ele e recebeu um telegrama de Nova Iorque. Paul dizia que Annette tivera uma operação de emergência por apendicite. Não relacionei os sintomas da minha mulher com a condição de Annette. Não havia razão para o fazer porque a minha mulher não era membro do grupo e não era propensa a captar os sintomas de um dos seus membros. Além disso tivera o apêndice removido. Isso constituía algum impedimento a sentir dor no órgão afetado no caso de Annette.

Depressa se tornou claro que o telegrama que Clare recebera era apenas um relatório formal e responsável de uma emergência. Um pouco mais tarde tive uma chamada de Nova Iorque de alguém que nunca conhecera, mas que conhecia Annette e sabia que ela me telefonava frequentemente. Jesse disse que Annette estava desesperadamente doente. A apendicite fora apenas um título de cortesia para a sua

condição. Tivera um abcesso apendicular rompido que dera origem a uma peritonite grave e disseminada. Estava quase inconsciente. Era claro que não respondia aos antibióticos. Do ponto de vista clínico contemporâneo o prognóstico era negro. Agarrei-me à esperança de que alguém, neste mundo ou no próximo, interviesse em seu favor. Sabia que tinham capacidade para o fazer, mas estaria inexoravelmente traçado no padrão que os dias de Annette estavam contados? Continuei a trabalhar nas minhas tarefas diárias e saltava na pele quando o telefone tocava.

Sentia por Annette como se a conhecesse toda a minha vida. Não fazia diferença nunca a ter visto. Não ponderei de todo a ironia impiedosa da situação por que parecia que ia ser roubado de alguém próximo de mim há sete séculos e que parecia partir sem eu ter tido um momento de visão dela. Naqueles dias, que, ao recordá-los, parecem apenas meio reais, um sonho de pesadelo noutra vida, não tinha pensamento para nada senão para a situação de Annette e o seu isolamento noutro país.

Nessa noite Clare foi visitada por Graham. Disse que tudo estava a ser feito pelos médicos e que ele, Clare e eu também estivéramos com ela. Notei vagamente que este era o meu primeiro contacto com ele. Só me preocupava ter estado com Annette. Braida relatou a Clare que ela em breve estaria completamente inconsciente.

No dia seguinte houve outra chamada da rapariga em Nova Iorque que telefonara anteriormente. Annette entrara finalmente em coma. Por todos os padrões razoáveis o fim estava próximo.

Mais comentário sobre o caso foi oferecido pelo Sr. Mills. Visitou Clare e disse que Annette sofria desta doença porque «algo tinha de ser libertado nela». Era muitas vezes assim antes de uma nova revelação ou de um grande passo em frente. Annette tinha um papel importante a desempenhar nesta vida. O Sr. Mills repetia o que Braida e Raymond Agulher tinham dito quando nos contaram que alguém novo e muito mais jovem estava a ser acrescentado ao grupo. O Sr. Mills disse que Annette não poderia cumprir a sua função predestinada sem a iluminação e a nova perspetiva conferidas pela doença.

Não conseguia acreditar que nos teriam informado da importância de Annette para o grupo se tivesse sido ordenado que ela morresse. Clare também viu Braida. Esta disse que não voltaria a Clare por algum tempo

porque era necessário ficar com Annette, que se deterioraria ainda mais antes de melhorar.

Desde o início da doença de Annette outros membros do grupo que não a tinham conhecido captaram os sinais de SOS emanados dela. A mãe de Marion, a Sra. Dacre, destinada a nunca conhecer Annette, telefonou-me no dia em que foi operada para dizer que não conseguia tirar-me dos pensamentos e que sabia que eu estava muito preocupado com alguém.

O momento mais agonizante desta vigília a 3000 milhas de distância foi quando o Dr. Paul telefonou a Clare para dizer que Annette estava agora a entrar num coma ainda mais profundo. Não tinha parentes próximos no mundo. Desejava saber que disposições funerárias deveriam ser feitas. Ele próprio pensava que devia ser cremada e as cinzas enviadas para Inglaterra. Ouvir este tipo de mensagem pelo telefone transatlântico foi uma experiência esmagadora para Clare. É inútil imaginar os sentimentos do Dr. Paul, que a essa altura estava devotado a Annette.

Na noite seguinte Clare veio jantar. Perguntou-me se conseguia detetar um cheiro muito doce na sala. Disse que se assemelhava ao perfume de rosas, algo como Ena Harkness. Eu já o detetara por alguns minutos em intervalos. Ela percebia-o continuamente. Sabia agora que uma das entidades desencarnadas estava presente. Anunciavam-se por vezes pelo cheiro e particularmente quando não era oportuno materializarem-se visualmente. Clare disse que estava consciente de Graham, mas não o via. Talvez ele achasse que eu era demasiado pouco desenvolvido para beneficiar de o ver.

De repente Clare levantou-se do lugar, o rosto e os olhos radiantes, e disse: «Annette vai melhorar.» Insistiu em partir imediatamente depois. Sabia agora que estas partidas precipitadas significavam mais revelações. Chegou a tempo de uma chamada de Nova Iorque. O Dr. Paul disse que Annette saíra do coma, mas ainda não reconhecia ninguém. Disse que a mudança era milagrosa. Admitiu que quando telefonara anteriormente sobre as disposições funerárias ela era considerada como realmente a afundar-se.

No dia seguinte Graham apareceu a Clare. Confirmou que estivera connosco na noite anterior quando percebemos o cheiro de rosas. Disse que Annette estava a melhorar. Foi mais específico sobre o futuro dela do

que Braida e Raymond Agulher. Enfatizou que ela cumpriria o seu destino no papel de curandeira.

Falou também muito de carvalhos. Disse que o carvalho fora sempre o símbolo da luz e da bondade. Passou da discussão de carvalhos e bolotas para a encarnação celta. Disse que ele, Clare e eu tínhamos sido sacerdotes. Vivêramos durante o período em que a Igreja Celta se estava a romanizar e a encher-se de cerimónias. Nós três formávamos um grupo devotado numa predominante medida à cura. Éramos praticantes de uma velha tradição em virtude da qual funcionávamos mais como curandeiros e sábios do que como sacerdotes.

Quando entrámos no sacerdócio havia pouco em matéria de cerimónias e sacramentos. Os sermões não se centravam em assuntos éticos, mas destinavam-se a criar uma certa atmosfera e a encorajar uma atitude particular perante a vida. Preocupavam-se com a indivisibilidade da consciência e da vida comum que partilhávamos com animais e plantas. Tanto quanto possível, Clare, Graham e eu continuáramos as tradições. Dávamos palestras em vez de sermões e os nossos temas eram liberalmente salpicados com analogias da natureza.

Tive uma experiência inesquecível numa manhã de domingo nublada e torpe a meio de junho. Quando o telefone tocou houve uma longa demora depois de eu tirar o auscultador. Depois ouvi uma voz com sotaque americano que dizia suavemente mas com firmeza: «Agora só por um curto tempo.» Em seguida ouvi um sussurro rouco. Era como se uma voz fraca sussurrasse das profundezas de uma caverna que não devolvia eco. «Amor para ti e para a tia Mary», disse ela. «Estou cheia de soros e sei lá o quê. Espero vir ao Reino Unido em breve. Obrigada por tudo o que fizeste para me ajudar.»

Não consigo recordar o que disse a Annette. Toda a experiência era demasiado espantosa para descrição. Ocorreu menos de uma semana depois da discussão das disposições para o seu funeral. Era verdadeiramente como uma voz vinda do túmulo. Senti profundamente por ela apesar de toda a experiência ser onírica. Era espantoso para mim que os médicos permitissem que ela fizesse uma chamada telefónica quando ainda estava tão completamente esgotada de vitalidade. Tive pensamentos pouco amáveis sobre a medicina transatlântica e o esgotamento imposto aos pacientes pela nova iluminação. Nisto estava

inteiramente enganado. Toda a extensão da sua via dolorosa foi gerida não só com competência mas com uma perspicácia excecional pelos seus médicos. Perceberam imediatamente que ela não era uma rapariga comum. Era claro que desde o início o Dr. Paul compreendera que a sua relação comigo era invulgar e que eu não era nem um sátiro envelhecido nem um pai brando e suculento feito segundo a receita de Freud.

Na semana seguinte Annette telefonou duas ou três vezes. Foram chamadas curtas mas atuaram como linhas de vida. Não conseguia compreender porque, nesta terra de ninguém entre a vida e a morte, ela preferia telefonar-me a mim em vez de a Clare. Não fizera mistério da sua veneração por esta última. Era claro para o mundo inteiro que Clare significava mais para ela do que qualquer outra pessoa.

Voltava-se para mim porque tínhamos falado juntos sobre tantos assuntos em encarnações anteriores. Fora tão incorrigível tagarela nas suas vidas cátara e celta como era no século XX. Um dos médicos que mais tarde cuidaria dela disse-me que tinha a certeza de que, quando estava criticamente doente, preferia falar comigo do que com qualquer outra pessoa. Nesta fase da sua vida a influência do passado era mais forte do que a dos seus afetos no presente.

Enquanto Annette lutava gradual e dolorosamente para regressar à meia-vida imposta pela sua grande fraqueza, houve acontecimentos significativos noutras frentes. A dor da minha mulher no quadrante inferior direito do abdómen intensificou-se. Um consultor foi chamado a seu tempo. Tinha o maior respeito pela sua competência e humanidade. Considerava-o o mais competente e compreensivo da região. Depois de a examinar discutimos várias diagnósticos alternativos. Estes incluíam condições ginecológicas como quisto ovárico e aderências de uma operação de reparação feita à minha mulher muitos anos antes por prolapso uterino.

Considerou também a possibilidade de dor referida da vesícula biliar. A consideração destas alternativas era de esperar de um médico tão competente e consciencioso como o meu colega. O que me deixava perplexo era a sua preocupação com a cicatriz do apêndice. Assinalou que, embora a dor tendesse a variar de dia para dia na sua distribuição, era propensa a concentrar-se em torno do terço inferior desta cicatriz. Perguntou-se se haveria aderências na área do apêndice. Sugeriu tentativa

que ela poderia ter forçado estas aderências no decurso de jardinagem. Apesar da minha admiração por ele e gratidão — cuidara de mim admiravelmente quando estive gravemente doente — achei esta preocupação com o apêndice minuciosa e académica. Não via que, a algum nível de consciência, ele estava a ver mais claramente do que eu. A minha mulher foi devidamente radiografada. Todas as imagens revelaram apenas uma fuga parcial de uma válvula nos intestinos. Traduzi este achado como excluindo qualquer possibilidade de dor proveniente da cicatriz do apêndice. Seria provável que ela parecesse tão pálida e cansada e que sentisse subitamente enjoo e colapso por causa de uma lesão ligada a uma antiga cicatriz?

Do outro lado do Atlântico Guy aparecia regularmente a Annette. Por vezes vinha com a mãe dela e por vezes com Graham. Este último estava a entrar cada vez mais em cena. Não o via na altura porque a minha atenção se concentrava sobretudo nas revenants femininas. Estas reconheciam este traço distintivo no meu carácter. O facto puro e simples é que a Deusa Mãe significa mais para mim do que a divindade masculina. Embora eu próprio tenha um excesso de lógica masculina, prefiro ser guiado pela intuição feminina. Guy repetiu a Annette o que Graham dissera a Clare sobre a Igreja Celta. Achei Clare uma testemunha melhor. No que recebia dos revenants Annette faltava-lhe a capacidade de distinguir entre questões importantes e menores. Ou seria apenas que se habituara tanto a falar com Braida que considerava o que ouvia como de significado quotidiano?

Uma mensagem de Guy pareceu ter particular importância. Disse a Annette para me perguntar «se me lembrava do anel». Gastei muita energia a perguntar-me se se referia ao tipo de anel que usara na minha encarnação cátara. Annette telefonou novamente no dia seguinte. Guy voltara a visitá-la e repreendera-a pela sua descuido. O anel a que se referira era uma clareira circular numa floresta em que eu e outros praticáramos cura. Estava convencido de que era a clareira circular no bosque que eu vira quando visitara a igreja de Santa Bega em abril. Estávamos a dirigir-nos tão confiadamente como sempre na direção de Bassenthwaite. No decurso das duas semanas seguintes a questão seria resolvida sem dúvida.

Do outro lado da água as visitas de Graham tornaram-se mais frequentes. Dissera a Clare que pensava que, na encarnação celta, ela e eu

éramos de stock romano-britânico em vez de puramente celta. Sentia que éramos descendentes, não sei quantas gerações atrás, de soldados ou administradores romanos casados com a população original. Tanto Graham como Braida confirmaram que assim era. Este salto no escuro da minha parte não é necessariamente atribuível a dons intuitivos. Sabia bem a essa altura que o que julgara serem as minhas ideias mais brilhantes eram implantadas na minha mente por Braida em particular e, em ocasiões especiais, por Guilhabert de Castres. Graham confirmou também que os nomes celtas de Clare, dele próprio e meu eram Trubellia, Davidius e Mercantius respetivamente. Braida também fora sacerdotisa na encarnação celta. O seu nome era Eusebia. Era muito mais velha do que o resto de nós.

Graham ocupava-se principalmente em visitar Clare, mas nesta altura insistiu num contacto mais próximo comigo. Nessa altura Jane apareceu a Clare e disse-lhe que as visitas dos revenants eram determinadas em grande medida por qual encarnação estava a predominar. Um dia Clare visitou-me e deu-me tratamento para um ataque de bronquite. (Fora previsto por Braida que durante um ano ou mais eu estaria sujeito a esta condição quando estivesse deprimido.) Colocou uma mão no ápice de um pulmão. Segurou o meu polegar com a outra mão. Em ocasiões anteriores em que recebera tratamento sentira na pele a sensação de calor e formigueiro e vira e sentira os seus braços a vibrar.

Estes fenómenos eram quase sempre acompanhados por uma sensação de profundo relaxamento. Nesta ocasião, após dois minutos, senti-me invadido por uma força tão poderosa que mal conseguia suportá-la. Era como se tivesse sido colocado demasiado perto de uma bateria a emitir raios que eu não conseguia suportar. Ao mesmo tempo senti uma espécie de arco curvo de pressão na nuca. Isto foi acompanhado por uma sensação de calor mais profundo e penetrante. «Está mais alguém a dar-me tratamento?», perguntei.

«Sim, Graham. Onde sentes?»

«Na nuca.»

«Onde mais?», disse ela.

«A outra mão dele está na minha testa?»

«Sim.»

«Não sinto tão bem.»

Ela afastou-se. Mal me apercebi da perda do contacto com as suas mãos. O calor profundo e penetrante continuou na nuca. Senti a outra mão dele mais distintamente na testa. Depois senti um ardor súbito e uma pressão pesada no plexo solar. Disse: «Ele moveu outra vez a mão?»

«Sim. Onde?»

«Acima do plexo solar.»

Fiquei em silêncio por não sei quanto tempo. A pressão pesada e o calor profundo da sua mão estavam acima do meu coração. «Ele moveu-a sobre o meu coração?», disse eu.

Estava consciente quando Graham nos deixou. Já não havia a sensação de uma grande e palpável força a vibrar na sala. Era como se o vento tivesse caído.

A minha depressão desaparecera quando acordei na manhã seguinte. A minha tosse quase desaparecera. Quando Clare telefonou disse-me que Graham me visitara na noite anterior, mas que eu estivera inconsciente disso. Fizera esta visita extra porque era o aniversário de Waterloo — era um olhar de lado para a encarnação napoleónica — e também porque eu estava a reagir com depressão a algo trágico que acontecera na encarnação celta. Certamente as suas visitas dissiparam o meu cafard.

Depois disso fui visitado frequentemente por Graham. Tratou-me em várias ocasiões e eu estava sempre consciente do peso das suas mãos e do calor e força que delas emanavam. Aprendi com ele, por vezes diretamente, por vezes através de Clare, como a imposição das mãos variara nas encarnações celta e cátara. Na primeira os sacerdotes colocavam uma mão acima do local onde o processo da doença se manifestava e a outra num dos grandes plexos nervosos, o cervical no pescoço, o solar na boca do estômago e o lombar na parte inferior das costas. Isto interessou-me porque este método parecia de algum modo baseado na tradição hindu.

O sistema celta parecia à primeira vista diferir radicalmente do dos cátaros. Nestes últimos a mão não colocada sobre a área afetada era posicionada em certos pontos ósseos. Isto sempre me intrigou. Parecia

mais racional que a posição da mão fosse determinada pela proximidade aos sistemas nervoso ou circulatório que permeavam toda a substância do corpo, o primeiro pelos seus canais nervosos e o segundo pelos seus vasos e artérias. Depois vi que, na realidade, a técnica cátara era apenas um refinamento do sistema celta. Perto dos pontos ósseos selecionados todos os grandes nervos provenientes dos plexos chegavam mais perto da superfície. Era apenas uma questão do nível em que se captava a energia disponível do sistema nervoso.

Nessa altura havia dois temas que preocupavam Annette. Centravam-se em Loweswater e Bassenthwaite. Antes da nossa excursão a Cumberland em abril Braida indicara que Loweswater era muito importante para mim. Agora voltava ao tema e Guy secundava os seus esforços nas visitas a Annette. Esta recordava viver numa cabana e dormir numa cama de musgo e fetos. Recordava usar uma túnica simples e sem forma feita de algum tipo de saco. Disse que se assemelhava a serapilheira.

Era de cor castanho-esverdeada com um decote em U simples. Recordava como a achava desconfortável contra a pele. Estava constantemente ocupada a preparar poções. Preparava-as num caldeirão sobre um fogo perpétuo de turfa. Era curandeira e diferenciava-se dos seus colegas praticantes por preparar as poções frescas para cada paciente e não manter stocks. Colhia as ervas conforme necessário e fazia frequentes viagens ao lago para reabastecer o caldeirão com água.

Perguntei-lhe se o lago era Bassenthwaite. Disse que isso era impossível porque passara quinze dias na Pheasant Inn na lua de mel e o teria reconhecido imediatamente se aparecesse de novo numa visão.

Recordava uma mulher alta, pelo menos alta para aquela época, com cabelo preto até à cintura e um rosto muito enrugado. Na segunda aparição reconheceu esta mulher como a sua mãe. Esta gostava muito da filha mas não vivia com ela. Considerava-a desorganizada e desleixada e achava que não se alimentava devidamente. A mãe preparava comida para ela e levava-lha.

A mãe de Annette desaprovava a sua cura independente. A medicina era muito uma preocupação do sacerdócio, mas Annette não via as coisas da mesma maneira e praticava por conta própria. Detestava os novos rituais introduzidos na Igreja e estava muito contra as autoridades. A mãe

teria preferido uma filha mais complacente. Cuidava dela o melhor que podia mas não vivia com ela.

A cabana de Annette ficava num bosque onde um caminho dos fells descia até ao trilho junto ao lago. Havia outras habitações a cerca de uma milha de distância. Quando falou da cabana em que vivia senti-me certo de conhecer a sua localização. Já descrevi noutro lugar como, na minha infância, estava sempre obcecado pela casa junto ao lago em Loweswater e como, para mim, toda a minha vida antes de ir para Oxford podia ser simbolizada e condensada numa manhã de verão passada sentado no cais mais abaixo na estrada.

Foi no caminho que subia da estrada junto ao lago e passava pela casa que tive a minha experiência da força do mal. Num belo dia de verão, sem ameaça no ar e sem ondulação no lago, fui trespassado por pânico através do plexo solar. Corri de volta à estrada junto ao lago. Meio século depois o dono da casa disse-me que vinte anos antes um cavalo se descontrolara naquele ponto e matara o cavaleiro. Era fascinante que Annette tivesse vivido tão perto do lugar onde eu entrara em pânico na minha juventude. Ainda considerava o meu medo naquela ocasião como uma estocada da espada do Cosmos. Não sabia que estava pessoalmente envolvido, que estava a ouvir os ecos de um antigo desastre.

Em poucos dias Annette tinha recordado tudo. Estava a descer o caminho das colinas quando a multidão surgiu em direção a ela, vinda do meio dos fetos já ferrugentos de setembro. Correu para a sua cabana com a encosta à esquerda, alguns grupos de bétulas nas suas vertentes mais baixas. À direita ficava a floresta e, mais abaixo, o bosque e o lago ao fundo. Corria desesperadamente, mas ainda à frente do grupo, quando tropeçou numa haste grossa e torcida. Já tinha mencionado este incidente numa recordação anterior, mais fragmentária. Caiu de cabeça e sentiu uma dor excruciante no tornozelo esquerdo. Não conseguia levantar-se.

Eu tinha ido à cabana dela e encontrei-a ausente. Ouvi os latidos e o falatório da multidão e corri por entre as árvores até chegar ao caminho. Vi-a deitada na erva. Estava pálida de medo e os olhos ardiam-lhe. A multidão recuou quando me viu. Estava vestido com as minhas vestes de padre, roxas escuras, com capuz. Como padre, ainda que de uma variante que rapidamente ia caindo em descrédito, ainda exercia alguma autoridade sobre eles. Respeitavam-me pelos piores motivos possíveis,

como fornecedor de magia. Levantei Annette do chão. Ela só conseguia apoiar-se numa perna. Sustentei-lhe o lado ferido enquanto ela saltitava em direção à cabana. Quando entrámos, ouviram-se lá fora gritos e imprecações, depois um rumor audível de ódio e, por fim, o som de passos que se afastavam.

Falando com ela ao telefone para o Canadá, perguntei-lhe por que razão nos tinham deixado em paz dentro da cabana. «Estávamos seguros dentro de quatro paredes», disse ela. «Eles acreditavam que eu era uma bruxa e que, dentro da minha casa, podia lançar-lhes a "influência".»

«Por que pensavam que eras uma bruxa?»

«Porque eu andava a curar pessoas.»

«Julgava que a Igreja Celta se especializava precisamente na cura.»

«Pois especializava, mas não queriam ter nada a ver comigo. Eu estava sozinha. Tinham começado com muitos cerimoniais e sacramentos e eu não queria saber disso. Suponho que fui obstinada. Sabes que ainda sou.» (Tinha razão nisto. Havia alturas em que a sua devoção a alguma ideia fixa podia ser exasperante.) «Não gostavam da maneira como eu preparava as minhas poções frescas. Achavam que isso é que era mesmo bruxaria. Os outros davam-lhes os medicamentos como se fossem de stock. Claro que havia um padre em particular que os instigava. Tinha birra contigo. Para onde quer que fosses, ele seguia-te e dizia exatamente o oposto.»

«Era um sujeito pálido, com ar fanático e rosto triangular?»

«Sim. Também o viste?»

«Tinha um perfil afiado e desagradável, como o de uma ave de rapina, e uma cabeleira rija e muito preta?»

«Como é que sabias?»

«Há cerca de três anos escrevi à pressa uma história sobre uma mulher viciada no culto de Mitra e martirizada por uma multidão inflamada por um padre cristão. Era obviamente o mesmo sujeito que eu vi. Parece que confundi as encarnações. A minha história passava-se durante a decadência de Roma. Este tipo estava a atuar em Loweswater no século VII d.C.»

«Que engraçado. O Guy está sempre a dizer-me que o Graham teve contacto com o culto de Mitra.»

«Por que estás tão certa de que isto se passou em Loweswater?»

«Tenho-me visto muitas vezes a correr por aquele caminho e é sempre o mesmo: a encosta à esquerda, o bosque à direita, uma cabana no bosque, o caminho abaixo da casa e o lago junto ao caminho. Havia também uma pedra lisa na estrada onde eu costumava sentar-me a olhar para o lago. Foi o sítio onde o Guy e eu fizemos piquenique no dia em que fomos a Loweswater na nossa lua de mel.»

«Partiste mesmo o tornozelo em Loweswater?»

«Não me lembro. Sei que estava muito inchado, doloroso, horrível de ver e que eu não conseguia apoiar o pé. Tu foste terrivelmente habilidoso.»

«O que é que eu fiz?»

«Puseste as mãos em cima e ligaste-o com uma espécie de loção embebida num tipo de musgo.» (Devia ser o musgo-de-corno-de-cervo que tanto me fascinava em criança e que foi usado como penso absorvente para feridas até ao início da Primeira Guerra Mundial.)

«O teu pé esquerdo parece ser o teu ponto fraco. Nesta vida, em poucos meses, já estiveste duas vezes de muletas por causa do tornozelo.»

«Sou um bocado desajeitada. O tio Mills estava sempre a dizer-me para levantar os pés.»

Eu não sabia que ainda estávamos longe de acabar com o pé esquerdo de Annette.

«O que aconteceu depois de eu te ter ligado o tornozelo?»

«Foste buscar o Guy para me ver.»

«Ele vivia em Loweswater?»

«Não, perto de uma pequena colina junto a outro lago.»

«Devia ser Bassenthwaite.»

«Porquê?», perguntou ela.

«Porque não conseguimos escapar a Bassenthwaite. Tiveste de lá ir para a tua lua de mel. Saíste deste mundo na estrada junto ao lago. Tantas outras pessoas tiveram experiências estranhas no mesmo sítio.»

«Acho que a mãe acabará por dizer alguma coisa sobre isso mais cedo ou mais tarde.» (Nisto tinha toda a razão.) «De qualquer modo, fui-me embora contigo, o Guy e a Clare para um sítio numa colina. Havia uma espécie de edifício onde praticavam curas.»

«Não teremos de esperar muito para saber», disse eu.

Não tinha dúvidas de que, quando desci a correr aquele caminho numa tarde de verão, estava a reviver as experiências de Annette como fugitiva. Não só isso: quando fiquei na casa junto à água no início dos anos 70, fui acometido por uma sensação de horror iminente. Suponho que se poderia chamar uma depressão ansiosa, exceto que eu só a sentia quando estava dentro da casa ou nas suas imediações. Cessava imediatamente assim que saía da plantação moderna na estrada para Kirkstile. Nunca me afetava enquanto vagueava pelo campo durante o dia; só descia sobre mim como um cortinado sufocante quando regressava à casa ao entardecer. Este era um daqueles casos em que as reações emocionais são admissíveis como prova. As minhas reações de infância e adolescência a este lugar encaixavam perfeitamente na história de Annette.

Havia a casa, mais silenciosa do que nunca nos anos do início do século. Havia o cais onde eu me sentava em menino a ver as sombras dos pinheiros alongarem-se na água e o sonolento da tarde desdobrar-se como uma nuvem em redor dos ombros curvados de Melbreak. A poucos minutos do cais em decomposição e deserto ficava o caminho que descia entre as encostas verdes. Era estranho que eu, um explorador omnívoro, nunca tivesse percorrido aqueles poucos passos a subir a partir da estrada, exceto numa única ocasião em que o passado me atravessou como uma flecha. Era evidente que, na minha infância e início da adolescência, eu estava protegido para suportar a experiência.

Contei a Annette o que me tinha acontecido no final da adolescência.

«Não é estranho», disse ela, «mas que bom saber que já nos conhecíamos mesmo naquela altura.» Nesta fase tinha uma maneira infantil de personalizar tudo. Suponho que era em parte o efeito da sua condição gravemente debilitada. A vida dela naquela altura era vivida em

compartimentos. Por um lado, a monotonia quotidiana, espaçada e organizada de uma convalescença lenta; por outro, uma torrente de memórias que varria os canais do seu inconsciente. A barragem da sua inibição tinha finalmente cedido à força erosiva das suas várias doenças.

Annette interrompeu as suas recordações de Loweswater para perguntar pela minha mulher. Há algumas semanas que aguardava ansiosamente falar com ela. Era curioso o quanto se entusiasmava por falar com uma mulher com quarenta anos a mais do que ela e que nunca tinha conhecido. Referia-se a ela automaticamente e sem qualquer inibição como «tia Mary».

Disse a Annette que a minha mulher ainda sofria de dores no lado direito. «Ela tem isso por causa da minha apendicite e de todos os problemas que se seguiram.»

Eu não tinha a certeza de que Annette estivesse certa, porque ela e a minha mulher não tinham partilhado uma encarnação. Na minha experiência com este grupo, era este facto que, mais do que qualquer outro, determinava se as pessoas adquiriam os sintomas umas das outras.

«Achas mesmo isso?», perguntei.

«Sim, acho, mas ao princípio não pensava assim. Foi a mãe quem me disse que a tia Mary estava a sofrer por mim.»

«Se a Braida disse, deve estar certo.»

O que Annette tinha recordado através da sua própria memória remota de Loweswater e da sua partida ignominiosa desse lugar foi mais tarde confirmado por Braida e Guy. Clare também o ouviu de Braida e Graham. Aprendi bastante sobre como éramos naquela época. Annette, como Aurélia, com os seus olhos verde-escuros e o cabelo castanho-avermelhado iluminado por reflexos ruivos, era uma figura impressionante. Estava no início dos vinte anos. Era uma pessoa controversa e intransigente.

Em alguns aspetos, a semelhança com ela própria nesta encarnação é quase risível. Mostra em certas matérias uma obstinação inabalável, sem grande exibição de agressividade. É simplesmente que se atira à primeira cerca disponível — e muitas vezes à mais alta — e parece surpreendida quando cai. Em questões importantes para ela, diz a primeira coisa que lhe

vem à cabeça e o que diz é frequentemente ultrajante. Nestes momentos poderia ser considerada desprovida de tato, mas a pessoa verdadeiramente desajeitada é muitas vezes egocêntrica. Annette passou, como muitos, por uma fase egocêntrica após as suas doenças desastrosas, mas nenhum egocêntrico convicto conseguiria atrair o amor que ela desperta numa diversidade de criaturas. Um dos médicos que a acompanhou durante os cinco meses em que entrou e saiu de um dos grandes hospitais do Novo Mundo disse-me que, qualquer que fosse o estado de deterioração em que regressava como internada, o pessoal ficava ridiculamente feliz por voltar a vê-la.

Quando Annette nos conheceu pela primeira vez na encarnação celta, Clare e eu tínhamos pouco mais de trinta anos. Clare tinha os mesmos olhos luminosos de todas as suas encarnações, mas a cor era diferente: avelã em vez de azul. Segundo a descrição de Annette, eu era «de cabelo escuro, rosto algo rechonchudo e não muito alto». Graham era alto para a época. Tinha ombros largos mas era esguio. Era um homem bem-parecido, de cabelo escuro, olhos azuis e expressão sombria. Guy era mais baixo e loiro. Braida rondava os sessenta anos. Até então Betty ainda não tinha entrado na história.

Havia ainda mais indícios de que o caminho que descia em direção à estrada em Loweswater era de mau agouro para o nosso grupo. Annette recordou a sua experiência nele no meio do verão de 1973. No outono do mesmo ano, Clare forneceu provas igualmente variadas, mas mais desagradáveis. Braida tinha avisado Annette alguns dias antes de que Clare em breve teria uma experiência desagradável. Disse que esperava que ela não estivesse sozinha nessa ocasião. No dia anterior ao acontecimento, Braida apareceu a Clare e disse-lhe que devia certificar-se de me ver no dia seguinte. Estava a garantir que Clare não ficasse sozinha durante o seu suplício e também que houvesse uma testemunha.

Durante a visita de Clare, os seus olhos fecharam-se subitamente. A expressão tornou-se vazia e o tronco caiu para a frente. Deslizou do sofá para o chão, de rosto para baixo. Nos meus tempos mais novos teria dito que se tratava de um tipo de epilepsia menor em que há uma interrupção transitória da consciência. O doente nem sempre cai, mas por vezes cai; não há convulsões. A posição que Clare assumiu no chão era uma consequência natural da queda. Depois notei que as costas começaram a contrair-se. Não tinha medo de uma grande perturbação convulsiva. As

pernas e os braços não estavam rígidos e o corpo não estava geralmente espástico. Era apenas uma contração localizada dos músculos no centro das costas. Não considerei o tipo de epilepsia chamado mioclónico, que é acompanhado por contrações musculares isoladas, porque a posição desses movimentos não era característica. Pouco depois, cada tremor dos músculos dorsais era acompanhado por um movimento positivo de encolhimento das costas. Era como se ela se encolhesse perante uma saraivada de pancadas. A respiração acelerou-se e tornou-se pesada, e o rosto congestionou-se. Quando abriu os olhos, as pupilas estavam grandes e escuras.

«Há muitas pessoas horríveis a vir para cima de mim», gritou ela. «Estão a bater-me com paus.»

Apresentava, para todos os efeitos, a aparência de uma pessoa que emerge de uma perturbação epileptoide. Poderia ter-se dito, erradamente, que sofrera uma interrupção completa da consciência. O que ela tinha experimentado era a direção da consciência para outro plano, neste caso particular para outra era. Não era a primeira vez que a via, nem seria a última, naquele estado. Quando regressou à consciência quotidiana, contou-me a história. Estava a descer o caminho de Mosser entre as colinas em Loweswater.

Embora nunca tivesse subido aquele caminho, descreveu os arredores perfeitamente e com mais pormenor do que Annette. Na verdade, houve alguns detalhes da cena que me vieram diretamente, entre o ataque dela e a sua descrição. Vi que os fetos estavam a mudar de cor e que a estação era o início do outono. Também tinha chovido. Havia regatos de água nas margens do caminho.

Ao descer o caminho, Clare foi atacada por uma multidão que surgiu do bosque à direita e dos fetos espessos e arbustos na encosta à esquerda. Foi derrubada, pontapeada e espancada com paus. Quando se retiraram, os agressores atiraram-lhe pedras e deixaram-na como morta. Na verdade, sofrera um destino pior do que Annette e no mesmo lugar. Tinha pouco mais de trinta anos na altura e talvez não fosse tão ágil como Annette, não conseguindo assim escapar aos perseguidores.

Clare foi resgatada por Graham. Ele estivera a visitar Annette e sabia que Clare se dirigia para falar com as pessoas do vale. Levou-a ao colo até à cabana de Annette e, mais uma vez, as pessoas recuaram devido à sua

autoridade como padre. Não tinham consciência do grau em que Graham estava em conflito com as autoridades e caíra em desgraça junto delas. Também recuavam perante a ideia de entrar na cabana de Annette. Apanhá-la fora de casa era uma coisa. Entrar no círculo de uma magia negra concentrada era algo completamente diferente.

As circunstâncias que provocaram o ataque a Clare podem dividir-se em dois aspetos principais. O efeito da romanização da Igreja Celta foi reduzir a ênfase na cura. Anteriormente, esta tinha sido considerada de tal importância que Guy pudera dizer a Annette, numa das suas visitas ao Canadá, que Cristo era sobretudo um curador e desejara o anonimato que acompanha essa vocação. Os evangelistas usaram o seu poder de cura e o seu dom de emanação para facilitar a disseminação dos seus ensinamentos.

A viragem para Roma implicou uma intensificação dos sacramentos, do cerimonial e da prática litúrgica, em detrimento da cura e dos discursos simples baseados em analogias com a natureza. Foi mesmo sugerido pelo clero ultra-romanizado que a cura era uma forma de bruxaria. Desejavam denigrir tudo o que pudesse ser considerado oculto e que pudesse competir com a forte magia do Santo Sacramento, com a sua insistência na Transubstanciação e na entrega racionada do corpo e do sangue do Salvador.

Para os novos clérigos formados em Roma, a concessão da graça, transmitida pela magia dos sacramentos, era prerrogativa de eclesiásticos especialmente treinados para oferecer a salvação em doses graduadas. Isto era completamente diferente da conceção celta da cura como manifestação da força total do bem, disseminada liberalmente na natureza e atuando integralmente sobre os doentes e sofredores através de pessoas que funcionavam como instrumentos passivos por terem nascido com determinada constituição.

O clero romanizado também tendia a considerar a cura como bruxaria porque tantos dos que a praticavam eram mulheres. Em Cumberland havia tantas sacerdotisas como sacerdotes e, como veremos mais adiante, Betty era a líder autorizada na sua região. Na minha história registo três assaltos a mulheres curadoras por multidões inflamadas pelo sacerdócio. Nenhum padre masculino sofreu neste aspeto. Quando, mais

tarde, fui agredido por rufiões comuns na estrada para Lindisfarne, foram instigados pelo motivo relativamente inocente do saque.

A nossa posição neste estado de coisas flutuante era simples de definir, mas difícil de viver. Para Clare, Graham e para mim, a cura era a nossa principal função. Fazíamos um serviço de boca ao novo regime, mas estávamos separados dos seus principais praticantes, que iam tomando gradualmente e inexoravelmente conta de Cumberland. Estávamos em desgraça e, literalmente, não tínhamos futuro.

Guy era mais aceitável pelas autoridades porque não se interessava particularmente pela cura. (Durante as muitas visitas que fez a Annette após a sua morte no século XX, só consigo registar uma ocasião em que lhe deu cura, e mesmo assim numa das suas formas mais básicas, num momento em que ela estava agitada.) Era um grande consolo para nós que Betty, acima de tudo uma curadora, ainda ocupasse uma posição de autoridade.

Quando perguntei a Braida se, naquela altura, havia perseguição positiva, ela respondeu com muita firmeza: «Sim.» Esta era limitada sobretudo à expulsão fria e calculada de sacerdotes devotos da antiga tradição ou a excessos impulsivos cometidos pela plebe a instigação dos romanistas. Certamente não havia tortura reconhecida nem queima na fogueira. O nível de educação nas Idades das Trevas não permitia os refinamentos do potro e da fogueira que, séculos mais tarde, se tornariam componentes inevitáveis da teocracia internacional ditada a partir de Roma. A antiga fé estava em vias de extinção em Cumberland a meio do século VII e nós desaparecemos com ela. Bolsões isolados de resistência existiram até ao início do século VIII.

Clare tinha uma recordação clara das causas imediatas que precipitaram o ataque contra ela. Eu tinha feito recentemente algum tipo de oração na localidade. Ela não se recordava do tema. O que recordava era que, um ou dois dias depois de eu ter falado, o padre pálido, com tiques e rosto triangular, se dirigiu ao mesmo público no mesmo local e contradisse tudo o que eu dissera.

Depois de ter feito o seu discurso, ficou a rondar pelas redondezas. Clare também realizara a sua própria reunião. Falara da natureza do bem e do mal. O público fora condicionado pelo padre a interpretar mal o significado do que ela disse. Selou o seu destino ao falar também das

antigas divindades celtas. Disse que era triste que a Igreja tivesse dispensado esses intermediários naturais entre Deus e o homem. Disse também que havia hierarquias de diferentes ordens de desenvolvimento entre nós na Terra e um Deus que transcende o tempo e o espaço. O padre romanizado, quando não estava a espumar de indignação, descrevia esses antigos deuses e deusas como malignos e pagãos e, pior de tudo, como desprovidos de poder em comparação com o deus romano, com a sua magia sacramental acessível e potente e o supremo sacrifício de sangue do seu único filho.

Provavelmente, o principal motivo do padre para instigar o ataque a Clare era o seu ódio pelas mulheres e, acima de tudo, pelas mulheres enquanto sacerdotisas. Esta atitude ainda hoje persiste.

O caminho onde Annette e Clare foram atacadas vai de Mosser a Loweswater. Só vi uma vez a igreja no primeiro lugar. Foi há pelo menos cinquenta anos. Guardo dessa única visita uma recordação de grande santidade. Escrevi algures que talvez a igreja de Mosser fosse um foco de bondade que atraía a sombra do mal. Talvez estejamos perante um fator mais específico. Terá Clare pregado o seu sermão em Mosser?

No dia seguinte a esta experiência lacerante, Clare disse-me que Graham e eu a tínhamos visitado na noite anterior. O primeiro aparecera com as suas vestes roxas escuras de padre celta. Eu estava vestido com o azul real profundo da encarnação cátara. Graham dera a Clare a forma celta de cura, usando os grandes plexos nervosos. Eu coloquei uma mão em cada dedo grande do pé. Este tratamento foi utilizado porque ela se queixara de perda de força para mover as pernas após as pancadarias que sofrera. Na minha forma fora do corpo, falei-lhe das questões controversas que resultaram na sua provação na estrada de Mosser.

Disse que era uma grande pena termos abandonado a conceção celta de muitos deuses e que, para mim, a doutrina de que o monoteísmo representava um grande avanço espiritual era falaciosa. A ideia de um ser supremo era compreensível, mas precisávamos de outras entidades para estabelecer contacto com ele. Era interessante que, nesta vida, só recentemente tivesse alcançado aquilo em que acreditava na minha encarnação celta.

Annette telefonou no mesmo dia para transmitir uma mensagem de Braida. Esta dissera que a experiência de Clare na noite anterior não fora

uma memória remota comum, mas uma intensificação dela. Havia uma diferença entre recordar algo e revivê-lo. Seria necessário que Clare passasse por outras experiências semelhantes. Achei que era uma perspetiva macabra. Agora compreendia claramente por que razão, na Grécia antiga e noutros lugares, os oráculos e particularmente as profetisas eram considerados epiléticos.

Viras como o insight de Clare sobre o passado fora acompanhado por um estado alterado de consciência que, tanto para um médico como para um leigo, podia parecer uma perda total de consciência e ser legitimamente considerado epilético. Ouvi-a gritar. Certamente não era o guincho estridente do epilético induzido por espasmo da laringe, mas o quadro completo deu-me a compreensão de como, na antiguidade, a epilepsia veio a ser considerada a doença sagrada. Certamente porque muitos daqueles com visão do passado e do futuro se retiravam, por períodos variáveis, da consciência ordinária.

Após o ataque a Clare, fomos para Bassenthwaite. Não sabia se era apenas uma medida temporária, mas inclino-me a crer que, a partir dessa data, nos instalámos em Castle How e arredores de forma mais ou menos permanente. Certamente que este último local era o coração e o centro da Igreja Celta naquela zona de Cumberland. Antes de descrever a nossa vida em Castle How, é necessário regressar exclusivamente a Annette, porque foi através dos seus sofrimentos que aprendemos muito sobre a nossa vida em Bassenthwaite.

CAPÍTULO QUINZE

Depois de Annette regressar do túmulo na sequência da peritonite, passou por um longo período de convalescença flutuante. Era muito natural que estivesse extremamente fraca após a sua experiência e os médicos não se mostraram muito preocupados durante as primeiras duas semanas depois de ter sido ressuscitada do coma. Durante esse tempo, foi afetuosa, grata e notavelmente alegre. Mais tarde, foi forçada a admitir que não havia vida nela. À medida que as semanas passavam, tornava-se claro que continuava muito débil. Não conseguia caminhar cem passos sem ficar completamente exausta. Dois aspetos da sua condição eram preponderantes. Tinha uma anemia marcada. Isso era compreensível, dado que, enquanto esteve no hospital e durante e após a peritonite, a

sua ingestão de alimentos fora insignificante. Em segundo lugar, tinha tosse com expetoração e registava-se febre. Foi-lhe administrados antibióticos e a resposta foi lenta.

Era de partir o coração ouvi-la dizer que estava marcada para regressar ao bloco operatório para uma broncoscopia. Temia terrivelmente aquele procedimento desagradável. Telefonou, sóbria e calmamente, mas esperando desesperadamente receber de mim alguma injeção impalpável de coragem. Descobriu-se que tivera um embolismo pulmonar, muito provavelmente durante o período em que estivera em coma. Um embolismo pulmonar é a fixação de um coágulo, semelhante ao que provoca trombose coronária, na artéria pulmonar. Esta não é uma condição comum nas melhores circunstâncias e é bastante catastrófica numa jovem na casa dos vinte anos.

Como resultado do embolismo, descobriu-se que sofrera um colapso de um lobo pulmonar. Isso significava que esse lobo estava sem ar e fora de função. As autoridades médicas continuavam insatisfeitas. Era consolador que a atenção que recebia fosse incansável, humana e imensamente qualificada. Annette indicou que agora queriam «tirar um bocado do meu peito ou algo assim». O que contemplavam era enviar uma pequena secção do tecido pulmonar para exame microscópico e outros. O que claramente tinham em mente era a possibilidade de cancro.

Com uma parte do meu ser, não me preocupava com isso, mas houve momentos em que senti que o historial médico dela, sem mácula antes da morte do marido, se estava a tornar um pesadelo de patologia tal que tudo poderia acontecer-lhe. A biópsia foi realizada e revelou-se negativa para cancro.

Lenta e relutantemente, os sintomas torácicos recuaram. Era razoável antecipar que, a esta altura, ela tivesse virado a esquina. A operação de emergência para o apêndice roto fora em junho. Estávamos agora no final do verão. Continuava apática, fraca e incapaz de arrastar uma perna atrás da outra. A anemia persistia. Ao princípio, considerei que uma certa redução na contagem sanguínea era inevitável. O Dr. Paul começou a telefonar a Clare com detalhes da contagem sanguínea de Annette. Achei o seu relato arrepiante. Sessenta por cento indicava uma anemia conclusiva e debilitante. Ainda acreditava que isso poderia resultar da sua condição geral e, numa altura, perguntei-me se não estaria a ser

excessivamente investigada e disse a mim mesmo que seria melhor deixá-la recuperar ao seu próprio ritmo. Esta atitude, sustentada apenas brevemente, era completamente injustificada. A contagem desceu abaixo dos 60 % apesar do estímulo das transfusões de sangue. Quando se introduzem três pintas de sangue na circulação de uma pessoa sem uma melhoria significativa e sustentada da contagem sanguínea, está-se perante algo grave. No dia 1 de setembro, a contagem tinha caído para 48 %.

Nessa altura, Annette telefonou a dizer que a mãe lhe estava a dar tratamento regular, colocando a mão no lado esquerdo sobre as costelas inferiores. Braida continuava a fazer isso todas as noites. Era evidente que estava a tratar o baço. Foi isso, juntamente com os sintomas clínicos, que me permitiu confirmar o diagnóstico de anemia esplénica.

Era atroz e impensável que esta rapariga, que mal se aproximava do vigésimo oitavo aniversário, fosse afligida por tal condição. Os médicos hesitaram antes de fazer o diagnóstico. O ponto em questão era que o baço não parecia suficientemente aumentado para corresponder ao quadro clássico de anemia esplénica. Esta cautela era inteiramente positiva. Médicos que hesitam antes de se lançarem na cirurgia devem sempre ser encorajados. Esta geração sofre demasiado no corpo, no coração e na carteira devido a cirurgiões demasiado afeiçoados ao bisturi. Annette foi enviada para o campo, para ficar sentada nas margens arborizadas de um lago, na esperança de que alguma melhoria no estado geral elevasse a contagem sanguínea e evitasse a necessidade de uma operação.

Esta era, na melhor das hipóteses, uma esperança vã, mas absolutamente justificável e um tributo à inteligência dos médicos. É sempre bom saber quando um médico acredita que assegurar a harmonia do todo beneficia os sintomas individuais do doente. Deve também recordar-se que o Dr. Paul, tal como o cirurgião que operou Annette do abcesso apendicular, percebeu que havia algo de invulgar nela e que o seu regresso de um estado de coma profundo fora pelo menos quase milagroso. Estava perfeitamente convencido de que o Dr. Paul, pelo menos, tinha uma atitude semelhante à minha. Esperava que Annette própria conseguisse tirar algo do saco ou que outras forças, e particularmente Clare, intervissem em seu favor.

Chegamos assim aos primeiros dias de setembro com o moral de Annette notavelmente elevado e o seu prognóstico médico desastroso.

Nessa fase, eu já sabia, pelo que ela me contava durante as chamadas telefónicas, que estava a recordar as suas vidas passadas de forma vívida e abrangente. Braida e o Sr. Mills tinham dito que a função da sua primeira doença — a apendicite seguida de peritonite — fora libertar a recordação das suas encarnações anteriores. Agora, uma sucessão inteira de males o fazia com vingança. Nestes primeiros dias de um outono canadiano, ela recordava o Castelo de Portchester e a sua encarnação napoleónica.

Na segunda semana, já recordava Bassenthwaite. Talvez fosse estimulada pela proximidade da madeira e da água do lago. Um dia, estava sentada a olhar para o lago. Deu alguns passos e tropeçou numa pedra. Caiu sem grande violência sobre a terra não particularmente dura da floresta. Ao cair, bateu com a cabeça noutra pedra. Era o destino desta rapariga de músculos fortes e atlética sofrer danos desproporcionados de acidentes aparentemente triviais.

Antes de discutir mais as consequências desta queda em particular, devemos recordar que, ao longo de doze meses, ela estivera semanas de muletas e em gesso por rutura do ligamento lateral, e, na segunda ocasião, por fratura da tíbia, após quedas em Edimburgo e Toronto, respetivamente. Agora voltaria a ser relegada ao mesmo tratamento.

Desta vez, os danos que sofreu foram duplos. Tinha o pé esquerdo inchado, doloroso e muito pisado. (Era sempre o pé esquerdo que era afetado.) A radiografia revelou que fraturara um dos pequenos ossos chamados metatarsos. O que mais preocupava os cirurgiões era o inchaço e o horrível hematoma na têmpora esquerda. Tudo isto obrigou ao seu regresso ao hospital, um fim calamitoso para uma tentativa algo desesperada destinada a fazê-la sentir-se um pouco melhor.

Telefonou-me do hospital. Descreveu o que tinham encontrado no pé. «É doloroso, mas não é grande transtorno», disse. «O que não entendo é que continuam a perguntar-me se tenho dor de cabeça ou se me sinto tonta. Não tenho nada de dor de cabeça.»

«Devem ter alguma razão para perguntar.»

«Bem, sim. A minha testa desse lado está completamente negra e azul. É um aspeto terrível.»

«Fizeram radiografia à cabeça?»

«Sim, mas não encontram nada. Continuam a falar em concussão. Simplesmente não entendem que não me sinto em estado de concussão. Não posso sentir-me em estado de concussão só para lhes agradar. Estão muito mais interessados na minha cabeça do que no meu pé e, afinal, parti um osso ali.»

«Não sentes absolutamente nada na cabeça?»

«Nenhuma dor. Tudo o que tenho é a sensação de que distendi o pescoço lá em baixo no lado esquerdo, mas só dói se o mexer.»

Em Inglaterra, Clare andava às apalpadelas pelas suas horas de trabalho com uma enxaqueca excruciante do lado esquerdo, que começava na têmpora esquerda, o local do hematoma e da descoloração de Annette. A enxaqueca começara no dia anterior. Tinha também uma dor lá em baixo no lado esquerdo do pescoço. Descobri mais tarde que o início dos seus sintomas coincidira exatamente com o momento da queda de Annette.

Notei que o acidente de Annette ocorrera no aniversário, ou com um dia de diferença, da sua queda do ano anterior na Escócia. Não posso ser absolutamente preciso devido a uma ligeira confusão de datas no meu diário desse período. Isto, e outros assuntos, foram resolvidos de forma conclusiva no dia seguinte à chamada de Annette.

Estava sentado com Clare quando Braida apareceu. Há um mês que conseguia reconhecer a identidade dos revenants e interpretar a sua conversa quando Clare estava presente. Braida disse que a queda de Annette do dia anterior coincidia exatamente, ao dia, com outra queda na sua encarnação celta. Mais uma vez, Annette foi vítima de uma multidão. Desta vez, o tumulto ocorreu perto de Castle How, na terra plana onde a estrada faz a curva em direção a Armathwaite Hall.

Annette comportara-se com a mesma impetuosidade que mostrava na encarnação atual. Estivera a falar indiscretamente com os aldeões sobre as forças do bem e do mal. Era um assunto perigoso para ela discutir, devido à sua reputação de bruxa e praticante do mau-olhado.

Prosseguiu dizendo que o padre que inflamara a multidão contra ela em Loweswater era a encarnação do mal. A multidão fechou-se sobre ela. Fugiu em direção a Castle How. Foi apedrejada pelo caminho e atingida gravemente na têmpora esquerda. Esta ficou inchada, horrivelmente descolorada e também cortada. Recordava ter sido tratada com uma espécie de alga, uma erva verde-lívida que crescia na água estagnada entre os juncos. Os juncos e as segadas ainda são visíveis olhando para a frente e para a esquerda a partir do cais.

Era claro, como já acontecera em várias ocasiões recentes, que Clare tomara para si a dor de Annette. A vulnerabilidade do pé esquerdo desta última, e a capacidade de Clare para aceitar os sintomas daí decorrentes, continuavam a operar seis meses depois. Quando um dos médicos de Annette esteve em Inglaterra em março de 1974, mencionou-a durante uma chamada em que discutíamos a origem das doenças em encarnações anteriores. Disse que considerava as fraturas de Annette nesta vida como remontando aos seus feitos na encarnação celta.

Poucos minutos depois de desligar o telefone, recebi uma chamada de Annette. Disse que voltara a cair, que a perna estava inchada e descolorada, mas não dolorosa. Mais tarde nesse dia, mencionei-o a Clare. «Queres ver a minha?», disse ela. O tornozelo esquerdo estava descolorado e visivelmente inchado. Estava certa de que não caíra nem batera em nada.

Com esta queda na floresta no Canadá, Annette estava bem e verdadeiramente de volta a Bassenthwaite e à sua encarnação celta. Regressara ao seu habitat do século VII em parte graças aos sofrimentos que suportara. Como estes ainda não tinham terminado, é bom descrevê-los antes de registar mais sobre a nossa vida em Bassenthwaite. A esta altura, com a contagem sanguínea desesperadamente baixa e sem resposta sustentada a várias transfusões, os médicos de Annette consideravam seriamente a remoção do baço.

Parecia que tinham decidido muito depressa, mas agora é claro que só lho disseram no último momento para lhe poupar preocupações e diminuir a nossa ansiedade deste lado do Atlântico. O leitor ficará surpreendido com a consideração espantosa que alguns dos médicos canadianos responsáveis por Annette mostraram a Clare. Nenhum deles a

conhecera. Ao princípio consideravam-na a parente mais próxima da paciente. Mais tarde foram desiludidos dessa ideia.

Falei com Annette um dia a meio de outubro. Estava muito cansada e resignada à operação. Disse, sem autopiedade nem exibição emocional, que não lhe importava como corresse. Tinha pouco a perder ao deixar este mundo. No próximo estaria pelo menos em contacto mais permanente com Guy e a sua mãe.

Não era nada animador estar deste lado do Atlântico e contemplar a situação desta rapariga isolada dos amigos e num ambiente que, apesar da bondade que recebera, era estranho. Era um consolo que, nessa altura, Clare e eu recebêssemos muito conforto dos revenants. Quando Graham esteve presente numa noite, disse a Clare que já há algum tempo que ele não punha as mãos em mim nem reforçava os seus esforços quando ela me dava tratamento. Clare sorriu quando Graham disse: «Se ainda precisa de provas.» Estava a receber tratamento nesse momento para sinusite. As mãos de Clare estavam colocadas obliquamente sobre o meu crânio. Senti outra pressão profunda e quente acima da protuberância do lado esquerdo do occipício e na base do polegar esquerdo. O tratamento de Graham era novamente reconhecível pela pressão pesada das suas mãos.

No dia da operação de Annette fui dar um passeio no parque. Já ia bem entrado outubro e as folhas mudavam de cor. Era uma operação a meio da manhã no Canadá. Em Inglaterra esperámos numa tarde amena de final de tarde para ver se Annette viveria ou morreria.

Graham e o Sr. Mills estiveram connosco desde o início. Percebi que a sua função principal era confortar Clare. Betty chegou mais tarde. Estava igualmente preocupada em apoiar-me. Ficou à minha direita, a posição que adotava sempre, a menos que houvesse alguma razão específica que o impedisse.

As primeiras trocas foram banais e reconfortantes. Ter-lhes-ia tapado os ouvidos se não viessem dos revenants. Disseram que Annette sobreviveria e que, na verdade, sairia do hospital mais depressa do que imaginávamos. O que era significativo à luz deste livro é que insistiam que a devíamos levar o mais depressa possível a Bassenthwaite.

Subitamente senti-me inexplicavelmente tenso. Isto era significativo porque há algum tempo que não sentia qualquer carga na atmosfera

quando os revenants estavam presentes. Senti também que, de algum modo, estava a ser puxado para fora de mim. Já tivera esta experiência antes. Recordava particularmente a ocasião em que acordara do sono com a sensação de que a minha alma estava a ser arrastada do corpo. Essa sensação fora sentida acima do plexo solar. Deixara-me oco e vazio, com a sensação de que os intestinos estavam torcidos para impedir a fuga da alma do corpo.

Esta descrição é visivelmente grosseira, mas tento registá-la tal como foi. Nesta noite da operação de Annette, o local da perturbação era completamente diferente. Senti como se o que havia de vital em mim estivesse a ser puxado pelo topo da cabeça. Era uma experiência nova para mim e antecipei que se tratava de algo raro, sem ideia da sua natureza.

Perdi o significado do que os revenants diziam. Estava demasiado preocupado com o fenómeno em si. Estava demasiado fora de mim. Era como se a minha alma tivesse partido para se encontrar consigo própria. Clare interpretou para mim o que os revenants diziam. Annette estava connosco na sala. Viera com Braida. Esta estivera pouco connosco recentemente porque estivera a confortar Annette no Canadá.

Parecia que, em circunstâncias extremas, era possível a um ser humano invocar auxílio projetando-se a si próprio através do espaço numa experiência fora do corpo. Sabia bem que podemos abandonar os nossos corpos para confortar os aflitos, mas não fazia ideia de que eles pudessem vir até nós. Se não tivesse vivido o que aconteceu, teria dito que era impossível. O meu primeiro pensamento foi que não se podem induzir experiências fora do corpo por um ato de vontade.

Soube mais tarde que este alcance em minha direção não fora desejado por Annette. O que aprendi a seguir forneceu a explicação. Ouvimos de Graham que Braida viera com ela. Não se tratava de duas pessoas unidas numa experiência fora do corpo. Clare e eu tínhamos partilhado tais proezas. Braida já estava morta. No seu corpo astral, retirara o corpo etérico de Annette e trouxera-a até mim.

Comecei a compreender um pouco melhor por que razão Annette, mal consciente, pedira para falar comigo quando emergiu do coma após a peritonite e por que razão me desejava acima de todos os outros. Aceitei que fosse porque tínhamos estado próximos em várias encarnações.

Braida acrescentou agora que, para além destas considerações, havia outro vínculo entre nós. O nosso contacto mais profundo fora no século XIII, quando eu estava desesperadamente doente com tuberculose pulmonar. A situação era agora idêntica, embora os nossos papéis estivessem invertidos. Na minha encarnação cátara, ela fora uma jovem e eu um velho à beira da morte. Agora ela estava a meio da fronteira e eu estava sentado confortavelmente numa sala em Bath. As nossas idades eram praticamente as mesmas de quando faláramos juntos no século XIII.

Estava tão absorvido pela experiência extraordinária de Annette ser puxada até mim que não percebi todo o seu significado. Olhei para o rosto de Clare. Estava pálido e imóvel, os olhos focados algures para além da sala. Perguntei-lhe o que se passava. «As coisas não estão a correr bem», disse ela.

Nesse momento, estava com Clare na sala de operações. O coração de Annette parara de bater. Estava a ser massageado pelo cirurgião através do diafragma. Alguém lhe dava uma injeção. Parecia ser coramina. Não conseguia compreender isto porque a coramina já saíra de moda em Inglaterra como estimulante cardíaco. Não conseguia imaginar os canadianos como mais conservadores nestas matérias do que os ingleses.

O tempo suspendeu-se nessa tarde de outono na casa de Clare em Somerset. É inútil tentar descrever os momentos mais críticos da nossa história. Tudo o que posso dizer é que o que pareceu uma eternidade num plano foi registado como algo de curta duração noutro. Não fiquei o tempo todo na sala de operações. Quando Clare disse que a operação terminara, fiquei muito surpreendido por ter acabado tão depressa. O Dr. Paul telefonou-nos mais tarde. Annette estivera duas horas e um quarto na sala de operações.

Soube-se que, quando Annette foi levada da sala de operações, estava um pouco melhor, mas o pulso continuava fraco. Era óbvio que a sua condição permanecia crítica.

Betty estava mais próxima de mim do que nunca antes. O meu contacto com ela era quase físico. Sentou-se na cama e senti como se houvesse um frio entusiasmante à volta do meu corpo. Por vezes aderiu como uma bainha. Nessa altura, um filme suave e penugento parecia circular mesmo acima da minha pele. Senti um movimento leve, como de traça, na têmpora esquerda. Estava a beijar o lado da minha testa. Nesse

dia estava especialmente reconfortante. Assumi que fosse devido à provação que eu suportara ao estar presente, à minha maneira, na operação de Annette. Também eram dois anos exatos desde que ela fizera uma última visita a Bath, deixara um pequeno presente para mim e saíra da minha vida sem nos termos encontrado.

O cirurgião telefonou a Clare para dizer que a operação fora por um triz. O baço estava muito maior do que se estimara, mas o coração fora o principal problema. A tensão arterial de Annette estava muito baixa. Os próximos dias seriam críticos.

O Dr. Paul telefonou mais tarde e deu mais pormenores. O coração de Annette parara de bater e fora necessário massajá-lo através do diafragma e administrar-lhe uma injeção de coramina. A tensão arterial baixa continuava a preocupar. No dia seguinte, recebemos a visita de um médico amigo meu. Eu já lhe tinha descrito anteriormente o caso de Annette. Apesar de ser um consultor que pratica num templo da ortodoxia — está situado na Wimpole Street —, disse que o baço etérico era mais importante do que o seu correspondente físico. Braida partilhava esta opinião. Continuou a tratar Annette como fizera antes da operação e antes de os cirurgiões e médicos terem feito um diagnóstico positivo de anemia esplénica. Colocava uma mão sobre o baço agora ausente e outra numa posição prescrita pelos Cátaros.

Nessa noite, a minha mulher e eu fomos jantar com o referido consultor e a sua esposa. Mal nos sentámos, notei que o rosto da minha mulher estava cinzento e abatido, as faces escavadas. Parecia estar em grande sofrimento e visivelmente tóxica. Continuava a sofrer intermitentemente dos sintomas que tinha desde pouco antes de Annette sofrer a rutura do apêndice. Recentemente estivera um pouco melhor e eu esperava que o processo mórbido estivesse a diminuir. Melhorou um pouco quando a refeição terminou.

Quando regressámos a casa, recebi uma chamada do Dr. Paul a dizer que Annette tivera uma queda dramática. A sua condição era intensamente preocupante devido à tensão arterial assustadoramente baixa. Calculei que o colapso de Annette coincidira exatamente com o momento e a duração da aparência devastadora e tóxica da minha mulher em Bath. Este tipo de coisa continuaria até Annette recuperar. A minha mulher era um barómetro em que as flutuações da condição de Annette

eram registadas. Ao princípio sofria ataques de dor e depressão durante as recaídas de Annette. Mais tarde, à medida que esta se fortalecia, a minha mulher ficava mais livre de dor, mais alegre, mas excessivamente cansada. Os revenants diziam que, quando Annette estava agudamente doente, os sintomas da minha mulher seguiam o curso das suas piores fases. Quando Annette virava a esquina, no que dizia respeito à sua condição física, recorria ao que restava das forças da minha mulher e, por vezes, deixava-a completamente exausta.

Quatro dias após a operação, tive um ataque de esvaziamento rápido do estômago. Era uma velha aflição minha. Aprendera que era muitas vezes sinal de que alguém em dificuldades recorria a mim. Essa manhã foi um ataque bastante intenso, acompanhado de desmaios, tremores e outros sintomas que indicavam que o meu açúcar no sangue caíra. Fui obrigado a entrar num restaurante para tomar uma chávena de café indesejada como pretexto para me encher de açúcar. Recuperei depressa assim que o açúcar se difundiu pela corrente sanguínea.

Às 14 horas tive uma experiência mais alarmante. Diferiu do que sentira durante a operação de Annette no facto de não ter havido qualquer sensação prévia de tensão. Tive uma sensação de extrema pressão no vértice do crânio. A área de tensão contraiu-se. Tive a impressão de que uma porção restrita do meu couro cabeludo estava a ser puxada para cima como por um íman. Mais uma vez senti como se a minha psique estivesse a ser arrancada do corpo, mas desta vez através de uma espécie de tonsura de tensão. Ao mesmo tempo tinha uma dor de cabeça e uma dor na nuca. Perguntei-me se isto significaria alguma variação na condição de Annette.

Clare veio ver-me nessa noite. Braida e Graham apareceram quase imediatamente. Braida disse que Annette tivera um dia muito melhor. Isso devia-se ao facto de Clare e eu termos ido vê-la. Tínhamos visitado Annette exatamente no momento em que eu sentira aquelas sensações na cabeça. Clare também teve uma clara consciência de se ter desprendido de si própria e sentiu que empreendera alguma experiência fora do corpo.

Braida disse que o que eu acabara de sentir era diferente do que acontecera quando a condição de Annette fora crítica durante a operação. Nesta última ocasião, ela estava tão longe da fronteira que quase se

encontrava no seu corpo astral. Nesta ocasião posterior, ainda presa à carne, atraíra-me para si pela grandeza das suas necessidades. Foi o exercício da vontade de Annette que tornara esta experiência dolorosa para mim e resultara numa dor de cabeça — no meu caso, um sintoma pouco comum. O esvaziamento rápido do estômago que sofrera mais cedo nessa manhã fora apenas um sinal de que ela recorria às minhas reservas.

Annette telefonou-me menos de uma semana após a operação. A voz estava fraca, mas firme, e falava com maior precisão do que o habitual. Estava a poupar os seus recursos esgotados e a certificar-se de que transmitia os pontos mais essenciais. Disse que nos últimos dias Clare a visitara frequentemente e que sentia crescer em força a cada visita.

Soube pelo Dr. Paul que tanto ele como o cirurgião consideravam a sua recuperação milagrosa.

Houve vários alarmes no mês de outubro. Numa ocasião em que estava com Clare, ela deixou de falar e mudou de cor. Sabia que a sua mente vagueava, mas numa direção específica. Graham apareceu-nos e disse que Annette tivera um mau período nesse dia. Estes episódios repetiram-se. Clare continuou a sintonizar desesperadamente com as súbitas recaídas de Annette. O Dr. Paul relatou do Canadá que, nestes ataques, a tensão arterial dela caía para um grau alarmante e temia-se que estivesse a ter uma série de hemorragias internas.

Ao longo de vários dias, tive uma sucessão de chamadas dela. A sua maneira mudara tão completamente que fiquei perplexo. Estava demasiado espantado para pensar em termos de qualquer categoria psiquiátrica. Apenas me interroguei, em linguagem coloquial, o que lhe teria dado. Era hipercrítica com todas as pessoas que a tinham cuidado e com os médicos que, a meu ver, a haviam tratado com perícia consumada e consideração espantosa. Eram tolos e não sabiam o que faziam. Aqueles que mais haviam feito por ela eram descritos como incompetentes absolutos.

Estava certo de que isto era resultado de um esgotamento completo. Não estava a convalescer de uma única grande operação, mas de várias doenças perigosas e quase mortais que se haviam seguido umas às outras no espaço de quatro meses. Também não se podia dizer que tivesse

recuperado da esplenectomia. Parecia que a hemorragia interna era real. Parecia ser a gota de água que ela não conseguia suportar.

Encontrei Clare na manhã do Dia de Guy Fawkes. Parecia espantosamente deteriorada. Normalmente é uma pessoa que não mostra os seus stress internos na aparência exterior. Nesse dia o rosto estava pálido, os olhos baços e, o que era mais significativo, não ergueu qualquer fachada alegre quando lhe perguntei o que se passava. Passara uma noite horrível. Houvera outra crise e Annette tivera outra operação. Nesta fase dos acontecimentos, não lhe perguntei se ouvira isto de Braida ou de outros informantes. Nessa altura estava sintonizada quase sem interrupção com o que se passava no Canadá.

A própria Annette dissera quatro dias antes que Braida a informara de que Clare era capaz de ver o seu passado por pura memória remota, sem intervenção dos revenants. Era claro que agora era um holofote com feixes apontados em todas as direções. Passado, presente e futuro eram igualmente iluminados. Perfurava as nuvens do espaço.

Clare telefonou mais tarde a dizer que Annette fora levada ao bloco operatório após prova inequívoca de hemorragia interna. Estava a sangrar de uma pequena artéria cujo ponto foi cauterizado. Antes da operação estivera difícil e teimosa. Recusara ir ao bloco e só capitulara após toda a espécie de intercessões.

A partir de então a situação deteriorou-se. No dia seguinte à mais recente incursão ao bloco operatório, Annette anunciou que estaria de volta a Inglaterra em poucos dias. Isto teria implicado atravessar o Atlântico com os pontos ainda no lugar. Disse-lhe o mais gentilmente possível que isso era absurdo. Era completamente incorrigível. Disse que aqueles que a tinham a cargo eram incompetentes e tolos. Argumentei que era impossível que todos aqueles que ela tanto admirara se tivessem transformado da noite para o dia.

Tratou o meu raciocínio sóbrio como se fossem os delírios febris de uma criança doente. Lembrei-lhe o quanto o Dr. Paul fizera por ela. Descartou-o juntamente com os restantes. Era doloroso comparar este vulcão azedo com a rapariga que chorara ao despedir-se de mim antes de partir para o Canadá. Não podia culpá-la por isso. Não se tratava de eu ser um dos membros dessa espécie inexistente, o psiquiatra impassível. Parecia-me académico julgar a conduta ou classificar os sintomas de

alguém que sofrera mais do que se pode pedir a qualquer ser humano. Parecia-me que, no seu estado de excitação exagerada, ela era mais vulnerável à fadiga. Pensei que o acesso ao telefone devia ser-lhe restringido.

Voltei à ideia de que talvez aqueles que a tinham a cargo fossem um pouco demasiado do Novo Mundo e emancipados. As minhas opiniões foram transmitidas por Clare ao Dr. Paul. Este conferenciou com os colegas. Decidiram que, embora o que eu dissera fosse aceitável em princípio, sentiam que ela não devia ser cortada do contacto com os amigos em Inglaterra. Acima de tudo, devia ter livre acesso a mim. Fiquei espantado com o trabalho que deram e com as conclusões a que chegaram. Nos meus últimos anos de prática em Inglaterra, não encontrara muitas vezes tal consideração pessoal pelo doente por parte dos peritos. Ao mesmo tempo, Braida afirmou muito claramente a Clare que seria monstruoso excluir Annette do contacto comigo.

O próximo boletim sobre Annette veio diretamente de Braida e Graham. Apareceram imediatamente numa noite de novembro assim que Clare e eu nos sentámos juntos. Annette estava pior. Era negativista, recusava alimento e rejeitava os antigos amigos de uma maneira que não condizia com a sua natureza. Sabia que este negativismo e regressão não eram esquizoides. Era impossível que uma pessoa impetuosamente aberta como Annette pudesse estar tão retirada da realidade a ponto de merecer esse nome. Estava tão diferente do seu antigo eu que me perguntei se, no seu estado de depleção física, alguma entidade maligna a teria possuído. Braida leu-me imediatamente o pensamento e disse que não fora entrada por uma, mas por várias dessas entidades.

Dois dias depois, tocámos no fundo do poço.

Annette culpava tanto os vivos como os mortos pela sua situação. Clare era uma obtusa e chegou mesmo a rejeitar Braida. Falava com a sua própria voz, mas apenas uma fração encolhida de Annette se dirigia a mim. A experiência foi devastadora e desejei desprender-me dela, mas não conseguia escapar às lançadas de dor de alguém que sofrera, em tão pouco tempo, de um caleidoscópio tão berrante de horror. Braida dissera que era o seu destino curar. Parecia fazer parte da sua aprendizagem e compaixão que sofresse toda a variedade de agonia humana. Durante quase cinco meses vivera ininterruptamente nas mãos de cirurgiões e

médicos. Passara pelo pesadelo cinzento-negro com uma resiliência espantosa. Agora a sua mente rangia como as cordas esticadas de um instrumento sobrecarregado. Nesse dia ia ver um psiquiatra.

Quando a chamada do Canadá foi cortada, a minha cabeça girou num vasto mar escuro de alívio porque escapara à tensão gerada por ela. Depois fiquei perturbado porque pensei nela a olhar sozinha do vácuo higiénico do hospital através de três mil milhas marítimas e do oceano mais vasto dentro da sua mente. Então o telefone tocou de novo. Falou com o mesmo desprendimento abusivo. Depois, subitamente, chorou. O choro foi ao princípio quase silencioso. Um fio ténue de som foi seguido por uma suspensão da respiração em que se sentia abandonada e vagueando no vazio no fim do mundo. Depois o choro parou e o silêncio foi total. Estava preso por uma tensão que me estourava a cabeça e por um cordão apertado em torno do plexo solar. Depois o choro regressou e morreu num adeus estrangulado.

Perguntei-me o que, em nome de Deus, o psiquiatra faria dela. A perspetiva era aterradora. Via-a visitada por um freudiano de olhos de verruma, reprimido e agitado, que se apoderaria dos seus êxtases não sexuais com o marido e atribuiria tudo à repressão. Na sua condição atual, tal terapia poderia induzir a sua desintegração em mil fragmentos.

Braida disse que mais tarde Annette desceria a um vale de depressão. Temia que essa tendência fosse acentuada pelo tratamento.

Sabia perfeitamente que não valia a pena falar deste tipo de coisas à maioria dos médicos. Considerava que a possibilidade de haver no Canadá algum psiquiatra capaz de reconhecer as potencialidades psíquicas de Annette através da barreira dos seus sintomas era muito remota. Havia um raio de esperança. Fora o cirurgião que fizera a esplenectomia e a posterior cauterização do ponto de hemorragia que insistira que Annette visse um psiquiatra. Não tinha qualquer interesse pela psiquiatria nem especial apreço pela espécie, mas foi peculiarmente insistente em que ela não devia ser enviada a um freudiano. Nunca conhecera um cirurgião a impor a lei desta maneira.

Temia a reação de Annette à ideia de ver um psiquiatra. Quando falei com ela, a situação não era tão má como receara. Estava hipomaníaca nessa manhã e num humor exaltado e furioso. «Acham que estou louca. Pois que pensem.» Depois descarregou uma rajada de abusos imerecidos

sobre o seu círculo de amigos. Annette estava no estado de espírito em que se via como uma ilha de lucidez num mundo louco. Depois, subitamente, desmoronou-se.

«Algo entra em mim e diz coisas por mim. Não sou eu. O que poderá ser?»

Não tinha a mínima intenção de discutir o que entrara nela pelo telefone transatlântico. Tinha as minhas próprias ideias sobre o assunto. Precisava de estar perto dela para a gerir de acordo com as suas reações minuto a minuto. Perguntava-me se o psiquiatra seria um mercador de comprimidos e tratamentos elétricos ou um behaviorista mecanizado.

Ela telefonou depois da primeira visita dele. Fiz-lhe uma série de perguntas emolientes e semi-imbecis. «Foi simpático? Ajudou-te?» Pensei que, como a classe médica estava em descrédito junto dela, era melhor desprender-me o mais possível da minha pele profissional. Annette respondeu às minhas perguntas com uma ironia cintilante.

«Era tão estúpido que, quando eu disse que ele me ajudara, acreditou mesmo.» Até aqui, tudo mal, pensei.

Quaisquer que fossem as qualidades do psiquiatra, não podia deixar de ter pena dele. Que Annette não o quisesse era o menor dos seus problemas. De repente confrontara-se com um fenómeno invulgar. Annette telefonou-me por volta do meio-dia. Estava num estado de exaltação, rindo-se ruidosamente da estupidez do mundo, regozijando-se com a sua própria perspicácia deslumbrante e concedendo-me um lugar ao seu lado no pico elevado da sua exuberante irracionalidade. No início da tarde telefonou-me novamente.

Em três horas desmoronara num estado de depressão abjeta, com intensa autoacusação. Era má e indigna. Tinha magoado os amigos. Implorei-lhe que não se culpasse. Insisti que a sua autoacusação era infundada e um sintoma pior do que a própria depressão. Temia que pudesse ser suicida. Sabia que a minha tranquilização de pouco valia e que, nas profundezas da depressão, os doentes são impermeáveis à razão. Precisam de uma presença ao lado para partilhar a dor. Eu estava a quatro mil milhas de distância. Devia saber, a esta altura, que onde há fusão de psiques uma pessoa está sempre presente. Mais tarde viria a saber por Annette que, nessa altura, eu a visitava frequentemente e que

encontrava consolo nas minhas visitas. É estranho que, viajando nas nossas psiques, possamos trazer consolo aos outros quando, nas nossas próprias personalidades, estamos distraídos pelos nossos receios por eles.

Graham e o Sr. Mills foram um imenso consolo. Visitavam-nos regularmente e diziam-nos que Annette não sofreria mal algum. A própria Braida nos dizia o mesmo nas suas visitas pouco frequentes. Nessa altura estava quase sempre com Annette no Canadá.

A primeira pista de que algo estava a acontecer foi quando o psiquiatra, a quem chamarei Dr. Charles, telefonou a Clare para dizer que ficara muito assustado com a súbita queda de Annette da exaltação para a depressão, mas que sentia que esta última não duraria muito. Era estranho que se tivesse dado ao trabalho de telefonar a Clare, a quem Annette descrevia como sua tia. Certamente o Dr. Paul o encorajara a fazê-lo. Era, no entanto, notável que dois homens ocupados se preocupassem em estabelecer e manter contacto com alguém que vivia noutro país e que tinham sabido não ser parente de Annette. Disse-lhe que não acreditava que se tratasse de uma condição maníaco-depressiva comum. Desaprovava qualquer tendência para lhe dar um nome. Disse que acreditava que Annette estava exausta e que, no seu estado de depleção, atuara como um íman atraindo para si entidades malignas.

Fiquei atónito que um psiquiatra ortodoxo e distinto de um dos grandes hospitais do Novo Mundo se comprometesse a este ponto com uma mulher que nunca conhecera. Quando falou a Clare sobre a natureza e as implicações da condição de Annette, ela notou não só que as suas opiniões eram idênticas às minhas, mas que as próprias palavras em que eram expressas eram a minha fraseologia.

Esta identidade de opiniões nas grandes questões era já notável, mas o que era ainda mais espantoso era a semelhança de temas e da sua expressão em pormenores altamente específicos. Um dia de novembro, Braida falou-me das cores do outono, que nesse ano eram magníficas e notavelmente persistentes. Disse que havia certas pedras preciosas que reproduziam a emanação dessas cores e que deviam ser usadas por algumas pessoas nesta estação. Âmbar, cornalina e ágata musgosa eram benéficas porque produziam no final do outono a cor do sol a meio do verão. No dia seguinte, Kathleen telefonou da Suíça. Tinha ouvido a mesma homilia de Raymond Agulher.

Não fiquei excessivamente surpreendido. Acostumara-me às provas confirmatórias de Raymond. O que me deixou sem fôlego foi quando Annette, agora muito satisfeita com o seu psiquiatra, me disse que ele falava com ela sobre tudo sob o sol e muito pouco sobre si próprio e que nesse dia o tema fora as cores do outono. Dissera-lhe que estas se reproduziam em certas pedras e se ela pensara em usar ágatas musgosas, cornalinas ou âmbar.

É desnecessário entrar em pormenores sobre as conversas entre Annette e o seu médico. Nessa altura, em Inglaterra, Graham em particular, e em menor grau Braida e Betty, falavam muito sobre tato e cor. Não se tratava apenas de uma discussão psicológica sobre a relação entre diferentes sentidos. O Dr. Charles falava de como o tato podia ser uma experiência transfiguradora e de como podia evocar a perceção de cores particulares. Era óbvio que estava a colocar em termos simples para Annette aquilo que Graham me expressava com tanto detalhe que, por vezes, eu achava difícil acompanhar.

Parecia-me que o Dr. Charles fora dirigido a Annette. Mas isto explicaria a sua extraordinária escolha de temas quando discutia estas coisas com ela? Em quarenta anos de psiquiatria nunca descobrira um médico que discutisse com os seus doentes, para evidente benefício destes, as virtudes do topázio ou da cornalina.

Perguntei-me se ele estaria a captar algo de mim por telepatia. Esta desempenha inevitavelmente um papel entre os psíquicos, mas aqui não era uma característica essencial da história. Toda a operação era dirigida por Braida. O que me pareceu uma das suas manifestações mais notáveis foi que o cirurgião tivesse sido tão insistente em que Annette não fosse enviada a um freudiano. Braida admitiu que fora ela própria a transmitir essa ideia. Também dirigira o Dr. Charles a falar de joias e cores do outono. Há alguns anos que ele pensava na possessão como explicação de certas condições psiquiátricas. Ela canalizara os seus pensamentos de modo que ele detetasse imediatamente este fator no caso de Annette.

As orientações dadas ao Dr. Charles e a outros no Canadá não foram transmitidas através de mim. O facto de ele e eu falarmos na mesma linguagem não se explica por qualquer intercâmbio telepático entre nós. Ambos a recebemos diretamente de Braida.

Isto não me surpreendeu nada. Há dois ou três anos que estava convencido de que os meus pensamentos que valiam algo eram, em grande parte, dados por Braida e Guilhabert de Castres.

Considerando tudo, Annette recuperou rapidamente. Isto deveu-se em grande medida à gestão passiva e pouco assertiva do Dr. Charles. Foi de férias para consolidar e ganhou imenso com isso. Mal regressou, foi readmitida no hospital após um acidente de viação em que sofreu grave concussão e uma amiga ficou gravemente ferida com fratura do crânio. Mais uma vez Clare respondeu à concussão de Annette com uma forte dor de cabeça. Isto já era coisa velha. O resultado foi que, mais uma vez, Annette teve pouca dor de cabeça e poucos sintomas de qualquer espécie e se irritava por ser mantida no hospital. O que era mais significativo era que Clare tinha o tornozelo esquerdo inchado e descolorado. Não sofrera qualquer traumatismo. Quando o Dr. Paul lhe telefonou a seguir, ela pediu-lhe que olhasse para o pé de Annette. Descobriu que ela sofrera a rutura de uma veia perto do tornozelo esquerdo.

Um pouco mais tarde, Annette teve o quarto episódio com o pé esquerdo que já descrevi, em que a dor e o inchaço foram aceites por Clare. Esta propensão persistente a acidentes, ocorrendo numa pessoa do seu tipo quando mental ou fisicamente depauperada, é uma das manifestações do mal. Temos de considerar Annette, em luta com a sua diversidade de desastres, como um reflexo em microcosmo da batalha no macrocosmo entre o bem e o mal. O próprio Dr. Charles, quando pela primeira vez falei com ele muito depois de Annette ter passado o ponto alto de uma doença psiquiátrica, expressou a mesma opinião em termos quase idênticos.

Temos de olhar para o historial médico de Annette em diferentes planos e sob numerosos ângulos. Fazia parte de um padrão que ela tinha de completar. Estou convencido de que não teria sofrido desta maneira se não tivesse ido para o Canadá. Braida e Graham tinham insistido que as vibrações daquela parte do mundo lhe eram hostis. O facto de ser um país materialista em expansão também entrava na equação. Este último fator relacionava-se em particular com a sua condição sanguínea. No entanto, visto de outro ângulo, ela tinha de ir ao Canadá para adquirir estas doenças. Através destas últimas, o insight sobre encarnações anteriores fora libertado. Além disso, os impulsos de cura tinham de ser libertados pela separação entre psique e personalidade que ocorrera

frequentemente durante as suas várias doenças. Estas últimas também desempenharam um papel mais específico. Sofrera de graves condições cirúrgicas, ortopédicas, médicas e psiquiátricas para que ficasse familiarizada com todo o tipo de agonia e adquirisse uma vasta gama de insights sobre os sofrimentos alheios. Depois de recuperar das suas doenças psiquiátricas agudas, passou por uma fase de absorção em si. Era um último apego ao eu da sua personalidade antes de praticar a cura que Braida e os seus confrades esperavam dela.

À medida que Annette se debatia para sair das espirais das suas doenças separadas, a depressão da minha mulher aliviava-se. O que restava era um cansaço desanimador. À medida que Annette ganhava força, a minha mulher enfraquecia. De algum modo, relutava em ligar as vicissitudes de Annette à condição da minha mulher. Parecia demasiado parecido com certo tipo de história. De qualquer modo, não fora a minha observação original. Era um facto observado por Braida, que o trouxe à minha atenção. A minha mulher fora mãe de Annette na sua encarnação celta.

Quando Annette regressou ao trabalho, já embarcara na sua carreira de curadora. Tratou uma viúva angustiada e uma mãe agudamente agitada após a morte de um amigo do Dr. Paul num acidente de viação. Usou a mesma técnica manual que a sua mãe e Clare lhe tinham aplicado no jardim do Oeste do país duas décadas antes. Era uma tarefa árdua para uma rapariga que expressava pela primeira vez fora do seu círculo imediato um impulso de cura que, como veremos no Livro Três, se manifestara pela primeira vez há dezasseis séculos.

Capítulo Dezasseis

Para além da sua capacidade de cura libertada, o principal ganho de Annette na sua longa e árdua batalha contra a doença e o acidente foi um conhecimento mais amplo da sua encarnação celta. Quando Guy pela primeira vez dirigira a sua atenção para ela, falara do misterioso anel cujo significado nem Annette nem eu tínhamos inicialmente apreciado. Mais tarde tornou-se evidente que se tratava da clareira no bosque perto de St. Bega, que Clare, a minha mulher e eu tínhamos notado na nossa visita a Cumberland em abril. Toda a experiência de caminhar ao lado do bosque

até à igreja foi inesquecível. O lugar está de algum modo vivo. O passado vive no presente como notas que vibram num raio de sol.

Braida e Graham apareceram várias vezes a Clare e falaram do círculo e de como tínhamos feito discursos e realizado serviços de cura na clareira entre as árvores. Graham e Betty foram visitantes assíduos nessa altura porque, para ele, a encarnação celta era sem dúvida predominante, enquanto Betty era o membro mais antigo da nossa comunidade em Cumberland. Era também uma encarnação importante para Annette, que nela praticara pela primeira vez a cura de forma intensiva. Ela transmitiu-nos o que lhe chegava de Guy, que fora um padre superior, com hierarquia acima de Graham e da minha na nossa simples estrutura em Cumberland.

A maneira como as nossas atividades nos foram reveladas era de imensa importância. Os elementos separados chegavam de fontes amplamente divergentes e num período limitado de tempo, geralmente vinte e quatro horas ou menos. Havia dias em que mal eu pousava o auscultador após uma chamada de Annette no Canadá, era novamente chamado por Kathleen na Suíça, por Clare em Somerset, por Marion no Norte e pela mãe dela nos Home Counties, cada uma oferecendo a mesma memória clara. Um ou dois membros do grupo produziam ocasionalmente pormenores não relatados pelos outros. Esta sincronização de dados era talvez mais notável nas combinações Braida—Clare e Raymond—Kathleen. As circunstâncias destas chamadas telefónicas tornavam impossível qualquer colaboração entre os participantes.

O processo de recordação de Kathleen era mais lento e doloroso. Durante várias noites tivera o que chamava um sonho vívido, que bem poderia ter sido uma visão. Via um lago longo e estreito com uma cabana na margem oposta. A cabana era coberta por um colmo de juncos e ficava muito perto da margem. Partindo da cabana para o interior havia um carvalho com uma clareira rodeada por um círculo de pedras. Se olhássemos através do bosque a partir da cabana, víamos uma montanha de forma clássica e cume cónico. Era um pouco como o Vesúvio. Qualquer pessoa que conheça Bassenthwaite reconhecerá que ela descrevia o que se vê olhando da igreja de St. Bega em direção a Skiddaw. No seu sonho via a mesma cena que a minha mulher, Clare e eu tínhamos visitado em abril anterior.

A elevação mais lenta da memória de Kathleen ao nível consciente foi acompanhada por um ataque impressionante de enxaqueca. Já sofrera desta maleita noutras ocasiões quando recordava acontecimentos de encarnações passadas.

Kathleen nunca visitara Bassenthwaite. Annette lá ficara duas semanas, mas nunca vira St. Bega e desconhecia a margem oposta e a clareira.

Annette recordava os serviços na clareira. Os sermões eram de grande importância na Igreja Celta. É tentador traçar analogias com a reverência presbiteriana por um bom orador, mas tais comparações seriam injustificadas. O conteúdo dos chamados sermões seria tão inaceitável para um bom calvinista como para um católico fervoroso. Era óbvio que os sermões em si diferiam totalmente do que se implica no significado atual da palavra. Não era prática tomar um texto e construir a partir dele um tecido de exortações éticas. Também não se referiam a acontecimentos atuais e tiravam conclusões morais deles. Eram comuns discussões baseadas em objetos e funções simples.

O significado de simplicidades como partilhar uma refeição era expandido como prova de amor. Acima de tudo, os oradores — a descrição parece mais apropriada do que pregadores — falavam dos fenómenos da natureza e tiravam analogias deles. Quando falavam aos simples, descreviam a água como sagrada e não algo a dar por garantido, porque matava a nossa sede e nutria os campos, proporcionando assim sustento. A um nível mais elevado, falavam dos efeitos curativos ou nocivos das plantas na natureza. Havia bem e mal no reino vegetal, como em todas as manifestações da vida.

Um dos itens mais fascinantes foi recordado por Graham. O que nos contou era crença celta comum e fora também tema de vários sermões. A natureza e a função de diferentes tipos de árvores eram de particular interesse para a Igreja em Cumberland. Não nos preocupa tanto que, para eles, o carvalho fosse símbolo de bondade, tenacidade e firmeza. Os carvalhos duram muito tempo e são candidatos óbvios para simbolismo desta natureza. O que era mais significativo era a divisão ampla em árvores boas e más. O sabugueiro e o sorveira-brava eram considerados especialmente benéficos. Certamente o sabugueiro é visto há séculos como protetor e amigo. É interessante que, nesta vida, o Sr. Mills

adorasse sorveiras-bravas e não pudesse viver sem uma no seu jardim ou perto da casa. Talvez nisto estivesse a reviver a sua encarnação anterior em Cumberland. Há lugares nesse condado onde o sorveira-brava é muito comum. Quanto às árvores más, compreende-se que o ulmeiro adquirisse má reputação porque deixa cair ramos quando estão carregados de folhas no verão. Mas por que razão o amieiro era uma árvore a evitar? Por que era o abeto mais saudável e benéfico do que o espruce ou abeto-vermelho?

Embora estas generalizações sobre a natureza e o valor das árvores sejam interessantes, são muito menos do que algumas das afirmações mais detalhadas e específicas de Graham. O álamo-tremedor devia ser evitado pelos nervosos. O choupo era suspeito porque acentuava o humor anterior do indivíduo. O tenso tornava-se mais agitado, o deprimido mais miserável e o feliz indevidamente eufórico. O freixo não era propriamente tóxico, mas depressivo. A bétula e o lariço eram benéficos para os melancólicos, especialmente no outono.

Perguntei aos revenants se, nesta vida, conservávamos a capacidade de reagir às árvores como muitos haviam feito na encarnação celta. Disseram que aqueles numa certa frequência, e especialmente se as suas perceções fossem reforçadas pela memória remota, ainda o podiam fazer. Perguntei quais eram os efeitos de arbustos floridos, como as cerejeiras japonesas, desconhecidas nos tempos celtas. Responderam que o efeito destes no observador dependia da sua própria atitude em relação a eles. Se fosse de amor, recebiam de volta, em vibrações curativas, o que eles próprios haviam dado em amor.

Esta preocupação com a natureza não era um assunto secundário, mas algo profundamente entretecido na textura do cristianismo celta. Este era mais sofisticado e cósmico do que o seu sucessor romano. Via o homem contra o fundo da natureza e não como uma molécula isolada separada de um Deus ciumento e possessivo por uma terra de ninguém povoada por entidades de significado modesto. Estávamos imersos num fluxo de vibrações, todas significativas para o bem ou para o mal. Além das árvores, os pregadores celtas preocupavam-se com as pedras e ansiavam especialmente que o seu rebanho não as considerasse matéria morta. Interessavam-se particularmente por pedras semipreciosas e pelas vibrações que delas emanavam. Estas variavam com a cor da pedra. O tema constante era que a vida era um vórtice de vibrações, que nada é

morto, que uma pedra pulsa com energia embora o ritmo e a amplitude das suas vibrações não sejam tão óbvios como as correntes num rio. O que mais os preocupava era a indivisibilidade e indestrutibilidade da consciência. Acreditavam fervorosamente no que é expresso na minha citação favorita: que Deus dorme na pedra, sonha na planta, acorda no animal e vive no homem.

Todo o objetivo do cristianismo celta era não só ver um padrão unificador na natureza, mas reconhecer um propósito no cosmos e perceber que estamos constantemente imersos nas suas influências. Perguntei a Betty se, tendo vivido no século XX, achava que havia alguma profundidade especial no que aprendera e meditara nas Idades das Trevas. Disse que ninguém poderia negar que o aumento do conhecimento neste século era espantoso. Em geral, o que valia a pena reter era expresso por escrito e através de outros meios e estava disponível para todos os que se dessem ao trabalho de procurar. O que fora transmitido oralmente nos tempos celtas era muito mais abrangente e sofisticado do que imaginávamos.

A base do que aprendera era muito mais madura do que qualquer coisa disponível para a maioria na era atual. (O que ela e especialmente Graham me revelaram sobre a base vibracional da existência e do processo de criação está além do âmbito deste livro.)* Contou-me como, em Bassenthwaite, estudara astrologia e praticara meditação. Era indubitável que as estrelas influenciavam a nossa constituição e temperamento, mas o grau em que influenciam o nosso destino fora exagerado pelos crédulos na era atual. Quando meditava, não adotava qualquer postura ou técnica particular.

O Sr. Mills discutiu isto mais adiante quando recordou como ele e eu subíamos Skiddaw todos os anos nos dias vinte e um de março e setembro. Subíamos antes do amanhecer e ficávamos no cume até depois do pôr do sol. Perguntei-lhe se permanecíamos em silêncio todo o tempo. Disse que falávamos muito pouco, mas que por vezes conversávamos e que a nossa conversa não quebrava o fio da meditação. Parecia que, naqueles dias, éramos muito mais percetivos e não precisávamos de praticar técnicas rígidas e concentradas. É claro que, ao longo das nossas vidas, tínhamos uma consciência maior e não forçada. É triste refletir quanto perdemos.

A atitude da Igreja Celta perante a natureza cristalizava-se nas suas tentativas de canalizar as energias primárias do bem para dispersar a força do mal. Guilhabert de Castres disse-me que lugares como Avebury foram situados de modo a atrair as vibrações do mal da região circundante e neutralizá-las pela energia benéfica que circulava entre as artérias de pedra de tais sítios antigos. Isto foi seguido por uma chamada de Annette, na qual me disse que Braida insistia que eu devia ir a Avebury com Clare antes da minha iminente visita a Surrey. Planeava passar um ou dois dias nesse último condado porque Braida, Raymond e outros tinham indicado que, ao fazê-lo, recordaria ainda mais a minha encarnação napoleónica. Annette relatou Braida a dizer que eu devia ir a Avebury para «carregar baterias» antes da visita a Surrey.

Num dia de final de outubro, apresentei-me devidamente em Avebury com a minha mulher e Clare. Não vale a pena registar em pormenor a minha reação às diferentes pedras. Uma em particular era gelada ao toque, mesmo exposta ao sol pleno de outubro. Isto impressionou-me ainda mais porque a ametista que Clare me deu e que intensifica os meus poderes de recordação e a minha capacidade de escrever é positivamente glacial. Quanto mais percetivo sou, mais fria a pedra. Isto pode ser novidade para os interessados em cura, porque as primeiras fases deste processo são muitas vezes acompanhadas por uma sensação de calor. Na cura e na experiência psíquica em geral, há também um frio benéfico diferente do arrepio na espinha induzido por entidades e atmosferas malignas. É significativo que, na mais fria de todas as pedras, senti uma vibração de zumbido que parecia levantar os meus dedos.

Fiquei de pé sobre uma pedra plana. Mesmo através das solas dos sapatos, senti mais vibração do que experimentara noutros lugares com as mãos nuas. Senti também uma sensação de tração, como se estivesse a ser puxado para a terra. Braida materializou-se e disse que era porque eu era Peixes. De certo modo, os meus pés eram mais percetivos do que as mãos. Disse que teria sentido as vibrações ainda mais se tivesse vindo em março. O seu efeito foi suficientemente potente durante o fim de semana que se seguiu.

No bosque perto de St. Bega em Bassenthwaite há uma pedra de significado especial para mim. Braida visitou Annette uma noite e esta transmitiu-me a informação na primeira oportunidade. A pedra fica perto de uma árvore que está na linha de sucessão de uma danificada de algum

modo. A história foi mais tarde ampliada pelo Sr. Mills e Graham. A pedra e a árvore estavam situadas de modo a proporcionar a atmosfera mais favorável ao pregador. No decurso de uma reunião houve uma tempestade com trovões e a árvore foi atingida por um raio. Houve uma repercussão deste incidente no século XX. Como jovem universitário, subi Ullock Pike, uma pequena encosta que projeta da face de Skiddaw, com um antigo professor. Ao subir a encosta fomos apanhados numa tempestade em que os relâmpagos chicoteavam as rochas à nossa volta com o ruído de chicotadas.

Até esse dia não tinha medo de trovões nem de relâmpagos. Depois fiquei com medo, não de trovões, mas certamente de relâmpagos. O meu medo particular era ficar cego por eles. Os revenants confirmaram que o meu medo em Ullock Pike era um eco do que eu experimentara no bosque abaixo muitos séculos antes. Concordaram também que o meu medo de perder a visão por um relâmpago estava ligado ao pavor de cegueira que sofrera na minha encarnação napoleónica, quando ambos os olhos foram atingidos por irite.

Da sua longa flertação com a morte, Annette ganhou uma riqueza de pormenores sobre a sua encarnação celta. Teve um flashback particular em que me viu a pregar. A minha aparência não era impressionante, mas parece que os meus poderes de elocução eram consideráveis. Foi irritante saber que eu dera um desempenho arrebatador, mas que ela não conseguia recordar o tema.

Numa fase, foi particularmente insistente ao perguntar-me o que eu sabia do rito do matrimónio na Igreja Celta. Mais tarde descobriu-se que ela era tímida em reconhecer que vivera com Guy sem qualquer cerimónia precedente notável. Achei que um sentimento de culpa pelas suas relações físicas treze séculos antes era um pouco excessivo. Parecia que era comum os padres na Igreja Celta viverem com as suas mulheres. Betty disse-me que a diferença entre isto e o concubinato que caracterizou a Igreja Romana em certos períodos da Idade Média era que, em geral, os padres celtas ficavam com as suas mulheres.

Só os piores elementos mantinham duas ao mesmo tempo. Annette, com uma timidez encantadora não totalmente em sintonia com a sua natureza ventosa, indicou que Clare e eu tínhamos vivido juntos naquela altura. Soube mais tarde que Clare sabia isto há alguns meses, mas

deixara-me descobrir por mim próprio. Graham e o Sr. Mills confirmaram que tínhamos montado casa juntos. A minha memória deste interlúdio não estava inteiramente apagada. Quando os revenants mo recordaram, consegui dizer-lhes onde tínhamos vivido. Disse que era na terra algo pantanosa adjacente, ou incluindo, o jardim do Pheasant. Betty disse mais tarde que ficava a cerca de cinquenta passos pela estrada, virando à direita da porta da estalagem. O Sr. Mills disse que o local era agora o jardim.

Perguntei a Clare se tinha havido alguma cerimónia antes de nos termos instalado juntos. Ela recordava uma simples celebração que envolvia a quebra do pão e a partilha do sal. Fora certamente uma ocasião modesta.

À primeira vista, pode parecer estranho que aqueles que haviam de reencarnar como cátaros vivessem juntos sem o benefício do clero. Por que razão os aparentemente fáceis celtas se transformaram nos austeros cátaros? A discrepância de atitude é menor do que parece. Tanto os celtas como os cátaros rejeitavam, possivelmente de forma parcial no primeiro caso e totalmente no segundo, o sacramento do matrimónio.

Isto não significa que fossem hostis à intenção e à correção do estado matrimonial. Além disso, os cátaros preferiam recrutar os Perfeitos entre aqueles que tinham vivido juntos como marido e mulher e que tinham experimentado os prazeres e as deceções da carne.

CAPÍTULO DEZASSETE

Embora Annette tivesse certamente contribuído com a sua parte para a recordação da nossa vida em Cumberland, chegou um momento em que Betty assumiu o comando. No século VII, Annette fora levada por Guy para Bassenthwaite quando Loweswater se tornara demasiado quente para a conter. Era evidente que o principal centro de atividades era Bassenthwaite, mas esta afirmação não é suficientemente específica. A partir do momento em que Betty, do além-túmulo, tomou o lugar de Annette como nossa principal informadora, ficámos centrados especificamente em Castle How.

Agora eu conseguia compreender — teria de estar mais do que cego para não o fazer — por que razão, nesta vida, Betty regressava à sua mãe

naquele troço de estrada que serpenteia à volta da base do monte. O local do seu reencontro não tinha nada a ver com o amor pela mãe. Esta última fora atraída para Bassenthwaite porque fora ali que Betty vivera a sua encarnação mais importante.

Betty mostrou-nos que a sua recordação de Castle How era completa e íntima. Falou de um certo ponto no círculo que coroava o cume, onde o magnetismo do lugar atingia o seu máximo. Disse-lhe eu: «Com certeza é o lugar onde apareceste atrás de mim e foste vista por Clare quando fomos todos a Cumberland em abril. Ela disse-me que te via atrás do meu ombro.» Ela confirmou que eu tinha razão e que ali existira um altar de pedra. A água da nascente fora ali abençoada. Graham disse que a água tinha propriedades especiais porque corria sob Castle How antes de emergir da terra e, por isso, transmitia as vibrações curativas da pequena colina. Afirmou que Castle How se situava no ponto de confluência das vibrações do sol, da terra, da água do lago e da nascente que corria sob o outeiro. Fora por causa destes fatores que o lugar fora escolhido como centro de cura.

Todos os revenants, assim como Annette, Clare e Kathleen, o descrevem como um centro de cura.

A comunidade vivia em pequenas cabanas nas encostas inferiores ou na terra plana delimitada pela estrada que curvava em direção a Dubwath.

O que sabemos de Betty na sua vida em Bassenthwaite?

Conhecemos a sua aparência, a sua origem e o facto de ser a cabeça da comunidade. Sabemos que, apesar da sua elevada posição, tinha tendências heréticas. Inclinava-se para a filosofia cósmica da antiga Igreja Celta e acreditava acima de tudo que a cura era a sua função principal. Temos de recuar até 20 de dezembro de 1973 para encontrar mais pistas.

Fui visitado por Clare na noite desse dia. Braida e Graham apareceram imediatamente. Falaram bastante sobre o toque e sobre como as vibrações emanadas por pessoas de disposição psíquica podiam ser focadas e concentradas por joias ou minerais semipreciosos transparentes. Depois Braida mudou de assunto.

Disse que o dia 20 de dezembro fora um mau dia na encarnação cátara. Os responsáveis pela deposição do tesouro na segunda expedição a partir de um Montségur sitiado tinham sido recusados abrigo para si

próprios e cooperação na deposição do tesouro, algures na rota para o Castelo de Usson.*

Não me perguntei a mim mesmo por que razão Braida saltara subitamente dos celtas para os cátaros no meio da sua digressão celta. Ela e os outros revenants eram propensos a estas mudanças abruptas de assunto. Hoje havia uma intenção óbvia por trás da referência aos cátaros. Tornou-se claro que o dia 20 fora um mau dia também para outros responsáveis por um tesouro. De repente, vi um rio e uma ponte. O rio era de corrente rápida e quebrado em redemoinhos pelas pedras do seu leito. Olhei para leste e vi, através das árvores, o lago de onde o rio saía.

Depois o olhar fixou-se na região a oeste. Era ondulada e arborizada e havia a sensação de nos afastarmos das montanhas. Havia bosque à frente, onde a estrada cruzava a ponte, e, acima das copas das árvores, as últimas colinas verdes e, inclinado para leste, o contorno de uma montanha. Soube que estava a olhar para um antecessor primitivo da ponte de Ouse, que cruza o Derwent logo depois de este deixar o lago de Bassenthwaite, no caminho para Isel e para o mar.

Estava montado num cavalo e olhava rio abaixo. Segurava um cavalo sobresselente por uma espécie de cabresto. Estava à espera de um barco que subisse o rio. Nesta vida nunca vi qualquer tipo de embarcação no Derwent. Quem já viu a velocidade com que flui reconhecerá que um barco a remos não conseguiria avançar contra a corrente. Nunca vi Betty sair do barco, mas tenho a impressão de que ela chegou por água, numa qualquer embarcação, e não por um caminho na margem do rio. Três meses depois, Graham disse-me que, naquela época, o leito do rio era mais fundo e a corrente mais lenta, sendo navegável por corículos (*bolsas de pele alcatroados em que navegavam*).

Betty viera da Ilha de Man passando por Workington. Trazia um manuscrito de um mosteiro da ilha. Seria Maughold, onde Clare vivera outrora como sacerdotisa? O manuscrito não se destinava a ninguém em Cumberland, mas ao mosteiro de Lindisfarne. Nessa altura, este último mantinha-se mais fiel à tradição celta. Estava longe de estar tão romanizado como a Igreja em Cumberland.

Perguntei a Braida sobre o conteúdo do manuscrito. Ela disse-me que era uma declaração franca e inequívoca do Dualismo na sua forma mais absoluta. Afirmava os três artigos fundamentais de fé que mais tarde

seriam o credo do catarismo no Languedoque e no norte de Itália no século XIII. Havia dois princípios, o bem e o mal, no universo desde o princípio e persistentes até ao fim. Era aceite como verdade que a psique se reencarna e que o mundo fora criado pelo Diabo.

Houve uma espécie de escaramuça na ponte. Um punhado de homens saiu das árvores a leste. Pedras foram atiradas contra nós, mas o mais próximo que estive de ser ferido foi quando um ramo caiu de uma árvore perto do meu ombro. Creio que foi desprendido por uma das pedras. Não sei se o sacerdote de rosto triangular estava presente nessa ocasião, mas o ataque foi instigado por ele, porque conhecia a existência do manuscrito e desejava apoderar-se dele. Não conseguiu.

Em diferentes ocasiões, Braida e Betty disseram que em cada encarnação havia alguém pessoalmente empenhado em conseguir a nossa ruína. Na encarnação celta, era esse sacerdote em particular. Nas nossas vidas em Roma, fomos atormentados por outro fanático da mesma vocação.

Este caso do manuscrito que Betty me entregou e que eu consegui esconder com sucesso enquanto permanecemos em Cumberland é uma das recordações mais intensas de todas. Isto porque a questão, totalmente esquecida exceto por Clare e por mim entre os que ainda vivem, era absolutamente vital, mesmo tendo-se desenrolado num cenário pequeno e remoto. Na Igreja Celta daquela época havia os que se mantinham fiéis ao antigo Dualismo e que resistiam totalmente às intromissões de Roma. Havia outros que, ainda acreditando nos dois princípios e no facto da reencarnação, estavam dispostos a conceder que o mundo fora criado por Deus e não pelo Diabo.

Para os romanizantes mais radicais, todos os aspetos do Dualismo eram repugnantes, mas acreditar que o mundo fora criado pelo Diabo era anátema total e devia ser expurgado dos registos o mais rapidamente possível. Por enquanto, estavam dispostos a fazer um acordo com os dualistas que ainda acreditavam nos dois princípios e na reencarnação, mas que estavam dispostos a ser acomodatícios quanto à criação do mundo.

Esta única questão estava a criar um cisma entre os dualistas de Cumberland. Isto já é interessante por si só, mas o que é absolutamente fascinante é que, ali, em Cumberland, no século VII d.C., eles estavam a

viver antecipadamente a clivagem entre o catarismo absoluto e o mitigado, que dividiu as forças dualistas no Languedoque em certa medida, mas em grau muito maior no norte de Itália. Esta última região chegou mesmo a ter centros separados de instrução e prática para as duas variantes. O mitigado, que estava disposto a situar a queda do homem nesta terra e não antes, na evolução cósmica, podia ser ajustado à doutrina católica sobre a queda. Nicetas, um bispo dualista dos Balcãs, foi convidado ao Languedoque no século XII para dar o seu parecer sobre esta questão. Optou pela variante absoluta do catarismo. É fascinante que Betty e eu tenhamos feito exatamente o mesmo em Bassenthwaite no século VII.

A oposição romanizante resolveu a questão de forma convincente e prática. Incitado pelo mesmo sacerdote, Betty foi assassinada por uma multidão na terra plana abaixo de Castle How, entre o lago e a curva da estrada que levava à aldeia de Bassenthwaite. A turba fora previamente instruída de que ela era uma bruxa. Esta era uma tradução livre da sua função de curandeira. O facto de ser uma mulher sacerdotisa e de permanecer fiel aos deuses celtas assim como a Cristo também foi usado contra ela. Este horror foi-me mais tarde revelado em detalhe por Clare numa experiência de transe que será descrita no Livro Três, onde registo os meus contactos mais íntimos com os revenants e especialmente com Betty.

Betty foi sepultada junto ao lago, em St. Bega's. Já descrevi como, na nossa visita do abril anterior, Clare se afastou de nós e do tempo, e olhou através do lago para as montanhas do outro lado. Estava a sorrir, sozinha, e não connosco. Estava de pé junto a uma pedra plana encastrada no chão. Betty jaz sepultada debaixo dessa pedra. Ela própria o disse, e Braida, Graham e Mr. Mills também descreveram o horror e o perigo daquela noite em que nos despedimos não só de Betty, mas também de Castle How, e partimos na viagem para Lindisfarne que marcou o fim da antiga Igreja Celta em Cumberland.

Nessa altura, outono de 1973, soube mais sobre o motivo por que a estrada para Wythop e Bassenthwaite me fala em tons tão inconfundíveis. Naquele dia, há sessenta anos, quando o tempo se dispersou durante o passeio com a minha mãe, eu estava a poucos metros de um objeto que tem sido de importância crucial para mim neste registo. Quando regresso a Isel, continuo ainda mais perto do meu passado. Estava sentado com

Clare numa noite de setembro quando Mr. Mills apareceu com as vestes de Bertrand Marty, acompanhado por Guilhabert de Castres. As visitas deste último tinham sempre uma importância especial. Geralmente diziam respeito a questões filosóficas fora do alcance dos outros, exceto talvez de Graham. Essa noite foi uma ocasião rara, pois Clare tinha-me dito previamente que os revenants desejavam ver-me.

No decurso da entrevista, discutimos a atmosfera dos lugares e das regiões. Disseram-me que a da Cornualha era mista. Lugares outrora sagrados tinham atuado como ímanes para o mal e deixado uma suspensão de malevolência na atmosfera. A Provença, onde o meu amor pelo Midi despertara pela primeira vez, era um verdadeiro campo de batalha entre o bem e o mal. As duas forças confrontavam-se com a sua máxima intensidade. O Languedoque estava relativamente pouco contaminado e do lado dos anjos. A Alsácia e a Bretanha também eram boas regiões. Parecia que, em Inglaterra, a região em torno de Bassenthwaite tinha a melhor emanação que eu provavelmente conseguiria encontrar.

Depois passámos a falar de cruzes e símbolos. Vi na parede uma cruz de Santo André. Nessa altura, este era um sinal de que estávamos a tratar de uma encarnação celta. Frequentemente, quando Braida aparecia, trazia uma cruz de Santo André e vestia não o azul dos cátaros, mas as vestes roxo-escuras e o característico toucado das sacerdotisas celtas em Cumberland. Depois vi e recebi instruções sobre uma variedade de cruzes. Os símbolos cátaros e mitraicos foram os mais discutidos. Não compreendi plenamente que os revenants estavam a imprimir-me a continuidade dos símbolos ao longo de várias encarnações.

Sentia que a conversa estava a abrandar e que eles aguardavam que eu visse algo que os meus olhos ainda não viam. De repente, pensei na cruz de W——. Não pensei nela por dedução como tema e consequência do que Mr. Mills e Guilhabert de Castres tinham dito. Vi a cruz tal como a vira naquele dia nublado de abril, no vale profundo junto ao lago tranquilo. Nesse dia, embora enigmática e eterna, parecia-me que, de forma estranha, ela me estava a falar. Agora, ao vê-la, a sua mensagem era intensamente pessoal. Com o olho interior vi a igreja de Isel, os narcisos no adro agitados pelas vibrações inaudíveis do rio rápido, o pequeno alpendre escuro e a pedra na parede que lembrava a cabeça da cruz de W——.

Chamei bruscamente aos revenants que conhecia aquelas cruzes. Eles assentiram e pude ver que o objetivo da sua visita fora alcançado.

Recordei que tinha trabalhado com aqueles que fizeram as cruzes. Fora um pedreiro de ocasião. A pedra de Isel fora um ensaio para o emblema mais complicado de W——. Ambas as cruzes tinham sido feitas a partir de uma pedreira a poucos quilómetros. Quando ficaram concluídas, as duas pedras permaneceram onde tinham sido feitas. Depois lembrei-me de que, durante o nosso tempo em Castle How, quando as perseguições se intensificaram, tentámos contrabandear a pedra completa e melhor para fora da região. Partindo de Isel, chegámos ao vale entre as colinas de Embleton e Wythop.

Cruzámo-lo algures perto de Brathay Hill. Nesse ponto fomos atacados por uma multidão que saía dos bosques. O sacerdote de rosto triangular ainda estava na sua cruzada. Fui atingido por uma pedra no olho esquerdo, que tem sido um ponto vulnerável em quatro encarnações. (Estava destinado a sofrer uma lesão semelhante, mas mais grave, dali a poucos dias.) Até hoje o vale entre as colinas de Embleton e Wythop permanece encharcado em alguns pontos, especialmente em períodos de chuva. Naquela época era densamente arborizado e positivamente pantanoso.

Lutámos com a pedra através do vale e subimos a encosta em direção ao que é hoje a estrada que contorna Wythop Fell. Cansados por vencer a subida, deixámos cair a pedra. Ela enterrou-se profundamente numa poça pantanosa e fomos completamente incapazes de a desenterrar.

Tudo isto vi e recordei com o olho da memória. Em setembro de 1973, já tinha chegado a um ponto em que, por vezes, já não precisava de ser estimulado pela presença dos revenants ou pelo toque de Clare. A história subsequente da pedra soube-a por Guilhabert e Mr. Mills. Ela ali ficou durante séculos até ser descoberta por um grupo de lolardos itinerantes, um dos quais reconheceu o seu significado. Viu que era uma versão condensada em pedra da longa história do Dualismo. Por algum meio ou outro, foi transportada para as imediações de Lamplugh e inserida na parede de um celeiro que era usado como local de culto. Clare sempre acreditara que o celeiro fora um centro de reuniões religiosas, e

isto fora-lhe confirmado por Annette, que o ouvira de Braida numa das suas visitas.

Quando caminhei com a minha mãe naquele dia de outro mundo em outubro de 1916, passámos muito perto do local onde a pedra jazera. Talvez muitos de nós precisemos de talismãs. Aqueles que ouvem diretamente os deuses são muito poucos. Há ainda alguns que conseguem ouvir o murmúrio da fonte de todas as coisas. Neste mundo, a voz da consciência universal não é mais do que um sussurro. Talvez seja melhor falar diretamente, através do espírito individualizado dentro de nós, com o centro vibracional central onde a emanação da verdade atinge o seu máximo.

Mas não estou preocupado com o que é melhor ou pior. Só posso aceitar aquilo de que sou capaz. Para mim basta que eu fale através da minha psique com o passado e que naquele dia com a minha mãe, com o sol de ouro profundo na névoa matinal, as maçãs bravas amarelas nas árvores da sebe, eu estivesse perto da pedra que vira nascer e que ainda me falava treze séculos depois. Sabemos menos pela psique do que pelo espírito, mas o que aprendi é-me suficiente.

Mais tarde soube, por Braida e Graham, outras razões pelas quais a estrada das colinas de Embleton sobre Wythop é sagrada para mim. Existe outra pedra vertical abaixo da estrada, onde o próprio Graham presidiu a sessões de cura nos dias em que vivia em Embleton, antes de se mudar para Castle How. Tinha uma pequena cabana no canto do que é hoje o adro da igreja de Embleton. Não é de admirar que, quando escrevi o meu breve texto «Não Posso Fechar a Porta aos Sentidos» para The Science of Thought Review, tivesse em mente a estrada de Embleton que leva sobre Wythop, onde caminhei com a minha mãe para outro mundo.

Antes de se despedirem de mim, Guilhabert de Castres e Mr. Mills lembraram-me quanto trabalho com pedra fizera ao longo das minhas vidas. Na encarnação celta, além das cruzes, fizera outros modelos. Forjara para mim uma representação, não muito perfeita, de uma pomba à qual estava muito apegado e que mantinha sempre ao meu lado enquanto trabalhava. Mais tarde, no século XIII, a pomba viria a tornar-se um símbolo cátaro. Soube depois, por Mr. Mills, numa altura em que o meu polegar osteoartrítico estava a ser tratado por diatermia, que adquirira essa tensão na mão da cinzelagem no século VII. A eminência

hipotenar abaixo do polegar direito estava inchada e muito maior do que a da mão esquerda. Adquirira a mesma deformação no século VIII, após décadas a cinzelar pedra.

Disseram-me que, se regressasse a Isel, a condição do meu polegar melhoraria. Isso provou-se verdadeiro em julho de 1974, após o que a dor e o inchaço na mão diminuíram. Os revenants também me recordaram que, na minha encarnação napoleónica, não só construíra muros de pedra, como veremos mais adiante, mas modelara pelo menos uma cabeça de rapariga que me descreveram como tendo o cabelo entrançado e um barrete frígio, este último um símbolo mitraico. Parece que, na minha preocupação com o trabalho da pedra, que se estende por mais de mil anos, estou sempre ligado ao Dualismo.

CAPÍTULO DEZOITO

A vida e a morte de Betty em Bassenthwaite no século VII iluminaram-me o meu próprio amor pelo lugar, porque ela e eu temos estado tão próximos um do outro durante quase dois milénios. O meu apego ao Pheasant, que perdura desde a infância, explica-se pelo facto de que, se olhar pelas janelas da frente, vejo a estrada que serpenteia em redor de Castle How, onde Betty viveu treze séculos atrás e para onde regressou depois da morte, à sua mãe e a Clare. Quando olho para leste da estalagem, vejo o local onde Clare e eu vivemos na encarnação celta.

Desde o início deste livro tem sido evidente que todos os caminhos levam a Bassenthwaite. Mas, se esta confluência de caminhos é reconfortante de recordar no século XX, a nossa partida de Bassenthwaite no século VII foi uma longa agonia. No final de 1973 sabia que tínhamos partido para Lindisfarne e que a nossa cavalgada desanimada era composta por Guy, Clare, Graham, Annette e eu próprio, além de um pequeno grupo de apoiantes leigos. Éramos essencialmente os remanescentes não romanizados da comunidade de Bassenthwaite.

Eu transportava o precioso manuscrito que Betty me confiara. Mantive-o para mim porque sabia que o seu conteúdo não era para consumo geral. Não conheço o itinerário exato, exceto que passámos por Gilsland. Na minha primeira infância lá fui com os meus pais. Recordo o rio a precipitar-se por entre as árvores, a corrente interrompida pela linha de

pedregulhos e o poço onde o meu pai bebeu a água e pareceu acreditar nas suas propriedades. Braida disse-me que, quando passámos por Gilsland no século VII, a água era considerada dotada de poderes curativos.

Algum tempo depois de Gilsland fomos atacados por um bando itinerante de ladrões. Foi aterrorizante quando essa onda de maltrapilhos se abateu sobre nós vindos das árvores, mas, em retrospetiva, foi uma experiência leve comparada com o que Betty sofrera às mãos da multidão em Bassenthwaite, com o ódio deles impulsionado e acelerado pela malevolência do sacerdote.

Os que nos atacaram algures no que é hoje Northumberland foram motivados apenas pelo saque. Clare, Graham, Guy e eu usávamos vestes de sacerdotes. Annette não era sacerdotisa. Era demasiado independente, demasiado escrava dos seus próprios impulsos, para aderir a qualquer tipo de organização. Consideráramos que o nosso traje vocacional nos protegeria nos ermos, onde a hostilidade romanista contra nós ainda não era conhecida. Quando os atacantes viram que a nossa cavalgada incluía sacerdotes, pararam no meio do caminho.

Recuaram ainda mais quando Graham ergueu bem alto o modelo da pomba que eu fizera em Isel e que trouxera comigo. Consideraram-no uma espécie de símbolo mágico e retiraram-se precipitadamente. O meu olho já danificado foi gravemente ferido por uma das pedras de uma saraivada lançada pelos mais recalcitrantes no processo de retirada. Tive de me recolher algures na estrada para Lindisfarne. Por causa da minha lesão, Clare e eu chegámos àquele lugar mais tarde do que os outros.

Tudo isto, e o facto de que, passado algum tempo, fui expulso de Lindisfarne, eu sabia no final de 1973. Numa visita confirmatória a Cumberland em julho de 1974 soube os detalhes da nossa jornada e dos nossos últimos anos. Antes desta viagem fora-me dito, diretamente por Braida e indiretamente por Annette, que devíamos visitar Lanercost e que uma cruz de braços iguais seria importante para nós. Ela não indicou que a cruz estava em Lanercost.

Também nos disseram para visitar St. Bees, o lugar onde Santa Bega pusera pela primeira vez o pé no solo de Cumberland. Graham insistiu que devíamos revisitar Castle How e falou da nascente logo abaixo do cume.

O primeiro lugar que visitámos foi Castle How. Um ano antes eu sabia que estava vivo e assombrado, mas não tinha uma perceção específica de Betty. Agora ela regressou a nós e vi onde, trezecentos anos antes, ela se sentara e meditara. Vimos onde Mr. Mills estivera igualmente ocupado. Nesta vida, a madressilva fora a sua flor favorita. Ela crescera no local onde ele meditara no século VII. Estava em flor ali em 1974. Do outro lado da estrada, uma sorveira crescia no local da cabana onde ele vivera. Disse-nos que algumas árvores e plantas são sencientes e transmitem a uma longa linha de descendentes a memória daqueles que as conheceram e amaram.

Não conseguimos encontrar a nascente de que Graham falara. Pensámos que encontraríamos um ribeiro a emergir das encostas inferiores e descemos em direção ao cais. Não vimos nem ouvimos nada. Quando regressámos ao cume, ouvimos o tilintar de um ribeiro. Ainda não víamos nada, mas seguimos o rasto do som da água. Levou-nos a um círculo de terreno saturado ao pé de uma árvore, logo abaixo do cume. Naquela época a nascente emergia desse lugar e desde então se enterrara no subsolo.

Além de Clare e de mim, a minha mulher — que afirma não ser psíquica — ouviu claramente o canto desimpedido do ribeiro há muito sepultado. Nessa manhã estava próxima da sua encarnação celta e talvez da sua filha Annette.

Em Loweswater vimos a pedra junto ao lago onde Annette e Guy tinham feito piquenique na lua de mel e onde, no século VII, ela tirara água do lago. Havia um aglomerado de pedras nas proximidades. Algumas estavam sulcadas e curiosamente moldadas num grau que não podia ser explicado pelo desgaste meteorológico ou por artefactos. Tinham sido trabalhadas para esmagar raízes e recolher os sumos delas extraídos. Uma estava sulcada para esse fim. O canal de drenagem estava protegido por um ressalto. Essas pedras trabalhadas pareciam-me vivas, pois a minha mão aquecia e a pele formigava no ponto de contacto com elas.

Compreendi melhor o que Teilhard de Chardin quis dizer quando descreveu como, em rapaz, sentia a vida a vibrar no metal.

Fomos a St. Bees, como Braida e os outros tinham sugerido. Em rapaz jogara críquete ali e, mais tarde na vida, visitara uma vez o promontório numa bela tarde com o vento de oeste a soprar. O Priorado

era-me desconhecido. No entanto, não foi a igreja em si, mas o declive verde acima dela que mais claramente me falou. Parei num certo ponto onde os meus pés normalmente frios se aqueceram e formigaram. Notei essas sensações tanto mais quanto elas pareciam dar mais vida às minhas extremidades glaciais. Senti uma curiosa ressonância dentro da cabeça. Era como se a minha voz ressoasse de alguma forma dentro do crânio, como se os seus ecos fossem refletidos para trás num espaço fechado e excessivamente amplificados. Foi assim que me senti, mas as sensações de Clare foram diferentes.

Disse-me que o volume da minha voz estava de alguma forma enormemente aumentado. Ela afastou-se para a distância máxima permitida pelos terrenos do Priorado. Estimaria essa distância em mais de trinta metros. Pediu-me que usasse a minha voz normal de conversa, que me dizem ser muito mais baixa do que a média. Em diferentes pontos, e sempre à distância máxima de mim, conseguia ouvir claramente o que eu dizia, exceto ao longo de um eixo onde um arbusto se interpunha entre nós. Baixei a voz para um meio sussurro e continuava audível. Continuei a ter consciência da ressonância dentro do meu crânio.

Braida, que se nos juntara, disse-me que, em várias ocasiões no século VII, pregara no exato local onde estava de pé. As audiências eram consideráveis e vinham de uma vasta área. Como estava ao ar livre, era sempre necessário falar em voz alta. Com Braida presente, consegui recordar, e ela confirmar, um sermão particular em que falara dos poderes do bem e do mal em relação à doença. (É interessante que isto se tenha tornado uma preocupação minha nos últimos anos nesta vida.) Nessa ocasião particular falara especialmente dos «estados de declínio», isto é, de condições tuberculosas, e também de estados de obsessão que não descrevi por esse nome, mas referi como formas de possessão. Atribuí também a epilepsia a este último processo. Tenho a certeza de que a minha preocupação atual com estes temas não é algo recentemente gerado em mim, mas a retomada de velhos interesses de encarnações anteriores.

Clare não me disse que, em St. Bees, eu estava a falar numa língua estranha e áspera, diferente do Languedoque que ouvia nos sotaques de Braida.* Era claro que falava a língua celta da Nortúmbria do século VII. Soube isto por Annette após o meu regresso de Cumberland. Mais uma

vez, Clare preferira que eu aprendesse o mais possível de primeira mão, por revelação direta.

Nos terrenos do Priorado de St. Bees descobrimos a Easter Magiant, que, entre os revenants, Guy fora o primeiro a mencionar como erva curativa, embora Braida, Graham, Betty e Mr. Mills a tivessem mencionado por sua vez. Encontrámo-la no ano anterior nos adros de Isel e St. Bega's. Agora, em 1974, descobrimo-la também em Castle How, no Priorado de St. Bees e perto das pedras trabalhadas na margem de Loweswater, onde construíramos as nossas casas simples. Fomos então orientados por Braida para Lorton, porque fora um grande centro de cura. Senti que havia algum propósito específico neste conselho em particular. Isso revelou-se quando descobrimos a Easter Magiant a crescer em grande profusão no adro da igreja. A Easter Magiant* tornou-se um tema recorrente para nós ao longo de 1974.

Enquanto estávamos em Bassenthwaite, outro elo da cadeia foi forjado com mais segurança. Em abril de 1973, Braida disse a Annette que em Fellgate eu encontrara provas de que, nesta nossa vida do século XX, eu estava relacionado com outro membro do grupo. Mais tarde tornou-se claro que se tratava de Marion Dacre. Ao visitar Fellgate em julho de 1974, soube mais detalhes sobre o declínio e a queda da casa de Dacre e que a quinta principal fora administrada por um homem que tinha o mesmo apelido da minha avó. Braida confirmou novamente que as duas famílias estavam relacionadas.

Um dia em Bassenthwaite, quando Clare demorava a descer, fui ao seu quarto e encontrei-a deitada de bruços na cama. O rosto estava congestionado e murmurava para si mesma em sotaques grossos e arrastados. Estava obviamente em transe. Revivia a transferência da pedra de W—— de Isel para Wythop. Ouvi detalhes que não recolhera quando falara recentemente com Mr. Mills e Guilhabert de Castres. Na escaramuça em Brathay Hill, o fuste da cruz partira-se. Se se examinar a pedra agora encastrada na parede em W——, vê-se que o fuste está encurtado. Esta mutilação da cruz não nos deprimiu excessivamente, porque os símbolos essenciais foram preservados.

No decurso do seu transe, Clare murmurou duas declarações incompreensíveis nas quais ouvi referências a uma pedra em Lanercost e a outra num dos transeptos de Lindisfarne.

Um ou dois dias depois, Clare, a minha mulher e eu partimos para Lanercost. Chegámos ao Priorado durante uma breve calmaria incerta entre dilúvios de vento e chuva. A atmosfera era indescritivelmente pacífica. Era como se a emanação do priorado tivesse acalmado os elementos para nós. Passei pelas ruínas até uma parede com duas pedras que atraíram imediatamente a minha atenção. Uma estava decorada com uma cruz de braços iguais e a outra com uma mão esculpida. Clare sugeriu que tocasse nessas pedras. Quando o fiz, as minhas mãos aqueceram e formigaram com as vibrações que detetaram na pedra. Todas as pedras próximas estavam frias e húmidas.

Nessa altura Braida materializou-se. Estimulado pela sua presença, recordei como me recuperei em Lanercost da lesão no olho que sofrera no confronto com a multidão em Brathay Hill. Enquanto estive no Priorado, esculpi duas pedras como oferta de agradecimento pelas duas semanas de abrigo e também porque estava entediado e precisava de ocupação. Tendo em conta a hostilidade do tempo e do clima, as esculturas não estão bem feitas. A explicação é simples: na altura, a minha visão prejudicada impedia-me de produzir trabalho de qualidade.

A lição mais valiosa de Lanercost foi que algo com que se trabalhou ou que se possuiu há séculos pode induzir memória remota. Suponho que se pode considerar isto um aspeto especializado da psicometria. O que aprendi em Lanercost foi igualmente enfatizado em Lindisfarne.

Fomos a Lindisfarne a 6 de julho de 1974. Mais uma vez, as pedras falavam. Perto do coro encontrei uma com os começos de uma cruz de braços iguais toscamente cinzelada. Esta pedra, e a outra aderente que não estava esculpida, estavam quentes e formigantes. Todo o trabalho em pedra circundante estava frio com a sombra e o vento do mar. Soube mais uma vez que me deparara com algo que guardava memórias para mim.

Enquanto caminhava pelas ruínas, parecia-me que a atmosfera variava em diferentes lugares e por vezes abruptamente. Em alguns sítios era positivamente maligna. Persisto que há áreas nas ruínas que são sinistras para mim. Indo em direção ao poço na extremidade mais distante do pátio exterior, encontramos a atmosfera totalmente benéfica. Recordo, com Braida e Clare, que o assentamento original fora ali localizado. Falámos das ocupações da comunidade. A cura era uma preocupação maior e a preparação de poções era contínua. Vi Kathleen a

entrançar juncos secos para usar como telhados. Tínhamos fetos secos para a roupa de cama.

Não recordava o meu estado exato ao chegar a Lindisfarne. Sabia de que direção Clare e eu tínhamos vindo, que precisara da sua assistência e que não conseguia ver claramente. Após a chegada, Clare deu-me uma poção que trouxera consigo, mas que não usara até chegarmos ao nosso local de repouso. Recordo claramente como fomos calorosamente recebidos.

Havia uma lacuna nas minhas memórias e cheguei ao dia em que cavei um buraco no chão de terra e enterrei um manuscrito embrulhado numa espécie de pele de animal. Com o passar do tempo, falei a duas ou três pessoas do seu conteúdo e mensagem. Uma daquelas em quem confiei foi indiscreta. O facto de possuir um documento secreto tornou-se conhecido de um sacerdote romanizado de disposição malevolente que nutria ressentimento contra mim. Ao vigiar os meus movimentos, descobriu onde estava o manuscrito e desenterrou-o. Ficou indignado ao verificar que continha a declaração clara de que o mundo fora criado por Satanás. Mostrou o manuscrito a outro monge sénior e influente, que não era pessoalmente hostil a mim, mas se opunha ferozmente à ideia de que o mundo fora criado por uma entidade inferior.

A influência destes dois bastou para virar a maioria da comunidade contra mim. O próprio abade, um indivíduo alegre e de rosto redondo, não me era hostil nem às minhas ideias, mas viu-se obrigado, por razões diplomáticas, a curvar-se à vontade da maioria. Com Clare, que me apoiava, fui expulso de Lindisfarne. Partimos por um caminho que, no século VII, ia em diagonal do poço através do relvado do que hoje se chama o pátio exterior.

Mas antes de tratar da nossa partida em desgraça, é necessário recordar os dias felizes em que fomos recebidos em Lindisfarne. Tenho de registar os acontecimentos por esta ordem porque só cinco dias depois da nossa visita ao Lindisfarne no século XX é que conheci os detalhes da nossa receção. No dia 11 de julho, Annette telefonou do Canadá logo ao acordar. Disse, de forma algo inapropriada: «Não foi maravilhoso o tempo que passámos ontem à noite?» e ficou espantada ao saber que eu não partilhara a sua experiência. Tivera uma visão em que observava, juntamente com Graham e Guy, a chegada de Clare e minha a Lindisfarne.

Há muito que nos esperavam e temiam que nos tivesse acontecido algo. Enviaram póneis e uma liteira para nos trazerem. Afirmou com grande convicção que eu não conseguia ver nada e que era Clare quem me guiava. Parece que eu estava «muito esfarrapado». Toda a gente se ocupou em preparar uma cabana para nós. Annette foi particularmente categórica ao dizer que nos deitámos a descansar antes de fazermos uma refeição com os outros refugiados de Cumberland. Quando telefonou, ainda estava imersa na felicidade que partilháramos nessa refeição.

Annette descreveu o assentamento exatamente como eu o vira quando me sentei com Clare à beira do poço no pátio exterior.

Disse a Annette que me interrogava se Kathleen telefonaria. Annette recordou então, tal como Clare e eu fizéramos junto ao poço em Lindisfarne, que Kathleen fora uma telhadora, que fizera o telhado específico que coroava a nossa cabana, mas que não se ocupara da construção das paredes. Dez minutos depois de Annette desligar, recebi uma chamada de Kathleen. Disse que tivera uma visão notável na noite anterior. O que contou coincidia exatamente com a contribuição de Annette. Enfatizou que eu chegara completamente cego. Acrescentou um pormenor interessante: descreveu como Clare me dera um sedativo e disse que, depois de eu adormecer, Clare me tratara por alguma variante da imposição das mãos. Quando acordei, conseguia ver alguns contornos ténues. Foi isto que tornou toda a gente tão feliz durante a refeição que se seguiu.

Depois deste regresso aos momentos felizes da nossa chegada a Lindisfarne, é necessário voltar à agonia da nossa partida dali.

Tive de deixar inacabado o desenho que planeara para a pedra ainda marcada com a cruz de braços iguais. (Em Lindisfarne, como noutros lugares, continuei a trabalhar a pedra.) Escolhera pessoalmente duas peças de pedra como material adequado para escultura. Uma permanece intocada até hoje e ergue-se acima da pedra com a cruz de braços iguais. Ambas estas pedras foram expulsas pelos sacerdotes do assentamento após a minha partida. Eram consideradas contaminadas porque tinham estado nas mãos de um herege que insistia que o mundo fora criado por Satanás.

Fui expulso de Lindisfarne. Pior ainda, o meu manuscrito foi destruído como obra do diabo. De todos os fracassos e deficiências

abjectas das minhas cinco encarnações conhecidas, este foi o mais desastroso. Clare acompanhou-me no meu êxodo da abadia. Graham ficou. Era em grande parte, mas não totalmente, da minha opinião. De qualquer modo, a cura, mais do que a doutrina, era a sua principal preocupação. Após a morte de Betty, Guy tornou-se o membro mais antigo do nosso grupo. Era-me simpático, um dualista convicto, embora já secreto, mas não estava convencido da necessidade de um Dualismo absoluto. Annette ficou com ele. Estava-lhe devotada e não conseguia esquecer como ele cuidara dela depois de sofrer às mãos da multidão em Loweswater. Clare ficou comigo. Ambos haveríamos de ser Perfeitos no século XIII e marinheiros provençais no século XIX. Embora só nos tenhamos encontrado nesta vida quando eu já ia bem passado dos sessenta, creio que podemos reclamar para nós um registo credível de lealdade mútua.

Este foi o fim do nosso grupo celta de Cumberland. Por mais abatidos que estivéssemos ao deixar Cumberland, não acreditávamos que a nossa unidade se desintegrasse rapidamente. Não culpo aqueles de nós que ficaram em Lindisfarne. Na altura estava amargo porque nunca consegui despir-me das minhas reações pessoais. Certamente nenhum dos meus amigos de Cumberland foi instrumental na minha expulsão com Clare no amargor do inverno, com a neve a cair densamente. A explicação era a mesma que fora em Cumberland. O próprio Lindisfarne estava a romanizar-se rapidamente. Os livros de história registam que prodígios foram realizados por Cristo por este ou aquele santo e como a unificação da Igreja era necessária e o que fez pela Inglaterra nas Idades das Trevas.

Tantos dos descritos como santos eram duros como pederneira e, uma vez questionada a sua própria teologia intelectualizada, inflexivelmente pouco caritativos. O próprio Venerável Beda refere-se ao esclarecido Pelágio como se fosse um micróbio nocivo. O que se perdeu com a supressão da Igreja Celta foi um conceito verdadeiramente científico do cosmos, que não foi recuperado, e uma atitude religiosa e filosófica devidamente baseada em estados de consciência e contactos com a realidade. O que ganhámos foi uma teologia fabricada pelas mentes congestionadas de pedantes e estabelecida como verdade por perseguição sistemática.

O que sofremos e as doenças que Clare contraiu na estrada para Rievaulx são material para um estudo da origem dos sintomas em

encarnações passadas. Nevou durante toda a nossa jornada. Sempre odiei a neve. Está bem quando está fora de alcance num pico alpino, com um céu azul sem nuvens e torrado por cima. É uma miséria quando desce de um céu baixo e cinzento, ainda mais miserável quando pesa sobre as árvores, abafa a terra e amortece os passos. Nevava também quando me refugiei na cabana onde encontrei Puerilia na minha encarnação cátara. A neve recorda-me o passado e eu aguento-a mal. Os meus olhos recusam-se a focar. Sinto-me enjoado e à deriva.

Encontrámos o nosso último refúgio em Rievaulx. Fomos acolhidos ali. Trabalhámos como curandeiros e não falámos muito das nossas crenças mais profundas. A velha fé perdurou, embora de forma furtiva, mais tempo em Rievaulx do que em Lindisfarne. Durante anos estive convencido de que a minha reação a Rievaulx nesta vida se devia ao ressurgimento da minha memória cátara. O abade medieval Alfredo tinha ideias platónicas do amor muito semelhantes às expressas por aqueles entre os Trovadores do Languedoque que eram porta-vozes disfarçados do catarismo. Agora vejo que havia uma explicação adicional e que o impacto do lugar foi mais direto e pungente. Quando, em 1964, me senti tonto e fora do tempo, estava de volta ao século VII a bater à porta e a pedir entrada.

Nesta vida, Clare visitou Rievaulx sozinha e muitos anos antes de me conhecer. Caiu num desmaio mortal assim que entrou nas ruínas. Talvez no século VII tenha desmaiado ao chegar. Certamente recolheu-se imediatamente à cama e ficou gravemente doente.

Poderia acrescentar muito mais sobre a nossa encarnação celta. Alguns pequenos detalhes estão gravados mais nitidamente na minha memória do que as grandes questões. Isto é especialmente verdade quando dizem respeito a Bassenthwaite e ao seu ambiente imediato.

Aplica-se também às ervas e, com ênfase esmagadora, à Easter Magiant que eu comera em criança no meu pudim de ervas. Betty disse que, no seu tempo, crescia junto às igrejas de Isel e St. Bega e que a usava como medicamento. Graham acrescentou mais tarde que eu encontraria outras ervas que ela usara ainda a crescer em St. Bega's, junto ao muro do adro que enfrenta o lago. Mencionou a poejo-real e uma forma de líquen com um crescimento circular peculiar e bordos enrolados, e uma variedade distinta de feto. Encontrei todas estas em St. Bega's em julho

de 1974. O que foi mais impressionante foi que, durante esta visita a Cumberland, encontrei com tanta frequência a Easter Magiant em lugares frequentados pelo grupo na encarnação celta. Esta erva haveria de se tornar uma preocupação do último membro afiliado ao nosso grupo celta.

Já disse como o Dr. Charles foi tão deliberadamente orientado por Braida quando tratava Annette. Em março de 1974 falei com ele pela primeira vez. Sabia, por Clare, que as suas opiniões sobre psiquiatria eram notavelmente idênticas às minhas. Mesmo assim avisado, não estava preparado para a espantosa semelhança da nossa fraseologia. Ele disse que ficara igualmente espantado com os mesmos fenómenos manifestados por Clare e por mim. Isto explica-se em grande parte pelo facto de nós três sermos alimentados com ideias de Braida. Havia ainda outro fator em jogo.

Betty e Graham disseram-me que o Dr. Charles partilhara connosco uma encarnação celta em Cumberland. Não fora sacerdote, mas um ardente apoiador da comunidade. Vivera numa cabana à esquerda do portão que levava à igreja de Isel. Em julho de 1974, Clare viu-o no adro e também de pé junto ao Derwent, à sombra de uma árvore. Mais tarde nesse ano, sem qualquer evidência da nossa parte, ele descreveu o cenário de Isel, o rio de corrente rápida e o assentamento tal como fora no século VII. Com o passar do tempo, tornou-se evidente que a sua memória remota se aprofundava. Disse que, na sua encarnação celta, usara uma veste roxo-escura, mas que não fora sacerdote, confirmando assim o que Betty e Graham tinham dito anteriormente sobre ele.

Disse que fora escriba e que participara numa conferência momentosa cujo procedimento recordava claramente. Um dos pontos da agenda era a rejeição da crença de que o mundo fora criado por Satanás. Recordava os representantes idosos da antiga Igreja Celta que estavam ansiosos por se aproximarem a meio caminho dos seus confrades romanizados e que não tinham conceção de que os seus opositores eram incapazes de fazer o mesmo. O que era claro para o Dr. Charles na sua persona do século VII era que o principal objetivo do clero romanizado mais jovem era assegurar a expulsão definitiva das mulheres do sacerdócio.

Foram cuidadosos em não tornar isso demasiado óbvio nessa sessão em particular e estavam felizes por avançar lentamente. Tudo o que ouvi

deste distinto médico, trabalhando no ambiente do Novo Mundo de uma cidade canadiana, coincidiu exatamente com o que recolhera diretamente dos revenants e de Clare.

Fazia parte do padrão que o Dr. Charles aparecesse na imagem como médico de Annette, porque para esta última a sua encarnação celta era de longe a mais importante. Era também lógico que renovasse o contacto com Clare, porque ela também praticara a cura na encarnação celta, que era o seu principal interesse. Que o contacto psíquico entre Clare e ele permanecesse inquebrantável foi demonstrado pelo efeito extraordinário que teve nele quando lhe telefonou pela primeira vez do Canadá para relatar a condição de Annette.

Estivera exausto nesse dia e sofria de dor de cabeça. Depois da chamada, encontrou-se a descer as escadas do hospital sem dor de cabeça e como uma criança de dois anos. Tanto ele como o Dr. Paul testemunharam em numerosas ocasiões o efeito extraordinariamente rejuvenescidor que experimentavam depois de falar com Clare ao telefone. Deve-se ter em mente que, nessa altura, nunca a tinham visto. Haviam de a ver mais tarde nesse ano.

O Dr. Charles disse-me que a sua mãe nascera em Cockermouth, isto é, a oito milhas do meu local de nascimento e a uma distância menor da casa dos antepassados da minha mãe. Com as últimas palavras pronunciadas no seu leito de morte, a mãe dele disse-lhe que, caso adoecesse, deveria regressar a Cumberland e comer a Easter Magiant. É um dos meus grandes arrependimentos na vida o facto de, mais uma vez, não ter conseguido ver alguém que se tornara não só importante na minha vida, mas um amigo genuíno. Morreu no final do outono de 1974, após uma série de ataques cardíacos. Na sua última chamada para Clare, disse que uma das coisas que mais ansiava ver na próxima visita ao Reino Unido era a Easter Magiant que eu transplantara de Castle How para o meu jardim e que, contra todas as probabilidades, ainda florescia.

A história da nossa encarnação celta começa e acaba em Bassenthwaite. Os mortos aparecem aos vivos porque todos partilhámos uma vida comum entre a estalagem e o cais. Voltamos a encontrar-nos por causa das nossas memórias uns dos outros e porque a mesma terra que nos nutriu noutros dias continua magnética para nós. Após treze séculos, ainda sentimos as suas pulsões profundas.

LIVRO DOIS

O CASTELO

CAPÍTULO DEZANOVE

Como disse, Marion entrou na história no mesmo dia em que Annette partiu para o Canadá. Era também o dia de Trafalgar. Na altura não sabia que esta data tinha um certo significado. Marion falou primeiro dos centros culturais celtas que visitara. Chegou o dia em que ela desviou abruptamente para outro século. Disse que, de vez em quando ao longo dos anos, vira o fantasma de um marinheiro.

Para compreender o que ela viu, é necessário recuar alguns anos — não consigo ser exato — até uma tarde de verão sem sol e de céu baixo. Enquanto caminhava pelo meu quarto, o espelho de corpo inteiro parecia invulgarmente congestionado. Parei e olhei para ele e vi dois rostos. O mais próximo de mim era infinitamente mais cativante. O rosto dele era marcante e inconfundível por causa da sua forma quadrada. Era também peculiarmente corado. O vermelho das suas faces era mais profundo do que o rosa visto nos países do norte e especialmente acima das maçãs do rosto. Em todo o resto, a pele do rosto era de um castanho escuro cor de bolacha. Tinha cabelo escuro, olhos escuros e mantinha-se numa estranha e característica combinação de descontração e vigilância.

O que mais me intrigou, mais do que as feições, foi a sua expressão. Ocorreu-me imediatamente que ali estava um indivíduo fundamentalmente bem-intencionado, mas essencialmente realista e sem ilusões. Sempre que a sua segurança fosse ameaçada, não duvidava de que daria o primeiro golpe. Pertencia à escola do «atacar primeiro e pedir desculpa depois». Na altura em que vi esta aparição, não tinha interesse ativo no psíquico ou na reencarnação, mas soube instintivamente que aquele sujeito era eu e que, além disso, era marinheiro e francês. Tudo o que notei da sua indumentária foi que usava calças bastante largas.

Tive muito menos tempo para o outro rosto atrás de mim. Era o de um homem em idade madura avançada e intensamente deprimido. O rosto estava anormalmente contraído pela profundidade da sua depressão. Tinha também uma aparência meticulosa e burocrática que era de algum modo angustiante. Soube que este homem também era eu. Era curioso que, durante anos, nunca me permiti pensar nele. A agonia do seu

rosto era demasiado evidente e ele parecia-me também, de certa forma, um espécime pobre. Mais tarde aprendi que fora demasiado duro comigo mesmo.

Quando Marion descreveu o seu fantasma, soube que estava a penetrar mais fundo do que nunca no labirinto da memória. Alguém se aproximava de mim através dos túneis cada vez mais estreitos do inconsciente. Falou das feições que me tinham impressionado tantos anos antes: o rosto absolutamente característico e quadrado, a cor peculiarmente alta, o cabelo e os olhos escuros. A sua voz era calma e plana, e falava muito devagar. Nunca se apressava quando falava. Era como se estivesse a dar a sua opinião ponderada sobre um caso difícil que a interessava. Quando lhe perguntei que tipo de homem era, respondeu na mesma voz que não era fácil pôr em palavras.

Não consegui esperar mais. Deitei fora a minha relutância em condicionar os outros fornecendo dados antes de estarem prontos para os receber. Afinal, falava de algo que me seguira ao longo dos séculos, de um eu que existira antes da minha vida atual. Falei da boa índole do marinheiro, da sua vigilância e da truculência quase reflexa que nunca estava longe da superfície.

«Sim, é exatamente ele.» Nunca ouvira antes, e raramente voltaria a ouvir, a súbita agudeza e excitabilidade que estilhaçaram a harmonia da sua voz ponderada.

Agora aproximava-me do que vira em sonhos durante anos. O sonho era sempre o mesmo. Movia-me perto do mar através da sombra das árvores. Era início de outono. As folhas eram douradas e o mar estava calmo. Movia-me furtivamente de árvore em árvore, sentindo a beleza do dia e a ameaça de um país hostil. Caminhava à beira de um braço de mar. Esperava que um barco entrasse no braço de mar. Nunca chegava ou, pelo menos, o sonho parava sempre antes de o barco aparecer. Sentia que este sonho agridoce — as árvores eram tão belas, mas eu sentia-me caçado — estava profundamente entrelaçado com a minha vida de marinheiro.

Nos últimos dois anos, a impressão intensificou-se de que eu viera para este país numa missão especial. Fora desembarcado do mar e, quando me escondi entre as árvores, ainda aguardava que um barco se aproximasse da costa. Embora esta impressão se aprofundasse, eu ainda não aprendera a confiar nos meus pressentimentos.

Supusera que Marion seguiria Annette na tarefa de me conduzir da encarnação cátara para a celta. Estávamos agora noutra direção. Onde e quando teria eu sido marinheiro francês? Havia um ou dois indícios do passado.

Quando pela primeira vez fui a Oxford, a beleza do Sul significava pouco para mim. O que eu precisava de um país eram colinas, o mar e rios claros e rápidos. Das colinas perto de Bassenthwaite, podia olhar-se através do país ondulado e batido pelo vento, e através do Solway, até às colinas da Escócia. Nos rios, viam-se as sombras trémulas das trutas, quase imóveis contra a corrente. Fiquei desapontado com a primeira visão do campo em torno de Oxford, sobretudo pelo rio lento e turvo que puxava silenciosamente pelas margens. Tudo isso mudou quando fui para Londres como estudante de medicina. Sempre que podia, escapava para Surrey. Adorava o que para outros era campo suburbano: os comuns, as aldeias de tijolo, as pequenas charnecas com pinheiros e bétulas, os caminhos fundos escuros de teixos e azevinhos e, de repente, o sorriso das terras de milho para lá das sebes.

Até hoje sou assombrado pela aldeia de Shere. Vejo-a ou no brilho do verão ou no silêncio da noite, com o inverno a descer lentamente sobre ela. O que, como jovem estudante de medicina, amei desde o primeiro momento em que a vi continua tão precioso para mim como sempre. Também me emociona profundamente a região de urze, altos comuns e aldeias acolhedoras onde Surrey, Sussex e Hampshire se encontram. Por uma razão que nunca tentei analisar, esta última área esteve sempre associada na minha mente às guerras napoleónicas. Contra o pano de fundo da guerra, este país meio velado e sem pretensões era para mim mais íntimo e doméstico do que nunca.

Em maio de 1972, passei duas noites em Haslemere. Tinha combinado que Clare Mills me telefonasse ali acerca de um assunto de negócios que ela estava a tratar por mim. Fiquei surpreendido ao saber que ela recebera uma visita inesperada de Jane Butler. Esta última também falou comigo ao telefone. Disse que sentia que lhe restava pouco tempo de vida. Fiquei positivamente agitado após esta conversa, que ocorreu à noite. A inquietação ainda estava presente na manhã seguinte. Saí após o pequeno-almoço para esticar as pernas e dissipar a tensão. Olhei fixamente para um muro na orla do jardim e para o edifício baixo e comprido em ângulo reto com ele. Estava num daqueles estados em que

tudo em que o olhar pousa exerce um efeito hipnótico. Não sabia porque escolhera aquele muro. Não sabia que ele tivera um efeito ainda mais poderoso sobre outra pessoa. De repente, senti mais intensamente do que nunca a ligação irracional entre este país e as guerras napoleónicas. Depois, apresentou-se-me o pensamento ainda mais surpreendente de que fora prisioneiro de guerra naquela localidade. À medida que o dia avançava, rejeitei a ideia e acusei-me de sentimentalismo. No entanto, ganhara algo com aquele lampejo visionário de mim mesmo nesta região nos primeiros anos do século XIX. Fosse o que fosse, dissipara a minha tensão.

Desde sempre que me fascinam as guerras napoleónicas e o próprio Napoleão. Nisto talvez eu partilhe as reações de outros caracteres imaturos, mas não creio. Revelei a minha adesão numa idade demasiado precoce. Não podia ter mais de cinco anos quando me levaram ao teatro na minha cidade natal em Cumberland. Não consigo imaginar o que levou os meus pais a serem tão fora de moda indulgentes. A peça incluía uma cena em que Napoleão se despedia antes de ser enviado para Santa Helena. Embora naquela idade eu não estivesse enredado nas espirais da história, levantei-me no meu lugar e gritei alto: «Não é justo.»

Não sei o que o público pensou da minha crítica pouco patriótica ao Establishment. Um dos marcos da minha primeira infância foi um livro chamado Wellington e Waterloo. Nele lia, do outro lado da barricada, o que era vital para mim. Até hoje não consigo ler pacificamente a história de Quatre Bras. Não consigo permanecer sentado quando leio sobre o mal-entendido entre Napoleão e Ney.

Esqueci os meus sentimentos em Haslemere até um domingo frio e chuvoso de junho. O moral estava no ponto mais baixo. Contava lugubremente as semanas sem sol de um verão desperdiçado. Recebi um telefonema de Jane Butler. Estivera no hospital e ainda sofria muita dor por causa de uma anca fraturada. À sua maneira habitual de coragem, virou as costas aos sintomas e falou de outros assuntos. Perguntou-me se tinha alguma evidência de uma encarnação além da do Languedoque. Disse que tinha vagas intuições, mas não especifiquei a época.

Fiz-lhe a mesma pergunta. A resposta dela surpreendeu-me mais do que a sua memória cátara. O que disse era menos dramático e verificável, mas excitou-me porque a minha própria memória remota das guerras

napoleónicas estava a aflorar à superfície da consciência. «Sim, era homem», disse ela. «Era marinheiro francês. Foi durante as guerras napoleónicas.»

Não achou estranho que ela e eu pudéssemos ter-nos conhecido numa encarnação diferente da do Languedoque. Aceitou sem dificuldade a ideia de um grupo se manter unido ao longo de várias encarnações. Demos pouco tempo a estas possibilidades teóricas. Era uma pessoa cuja vida fora governada por evidências apresentadas e o seu desprezo pela teologia e metafísica era evidente. Passámos a discutir assuntos mais tangíveis. «Clare alguma vez te contou como ela e Betty brincavam horas e horas com barcos e se imaginavam grumetes?»

«Agora que falas nisso… »

«E como o pai delas passava horas com Clare num joelho e Betty no outro, a contar-lhes histórias de Napoleão?»

«Não.»

«Então pergunta-lhe um dia.»

Perguntei-lhe algumas horas depois. «Sim», disse ela. «Brincávamos muito a ser marinheiros. Deixa ver, eu era Pierre e Betty era Henri.»

«Porque os nomes franceses?»

«Não faço ideia. Sabes que nunca pensei nisso? Uma coisa que me fica na memória: Jane tricotava-nos boinas de marinheiro com pompões vermelhos pequenos.»

«Porque a Marinha francesa?»

«O que queres dizer?»

«Não sabias que os marinheiros franceses usam boinas com pompões vermelhos?»

«Não, não me lembro de alguma vez ter visto algum. Outra coisa: o meu pai costumava falar-nos durante horas sobre batalhas navais.»

Estivera todo o dia em casa e sentia-me inquieto. Sugeri que déssemos um pequeno passeio pela estrada acima. Era uma noite selvagem para junho, mas de certa forma bela, com os ramos a voar para trás das árvores vergadas pelo vento. A minha mente afastara-se da era

napoleónica. De repente, ouvi muito alto o ranger dos madeiramentos de um navio enquanto rolava em alto mar. Com certeza a minha imaginação o produzira a partir do vento e dos ramos a gemer. Perguntei a mim mesmo como podia sentir os madeiramentos tensos de um navio de guerra de madeira quando nunca estivera num navio à vela. Disse a mim mesmo que estava influenciado pela sugestão.

Mais tarde nessa noite, tive outro telefonema de Jane Butler. Era uma alma conscienciosa e grata. Queria que eu soubesse como se sentia muito melhor depois da nossa conversa anterior. Mudei de assunto dizendo: «Claro que sabes que a nossa conversa desta tarde chegou em boa altura para os velhos bonapartistas. Hoje é o aniversário de Waterloo.»

«Meu Deus, é mesmo?» Ficou muito mais emocionada do que quando admitiu ser Bruna. Quando falara da filha como Hélis de Mazerolles parecera quase distante. Suponho que vivera anos com os cátaros e que o século XIII se tornara uma segunda casa. Certamente estava mais excitada com o emergir à luz de memórias mais próximas, mas possivelmente mais nebulosas.

Porque acabara de regressar do passeio com Clare, a observação seguinte de Jane foi impactante. «Diz-me, Clare alguma vez te contou o que acontece quando ouve degraus a ranger?»

«Não.»

«Ela sai do tempo. Ouve o ranger dos madeiramentos de um navio de madeira. Não te falou do seu pavor de bolas de canhão?»

«Não bolas de canhão, pedras. Aquilo em que estás a pensar são as máquinas de lançamento de pedras em Montségur.»

«Não, também eram combates navais.»

Na manhã seguinte perguntei a Clare se o ranger de madeiramentos numa casa antiga lhe provocava alguma reação. «Oh, sim, combates navais», disse ela. «Ia contar-te ontem à noite quando viraste a esquina mesmo acima da tua casa.»

«Porque não contaste?»

«Devia? Precisava?»

A minha pergunta era supérflua. Eu já devia saber. Chegara-me na perceção claramente audível dos madeiramentos tensos do navio.

Na manhã seguinte recebi um telefonema de Kathleen. O dia anterior fora pesado com problemas domésticos, mas ao entardecer sentira-se fortalecida porque Clare se materializara no quarto com ela e era claramente visível. Disse também que uma frase curta se repetia na sua mente: «Tenho a vontade, rogo a Deus que me dê a força.» Perguntou-me se estas palavras podiam fazer parte de alguma oração cátara. Não consegui recordar imediatamente a frase. Mais tarde descobri que faz parte do Consolamentum. Embora tenha referido o texto deste várias vezes ao escrever este livro, não posso afirmar que me recorde em detalhe este longo ofício. Kathleen não lê francês e não tem livros sobre os cátaros. Não conheço traduções inglesas do Consolamentum.

Depois de Kathleen me ter contado a sua experiência da noite anterior, perguntei-lhe se alguma vez se sentira especialmente atraída pelo mar. A voz dela aguçou-se quando disse: «Porque me perguntas isso?» e continuou a contar que, quando era mais nova, procurara uma carreira marítima como secretária-purser num navio de cruzeiro oceânico. Era uma escolha rara e curiosa para uma rapariga daquela época. Disse também que se lembrava vividamente da hora de triunfo de Clare como escolar. O seu ensaio sobre a vida de um grumete num navio de guerra fora lido em voz alta à turma como modelo de como tais coisas deviam ser feitas.

Mais tarde nesse verão, Clare falou com Jack enquanto ele estava no hospital. Perguntou-lhe se sentira algum apego particular ao mar. Ele reagiu violentamente e disse que o horrorizava ao ponto de não suportar aproximar-se dele e nunca ter nadado nem tomado banho no mar. Disse que tinha a certeza de que algo terrível lhe acontecera no mar.

Para mim, estas experiências marítimas não eram prova inabalável de outra encarnação, mas contavam para alguma coisa. Nessa altura, estava satisfeito por um círculo que se formara no Languedoque no século XIII ter reaparecido em Inglaterra sete séculos depois. A minha visita a Haslemere e as minhas conversas com Jane e Kathleen ocorreram no verão de 1972, antes de Annette surgir em cena com as suas memórias celtas. Parecia-me possível que este grupo se tivesse reconstituído na Marinha francesa durante as guerras napoleónicas. Para mim, a evidência

não era mais do que presumível. Não fazia ideia de que mais tarde me seriam fornecidos dados tão detalhados e convincentes como os elementos encaixados na minha experiência cátara.

CAPÍTULO VINTE

Embora Marion tenha sido o fulcro em torno do qual a encarnação napoleónica se equilibrou, não agiu imediatamente nessa capacidade. Dissera que assistiria a uma conferência que eu ia dar. Antes de começar, esperei por ela. Sabia que não viria, mas era necessário passar pelas formalidades. Nesta vida fazemos o que devemos. Na próxima sabemos porque o fizemos.

Era estranho esperar por alguém que vira o meu fantasma. Não era perturbador nem sequer excitante. Quando se aceita que se esteve em contacto com alguém numa vida anterior, não se tem tempo para os aspetos mais palpitantes da reencarnação. Fiquei apenas triste e vazio quando ela não veio. Parecia que o meu destino era ouvir as suas vozes. Ansiava pela visão de um rosto. Os dualistas, pensei, estavam-me a ensinar uma lição. Estavam a arrancar os últimos farrapos da minha preocupação vitalícia com a forma. O que exigiam de mim era uma entrega mais completa ao invisível. Pediam demasiado. Sou incapaz de viver na terra as implicações plenas do Dualismo.

Marion telefonou-me alguns dias depois. Não pudera vir à minha conferência por causa de uma infeção viral. Tinha uma tosse estrangulada e infrutífera. Falou factualmente e com desprendimento sobre os sintomas. Obviamente sentia-se pior do que admitia. Perguntou-me, nos mesmos tons nivelados mas com maior desprendimento forçado, o que era um sargento de armas. Ali estava mais um a regressar a Avignonet e Montségur. Depois de eu responder, continuou: «Mencionaste o nome Arnaud durante a conferência?»

«Sim.» Terminei a conferência com a menção do seu nome. Originalmente planeara cobrir mais terreno, mas entrara em maior detalhe do que pretendera. O último evento que mencionara fora Jane Butler a chamar pelo marido do século XIII, Arnaud, quando acordou da anestesia. «Este nome significa alguma coisa para ti?»

«Desde quando?»

«Há cerca de seis meses.» Para várias pessoas, os primeiros meses de 1972 foram um tempo de revelação.

Nos meses seguintes, os revenants tornaram claro que Marion fora Arnaud na sua encarnação cátara. Quando telefonou a seguir, estava doente com flebite. Agora compreendia que, nos que têm memória remota, uma doença grave pode estar relacionada com um aumento de perspicácia. Clare começara os seus sonhos recorrentes quando a vida foi ameaçada por difteria. Betty escrevera e desenhara as suas recordações de Avignonet durante a convalescença de escarlatina. Não havia dúvida de que Marion seguia o mesmo padrão. A sua doença coincidira com o aumento da memória remota.

Primeiro notou uma névoa azul-escura na atmosfera. Definiu a cor com grande cuidado. «Não é o azul-escuro que chamamos azul-marinho. Pode-se chamar azul-marinho francês, digamos um azul-real profundo.» Isto coincidia com a descrição de Clare das vestes e cores usadas por Braida e o pai dela. «Ao princípio a névoa azul ocupava toda a divisão. Depois de algum tempo, coalesceu na forma de uma veste presa por algum tipo de cinto. Este era prateado e não inteiramente uniforme. Havia uma espécie de laço na anca esquerda.»

Marion descreveu o uniforme do Perfeito em termos quase idênticos aos usados por Clare e os outros. Era desconcertante que os membros deste grupo falassem muitas vezes não só com a mesma voz, mas usando as mesmas palavras. Era como se o mesmo oráculo falasse através deles, embora todos falassem dos seus pontos de vista separados. É mais importante registar estas coisas do que explicar o seu mecanismo. Este último também nos será revelado a tempo, mas só quando tivermos adquirido uma forma mais refinada de consciência.

Talvez tenhamos de esperar até à morte. Nestes assuntos, analisar demasiado é como procurar micro-organismos sem microscópio. A busca intensa «científica» induz uma espécie de miopia espiritual. Quando se aproxima dos altos níveis de verdade, não se consegue raciocinar até à sua substância.

Era evidente que, para Marion, o processo de sintonização se intensificava. A veia cátara estava longe de estar esgotada. Como Clare e outros antes dela, teve visões e sonhos de homens e mulheres em vestes azul-escuras a reunir-se em florestas. Era característico dela que um dia

mudasse abruptamente de assunto. «No teu livro sobre os cátaros nunca disseste positivamente que eras um Perfeito.»

«Não em tantas palavras.»

«Pregavas e ensinavas», disse ela. «Eras mais importante do que pensavas.» Depois de falar, senti que ela se afastava de mim. Quando se está próximo de pessoas mas não se as vê, torna-se muito sensível às inflexões da voz. «Não reivindico qualquer conhecimento detalhado do século XIII», continuou. «Claro que o marinheiro é diferente.» Agora falava mais rapidamente e a voz estava mais leve. «Lembro-me dele com absoluta clareza.»

«Devemos ter-nos conhecido antes.»

«Sim», disse ela. Não fez mais nenhum comentário.

No fundo do coração, eu sabia que ela e eu tínhamos sido marinheiros nas guerras napoleónicas. Claro que nunca, nem em conversa nem por escrito, me referiria a isto como um facto estabelecido. Pode-se guiar-se por pressentimentos, mas continua a ser indesejável apresentar as próprias intuições como evidência. Mas, por essa altura, eu já sabia, desde os primeiros dias, quem eram aqueles que encontrara noutra vida. Era em parte a atmosfera geral que emanava deles. Era distinguível mesmo sem os ter encontrado em carne e osso. Talvez fosse uma prova de que as nossas perceções são mais precisas sem o impedimento da matéria. E depois, claro, havia sempre a sensação de mais uma peça a encaixar num padrão.

Quando telefonou a seguir, estava feliz porque uma amiga lhe dera um exemplar de uma revista que publicara alguns dos meus poemas. Disse que fora particularmente tocada por um deles.

Observaste-me a dormir
Através dos séculos.
Acalmaste as minhas dores neste mundo
Porque as tuas eram distantes.
Vem buscar-me no fim,
Eu sentiria a distância
Entre mim e a minha própria dor.

Quando descreveu a sua reação a este poema, a voz estava mais controlada do que nunca. Era óbvio que se comovera porque nos conhecêramos antes. Era igualmente claro que na sua memória não havia nada ardente nem exigente.

Depois Marion mudou abruptamente e inexplicavelmente para o Castelo de Portchester. Eu nunca o vira e sabia pouco sobre ele. Ela visitara-o no início desse ano. Olhando para baixo a partir da torre de menagem, vira vários homens materializarem-se no recinto verde. Estavam vestidos com uma variedade de roupas rudes usadas no início do século passado. Entre eles estava o marinheiro que chegara a conhecer.

«Tens de ir a Portchester», disse ela.

«O que encontrarei lá?»

«Tens de ir e ver.»

Era curioso que, de certa forma, os métodos dela se assemelhassem aos dos revenants. Não respondia a certos tipos de perguntas diretas.

Era curioso que Clare também falasse de Portchester. Eu não sabia que ela alguma vez lá tivesse estado. Parecia que o visitara no início desse ano. Disse que tinha uma atmosfera maravilhosa e insistiu que eu fosse lá. Não estava entusiasmado. Não gostava de ser preparado para a atmosfera dos lugares. No passado, tantos me deixaram frio. Disse que eu o acharia interessante porque albergara prisioneiros franceses na guerra napoleónica.

Por fim, disse que iria se ela me acompanhasse. Era evidente que algo lhe chamara a atenção. Não tinha confiança na minha capacidade de o encontrar se fosse sozinho. Ela disse que seria melhor eu ir sem ela.

«O que foi que encontraste em Portchester?», perguntei.

«Digo-te depois de lá teres ido. Se o vires, bem, vês. Se não, não perdes nada.»

Marion foi muito mais insistente do que Clare em relação a Portchester. Sempre que me telefonava, perguntava se eu já lá tinha ido. Eu ansiava saber o que se passava na mente dela. Sabia que não adiantava perguntar. Era uma daquelas que vivem sozinhas e austeramente com as suas memórias remotas e que não condicionam os outros.

Um dia falei a Marion do meu sonho das árvores, de esperar pelo barco e da sensação de me mover num país hostil.

«As folhas eram douradas. É isso mesmo?», disse eu.

«Era outono.»

«Lembras-te de uma linha de árvores?»

«Não uma linha, apenas árvores.»

«Não sei se vim numa missão ou se fui recolhido de um naufrágio.» Queria que ela respondesse por mim. O silêncio era de algum modo ressonante. O próprio tempo era uma pulsação lenta. «Bem, posso considerar que fui prisioneiro de guerra?», continuei.

«Sim.»

«E em Portchester?»

«Sim.»

«De alguma forma, não há nada doloroso nisso.»

«Estávamos felizes», disse ela brevemente.

«Mas não fiquei lá todo o tempo», disse eu. «Sinto que fui emprestado, que trabalhei para alguém. Tenho esta sensação sobre o campo em redor de Haslemere, onde Surrey, Sussex e Hampshire se encontram.»

«Para mim é apenas Hampshire.»

Depois de falar com ela, senti-me curiosamente leve e desligado de mim mesmo. Percebi que pusera em palavras as memórias informes e inaudíveis de décadas.

Nessa altura, obtive alguns livros e folhetos sobre Portchester. Soube que, no final do século XVIII e no início do XIX, a torre de menagem normanda fora adaptada para alojar prisioneiros de guerra, a maioria franceses. Os prisioneiros também viviam em barracas encerradas pelas muralhas exteriores do castelo. Parecia haver numerosos grafitos nas paredes. Ocorreu-me que Clare achara essas inscrições de grande interesse. As suas respostas às minhas perguntas eram tão deliberadamente evasivas que senti que a minha conjetura estava correta.

Perguntei-me se deixara algures nas paredes do castelo algum registo da minha estadia em Portchester.

Num dia calmo de dezembro, a minha mulher e eu fomos almoçar à aldeia. Foi muito agradável ouvir a conversa da mãe da nossa anfitriã. Era uma mulher bretã com gosto pela história. Ao ouvi-la, conseguia visualizar o seu país, a giesta espalhada densamente nos vales abrigados e as casas de pedra dura e ângulos agudos a enfrentar o vento e a ameaça do mar. Foi especialmente fascinante quando falou do bisavô.

Era um oficial francês feito prisioneiro em Trafalgar que depois morreu com o posto de almirante. Quando ela foi para a escola em Inglaterra, não sabia que ele fora prisioneiro de guerra nas proximidades. Mais tarde, soube pelos papéis da família que a sua liberdade condicional se estendia às estradas e cruzamentos perto de Bedales, que lhe eram familiares.

Ouvi atentamente e sem dar conta da passagem do tempo porque se tratava de prisioneiros franceses em Inglaterra. Era tão sedutor numa tarde cinzenta que escurecia para névoa que demorei até ao início da noite. As gaivotas voavam terra adentro acima do rio. O estuário ficava a vinte milhas, com duas cidades pelo meio. No entanto, havia sempre a sensação do mar por causa da mulher bretã e do almirante que fora prisioneiro. Era completamente fora do padrão para mim chegar antes do almoço e demorar até ao anoitecer. Não partimos enquanto a escuridão não caíra.

Não partimos enquanto Marion e a mãe dela não saíram da casa de Clare. Tinham-lhe telefonado à hora do almoço a dizer que iam lá. Não havia dor profunda, mas uma sensação de futilidade nauseante. Vieram diretamente das guerras francesas e a mãe da nossa anfitriã era uma espécie de arauto. Vieram, foram-se, eu estava condenado a perdê-las. Era ou a malícia da circunstância ou algo bom que me era exigido e que estava para além do meu alcance. Não suportava que os mensageiros passassem tão perto de mim que conseguisse sentir-lhes o hálito na testa.

Os Dacre não tinham vindo a Bath falar das guerras napoleónicas. A Sra. Dacre, que só vira Clare uma vez anteriormente, insistiu, no entanto, que podia curar Marion, que ainda não se recuperara da tromboflebite. Clare fingiu ignorância e pediu instruções. Estava ansiosa que o menor número possível soubesse do seu dom de memória remota. A Sra. Dacre

indicou a Clare onde colocar as mãos. Esta colocou uma no local da flebite de Marion e a outra no joelho, no ponto de referência apropriado. Era evidente que a Sra. Dacre também conhecia os detalhes da imposição das mãos cátara. Marion sentiu-se muito melhor nessa noite e ainda melhor na manhã seguinte. Embora médica, submeteu-se sem questionar ao tratamento e esperava dele apenas bem. Teria a Sra. Dacre, assim como a filha, vivido no século XIII?

Quando a Sra. Dacre telefonou a seguir, falei-lhe do grupo de pessoas que se reencarnara em Inglaterra depois de estar junto no século XIII. Nessa altura, era menos avaro na minha comunicação com os outros. Segui o conselho de Braida e os meus pressentimentos. De qualquer modo, era impossível não ser completamente aberto com a Sra. Dacre. Havia algo nela que me inspirava confiança. Além disso, era ridículo imaginar que eu a pudesse condicionar.

A voz dela era firme, imperiosa e curiosamente inabalável. Se tivesse de a descrever numa palavra, usaria o adjetivo de dentes cerrados «rainha», apesar de saber que ela era tímida. A minha relação com ela era inteiramente diferente do que sentia com Marion. Esta última sentia profundamente o laço entre nós, mas parecia-me relutante em admiti-lo. O que havia entre a mãe dela e eu era tácito, mas consciente e intensamente humano. Se surgira no passado, era simplesmente e calorosamente sentido no presente.

Dos nomes do meu grupo, nenhum significava nada para a Sra. Dacre exceto Perella. Talvez Clare, como Esclarmonde de Perella, fosse a única pessoa de que se lembrava do século XIII, e isso talvez explicasse a sua confiança, de outra forma inexplicável, em Clare como curandeira. Falámos novamente de Cumberland, da casa do marido perto de Kendal e de como o pai dela viera do país selvagem e assombrado perto de Wastwater. Depois falou da mãe, que era francesa e natural de Carpentras. Sempre amei esta cidade. É belo deixar o torvelinho do trânsito pela quietude da rue de Vignes. Uma vez ali fiquei com a minha mulher. A casa abria-se cegamente para a rua tranquila e encerrava um pátio com uma árvore sombria. De dia vagueávamos sob um céu azul profundo varrido pelo Mistral. Era encantador regressar à casa ao anoitecer sob as estrelas baixas e claras.

Era significativo que a Sra. Dacre tivesse raízes na Provença assim como em Cumberland. Eu reencarnara nesta última região. Quando visitei a Provença antes da Segunda Guerra Mundial, ressuscitei como nunca antes e as impressões dessa primeira visita estão gravadas profunda e indestrutivelmente na minha memória.

Era evidente que as nossas lealdades partilhadas não se limitavam a Cumberland e Provença. Havia ainda outro país que ela amava. Parecia-me mesmo que, nos nossos amores e lealdades, nos tínhamos seguido pelo mundo acima e abaixo sem nunca nos encontrarmos. Falou da experiência da filha em Portchester. Era claro que era tão importante para ela como para Marion. Depois disse como ela própria amava o campo em redor de Haslemere. Enquanto me falava, senti-me próximo daquela região domesticada e confortável, mas ainda bela, com os seus espaços abertos súbitos e exhilarantes. Era interessante que ela e eu, habituados aos contornos rugosos de Cumberland, sentíssemos tão profundamente por este país gentil e encapuzado.

Fiquei emocionado quando falou de Haslemere. Prendi a respiração enquanto continuava. «Há um muro ali que é importante para mim. Há cinco anos, quando olhava para esse muro, comecei a ver a vida de forma diferente. Começou a ter um significado muito mais profundo para mim.»

«Onde era esse muro?»

A voz dela reduziu-se a um sussurro. «Era no jardim em G—.»

Foi naquele jardim em Haslemere, olhando para o muro, que tive a convicção profunda e final de que fora prisioneiro francês naquele país. Olhara para o muro com uma angústia inexplicável na manhã depois de Jane Butler me ter telefonado. Jane fora a primeira do grupo a dizer-me que fora marinheiro francês na época de Napoleão. Vira como os lugares podiam ativar a psique daqueles com memória remota. Os mortos tinham regressado na estrada de Bassenthwaite. A voz do passado soava no ar nas ruínas de Rievaulx. Agora um muro de jardim sem história conhecida atuara como rastilho para incendiar duas pessoas. O muro leva-me de volta a um castelo junto à costa. O castelo aponta para o mar e os navios, para mim mesmo tal como fui noutra época.

«Foi junto ao muro no jardim em G— que soube com certeza que fora prisioneiro francês.»

«É muito interessante», disse ela. Havia alturas em que falava tão sobriamente como a filha.

A partir desse momento, desceu uma cortina dentro de mim. Tornei-me positivamente relutante em descobrir quem eu fora no século XIX e o que Marion e a mãe dela eram para mim. Certamente estava ansioso por saber, mas não queria exercitar a mente e transformar o mistério num problema. Não houve esforço ativo de repressão. A mudança foi num nível mais profundo. Passei do escrutínio e verificação para um registo passivo e uma pequena interpretação entre os principais eventos. Agora só posso escrever o que aconteceu.

Sei que as explicações serão dadas mais tarde e que, quando chegarem, parecerão acontecimentos. Preciso menos do que antes de pensar as coisas. Isto não é uma reação de fadiga. Certamente estou cansado porque tanta coisa aconteceu tão depressa. No último ano, a maré da memória tem batido nas defesas em ruínas das minhas antigas inibições. É tudo como uma espécie de guerra. As coisas acontecem depressa. Faz-se bem em manter um registo dos acontecimentos.

CAPÍTULO VINTE E UM

A pressão para eu ir a Portchester era considerável.

Mostrei uma inércia louvável ao enfrentar o meu destino. Nunca fui um caçador apaixonado do psíquico. Eu próprio tenho sido a presa de experiências e forças que não compreendi plenamente.

Um aspeto destacava-se significativamente. Havia um consenso de opinião de que eu não devia ir sem Clare. Marion e a mãe eram incansavelmente enfáticas. Annette transmitiu-me a mesma mensagem de Braida. Clare insistia que eu devia ir sem ela.

Sabia que ela tinha parcialmente razão, mas sentia-me um pouco exasperado. Ninguém conhecia melhor do que eu os males do condicionamento. Mas compreenderia ela suficientemente a inutilidade de eu procurar coisas? A experiência passada ensinara-me que, no meu caso, a busca impedia a descoberta. Fiz-lhe uma pergunta direta: «Há alguns rabiscos nas paredes que possam interessar-me?»

«Creio que sim.» Foi deliberadamente casual e eu não tive nem desejo nem coragem de insistir mais.

A meio de janeiro de 1973, a minha mulher e eu partimos para Portchester. Nessa manhã estava exausto e não considerei o momento propício. O meu coração aliviou-se ao atravessarmos a respeitabilidade sórdida de Fareham. A aproximação a Portchester era detestável. A costa estava marcada por conjuntos habitacionais de uma mediocridade higiénica e garrida. Era menos suportável do que a miséria íntima das favelas ou as cidades de tijolo de Lancashire acocoradas desajeitadamente sob um céu sulfuroso. Perto do castelo havia um pequeno refúgio de casas georgianas. O trânsito diminuía à medida que nos aproximávamos delas. O castelo era belo. Apesar do comprimento e da altura das muralhas, e da sólida dignidade da sua torre normanda vista por trás das árvores, havia nele algo delicado e lendário.

Chegámos depois do meio-dia e o castelo estava fechado até ao início da tarde. Caminhámos ao longo do lado virado à terra do castelo, em direção à língua do porto que penetra profundamente terra adentro. Senti-me impelido a percorrer todo o circuito da muralha exterior. Como tínhamos de regressar a Fareham para almoçar, parei antes do Portão da Água. Estava particularmente ansioso por o ver, mas senti que podia esperar. Quando voltámos após o almoço, estava cheio de energia e tinha esquecido o cansaço da manhã.

Entrámos pelo Portão da Terra. Vimos nomes de prisioneiros franceses rabiscados nas paredes à direita da entrada. Dirigimo-nos diretamente à torre de menagem porque sabíamos que fora ocupada por um grande número de prisioneiros franceses. Antes de entrarmos, visualizei a forma, a largura e a substância das íngremes paredes de madeira que levavam aos dormitórios. Eram exatamente como as imaginara. Não dei grande importância a isto. Era óbvio que eram modernas e tinham sido colocadas muito depois da partida dos prisioneiros. No entanto, significava alguma coisa. Nada do que vira ou lera nos livros consultados me preparara para a forma das escadas.

A primeira coisa notável nos alojamentos dos prisioneiros era que não havia atmosfera de depressão ou horror. A minha mulher foi a primeira a fazer este comentário. Era significativo porque ela tem pavor de prisões e masmorras e fica sempre deprimida por elas. Para mim, estar

nos alojamentos dos prisioneiros era como sol encoberto. Não era apenas ausência de má atmosfera. O ambiente era positivamente alegre. Marion, à sua maneira monossilábica, recordara com felicidade o seu encarceramento.

Portchester nunca fora uma prisão civil. A meio do século XVIII fora convertida para uso como prisão de guerra. Durante as guerras napoleónicas, o tratamento dos reclusos contrastava marcadamente com os horrores infligidos nos cascos infestados de doenças.

Fora a Portchester com a ideia de que encontraria facilmente alguma inscrição relevante. Nessa altura recebera tantos dados deste mundo e do outro que esperava que a evidência caísse no meu colo. Havia um verdadeiro dilúvio de inscrições nos dois primeiros pisos da torre. Era pior do que procurar agulha no palheiro. O que eu procurava era alguma aproximação do meu próprio nome nesta encarnação. Pode parecer absurdo, mas era essa a minha intenção. Esta ideia cruzara-me a mente sem razão tangível numa das conversas anteriores com Marion. Clare também insinuara vagamente que algo parecido com o meu nome estava na parede. Não me dera mais instruções. Não consegui encontrar nada relevante no meio do labirinto fervilhante de inscrições nos dois primeiros pisos.

Fiquei muito tempo na torre normanda. Subi e desci as escadas íngremes várias vezes. Desde a minha doença em 1968, nunca fizera tanto exercício intenso com tão pouca fadiga. Quando olhei a vista a partir da torre, senti subitamente que devia haver uma torre Martello a leste. Não havia nenhuma à vista e senti-me defraudado. Talvez tivesse sido destruída nos anos intermédios.

Caminhámos pelo recinto interior das muralhas. Fomos até à base da torre onde os fugitivos e outros malfeitores eram colocados em confinamento solitário. Não entrámos porque o acesso estava vedado por andaimes e havia avisos de entrada proibida.

Quando saímos pelo Portão da Terra, soube que, sob todos os pontos de vista razoáveis, a expedição falhara. Não reconhecera nada relacionado com o meu encarceramento no início dos anos 1800. Fora como Braida e os outros me tinham avisado. Fui sem Clare e falhei. Eu próprio estivera a favor de me submeter inteiramente à orientação de Braida. Clare sempre adaptara o conselho desta aos seus requisitos

contemporâneos. Não duvidava de que a atitude dela era a mais madura. Vivia mais fora do tempo do que eu, mas estava mais preparada para aceitar as disciplinas deste mundo. Eu estava mais disposto a entregar-me ao outro mundo porque o conhecia menos do que ela. Talvez estivesse a esforçar-me demasiado por uma experiência que me fora negada.

No entanto, a expedição foi um sucesso porque o meu coração se alargou de amor por aquele lugar. Nos dias bastante recentes em que escrevi *The Cathars and Reincarnation*, teria rejeitado isto como evidência. Agora chegara a aceitar que o amor é uma testemunha eloquente. Sabia que, a partir de então, Portchester seria para mim como Montségur, Rievaulx e Bassenthwaite. Era um daqueles lugares com capacidade para me transportar para além deste mundo.

Antes de regressarmos, caminhámos mais uma vez no caminho exterior do castelo em direção ao Portão da Água. Agora sabia instintivamente que devíamos ir além dele até ao caminho ainda não visitado ao longo da muralha sul. A minha mulher interveio e disse: «Já fizeste o suficiente por hoje. Voltaremos noutra ocasião.»

Aceitei o que disse da mesma forma que sabia que devia ir além do Portão da Água. As duas reações pareciam contradizer-se, mas acreditava que ambas estavam certas. Tinha a sensação de que ainda não estava pronto para algo.

Mal chegámos a casa, Clare telefonou. Tinha um instinto de cão de caça para chegadas e partidas. «Então, como achaste?», disse.

«Maravilhoso. Todo o lugar era belo e tinha uma atmosfera bela. Não há muito que possa dizer. Senti-me muito melhor, muito mais forte fisicamente por estar em Portchester.»

«Estou encantada. Claro que se tivesses ido além do Portão da Água terias visto algo que reconhecerias.»

«O que era?»

«Talvez o sintas da próxima vez. Lamento que não tenhas encontrado a inscrição. Está na primeira sala a que se chega no topo das escadas. Suponho que seja difícil de ver, mas eu reparei imediatamente.»

Mal desliguei, Marion telefonou. Era estranho que esta mulher severamente autodisciplinada estivesse tão feliz porque eu amara

Portchester. Afinal, não vira nada de específica importância para mim, nem, por conseguinte, para ela. Depois fez uma declaração quase idêntica à de Clare.

«Se tivesses continuado para além do Portão da Água até ao caminho junto à muralha sul, terias visto algo que reconhecerias.»

«O que seria?», perguntei.

«Talvez vejas da próxima vez.»

«Não havia nada depressivo no castelo.»

«Eu disse-te que estávamos felizes», respondeu ela.

A mãe de Marion telefonou na manhã seguinte. Estava ainda mais encantada do que a filha por eu ter visitado Portchester. Era estranho que esta mulher idosa e digna encontrasse tanta felicidade nas reações de alguém que nunca conhecera. «Caminhaste no caminho junto à muralha sul?», perguntou.

«Não. Fui ao longo do braço de mar, mas não cheguei ao Portão da Água.»

«Se tivesses ido mais longe, terias visto algo de grande interesse para ti.»

Senti pouca exasperação por não ter chegado ao Portão da Água. Continuava envolto na serenidade total de Portchester.

Capítulo Vinte e Dois

Um mês depois fomos com Clare a Portchester. O céu estava cinzento e havia menos sol do que na minha primeira visita. No entanto, havia a mesma leveza de coração e a mesma sensação de o castelo dormir por trás das árvores e a sonolência de um verão interminável. Fomos ao dormitório inferior na torre de menagem. Na visita anterior passara a maior parte do tempo no andar de cima.

Na luz mortiça de uma tarde de meio de inverno, a inscrição era menos imediatamente visível para Clare do que quando a vira pela primeira vez num dia de julho, com o sol a pino e a luz a cair sobre a rede retorcida de escrita que cobria a parede. A inscrição «Guird» estava fortemente erodida pelo tempo, mas ainda discernível se se olhasse obliquamente, com as costas voltadas para a luz que entrava pela porta.

Não conseguia perceber como terminava o nome. Não fiquei muito impressionado com esta inscrição. Era difícil de ver, exceto para alguém com olhos aguçados e um dom para desvendar padrões escritos.

Ficámos pouco tempo dentro das muralhas do castelo. Estava ansioso por sair. Não havia nada opressivo na atmosfera. Era tão serena e harmoniosa como na primeira visita. Era apenas que desejava caminhar fora das muralhas o mais depressa possível. Afinal, tinham-me dito insistentemente que devia fazê-lo. Mais uma vez, parti do parque de estacionamento e segui ao longo da muralha norte em direção à língua do braço de mar que penetra do porto. Desta vez chegámos ao Portão da Água. Sabia que já passara por aquele portão antes. Voltei-me para Clare: «Por onde foste levada como prisioneira?»

«Por este portão.»

«Como chegaste lá?»

«Houve uma batalha no mar. O nosso navio, não o teu, ficou danificado e rendeu-se, sendo rebocado para o porto. Henri, isto é, Betty, estava comigo. Lembras-te de eu te ter dito que, quando éramos novos, brincávamos a ser grumetes? Fomos retirados do navio e amontoados em pequenos barcos. Estavam terrivelmente cheios. Os marinheiros eram rudes e empurravam-nos até os barcos ficarem completamente lotados. Um bateu-me na orelha. Recordo-me absolutamente claramente de como estava aterrorizada. Depois entramos pelo portão. Os homens à porta fizeram-nos algumas perguntas.»

«Quais?»

«Só quem éramos e de onde vínhamos. Não mostraram grande interesse.»

«Que língua falavas?»

«Não me lembro, mas devia ser francês. Eu não falava inglês.»

«Estavas ainda muito assustada no portão?»

«Aterrorizada. Assim que entrei, as coisas melhoraram.»

«Eu também entrei por esse portão», disse eu. Vi os rostos neutros e imóveis das pessoas que nos deixaram passar.

«Sim, os prisioneiros marinheiros foram trazidos em pequenos barcos do porto. Eu desembarquei mesmo em frente do portão. Tu não estavas connosco. Não estavas no nosso navio. Foste trazido noutra ocasião.»

«Conheceste-me enquanto eu era prisioneiro?»

«Claro», disse ela. «Eras uma figura considerável entre os prisioneiros.»

«Tenho a certeza de que não era oficial.»

«Não eras, mas ainda assim eras importante. De certa forma, eras respeitado.»

«Porquê? Não creio que tivesse um carácter belo.»

«Não. Era algo que tinhas de fazer.»

Continuámos para além do Portão da Água e virámos à direita no caminho junto à muralha sul do castelo. Lera que nos primeiros anos do século XVIII havia barracas com prisioneiros dentro da muralha. À luz do dia senti as sombras do passado. Envolveram-me como uma nuvem. Precisava de orientação através dela. Irritava-me que Clare tivesse seguido à frente. Parei no meio do caminho e chamei-a para esperar. Esperava que ela voltasse ao sítio onde eu estava. Estava pregado ao chão e relutante em deixá-lo. Ela ignorou o meu chamado e afastou-se de mim com passos invulgarmente curtos e inquietos. A expressão estava fechada e as feições embotadas. Perguntei-me se ela sentiria e ressentiria a minha irritação. «De onde escapei do castelo?», disse eu.

Era uma pergunta peculiar porque nunca aprendera de ninguém nem de nada que tivesse escapado da prisão.

«Do lugar onde estás parado?»

«E tu?», disse eu.

«Escapei de lá também. Havia um túnel por baixo da muralha, a partir das barracas.»

«Com quem estavas?»

«Esse é o problema. Sabes, escapei uma vez e fui imediatamente recapturado.* Betty, isto é, Henri, estava algures por ali. Acho que não

estava na segunda vez. Continua a voltar-me à memória, mas não com absoluta clareza. Sei com certeza que escapámos uma segunda vez. Na segunda tentativa éramos três ou quatro pessoas e tu eras um deles. Sabia que tinhas uma carta que querias que fosse levada algures. Eu estava aqui contigo.»

Irritava-me profundamente que continuássemos a andar. Depois de virarmos a esquina e deixarmos a muralha sul, o comportamento dela tornou-se mais descontraído.

«Foste recapturado», disse ela.

«Foi no outono. As folhas estavam a mudar.»

«Sim, podia ser outono.»

«Que idade tinha eu?», perguntei.

«Cerca de trinta e cinco. Algum tempo depois foste posto em liberdade condicional. Tinhas terminado aquilo que tinhas de fazer.»

«Quanto tempo estive em liberdade condicional?»

«Não sei dizer. Sei que não ficaste muito tempo em Portchester. Diria, talvez dezoito meses. Não voltaste depois de saíres em liberdade condicional. A última coisa de que me lembro sobre ti é que estavas deitado na relva. Vi isso outra vez em julho passado.»

«O que estava eu a fazer na relva?»

«Estavas a ser posto em liberdade condicional. Estavas à espera, com muitos outros, de ser levado para onde ias trabalhar.»

«Chegaste alguma vez a estar em liberdade condicional?»

«Henri e eu podíamos ir até à aldeia, mas não mais longe. Tinha que ver com sermos tão novos. Estávamos no início da adolescência.»

«Por Henri queres dizer Betty?»

- Um ano depois, ela reviveu a primeira fuga, na qual nunca saiu do túnel. Foi engolida pelos detritos do teto que desabou.

«Sim. Ele era um rapaz um pouco gordo. Não me soa a campainha na segunda fuga. Talvez algo venha.»

Fizemos outro circuito das muralhas exteriores e entrámos novamente pelo Portão da Água. Após cento e setenta anos, senti a tensão no portão e vi a expressão das pessoas que interrogavam os prisioneiros. Eram informais e não sorriam, mas não eram mais intimidantes do que o funcionário médio de passaportes num ferry na mancha. Estava pronto para deixar o castelo porque queria ir a Southsea. Fora-me dito que no seu castelo havia uma lista de prisioneiros de guerra franceses. Enquanto caminhávamos em direção à saída do Portão da Terra, senti um impulso irresistível de voltar ao edifício principal. A minha mulher e eu entrámos na Torre Assheton.

Era ali que os prisioneiros que escapavam e eram recapturados eram punidos com confinamento solitário. Na altura da nossa visita estava proibido entrar, mas o guarda disse que podíamos fazê-lo. Não notei inscrições nas paredes. Isso deveu-se ao facto de Clare não nos ter acompanhado à torre. Enquanto a minha mulher e eu estávamos lá dentro, ela sorria-nos encorajadoramente do outro lado do andaime. Era invulgar, porque ela é uma pessoa intrépida com grande coragem física. A minha mulher disse-me depois que sentiu que Clare estava demasiado assustada para entrar. Não notei a sua agitação.

Ao sairmos do castelo, tentei com esforço localizar a linha de árvores que vira no sonho. Havia árvores ao longo da face oeste do castelo, entre a torre de menagem e a aldeia. Eram demasiado novas. A minha atenção foi captada por uma língua de terra que curvava para oeste à direita do meu ponto de fuga. Era agora um terreno baldio suburbano coberto de mato e arbustos baixos. Talvez naquela época tivesse uma linha de árvores. O tema principal do meu sonho eram as árvores douradas com o outono e a espera pelo barco que surgiria à volta do cabo. Irritava-me não encontrar a linha de árvores. Parecia incapaz de aceitar que, num século e meio, elas pudessem ter sido cortadas.

Sempre soubera que no meu sonho estava numa missão em território inimigo. Supusera que se referia à minha primeira captura. Vir-me-ia a desembarcar em país hostil para cumprir uma missão e ser recolhido novamente. Agora já não tinha tanta certeza. Estaria a olhar para trás para a minha fuga de Portchester e a subsequente recaptura? O tema predominante no meu sonho era esperar pelo barco. Não me ocorrera que o barco não nos tivesse falhado. O meu sonho parara antes de ele aparecer à volta do cabo.

Como meio de identificar os prisioneiros, Southsea foi uma busca inútil, mas fui amplamente recompensado quando olhei para o Solent a partir das muralhas do castelo. Alinhadas ao longo da costa havia uma linha de torres Martello. Na minha primeira visita a Portchester, estivera absolutamente convencido de que devia haver pelo menos uma torre a leste. Desapontara-me que não fosse visível de Portchester. Quando vi claramente os fortes e o mar entre o continente e a Ilha de Wight, a sensação de reconhecimento foi ainda mais nítida do que em Portchester. Estes fortes estavam de algum modo relacionados com a minha missão.

No caminho de regresso a casa, Clare estava calada mas feliz e parecia muito cansada. Era evidente que fora uma experiência frutífera para ela, mas que a deixara um pouco abalada. Não lhe fiz perguntas. Não percebi que, naquela altura e no dia seguinte, o campo de recordação se estava a alargar e a aprofundar. Aceitava já que ela não revelava o que sabia até ser do meu interesse sabê-lo. Não me dava oportunidade de exercer os meus poderes de imaginação ou a minha capacidade de visualizar. O que me revelava era tanto mais convincente quanto surgia em momentos em que um padrão era completado por outros que não estavam em contacto com ela no sentido mundano do termo. Esta interligação de evidências haveria de se revelar especialmente na história de Portchester.

Ofereceu-me um pequeno pormenor de informação na viagem de regresso. «Lembro-me de fazer coisas com pedaços de osso. Não era muito boa nisso e desisti depressa.»

Os prisioneiros franceses em Portchester eram maravilhosamente habilidosos a fazer modelos de navios com fragmentos de osso. Pode-se dizer que isto é tão bem conhecido que o conhecimento poderia ter influenciado a memória dela. Havia mais evidências por vir sobre os passatempos dos prisioneiros.

Dois dias depois da minha viagem a Portchester, tive uma dor aguda no olho esquerdo. Nos últimos dois anos tivera, de tempos a tempos, rebentos de hordéolos na pálpebra deste olho. Senti que isto era diferente porque a dor era aguda, lancinante e mais na substância do próprio olho do que apenas na pálpebra. Não via que se estivesse a formar um hordéolo. Nem a minha mulher nem eu conseguíamos detetar nada exceto alguma inflamação da pálpebra. À hora do almoço do mesmo

dia, recebi uma chamada de Marion. Disse-me que a mãe sofria de uma úlcera da córnea no olho esquerdo. Pensei que a dor no meu era demasiado aguda e profunda para ser explicada por um hordéolo. Marion disse que a condição do olho da mãe começara a melhorar e que a dor diminuíra. A melhoria ocorrera ao mesmo tempo que eu sentira a dor no meu próprio olho esquerdo. Nessa altura, este tipo de coisa acontecera tantas vezes que não podia descartá-lo como coincidência. A experiência ensinara-me que captar os sintomas de outras pessoas era um processo criativo e curativo que ocorria em tempos de intensa atividade psíquica. Esta atividade curativa era um componente essencial no complexo mecanismo de sincronização psíquica.

Em dois dias, a condição da Sra. Dacre melhorou radicalmente.

Depois de falarmos da mãe dela, contei a Marion a minha segunda expedição a Portchester. Após a primeira visita, ela ficara de forma discreta, quase sem emoção, feliz porque eu gostara da atmosfera e me sentira mais forte por isso. Agora, quando lhe contei as minhas experiências, respondeu de forma seca e breve. Não sei o que ela sentia ao falar comigo. A minha atitude era sempre a de alguém com menos conhecimento do que ela. Aproximava-me dela como um jovem subalterno a apresentar um relatório a um oficial superior. É bem possível que eu tenha criado uma impressão completamente diferente. Só digo o que sentia. Perguntei em que ponto escapei.

«Ao longo do caminho junto ao porto. No lugar onde disseste que paraste.»

«Estava sozinho?»

«Não. Havia mais três.»

«Estávamos à espera de um barco?»

«Sim.»

«E ele apareceu?»

«Apareceu, sim.»

«Fui eu que saí para ele?»

«Não. Estavas na margem para ver que a missão era concluída.»

«Qual era a missão?»

«Tu e eu fomos desembarcados algures bastante a leste de Portchester. O nosso trabalho era investigar as defesas costeiras. Terminámos o que tínhamos saído para fazer, mas fomos capturados depois. Dentro de Portchester desenhaste um esboço do que tinhas visto. Todo o objetivo da fuga era livrar-se do teu desenho. Foi levado para um barco que veio à volta do cabo. Havia um intermediário a ligar os prisioneiros à guarnição. Um jovem grumete chamado Pierre nadou até ao barco com o teu esboço numa pequena bolsa de cabedal. Era novo e ativo. Tu e eu éramos considerados demasiado velhos e pouco atléticos.»

«Que idade tínhamos?»

«Bem mais de trinta.»

«E a expedição foi bem-sucedida?»

«Completamente. Foi por isso que estávamos tão felizes.»

«Suponho que depois de recapturados fomos postos em confinamento solitário.»

«Não, tu e eu não. Eles tiveram a visão peculiar de que éramos demasiado velhos para ser uma ameaça num esforço destes. Consideravam-nos enganados por este jovem grumete chamado Pierre.»

«O que lhe aconteceu?»

«Foi metido numa cela na torre.»

«Parece um pouco duro se eu era responsável. Preocupámo-nos com isso?»

«Meu Deus, não. Tínhamos feito o que nos propuséramos. Porque havíamos de nos preocupar?» Era interessante ouvir esta médica conscienciosa e escrupulosa expressar um tal desdém cavalheiresco pela ética. Obviamente conseguia viver melhor na sua outra pele do que eu.

«Qual era o teu nome?»

«Não sei ao certo, realmente.» Respondeu devagar, como se tivesse alguma suspeita. Era feita de tal forma que não podia dizer nada baseado em suposição.

«Era Henri?»

«Soa a um leve sino, mas não tenho a certeza.»

«Sabes o meu nome?»

«Guirdaud», disse ela prontamente.

«E o meu nome próprio?»

«Não faço ideia. Nunca foste conhecido senão pelo apelido.»

Era natural que eu estivesse preocupado com o modo como pensara na vida anterior. Perguntava-me se as minhas opiniões sobre homens e assuntos teriam sido semelhantes às desta encarnação. Mas acima de tudo perguntava-me se eu, que sou hostil ao que nos círculos políticos conhecemos como forças do progresso, teria sido republicano ou bonapartista. Não conseguia acreditar que, naqueles dias, tivesse sido outra coisa senão o último. Uma coisa era certa — não tinha saudades do antigo regime.

«Pergunto-me quais eram as nossas políticas naqueles dias?», disse eu.

«Nunca me interessei por política nesta vida nem na anterior.»

«Coloco tudo isto por volta de 1804.»

«Pode bem ser», disse ela. «Não me interesso por datas.»

Senti-me mais seguro quanto ao meu sonho. Parecia-me inevitável que se referisse não à minha primeira captura, mas à minha tentativa de fuga. Porque haveria a minha própria memória remota, e a de outras duas pessoas, de se concentrar no caminho junto ao porto?

No mesmo dia em que Marion telefonou, tive uma chamada de Kathleen. Fora visitada por Raymond. Ele disse que nas próximas uma ou duas semanas Clare se lembraria de muito mais. Nesses dias, se Braida e Raymond prediziam algo, não tardava muito até que fosse cumprido. Mais uma vez, não tive de esperar muito.

Na manhã seguinte Kathleen telefonou novamente. Partira para uma longa estadia na Suíça, mas achara urgente telefonar-me. «Acabei de falar com Clare», disse ela. «O que ela disse foi tão extraordinário que senti que tinha de te telefonar. Percebo que foste a um lugar chamado Portchester. Parece que, quando chegaste a uma torre qualquer, ela se sentiu positivamente horrível.»

«A minha mulher notou algo. O essencial é que Clare foi encerrada lá por tentar escapar.»

«Entendo. Mas o que se segue é realmente peculiar. Ela disse que tu e ela foram ao longo do caminho junto à água. Sentiu que não podia ficar contigo.»

«Certamente seguiu à frente.»

«Foi porque sentiu que tinha de se afastar de ti. Disse que, se tivesse ficado contigo, teria de saltar para a água. Era algum tipo de obsessão?»

«Não propriamente», disse eu. «Nunca tivera isso antes e não voltará a ter.»

«Mas o que significa?»

«Que numa vida anterior ela nadou a partir do ponto no caminho onde eu estava parado. Estava a levar uma mensagem para um barco.» Contei-lhe rapidamente e brevemente a história.

«Mas porque é que ela queria afastar-se de ti?»

«Porque eu estava no comando. Tinha de me certificar de que Pierre fazia o que lhe fora ordenado. Talvez ele tenha tido medo no último momento. Talvez Clare se lembrasse de ter tido medo. De qualquer modo, não há motivo para preocupações, a água é rasa. Devia ser muito mais funda naqueles dias.»

Depois de Kathleen desligar, telefonei a Clare. «Acabei de falar com Kathleen ao telefone. Porque é que não me contaste tudo isso sobre querer saltar para a água?»

«Naquele momento simplesmente não consegui. Parecia-me tão completamente estúpido, tão absolutamente louco. E depois os pormenores só me voltaram mais tarde nessa noite. Quero dizer, coisas como a bolsa que eu levava. Era uma coisa de cabedal macio, apertada no topo por uma espécie de faixa, e a carta estava lá dentro. Porque achas que eu tinha de saltar para a água para me afastar de ti?»

«Sei pela Marion que eu estava lá para me certificar de que tu fazias o que te mandaram. Quando chegou o momento, parece que não gostaste. O que eu gostaria de saber é quem era o quarto homem.»

«Havia um quarto homem?»

«A Marion diz que sim. Tu eras Pierre. Eu era Guirdaud, depois havia Henri. Acho que este Henri não é o Henri rapazinho gordinho, isto é, Betty. Agora tenho a certeza absoluta de que não era Betty. Tenho a certeza de que Marion Dacre era o Henri no grupo da fuga», disse eu. «Quem era o quarto?»

«Não achas que era o Graham?»

«Porque haveria de ser?» Pensei que ela estava a encaixar as peças por impulso sentimental pouco característico. Graham amara-a durante vinte anos. Ela ainda ansiava por que ele fizesse parte do grupo.

«Não te lembras das notas dele sobre um castelo junto ao mar e um monte de prisioneiros marinheiros interessados num qualquer clube dedicado à fraternidade universal?»

«Lembro-me perfeitamente», disse eu.

«Ele falou também em guardar pedaços de osso das refeições para usar em entalhe.»

«Agora que mencionas, lembro-me.»

«Não te recordas que ele escreveu sobre fazer um brinquedo mecânico que funcionava ao rodar uma manivela?»

«Sim. Tinha-me esquecido. É estranho que só há dois dias o meu filho me tenha dado um livro — acabado de publicar, note-se — com uma ilustração de um brinquedo desses feito por um prisioneiro francês na guerra napoleónica. A que é que tudo isto leva?»

«Bem, ele falou também de um rapaz chamado Pierre. Visitou-o muito numa cela na torre.»

«Sim. Tinha-me esquecido disso.»

Senti fortemente que Clare era o rapaz Pierre que fora encerrado na torre e que Graham era o quarto homem na nossa fuga de Portchester. No dia seguinte, Annette telefonou do Canadá. Tinha um ou dois problemas consideráveis em que precisava de conselho. Os seus problemas eram transportados como penugem de cisne numa rajada de boa disposição ruidosa. Estava a viver os meses felizes antes da sua sucessão de doenças graves. Só no fim da conversa é que se lembrou de que tinha uma mensagem para mim da mãe. Embora Braida e Raymond a tivessem

descrito como a grande esperança dos cátaros do século XX, ela era notavelmente despreocupada ao transmitir mensagens do outro mundo. Cavalgava pelo cosmos com rédea leve. Disse que a mãe citara quatro nomes, que tinham que ver com Portchester — Annette só se lembrou do nome do castelo com dificuldade — e que eu saberia o que fazer com eles. Os quatro nomes eram Raymond, Pierre, Henri e Jacques.

Encontrei Clare no mesmo dia e mencionei a mensagem de Annette. Ela disse que o meu nome devia ser Raymond porque eu estava no comando da fuga e este nome aparecia no topo da lista de Annette. Sabíamos que ela era Pierre. Estávamos praticamente certos de que Marion era Henri. Tivemos não mais do que uns minutos de conversa sobre o assunto, mas eu sabia, pela experiência recente, que a verdade nos viria em cascata de todos os lados. Mr. Mills e Braida apareceram nos dois dias seguintes e disseram a Clare que Graham fora Jacques e lhe fizera companhia na torre em Portchester.

Por essa altura, eu caminhava na rua quando me vi vestido com um sobretudo comprido à moda do início do século XIX. O sobretudo era cinzento-claro e tinha uma capa nos ombros. Quis chorar. Os meus olhos humedeceram, mas consegui evitar chorar abertamente. Sabia que me fora dado este sobretudo por um homem bondoso e compreensivo para quem eu trabalhava e que me conquistara o coração com este simples gesto. Sabia que isto acontecera num cenário inglês, no campo e na região particular que eu amara como estudante de medicina.

Fiquei profundamente emocionado com esta experiência, mas logo depois disse a mim mesmo que era o resultado de um sentimentalismo retrospectivo e da capacidade de visualizar. Não considerei o fenómeno significativo. Há um ano, Braida dissera a Clare que, se até agora eu não tivesse aprendido a confiar nos meus pressentimentos, nunca aprenderia. Parecia que eu ainda arrastava os pés.

A Sra. Dacre telefonou quatro dias depois da minha visita a Portchester. Estava feliz por eu ter lá voltado. Quase imediatamente disse algo que me espantou para além da medida e me fez sentir a proximidade do laço entre nós. «Porque é que a Menina Mills se afastou de ti quando caminhavam pelo caminho junto ao porto?»

Não lhe perguntei como sabia. Nessa altura chegara à fase em que estas banalidades já não eram necessárias. Ainda não descrevera este

incidente a Marion. A Sra. Dacre não sabia da existência de Kathleen que se sintonizara com este assunto. Depois de responder à pergunta, perguntei-lhe algo que há algum tempo me andava perto do coração, mas que relutara em pôr em palavras. É uma situação estranha recordar, com alguém que nunca conhecemos, um laço estabelecido há mais de um século e nunca verdadeiramente quebrado. «E tu», disse eu, «eras o meu patrão?»

«Sim.»

«Nessa altura eras homem.»

«Sim, não estaria a supervisionar as tuas atividades se fosse mulher.»

«O que fazia eu?»

«Começaste como trabalhador geral na terra. Descobri que adoravas construir muros. Eras muito bom nisso e, no fim, não fazias mais nada.»

«Sinto que era em redor de Haslemere», disse eu.

«Era. Havia um muro que construíste em G—, mas construíste muitos outros. Eu possuía uma boa quantidade de terreno nessa vizinhança.»

«O meu apelido tinha alguma semelhança com o atual?»

«Não me lembro.» Era uma medida da reticência de Marion que ela nunca comunicara à mãe a sua recordação do meu apelido.

Não me ocorreu perguntar à Sra. Dacre pelo meu nome próprio. Afinal, em Portchester propriamente dito eu era sempre conhecido pelo apelido. «Quanto tempo fiquei contigo?»

«Muito tempo», disse ela. «Questão de anos.»

«Voltei a França?»

«Não me lembro. Trabalhaste também para outra pessoa.»

Senti-me subitamente desanimado. Não suportava pensar que trabalhara para ela e a deixara por outra. Se isto parece sentimental, só posso dizer que aqueles que o descreveriam assim nunca partilharam a minha experiência.

Quando contei a Clare a minha conversa com a Sra. Dacre, ela disse que sempre se interrogara se eu teria sido pedreiro.

«É a tua sensação em relação aos muros», disse ela.

«Tenho tal sensação?»

«Mas claro que sim, tu adora-los. Não gostas de jardins abertos com vistas. Gostas de estar fechado. Qual é aquela coisa que dizes sempre sobre um cavalo que esteve todo o dia fora e adora uma cavalariça escura? A Mary diz-me que, quando estás no estrangeiro, gostas sempre de um quarto que dê diretamente para uma parede ou para o que chamas um poço — suponho que queres dizer uma espécie de pátio. Na tua própria casa preferes a vista das traseiras a olhar para a parede, enquanto toda a gente se extasia com a vista da janela da frente.»

«É verdade», disse eu. «Quando disseste que eu amava muros, pensei que querias dizer apenas tijolos e argamassa e misturá-los.»

Falar de muros fez-me pensar no muro de Haslemere e no próprio país. Há cinquenta anos estive doente e perdi muito peso em pouco tempo. Fui recuperar forças a Bramshott. Fica na estrada principal para Hindhead, a poucos quilómetros de Haslemere. Cheguei fraco e esgotado ao fim da tarde. Tinha comido pouco durante dias. Saí imediatamente para caminhar. Comecei nos bosques de Waggoner's Wells. Caminhei rapidamente durante mais de três horas. Nessa altura, conseguia regularmente fazer quatro milhas por hora. Devo ter percorrido pelo menos onze milhas. O que era interessante era que eu, que naqueles dias tinha um bom sentido de direção e olho aguçado para os contornos da paisagem, me perdi completamente naquele campo domesticado e quase suburbano.

Certamente caminhava por bosques, mas isso era pouca coisa para quem passara tanto tempo a vaguear pelas colinas vazias de Cumberland. Recordo claramente o meu medo ao anoitecer aprofundar-se e eu não conseguir encontrar a estrada. Pergunto-me se naquela caminhada não terei tropeçado nos meus antigos refúgios e ficado desorientado pelo ressurgimento de uma memória exigente mas inconsciente. Vinte anos depois desta experiência, mesmo ao lado da estrada onde comecei a caminhada, tive o meu segundo ataque de doença de Ménière.

O primeiro ataque fora um mês antes e coincidira com o impulso obsessivo súbito de Clare que a levou pela primeira vez ao país cátaro e com a primeira experiência de memória remota da Sra. Smith. Em 1954,

sem o saber, eu sintonizava-me com a minha encarnação cátara. Estaria eu, no início dos anos 1930, a ter um ressurgimento das minhas memórias napoleónicas? Estaria a pisar terreno sagrado para mim na minha última encarnação?

O próximo evento foi uma chamada de Marion. Perguntei-lhe se reconhecia a lista de nomes citada por Annette. Como Clare, concordou que eu estava no comando e que o meu nome era Raymond. Pierre era certamente o nome do grumete. Aceitou o seu próprio nome como Henri. Não fez comentários sobre o nome Jacques.

Mais uma vez, os fados intervieram para impedir o contacto entre mim e outra pessoa na mesma sintonia. Tinha planeado ficar duas noites com um amigo em Surrey para visitar a Sra. Dacre. Esta última adoecera com uma infeção na garganta. Foi levada para ser tratada por Marion na casa desta. No dia seguinte era o aniversário da trégua em Montségur. Acordei a sentir-me pior do que nos dois anos anteriores. Não pensava que isto fosse inteiramente atribuível à minha memória cátara. Sofria mais agudamente porque a encarnação napoleónica rompera a superfície da consciência. É possível que esta perceção aguçada de uma encarnação tenha aumentado a minha sensibilidade às cordas enterradas de outra.

Mais tarde nesse dia, fui animado por uma chamada da Sra. Dacre. A garganta estava muito melhor. Estava preocupada em saber como eu estava. Era evidente que ela percebia que eu não estava bem. Se soubesse que Clare se afastara de mim no caminho junto ao porto na minha visita a Portchester, poderia registar o tremor mais bruto da minha depressão.

Perguntei-lhe se os nomes transmitidos por Annette através de Braida significavam algo para ela. Enquanto viver, não esquecerei a sua resposta. «Posso certamente dizer que Raymond significava muito para mim.»

Acrescentou imediatamente, calmamente e sem um tremor: «Se tivesse tido um filho, sempre pretendi chamá-lo Raymond.»

Senti uma felicidade indefinível e quase luminosa. Era como se o meu nível de consciência tivesse subitamente subido. Olhava para o mundo de cima de uma nuvem.

«Os nossos anos juntos foram muito felizes», continuou ela. «Trabalhaste para outra pessoa mesmo antes de vires para mim. Depois ficaste comigo até deixares o país.»

Senti-me incrivelmente aliviado ao ouvir as suas palavras. Odiara a ideia de ter trabalhado para ela e a deixado por outra. Se isto soa sentimental, só posso dizer que aqueles que o descreveriam assim nunca partilharam a minha experiência.

Na noite seguinte tive outra chamada de Marion. A garganta da mãe estava muito melhor, mas ela estava agudamente doente com uma afeção no peito. Tinha dor no peito, uma tosse violenta e febre alta. O médico visitara-a duas vezes nesse dia. Marion disse que, sem qualquer dúvida, a mãe tinha congestão pulmonar. Percebi que ela estava sob grande pressão.

Falava na sua habitual voz lenta e medida, mas admitiu que estava muito preocupada. Mais uma vez, estava ansiosa por dar à mãe tratamento segundo os princípios que ela própria descobrira a meio quando lidava com crianças com deformidades congénitas. Lembrei-lhe que Clare era uma grande autoridade nestes assuntos. Doía-me pensar na Sra. Dacre doente e angustiada e que eu estava separado dela.

Na manhã seguinte tive uma chamada cedo de Marion. Disse que a mudança na mãe fora milagrosa. Tivera uma noite perfeitamente tranquila, dormindo profundamente e sem ser incomodada por qualquer dor no peito. Mesmo parecendo dormir tão profundamente, disse a Marion que sentia mãos a varrerem o seu corpo e a levarem-lhe as dores. Teria sido agradável pensar que eu fizera, durante a noite, uma viagem fora do corpo até à minha antiga patrãoa, mas sei que Clare foi o agente da sua recuperação. Na manhã depois da excursão etérea desta última, a temperatura da Sra. Dacre, que fora de 40 °C na noite anterior, baixou para 37,4 °C.

A Sra. Dacre enviou-me uma mensagem através da Marion. Disse que algumas pessoas conseguem ver as suas vidas passadas quando estão gravemente doentes e com febre muito alta. Eu sabia que as crianças com temperaturas elevadas, descritas como «com a cabeça leve», muitas vezes vivem experiências semelhantes. Contou-me que na noite anterior tivera um sonho muito vívido. Ela e eu estávamos juntos no pátio de uma quinta longa e baixa. Era uma manhã fria e ela — ou melhor, ele — tinha-me

dado um sobretudo. Descreveu-o como longo, com saia, cinzento e com uma capa presa aos ombros. Insistiu muito para que a Marion salientasse o quanto se lembrava daquele sobretudo e o quanto gostava de mim. Eu recordei, com calma e sem emoção, a minha própria visão anterior de mim mesmo de pé ao ar livre, a receber o sobretudo cinzento do meu patrão. Estava menos emocionado do que no dia da visão, quando quase chorei na rua. Sentia-me calmo e um pouco atordoado. Era estranho sentir que o «eu» que me acompanhava nas tarefas diárias estava ligado a algo que se encontrava liberto do tempo.

O médico que nos visitou mais tarde nessa manhã concordou que a Sra. Dacre estava milagrosamente melhor. Apresentava alguns sinais ligeiros de bronquite, mas nada que indicasse pneumonia. No dia seguinte, a Marion telefonou novamente. A mãe sentia uma dor intensa na base de um pulmão e o médico diagnosticara pleurisia. Mais uma vez, a Marion praticou a imposição das mãos. Dois dias depois, telefonou outra vez. A mãe estava muito melhor, restando apenas tosse e alguns sinais de bronquite.

Sempre que falava com a Sra. Dacre, era como uma espécie de bela trégua no meio de uma campanha emocionante mas esgotante. Embora estas comunicações do outro mundo passassem por intermédio da Clare, continuavam a deixar-me exausto. Não dispensaria essas experiências por nada deste mundo e não sei como consegui viver nos dias invernais e sem sinais antes de tudo isto começar. Mas sabia quão debilitante é viver simultaneamente em dois planos de consciência. Com a Sra. Dacre havia sempre uma sensação de paz e descanso.

Talvez eu tenha trabalhado arduamente na minha encarnação anterior, mas também existe a memória de rosas num alpendre e de uma tarde interminável no calor do verão, numa sala escura e fresca com um relógio de tic-tac profundo e os ramos imóveis lá fora da janela. Era revigorante falar com a Sra. Dacre e retomar, através dela, o contacto com a sua predecessora do século XIX.

Nessa altura, as atenções concentravam-se em Portchester. Nas suas visitas noturnas, o Sr. Mills insistia com a Clare sobre o quanto Graham, enquanto Jacques, cuidara dela na Torre de Assheton, embora sem especificar de que modo. As minhas conversas com a Sra. Dacre também giravam em torno de Portchester. Disse-lhe que me era difícil perceber

que papel o Dualismo desempenhara na nossa encarnação napoleónica. Descrevi-lhe como Graham escrevera sobre a irmandade a que pertencia em Portchester. «Suponho que, naquela época, havia todo o tipo de clubes de jovens dedicados à liberdade, igualdade e fraternidade. Por vezes perguntei-me se não poderia ter alguma relação com os maçons.»

«Mas Portchester estava repleta de Maçonaria», respondeu ela. Nunca a ouvira falar tão depressa e com tal vivacidade. «A Marion sempre o disse. Deverias perguntar-lhe tu mesmo. Eu não lhe falei disso em detalhe. Deverias também perguntar à Clare.»

«À Clare!»

«Ela saberia tudo a respeito disso.» Fiquei espantado por ela, mais uma vez, considerar a Clare como a autoridade suprema, apesar de só a ter visto duas vezes em toda a sua vida.

«Não sei nada sobre Maçonaria», disse eu. «Sei que pessoas como Mozart e Tolstói se interessaram por ela, mas para mim está irremediavelmente associada a homens de negócios gordos a brincar com rituais.»

«Não há qualquer semelhança entre a Maçonaria praticada em Portchester e aquilo que se vê hoje em dia. Também não era como a Maçonaria praticada na Europa naquela época, porque não havia ritual.»

«A variante de Portchester tinha tendências dualistas?»

«Sim, era o que restava do que fora herdado dos maçons originais da Idade Média, que também eram dualistas.»

Já ouvira esta ideia expressa como teoria. A afirmação firme da Sra. Dacre nunca me soou teórica. Sabia que ouviria mais sobre o assunto. Entretanto aprendera que valia a pena esperar.

«O que mais me interessa é saber como a encarnação napoleónica se relaciona com o Dualismo. Parece uma distância enorme dos pacíficos cátaros até um imperador imperialista. Mas por vezes penso que Napoleão reconheceu, mais claramente do que outros grandes homens de ação, a guerra entre o bem e o mal no seu próprio coração. Estava certamente muito preocupado com estas questões. Disse que nenhum homem subira ao poder tendo cometido tão poucos crimes. Acho nauseante quando comparam Napoleão a Hitler e Estaline. Podem colocar

todos na mesma categoria política de ditadores, mas a diferença entre Hitler e Napoleão é demasiado simples para os intelectuais. O primeiro assassinou sete milhões de judeus. Napoleão foi um emancipador dos judeus e dos protestantes. Napoleão era suficientemente inteligente para saber, tal como os dualistas, que todas as hierarquias terrenas são más e que, para alcançar algum bem neste planeta ao nível político, é preciso exercer o mal do poder em prol da bondade e da justiça. Isto soa extravagante?»

«Não acho que seja», respondeu ela. «O Dualismo não é necessariamente pacífico. Depende da forma como é orientado. Em certos aspetos, penso que Napoleão foi a última oportunidade da Europa.»

Uma semana depois, recebi um telefonema da Marion. Falei-lhe do esboço da flor que vira na cruz em W——. Não discuti a sua origem, nem referi o quanto me intrigara que a Braida e o Guy insistissem que aquela pedra antiga continha um padrão relevante para algo tão recente como a era napoleónica. Limitei-me a descrever a forma da flor.

«Mas esse era o emblema usado por algumas das pessoas em Portchester», disse Marion. Falou de forma factual, no seu tom habitual e sem o mínimo traço de excitação. Quanto mais profundamente sentia as coisas, menos as mostrava.

«Que tipo de flor era?» perguntei.

«Uma espécie de lírio simples. Não era como uma flor-de-lis. Não tinha pedaços pendurados dos lados das pétalas.» (Pensei que era uma confirmação suficientemente boa da minha descrição da flor como uma mistura entre uma tulipa e um lírio direito.) «Alguns desses emblemas foram destruídos a caminho de Portchester.»

«Queres dizer que os marinheiros os usavam?»

«Bastantes usavam. Alguns dos marinheiros compensaram a perda gravando o emblema em fragmentos de osso. Lembro-me de alguém gravar numa parede, mas não faço ideia de onde no castelo.» Não fazia ideia de que esta última observação da Marion fosse especialmente significativa.

«O que representava o emblema?» perguntei.

«As pessoas que o usavam pertenciam a uma espécie de sociedade secreta. Era um emblema de uma forma de Maçonaria. Não me lembro de muitos detalhes, mas recordo-me um pouco das reuniões. Parece estranho dizê-lo, mas eram um pouco como reuniões de oração — é o mais próximo que consigo chegar. Havia sempre leituras do Novo Testamento. Nunca líamos o Antigo. Depois discutíamos diferentes passagens. Parece disparatado dizê-lo, mas imagino que era um pouco como os quacres. O que se pregava era sempre simples. Não havia ritual nem grande teologia.»

Fiquei intensamente interessado com o que ela disse. Os maçons marinheiros seguiam a prescrição dualista de tratar o Antigo Testamento como a biografia de Satanás e evitavam-no literalmente como evitariam o Diabo. O que mais me impressionou foi a atmosfera séria que parecia presidir a essas reuniões de marinheiros. A partir da Marion, fiquei com a impressão de um pequeno grupo de homens com consciência social a instruir laboriosamente os seus irmãos menos privilegiados. Quando li a história do castelo, descobri que muitos dos marinheiros analfabetos que entravam em Portchester eram instruídos pelos seus irmãos mais cultos e saíam de lá a saber ler e escrever.

«Essas reuniões tinham algum aspeto político? Tenho a ideia de que tinham algum objetivo político.»

«Tinham, sem dúvida. Eram decididamente republicanas ou bonapartistas. Eram totalmente contra os Bourbons.» Era evidente que a sua memória se tornara mais rápida nas últimas semanas. Anteriormente dissera que nem na última encarnação nem nesta tinha qualquer interesse por política.

Está registado que, em 1814, durante os Cem Dias, os legitimistas enviaram um emissário aos prisioneiros de Portchester para lhes dizer que estavam livres e que os Bourbons tinham sido restaurados. De sete a oito mil prisioneiros, não se encontrou um único homem disposto a erguer a bandeira dos Bourbons.

Devo dizer que, na minha vida atual, nunca vacilei no meu desgosto pela Maçonaria. Quando, enquanto jovem médico, fui convidado a ingressar nela, recusei imediatamente, apesar de ser, por natureza, uma pessoa que detesta recusar qualquer coisa a alguém. A minha reação a esse convite foi admirar-me de que alguém pudesse gastar tanto dinheiro

numa sociedade secreta obcecada por rituais. Não fiquei impressionado com o que vi da Maçonaria britânica. Muitos dos seus expoentes pareceram-me presunçosos e desnecessariamente prósperos. Ao mesmo tempo, nunca consegui tolerar a antipatia paranoica que alguns tipos de católicos em França moderna mostram em relação aos maçons.

Não consigo aceitar que os maçons franceses estejam por trás de todos os impulsos revolucionários na Europa. Isso parece-me ridiculamente ultrapassado. Os maçons ingleses são obviamente um tipo diferente de animal. Aqueles que conheci eram dolorosamente devotados ao status quo. Estou disposto a acreditar que a nossa ilha modificou a Maçonaria tal como modificou outras ideias e movimentos continentais. Há algo no ar nativo que abrandou o metabolismo.

A Maçonaria que nos interessa em Portchester era diferente tanto do esoterismo liberal que preocupava pessoas como Mozart quanto do que satisfaz os comerciantes floridos e muitas vezes pouco perspicazes que conheci nesta vida. Há uma diferença abissal entre marinheiros presos a ler os Evangelhos para os seus confrades analfabetos e os confortáveis expoentes do motivo do lucro. Mais uma vez, uma das principais divergências reside na questão do ritual. Fiéis à tradição dualista, os marinheiros franceses praticavam uma crença simples que dispensava cerimónias e complexidades teológicas.

Lembrei-me de como a Sra. Dacre se exprimira com calor invulgar ao comparar a fé dos marinheiros de Portchester com a dos expoentes modernos da Maçonaria britânica. Descreveu a primeira como não corrompida e simples, e a segunda como saturada de ritual e, por isso, na sua opinião, inaceitável.

Mais tarde nesse dia, fui visitado pela Clare. Perguntei-lhe o que nos acontecera depois do nosso aprisionamento em Inglaterra. Era característico desta pessoa extraordinária o facto de se ter abstido de me ampliar a história. O que me contou nessa noite, ela já o sabia há alguns meses. Não me esclarecera porque, naquela altura, ainda esperava, contra toda a esperança, que eu viesse a descobrir por mim mesmo. Além disso, esperava sempre que as provas chegassem primeiro de outras fontes. Limitava-se a completar o padrão para mim. Poder-se-ia chamar a isto um exercício sobre-humano de autocontrolo, mas acho que tal descrição seria errada. Era parte da sua sabedoria passiva.

Disse-me que, depois de ela e a Betty terem sido libertadas de Portchester, regressaram diretamente à sua Provença natal. Eu voltei à mesma região, mas não com elas e não ao mesmo tempo. Nunca mais regressei ao mar. Vivi uma existência clandestina, a disseminar propaganda contra os Bourbons e a espalhar os princípios do Dualismo. Mais uma vez, como em todas as encarnações anteriores que conheço, passei muito tempo em confronto com as autoridades. Não me é difícil rastrear os meus defeitos e obsessões nesta vida até à existência insegura e perseguida nos séculos VII, XIII e XIX. Sou moldado pelo facto de ter sido herege em duas encarnações e espião e agitador profissional noutra. O que suportei nessas vidas anteriores explica a minha constituição atual de forma mais convincente do que qualquer das teorias psiquiátricas atuais.

Nessa mesma noite, falei à Clare do poeta Mistral e da sua casa em Maillane. Ela sempre desejara ir à Provença e falei-lhe disso nessa noite. Mencionei Mistral porque estava a falar da tradição poética entre as classes trabalhadoras no Midi. Até essa noite, ela nunca ouvira falar de Frédéric Mistral. (Sabia que havia um vento norte com esse nome.) Disse que Mistral e a sua escola tinham, à sua maneira, revisto e continuado a obra dos trovadores. Disse também que a grande poesia, isenta de qualquer referência consciente a um sistema religioso ou filosófico, é um dos principais veículos do Dualismo, que espalhadas na sua substância existem referências dualistas porque a poesia é o melhor meio para difundir, de forma disfarçada, aquilo que as pessoas não conseguem engolir puro. Fiquei surpreendido com esta afirmação.

Não lhe creditara tal perspicácia sobre as funções da poesia. Quando um indivíduo está aberto à direção do cosmos, as suas opiniões e pontos de vista não lhe pertencem, mas derivam de alguma fonte última de sabedoria transmitida por seres noutro plano de consciência.

Nessa noite, quando ela saiu, peguei em *Provence*, de Ford Madox Ford. Queria reler o que ele dizia sobre Mistral. Abri-o na página em que Ford descreve as perseguições aos bonapartistas após o regresso dos Bourbons. Alguns dos piores atos dos legitimistas ocorreram em Nimes, Avinhão e Tarascon. Lembrei-me dos meus sonhos, espalhados por anos, de uma pedreira junto a uma estrada, branca ao sol, algures na Provença e pensei que perto de Nimes. Nos meus sonhos, a pedreira era um lugar de refúgio. Não sabia quais eram as suas associações particulares para mim.

Só sei que, quando visitei Nimes pela primeira vez, fiquei tão deprimido que a recordação ainda hoje é como recordar um pesadelo. Lembro-me também das emoções que senti ao ver a Provença pela primeira vez. Toda a experiência foi mágica. Sentia a vida no solo. A luz do sol era diferente e o ar vibrava. O castelo e os pomares de pessegueiros não eram algo visto pela primeira vez, mas o ressurgir de velhos sonhos. Menciono em *The Cathars and Reincarnation* que os meus pensamentos foram primeiro dirigidos ao Midi pela leitura do livro de Ford. Descrevi o autor como um guia inseguro. E é-o.

Quando fala dos cátaros, está claramente alheio às suas raízes mais antigas e ao potencial último dos seus ensinamentos. Mas certamente atuou como catalisador, na medida em que a Provença foi para mim a chave de uma experiência intemporal. Terá sido algo mais do que o meu passado cátaro despertado por esta terra de ervas tenazes enraizadas nas fendas de rochas queimadas pelo sol? Não conseguia fugir ao facto de que, embora a minha memória do catarismo tenha despertado na Provença, vivi a minha vida como cátaro no Languedoque. Seria possível que, na charneca ressequida nas imediações de Nimes, a minha mente tivesse recordado uma encarnação mais próxima?

No dia seguinte, a Annette telefonou do Canadá. Falou longamente, um pouco esquecida e sem qualquer ordem. Na noite anterior, fora visitada tanto pelo Guy como pela sua mãe. O primeiro entrara em grandes detalhes sobre a sua encarnação celta. A Braida abrira um campo mais vasto. A Annette transmitiu-me uma mensagem crucial da mãe, na sua forma característica. «A mamã disse que o que tu e a Clare estiveram a falar ontem à noite estava certo. Isto faz sentido?»

«Dificilmente. Falámos de muitas coisas. Foi sobre cruzes?»

«Não creio. Pelo menos não especialmente.»

«Foi sobre poesia?»

«Sim, é isso. Já sei. Vamos ver, qual era o nome que ela usou? Sempre pensei que tinha a ver com um vento, mas havia um homem…»

«Foi Mistral?» disse eu.

«Exato. A mamã disse que ele foi uma espécie de regresso aos trovadores. Isto faz sentido?»

«Continua», disse eu. Estava a dizer algo capaz de despertar o apetite de todos os que amam a poesia, o folclore e a tradição do Midi. Era como uma mercadora descuidada, alheia ao ouro escondido nos seus fardos de mercadoria.

«Creio que disse que há bocados de Dualismo em Mistral. Certamente disse que a grande poesia é muitas vezes dualista. Como é que ela o disse? Ah, sim, é uma boa maneira de distribuir em pedaços aquilo que as pessoas não conseguem aceitar inteiro.»

Estava a falar a mesma língua da Clare e presumi que ambas tinham sido instruídas de forma semelhante pela Braida.

Mais tarde soube que a Clare fora informada pelo Graham. «O que mais disse a tua mãe?» perguntei.

«Ai, meu Deus, queres mesmo saber muita coisa.» Pronunciou o «ou» em «you» e o «o» em «do» como um «u» francês. Esta transformação ocorrera nas últimas semanas. Ela não tinha consciência da mudança na voz. No Canadá não tivera contacto com franco-canadianos. Mesmo que tivesse, isso não seria relevante. A sua pronúncia francesa era completamente metropolitana. «Ah, sim», continuou, «a mamã falou de ti. Disse que tinhas escrito poesia com significados escondidos.»

«No século XIII, o meu predecessor Roger era viciado em poesia.»

«Tenho a certeza de que não estava a falar disso.»

«Certamente escrevi poesia nesta vida, mas não me lembro de ter criado significados escondidos.»

«Não estava a falar desta vida. Referia-se à última vez que estiveste aqui.»

«Queres dizer quando regressei a França?»

«Sim, mas começou antes disso. Quando estavas em Portchester, pertencias a uma espécie de organização secreta. Tinha qualquer coisa a ver com Maçonaria. Quando voltaste à Provença, pertencias a uma sociedade clandestina. Era dualista. E também era contra o governo. Dizias muito do que tinhas a dizer em poesia com duplo sentido. As reuniões eram políticas. O Dualismo manifestava-se sobretudo na tua escrita.»

Estava a repetir-me o que a Clare me dissera na noite anterior. De formas mais específicas, eu já tinha sido preparado para esta chamada. Pouco antes de a Annette telefonar, trouxera do meu gabinete o *Calendau* e a *Mireille*. São obras de Mistral em provençal com tradução francesa. Por que razão comprei o primeiro há mais de trinta anos? O meu francês era insignificante e o meu provençal inexistente. O exemplar em segunda mão do *Calendau* está ornamentado com a assinatura de Mistral e uma dedicatória dele. A *Mireille* foi-me oferecida pela Martine. Faz quase trinta anos que ela nos visitou. Só a vi uma vez nos anos intermédios. Recordo os seus olhos escuros, o brilho da sua ternura incansável e, muito nitidamente, o seu andar solto, ligeiramente oscilante e o movimento fácil.

Sempre a tratámos carinhosamente por «o marinheiro francês». Seria ela mais uma? Não sei. Tudo o que sei é que, novamente em Bassenthwaite, senti a sua presença depois de anos, numa experiência visionária. Ela vinha de uma região árida e de dentes à mostra, um país implacável na seca do verão. Quando a vi pela última vez, estava a olhar para o mar.*

Durante quase quarenta anos tenho sido perseguido pelo nome de Mistral. Agora sou conduzido até ele pela Braida e pelo Graham e pelos seus emissários terrenos. Vejo agora que o livro de Ford fez por mim mais do que jamais imaginei. Para mim, paira sobre as suas páginas a atmosfera do outono e do crepúsculo. Era descuidado e por vezes desdenhoso em relação aos factos. Estava muito menos instruído do que parecia. Para mim, era uma luz a cair sobre uma rocha. Houve um tremor no ar e, com a sua passagem, vi um país antigo e soube que era meu. Tinha considerado este livro como um dedo precoce e incerto a apontar vagamente para o catarismo. Pergunto-me agora se não terá também evocado para mim a memória de Mistral.

Mistral nasceu em 1830. Dedicou a vida a preservar a língua e a poesia da Provença e a aguçar o conceito dela como uma civilização antiga e clássica. Estava rodeado por um punhado de homens igualmente dedicados. Foi o pai do Felibrige, o encontro de poetas regionais e muitas vezes de classe trabalhadora que partilhavam a sua ideia de que a poesia é o alimento do homem natural e de que a sua essência impregna aquela terra de rochas duras, velhas videiras e arbustos aromáticos. Terei conhecido Mistral na minha vida anterior? Pelo que posso estimar, tinha

mais de setenta anos quando Mistral tinha vinte. Só posso guiar-me pela evidência daqueles que são mais autoritários tanto no assunto do tempo como na emancipação dele. Sei que o tempo parou para mim há três anos, quando visitei a casa de Mistral em Maillane. O sol estava ancorado e a casa silenciosa. A planície lá fora estava inundada pela calma dos séculos. Cheguei a Maillane vindo de Carpentras. Nessa cidade ficámos numa casa escavada nas sombras e afastada do boulevard principal. Os dias que lá passámos foram roubados ao tempo. Percorremos a Provença no calor do dia e regressávamos à noite ao pátio silencioso. O dia na praça de Vaison-la-Romaine é mais do que inesquecível. Está inscrito em luz nos pergaminhos da memória.

Quando a Marion me telefonou duas semanas depois, contei-lhe o que ouvira sobre Mistral da Clare e da Braida. Descrevi também como recebera da Martine o exemplar da *Mireille*. «Achei-o absolutamente delicioso», disse ela.

Fiquei atónito por ela o ter lido. Perguntei-me quantas pessoas em Inglaterra teriam sequer ouvido falar da *Mireille*.

«Como é que chegaste a lê-lo?»

«Suponho que foi através da minha avó. Quando o meu avô morreu, ela regressou a Carpentras para acabar os seus dias lá. Quando era criança, ficava muitas vezes com ela.»

«Sabes falar provençal?»

«Não, mas tenho a certeza de que, se regressasse à Provença e as pessoas falassem provençal, em um ou dois dias entenderia o que estava a ser dito.» As poucas afirmações espontâneas que fazia eram sempre inabaláveis e positivas. Nunca duvidei por um momento que o que dizia estava certo.

«Na última encarnação vieste da Provença?»

«Isso é algo de que tenho a certeza», disse ela.

«Onde nasceste?»

«Não posso dizer. Quando vi pela primeira vez uma certa praça numa pequena cidade, era tão familiar que senti que nascera lá.»

Vi a praça no calor de pleno verão, a estrada com as árvores e as escavações romanas. «Foi em Vaison-la-Romaine», disse eu. Em Cumberland, a mãe da Marion e eu caminhávamos nas pegadas um do outro. Tê-lo-ia feito também com a Marion na Provença? «Sim, Vaison-la-Romaine.» Não fez mais comentários.

«Achas que a tua avó tinha ideias dualistas?»

«Falava de uma roda da vida a que regressávamos até o círculo estar completo. Depois disso, qualificávamo-nos para algo como um ensino superior. Acreditava implicitamente numa força do mal e em que a vida era uma batalha constante entre as forças do bem e do mal. Falava muito sobre poesia e poetas. Mesmo quando eu era pequena, dizia que a poesia não era apenas uma forma de inspiração. Explicava que era um método secreto de comunicação entre pessoas de mentalidade semelhante. Os leitores na mesma sintonia captavam os significados escondidos.»

«Então, num certo sentido, a grande poesia, mesmo que não seja declaradamente metafísica, é essencialmente esotérica?»

«Assim parece.»

Era fascinante pensar nesta francesa idosa a instruir a Marion nos princípios do Dualismo. Certamente a avó teve uma grande influência nela, mas, além da velha senhora e da casa em Carpentras, havia também a paisagem provençal pela qual, na meia-idade, a Marion suspira como não suspira por nenhum outro lugar. Ama Hampshire e especialmente a região à volta de Winchester. Foi lá que trabalhou quando estava em liberdade condicional de Portchester. Responsavelmente considera Cúmbria como a sua casa porque ambos os pais nasceram lá. Em Hampshire, ela alcança para trás com saudade e plena consciência uma experiência perdida. No tutano dos seus ossos pertence à Provença.

Era estranho que os mesmos lugares em Cúmbria e na Provença tivessem o mesmo magnetismo para a Marion, a sua mãe e para mim. Aprendera, entretanto, que o mesmo grupo pode ser reunido em diferentes encarnações. Sabia também que a reencarnação na mesma família é possível. Nunca me ocorrera que eu estivesse envolvido em tal transação. Tive a minha primeira pista indecifrada quando a Marion me disse que, se quisesse falar de reencarnação em famílias, deveria falar com a mãe dela.

Quando fui a Cúmbria em abril de 1973, visitei a aldeia que chamarei Fellgate. Sentei-me no adro da igreja onde alguns dos meus antepassados estavam sepultados e fui acompanhado por uma mulher que me falou de uma casa em ruínas onde vivera uma família chamada Dacre e de como, após uma maldição lançada sobre eles, tinham sido dispersos aos quatro ventos. Quando criança, ouvira o meu tio falar desta família. Ficara-me na memória que estávamos relacionados com eles.

Depois de regressarmos de Cúmbria, a Braida disse à Annette que em Fellgate eu soubera que estava relacionado com outro membro do grupo. A Sra. Dacre disse-me mais tarde que o marido falara de uma casa em ruínas em Fellgate. Quando visitava a aldeia, não desejava nada melhor do que sentar-se num banco atrás da igreja e contemplar os prados até às montanhas. Foi onde eu me sentei quando a mulher me contou a história da casa em ruínas. Até a reflexiva e pouco exigente Marion admitiu finalmente que ela e eu éramos parentes.

Em todas estas experiências diversas e multicoloridas, nada me comove mais do que a lealdade partilhada com os Dacre por Cúmbria, Portchester e as regiões para onde fomos dirigidos a partir daí, e o outro mundo da Provença. Quando penso na Sra. Dacre, regresso sempre ao tempo suspenso num dia de verão, numa sala fresca e escura com vista para um jardim. Estou de volta à casa em Haslemere. Com a Marion, é sempre Portchester naqueles dias rigorosos mas felizes antes de nos termos afastado. A minha mente oscila entre eles e outro país e uma aldeia com plátanos e uma praça poeirenta.

Tal como com as outras personagens deste livro, fiz várias tentativas para encontrar a Sra. Dacre. Fomos constantemente impedidos por doença ou por outros obstáculos mais exasperantes. Numa ocasião, telefonou-me a dizer que ia almoçar com uma amiga na New Forest a caminho de Bournemouth. O meu coração saltou de alegria. Depois recordei que nesse dia tinha uma consulta que não podia adiar. Calculei que ainda seria possível encontrá-la por pouco tempo antes de ela partir para Bournemouth. Ela proibiu-me de o fazer. Disse que eu estava demasiado cansado para conduzir tão longe e tão depressa para um encontro tão breve. Foi terna mas firme.

Nunca me ocorreu contrariar a sua decisão. Era homem, era anos mais novo, estava habituado a tomar decisões e a assumir

responsabilidades. Ela pertencia a uma era em que as mulheres eram protegidas e as decisões eram tomadas por elas. Aceitei simplesmente o que disse. Estava de volta à minha pele como Raymond, o Balbus de Haslemere. Ela voltara ao seu papel de empregadora atenciosa. Era apenas uma mudança de estatuto. Não havia necessidade de alterar o seu caráter. Permanecia como na sua última encarnação: terna, sábia e por vezes imperiosa.

Como veio a verificar-se, foi a minha última oportunidade. Chegou o dia em que a Clare apareceu com os olhos sem luz e a ressonância desaparecida da voz. Parecia que algo terrível ia acontecer. Eu temia estas ocasiões. Não conseguia aceitar com serenidade que algum desastre estivesse iminente e que nada se pudesse fazer para proteger a vítima. No mesmo dia soubemos que a Sra. Dacre sofrera um AVC grave. Nunca recuperou a fala nem a plena consciência, embora a Marion soubesse que havia momentos em que a mãe a reconhecia. Morreu segurando a mão da filha.

*Em 1974 soube pelo Sr. Mills que a Martine servira como marinheira sob o seu comando quando ele funcionava como Capitão X na encarnação napoleónica.

Não vejo propósito em analisar os meus sentimentos por uma mulher que nunca conheci nesta vida, que foi um pai para mim numa encarnação anterior e algo como uma mãe nesta. O que aprendi com tudo isto foi que podemos amar pessoas que nunca conhecemos e sem sentimentalismo ou romantismo febril. Estas últimas atitudes são, de facto, impedimentos. Não há nada piegas num amor nascido fora do tempo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A história da nossa encarnação francesa divide-se em três secções: antes de Portchester, o período de cativeiro e de trabalho em liberdade condicional e, em terceiro lugar, o nosso regresso a França. O relato não pode ser contado cronologicamente. Portchester foi a primeira revelação dramática da nossa encarnação napoleónica e tem de ser tratado como tal. O que aconteceu antes e depois foi preenchido mais tarde. Durante muito tempo não consegui compreender por que razão Shere, uma aldeia

em Surrey, significava tanto para mim e estava tão associada na minha mente a prisioneiros franceses. Isto e muito mais foi-me revelado posteriormente.

Na minha última visita a Portchester, estivera preocupado com os grafitis e assumira que encontraria algo diretamente e de forma impressionante relevante para a minha própria identidade física. O que vira era interessante, sem dúvida, mas não fiquei satisfeito. Antes da nossa próxima visita, em pleno verão, li tudo o que consegui encontrar sobre prisioneiros de guerra franceses em Portchester. Tornou-se claro que o que fora dito sobre a Maçonaria pela Braida, pelo Graham, pela Clare, pela Marion e pela sua mãe era corroborado pelos factos registados. Em nenhum caso estes indicavam que se tratava de um tipo especial de Maçonaria contaminado pelo Dualismo. Isso dificilmente seria de esperar. Na época em que os livros e panfletos foram escritos, o Dualismo era, na Grã-Bretanha, ainda menos uma questão do que é hoje.

Antes da nossa próxima visita a Portchester, a atenção concentrava-se nela a partir de dois mundos. Primeiro, o Graham apareceu à Clare e disse-lhe que a Marion e eu tínhamos sido capturados no outono. A Clare já tinha deixado claro que não fôramos feitos prisioneiros ao mesmo tempo que ela e a Betty. Também tínhamos feito uma fuga na mesma estação. As folhas eram sempre douradas no meu sonho recorrente. O Graham disse também que houvera uma batalha naval a 22 de julho. Em 1973, a estoica Marion apareceu sem aviso à minha porta nesse dia. Sentia que era o aniversário de algum acontecimento horrível ligado a Portchester. Mais tarde descobri que foi o dia em que ela estivera desesperadamente doente com varíola. Perguntei-me se também teria estado envolvida no mesmo dia, noutro ano, na batalha naval do Graham.

Nessa altura, o fenómeno dos aniversários estava muito em evidência. O Graham destacou também o ano de 1804. Só posso pensar que estava a dizer à Clare a data em que fomos capturados. Enfatizou sobretudo que tínhamos feito três tentativas de fuga.

Em 1973, eu já desenvolvera a capacidade de falar diretamente com os revenants, embora, na maior parte das vezes, precisasse da presença da Clare como intermediária. A Betty falou-me de Portchester e de como muitos dos marinheiros ali presos eram provençais. Era difícil conceber estes rurais recrutados como intelectuais anticlericais. Devido às suas

atividades maçónicas e ao seu viés anticatólico, muitas vezes me perguntei em que religião haviam sido educados. A Betty disse que a vasta maioria eram protestantes. Até hoje a religião reformada floresce na Provença. Disse-me que eu próprio provinha do Luberon. Foi nesta zona que fiquei violentamente doente depois de passar por uma pequena capela protestante. O meu estômago não estava indisposto, nem sofria de uma insolação. O episódio ocorreu enquanto a minha mulher e eu estávamos hospedados em Carpentras. Perguntei-me se a recordação de perseguições após o regresso dos Bourbons ou em qualquer outro momento estaria a agitar-se na minha memória.

O que mais me interessou foi a descrição da Betty das reuniões de oração que a Marion mencionara. Disse que as simples conversas dadas nessas ocasiões diziam respeito parcialmente a analogias da natureza. Recordava como a árvore de carvalho fora citada como ilustração de honestidade e fiabilidade. Recordo como o Graham dera a mesma descrição dos sermões proferidos na encarnação celta. Dissera também que as folhas de carvalho eram particularmente reverenciadas pelos marinheiros provençais em Portchester. Agora, este era um dos modestos itens transmitidos pelos revenants que me fascinava mais do que outras revelações mais dramáticas. Seria possível que os prisioneiros de guerra franceses em Hampshire tivessem recebido substancialmente a mesma orientação dos seus mentores espirituais que os nativos de Cumberland 1200 anos antes?

Recebi mais informações nesta altura dos vivos. Um dia, voltei com a Marion à questão dos pompoms usados pelos marinheiros em Portchester. Naquela época, o próprio couvre-chef era variado. Apenas uma pequena proporção usava boinas e alguns não tinham chapéus ou gorros de espécie alguma. A Marion dissera originalmente que eu usava um pompom vermelho numa espécie de boina. A sua memória tornara-se mais nítida desde o nosso primeiro encontro. Era claro que ela, a sua mãe e eu tínhamos atuado como catalisadores uns dos outros ao provocar mais detalhes da memória distante.

Quando regressei à questão dos pompoms, disse que muitos dos marinheiros usavam pompoms avermelhados, mas o vermelho não era de modo algum vivo e descreveu-o como uma espécie de magenta apagado. Levantei o assunto com a Annette. Sabia entretanto que ela também estivera em Portchester. A Braida indicara-o, mas acrescentara que não

era uma das encarnações principais da Annette. Recordava os pompoms que descreveu como «uma espécie de roxo avermelhado».

Escrevi a Jean Fortin, um oficial superior reformado da Marinha francesa, e perguntei-lhe há quanto tempo os pompoms vermelhos eram usados. Disse que o seu uso foi oficializado em 1870, mas que antes dessa data os marinheiros franceses usavam pompoms que descreveu como azuis ou garance. O magenta apagado da Marion e o roxo avermelhado da Annette são interpretações satisfatórias da palavra francesa garance.

Na nossa próxima visita a Portchester, o principal elemento que estudámos foram as marcas dos maçons. Encontrámo-las na igreja, nas paredes dos edifícios perto do torreão e sobretudo no próprio torreão. Havia desenhos grosseiros de compassos, balanças, tridentes, grupos de linhas paralelas inclinadas e, o que mais me impressionou, o que à primeira vista pareciam reproduções da letra «M», mas que, ao exame mais atento, se revelaram triângulos entrelaçados.

Fora advertido da existência destes pela Annette, que ouvira da Braida que estes sinais, de especial importância para nós, tinham sido «feitos por homens das cavernas e tinham qualquer coisa a ver com Mitra». Traduzido da dicção livre da Annette, isto significa que, além de estarem em Portchester, tinham sido encontrados nas paredes de cavernas usadas pelos adeptos do culto de Mitra. A Braida esclareceu mais tarde que se referia especificamente às cavernas do Ariège usadas também pelos cátaros.

A maioria destes sinais era toscamente feita. Era evidente que a vasta maioria eram esforços amadores. Quando examinávamos uma particular nuvem de grafitis, o Graham interveio e disse à Clare para olhar para a parede oposta. Vimos uma linha de letras «M» fabricadas a partir de triângulos entrelaçados. Estavam muito melhor gravadas do que os outros sinais. A Clare revelava tão pouco pela expressão facial que nunca me ocorreu que ela própria os tivesse feito. Foi preciso o Graham dizer-nos. As mudanças dramáticas na aparência da Clare ocorriam quando ela estava efetivamente a viver, distinta de recordar o passado, ou quando sintonizava no presente com as dores dos outros. Quanto às suas próprias emoções, as suas feições eram quase sempre uma máscara total.

Dentro do torreão, além dos desenhos que descrevi, havia outros que não eram especificamente maçónicos. Havia vários círculos que

encerravam cruzes de braços iguais, semelhantes às que eu vira em Cumberland e no Languedoque. Eram dualistas em qualquer era ou cultura. Havia também rosas estilizadas em padrões que eu vira reproduzidos em muitos períodos diferentes.

Sobretudo, fascinou-me um amontoado de desenhos em cores desbotadas e meio apagadas que cobriam um grande espaço numa das paredes. Os seus componentes eram demasiado confusos para serem encorajadores. A Clare interessou-se por ele, mas eu não estava preparado para me demorar. Pela primeira vez, seguia a minha própria escolha instintiva. Quando cheguei a esta massa de cor numa ocasião posterior, estava mais capaz de ler os seus mistérios. Ao não me incitar a examiná-lo, a Clare adotava a sua política habitual de esperar até que o meu olho interior se abrisse.

Num ou dois lugares nas paredes interiores do torreão vi o contorno de folhas de carvalho. Era interessante que eu visse em contornos ténues aquilo que o Graham e a Betty haviam dito ser de especial interesse para os marinheiros provençais. O que vi fora do torreão era mais interessante. Perto de uma data de 1806, descobri dois exemplos óbvios de entrelaçamento como os que vira nas cruzes de Cumberland e a Clare nas da Ilha de Man. Perto destes padrões eloquentes estava o contorno de uma rosa que se assemelhava à que vira na cruz de W——. O que era ainda mais significativo era que, na Torre de Assheton, vi com toda a clareza o simples desenho de flor e folha de que a Marion falara com tanta convicção e que estava traçado tenuemente na cruz de W——.

O mais informativo de tudo foi que a Clare segurou no meu braço ao entrar na torre. Notei que o seu rosto estava lívido. Descreveu a pequena câmara dentro da torre como escura e horrível. No seu estado em ruínas, está parcialmente aberta à luz e não merece esta descrição adversa.

Tudo isto era angustiante, mas um avanço distinto em relação ao que acontecera na sua última visita, quando nem sequer entrara no recinto. Surpreende-me não ter notado o desenho de flor e folha na minha visita anterior. Quando o vi nesse dia particular, os seus contornos eram inconfundíveis. Só pode ser que a presença da Clare intensifique a minha perceção ordinária, bem como a extrassensorial.

Quando ela se encolheu ao entrar na torre, estava obviamente ciente de que estava a reviver o passado. Não a questionei sobre isso.

Entretanto, caíra num certo ritmo nestas matérias. Esperava que outros, vivos ou mortos, fornecessem as peças em falta do puzzle. Tudo o que percebi foi que ela estava intensamente consciente da presença do Graham. Ele falara-lhe no torreão quando a dirigira à linha de «M», mas agora ela estava mais consciente dele do que nunca e eu sabia que o apoio do meu braço e a minha presença eram menos ajuda do que a dele. Nem precisávamos de provas de que ela estava a reviver e a suportar as dores do século passado. Quando passávamos pelo local das barracas, disse: «A minha orelha está a arder.»

«Porquê?»

«Estamos a passar pelo hospital.»

Recordou como fora atingida na orelha por um marinheiro inglês antes de ser levada para Portchester e como mais tarde desenvolvera um abcesso na orelha. Não posso discutir aqui as implicações médicas das duas crises de infeção aguda do ouvido médio que sofreu nesta vida e que provinham diretamente disto, e de outro golpe recebido no século XIX. Olhei para a sua orelha direita. Estava violentamente vermelha, sentia-se quente ao toque e estava obviamente inflamada. Perguntou-me se algum dos marinheiros tinha conhecimentos de cura. Mencionei Jane Butler, que praticara em Portchester como médica não qualificada. Negou que a Jane estivesse envolvida. Disse que muitos dos marinheiros provençais tinham rudimentos de folclore médico.

Tinham conhecimento das ervas que cresciam prolificamente na Provença e também uma crença semi-oculta nos poderes curativos providenciados pela natureza. Recordava que, uma vez, quando a minha empregadora de Haslemere tivera uma tosse persistente, a tratara com uma mistura que preparara com ervas que cresciam nas proximidades. A Clare recordou que passou algum tempo após a admissão no hospital de Portchester antes de lhe fazerem algo à orelha. No fim do dia, a Clare estava invulgarmente silenciosa. Quando lhe perguntei no que estava a pensar, disse que se interrogara sobre o que o seu pai teria sido na encarnação napoleónica.

A Marion telefonou na manhã seguinte. Quando falei do padrão de flor na parede da Torre de Assheton, disse enfaticamente que fora gravado pela Clare. Não mencionou a linha de «M». Mais tarde tornou-se claro por que razão a Torre de Assheton era importante para ela. No

nosso encontro anterior, a Marion recordara com clareza que o grumete Pierre fora punido em vez dos mais velhos. Enfatizara que ele era considerado uma proposta mais ativamente subversiva e sugerira que isso se devia ao facto de ser jovem, mais viril e, à primeira vista, uma proposta mais dura. O que não sabia era que Pierre estivera envolvido numa tentativa anterior de fuga que falhara quando o teto do túnel desabou e o engoliu. Este episódio posterior foi revivido pela Clare e será registado numa obra posterior dedicada à origem das doenças em encarnações anteriores.

Após o desabamento do túnel, Pierre ficou delirante. Jane Butler, na sua qualidade de assistente médica não qualificada, descreveu a sua condição como febre dos pântanos, diagnóstico aceite pelo médico inglês e apenas posto em dúvida quando este viu uma ferida no peito do paciente causada pela queda de uma pedra durante o colapso do túnel. Pierre não se recuperara completamente da experiência quando, um mês depois, nadou para fora com os esboços. Foi por esta razão que hesitou à beira da água e foi empurrado por mim, episódio que a Clare recordou nesta vida sob a forma de um impulso obsessivo de saltar para a água quando caminhava comigo.

Houve consequências mais imediatas para Pierre após a sua fuga simulada. Isso alertou as autoridades para o seu potencial subversivo. O objetivo da tortura que sofreu na Torre de Assheton após a recaptura era ver se ele era um dos elos numa rede de fugitivos intratável. Pierre resistiu e os seus guardas britânicos não obtiveram qualquer informação dele.

Quanto à fuga com os planos, a atitude da Marion em relação ao nosso comportamento interessou-me mais, enquanto psiquiatra, do que os factos que relatou. Quando descreveu pela primeira vez a nossa fuga, fiquei impressionado com a forma como se dissociou do destino do grumete. Implicara que tínhamos cumprido com sucesso e patriotismo a nossa missão, que Pierre era dispensável e que nada podíamos fazer a esse respeito. Agora, com a maior perspicácia que recentemente adquirira, mostrava-se contrita e autoacusadora.

(Recordei que apenas haviam passado três meses desde que revivera o massacre de Avignonet e se sentira culpada pelo papel que nele desempenhara.) Agora descrevia-se a si própria e a mim como personagens desagradáveis. Tínhamo-nos completamente desligado de

Pierre. Estava absolutamente convicta de que era seu dever expiar perante a Clare nesta encarnação. Embora eu nunca me tivesse sentido particularmente feliz com o papel que desempenhara há 170 anos, salientava que a culpa pelo que acontecera numa encarnação anterior era um pouco excessiva e que o nosso distanciamento provavelmente era justificado porque era nosso dever, perante aqueles que nos empregavam, manter as nossas atividades em segredo. Era evidente que os meus argumentos não a comoviam.

No dia seguinte tive o meu flashback mais abrangente a Portchester. A Annette telefonou do Canadá num estado de agitação. Este foi desencadeado pela preocupação com a Clare. Na noite anterior tivera visões horríficas dela a ser torturada numa torre escura. A Clare apareceu-lhe como um rapaz de dezasseis anos. Não era muito alto e tinha uma constituição bastante larga. Tinha um rosto rude e largo, com uma tez ruiva e cabelo castanho. Apenas os olhos permaneciam inalterados. Eram tão azul-claros e luminosos como os da Clare.

Quando a Annette viu Pierre, ele estava inconsciente. Acreditava que ele quase morrera. A Annette falou com desprezo de dois homens que deviam ter ajudado Pierre e nada fizeram por ele. O Graham, que era mais alto e mais escuro do que o infeliz grumete, fizera tudo o que pudera por ele, mas os outros dois eram egoístas e de coração frio. A experiência da Annette fora aterradora. Enquanto durou, recebeu o apoio da Braida, do Sr. Mills e do Graham.

Depois de a ter tranquilizado de que a Clare não sofrera consequências desta experiência do século passado, perguntei-lhe quanto se lembrava da sua própria vida em Portchester. Disse muito pouco e acrescentou com azedume que eu já lhe perguntara isso antes. Depois, sem qualquer sobressalto de surpresa e sem alteração na voz, despejou uma massa de informação. Tudo o que notei foi que falava um pouco mais rapidamente do que o habitual. Só no dia seguinte compreendi plenamente o que acontecera.

Embora um minuto antes me tivesse dito que se lembrava pouco da sua vida em Portchester, agora entrava em grandes pormenores sobre a sua chegada lá. Deve referir-se que ela nunca visitara Portchester nesta vida. Após a captura, foi transferida de um grande navio para um pequeno bote apinhado. Os marinheiros ingleses eram um grupo rude e

desnecessariamente brutal. Cantava a mesma melodia da Clare. Descreveu, tal como esta fizera, como entrou pelo portão que dava para o mar e como duas pessoas ali postadas recolhiam os nomes e outros dados. Disse que havia uma igreja perto do portão. Perguntei-lhe de que lado. Respondeu, corretamente, do lado esquerdo e descreveu com total exatidão a torre curta e atarracada. Recordava também onde o hospital estava situado. Foi levada imediatamente para lá, desinfetada e colocada num banho quente. Tudo o que recordava da sua indumentária era que em certo momento usava uma camisola às riscas azuis e brancas.

O que a Annette recordava de forma mais vívida e dolorosa do que qualquer outra coisa era a separação do capitão do seu navio. Não se lembra muito da sua aparência, exceto que era alto e tinha olhos muito azuis. Esperara poder ficar com ele. Fora obviamente uma espécie de ordenança. A Annette recordava que ele foi enviado para um edifício «dividido por diferentes pisos». O torreão fora convertido em dormitórios para alojar os prisioneiros.

Ela própria foi depositada numa espécie de barraca. Passava muito tempo a jogar. Era particularmente viciada em jogos de dados. Considerava isso extremamente viril e sofisticado. Um dia, o Capitão X, que ainda exercia um interesse paternal pela sua tripulação, visitou-a nos seus aposentos e perguntou-lhe se não podia encontrar algo melhor para fazer. Chegou mesmo a arranjar que lhe ensinassem a fazer renda. Disse-me que considerava isso extremamente efeminado, mas que persistiu para agradar ao capitão.

Está registado na história de Portchester, de que a Annette não conhecia uma palavra, que a fabricação de renda era tão comum entre os prisioneiros que em certo momento havia três mil pessoas dedicadas a ela. Esta consolação foi mais tarde cruelmente negada aos prisioneiros após agitação entre os comerciantes e trabalhadores locais. A Annette recorda que mesmo no seu pior não conseguia competir com os viciados mais ferozes no jogo.

Estes viviam no andar superior do torreão. Eram capazes de literalmente jogar as roupas que tinham no corpo. Brigas, esfaqueamentos e duelos com facas ocorriam com frequência. Durante o cativeiro, a sua degradação era assustadora. Os seus companheiros prisioneiros tinham tanto medo deles como os guardas ingleses. Ao

descrever o seu comportamento e ao relegá-los para o andar superior, a Annette está em total conformidade com o que se diz deles nas histórias de Portchester. Notei, ao visitar o torreão, como as inscrições nas paredes diminuem dramaticamente em número e conteúdo à medida que se sobe para o andar superior. Os habitantes do dormitório mais alto nem sequer tinham interesse suficiente para rabiscar símbolos grosseiros nas paredes.

Estes rufiões degradados eram referidos pelos seus camaradas como les raffales. Este nome ainda é citado em algumas das histórias de Portchester. Conhecemos um deles. A Kathleen recorda a sua existência inútil. Passava os dias a jogar com dados. Era especialmente viciada no que descrevia como uma combinação de mentiroso e póquer. Os dados eram feitos de ossos, especialmente ossos grandes de carneiro.

As dívidas contraídas neste jogo eram marcadas com riscos na parede. Isto parece ter sido o limite máximo da capacidade criativa da Kathleen e dos seus associados. Recorda que a comida consistia largamente em ensopado de carneiro. Usava o que chamava uma camisola sloppy joe e sandálias de sola de corda. Por vezes jogava todos os seus recursos até não possuir nada, nem sequer as roupas.

A Kathleen recorda até hoje estar envolvida em brigas frequentes, algumas das quais altamente perigosas. O seu pior episódio foi quando, após uma disputa sobre o pagamento de dívidas, o pulso lhe foi esfaqueado por outro competidor enfurecido. No aniversário, em 1974, do dia em que isto aconteceu, a Kathleen cortou o pulso ao cair contra uma janela de vidro que se partiu com o impacto da mão. A centenas de quilómetros de distância, a Clare sintonizou tanto com o acidente atual da Kathleen como com o que sofrera quase 170 anos antes. A lesão nos tendões do pulso sofrida pela Kathleen em 1974 duplicava exatamente o que padecera na briga no torreão. Enfatiza que nesta vida tem um horror puritano pelo jogo.

Devo ouvir também da Braida, da Betty e da Jane Butler bastante sobre o caráter da Kathleen na encarnação anterior. Corroborava o que a Annette mencionara na sua chamada. No mar, a Kathleen fora uma marinheira suficientemente boa sob a supervisão do capitão de olhos azuis. Separada da sua influência estabilizadora e submersa pelos raffales *(rajadas de vento súbitas),* desandou por completo. Como apelo final à sua melhor natureza, o Capitão X visitou-a nos seus aposentos fétidos. Falhou

na sua evangelização e foi recompensado com um ataque de varíola que começava a grassar em Portchester. A Kathleen estivera a incubar a infeção e pouco depois revelou os sintomas característicos. O facto de ter infetado o capitão, amado por todas as patentes, diminuiu ainda mais a sua já nula popularidade. Sobreviveu à varíola e não ficou melhor com isso. Enquanto permaneceu em Portchester, esteve entre as escórias da sociedade.

Pouco depois da repatriação em 1814, recompôs-se. Era obviamente um tipo reduzido à loucura por se encontrar encerrado entre quatro paredes. (Nesta vida recusa-se a entrar em elevadores.) No regresso a França, quando as guerras terminaram, trabalhou como operária geral. Nunca casou. A sua contribuição para a vida parece ter sido mínima, mas sempre se esforçou por encontrar os antigos companheiros de bordo e companheiros de prisão. Devem ter ficado gratos por ela estar mais apresentável do que quando existia no andar superior de Portchester.

Ela ocupa um lugar elevado no meu panteão de personagens. Foi tão completamente aos cães que isso foi uma forma de sinceridade.

Embora tudo o que a Annette disse sobre Portchester fosse fascinante, nada me agarrou tanto como o relato das atividades missionárias do capitão alto. Disse: «Era engraçado que o capitão nos ensinasse.» A substância do que ensinava era ainda mais estranha. Dizia que no mundo havia duas forças, do bem e do mal. No momento, os seus ouvintes estavam sujeitos à última, mas viria um tempo melhor. De certa forma, tinham de se ver como estando no inferno naquele momento. Era uma introdução elegante ao tema dualista de que o mundo fora criado pelo Diabo.

As forças do bem e do mal não existiam apenas no homem. Estendiam-se por todo o reino animal. Havia mesmo plantas com pensamentos bons e maus.

O tema dos discursos do capitão pode parecer estranho num homem de combate, mas ele esforçava-se por os tornar compreensíveis ao seu público. Exprimia-se em termos simples e havia pouco do que dizia que não pudesse ser entendido por marinheiros sem instrução. Isso devia-se em grande parte ao facto de instruir por analogias da natureza. A maioria dos seus ouvintes era de origem rural e principalmente da Provença. Tinham sido incorporados no serviço por conscrição. Acho fascinante que

o capitão, dirigindo-se ao seu público em Portchester, tenha expressado opiniões idênticas às que defendo nesta vida sobre a indivisibilidade da consciência em todos os diferentes aspetos da natureza. À medida que a Annette continuava, admirava-me ainda mais que estivesse a repetir o que o Graham, o Guy, a Clare e eu havíamos pregado na encarnação celta e que utilizara também os métodos de exposição que eu empregara como Parfait cátaro, quando tomava objetos simples como mesas e lhes conferia significado espiritual por meio de analogias adequadas.

O Capitão X lia também aos seus homens excertos da Bíblia. É tentador ver nesta imagem edificante o modelo tradicional do marinheiro excêntrico, atordoado pela imensidão do mar e pelo movimento dos planetas, que se entrega à religião e procura infetar a sua tripulação com o seu entusiasmo. O capitão de Portchester não era assim. A sua leitura da Bíblia era essencialmente o complemento da sua filosofia da natureza. Aborrecia o Antigo Testamento. A sua especialidade particular era o Evangelho de São João.

Seria injusto dizer que ficava preso no primeiro capítulo, mas dedicava-lhe muito tempo. Os marinheiros aceitavam as analogias da natureza do capitão e entendiam-no notavelmente bem, mas o Evangelho de São João era uma pílula mais difícil de engolir. Ficavam confusos com a primeira frase: «O Verbo fez-se carne». A solução do Capitão X era que a passagem seria mais facilmente compreensível se fosse alterada para «A Verdade fez-se carne». Não é uma inovação surpreendente, mas contribui para o meu retrato particular do capitão.

O principal ponto de discórdia era a sua afirmação de que toda a vida era sagrada e de que os homens não deviam tirar vida. Era o único ponto em que os marinheiros mostravam alguma resistência apreciável aos ensinamentos do capitão. O seu argumento era que eram membros da Marinha francesa empenhados numa guerra com a Grã-Bretanha. Não fazia sentido que se abstivessem de tirar vida, tanto mais que um bom número fora conscrito contra a vontade precisamente para esse fim.

O conferencista contornou isto dizendo que ele e o seu público estavam a passar por um tempo mau, mas que lhes seria dada a oportunidade de viver melhor. Esta explicação pouco marcante foi acolhida pelos marinheiros, que reverenciavam o capitão, não desejavam opor-se-lhe e estavam ansiosos por o tirar do seu aperto teológico.

A Annette revelou que a sua mãe nesta vida fora o seu irmão mais velho na encarnação napoleónica. Também ela estivera na Marinha francesa. É altamente provável que ambos tenham sido conscritos da mesma região. O irmão da Annette também fora prisioneiro de guerra. Estivera encarcerado algures nas proximidades de Portchester. Perguntei-me se estaria na prisão costeira de Forton, mas a Annette não reconheceu o nome. Espero que tenha escapado aos hulks.

A Annette disse que o seu irmão, ao contrário dela, tivera liberdade condicional de Portchester. Trabalhara como pedreiro para um agricultor gentil-homem, não sabia em que região. Disse que o irmão falava frequentemente da bondade excecional do seu patrão. Havia outro prisioneiro francês a trabalhar no mesmo lugar. O irmão da Annette foi posteriormente repatriado, mas o outro prisioneiro não quis regressar a França e continuou no seu emprego.

A Sra. Dacre já me dissera que, em certo momento, empregara outro prisioneiro francês além de mim. O antigo partira, mas eu ficara algum tempo após a sua partida. Não podia ser específica, mas tratava-se de anos. Os revenants confirmaram depois que a memória da Annette era exata e que a Braida e eu tínhamos trabalhado juntos para o mesmo patrão.

A Annette estava convicta de que, quando a guerra terminou, Pierre e o grumete Henri, isto é, a Clare e a Betty, regressaram diretamente à Provença. Isto estava de acordo com a própria recordação da Clare. Foi mais tarde confirmado pelos revenants, em particular pela Betty e pela Jane Butler.

No fim da chamada, a Annette voltou aos dois homens que tão pouco fizeram por Pierre quando este esteve encarcerado na Torre de Assheton. Admiti que a Marion e eu éramos os culpados. Isto não diminuiu apreciavelmente o ressentimento da Annette.

Tentei novamente explicar que provavelmente estávamos apenas a seguir as regras da espionagem ditadas pelos nossos superiores. Disse que, na última guerra, era necessário que os membros dos grupos de resistência se desligassem completamente daqueles dos seus camaradas que caíam nas mãos do inimigo. Ela mostrou-se completamente descrente e sem qualquer disposição para perdoar. Disse que, durante algum tempo, a Marion e eu fomos ostracizados pelos outros marinheiros, com quem

Pierre era extremamente popular. A opinião geral era que o tínhamos deixado ficar mal de forma grave.

Informou-me de que o Graham, perturbado com o estado de Pierre, se aproximou do Capitão X, que por sua vez pressionou as autoridades prisionais com tanto êxito que Pierre foi transferido para o hospital. Aí foi visitado regularmente pelo Graham, que tem cuidado da Clare, de uma forma ou de outra, ao longo de cinco encarnações. Nos últimos dois anos da sua vida nesta encarnação, arranjou maneira de estar com ela no aniversário do dia, na encarnação napoleónica, em que ela recebeu o golpe na orelha que resultou em otite média em dois séculos consecutivos.

O capitão também conseguiu reconciliar a Marion e a mim com o resto da comunidade. Insistiu que havia algo a dizer em favor da forma como nos tínhamos comportado. A Annette não entrou em detalhes sobre o que ele dissera, pela razão suficiente de que o próprio bom capitão não era excessivamente informativo. Era óbvio que sabia mais sobre a Marion e sobre mim do que estava disposto a divulgar ao resto da comunidade.

A Annette bateu o seu próprio recorde nesta chamada telefónica muito densa, que durou cinquenta minutos. Já disse que falava um pouco mais depressa do que o habitual. Estava também mais inflexivelmente informativa. Nunca uma vez se desviou do assunto. Fora isso, a sua conversa foi como de costume. Era completamente racional, apenas mais ainda. Tinha, contudo, uma suspeita de que havia algo invulgar nisso. Esta suspeita foi confirmada quando ela telefonou na manhã seguinte para se desculpar por ter falado comigo tão brevemente na noite anterior e por ter desligado de forma tão abrupta.

Perguntei-lhe quanto tempo achava que tinha falado. Estimou a conversa num máximo absoluto de dez minutos. Não conseguia acreditar que a nossa conversa tivesse durado cinquenta. Era claro que a sua própria memória dela cessara quando terminou de descrever os sofrimentos da Clare na torre e a forma como fora abandonada pela Marion e por mim. Era óbvio que, durante dez minutos, descrevera uma visão horrífica que lhe chegara diretamente pela memória distante. Após o ponto em que disse que se lembrava pouco da sua encarnação napoleónica, outra entidade tomou conta.

Sabia que a Braida, o Graham e o Sr. Mills tinham estado presentes enquanto ela suportava o espetáculo da Clare a ser torturada na torre. Conhecia a identidade do Graham e da Braida no século XIX. Parecia-me claro que fora o Sr. Mills quem tomara conta da conversa e que fornecera a ela os detalhes da sua própria vida como Capitão X.

Era óbvio que a Annette voltara a transmitir informação exata num estado de consciência alterada. Estava a repetir a sua entrevista com Guilhabert de Castres, após a qual fora incapaz de se lembrar com certeza de que me falara. A Annette disse que a sua mãe aparecera novamente e confirmara o que o capitão de olhos azuis dissera sobre a vida em Portchester. Enfatizara particularmente as suas discussões sobre o Dualismo. Era claro que a Braida estava preocupada que a Annette recordasse, na consciência desperta normal, o que lhe fora transmitido na noite anterior.

Todos os revenants habituais — Braida, Sr. Mills, Betty, Graham, bem como Jane Butler — confirmaram o que a Annette dissera na noite anterior e acrescentaram que o Graham, assim como o Sr. Mills, tinham tomado conta dela. Descreveram isto como um exemplo de possessão benigna.

No mesmo dia da segunda chamada telefónica da Annette, isto é, no dia seguinte ao da sua recordação da vida em Portchester, a Marion estava prevista para visitar a Clare em Bath. Era mais um desses encontros que, naquela altura, eu aguardava com tanta ansiedade. Mais uma vez, fiquei desapontado. A Marion telefonou a dizer que se envolvera num acidente. Esta foi mais uma das suas eloquentes subestimações. Na realidade, partira uma perna quando um carro a atingiu por trás.

Como a sua recuperação foi indolor e como a Clare tomou as suas dores e exibiu os sinais e sintomas de fratura está fora do âmbito deste livro. Quando a Marion me falou uma segunda vez nesse dia, disse-me não só que estava sem dores e que suportara a reposição da sua tíbia fraturada sem o mínimo desconforto, como também que continuava a sentir-se culpada pela forma como se comportara em relação à Clare em Portchester.

Nesse mesmo dia, na companhia da Clare, tive várias experiências visionárias em que vi a Braida contra um fundo de cruzes de Santo André. Depois vi a rosa e o simples padrão flor-folha que vira na cruz em W—— e

gravado na parede em Portchester. No dia seguinte apareceu novamente, mas acompanhada pelo Graham. Vi os mesmos símbolos, mas desta vez o espetáculo terminou com o Graham a segurar o padrão de flor na mão direita erguida. A Braida disse que o objetivo da operação era duplo. Estava-me a ser mostrado mais uma vez a continuidade dos mesmos símbolos através de várias encarnações. Isto implicava que a Maçonaria praticada em Portchester era indubitavelmente uma forma de Dualismo. O facto de o Graham segurar o padrão de flor era também um sinal de que a Clare fizera a gravura na parede enquanto estava encarcerada na Torre de Assheton. A Marion estava completamente justificada ao insistir que ela o fizera.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

No final do verão de 1973, fui inundado de detalhes sobre a nossa vida em Portchester. Estes vieram de todos os membros vivos do grupo e de todos os revenants. Era estranho que Guilhabert de Castres participasse nestas revelações, embora não tivesse vivido na encarnação napoleónica. Isso devia-se ao facto de estar preocupado que eu aceitasse plenamente a nossa devoção ao Dualismo ao longo de cinco encarnações e também para dissipar quaisquer dúvidas de que, por estranho que parecesse, eu pregara o Dualismo como marinheiro francês e, depois de deixar o serviço, até aos anos centrais do século passado.

Enquanto todos os revenants e os membros vivos do grupo se combinaram para me esclarecer, a contribuição principal do outro mundo veio da Jane Butler, enquanto, entre os vivos, a Marion subiu ao segundo lugar, atrás da Clare, que não podia ser desalojada do papel de principal informante. Era perfeitamente lógico que a Jane Butler atuasse como uma das nossas principais fontes de informação sobre Portchester. Demonstrara a sua fibra em resposta às adversidades do aprisionamento. Era filho de um médico em Grignan, uma pequena cidade no Drôme honrada como residência durante alguns anos de Madame de Sévigné.

Quando veio ter comigo do outro mundo, a minha mente voltou imediatamente à vista da varanda do Hotel Sévigné. Olhava-se através da praça, entre as árvores, para a estrada que leva através do vale até às montanhas. As colinas de Les Lances estavam salpicadas de ouro com a giesta em flor. A planície estava manchada de púrpura com a lavanda em

flor. Soube imediatamente onde a Jane Butler vivera. Era onde a rua se curva para cima e para a esquerda para lá do hotel. Disse-me que nascera naquela casa e que o pai era médico. Interessara-se pelo trabalho dele e recolhera migalhas de conhecimento médico ao observá-lo na consulta e nas visitas. No entanto, o filho do médico não seguira a vocação do pai. Tinha uma paixão pelo mar e ingressara na Marinha francesa. Entre o resto de nós havia aqueles que eram meros conscritos ou, como a Marion e eu, tinham entrado na Marinha como atividade secundária. Quando foi feita prisioneira, a Jane Butler regressou aos seus outros interesses e, por persuasão e persistência, foi aceita como assistente não qualificada pelo cirurgião inglês responsável pelos prisioneiros.

Tinha considerável habilidade. Era tão capaz de lidar com os remédios tradicionais como um médico qualificado e possuía uma simpatia intuitiva natural. Era também incrivelmente conscienciosa. Durante os anos do seu encarceramento — não sei exatamente quantos —, nunca saiu em liberdade condicional para além da aldeia de Portchester. Considerava que não podia dispensar mais tempo do que isso aos seus pacientes. Como me tratou de uma irite no auge da qual se considerou possível que ficasse quase cego, e como lidou com uma epidemia de varíola, será registado noutro lugar. Usava outros medicamentos além dos fornecidos pela farmácia do hospital. Alguns destes eram remédios herbais que comprava do próprio bolso.

A Jane materializou-se um dia perante a Clare e eu e sugeriu que, na minha próxima visita a Portchester, poderia, se quisesse, ver algo que me interessara. Uma vez, enquanto estive acamado com gastroenterite, desenhara o contorno de uma rosa numa parede adjacente. Recordava que a doença fora um assunto menor de poucos dias de duração. Por alguma razão obscura, recordava também que ocorrera em outubro. A Jane não me disse a forma da rosa, mas indicou que seria de importância específica para mim.

A Marion Dacre seguiu esta recomendação com duas suas. Disse que encontraria um nome junto ao Portão da Água que seria para mim de importância absolutamente primordial. Fiquei surpreendido com este regresso à questão dos nomes nas paredes. Assumira que o meu interesse anterior pelos nomes fora uma pista semi-falsa e que, para mim, os grafitis de importância esmagadora eram os relacionados com os sinais maçónicos. A Marion disse também que havia algo desenhado numa

parede do torreão que também tinha um profundo significado para mim. Sabia mais do que suficiente para não a questionar mais sobre os objetos a que se referia.

Pouco antes da nossa próxima visita a Portchester, os revenants ocuparam-se de forma bastante intensiva com a questão das marcas de água. Tinham anteriormente dedicado algum tempo aos trovadores como portadores de notícias e como fornecedores disfarçados do Dualismo. Agora, regressando ao tema principal, falaram de um interlúdio em que os bobos da corte assumiram o papel dos trovadores e continuaram a difundir uma versão clandestina do Dualismo. Soube, particularmente da Braida, do Sr. Mills e de Guilhabert de Castres, que certas marcas de água eram de particular interesse. Havia o barrete do bobo com os sinos presos. Sublinharam que o barrete era muitas vezes de tipo frígio.

Isto remeteu-nos mais uma vez para o culto de Mitra. Referiram também o desenho de triângulos entrelaçados verticais e horizontais. Estes últimos já os tínhamos encontrado anteriormente como constituindo o que à primeira vista parecia a letra M nas paredes de Portchester. Percebi que não era apenas um sinal maçónico, mas, mais raramente, um símbolo cátaro a celebrar a Virgem Maria. Uma proporção de cátaros acreditava que a própria Maria, tal como Jesus, não era verdadeiramente encarnada, mas tinha um tipo de corpo especialmente espiritualizado. Os revenants acrescentaram que este sinal M era também mais antigo do que o catarismo.

Falaram também de uma rosa com espinhos triangulares entre cinco pétalas igualmente recortadas que vi refletida na parede. Não pude deixar de me entusiasmar ao ver o que tem sido o meu rabisco favorito há pelo menos quatro décadas. Qualquer pessoa que troque o papel do meu bloco de notas ou olhe para os verso dos envelopes em que rabisquei pode testemunhar que esta é a forma favorita assumida pelo meu garatujo sem intenção.

Soube dos revenants que os espinhos nada tinham a ver, como anteriormente assumira, com os espinhos de uma rosa. Em primeiro lugar, esta não era uma suposição particularmente válida, dado que os espinhos não crescem habitualmente entre as pétalas das rosas. Fui informado de que os espinhos representavam os raios do sol e que o símbolo era imensamente antigo e certamente em uso no culto de Mitra. Disseram

que esta rosa estilizada fora usada como marca de água séculos após a queda do catarismo. Não fazia ideia de que a tradição dualista nas marcas de água tivesse continuado tão tarde na história. Os revenants disseram-me que os triângulos entrelaçados formando um M tinham sido usados no papel em que foram impressos panfletos de minha autoria sobre o Dualismo na minha encarnação do século XIX.

Na nossa próxima visita a Portchester, a primeira coisa que fiz foi visitar o Portão da Água, como a Marion sugerira. Fiquei surpreendido por ter sido novamente dirigido para lá. Pensara que já esgotara as suas possibilidades. Para os prisioneiros, era a entrada principal do castelo. Não era lógico procurar inscrições e sinais significativos no ponto de entrada dos cativos assediados. Notei que uma secção da parede fora reparada. Tijolo, agora amaciado pelo tempo, fora usado no lugar da pedra original. Vi uma pedra nodosa como o ramo de uma árvore antiga que me lembrava um carvalho.

A Clare disse que isso não era o que procurávamos. Subindo alguns degraus grosseiros e curvos, vi os nomes Raymond e Guird mais claramente inscritos numa pedra do que as escritas registadas no torreão. Não tive dúvidas de que esta era a assinatura do empregado da Sra. Dacre. A Clare lembrou-me novamente que esta era mais uma prova da minha longa adição às paredes. Os revenants confirmaram que eu trabalhara no Portão da Água e que registara os meus esforços na pedra.

Era evidente que a Marion fizera um grande ponto ao redirecionar a minha atenção para o portão. Estava ainda mais ansioso por seguir as suas instruções seguintes. Não me dei conta, até ter trabalhado o significado das suas indicações amplas e não específicas, de que ela me estava a conduzir ao grande padrão confuso de cores desbotadas que observara numa das paredes nas minhas visitas anteriores. Nessas ocasiões anteriores, observara brevemente alguns dos detalhes deste padrão. Não o examinara com cuidado porque os sinais maçónicos noutros lugares estavam mais claramente definidos e o facto de a área ser colorida e as cores terem desbotado tornava os contornos menos distintos.

Notei, como antes, um número de círculos com cruzes de braços iguais. Agora que vira tantos «M» mais claros nas outras paredes, reconheci quatro ou cinco no topo da área pintada. A Clare apontou-me também os simples padrões flor-folha que vira pela primeira vez quando

recordou o mandala que fizera no século XIII e que se podia observar tenuemente delineado na cruz.

O que era novo para mim ou, talvez mais precisamente, o que notei de forma mais evidente foram os contornos, executados de forma bastante tosca, de várias rosas. Mostrei à Clare e à minha mulher aquela que eu pintara. Era uma réplica grosseira e desbotada do meu rabisco. A Marion disse-me mais tarde que a rosa de que se lembrava de eu ter pintado fazia parte do mural colorido tosco. A Braida, o Graham e a Jane Butler confirmaram depois que a rosa de que falei era a minha contribuição para esta misteriosa e pouco elegante tela.

Notei um certo número de «J», alguns deles invertidos, que não vira anteriormente e que tomei por outra variedade de símbolo maçónico.

Ocorreu-me, enquanto observava esta confluência sombria de cores, que ela fora usada para instruir uma audiência. Vi o Capitão X a discursar para o seu rebanho. Ele, a Braida e o Graham disseram-me mais tarde que o que eu pensara estava correto. O objetivo fora oferecer à audiência de marinheiros um alfabeto grosseiro e inconfundível do Dualismo. Era fascinante pensar que ali, há cento e setenta anos, eu escutara o homem que conheci pela primeira vez no quarto com vista para a praça em Bath. Nesta vida, devido à sua idade e à confusão ocasional, tinha pouco a dizer-me, embora me reconhecesse tal como me vira no século XIII.

Regressou, após a sua morte nesta vida, para ser meu mentor e particularmente no último ano, mas também o escutara com respeito e veneração no torreão de Portchester. Alguns dos detalhes que me contou persistem na memória com um brilho inalterado e obstinado. Pensei que o meu rabisco da rosa estilizada com os raios do sol entre as pétalas era simplesmente um flashback para Portchester. Mais tarde descobri que olhava ainda mais para trás.

Por baixo deste mural confuso mas eloquente está o número 1806. O «o» é obscuro e deformado num tipo de floreado. Será uma perversão deliberada para se assemelhar à letra J? Sinto que a minha contribuição para o mural de Portchester foi feita perto do fim da minha estadia ali. O Graham disse que fomos capturados em setembro de 1804. Sempre tive em mente que não permaneci no castelo muito mais de dezoito meses. Creio que me despedi de Portchester em 1806 e que a minha contribuição para a pintura na parede e a minha incursão na auto-publicidade nos

degraus curvos junto ao Portão da Água foram realizadas no início desse ano e antes de o mural estar concluído.

Perto do fim da minha estadia, comecei a ser considerado um sujeito mais fiável. Estava a qualificar-me para a libertação em liberdade condicional. No primeiro ano do meu aprisionamento, as autoridades classificaram-me como difícil, intransigente e um dos casos duros. Foi um erro de julgamento desculpável. Para mim era uma questão de honra e de consciência tentar fugir. Esta tensão era determinada pela necessidade de entregar os esboços que fizera das defesas costeiras. Fazia parte do meu dever vê-los chegar às mãos dos seus destinatários apropriados. Foi por esta razão que tive de fugir para supervisionar as atividades de Pierre e de outros. Os meus superiores na rede de espionagem eram burocratas rígidos que não permitiam grande margem de manobra nestas matérias.

Era maré baixa numa tarde de setembro de 1973 quando deixámos o castelo. Caminhámos ao longo da costa em direção ao ponto que agora via como o local onde o barco se mantivera ao largo para receber os papéis. Caminhara à frente dos outros. Quando parei, as memórias de mais de um século e meio alcançaram-me. Sentei-me num tipo de talude. A Braida materializou-se e pousou a mão no meu braço. Disse-me com simplicidade que estava sentado no local onde fora recapturado naquela noite de abril. O barco para o qual Pierre nadou estava a cem jardas mar adentro. Senti que a mão dela no meu braço destinava-se apenas a consolar-me.

A minha energia estava esgotada e assumi que estava demasiado cansado para ser perspicaz. De repente perguntei a mim mesmo como chegáramos a Portchester. Nunca dera muita atenção ao âmbito da expedição que nos levara ao cativeiro. Pensara que seria demasiado esperar que algo circunstancial pudesse ser acrescentado ao que fora primeiro delineado num sonho. Encontrei-me a recordar com a Braida como a Marion e eu tínhamos desembarcado em Brighton. Abrimos caminho para oeste, cartografando as defesas costeiras pelo caminho. Investigáramos as de Portsmouth, incluindo as torres Martello.

Toda a operação durara dois meses. Fora capturado em setembro no local onde agora estava sentado e onde fora recapturado novamente depois de Pierre ter conseguido entregar os papéis. A Marion não fora

capturada comigo quando fomos detidos pela primeira vez. Fora capturada ao mesmo tempo, mas não na minha vizinhança imediata.

Antes de deixarmos Portchester, há outros pontos a salientar. Naqueles dias eu conhecia bem o Graham. Até ao final de 1973 não sabia quão bem o conhecia. Na altura da minha visita tardia a Portchester, em setembro, soube que ele fora, tal como eu, fortemente influenciado pela Maçonaria e totalmente antibourbónico. Também fora membro de um grupo de entusiastas que visitara a Inglaterra no final do século XVIII para a conduzir ao caminho certo do pensamento.

O Graham provinha de um meio mais culto e educado do que o meu. Na sua família, a natureza e os princípios básicos do Dualismo eram bem compreendidos. O Graham interessava-se por esta filosofia, mas, nos anos noventa do século XVIII, ainda não estava tão convertido a ponto de aceitar todas as suas implicações. Foi apenas sob a minha orientação, durante o nosso cativeiro em Portchester, que se tornou um dualista convicto. Eu próprio, nos últimos anos do século das luzes, era um bom maçom e republicano, mas não o que se poderia chamar um dualista absoluto.

A Betty, que tanto significou para mim como Hélis na encarnação cátara, era menos ostensivamente dedicada na nossa vida em Portchester. Naquela época era um rapaz de rosto rechonchudo, faces coradas, de cerca de dezasseis anos, com cabelo escuro e olhos castanho-escuros, suavemente luminosos, algo bovinos. Era uma criatura gentil e submissa. Foi destacada pela Jane Butler para cuidar de mim quando estive doente com irite após erisipela. Eu era, com alguma razão, um paciente difícil e assustado. Estava em jogo que a minha visão ficasse pelo menos consideravelmente prejudicada e não encarava a perspetiva com particular serenidade. Naquele tempo, a Betty suportou os meus humores sem queixas.

Foi também convidada a participar na tentativa preliminar de fuga de Pierre através do túnel em março, precedente à evasão em grande escala em abril. Ela e Pierre eram inseparáveis e, na realidade, permaneceram devotados um ao outro toda a vida. Pierre tentou, sem sucesso, persuadir a Betty a partilhar a sua arriscada performance no túnel. Embora genuinamente devotada a Pierre, não fora feita para tais aventuras. Suportou uma agonia de apreensão depois de ele desaparecer na boca do

túnel e correu em seu auxílio no momento em que ouviu o som do tiro disparado pela sentinela. Foi ela quem extraiu Pierre dos escombros provocados pela reverberação do tiro. Arrastou-o para fora do túnel e conseguiu contrabandeá-lo para as barracas antes que a vigia noturna completa se reunisse.

Um dos aspetos mais surpreendentes do meu encarceramento em Portchester foi a minha relação com Eugene. Este, o meu amigo masculino mais próximo nesta vida, foi morto ao colocar minas a partir de um avião em Saint-Nazaire em 1943.

Foi só em anos posteriores que descobri que todos, ou pelo menos a vasta maioria, do meu círculo de amigos tinham sido de alguma forma psíquicos. Descrevi Eugene em *Silent Union* e expressei a minha crença de que ele estivera consciente da sua morte iminente. Perguntei-me se ele também seria da mesma natureza que os meus outros amigos. Pensei nisso ainda mais nos últimos dois anos, quando me tornei mais consciente das presenças à minha volta.

De todas as pessoas que conheci desde que a memória da minha encarnação cátara começou, nenhuma excedeu Eugene na capacidade emanatória. (Morreu vinte anos antes de a minha existência cátara ser revelada.) Parecia-me que, quando estava presente, o ar vibrava. Após a sua morte, houve muitas ocasiões em que olhei por cima do ombro como se o sentisse atrás de mim, e isto antes dos dias em que me tornei facilmente e regularmente consciente de presenças.

Em setembro de 1973 fiquei espantado quando Guilhabert de Castres disse que eu conhecera Eugene em Portchester. Nesta vida fôramos atraídos um pelo outro não só por simpatia mútua, mas porque fôramos amigos noutra encarnação. Fizera mais do que uma tentativa de fuga de Portchester. Eugene estava de serviço de guarda numa dessas ocasiões. Fui apreendido sem grande dificuldade ao emergir de ainda outro túnel. Foi imediatamente óbvio que o jogo acabara. Celebrei esta descoberta com um acesso de linguagem vil de que ele não tomou o mínimo conhecimento.

Após este episódio, por alguma razão, interessou-se por mim. A nossa conversa limitava-se a ocasiões esporádicas em que ele estava de serviço e não particularmente ocupado. Se o leitor achar surpreendente que um oficial britânico daqueles dias manifestasse interesse por um

marinheiro francês não comissionado, só posso dizer que os nossos guardas eram, no geral, um grupo humano, em marcado contraste com os marinheiros britânicos, que eram os espécimes mais grosseiros e brutais que alguma vez encontrei. Indiscutivelmente, o tratamento dado a Pierre foi abominável, mas a própria Clare não guarda rancor e diz que os ingleses precisavam de informação e que ela estava obstinadamente determinada a não revelar nada.

Enquanto estive em Portchester, o meu contacto com Eugene foi limitado. Só nos tornámos amigos depois de eu ter saído. Foi ele quem me persuadiu a aceitar a liberdade condicional. Um certo orgulho truculento fizera-me persistir nas tentativas de fuga, mas na realidade estava cansado do encarceramento e, sob a sua influência, optei pela liberdade condicional. Foi ele quem me arranjou o emprego com a Sra. Dacre. Não lhe posso pagar por isso e pela amizade nesta vida. Na encarnação napoleónica, vinha frequentemente à casa da Sra. Dacre. Nessas ocasiões era tratado como igual e tínhamos longas conversas juntos.

Naqueles dias eu era um incorrigível propagador de ideias e é difícil imaginar-me empenhado voluntariamente em algo como conversa casual. Era menos inclinado socialmente do que fora enquanto jovem, mas não era de modo algum um intelectual azedo. Era feito de fibra mais dura, mas obviamente viciado na busca da verdade. Mudara bastante do jovem que deliberadamente se propusera a encantar no final do século XVIII.

Quando deixei Portchester, era um dualista completo. Discuti a minha filosofia com Eugene e ele ficou fascinado por ela. Era, nessa encarnação como nesta, um devoto dos desportos de campo, além de um excelente atleta. Recordo como, nesta vida, caminhando ao longo do Avon em Bath, me disse que a caça, o tiro e a pesca eram indefensáveis, mas que, se nascemos com o instinto do caçador, ele não pode ser erradicado. O seu padrão de lazer era semelhante no século XIX ao que foi nesta vida.

A sua natureza viril fora direcionada, naqueles dias, para o Exército. Na sua última encarnação qualificou-se tanto como médico como piloto de ensaios. Ingressou na Força Aérea regular na Polónia antes da Segunda Guerra Mundial. Envolveu-se num projeto de investigação destinado a escolher, através de uma série de testes behavioristas, o piloto perfeito. Descobriu que a maioria dos melhores pilotos fora recrutada entre

aqueles classificados pelo sistema de testes como inadequados e potencialmente neuróticos. Aqueles que, segundo os métodos de investigação, eram material ideal eram, na prática, lentos de raciocínio, imperceptivos e inadequados para as condições de guerra. Descreveu toda a estrutura e intenção desta importante organização como estúpida e demitiu-se dela imediatamente, bem como da Força Aérea. Foi um gesto característico. Eugene tinha pouca tolerância por qualquer tipo de estupidez, particularmente em altas esferas.

Era fascinante que Guilhabert de Castres, ao falar dele, dissesse que um dos laços entre nós era o nosso ressentimento contra a autoridade. Talvez a minha truculência no nosso primeiro encontro na encarnação napoleónica o tenha cativado. Nesta vida regressou à Força Aérea no início da Segunda Guerra Mundial. Recusou-se a servir como médico, acumulou um número incrível de horas de voo como piloto de caça, transferiu-se depois para bombardeiros e morreu em Saint-Nazaire.

Na encarnação napoleónica aceitou avidamente a crença dualista de que existiam duas forças primárias, do bem e do mal. Discutiu a reencarnação sem preconceitos, mas não a aceitou. Não se interessava pelo conceito de que o mundo fora criado pelo Diabo. Num aspeto de importância primordial foi influenciado pelas convicções dualistas. Decidiu que lhe seria impossível tirar vida humana em quaisquer circunstâncias e reformou-se do Exército em idade precoce. A sua relutância em tirar vida não se estendia ao reino animal. Continuou as suas atividades desportivas na encarnação napoleónica até à vida no século XX. Talvez estivesse a regressar às suas antigas ocupações quando me disse, ao longo da estrada em Bathampton, que os desportos de campo eram eticamente indefensáveis, mas que não conseguia abster-se deles.

Fora-me dito pelos revenants que, na época em que nos conhecemos em Portchester, Eugene vivia algures nas redondezas de Haslemere. Depois de se reformar do Exército, contraiu um casamento desastroso, teve dois filhos, mudou de casa e viveu algures perto de Portchester. Estava estacionado em Eastleigh quando veio para Inglaterra em 1940. Talvez fosse algures perto da sua casa anterior.

Escrevi longamente sobre Eugene porque me fascina que Guilhabert de Castres tenha falado dele. Eugene não era membro do nosso grupo, mas uma espécie de associado periférico. Era evidente que os revenants, e

particularmente a Betty, estavam profundamente preocupados com as minhas relações pessoais passadas e presentes. Era significativo como, para além desta vida, conservavam o que se chama humanidade. Surpreende-me que a comunicação tenha vindo de Guilhabert de Castres, porque, como regra, ele só aparece nos sinais cruciais da experiência ou quando há algum problema filosófico especialmente difícil a resolver. Sinto que a sua intervenção foi feita para chamar a atenção para a extraordinária capacidade de emanação de Eugene. Embora não fosse do grupo, estava entre os primeiros dos mensageiros.

A minha amizade com Eugene amadureceu depois de eu ter deixado Portchester. Enquanto estive dentro dos seus muros, estava mais próximo da Marion do que de qualquer outra pessoa. A nossa profunda amizade continuou depois de termos deixado Portchester. A Marion e eu encontrávamo-nos por vezes perto do local onde ela trabalhava em Winchester. Há uma memória de um dia nos prados de St. Cross. Mais uma vez é outono.

Está sem nuvens, mas o azul profundo do verão desapareceu do céu. Não sei se este foi o nosso último encontro. O que tenho a certeza é que estávamos muito próximos um do outro em Portchester e que, depois, os nossos caminhos divergiram. Quando falo com ela nesta vida, tenho a sensação de um laço estreito a tentar reafirmar-se e a ser impedido por uma mútua reticência.

Quando foi finalmente repatriada, não foi diretamente para a Provença. Foi enviada para um porto noutro local de França. É possível que tenha feito escala em Brest. Ela e a Clare recordavam que passou algum tempo em Paris. Fez o que pôde para difundir os princípios do Dualismo e da Maçonaria tal como praticados em Portchester. Não sei o que fez depois de deixar Paris.

Não posso terminar a descrição de Portchester sem regressar à atmosfera de felicidade que paira sobre ele. Isto nada tem a ver com o brilho conferido pela pátina da idade. É enfatizado por todos os que ali estiveram cativos. Até a Kathleen culpa-se a si própria, e não o lugar, por tudo o que sofreu. A Clare, que foi torturada na Torre de Assheton, ama Portchester e está sempre feliz por regressar, desde que evite a proximidade da cela onde esteve encarcerada. Penso que a nossa felicidade se deve aos notáveis oficiais que organizavam a vida dos

prisioneiros. Algo se deve aos guardas ingleses, que eram, no geral, homens razoáveis e humanos com padrões elásticos na aceitação de subornos. Mas, em suma, foram os nossos compatriotas que nos ampararam ao longo do que poderia ter sido uma experiência aterradora. Recordemos que o tratamento dado aos nossos compatriotas nos hulks a apodrecer nos portos era criminoso por qualquer padrão. O que digo sobre a nossa felicidade em Portchester é corroborado por aqueles que escreveram a história dos prisioneiros franceses. É geralmente aceite que muitos deles saíram homens melhores do que quando entraram. Isto não costuma ser reivindicado para uma prisão. É enfatizado que aqueles que entraram analfabetos sabiam ler e escrever quando saíram e que os anteriormente sem vintém tinham dinheiro nos bolsos e um ofício nas mãos.

Do ponto de vista do grupo, foi ao Capitão X que mais devíamos. Numa manhã de junho de 1974, caminhava no parque de Bath e refletia sobre o quanto ele fizera por nós, mas duvidando, com toda a razão, que a realização de Portchester pudesse ser atribuída a um único homem. O Graham apareceu e respondeu à minha pergunta. Disse que dois membros franceses do grupo tinham sido enormemente úteis. Uma delas é uma mulher que mencionei em dois livros anteriores, que sei ter sido conhecida minha na Roma antiga, mas a quem não creditara qualquer papel em nenhuma das encarnações intermédias.

Em Portchester era uma oficial baixa e robusta, com uma cabeça larga a condizer. Embora nascida na Provença, tinha cabelo loiro, olhos azuis e uma tez pálida. Dava-nos frequentemente palestras. Um dos seus temas principais era que os camponeses com pequenas propriedades deviam unir os seus recursos numa qualquer forma de organização cooperativa. O que ela defendia veio a realizar-se pelos viticultores do Languedoque e da Provença. O outro oficial era aquela que, nesta vida, pelos seus pesadelos recorrentes de ser torturada, foi das primeiras a conduzir-me firmemente pelo caminho do Dualismo.

Na encarnação napoleónica era alta, morena, de cabelo escuro, olhos escuros e mais tipicamente provençal do que a sua colega. Especializava-se na interpretação dos símbolos dualistas e dava frequentemente palestras no torreão, usando a massa confusa de desenhos coloridos como ilustração.

Deixei de me espantar por tantas pessoas que conheci nesta vida terem sido conhecidas minhas em encarnações anteriores. Continuo, contudo, atónito por tantas terem estado concentradas no mesmo espaço estreito no século XIX.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Foi um momento inesquecível na minha vida quando a Braida me disse, junto à costa em Portchester, que fora naquele ponto que eu fora capturado depois de o meu esboço das defesas costeiras ter sido passado para o barco que aguardava. Não era importante apenas porque explicava o meu sonho de longa data de esperar por um barco e provava de uma vez por todas que, no meu sonho, estava preocupado com a minha recaptura após a fuga da prisão e não com o meu encarceramento inicial. O que era ainda mais importante era o conselho que a Braida me deu nessa ocasião particular.

Disse-me que devia visitar Waggoners Wells. Já mencionei anteriormente este lugar como aquele onde me perdi durante uma caminhada no início dos anos trinta. Era óbvio para mim que Waggoners Wells estava ligado à minha última encarnação. Era nas redondezas de Haslemere que, enquanto prisioneiro francês, trabalhara para a Sra. Dacre. Era certamente significativo que, como Guilhabert de Castres dissera, Eugene também tivesse vivido nessa região. Agora a Braida dizia positivamente que eu vivera ali anos antes da visita em que a Marion e eu investigámos as defesas costeiras. Isto deixou-me bastante perplexo.

Já disse que nesta vida foi em Haslemere que me convenci absolutamente de que fora prisioneiro de guerra francês em Inglaterra. As revelações dos revenants e da Sra. Dacre, da Marion e da Clare forneceram-me o detalhe confirmatório. Mas o que mais me intrigava era o meu apego à região em torno de Shere, Gomshall, Holmbury St. Mary, Peaslake e Abinger Hammer, que fica a alguma distância de Haslemere e que, no entanto, também estava associada na minha mente às guerras napoleónicas.

Amava acima de tudo a aldeia de Shere. Na altura da minha primeira visita, em 1928, tornou-se mágica para mim. Era um gosto estranhamente doméstico para alguém criado no cenário mais dramático de Cumberland.

Desde o primeiro momento em que a vi, esta região acolhedora e recatada, com pequenos vislumbres da natureza selvagem, foi simultaneamente lar e magia. Quantas vezes, nos últimos quarenta e cinco anos, vi, com memórias tão nítidas que parecia estar a viver e não a recordar, a fila de casas junto ao riacho em Shere. O riacho serpenteia por trás dos salgueiros, passando por uma avenida de tílias até pequenos campos com sebes altas que, no seu seccretismo e silêncio, são uma miniatura de toda a pastagem do mundo. Junto ao riacho há uma casa de meia-madeira com uma empena saliente. Recordo isto acima de tudo. Teria vivido nesta zona além de sob o teto da Sra. Dacre?

Soube dos revenants, particularmente da Braida, do Graham e da Betty, sobre os meus primeiros contactos com a Inglaterra. Por vezes a informação chegava através da Clare, mas recebi bastante diretamente. Parecia que eu estivera neste país muito antes da visita em que investiguei as defesas costeiras. Tudo aconteceu assim. Era de origem modesta mas não camponesa, filho de um pequeno comerciante ou de um pequeno profissional. Recebera uma boa educação. Entre as minhas competências estava o conhecimento de inglês. Era um jovem idealista e dedicado. Estava repleto de ideias férteis e de belos sentimentos.

Nessa fase, esperava ver a sua realização neste vale de lágrimas. Cheguei aos vinte anos na última década do século XVIII. Devo ter sido perfeitamente capaz de apreciar a queda da Bastilha. «Bliss was it in that dawn to be alive, But to be young was very heaven!» Engoli inteira a linha, o anzol e o chumbo dos princípios da Revolução. Acreditava sinceramente na liberdade, igualdade e fraternidade. Era uma versão mais sofisticada e articulada dos marinheiros de Portchester. No final da adolescência ingressara num clube republicano semi-secreto. Pelas provas fornecidas em Portchester, sei que era maçónico, mas insisto que estava inclinado para longe da Maçonaria continental e britânica praticada nessa época. Era francamente, se não totalmente, dualista.

Não há dúvida de que, nessa altura, tinha claras inclinações políticas. Era inteiramente contra os Bourbons. Seria por causa do catolicismo repressivo a que esta dinastia era viciada? Acreditaria a minha sociedade, como os cátaros, que todas as hierarquias terrenas eram más e esta especialmente? Opor-se-ia ao ocultismo ritualístico e sombrio praticado sob os Bourbons? É claro para mim que esta variedade particular de Maçonaria era especialmente forte no Midi.

Cheguei a Inglaterra na última década do século XVIII. Vim com a aprovação das autoridades políticas reinantes, mas fui efetivamente subsidiado pela organização maçónica a que pertencia. Não faço ideia de quanta ligação havia entre os políticos dominantes e os meus empregadores imediatos. Tudo isto acrescenta lenha à fogueira acesa por aqueles para quem a Grande Loja do Oriente em França se preocupou constantemente com a propagação da revolução.

Nesta vida, estou completamente fora de simpatia tanto com a Grande Loja do Oriente como com os seus detratores. Insisto também que a Maçonaria em que me interessava não tinha relação com qualquer tipo de Maçonaria moderna e tinha afinidades com o Dualismo medieval. Isto pode parecer ilógico porque não consigo escapar ao facto de ser politicamente inclinada. De que outra forma poderia ter-me encontrado como espião em Inglaterra?

O objetivo da minha missão era fomentar a revolução através das lojas maçónicas. A história recorda que muita atividade subversiva na Grã-Bretanha foi atribuída a agentes franceses durante o Diretório, o Consulado e o Império. Chegou um momento em que o próprio Napoleão regressou ao tema de que o povo inglês nada tinha a perder senão as suas cadeias e que, se ele aparecesse nas suas costas, as massas se levantariam e receberiam o libertador. Como outros, subestimou a tenacidade e acima de tudo a insularidade da raça insular.

Depois de a Braida ter vindo ter comigo junto à costa em Portchester, no local onde fui recapturado, a minha memória da minha vida em Inglaterra intensificou-se. Comecei a compreender a minha resposta emocional a Shere nesta vida e o meu sentimento de identidade pessoal com ela, que dura há quase meio século. Durante esta intensificação da memória, tornei-me consciente de que estivera associado a Shere para um propósito específico. Esta recordação foi acompanhada por um brilho crescente de felicidade e por um sentido aceite de fracasso.

Nunca consegui explicar satisfatoriamente a felicidade que sinto quando penso em Shere. A felicidade não costuma estar associada ao fracasso, nem é garantida quando se arrisca a vida e a liberdade num país hostil. Inevitavelmente pensei em algum caso particularmente terno e evocativo do coração, mas a Braida e o Graham disseram que nunca estive

profundamente envolvido. Disseram-me que era um excelente ator e que, por isso, duas ou três mulheres acreditaram que sentia por elas mais profundamente do que na realidade e que alguns corações ficaram partidos quando deixei o país. Estou convencido de que nisto não tinha intenção de explorar os sentimentos alheios por mim. Tinha uma simpatia natural pelas mulheres e uma capacidade de a exprimir e demonstrar. Suponho que o facto de ser tão diferente dos seus compatriotas me tornava simultaneamente uma ajuda e um problema para elas.

A minha recordação de mim próprio é a de um jovem que amava a companhia, a boa conversa e as mulheres belas, acima de tudo quando elegantemente vestidas, mas ficava embaraçado com intimidades e perdia o meu savoir-faire se fosse destinatário de qualquer afeto profundo. Era essencialmente bondoso e, no fundo, sentia uma considerável preocupação pelos outros. No entanto, podia dar uma impressão de hostilidade e truculência se alguém invadisse a minha privacidade.

Havia uma ligação particularmente obsessiva com Shere que me era difícil de explicar. Além dos franceses à espreita, estava sempre associada na minha mente ao contrabando e, de forma um tanto absurda, ao poema de Kipling que começa: «If you wake at midnight and hear a horse's feet». Muitas vezes ponderei como, quando as pessoas são perguntadas que literatura mais as influenciou, citam inevitável e falsamente apenas o que é de primeira linha. Este poema infantil com o seu refrão tilintante, «Five and twenty ponies trotting through the dark, Brandy for the Parson, Baccy for the Clerk», desperta em mim os sentimentos habitualmente associados à grande poesia.

O aperto no couro cabeludo, o formigueiro na espinha, o cabelo a eriçar-se na nuca, o indefinível puxão da substância do plexo solar, todas estas manifestações, que melhor se reservam para a «Ode to a Nightingale», fragmentos de Ronsard e Verlaine e alguns poemas de Housman, eram, e ainda são, sentidas por mim ao ler os versos: «Them that asks no questions isn't told a lie, Watch the wall my darling when the gentlemen go by». Não conseguia começar a explicar a associação entre contrabando, o poema de Kipling, Shere e a minha última vida neste planeta. Sei há alguns anos que a vizinhança de Shere fora um refúgio de contrabandistas. Não sabia até que ponto a própria aldeia estivera envolvida. Não sabia que tinha a ver comigo. Sabia que era demasiado

íntegro para me envolver com contrabando. Não se coadunava com os meus princípios republicanos laboriosamente éticos.

Sabia que na minha primeira visita a Inglaterra nunca ocultara o facto de ser francês. Era razoável supor que me apresentava como um émigré, como vítima da Revolução em vez de expoente dos seus princípios. Todos estes assuntos seriam esclarecidos na minha visita a Haslemere em novembro de 1973. As circunstâncias assemelhavam-se às que precederam a visita a Cumberland, durante a qual fomos levados à pedra em Fellgate. A Clare e eu fomos bombardeados com conselhos deste mundo e do outro de que devíamos ir a Haslemere.

A Braida foi a mais insistente e a Annette, nas suas chamadas do Canadá, reforçou as suas opiniões e acrescentou que, antes de irmos a Haslemere, tínhamos de ser carregados para a experiência. A Braida também impressionou a Annette com o facto de o que a Clare me dizia nesses dias vir da sua própria memória distante e não depender de estímulos da Braida. Quando necessário, podia confirmar o que a Clare dizia, mas esta tinha o poder de recordar por direito próprio. Estava também a passar das dores da memória distante para a atroz agonia da revivência completa.

A Braida estava presente enquanto caminhávamos entre as pedras em Avebury. Quando regressei a casa nessa noite, materializou-se novamente. Disse que fora especialmente importante para mim ir a Avebury porque eu era capaz de extrair força da pedra. Lembrou-me da minha preocupação com a pedra ao longo dos meus anos, e vidas, como construtor de muros e pedreiro.

Antes de partirmos para Surrey nos últimos dias de novembro de 1973, a Braida foi tão precisa como fora em relação à pedra em W——. Delimitou claramente para mim o intervalo de tempo entre as minhas duas visitas a Inglaterra. A minha primeira visita ocorrera cerca de dez anos antes do meu encarceramento em Portchester. Fiquei primeiro hospedado com um francês perto de Haslemere. A minha estadia durou apenas um mês, durante o qual ele me indicou os contactos que devia estabelecer em Shere, que devia ser considerado o meu centro de operações. Fiquei encantado com a referência da Braida a Shere e o meu afeto por ela intensificou-se sensivelmente. Esperava que o mistério do meu apego fosse finalmente revelado.

Alguns dias depois, a Braida apareceu à Clare e repetiu que Waggoners Wells era muito importante para nós. Falou de três lagoas, duas juntas e uma mais afastada. Eu esquecera a disposição exata das lagoas. A Braida disse que uma delas era muito importante. Tive uma visão instantânea do fim da lagoa mais distante, com uma encosta íngreme a subir em direção aos bosques. A Braida disse que era necessário voltarmos a caminhar nas florestas junto às Wells. Devíamos aproximar-nos da charneca e do bosque por uma estrada que passa por Bramshott. A Clare disse que a Braida fora particularmente insistente quanto a essa estrada. Veríamos também a minha casa em Shere. Neste último aspeto não precisava de orientação. Conseguia visualizar a qualquer momento a sua meia-madeira e empena. Devia regressar a G——, onde construíra o muro.

A natureza e o tempo foram-nos favoráveis na viagem a Surrey. Nunca vi tantas folhas douradas tão tardias nas árvores. Era quase como se, nos meus sonhos recorrentes coloridos pela beleza do outono, eu tivesse estado a olhar tanto para a frente como para trás, como se previsse a glória do meu regresso ao mesmo tempo que a pungência do dia calmo de outono em que fui capturado. Vi o espaço aberto, agora metade asfalto, metade relva, onde estivera no dia em que recebi o sobretudo da Sra. Dacre. A casa consistia em duas secções dissimilares construídas uma na outra. Uma era longa e baixa e muito mais antiga do que a outra. Era esta parte da casa que a Sra. Dacre recordara quando estava ameaçada de pneumonia e febre alta e que eu vira quando quase chorei na rua em Bath.

Vi o muro junto ao qual, dezoito meses antes, ficara finalmente e inconfundivelmente convencido da minha encarnação anterior como prisioneiro francês na guerra napoleónica. Perto ficava um pequeno beco recatado com muros de tijolo. Este também me era agora familiar e intensamente pessoal. A Clare disse-me que eu também construíra os muros desse beco. Era curioso, mas teria jurado que na minha última visita, nos limites mais afastados do jardim, vira um muro variegado que incluía na sua composição tijolo, sílex e entulho. Quando me dirigi nessa direção, vi um muro mais novo e uniforme, que me asseguraram ter sido erguido nos últimos anos. Não havia qualquer razão particular para eu imaginar, na visita anterior quando ainda desconhecia as minhas atividades como construtor, a presença de um muro inexistente. Qual

seria, de qualquer modo, o propósito de visualizar um muro que, naquela altura, não tinha qualquer história particular associada? O ponto cardinal é que vi esse muro depois de ter falado com a Sra. Butler, a primeira do grupo a revelar-me que tivera uma encarnação anterior além da sua vida como cátara e a primeira a dizer-me que fora marinheira na Marinha francesa. Vi esse muro tal como era algum tempo depois de 1806, ou tal como eu próprio o construíra, na mesma manhã em que, agitado pelas previsões da Jane Butler sobre a sua morte iminente, soube pela primeira vez com certeza ofuscante que fora prisioneiro de guerra francês na localidade.*

Fomos a Bramshott numa tarde calma com pouco sol, mas o ar estava inundado de luz das árvores. As árvores na floresta eram nuvens de ouro. Era o outono mais florido que alguma vez vira. A Clare guiou-nos até à igreja de Bramshott. Quando me deitara a descansar na noite anterior, vira os mesmos triângulos entrelaçados que estavam inscritos nas paredes de Portchester, mas encerrados num círculo resplandecente de ametista. Sempre que vejo este brilho profundo de ametista, e sobretudo quando assume a forma de uma joia, é sinal de que a Betty está presente ou de que estou a recuar muito no tempo.

Depois de visitarmos a igreja, a Clare levou-me para fora e caminhámos até à casa onde Eugene vivera. Não tive um golpe fotográfico agudo de memória ao ver a casa. Só posso dizer que me senti comovido pela atmosfera e que me senti a caminhar fora do tempo num mundo sem limites onde as árvores e as casas eram meros símbolos em deterioração de uma realidade maior. Depois chegámos a uma estrada chamada Rectory Lane. A Clare disse que agora compreendia o que a Braida quisera dizer quando afirmara que devíamos ir pela estrada até Waggoners Wells. Não se referia a qualquer estrada, mas a esta em particular. Embora não tivesse reconhecido a casa onde Eugene vivera, parei na abertura de uma avenida silenciosa com parte da fachada da casa visível na sua extremidade mais distante.

As árvores na avenida eram douradas pelo outono e inclinadas pela idade, e soube que me eram especialmente familiares. Recordava como durante anos evocara este caminho florestal, a alameda com os seus arbustos hirsutos, as suas árvores antigas, cansadas e ligeiramente inclinadas, e a casa que me parecera guardar um mistério mais profundo

do que o imposto pela escuridão das árvores e pela sombra da floresta invasora.

Quando passei pela casa pelo caminho íngreme que descia para as lagoas, soube que ali vivera, mas não sabia por quanto tempo nem em que qualidade. Caminhámos para lá da primeira lagoa e chegámos a um tufo de flores brancas, tenuemente tingidas de rosa, que notara especialmente na minha última visita, há seis ou sete anos. Em certos aspetos assemelhavam-se tanto à erva-de-são-roberto como ao azeda-dos-bosques. Fizera tentativas desajeitadas e pouco científicas de as identificar. Concluíra que eram uma espécie rara de pirolácea. Interessara-me por elas quando as vira pela última vez. Agora estava positivamente fascinado. Embora tenha tido um interesse absorvente pela vida vegetal ao longo de quatro encarnações, não conseguia compreender a minha intensa preocupação com estas flores modestas e reservadas.

O meu passo e o meu coração estavam leves e senti um súbito acesso de energia. A Braida e o Graham acompanhavam-me lado a lado. De repente, entre a lagoa do meio e a última, desmoronei completamente. Não era qualquer tipo de desmaio físico, como uma perturbação hipoglicémica causada por uma queda de açúcar no sangue. Algo como uma cortina de ferro desceu atrás de mim e cortou-me do caminho por onde viera. Fui atingido por uma estranha depressão de contornos afiados que parecia fazer uma incisão no tempo e definir-me absolutamente do homem que fora dois passos antes. Pesado de miséria, levantei os olhos para uma encosta inclinada. Então tudo voltou. Estava a olhar para o local que fora a minha ruína.

Recordei que vivera não mais do que um mês na casa que passara alguns minutos antes. Fora a minha primeira missão. O homem que então vivia na casa era um émigré *(exilado)* francês, casado, com dois filhos. O Graham também estava hospedado na casa. Não sei se atuava como tutor das crianças. Fui originalmente convidado como especialista em árvores. Isto era extraordinário porque ainda não tinha vinte anos. A minha designação como perito em árvores era apenas um disfarce, mas é evidente que era considerado alguma autoridade no assunto.

Algumas das árvores antigas da avenida foram plantadas sob a minha orientação. Já referi tantas vezes a minha paixão pelas árvores nesta vida que é inútil repeti-la. Tudo o que direi é que as minhas

contribuições para jornais e autoridades locais sobre este assunto serão bem conhecidas dos meus amigos.

Fui muito feliz nessa casa de onde pratiquei pela primeira vez em Inglaterra as artes em que fora treinado. A estratégia global era simples. Descrevia-me como émigré da Revolução Francesa. Era o mais encantador possível com as famílias que me recebiam. Isto inclinava-as ainda mais a acreditar que era um digno objeto de simpatia. Depois de estabelecer um rapport com elas, começava a inserir aqui e ali itens de propaganda a favor da Revolução. A minha linha favorita era que, embora sob certos pontos de vista os revolucionários fossem monstros, era preciso ser justo e reconhecer que tinham feito isto e aquilo.

Depois lançava, com frieza e aparente desapego, alguma virtude evidente que dificilmente deixaria de apelar aos meus anfitriões. Tudo isto parece extremamente grosseiro e de facto era. O Graham diz-me que éramos amadores, por vezes de forma risível. Todo o esquema era organizado por uma coleção de burocratas intoxicados de ideias e com uma atitude rígida e solteirona perante a vida. No entanto, não caí porque a crueza da minha propaganda atraiu a atenção dos amigos ingleses do meu anfitrião. A causa do desastre foi mais concreta e local. O segredo estava no segmento da encosta que agora olhava com uma depressão indescritivelmente intensa.

Foi ali que tínhamos arranjado uma espécie de caixa de correio. Ficava ou no oco de uma árvore ou debaixo de um tronco caído. Agentes de diferentes distritos costumavam deixar relatórios e informações no que esperavam ser um depósito secreto. Alguém informara as autoridades. Foi infeliz para mim que outros tivessem sido observados a usar essa caixa de correio. Eu próprio deixara ali uma nota indiscreta. O meu anfitrião foi avisado de que as autoridades estavam na pista de toda a rede. Tive de partir à pressa. Para ocultar a minha partida, mantive-me nos bosques, deixando Waggoners Wells ao escalar uma encosta no fim da lagoa mais distante.

A Braida já me avisara antes de que a lagoa mais distante era importante para mim. Era óbvio por que razão insistira em que nos aproximássemos das lagoas pelo caminho que parte de Rectory Lane. Se tivéssemos tomado outras rotas, não teria recordado a sensação de ser atingido por um peso físico de depressão no fim da segunda lagoa onde

tínhamos a caixa de correio. Não teria revivido a sensação de desolação quando, nesta vida, cheguei ao fim do ponto mais distante onde, na minha última encarnação, deixara Waggoners Wells para a floresta e a estrada para a minha próxima morada.

Nesse dia a Braida acompanhou-me enquanto caminhava pelos bosques. Eu próprio recordei o que acontecera e ela confirmou que o que recordava era verdade.

No dia seguinte fomos a Shere. Caminhei pelo caminho junto ao riacho passando pelos salgueiros chorões. Parei junto à casa que recordara com afeto durante tantos anos, iludindo-me enquanto jovem de que a amava por causa do seu tijolo vermelho amaciado, do murmúrio da água à porta e por estar escondida no campo domesticado mas secreto que estranhamente me comovia. Agora sabia que as suas linhas estavam profundamente gravadas na minha memória porque ali vivera. Quando a vi nessa manhã, disse à Clare que naqueles dias havia mais salgueiros junto à água. A Braida confirmou que era verdade.

Caminhámos para lá da casa até à ponte que atravessa o riacho abaixo da casa senhorial. Neste ponto senti-me feliz. Estava banhado numa beleza tranquila e sem vibrações. Estava fora da zona de magnetismo extremo. Não houve golpe de recordação nem dor de coração do passado. Entre a avenida de tílias não senti nada mais profundo do que a pungência do outono. Depois a minha mulher, que vivera boa parte da sua vida em Surrey, apontou para a casa senhorial e disse que ouvira que, muito atrás no século passado, as caves da casa tinham sido usadas para contrabando. Depois de ela falar, pareceu-me que despertava para uma vida mais aguda. Quando regressámos da ponte e voltámos à casa onde vivera, tive o que se poderia chamar uma memória somática. Senti-me fraco e desmaiado. O estômago revirou-se e senti que ia vomitar. A Clare comentou a minha aparência: «É só lembrar, mas a memória é profunda.»

Agora havia outra casa junto ao rio que me falava, mas com menos clareza do que a casa com empenas salientes. A Clare disse que naqueles dias era um grande ponto de encontro para os homens da aldeia e especialmente para aqueles do lado errado da lei. Disse que a aldeia fora um grande centro do comércio de contrabando. Recordava o que a minha mulher dissera anteriormente sobre as caves da casa senhorial. Não

sentira qualquer emanação desta outra casa quando passámos por ela a caminho da ponte de madeira abaixo da casa senhorial. Suponho que o que a minha mulher dissera sobre o contrabando escondido nas caves estabelecera uma ressonância nas cordas da memória.

A Braida disse-me que, quando vivi em Shere, o comércio de contrabando estava muito ativo. Tinha ligações com os portos do Canal e, do outro lado da água, com a própria França. Enviara mensagens através do Canal com a ajuda dos contrabandistas. O poema de Kipling voltou aos meus pensamentos com insistência crescente. Outro dístico ressoou mais claramente acima do nível da consciência:

Laces for a lady, letters for a spy, Watch the wall, my darling, while the gentlemen go by.

Em retrospetiva, o resto do dia foi onírico. Juro que não foi assim na altura e que estive preciso, lúcido e registando o que se passava à minha volta com mais do que a acuidade média. A qualidade onírica vem com a visão retrospetiva. Vejo que o que foi revelado nesse dia foi tão claro que estava acima do nível da consciência ordinária, uma espécie de quintessência da experiência comprimida num dia.

*Em julho de 1974 a Sra. Dacre regressou dos mortos e disse-me que o muro estivera lá nos primeiros anos do século XIX.

Durante o almoço, a Clare falou de umas terras pantanosas perto de Gomshall que eram muito importantes para nós. Admitiu que a Braida falara disso nesse dia e em ocasiões anteriores. Pensei que visitar aquele lugar seria uma tarefa fácil. Sabia que havia canteiros de agrião mais abaixo na estrada e assumi que as terras pantanosas deviam ficar nas proximidades. O lugar era mais difícil de encontrar do que imaginara. Não se tratava apenas de uma questão geográfica.

Era uma questão de alguns falsos começos abandonados porque a Clare e eu sabíamos que a atmosfera não era viva nem evocativa. Depois atravessámos uma ponte sobre um riacho e chegámos ao que hoje não era inteiramente pântano, mas terra lamacenta com tufos grosseiros de erva, o solo mais encharcado à medida que se aproximava do riacho. O terreno baldio era delimitado por uma leve cortina de salgueiros. Avancei com cuidado entre os tufos de erva e dirigi-me para um túnel arqueado construído sobre o riacho. O ar estava positivamente vivo. Para mim era mais vibrante do

que qualquer outro lugar que tínhamos visitado. Tinha também uma sensação de desastre. «Foi aqui», disse eu. «Havia outra caixa de correio aqui.»

Foi neste ponto que o Graham tomou o lugar da Braida. Depois de me dizer que eu estava certo, consegui recordar que tínhamos soltado um tijolo no arco do túnel. Deixáramos mensagens atrás do tijolo deslocado. Admitindo que naqueles dias a população era pequena e as estradas menos frequentadas, parecia-me um procedimento arriscado. De repente ocorreu-me que mais uma vez a rede fora infiltrada. «Tivemos de nos esconder aqui», disse eu. «Havia cavaleiros na estrada.»

Escondemo-nos na erva alta do pântano e no próprio túnel. O grupo de cavalaria passou ruidosamente pela estrada. Lançaram um olhar superficial sobre a extensão do terreno baldio. Se tivessem saído da estrada, não poderiam ter deixado de nos encontrar. Tudo isto aconteceu numa tarde de outono.

Pode ser que tivesse razão na minha crítica ao nosso sistema defeituoso de comunicações, mas estava enganado ao assumir que fora isso que nos traíra. Nesta fase, não compreendi o que o Graham dizia. O gráfico da minha compreensão dos revenants por vezes seguia um curso irregular. Parecia que tínhamos sido traídos por outro francês que era o que hoje se chamaria um agente duplo. Vivia nas redondezas, apresentava-se como émigré, trabalhara durante algum tempo com o Graham como agente na França revolucionária e agora estava disposto a livrar-se do Graham em troca de uma recompensa das autoridades inglesas.

Mais uma vez, a minha memória consciente regressou rapidamente. Conduzi o carro até à casa onde vivera este personagem pouco recomendável. É uma pequena construção de meia-madeira, preta e branca. O seu aspeto contemporâneo é atraente e inteiramente inofensivo. Quando digo que a minha memória consciente regressou muito rapidamente, não significa que não me lembrasse claramente noutro nível. Raramente visitava Shere sem descer a estrada para olhar para esta casa que, naqueles dias, me parecia tão agradavelmente atraente e onde tanto mal foi gerado.

Depois disso, partimos para Peaslake. Não sei por que razão insisti tanto em que lá fôssemos. Percebi que o Graham viera com um propósito, mas não fazia ideia do que se seguiria. Quando entrou pela primeira vez na minha história, considerei-o uma figura secundária. Nesse dia calmo de novembro

de 1973, ocupou plenamente o palco devido ao papel que ele e eu desempenháramos juntos há mais de 170 anos.

Subimos primeiro a estrada íngreme que desejava ver novamente por causa das minhas longas e ternas memórias dela. A estrada era estreita. Creio que nunca antes a subira de carro. Decidi recuar e tomar outra estrada para cima. Algum instinto mudo mas imperioso obrigou-me a continuar. O ar calmo, silenciado pela chegada do inverno, estava leve com o brilho de fetos dourados. Parei o carro junto a uma pequena clareira. Não havia qualquer tremor no ar quando saímos do carro. Foi aqui, disse o Graham, que tivemos ainda outra caixa de correio. Havia um carvalho no centro da clareira. Era a substituição de um que existira no nosso tempo.

Tudo isto era muito apropriado à vista do sentimento do Graham pelos carvalhos. Depois de receber notícias de França, vinha de Shere e deixava mensagens para outros agentes que apareciam em horários fixos para recolher informação. Mais uma vez, estremeci ao recordar a insegurança dos nossos arranjos. Creio que não levei em conta o facto de que, naqueles dias, esta era uma região selvagem de charnecas. Mesmo então, um viajante regular numa estrada solitária, e sobretudo uma pessoa de origem estrangeira, certamente atrairia atenção.

Enquanto seguíamos para Ewhurst, não sabia que nos aproximávamos do clímax. Este lugar é quase tão querido para mim como Shere. Fiquei lá mais do que uma vez nos primeiros dias depois de me formar. Mal saí do carro, atravessei o prado e, apontando para uma casa, disse que o Graham vivera ali. Ele respondeu que assim fora e que eu me lembrava porque muitas vezes o visitara. Perguntei-me se a casa onde eu próprio ficara enquanto jovem teria alguma ligação com a minha encarnação anterior e se, por essa razão, fora levado até ela. Nesta vida regressei tantas vezes a lugares que, na altura, não reconhecia conscientemente como conhecidos em encarnações passadas. O que mais recordo do interior desta casa é o quadro de Napoleão.

Mais uma vez, guiado pelo instinto, não tomei o caminho direto para Gomshall. Regressámos pela estrada de Ockley, desviando por Holmbury. Ao descermos para Ockley, o campo era mais aberto. Muito em breve passámos por um campo muito maior do que os que víramos em redor de Shere e Gomshall. Disse: «Este é o maior campo aberto que vimos esta tarde.» Não era um comentário inteligente, interessante nem sequer necessário, mas tinha o seu significado. Tinha-me afastado e procurava nos detritos de

décadas uma velha memória. Afastara-me dos revenants. A minha mente agia por conta própria.

Quando já íamos bem na estrada para Haslemere, a Clare perguntou: «Aconteceu alguma coisa em Ewhurst?»

«Que eu saiba, não. Apenas que o Graham viveu lá. Por que perguntas?»

«Consegues ouvir o que o Graham está a dizer?»

O que ele nos contou foi que, depois de nos termos escondido da cavalaria, regressara à casa do francês renegado e o desafiara para um duelo. Este aceitara. Era um espadachim exímio e considerava o Graham uma presa fácil. Não desejava ser desacreditado em França e achava desejável livrar-se do seu detrator. O Graham disse que teria ficado perfeitamente feliz por continuar a receber fundos do governo revolucionário. O duelo foi travado num campo perto de Ewhurst, fora da estrada de Ockley. Não admira que eu tenha feito tanto o desvio de carro como a referência aparentemente supérflua ao grande campo aberto.

O desenrolar do duelo não seguiu o esperado. O adversário do Graham ficou dado como morto, embora posteriormente se tenha recuperado. Eu próprio não consigo recordar o duelo nem o que se seguiu imediatamente depois com a mesma clareza com que recordo o meu esconderijo nos pântanos. O Graham descreveu como, nessa mesma noite, fugimos do país. Regressei de Ewhurst a Shere, agarrei alguns pertences e parti sem despedidas desnecessárias. Disse como, pouco antes do almoço nesse dia, me sentira fraco e enjoado ao passar pela segunda vez pela casa em Shere. Estaria a recordar o horror do duelo e a miséria da minha partida precipitada da casa na aldeia que tanto amara?

Certamente compreendo bem como a estrada de Ewhurst a Shere tem, há décadas, para mim uma beleza dolorosa. Quando a percorri como estudante de medicina, a sua beleza não era apenas um alimento para os meus sentidos, mas uma pontada no coração. Nunca mudei de atitude em relação a ela.

Perguntei ao Graham se a minha partida súbita e sem aviso não teria despertado interesse inconveniente. Disse que o seu efeito foi muito menos dramático do que se poderia antecipar em retrospetiva. Residentes respeitados desapareciam regularmente sem aviso das redondezas de Shere e Peaslake. Muitos estavam profundamente envolvidos no contrabando e

achavam não só conveniente, mas saudável, desaparecerem de tempos a tempos da região. Quando parti, assumiu-se na vizinhança que eu era mais um envolvido no comércio de contrabando. Não se perdia a face por causa da profissão. Não se suspeitava geralmente que eu fosse um agente inimigo.

Atravessámos o Weald e Romney Marsh e escapámos por Winchelsea. Esta não é apenas mais um lugar que conheço e amo nesta encarnação. Quando penso nela, tem a imagem particularmente pungente evocada quando olho para lugares onde vivi em encarnações passadas.

Não tenho explicação satisfatória para o amor que tenho por Shere e pela sua região. É razoável emocionar-se com lugares onde se viveu em encarnações anteriores, especialmente se se sofreu ali. Mas por que razão as minhas memórias de Shere são tão felizes? Era um espião em território hostil e permanentemente em alerta. Terão estes fatores, pouco propícios à felicidade, sido compensados por alguma associação pessoal inesquecivelmente terna? Todas as evidências indicam o contrário. Apesar das minhas graças sociais, era fundamentalmente um jovem austero. Mais tarde tornei-me ainda mais austero e menos amável.

O Graham enfatiza o quanto eu amava a paisagem e a sua flora. Era um botânico entusiasta e especialmente interessado em fungos. Tenho uma recordação confusa de ter encontrado uma variedade rara de hipericão selvagem num campo perto da ponte de madeira no fim da aldeia. Creio que houve um eco deste episódio quando era estudante de medicina ou jovem médico, mas não o reconheci como tal. O Graham e a Braida disseram-me que eu amava as pessoas. Tudo isto é muito bonito, mas para mim há algum componente oculto, ainda não revelado, que atuou como catalisador para induzir felicidade.

Não há sentido em pensar nestas matérias. Neste mundo serão reveladas no devido tempo ou não serão reveladas. No outro veremos simultaneamente passado, presente e futuro e o momento eterno.

O que tenho a certeza é que estive no meu melhor em Inglaterra. Como propagandista do republicanismo e da Maçonaria, os meus métodos eram pouco sofisticados e grosseiros e consegui pouco. Terão o ar suave e o empirismo de Inglaterra sido mais adequados à minha natureza do que o sol feroz da Provença e as ideias cortantes dos republicanos? Depois de regressarmos a França, o Graham abandonou a espionagem. Tive anos de treino em trabalho de inteligência antes de ingressar na Marinha e fui um

espião comum bem mais bem-sucedido do que fora como agente-propagandista. Creio que este treino em clandestinidade teve um efeito adverso no meu caráter. Era por natureza suficientemente aberto e capaz de estabelecer contacto rapidamente com os outros. Embora nunca me tivesse envolvido profundamente com ninguém, não era de modo algum um carácter fechado. Creio que a necessidade constante de segredo estabeleceu uma dicotomia na minha natureza que foi, em última análise, infeliz. O marinheiro de Portchester, visto várias vezes pela Marion e uma vez por mim próprio, era uma mistura particular de bondade e truculência, de amabilidade inata e hostilidade adquirida.

Quando deixei Portchester, estava mais próximo da Marion do que de qualquer outra pessoa que conhecera. Mesmo então já me tornara uma personalidade algo fechada, respeitada pelos meus companheiros, mas sem afeto excessivo. A minha vida com a Sra. Dacre foi o meu verão indiano. Ela derreteu a rigidez que era a expressão particular do meu ressentimento contra a autoridade. Esta reação desenvolvera-se durante os meus anos de treino em França para a inteligência naval. Intensificara-se quando fui forçado a submeter-me às autoridades em Portchester.

(A culpa era mais minha do que delas. Todas as evidências indicam que, apesar de tudo, estive surpreendentemente feliz em Portchester.) Quando trabalhei para a precursora do século XIX da Sra. Dacre, podia revelar, pelo trabalho árduo e pela lealdade, o amor e a veneração que sentia por ele. Não sei como consegui arrancar-me de Haslemere. A minha vida tomou um rumo distinto depois de deixar o serviço da Sra. Dacre. Creio que fui infetado pela praga do dever. Não tirei grande felicidade disso.

Não sei exatamente quando regressei a França após a minha primeira visita a Inglaterra. Houve uma altura em que pensei que não saberia mais sobre este interlúdio entre as minhas duas visitas a Inglaterra. Nisto estava enganado. Soube dos revenants e também da Clare como acabei por ingressar na Marinha francesa. Não consigo recordar quanto tempo decorreu entre o meu regresso de Inglaterra e o meu alistamento. Havia uma deriva tradicional dos provençais para o mar e eu não era diferente dos outros. Foi-me oferecida uma patente na Marinha francesa.

Nessa altura faltavam-lhes gravemente oficiais e qualquer homem com educação tinha hipótese de patente de oficial. Foi nesta fase que a minha experiência anterior determinou o meu destino. Apesar do meu sentimento

pessoal de fracasso após a primeira visita a Inglaterra, não posso ter sido totalmente inútil na arte da espionagem, caso contrário não teria sido aceite para o que hoje se chama inteligência naval. Foi combinado que eu ingressaria na Marinha sem patente de oficial. Pensava-se que desta forma as minhas atividades seriam menos conspícuas. Creio que esta sugestão partiu de mim porque tinha outros interesses em mente. Desejava continuar também as minhas atividades maçónicas e missionar o maior número possível de outros.

Era perfeitamente razoável que atraísse menos atenção como marinheiro comum; além disso, ao ingressar nessa base, proporcionava-me uma audiência maior. Deve entender-se que a Marinha, pelo menos oficialmente, desconhecia as minhas intenções missionárias quando fiz os meus arranjos. É possível que desde o início tenham convivido com o meu duplo papel, mas não é necessário assumir isso. As forças de combate napoleónicas eram menos politicamente orientadas do que as dos exércitos revolucionários anteriores.

Certamente vim a aprender em Portchester que a Marinha estava repleta de maçons e que muitos haviam usado símbolos maçónicos no mar antes da sua captura. Pode ter sido que a Maçonaria se mostrasse mais abertamente no cativeiro do que na liberdade. Não consigo imaginar o Capitão X, no mar em tempo de guerra, a dirigir operações a partir da ponte e a acrescentar, nos seus momentos livres, um toque de Dualismo. Certamente, depois de sermos feitos prisioneiros, ninguém tentou esconder as suas inclinações maçónicas. Ficou também claro que alguns dos marinheiros deviam saber bastante sobre as outras atividades da Marion e minhas. A primeira disse-me, logo no início da nossa amizade nesta vida, que eu era respeitado porque os prisioneiros sabiam que tinha uma missão especial.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quanto ao que aconteceu depois do meu regresso a França, sou mais devedor do que a Betty, o Graham e a Jane Butler me contaram ao longo de vários meses, mas a minha própria memória de certas cenas é suficientemente nítida. Uma contribuição imensa foi feita pela Betty, com o auxílio da Braida, numa única ocasião junto ao lago em Orchardleigh.

Regressei a França depois de Waterloo. Devo ter estado entre os repatriados mais relutantes alguma vez registados. Nenhum homem poderia ter aceite a liberdade com maior repugnância. Regressei imediatamente à minha Provença natal. Vivi numa aldeia a menos de dez milhas de Nimes. Tenho algumas ideias quanto à sua localização. O cenário em que vivi era pouco simpático e perigoso. Os Bourbons estavam de volta ao trono e os bonapartistas eram impopulares e mesmo odiados em partes da Provença. A multidão católica, regozijando-se com a restauração da legitimidade, retomou a perseguição aos protestantes nas imediações de Nimes.

Embora em sonhos me tenha sintonizado diretamente com esta barbárie, não creio que eu próprio tenha sido vítima. No passado atribuí a depressão cegante que me afetou na minha primeira visita a Nimes a estas perseguições. Isto é parcialmente verdade, mas há também uma explicação mais pessoal para o meu abatimento.

Naqueles dias tinha de me manter discreto e não falar abertamente das minhas crenças e do meu passado. O facto de ter sido marinheiro bonapartista não me favorecia junto das autoridades. Nunca me preocupei muito por ter nascido protestante. Sentia profundamente pelos meus compatriotas perseguidos e particularmente pelos que tinham servido na Marinha, mas separara-me há demasiado tempo da prática da Igreja Reformada para me sentir pessoalmente envolvido.

Havia dois aspetos positivos. Em primeiro lugar, não me faltava dinheiro. Recebia uma pensão microscópica da Marinha. Era tão pequena que equivalia a um insulto. Nisto não estava pior do que a maioria dos que tinham servido o Império e sobrevivido para suportar os Bourbons. Esta injustiça era compensada por uma pensão anual das autoridades maçónicas pelo trabalho que fizera na disseminação da sua causa. O que recebia era suficiente para me permitir existir sem trabalhar, com o padrão de vida de um pequeno profissional.

Em segundo lugar, era bem cuidado. A Clare e a Betty alegravam-se com o emprego. Tinham sido recrutadas como grumetes aos catorze anos. Passaram mais de dez anos em cativeiro e não tinham qualquer esperança de melhor emprego. Fiquei suficientemente contente por aceitar o Pierre ao meu serviço. Sempre me dissera a mim próprio que estivera certo ao manter-me calado quando ele sofria na torre de Portchester. Apesar disso, sempre tive consciência dele, mas nunca quis revelar isso a ninguém, sobretudo

quando era ostracizado pela minha atitude. A Betty, como o ex-grumete Henri, rechonchudo, bondoso, bovino mas derretedoramente sensível e com algo de mulher na sua composição, também era uma aquisição.

Embora tecnicamente estivesse reformado, não estava de modo algum aposentado. Viajava pelo país a dirigir reuniões maçónicas. O objetivo das minhas palestras era tríplice. Disseminava e explicava os princípios da nossa forma particular de Maçonaria. Em segundo lugar, ia além das minhas instruções e pregava o Dualismo absoluto. A minha ousadia haveria de me custar caro. Em terceiro lugar, batia na tecla do republicanismo e nunca deixava de denunciar o mal do domínio bourbonista.

Naqueles dias não havia região de França que não visitasse. Sei que assim foi porque, no início deste ano*, a Braida, a Betty e o Graham avisaram-me de que não devia visitar França em 1974. Disseram que a minha encarnação napoleónica estava demasiado à superfície e que, se regressasse a lugares que visitara na minha última vida, estaria sujeito a doença. Argumentei desesperadamente que certamente isto não se aplicaria à Bretanha. Sentia-me irritado pela minha separação de França, onde para mim os céus parecem mais largos e o ar mais revigorante. Responderam que eu visitara a Bretanha juntamente com as outras regiões de França e que, pelo menos nesse ano, estaria melhor em casa.

As minhas palestras significavam menos para mim do que a minha escrita. Isto porque nesta última podia dedicar-me exclusivamente ao Dualismo. Escrevi numerosos panfletos e também poesia. Tudo isto era completamente anónimo. Nem sequer usava pseudónimo. Fico espantado com a minha indústria secreta e semelhante à de uma toupeira. Viera, ou recuara, muito longe do jovem de alegria superficial que deixara, para seu próprio desalento, um ou dois corações partidos nas redondezas de Shere.

A Annette e a Braida insistiram que a poesia que escrevi estava cheia de ilusões dualistas escondidas. Não consigo recordar o que escrevi. Sei que o meu amigo Simon* foi também poeta na encarnação napoleónica. Era mais novo do que eu e estava mais intimamente ligado a um grupo de poetas regionais reunidos em torno do grande Mistral. O nome de Simon era Philippe. Não consigo recordar o seu apelido, exceto que começava por "R".

Quando o Graham foi repatriado, regressou à Provença. Montou-se como impressor e foi responsável pela edição da maioria dos meus manuscritos. Gostaria imenso de poder deitar a mão a um. Embora não

consiga recordar nada da minha poesia, tenho a certeza de que nos meus escritos em prosa estava constantemente preocupado com a natureza do tempo. Se alguma pessoa caridosa descobrir um panfleto sem menção ao autor, impresso no Midi em papel com marca de água de triângulos entrelaçados que à primeira vista parecem uma letra M, ficaria grato se o preservasse para mim.

Não me interesso pelo mérito do que escrevi. Parece bastante claro que o mundo pouco pensou dele. No meu eu do século XX sinto pena do indivíduo obstinado e estudioso que, numa sala escura e silenciosa numa aldeia provençal, contribuiu com a sua pequena oferta em segredo e sem aclamação. A minha compaixão pelo meu precursor do século XIX é mal orientada. Ele acreditava apaixonadamente no que fazia e a paixão, especialmente quando não tem esperança de recompensa, é uma das belas virtudes.

A minha existência foi necessariamente secreta até 1830. Após a chegada de Luís Filipe as coisas tornaram-se mais fáceis, pois podia mover-me com mais liberdade e falar mais abertamente, mas nessa altura já rondava os sessenta anos e, de outras formas, a vida era mais sombria para mim.

1974.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Nove membros do grupo — Braida, Annette, Clare, Sr. Mills, Sra. Butler, Betty, Kathleen, Graham e eu — estivemos juntos ao longo de cinco encarnações. A Marion pode também ter feito o percurso completo e está claramente presente em quatro. É impressionante que todos os dez tenhamos regressado como homens e marinheiros na encarnação napoleónica. O que é ainda mais surpreendente é que nenhum de nós casou. Entre as personagens secundárias há a mesma adição ao mar — a minha mulher e o Jack foram ambos marinheiros — e a mesma evitação do matrimónio. O Jack casou com Penélope, a única mulher no nosso círculo napoleónico. Vivera com ela na encarnação cátara e achara a relação tão satisfatória que a repetiu no século XX. Não pode haver melhor testemunho de compatibilidade temperamental.

Embora a minha experiência como médico nos deva levar a precavermo-nos contra as suposições mais fáceis da psiquiatria, o registo do grupo na

encarnação napoleónica pressupõe um grau marcado de ascetismo entre os seus membros. É de facto curioso que, na época cátara, quando os membros do grupo aceitavam as desvantagens do aprisionamento na matéria, tenham, no entanto, produzido mais casamentos entre o seu número do que o único exemplo fornecido pelos marinheiros franceses numa era e num país onde os costumes não eram puritanos. Se havia algum traço ascético nos meus contemporâneos na Provença na primeira metade do século XIX, não se preocupavam com ele. Nenhum dos membros do grupo era homossexual.

Eram diferentes dos indivíduos auto-analisantes que encontrei tão frequentemente na minha encarnação atual, para quem a vida é uma tentativa torturada de alcançar a plena autoexpressão, um estado que são incapazes de definir. Os meus confrades na Provença eram constituídos de forma diferente. Aceitavam-se tal como eram. Infelizmente, eu era menos sábio do que eles. Estava próximo da natureza, mas não o suficiente. Aos meus sessenta e poucos anos passei dois ou três anos para um estado de depressão em que me encontrava sem esperança.

Numa conversa com a Betty em 1973 soube que a minha doença foi resultado de uma leitura fanática do significado do Dualismo. Antes do início da minha depressão chegara a considerar a vida como um combate prolongado entre a carne e o espírito. Reconhecia que nos desenvolvemos pela emancipação do domínio da matéria. Não me contentava em esperar pelos estados superiores que sobrevierem após a morte, mas deslizei para um estado de turbulência silenciosa em que, em vez de aceitar o bem e o mal na minha própria natureza, tentei, pelo ascetismo e pela abnegação, erradicar o meu apetite por prazeres simples.

Era, de facto, a encarnação do que os seus detratores dizem quando afirmam que o Dualismo era uma religião pessimista e árida. Naqueles dias, na minha casa na aldeia perto de Nimes, suportei o inferno puritano que pode afligir igualmente o presbiteriano extremista e o asceta e monge católico. Não conseguia aceitar simplesmente e pacificamente que nascera uma mistura de bem e mal, que era um pano de fundo das duas forças e uma reprodução em miniatura do confronto no universo entre as mesmas duas energias.

Certamente sabia que era um campo de batalha, mas o que procurava era vencer, nos poucos anos que me restavam, o que só poderia ser alcançado em várias encarnações e nas pausas mais percetivas e educativas

entre as nossas vidas neste planeta. O Graham disse-me que nessa altura eu era extremamente negligente comigo próprio. Andava em farrapos e parecia um vagabundo. Resistia a todas as tentativas do Pierre para me restaurar à minha antiga limpeza marítima.

Fiquei profundamente chocado quando me ocorreu que o homem que vira atrás do marinheiro anos antes no espelho era eu próprio tal como me tornara na mesma encarnação. Sempre acreditara que o segundo homem era eu, mas nunca me ocorrera que fosse eu na mesma vida. Era quase impossível acreditar que a criatura de rosto ressequido e pálido, olhos implorantes e postura encolhida era tudo o que restava do marinheiro bondoso mas combativo, de andar fácil e olhos vigilantes. A vigilância foi, creio, um dos fatores que contribuíram para o meu colapso.

Como agente secreto, olhara demasiado tempo para a ameaça vinda dos outros e do ambiente. Em Haslemere e Shere desempenhara o meu papel com certa elegância. O ferro não entrara na minha alma. Creio que algo endureceu em mim, nos longos anos de treino em França após a minha primeira visita a Inglaterra. Tornei-me mais eficiente e a Marion e eu certamente fizemos um bom trabalho com as defesas costeiras. Também me tornei mais contido e pouco comunicativo, exceto em assuntos como o Dualismo e a Maçonaria, que eram as paixões da minha vida. À medida que envelhecia na Provença, retraí-me mais em mim próprio. Os resultados foram lamentáveis.

A emanação da minha antiga miséria atingiu-me como um golpe de martelo quando regressei a Nimes pela primeira vez nesta vida. Começou quando caminhei numa estrada rural a poucos quilómetros da cidade. Já disse anteriormente que recordo uma pedreira em que os perseguidos procuravam refúgio e que pode ter-me aberto à depressão que me atingiu nesse dia. Isto é ainda mais possível agora que sei, pela Betty, que, além dos perseguidos que procuravam refúgio na pedreira, eu próprio realizara ali reuniões e falara sobre Dualismo, Maçonaria e contra os Bourbons. Mas a causa principal da minha depressão cega nos anos 30 foi a memória de uma aflição semelhante, mas mais prolongada, um século antes.

A Betty disse-me que o facto de a minha segunda filha ter sido concebida em Nimes foi uma reação à minha antiga miséria, mas não explicou por que razão assim foi. Disse que, com o tempo, eu compreenderia. Era mais uma lição a ser aprendida pela revelação do que pelas voltas do intelecto.

Foi doloroso saber também pela Betty que ela abandonara o meu serviço quando eu estava prestes a mergulhar no abismo da depressão. Antes de me tornar demasiado miserável para criticar, tornara-me extremamente meticuloso e exigente. Exibia aquelas características obsessivas que tão frequentemente precedem ataques prolongados de depressão. O Pierre, mais robusto de natureza e aparência, conseguia suportar o meu perfeccionismo ácido. A Betty desmoronava sob as minhas críticas. Por vezes ficava quase reduzida a lágrimas. Encontrou emprego adequado e mais congenial com a antecessora napoleónica da Sra. Butler.

Esta, qualificada como médico em Montpellier após o regresso de Portchester, exercia em Nimes e deu à Betty um emprego como criada residente. O bom médico ia ver-me uma vez por mês. Sentava-se comigo durante uma hora e fazia o seu melhor para me confortar e tranquilizar. Mostrava-me a mesma devoção, intuição e habilidade que empregara no hospital prisional de Portchester. Recordo que nunca me prescrevia quaisquer medicamentos.

Nas suas visitas, acompanhava-o frequentemente a Betty. Esta conservava o respeito por mim e a gratidão por lhe ter dado emprego. Não suportava contemplar a distorção da minha personalidade pela doença. É claro que o amor, no sentido mais amplo e mais finito da palavra, perdura através de várias encarnações. Na nossa vida como cátaros éramos irmão e irmã, ela dedicava-me devoção e eu exercia grande influência sobre ela. Seria agradável pensar que o nosso amor mútuo se manteve no mesmo alto nível, mas não há evidência de que, na Provença, ela sentisse por mim mais afeição do que a habitual numa criada conscienciosa para com o seu senhor.

Esta depressão que me atingiu aos sessenta e poucos anos na Provença foi uma aceleração de traços que vinham a desenvolver-se há anos no meu carácter. Já estava a deslizar para a melancolia quando um fator precipitante intensificou grandemente a minha depressão. Dirigi uma reunião numa sala algures nas imediações de Nimes. O regime tornara-se mais liberal desde a ascensão de Luís Filipe. Já não estávamos reduzidos a locais de reunião secretos. As coisas não correram bem para mim nessa ocasião particular, que foi recordada pela Clare num episódio em que perdeu a consciência ordinária, caiu no chão e regressou ao século XX de gatas.

Nessa reunião em particular preguei, com a determinação e clareza que sempre exibia nestas ocasiões, o terceiro princípio do Dualismo absoluto: que

o mundo foi criado pelo Diabo. A minha persistência nesta matéria levara à minha expulsão de Lindisfarne no século VII. No XIII fazia parte do pão nosso de cada dia das minhas crenças cátaras. Regressei ao ataque no século XIX. Nessa ocasião, a audiência não conseguiu aceitá-lo. Nessa altura a repressão era menor, as pessoas tinham ficado mais prósperas e a ideia de um mundo criado pelo Diabo era inaceitável para elas. Houve uma cena feia em que, embora não houvesse violência física, fui vaiado e atiraram-me à cabeça uma grande quantidade de insultos. O fiel Pierre conseguiu tirar-me dos meus críticos. Ele próprio chegara a acreditar comigo que o mundo fora criado pelo Diabo, mas mesmo que não o tivesse feito proteger-me-ia pela sua devoção natural e rude.

Estava com pouca saúde na altura e este incidente intensificou a minha repressão. Durante muitos meses depois fui ostracizado pelos meus antigos associados. Isto perturbou-me ainda mais e contribuiu liberalmente para a minha deterioração. É curioso como, em mais do que uma encarnação, sofri por causa da minha recusa em transigir nesta matéria. Hoje mantenho-me mais firme do que nunca na verdade de que o mundo foi criado pelo Diabo. Alguns dos meus amigos ficam perturbados com a minha convicção. Estou igualmente perturbado por pessoas com tanto coração e cabeça poderem alguma vez pensar de outra forma.

Tenho de admitir que, na minha vida atual, costumava perguntar-me se, ao envelhecer, afundaria numa melancolia intratável. Tinha sido sujeito a crises de depressão de dois ou três dias que conseguia esconder do mundo e que, em muitas ocasiões, eram atribuíveis ao eco de antigas tristezas de vidas passadas. Não tenho dúvidas de que, quando temia afundar-me na melancolia, estava a perceber as reverberações dos anos sem luz da minha vida na Provença.

Acabei por sair da depressão. Perto do fim da minha vida tive alguns anos pacíficos. Durante a minha última etapa estava mais viciado do que nunca na poesia, mas escrevia e imprimia menos da minha própria. Não suponho que alguma vez consiga verificar a afirmação da Annette e a implicação da Marion de que o que escrevi estava cheio de alusões dualistas. Sei que tive contacto com Mistral e o seu grupo. É difícil acreditar que fosse um membro importante. Agora isso já não importa. Satisfeito por ter vivido contra um fundo antigo e clássico e por ter recolhido dele um conceito poético de viver que foi uma experiência de realidade. Onde quer que viva ou morra, em qualquer país verde, o meu coração volta sempre para praças

empoeiradas e casas cegas com portadas, para tardes silenciosas à sombra de plátanos. Nos meus estados de espírito mais percetivos inclino-me sempre para o Languedoque ou a Provença. A vida que vivi no primeiro foi, com todo o seu horror, o auge do meu desenvolvimento. A memória dos meus dias na Provença é mais próxima e consciente. O meu lar é onde está o meu coração.

Vivi até uma boa idade para aqueles dias. Morri algures aos setenta e muitos anos. Nunca recuperei o apetite pela vida, mas os meus últimos anos foram suportáveis. Curiosamente, não lia muito. Quando deixei de pôr pena no papel fiquei sem ocupação. Estava sempre melhor quando o sol brilhava. Tenho memórias da rua da aldeia, calma, branca com o pó e alargando-se para uma praça. No canto da praça há um grupo de plátanos. Estou sentado num banco a cerca de cem metros da minha casa.

O Pierre deixa-me enquanto compra o necessário para as nossas necessidades simples. Vivi tão discretamente que a minha morte pouco impacto causou na aldeia. A Betty disse que não havia muita gente no funeral, mas ela própria veio de Nimes. Pergunto-me quantas pessoas que me viram nos últimos anos conseguiriam ver, por trás do velho de faces cavadas, o jovem idealista tão feliz em Shere e o marinheiro duro e de rosto quadrado que seguia o seu próprio caminho e guardava os seus próprios conselhos.

Não tenho dúvidas de que, se fosse com a Clare, encontraria onde fui sepultado na aldeia perto de Nimes. É possível que, mesmo sem ela, em certos estados de espírito, encontrasse o lugar. Mas, uma vez que pertencer não é função nem do corpo vivo nem de ossos mortos, não vejo sentido em vaguear até onde dizem que repouso. O facto de estar a escrever isto num jardim em Somerset é prova de que avancei. O facto de, por vezes, a Provença ser mais real para mim do que Somerset é apenas sinal de que o eu indestrutível varia na perceção ao longo dos milénios.

Não sei muito do que aconteceu à Clare depois da minha morte. Ficou com a casa e o suficiente para viver. Viveu sozinha, autossuficiente, dura e alegre até ao fim.

Dos outros prisioneiros de Portchester, a Annette e a Braida, que foram irmãos nessa encarnação, regressaram também à Provença. A Braida foi repatriada antes do irmão mais novo. Estabeleceram-se na quinta dos pais no moderno departamento do Drôme. Não consigo dar o nome da quinta nem da aldeia adjacente, mas poderia localizar o seu sítio a menos de duzentos metros. Fica numa estrada que se desvia da rota que leva ao Col de la Pertie.

A minha mulher e eu fizemos piquenique nas redondezas há dois anos. Faz parte do meu destino seguir os trilhos que usei em encarnações anteriores. A Annette e a Braida trabalharam arduamente na quinta de alfazema que herdaram dos pais. Destilavam perfume e óleo de alfazema da própria colheita. Vendiam os produtos em todos os mercados das redondezas e em lojas em Vaison-la-Romaine e Valréas. Ambos tinham aprendido a ler e escrever em Portchester. Embora nenhum dos dois tivesse disposição académica, conseguiam manter os livros de contas com precisão, legibilidade e até com um toque de elegância.

Trabalhavam sete dias por semana e nunca tiravam férias. Tinham algumas horas de lazer nas tardes e noites de domingo. Dedicações-as à leitura de um jornal semanal local de tendências levemente liberais. Consideravam-no literalmente inspirado. À sua maneira inarticulada e sem pretensões eram muito felizes. Não os incomodava que houvesse horizontes mais largos do que os seus. Após tantos anos de cativeiro consideravam-se afortunados por herdarem a quinta dos pais. Estavam melhor equipados para a vida do que a maioria das pessoas que conheci no século XX.

Jack, que apareceu em *We Are One Another* e que foi revelado como Brasillac na encarnação cátara, desempenhou um papel menor na nossa última aparição. No meu livro anterior conto como odiava o mar e até detestava caminhar junto à costa. Estava certo de que sofrera algum destino horrível no mar. A Braida e a Betty disseram-me que ele subiu de posto na Marinha Revolucionária. Nunca gostou verdadeiramente do mar, mas sabia que não conseguiria fazer tão bem em qualquer outra profissão. Ao contrário do resto do grupo, regressou à Marinha após a repatriação. Mais tarde tornou-se corsário. A minha mulher foi contratada por ele como primeiro ou segundo imediato. Tinham estado juntos como prisioneiros em Portchester, tendo a minha mulher sido anteriormente suboficial.

Não era provençal, mas vinha de algum lugar no centro de França. Nesta vida a sua preferência tem sido sempre pelo campo verde, pelo Loire em vez das colinas ásperas das Corbières, pela Dordonha em vez das terras altas incandescentes da Provença. O navio deles afundou-se numa tempestade ao largo de Hyères. Nesta vida o Jack ficou com um horror do mar. O amor da minha mulher por ele permanece inalterado, mas prefere nadar nele a velejar nele e durante muitos anos foi uma má marinheira. Terá conseguido nadar quando afundaram em Hyères? A sua herança deste desastre é uma total incapacidade de olhar para qualquer tipo de imagem de um navio a afundar-

se. Isto piora em vez de melhorar à medida que envelhece. Quem a conhece acharia incrível que vire a cabeça ou feche os olhos se, na televisão, vir um navio em dificuldades ou em processo de afundamento.

A Jane Butler, a médica de Nimes, desempenhou um papel maior na sociedade após a ascensão de Luís Filipe. Na encarnação do século XIX nunca foi dualista. O médico, que começara a vida na Marinha Revolucionária, viveu o suficiente para ver a introdução da cartola, que ele próprio usava frequentemente. A medicina continuou a ser a sua paixão permanente e a sua atenção aos pacientes nunca fraquejou.

É interessante que, na nossa encarnação marítima francesa, nenhum de nós se lembrasse das vidas anteriores. A Clare e a Betty, como Pierre e Henri, acreditavam na reencarnação e em que se tinham encontrado anteriormente e se encontrariam novamente. Aqueles entre nós que tinham crenças dualistas, como a Marion, o Graham, o Sr. Mills e eu, acreditavam naturalmente na reencarnação, mas nenhum de nós se lembrava de pormenores de vidas passadas. Por outro lado, como os revenants enfatizaram mais do que uma vez, todos os que viveram na encarnação cátara recordavam as suas vidas celta e romana. Parece que, em termos do nosso destino último, a nossa encarnação como marinheiros franceses foi menos importante do que a que a precedeu.

É claro também que a nossa existência atual tem um grau superior, embora não o sinta assim, no padrão da evolução. Estamos, afinal, a olhar para trás em considerável detalhe para quatro encarnações anteriores. Embora o episódio napoleónico conte menos segundo certas escalas de valores, é-me suficientemente querido. Certamente foi um período perturbado, mas todas as encarnações que recordamos foram, em diferentes graus, trágicas e em todas fomos a presa e não o bando. Creio que o meu coração se comove com a memória porque estava rodeado por pessoas melhores. Eram mais duras, mais intransigentes, mas mais honestas e inteligentes. Não haviam sido debilitadas por uma proliferação de universidades. Aqueles para quem a vida era mais dura eram mais capazes de se externalizarem do que a maioria contemporânea. Que a natureza humana nunca muda é um mero cliché. É divertido que as pessoas que o dizem com mais confiança só conheçam uma vida.

Apesar do meu amor pela Betty, reconheço a Braida como a figura dominante entre os desencarnados. Agora compreendo por que razão,

quando os ouvi pela primeira vez, tantos membros deste grupo falavam com a mesma voz. Em outubro de 1974 ocorreu-me que uma única entidade falara através de todos eles e que isso só podia ser a Braida. Esta explicou que assim era e que o seu motivo era permitir-me identificá-los como membros do grupo. Isto nunca me ocorrera quando fui confrontado pela primeira vez com este fenómeno. O fator voz fora enfatizado para mim porque, embora a Clare tivesse conhecido a Braida nesta vida como Jocelyn, eu nunca a encontrara na sua encarnação do século XX. Com o tempo consegui reconhecer as vozes separadas dos diferentes membros deste grupo, mas não há dúvida sobre a sua notável identidade no início da experiência. A minha mulher partilhava a minha confusão quanto a quem era quem.

LIVRO TRÊS

A AMETISTA

CAPÍTULO VINTE E OITO

Até ao final do verão de 1973 dependi da Clare, da Annette e da Kathleen para os meus contactos com os mortos. Esta é a história de como os encontrei diretamente e de como, ao fazê-lo, recordei outra encarnação.

Era estranho que, quando fui orientado para a comunicação direta com os revenants, sentisse que me aproximava de uma única entidade em vez de um grupo de testemunhas. Começou de forma bastante simples. Durante anos abandonara a oração. O homem criou Deus à distância. Não o conseguimos ouvir através do abismo da nossa própria criação. Mas quando estava cansado e precisava de conforto pedia ajuda a alguma entidade que sentia estar perto de mim. Embora funcionasse muito melhor do que a oração, não o aceitava como uma experiência real. Preferia considerá-lo uma autoilusão.

O companheiro invisível a quem me dirigia era uma mulher. Quem ler nesta confissão um significado freudiano está a ser mais mecanicista do que o habitual. Eu próprio, com igual erro, pensava em termos mais junguianos. Considerava-me a venerar a Deusa Mãe ou a dirigir-me ao Eterno Feminino.

Não tinha qualquer pista quanto à identidade deste espírito feminino. Ao mesmo tempo, o meu sentido da sua presença era acompanhado por um pensamento compulsivo inexplicável. Durante dois ou três anos, nos meses

escuros, especialmente nas manhãs cinzentas e metálicas de janeiro, a minha mente fora invadida pela ideia de que os maiores amores das nossas vidas existem fora deste mundo, seja no passado distante ou no futuro não realizado. Não era um sentimentalismo coberto de hera deixado pelo renascimento gótico.

Achava que, com uma realidade intensa e pungente, que, mesmo nesta vida, sentimos amores que são velhos reflexos num espelho ou janelas que se abrem. Alguns dos mais queridos jazem debaixo de pedras salpicadas de tomilho onde os lagartos cintilam em colinas desertas na Itália. Outros ainda não nasceram em alguma cidade crua com subúrbios supurantes na América Latina. Não pensava no amor em sentido transcendente, mas como o conhecemos aqui. Não tinha ninguém vivo ou morto em mente, isto é, nenhum nome estava escrito nos níveis superiores da consciência.

Há dez anos, quando me deitava para dormir ou despertava, via ondas de verde-escuro e púrpura. Ao início moviam-se lentamente sob as minhas pálpebras, mas depois havia uma tempestade silenciosa e um tumulto de cores escuras a avançar para mim e a quebrar nas praias da consciência. Eram sempre púrpura e verde. As cores eram escuras e resplandecentes e parecia que se refletiam para cima a partir de águas profundas.

Quando via estas cores era sinal de que a minha psique estava especialmente ativa. Nessas alturas partilhava os meus pensamentos e dores com outros e tinha muitas experiências precognitivas. Havia também dias de fome implacável em que alguém distante de mim, mas na mesma sintonia, estava doente ou em agonia e não mo dissera. A minha maré noturna de cores escuras era para mim um sinal de vida noutra dimensão.

No início dos anos sessenta via também símbolos. Um permanece gravado indelével na minha memória. Era uma cruz de Santo André sobreposta a uma cruz de São Jorge. No ponto de interseção das cruzes havia um pontinho de luz que se expandia para um círculo. Brilhava com o pulsar radiante de um planeta. Vi depois na minha visão que havia vários círculos uns dentro dos outros. A borda de cada círculo não era uma curva ininterrupta, mas uniformemente recortada. Estava a olhar para as pétalas de uma rosa. Quando a olhava com intensidade, concentrando-me nos seus detalhes e desejando que ficasse, recuava para trás de uma cortina esbatida que era tudo o que restava do moinho de púrpura e verde que tão frequentemente precedia o aparecimento da rosa. Normalmente, quando me concentrava

nestes símbolos visionários, desapareciam rapidamente. Esta rosa era diferente. Enquanto a observava diminuía até um pontinho e expandia-se novamente na forma de uma rosa. Nunca perdia o seu indescritível fulgor. Enquanto observava o seu pulsar pensei no bater de um coração iluminado.

Aceitei este símbolo como surgindo do passado, mas como algo partilhado com outros, como parte do inconsciente coletivo. Era a herança comum de um certo tipo de homem. Demorei-me muitas vezes, e erroneamente, na sua significação. Olhava para trás para além da minha própria vida, para a juventude do mundo, para o amanhecer da perceção e para as inscrições borradas nos primeiros pergaminhos da história. O que vira partilhava-o com aqueles cujos olhos se voltavam para os cantos mais sombrios da consciência. Nenhuma das minhas experiências era única, individualizada ou com uma mensagem direta para mim. Tais pensamentos nunca me passaram pela cabeça.

Naqueles dias nunca associei o verde e o púrpura e a cruz resplandecente à presença de revenants. Primeiro tomei consciência destes por outras sensações. Cheirava diferentes perfumes associados a presenças individuais. Mas no final do verão de 1973 houve alturas em que havia um brilho inexplicável e indescritível na atmosfera. Era como se uma luz tivesse sido arrastada pelo quarto e o ar vibrasse com a sua passagem. A atmosfera estava carregada de uma corrente invisível e parecia pulsar ligeiramente. Nessas ocasiões as ondas de verde e púrpura intensificavam-se. As cores estavam vivas e vibrantes. Compreendi mais tarde que se assemelhavam às vistas pelos mortos ao despertarem na primeira zona de maior consciência.

Depois o verde desapareceu da imagem. Ao longo de semanas o púrpura mudou para um brilho ametista. Depois este último concentrou-se na forma de joias. Devido à pequenez das facetas e aos ângulos intricados em que estavam dispostas, a luz dentro das joias estava viva e rodopiante. Parecia fluir em inúmeros rios brilhantes. O ar à volta das joias era igualmente vivo. Era como se um líquido transiluminado jorrasse do interior das joias e brilhasse e palpitasse no ar em redor delas.

Então, numa noite, havia apenas uma joia suspensa, parecia, do céu e a oscilar para a frente e para trás. Esta ametista escura brilhava, viva e de uma beleza inatingível. O ar do quarto estava impregnado da luz transmitida por ela.

Não sabia que estava a ver a minha primeira visão de algo que para mim tinha um significado pessoal intenso. Deve entender-se que ainda pensava nestas coisas como símbolos. A joia podia representar uma qualidade abstrata como a verdade ou, alternativamente, um grau de iluminação ou uma fase na evolução. Era parte de uma linguagem de simbolismo dirigida, se não a todos os homens, pelo menos a muitos. Não sabia que esta joia a flutuar abaixo do teto como um planeta descido do céu tinha uma mensagem especial para mim. Certamente soube pela Clare no dia seguinte que a Braida estivera comigo na noite anterior.

Era inevitável que, durante algum tempo depois, associasse o aparecimento da joia à vinda da Braida. Foi uma tentativa da minha parte de personalizar a experiência. A minha suposição era falsa. Desde o início a Braida disse à Clare que esta joia representava a busca da verdade. Não disse que haveria outras mensagens e que a mensagem final era só para mim. Os revenants estavam a aproximar-se. A Clare e a Annette disseram que em breve veria a Braida. Não acreditei. No meu ceticismo estava meio certo e meio errado. Não sabia que havia diferentes tipos de ver. Para mim ainda não havia ar de expectativa, mas manhã após manhã acordava deprimido. Soube mais tarde que isto se devia ao facto de os espíritos pairarem sobre mim e o meu contacto com eles ser impedido.

Uma noite estava cansado e descansava no sofá. A Clare pousou as mãos na minha testa. Estava a induzir relaxamento pelo método cátaro que a Braida lhe ensinara. O seu spaniel estava inerte aos pés do sofá. De repente levantou-se e fitou a porta. Estava entreaberta e senti medo. No meu plexo solar havia uma sensação de tensão, mobilidade e calor. Não vi ninguém a entrar pela porta.

O ar do quarto parecia mais apertado e esticado como uma corda tensa. O cão virou a cabeça para longe da porta e do sofá. A vibração no ar aumentou. Assemelhava-se ao zumbido, ouvido à distância, de fios telefónicos numa noite de geada aguda. Era como se a tensão no ar estivesse localizada e se estivesse a aproximar de mim. Segui a direção do olhar do cão enquanto ele se voltava para onde o meu braço esquerdo repousava na borda do sofá. Embora não visse nada, os meus outros sentidos estavam vivos. Senti uma pulsação súbita e latejante na minha mão e braço esquerdo.

Depois a palavra «Queille» atravessou-me a mente e com ela a visão de um riacho escuro sob as árvores, as muralhas de um castelo do século XVI e o

rosto de um agricultor que deixara o seu trabalho e vinha na minha direção. Dissera: «Não resta nada do velho castelo, mas ninguém se importará se avançares mais.» Isso fora há quatro anos. Achara estranho que ele soubesse o que eu procurava. A Braida vivera ali e o seu marido morrera ali em 1235.

Com o pensamento em Queille, a pulsação na minha mão e braço intensificou-se. Senti uma leve pressão no polegar. Voltei-me para a Clare. «Sinto algo à minha esquerda. É a Braida?»

«Ela está a segurar no teu polegar.»

Faz parte da imposição de mãos cátara segurar no polegar de outra pessoa. «Não a vejo», disse eu.

«Estás a esforçar-te demasiado. Não penses nela.»

Não conseguia deixar de pensar nela porque as minhas esperanças tinham sido alimentadas pela chamada da Annette do Canadá. Irritava-me que ela tivesse telefonado antes porque aumentava o meu desejo de ver a Braida. Nestes assuntos sempre achei que a minha vontade era um impedimento.

Não posso dizer que imediatamente me senti em paz com a vinda da Braida. Era como se os contornos do mundo tivessem sido aguçados com a promessa de paz e que o meu coração e mente estivessem na ponta dos pés. De repente senti-me intensamente feliz. O spaniel no chão sentou-se e ergueu a cabeça. Moveu-a lentamente para um lado. A Clare disse: «Ela sempre se inclina e acaricia-o quando passa.»

Agora, para mim, houve uma descida súbita e cambaleante para a paz. Os objetos à volta do quarto eram menos reais. Tinham perdido individualidade. O fogo dentro deles apagara-se. O quarto tinha as suas proporções normais e o seu conteúdo quotidiano. «Ela foi-se», disse eu.

«Sentes-te em paz?», perguntou a Clare.

«Sinto-me em paz e as coisas estão de novo normais. Estou de volta ao mundo e o mundo é meio-real.»

Uma noite sofria de enxaqueca sensorial que envolvia um formigueiro insuportável na ponta do nariz, uma irritação fina e rastejante como se formigas andassem debaixo da minha pele, a sensação de que um lado do rosto estava preso numa teia de aranha altamente irritante e a perceção de manchas e vírgulas rodopiantes à minha frente. (Há algum tempo que

pensava que a enxaqueca podia ser precipitada pela proximidade de entidades desencarnadas.) A Clare pousou uma mão na minha testa e a outra na nuca. As teias atormentadoras foram afastadas do meu rosto. O tormento dos insetos foi abandonado. Tudo isto foi conseguido em minutos pelo efeito das suas mãos na minha cabeça. Mas porquê o calor profundo e reconfortante entre o joelho esquerdo e o tornozelo? Porquê também as sensações no plexo solar?

Era como se a pele e os músculos nesta área fossem puxados por agulhas quentes e magnéticas. Perguntei-me se esta sensação se assemelhava à sentida pelas pessoas quando eram ventosados nos velhos tempos. Havia também a sensação de calor a penetrar profundamente. Parecia seguir as linhas de incisões profundas. Voltei-me para a Clare. «Alguém mais está a tocar-me mesmo dentro do joelho esquerdo.»

«Em algum outro lugar?»

«No meu plexo solar. Suponho que é o Graham.» Reconheci-o pela pressão pesada da sua mão que já descrevera anteriormente.

«Sim», disse ela.

Enquanto sentira os primeiros sinais da sua presença no prurido intolerável e no gaguejar das formigas dentro e debaixo da minha pele, ela vira-o com a mesma clareza visual com que me via a mim.

Alguns dias depois aprendi uma lição ainda mais importante. Estava sentado sozinho com a Clare quando me apercebi de que outra pessoa estava presente. Soube-o pela tensão habitual na atmosfera e pela sensação de folhas horizontais de ar a oscilarem abruptamente entre o chão e o teto. A Clare insistiu em pousar as mãos na minha cabeça. Foi a primeira vez que compreendi conscientemente a importância crucial do toque na minha evolução. No passado, quando me dera tratamento, fora por algum motivo específico: uma tosse incómoda, uma zona de fibrosite ou um ataque de exaustão. Nesse dia em particular tinha uma dor aguda na base do polegar direito e no cotovelo direito devido ao facto de ter escrito recentemente em excesso.

As mãos da Clare estavam no meu pescoço e na testa. A dor no polegar intensificou-se agudamente. Foi seguida por um calor profundo e perfurante e uma sensação de pressão na área afetada. Uma mão invisível dobrou e segurou na palma a eminência inchada na base do meu polegar. Soube que

era o Graham porque o seu toque era mais pesado do que o da Braida. Colocou a outra mão no meu plexo solar. Mais uma vez senti os tecidos serem puxados como pela borda afiada e quente de uma ventosa.

Depois veio a Braida. Não vi o seu contorno. Soube que estava ali e senti-a tocar no meu polegar não afetado. Quase imediatamente ficou quente e formigante. A Braida viera reforçar os esforços do Graham. Era a primeira vez que era tratado por dois revenants. Ao tocar-me na cabeça, a Clare atuara como sua intermediária. Soube mais tarde que me trataram porque não desejavam que a função da minha mão de escrever ficasse prejudicada.

A Clare perguntou-me se havia alguma questão que quisesse fazer à Braida. Era mais do que eu barganhara. No fundo do coração duvidava realmente se desejara um contacto tão íntimo com os revenants. Vê-los, sim, porque para mim há algo irresistivelmente compulsivo na evidência visual. Além disso, os maiores prazeres da minha vida derivaram do que vi. Creio que sempre avaliei as minhas faculdades visuais à custa das outras. É por isso que fui privado durante tanto tempo e tão frequentemente da visão de muitas pessoas na mesma sintonia e tive de me contentar com o som das suas vozes ouvido muitas vezes através de continentes. Sentia-me constrangido em falar com a Braida.

«Tenta pôr a pergunta em silêncio», disse a Clare.

Estava demasiado incerto e tímido para falar do que me era mais próximo do coração, a saúde da minha mulher. Também não desejava falar do futuro. Não tinha vontade de tratar a Braida como uma mulher numa feira. Tive um impulso súbito de falar sobre Roma. Teria tido uma encarnação lá? Ansiava saber por que razão, embora o Vaticano e os seus arredores nada significassem para mim senão majestade elefantina e opressão sem ar, me sentia vivo e feliz e em paz na Colina Palatina e no Fórum. Na nossa primeira conversa não consegui falar destas coisas à Braida.

Via-me como um acólito trémulo a aproximar-se da mãe do mistério. Não me agradava neste papel. Há uma parte de mim que está sempre pronta a rir do que é sagrado. Aproximo-me do limiar de um mistério e sinto necessidade de fazer uma piada. A Braida disse-me mais tarde que este traço deriva do medo da minha própria capacidade intuitiva e nunca será erradicado de mim.

Assim, quando pus a minha pergunta silenciosa à Braida, falei de um problema comum e imediato. Estava atolado em algo que escrevia. Ela disse que o que eu escrevia devia ser um testemunho direto da minha própria experiência e que não devia contaminar os fenómenos com teoria. Certamente havia interpretação a fazer, mas esta devia ser mínima. É característico que o primeiro conselho que recebi dela se referisse a um ponto técnico. Ao longo dos anos em que falara com a Clare, era claro que, despida do corpo, conservava a sua natureza pragmática e o seu realismo sóbrio. Estava sempre preocupada com os contornos duros da verdade, com o funcionamento das coisas e com as minudências roedoras da vida quotidiana.

Nesta primeira ocasião em que falei com Braida, não ouvi a sua voz da mesma forma que Clare, que a ouvia tão claramente como as vozes dos vivos. Nesta sessão de abertura, o nosso discurso não foi certamente sem palavras, mas as palavras eram inaudíveis. O que aconteceu foi que um fluxo de pensamentos foi de algum modo injetado na minha mente. Depois houve uma pausa imensurável e um segundo fluxo seguiu-se-lhe. O conteúdo do segundo fluxo fornecia a resposta. Este mecanismo foi usado durante as minhas primeiras sessões com Braida e os outros revenants.

Não tenho dúvidas de que, nestas ocasiões, ouvi corretamente. Verifiquei o que eles diziam com Clare, e muitas vezes Annette, do Canadá, conseguia dar a substância das nossas conversas. Durante dois anos, eles tinham-me dado uma massa de informação minuciosa e verificável, que era invariavelmente precisa. Não via porque haviam agora de falhar comigo. De qualquer modo, esta conversa inaudível era apenas preliminar. Chegou o dia, de forma bastante súbita e sem aviso, em que pude ouvir as vozes de Braida e de outros tão claramente como a da minha mulher. As vozes soavam normais, humanas e não refinadas pelo seu habitat superior. Braida falou-me em inglês.

Disse-me francamente que eu nunca conseguiria alcançar a capacidade de Clare para compreender o occitano. Quando ouvi os revenants falar, compreendi melhor do que nunca porque eu e a minha mulher tínhamos considerado que Kathleen, Annette, a Sra. Butler e outras tinham vozes tão semelhantes. Uma coisa é reaprender, como eu já sabia, que isso se devia ao facto de Braida falar através delas. Era muito mais impactante ter a prova irrefutável de ouvir a sua voz eu próprio. Deve notar-se que os tons

transatlânticos do Dr. Charles eram mais claros e mais altos do que quando me telefonava do Canadá.

Reconheci a partida dos revenants por uma diminuição da estranha e indefinível pressão na atmosfera. Quando anteriormente usei a palavra «tensão», não o fiz para indicar ansiedade. Houve algum medo no início, mas morreu rapidamente. Era mais uma questão de alma em bicos de pés perante o desconhecido.

Nesta altura, eu insistia que os meus dons eram exagerados e que Clare e outros na mesma sintonia tinham perceções mais subtis do que eu. Estas avaliações eram sinceras e eu tinha uma convicção arraigada de que era inadequado para a experiência. Pode ser que as profundezas da minha mente estivessem turvas e eu tivesse de esperar que os detritos assentassem. O que eu pensava ser a minha avaliação honesta de mim próprio foi varrido pela confiança tempestuosa de Annette, no Canadá. «Tu dizes tantos disparates sobre perceções embotadas. Achas que te teriam dado estas experiências se não as conseguires registar?»

«Digo-te que não vejo nada.»

«É o que dizes.»

Eu ainda não conseguia compreender a intervenção intensiva de Graham. Não conseguia considerá-lo tão importante entre os revenants como Braida, Bertrand Marty e Raymond Agulher. Não via porque estaria ele especialmente qualificado para desempenhar um papel principal na tarefa de facilitar o meu contacto com os mortos. Ignorei o facto de que, para cada membro do grupo, uma encarnação particular é de especial importância. Ainda havia uma encarnação por vir.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Eu sempre notei que Graham carregava mais a atmosfera do que os outros. Era uma questão de dosagem, de algo equivalente à eletricidade. Viria a aprender que os revenants masculinos tinham esta capacidade mais do que as mulheres. Certamente eu me sentia mais à vontade com as mulheres. Braida sabia que eu era feito assim e organizava as coisas em conformidade. Mas não penso que esta maior fluidez e tensão reduzida no ar quando os revenants femininos estavam presentes se devesse à minha reação subjetiva.

As comprimentos de onda das emanações femininas eram de menor amplitude e mais subtis. Tinham em mim um efeito relaxante e revigorante. No caso dos revenants masculinos, podiam-se inverter os adjetivos.

A minha introdução ao outro mundo intensificava-se. Um dia, com as mãos de Clare na minha cabeça, senti um calor profundo e uma pressão leve nos ombros. Fiquei perplexo porque a posição das mãos invisíveis não correspondia a nenhuma técnica do sistema cátaro de cura. «É a Braida?», disse eu. «Está a dar-me tratamento?»

«Não. Está apenas de pé com as mãos nos teus ombros. Quer que saibas que está aqui.»

Clare encorajou-me a fazer perguntas: mais uma vez, tudo o que consegui proferir foram alguns fragmentos suplicantes sobre a dificuldade em escrever. Não acho difícil adaptar-me aos vivos. Embora por vezes anseie pela solidão, consigo facilmente encontrar-me com uma diversidade de pessoas em pé de igualdade e adaptar-me ao que os outros exigem de mim. Achava difícil conversar com os do outro mundo. Não me impressionava com o que ouvira sobre tais experiências. Havia quem falasse com profetas incandescentes, de olhos belos mas sempre penetrantes, que entoavam de cimos de colinas em inglês antigo musicado. Havia outros que discutiam os pormenores da vida doméstica no além com um interesse tão guloso que parecia muito com este mundo num domingo chuvoso, mas com ainda maiores prestações sociais.

Os revenants compreendiam melhor do que eu que eu estava a retirar pouco da entrevista. Clare perguntou-me: «Veio mais alguém?»

Captei a segunda presença com o emaranhado de antenas perceptivas que estivesse a usar naquele momento. «Sim», disse eu. «O teu pai está ao meu lado.»

«Onde?»

«À direita e à frente.»

Tinha dado um passo em frente ao ver o pai de Clare. Até então, reconhecera os desencarnados pelo toque. Só soubera a sua posição depois de me terem tocado. Desta vez, sem esse contacto, captei com precisão a identidade e a posição do Sr. Mills. Pela primeira vez, compreendi claramente que existe uma forma de perceção não baseada na sensação. Ainda sentia

sem ver no sentido visual comum da palavra, mas a partir daquele dia soube sempre a identidade e a posição dos revenants, mesmo quando havia até quatro presentes.

«Porque não esvazias a mente?», disse Clare. «Se simplesmente te deixares ir, talvez vejas alguma coisa.»

O que vi foi o bosque no silêncio do outono e a clareira no seu centro. Havia um círculo de pedras fora da clareira, à sombra das árvores. Abaixo do bosque, o prado descia em declive passando pela igreja de St. Bega até ao prateado e silêncio do lago sem vento. Depois vi um grupo de pessoas com vestes roxo-escuras. De repente, foram engolidos por uma multidão aos gritos. Os homens e mulheres de roxo correram para norte, em direção às montanhas. Sabia que estava a olhar para trás para mim próprio e que eu era um dos fugitivos.

Não conseguia compreender porque, nesta fase, olhara tão claramente para a encarnação celta, mas, por tê-lo feito, senti-me mais confiante e disse a Braida o quanto lamentava não a ter visto. Ela respondeu rapidamente: «Verás um de nós muito em breve.»

«Isso significa-te a ti», disse eu, com toda a confiança do erro.

No dia seguinte, estava sentado com Clare na minha sala de escrita. Sentia que o seu espaço limitado estava cheio de entidades. Ainda estava no estado em que sentia a atmosfera carregada e o ar a vibrar. Tinha uma sensação de calor no plexo solar. Parecia a picada de finas agulhas e penetrava profundamente. A sensação de picadas no polegar direito foi seguida por uma crescente sensação de calor.

«É o Graham?», disse eu.

«Sim. Quem mais está aqui?»

«Braida está ajoelhada à minha esquerda. Graham está à direita e à frente. Alguém está atrás do meu ombro esquerdo. Meu Deus, é a Betty.»

Havia anos que não conhecia tal paz. Braida sempre fora calmante, mas a atmosfera trazida por Betty era inconfundível. Havia um brilho invisível e um calor impalpável na atmosfera. Estava ridiculamente feliz e completamente relaxado. Não tinha sensação de estar com alguém do outro mundo. Estava tão feliz na sua companhia como estaria com uma visitante encantadora, bela e inesperada, recortada no crepúsculo, com o trabalho do

dia terminado. Era isso que ela era, vista através da elegância frustrante da metáfora. Nunca a conhecera nesta vida. A única fotografia que alguma vez vi dela mostrava uma criança magricela e crescida a recuperar de uma afeção no peito junto a um oceano de lama e mar manchado. Tinha uma boca grande e generosa e olhos suaves, e é tudo o que recordo do seu retrato.

«Ela está feliz por estar aqui?», disse eu excitadamente a Clare. Nunca me ocorreu dirigir-me diretamente a Betty.

«Está muito feliz.»

Não sei quanto tempo estivemos em silêncio a olhar pela janela. Foi uma das medidas perdidas da eternidade. Não estava com disposição para falar. Não tinha desejo de fazer perguntas, exceto saber que Betty e Braida estavam felizes. Nisto, os meus pensamentos eram naturais e humanos. Não havia neles nada de elevado. Mais do que tudo, queria que Betty fosse feliz. Tinha um sentimento de culpa em relação a Braida. Devia-lhe muito, de certa forma, um mundo. Devia-lhe muitas das minhas próprias ideias. Nem todas tinham origem nela, mas certamente foram transmitidas através dela. Não conseguia excluir da minha mente o pensamento de que, por muito que Braida tivesse feito por mim, nestes momentos pelo menos Betty era a minha principal consideração.

Lembrei-me de como a mãe de Betty falara da devoção da filha por mim no século XIII, de como a Sra. Smith, figura central em *The Cathars and Reincarnation*, recordara tão claramente a mulher grave e gentil que a consolara após a minha morte no século XIII. Não conseguia acreditar que o amor que sentia por Betty naquele momento fosse apenas um eco da nossa afeição familiar sete séculos antes. O meu sentimento atual por ela devia-se à alquimia reforçadora da nostalgia? Falhara em encontrá-la neste mundo, estava preparado para a amar no próximo. O cínico poderia dizer, com razão, que esta era uma prescrição segura e confortável para o amor. Mas não conseguia excluir da minha mente que havia uma ligação mais forte e profunda entre nós.

Anos antes, um amigo meu interessado em reencarnação perguntara porque os acontecimentos em *The Cathars and Reincarnation* não podiam ser explicados pelo facto de uma voz me estar a falar do passado através dos ouvidos mais sensíveis da Sra. Smith. O meu amigo insistia que havia um tipo de amor com o poder de saltar o abismo dos séculos. Eu escutara com

respeito. De tempos a tempos, parecia-me que a voz que falara através da Sra. Smith era a de Hélis de Mazerolles.

Outros pensamentos filtravam-se de algum reservatório mais profundo do que a consciência. Pensei em como, em abril desse ano, Clare vira Betty atrás do meu ombro em Bassenthwaite. Depois, a minha mente foi esvaziada de todos os pensamentos pela paz da sua presença. Mais tarde, viria a descobrir que Betty era, mais do que qualquer outro, um solvente para a tensão.

Quando os meus pensamentos dobraram as asas e regressaram à gaiola do meu quarto estreito, descobri que Braida, Betty e Graham nos tinham deixado. Os meus braços e mãos repousavam relaxados nos apoios. As palmas das mãos tocavam na cadeira. As costas das mãos viradas para cima. Os meus olhos vaguearam pelo quarto enquanto me familiarizava com o que fora vivo e intenso enquanto os revenants estavam ali e eram agora objetos domésticos. Depois olhei para o meu braço esquerdo, pousado descontraidamente ao lado da cadeira. Notei uma marca vermelha curva no dorso da mão.

Ao olhar mais de perto, vi uma ranhura inconfundível que se estendia em arco com cinco polegadas de comprimento. A ranhura tinha um quarto de polegada de largura e metade disso de profundidade. Não havia dúvida de que era um efeito de pressão. A vermelhidão não podia ter sido causada por inflamação ou alergia devido à curva perfeita artificial e à ranhura uniforme que atravessava a mão. Não havia nada no quarto que pudesse ter exercido tal pressão.

«O que esteve a pressionar a minha mão?», disse eu.

«A marca da corrente de Braida.» Falava do laço que descia da cintura à esquerda da anca. Nessa noite, o laço que transportava a cruz tipo maltesa com as cruzes Tau caíra sobre a minha mão.

Este foi um dos fenómenos mais surpreendentes apresentados por Braida e seus colegas. Sabia que fora enviado como sinal. Tinha poucas ilusões sobre as minhas próprias deficiências. Nunca escondera de Clare, nem podia esconder de Braida, que era um daqueles que precisam de ver a lança e a ferida no lado. O que não compreendia era o que a curva vermelha na minha mão pretendia provar. Aceitava completamente a realidade das presenças à minha volta. Reconhecia a minha capacidade de reconhecer as

suas chegadas e partidas e as posições que ocupavam no quarto. Lamentava não as poder ver, mas não era para mim uma tragédia. Estava feliz por registar as suas atividades. Disse a Clare: «Será porque sabem do meu desejo por evidência visual?»

«Isso entra um pouco nisso, mas agora não muito. É mais porque tendes tendência para fugir às questões. Subestimas a tua capacidade de contactar com eles. Foi por isso que Braida deixou este sinal.»

A curva vermelha e ranhurada estava presente na minha mão quando fui para a cama seis horas depois. Estava menos vermelha na manhã seguinte, mas ainda indisputavelmente presente. Persistiu durante a viagem de comboio de Bath a Paddington e só desapareceu durante o almoço em Londres.

Pareceu-me significativo que Betty me tivesse aparecido pela primeira vez na mesma noite em que Braida imprimira a sua mensagem na minha carne. Será que Braida queria chamar a atenção para o facto de Betty ter um novo e importante papel a desempenhar? Perguntei-me se estaria a exagerar as potencialidades celestiais de Betty. Aceitava que sentia por ela uma afeição positiva e humana. Será que ela era a exemplificação viva (isto é, viva após a morte) do que pensara recentemente, que podemos amar aqueles que ainda não encontramos ou que conhecemos em vidas passadas e abandonámos em graus variados de esquecimento?

Contudo, apesar da paz e do brilho interior que sentia quando pensava em Betty, aceitava que Braida era a minha diretora suprema. Fora a primeira no palco e, face ao sinal que escrevera na minha carne, parecia-me tolice pensar que alguém pudesse suplantá-la como minha mentora. Isto era ainda mais assim porque, nesta altura, recebia todo o tipo de conselhos diretos e práticos de Braida. Ela dizia-me como e o que devia escrever. Nesta fase, chegara mesmo a tomar conta da minha caligrafia. Escrevia a grande velocidade. Graham disse a Clare que, para mim, este era o único método sensato.

Como poderia de outro modo acompanhar o fluxo dos pensamentos ditados? Isto era razoável. O que era inconfundível era o efeito na minha caligrafia: reduzia-se a proporções microscópicas. Por vezes era completamente ilegível para mim. Não é necessariamente mais rápido escrever pequeno e o que se ganha com a diminuição de tamanho perde-se com o tempo para ler e o dano que infligia à minha visão. Mencionei isto um

dia a Clare. Ela pediu para ver a versão mais recente da minha caligrafia. «Mas é absolutamente idêntica à de Jocelyn. Era literalmente preciso uma lupa para a ler.» No geral, não conseguia pensar que Betty pudesse substituir Braida como minha mentora principal.

Alguns dias após a experiência da ranhura, Betty visitou Clare e disse-lhe que nestes dias estava muitas vezes comigo. Disse que eu a veria em breve. Dois dias depois, fui ver Clare. Ao início, não tinha consciência de que havia outros visitantes. Não houve mudança dramática na atmosfera, nem sensação tensa de o ar estar carregado. Havia um movimento lento e flutuante do ar, um eco de um vento que já caíra.

Tinha alguns pontos cinzento-prateados e vírgulas rodopiantes à frente dos olhos, mas só quando olhava atentamente para o teto. Disse a Clare: «Há alguém aí?» Perguntei sem confiança porque os sinais visuais eram diminuídos e devido à vasta e invulgar quietude na atmosfera. Hesitei em aceitar a paz que me envolvia.

«Sim.» «É a Betty, não é?» «Sim.» «Não a consigo ver, mas ela está de pé à minha esquerda e atrás de mim.» «Ela acabou de se colocar à tua frente. Com certeza que a consegues ver?» «Mas ela está mesmo à tua frente. Não consegues ver como ela é?»

Não hesitei um momento. Mais uma vez, a minha visão interior tomou o lugar dos meus olhos. «Olhos escuros e rosto magro. A testa é larga. A linha do cabelo desce num ponto. Tem a pele bastante amarelada. Tem um ar muito gentil. Como a vejo hoje, está muito mais como era em jovem do que como mulher de meia-idade. Era esguia em criança e rechonchuda como mulher.» (Nesta vida, nunca a vira em nenhuma das fases.) «Estarei a vê-la assim porque vi uma fotografia tirada dela quando tinha cerca de dez anos? Só a vi por cerca de um minuto. Não, não pode ser. Ela está a usar uma túnica azul-escura e um cinto de prata. Estou a vê-la como uma Parfaite cátara. As feições são bastante semelhantes às desta vida, mas ela está mais magra e mais baixa.»

«É assim que ela me aparece quando volta para mim», disse Clare. «Ela regressa sempre como cátara.» «Ela não tem um medalhão como a Braida.» Estava a descrever Betty com precisão, mas sem o ato visual de ver. «Tens razão, não tem medalhão.» «É porque ela nunca se especializou em cura na encarnação cátara.»

«Tens alguma coisa a dizer-lhe?», perguntou Clare. «Tudo e nada.» Era tão boa resposta como qualquer outra. Desejava preservar, em silêncio, a sensação de estar especialmente próximo dela. «Ela quer que lhe digas o que te preocupa.»

Aceitei agora que, por mais ilógico e imaturo que parecesse, ela significava mais para mim do que os outros. Mas todo o tempo sentia uma sombra não dissipada atrás dela. Sentira isso intermitentemente durante anos. Sabia que ela aparecera perante a Inquisição em abril de 1243. Não havia registo de qualquer sentença ter sido proferida contra ela. O que eu temia era que ela tivesse abjurado e negado ser cátara. Era humano que alguns cedessem sob interrogatório, mas havia em mim algo de infantil que desejava que ela tivesse resistido.

Uma das declarações que ela fez aos Inquisidores é relatada de forma desajeitada. Não fica claro se eu morri de certa doença em 1235 ou se nesse ano sofria de uma doença que posteriormente me matou. Nessa altura, eu já aprendera de muitas fontes, desencarnadas e outras, que estivera vivo até 25 de dezembro de 1243. Disse a Betty: «Estive vivo em 1243?» «Sim. Fiz as pazes com a Inquisição porque nesse ano estavas preso em Carcassona e eu ainda esperava conseguir tirar-te de lá.» «Não era uma proposta bastante desesperada?» «Nem inteiramente. O nosso irmão Isarn Bernard era confidente do Conde de Toulouse, que nessa altura colaborava com os franceses católicos. De qualquer modo, o que fiz foi porque te amava.»

Não consegui captar o resto da conversa. Senti um alívio intenso. Nunca a julgara realmente em termos éticos. A possibilidade de ela ter deixado de acreditar verdadeiramente no catarismo fora esteticamente desfiguradora. Nunca esperara que ela fosse sem falhas ao longo de cinco encarnações. Posso estar enganado, mas não estou louco. Mas custava-me acreditar que ela tivesse, no coração, negado o Dualismo, que era a nossa razão de ser em todas as encarnações.

O que eu queria saber dela não eram os pormenores da sua vida no século XIII, mas se, na sua existência do século XX, me reconhecera como seu irmão no século XIII. Ansiava por saber o que sentira por mim nesta vida. Estava pronto para falar do que estava mais próximo do meu coração e, de repente, houve um grande refluxo de força na atmosfera. Senti-me esgotado. Fiquei encalhado na praia com a maré baixa. Betty partira, o quarto parecia

desmedidamente vazio e os meus arredores deprimentemente comuns, como uma gravura desbotada.

CAPÍTULO TRINTA

Num dia sem sol e sufocante de meados de agosto, tive uma série de visões induzidas pela presença e pelo toque dos revenants. Há alguns dias que sofria de uma tosse recorrente. Em 1972, Braida dissera com exatidão que, quando estava cansado ou deprimido, ficava sujeito a bronquite. Isto provinha do facto de, na minha encarnação do século XIII, ter morrido de pneumonia sobreposta a tuberculose pulmonar. Mais uma vez, a tosse e a expetoração tinham reaparecido.

Estava sentado no meu quarto com Clare quando Graham e Braida se materializaram. Mais uma vez senti a sua presença e soube onde estavam de pé. Graham colocou as mãos nos ápices dos meus pulmões. O calor nas suas mãos era intenso. Como sacerdote na encarnação celta, praticara como curador antes de a Igreja se romanizar. Para mim, ele sempre agiu como uma grande bateria de poder, como um gerador mais do que como transmissor de cura. Isso explicava a sensação profunda e penetrante que experimentava quando ele me tratava. O calor transbordava para os ápices dos meus pulmões, atravessava os ombros e descia pelos braços.

Senti Braida aproximar-se por trás. Colocou uma mão na minha testa e outra no meu pescoço. Com as duas a trabalhar em conjunto, era como se tivesse recebido uma injeção estimulante. Depois senti um terceiro visitante. Era o pai de Clare, com as vestes que usara como Bertrand Marty no século XIII. Estava mais magro e com feições mais aguçadas do que nesta vida. Sem qualquer estímulo de Clare, sabia as suas feições e contornos e o ponto por onde entrara no quarto. Não sentia apreensão nem que estivesse à beira de uma revelação. Tudo o que sabia era que o ar no quarto estava a formigar e congestionado e que perdera a minha timidez na presença dos discarnados.

Talvez não estivesse perturbado pela sua presença porque a minha atenção foi imediatamente desviada deles. Comecei a ver contornos na parede oposta. Primeiro havia círculos que encerravam cruzes de braços iguais. Eram de desenho celta e de tipo primitivo. Depois a parede mudou de cor. Havia um brilho translúcido menos brilhante do que prata e também infundido com ouro baço.

Em seguida vi uma cruz de Santo André claramente sobreposta a uma cruz de São Jorge. Fiquei excitado com as cruzes entrecruzadas e perguntei a Clare o que significavam. Ela disse que não as via e que o que nos era apresentado era certamente a cruz em W——. Eu não conseguia vê-la de todo e assumi que estava enganado devido à maior experiência de Clare nestas matérias. Apesar do que ela disse, continuei a ver os dois tipos de cruzes. No ponto de interseção, vi novamente a rosa luminosa que vira pela primeira vez dez anos antes e que pulsava como o coração batente de um planeta. Era inconfundível. No início da década de 1960, vira-a ao adormecer ou ao acordar. Agora via-a ampliada na parede oposta, magnificada como se tivesse sido projetada no ecrã para meu benefício.

Além das cruzes entrecruzadas e da rosa luminosa, havia um desenho de um lírio simples, com uma única folha anexada. Era o emblema que significara tanto para os marinheiros franceses que, como prisioneiros no castelo de Portchester, praticaram uma forma medieval de maçonaria. Acreditava que os revenants me estavam a mostrar os símbolos básicos do Dualismo tal como persistiram ao longo dos séculos. Não precisava de ser convencido da verdade do Dualismo. Ele estava-me entranhado na medula dos ossos. As figuras na parede eram simplesmente para serem traduzidas como sinal do meu desenvolvimento. Senti-me um pouco constrangido com isso.

Depois vi algo que aguçou as minhas perceções e me fez duvidar da minha modesta conclusão. Os símbolos nas paredes desapareceram e vi em vez disso um grande conjunto de rosas. Estavam dispostas num padrão formal e pareciam um papel de parede eduardiano engenhoso. O que prendeu a minha atenção foi que entre as pétalas altamente estilizadas de cada rosa havia longos espinhos. Estava a ver novamente o que estava pintado na parede de Portchester e o que fora o principal tema dos meus rabiscos desde os tempos de escola. O homem médio razoável, com um mínimo de cultura e um toque de psiquiatria, considerá-lo-ia interessante em relação ao que Jung disse sobre arquétipos e símbolos. Soube imediatamente que, para mim, o significado deste padrão era muito mais pessoal, mas não compreendi a sua plena, íntima e arrebatadora intimidade.

Agora, entre mim e a parede, havia uma névoa palpitante de azul. A cor era inconfundível neste quarto virado a norte, com o seu ar de crepúsculo perpétuo. O azul era a cor chamada azul-marinho francês, mas havia um brilho de ametista nas margens. Depois a névoa ondulante de cor concentrou-se e escureceu. Formou uma espécie de túnica e, por um

momento, consegui ver o contorno de uma figura baixa e larga, de ombros largos. Mais tarde surgiu o contorno de um rosto grande e redondo. Depois não havia nada senão a névoa azul com o brilho de ametista nas margens. «Vi uma figura», disse a Clare. «Não consegui ver as feições, mas vi o contorno.» «Quem era?» «Obviamente um cátaro e um Parfait.» Não era grande proeza de dedução. Durante três anos, as visões e sonhos dos que estavam na mesma sintonia estavam cheios de cátaros com túnicas azul-escuras. «Para», acrescentei. «Foi Guilhabert de Castres? Sempre falaste do seu rosto grande e redondo.»

Então Braida falou: «Foi Guilhabert. Veio dizer-te que o que viste na parede era o mandala que completaste no século XIII. Vês, tinhas razão quando disseste que vias um padrão diferente do de Clare.»

Na estrada de Foix, que atravessa um desfiladeiro sombrio até Ax-les-Thermes, pode-se olhar em direção às grutas onde os cátaros praticavam as suas cerimónias de iniciação e estudos avançados. Entre estes últimos incluía-se a conclusão de mandalas. Esta prática tem origem antiga oriental. O que não é conhecido é que elas eram usadas pelos cátaros como testes de personalidade para determinar a vocação particular daqueles que se preparavam para se tornarem Parfaits. Após o seu teste, Clare foi treinada para ser curadora. Annette, que parece ter exibido no século XIII a mesma abertura de coração e o brilho inconsequente que tantas vezes manifestou nesta vida, falhou completamente em satisfazer os examinadores e abandonou a tentativa de se tornar uma Parfaite.

O mandala construído por mim há sete séculos e projetado na parede numa tarde cinzenta do final do verão de 1973 teve para mim um significado intenso. Eu vira-o dez anos antes ao acordar do sono. Nessa altura aceitei que esta visão estava de algum modo relacionada com a minha vida psíquica. Foi um passo imenso saber que o que via na parede oposta era o que eu próprio produzira sete séculos antes. Ao longo dos anos, nos meus rabiscos casuais, lembrara-me, num nível quase consciente, do que alcançara nas grutas do Ariège na Idade Média.

Tive de admitir que a minha visão estava a alargar-se e a aprofundar-se. Ao ver a minha mandala, descobrira algo para mim próprio e resistira a Clare, que fora responsável por tantas das minhas experiências anteriores. Enquanto eu via o que era vital para mim, ela, olhando para a mesma parede, via o que era igualmente importante para ela. Como a sua mandala do século

XIII, desenhara os símbolos na cruz em W——, com os quais estivera familiarizada na sua encarnação celta.

Fiquei espantado que o primeiro dos revenants cujos contornos eu devesse ver fosse Guilhabert de Castres. Já sabia que fora o seu aluno favorito no século XIII, mas no período de três anos de revelação intensa o meu contacto com ele fora mínimo em comparação com as minhas relações com Braida. Compreendi que boa parte do material filosófico que ela transmitia não tinha origem nela. Com o tempo, aprendi a reconhecer o toque de Guilhabert de Castres. No entanto, o principal fluxo de material passado para mim por Clare fora inconfundivelmente marcado pela natureza pragmática de Braida. Sempre assumira que os meus contactos com Braida eram mais quentes e pessoais porque ela e eu fôramos amigos no século XIII. Fora na casa do meu irmão Isarn Bernard em Limoux que ela fora tratada durante uma longa doença (mais tarde disse-me que era uma úlcera gástrica), após a qual se tornara uma Parfaite.

Compreendi que ela era o tipo de revenant que funciona mais perto das margens da consciência humana. Após a sua encarnação cátara, regressara por escolha própria a esta terra e tivera encarnações nos séculos XIX e XX. Guilhabert de Castres nunca reencarnara após o século XIII. Está mais imune ao puxão magnético da matéria e às alegrias e tristezas flutuantes deste mundo. Compreendi que, como os revenants me consideravam um dos instrumentos do Dualismo no século XX, tivera de lidar diretamente com os revenants mais qualificados para falar da sua natureza filosófica. No entanto, foi uma surpresa e um frêmito falar com Guilhabert de Castres.

Não me apercebi de que anos antes já estabelecera contacto com Guilhabert. Algum tempo depois, Braida recordou-me os dias em que tivera um formigueiro no lado esquerdo da língua, com um sabor doce persistente e um odor avassalador a madeira de cedro. Já descrevi como estes sinais eram prelúdios de períodos de intensa atividade psíquica e como mais tarde aprendi que apontavam mais especificamente para a perceção de presenças. Primeiro, Annette telefonou do Canadá para me dizer que Braida tinha uma mensagem importante para mim sobre a natureza do toque.

Quando Braida se materializou, disse-me que as sensações que sentira dez anos antes eram sinais de que Guilhabert me estava a tocar. Foi estonteante descobrir que o que experimentara e considerara sintomas de uma espécie de enxaqueca resultara de uma forma rara e impalpável de

toque e que, mesmo naqueles dias, distantes em termos da minha evolução, dedos não só do passado, mas do próprio Guilhabert de Castres, se haviam deslizado levemente pela minha testa.

Só mais tarde, ao estudar o meu diário, me apercebi do papel importante que o toque desempenhava no meu contacto com os revenants. Isto aplicava-se tanto à vida presente como às passadas. Quando estabeleci contacto com eles pela primeira vez em 1973, nunca sentia as suas presenças nem conseguia conversar com eles a menos que Clare me tocasse. Mais tarde houve alturas em que ela retirava as mãos quando eles e eu estávamos a falar juntos. Por vezes o fluxo de palavras continuava ininterrupto e eu prosseguia a olhar para trás para a planície recuada do passado e por vezes caminhava pelos vales escuros do futuro.

Por vezes, com as mãos retiradas, a conversa enfraquecia e eu perdia o fio do que os revenants diziam. Nessas ocasiões era como se uma camada suave, cedente mas impermeável me isolasse dos meus próprios pensamentos. Era como se a minha psique tivesse sido excluída de mim próprio e que, por um momento, estivesse separado dela. Notei que nessas alturas, sorrateiramente e com gentileza, Clare retomava o contacto físico e segurava levemente o meu pulso com os dedos. Nestes momentos era como se uma corrente previamente interrompida tivesse sido religada. Imediatamente, com facilidade, as palavras regressavam.

Nesta matéria do toque, os revenants agiam com ou como substitutos de Clare. Por vezes tocavam-me ao mesmo tempo que ela. Noutras ocasiões, eram eles sozinhos a pousar as mãos sobre mim. Sem o contacto de dedos mundanos ou astrais, ao início era incapaz de olhar para o passado e falar com aqueles descritos como partidos, mas separados de nós apenas por uma cortina impalpável. A declaração de Braida de que Guilhabert me tocara anos antes foi a primeira evidência que recebi de toque astral no passado.

No mesmo dia em que soube que Guilhabert me tocara dez anos antes, Annette telefonou-me do Canadá. A sua entoação era quente e acariciante e não havia nada de afetado ou espiritualmente nauseante nisso. Era o aniversário do dia em que, no ano anterior, perdera o marido. Falou, como já fizera muitas vezes, de como ela e ele induziam a experiência intemporal apenas tocando-se um ao outro.

Falou da alquimia deste algo mais do que o toque comum e de como era um mistério. Depois, de repente, perguntou-me se me lembrava de como,

recentemente, Clare pousara o queixo no meu couro cabeludo ao colocar as mãos na minha testa e pescoço. Braida dissera-lhe que este hábito era uma repetição do que Clare fizera regularmente quando ela e eu vivíamos juntos em Cumberland há 1300 anos. A retomada deste contacto físico entre nós convocara a presença de Graham.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Com os meus olhos físicos ainda não via os rostos em detalhe. O que via primeiro era uma névoa azul-real que se intensificava e adquiria uma aura de ametista. Pensei muito no significado desta última. Todas as conjeturas que fiz sobre ela estavam erradas.

Um dia estava sentado no meu quarto com Clare. Junto à cómoda vi os contornos de uma figura com uma túnica azul-escura. Soube que era Braida. Definitivamente via-a, mas não com os olhos. Ao dizer isto, estou a ter em conta o facto de ela me ter sido descrita tantas vezes por Clare. Sabia que era pequena, magra, de cabelo branco, olhos escuros e faces cruzadas por mil rugas, e que usava um barrete tipo Julieta. Mas como consegui acrescentar que o seu pequeno rosto triangular era mais largo na testa do que inicialmente pensara?

E ainda mais, por que processo consegui dizer que a pálpebra inferior esquerda estava desfigurada por uma cicatriz amarelada, pálida e sem sangue? Quando perguntei a Braida sobre isso, ela disse-me que no século XIII sofrera de uma úlcera nessa pálpebra. Eu aplicara-lhe uma mistura criada a partir de ervas que colhera. O tecido cinzento-amarelo sem vida era o resultado da cicatrização da úlcera. Agora parece-me que o adjetivo «sem vida» é inadequado quando aplicado a Braida.

Na última semana de agosto tive outra sessão em que tanto Braida como Graham estavam presentes. Não conseguia ver os contornos de Graham. Reconheci-o novamente pela solidez e poder do seu toque e pelo calor gerado pelas suas mãos pousadas no topo do meu peito. O meu reconhecimento de Braida foi visual. Os contornos do seu corpo estavam engolfados e sobrepostos por uma névoa azul-real. Depois a cor mudou para um roxo escuro rico quase negro. Perguntei-me onde vira esta cor antes. Não era a mesma que o roxo que vira nos dias em que a escuridão sob as pálpebras era iluminada por ondas de roxo e verde-escuro. Depois recordei

que fora usada pelos fugitivos que corriam do bosque e que vira recentemente quando visitado pelo Sr. Mills.

Em seguida vi o contorno dos ombros de Braida. Usava o que primeiro parecia um xaile e que mais tarde percebi ser uma capa. Parecia que as linhas da sua cabeça estavam alteradas porque usava um novo tipo de toucado circular e corrugado, semelhante ao usado por enfermeiras em alguns hospitais. Ergueu a mão direita e a capa caiu para o lado. Carregava uma cruz de Santo André. Parecia que estava a mudar de encarnação.

Graham recuara para um canto do quarto à sombra da cómoda. Primeiro o canto foi infundido de azul-real. Depois o brilho intensificou-se, escureceu e tomou forma na figura de um homem com roxo escuro rico. Braida disse-me que na Igreja Celta no Cumberland do século VII e no sudoeste da Escócia a cruz de Santo André fora especialmente venerada. As vestes dos sacerdotes eram roxo-escuro. A cor necessária para tingir o tecido obtinha-se a partir de mirtilos. Isto evocou-me memórias de infância do verão na quinta junto a Melbreak, o incessante murmúrio do riacho, os seus acentos mais agudos diminuídos pelas árvores e, sob as folhas geométricas nítidas e limpas, os maiores mirtilos que alguma vez vira. Recordo também o campo a caminho de Ennerdale, tão austero que parecia vê-lo sempre num crepúsculo de inverno.

Olhando pela minha janela para as cores suaves de Somerset, quase me sentia assombrado pela beleza fria e implacável de Ennerdale. Ergui os olhos e vi na parede oposta a cruz em W——. Embora carregasse, nos seus contornos enigmáticos e meditativos, o mistério dos séculos, naquele momento representava para mim o Cumberland do século VII. Não havia dúvida de que tínhamos passado para a encarnação celta.

De repente a cruz enigmática em W——, que registava todas as nossas encarnações, foi apagada da parede e vi, através de uma névoa roxa escura, uma única cruz celta seguida e sobreposta por uma profusão de cruzes de Santo André. Depois as cruzes desvaneceram-se e a névoa roxa e, no canto, havia uma sombra castanha sem luz, mas ainda os contornos de um homem. Depois as sombras foram deslocadas por um brilho castanho. «É o Graham», disse Clare. «Está a usar uma jaqueta longa castanha com tiras de couro.» Ele saíra da encarnação celta e víamo-lo como sargento de armas na encarnação cátara.

Em seguida vi a rosa luminosa na interseção das cruzes, descrita como símbolo da luz que se enterrara, e que sem dúvida alguma eu próprio desenhara nas grutas do Ariège há sete séculos. Depois a imagem simplificou-se e vi a rosa sozinha, com os espinhos entre as pétalas, que desenhara durante décadas no verso de inúmeros envelopes, e que Graham dissera ser mitraica e da Roma antiga. Ficou claro para mim agora que, quando no sonho de abril dissera a Clare da pedra mitraica na igreja baixa e discreta de Torpenhow, apontava diretamente para uma encarnação romana.

Numa única noite vimos os revenants com o vestuário de duas encarnações. Recebemos uma ampla sugestão de outra por vir. Parecia que eu estava a progredir. Em certa medida conseguia ver os revenants. Via os seus contornos, a cor das suas roupas, alguns detalhes do vestuário e um vislumbre das feições. Vi que na sua encarnação celta o rosto de Braida era mais pequeno e as feições mais aguçadas do que quando viveu no Languedoc.

Ainda lamentava que, embora pudesse localizar as suas posições e sentir a sua presença com completa exatidão, só conseguisse ver os contornos dos seus corpos e um esboço das feições. Ansiava por ver um rosto tão claramente como um retrato na parede. Para mim isto era mais importante do que qualquer tipo de visão interior. A atitude dos revenants era diferente.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Num dia de agosto vagueei pelo Royal Crescent. Relaxeime no abraço quente da curva de pedra dourada e olhei através do relvado para as árvores do parque. Continuei até aos Jardins Botânicos. Fiquei lá muito tempo porque, com a sua beleza tangível e terrena, o jardim era um antídoto para o mundo violentamente vivo do meu pequeno quarto, onde as vibrações de séculos eram dirigidas ao seu coração pela lente ardente da memória cósmica.

Fui ver Clare. Tudo recomeçou quando ela pousou as mãos na minha testa. Estendido alto na parede, vi o que à primeira vista parecia uma cópia rabiscada por uma criança de ameias irregulares. Considerei o que via como o que os médicos chamam espectros de fortificação da enxaqueca. Não tivera qualquer vestígio desta condição enquanto estive no parque.

O padrão na parede mudou para letras em bloco unidas por um rabisco enrolado. Para mim, soletrava inconfundivelmente a palavra Camplong. Fiquei inicialmente surpreendido por, para Clare, ser apenas um entrelaçado celta. Depois vi que, embora no passado eu sempre me tivesse submetido ao seu julgamento exceto quando vi o meu próprio mandala, agora começava a ver as coisas por mim próprio e a tornar-me psiquicamente independente dela. A palavra Camplong era para mim inesquecível.

Conforme descrevi em *We Are One Another*, Betty escrevera-a no caderno de esboços que encheu aos sete anos, durante a convalescença de escarlatina, quando olhava para trás sete séculos para o massacre em Avignonet em 1242. Camplong é uma pequena aldeia nas Corbières. Tem uma beleza dilapidada e perdida numa região ainda árida, com colinas nuas riscadas por vestígios de alecrim e murta. Mir de Camplong era um obscuro chevalier recordado pela Sra. Smith e que descrevi em *The Cathars and Reincarnation*.

Então Betty materializou-se. Veio como uma maré entrante de paz. Soube que estava de pé diretamente à minha frente. Disse que a palavra Camplong fora um sinal de que ela viria. Antes de a palavra evaporar da parede, vi que estava estendida pelo meu campo de visão como estivera nas duas páginas do seu caderno de esboços aberto. Betty disse-me que o rabisco soletrava Camplong para mim com tal clareza porque ela e eu nos amáramos tanto na nossa encarnação do século XIII que ela me falava na língua dessa época. Para Clare, o padrão na parede era um entrelaçado celta porque ela e Betty haviam sido mais próximas na sua encarnação celta do que na cátara.

Quando estava com Betty, sentia sempre uma combinação de paz e anseio. Poder-se-ia dizer que os dois são incompatíveis, mas, se o fizeres, nunca ouviste um noturno de Chopin. «Porque não consigo ver-te?» «Tu esforças-te demasiado», disse ela. «E esta dor recorrente?» Referia-me ao ressurgimento dos meus sintomas cólonicos. «Vem porque ainda resistes a ver.»

Não discuti a mecânica da minha resistência. Não me interessava. A repressão não é um processo voluntário nem intelectualmente definível. É um aspeto do tempo cósmico. Faz parte do clima do coração.

Um dia estava sentado no quarto com Clare quando alguém mais entrou. Não houve consciência no plexo solar nem palpitação na atmosfera. Quem quer que tivesse entrado era anónimo mesmo para um espectro. «Quem é?», disse eu. «Olha para ela e diz-me.» «Não consigo ver.» «É a Betty», disse ela. «Não consegues dizer-me como ela é?» «Digo-te que não consigo ver. Além disso, não compreendo porque não a reconheci.» «Consegues, descreve-a simplesmente.»

Respondi prontamente, com confiança, como se estivesse a descrever uma pintura de paisagem para impressionar um júri de examinadores. «Bem, claro que a coisa mais impressionante é o cabelo e os olhos. Não se vê muitas vezes cabelo tão claro e olhos tão escuros juntos. O cabelo é mais do que loiro-palha. Haverá uma expressão "ouro fiado"? Os olhos são quase negros.» «É exatamente assim que ela é. Vês tão bem como eu.» «Não, não a vejo de todo.

Ela é mais alta do que era na sua encarnação cátara e nesta vida. Estou a vê-la na sua encarnação celta.» «Porque dizes que não a vês?» «Porque não consigo.» «Então como a consegues descrever?» «Não sei.» «Não acredito que não tentes pensar nisso.» «Tento, até onde consigo ir. Isto é obviamente outro tipo de perceção. Tudo o que posso dizer é que não o compreendo.»

Nessa altura pensava menos nas coisas do que nunca antes. Ainda exercia as minhas faculdades críticas. Não havia necessidade de ninguém me exortar a fazê-lo devido ao meu cinismo natural. Mas nessa altura as lacunas no meu conhecimento eram preenchidas rapidamente e com precisão pelos revenants e por aqueles com quem eles estavam em contacto neste mundo. Assumi que mais cedo ou mais tarde aprenderia porque conseguia ver Betty. Entretanto, estava feliz e completamente satisfeito por a ter visto sem usar os olhos.

No início do outono de 1973, Betty começou a inserir-se mais na imagem. Sempre que vinha havia uma queda na pressão atmosférica e a sensação de que o vento caíra. Permanecia invisível para mim no sentido comum do termo, isto é, não a via da mesma forma que vejo árvores pela janela. Via-a por algum processo misterioso de perceção interior. Era compensado por não a ver no sentido comum por um dilúvio de cores. Quando aparecia pela primeira vez, havia geralmente uma névoa azul-escura que mudava para roxo-escuro ao passar da sua encarnação cátara

para a celta. Isto era seguido por um brilho de ametista de tom profundo, facilmente distinguível do quase negro das suas vestes celtas. Um dia, quando o brilho de ametista apareceu, disse-me que outrora fora chamada Camillia. Não se alongou nesta declaração. Deixava-me inferir que tivera uma encarnação romana. Estava agora satisfeito que a ametista, seja como brilho na atmosfera ou em forma de joia, estivesse especialmente associada a Betty e não a Braida. Por vezes anunciava a sua vinda e por vezes atuava como substituto do seu contorno.

Nos últimos anos tive várias quedas súbitas e pesadas não precedidas por tonturas ou qualquer outro sintoma. Há muito que deixei de as considerar acidentes. Em tempos diagnosticara-as como manifestações instantâneas da síndrome de Ménière, como excursões abruptas através do tempo e do espaço determinadas por fatores psíquicos. Agora relutantemente chegara a aceitar que estas poderiam ser manifestações da força do mal.

Sabia que esta última podia induzir acidentes noutras pessoas, mas fora lento a aceitar que se aplicasse ao meu caso. Estava particularmente propenso a estas experiências desagradáveis nos últimos meses de 1973. Tanto Guilhabert de Castres como Braida confirmaram que eu estava correto na inferência de que quanto mais a minha psique evoluía sob a sua direção, mais vulnerável ficava à força do mal.

No outono desse ano tinha de dar uma conferência. O ambiente era belo. Nesse ano as cores do outono foram mais pródigas e variadas do que alguma vez as vira. Caí pesadamente e sem aviso num caminho de asfalto a caminho da sala de conferências. Bati no chão com um baque e os espectadores ficaram obviamente inquietos. O pensamento que instantaneamente transfixou a minha mente era ridículo. «Braida e Betty terão de fazer o seu melhor para me porem em forma para esta conferência.»

Não tive sinais de choque ou lesão. Quando dei a conferência, pareceu-me navegar num vendaval de energia transfundida nas minhas veias. Quando me deitei para descansar à tarde, fui engolfado num brilho intenso de ametista. Este aprofundou-se na cor e tornou-se mais compacto na forma até assumir os contornos da joia dentro da qual uma luz viva era derramada por mil pequenos rios. A joia nunca parecera tão brilhante nem a sua luz tão viva. Pouco depois Braida apareceu e disse que

ela e Betty estiveram presentes nesta conferência, restauraram a minha força e alimentaram-me com ideias. (Dei a minha palestra quase de improviso a partir de notas mínimas.) Disse quão importante era eu continuar a disseminar a verdade verbalmente e por escrito. Disse-lhe que por vezes achava dar conferências excessivamente fatigante. Conseguia gerir a palestra em si e as perguntas dirigidas a mim enquanto ainda estava na plataforma. Era quando me misturava com as pessoas depois que por vezes me sentia subitamente vazio e inexplicavelmente aterrorizado. Um bloco opaco parecia interposto entre mim e aqueles que tinham algo especial a pedir-me.

Assumira que isto era apenas um esgotamento súbito dos últimos resíduos de energia do fundo do reservatório. Braida disse-me que não era assim. O esgotamento era gerado pela energia que eu dera, mas o desespero de fração de segundo tinha outra explicação. Disse que nessas alturas havia muitas vezes nas proximidades algum transmissor humano hostil que sifonava os últimos vestígios da vitalidade de alguém. Tais pessoas estavam sempre escondidas entre os que procuravam a verdade. Isto fora assim desde que o mundo começou e continuaria a manifestar-se como parte do Armagedão prolongado entre luz e trevas. Acrescentou que pessoas deste tipo também podiam ser responsáveis pelas minhas quedas, mas que estas também podiam ser atribuídas ao poder generalizado do mal.

Não tive medo quando Braida falou assim. O medo veio depois, ao refletir sobre isso. Haveria momentos em que se ficava nu aos golpes de lança das principados e potestades das trevas? Antes da minha próxima conferência, Braida visitou-me e disse-me que ela, Betty e Graham estariam constantemente presentes em tais ocasiões. Aqueles que me conhecem bem dizem que no último ano ou dois falo com maior clareza, com menos digressões, e que termino mais fresco do que quando comecei.

Pelo brilho na atmosfera e pela paz indescritível que sentia, Betty estava muito perto de mim antes de dar outra conferência. Então apareceu a joia. Vi, o que não notara antes, que era oval na forma e menos larga na extremidade inferior do que na superior. Era quase como se estivesse a olhar para uma peça particular de joalharia em vez de um símbolo visual.

O apoio de Betty em tais ocasiões foi ilustrado ainda mais dramaticamente quando tive uma entrevista prolongada e árdua com um jornalista sobre a forma como as verdades do Dualismo me haviam sido manifestadas. Quando a entrevista terminou, o jornalista mostrou-me uma foto que tirara de mim. O meu rosto estava obliterado por um círculo oscilante de ametista, pálido ao início mas rapidamente aprofundando no tom. As cores vivas e vibrantes estavam rodeadas por um círculo dourado. Não fazia ideia do que este último significava porque a orla de ouro brilhante parecia regular e artificial.

Guilhabert de Castres falou-me mais tarde sobre a questão das cores. Repetiu que para mim as bandas verde e roxa indicavam desde o início que os revenants estavam próximos. Confirmou que o brilho profundo e líquido de ametista e a própria joia revelavam a presença de Betty. Depois enfatizou-me que eu tivera estas experiências de cor antes de me aperceber das formas dos revenants. Vira estes últimos delineados em prata, cor essencialmente associada aos primeiros rudimentos de forma e também a cor da psique desperta.

Era vital compreender que uma sensação podia dar origem a outra, que neste caso a cor podia dar à luz a forma. A prata era a cor da psique desperta porque fornecia o contorno para os revenants quando estes assumiam forma pela primeira vez perante as pessoas a quem se revelavam. Quanto mais pulsante o envelope de prata, mais elevada a experiência psíquica.

O que era ainda mais significativo era a transmutação da prata em ouro. Fiquei positivamente emocionado quando compreendi que Guilhabert interpretava os conceitos básicos da alquimia. A sua tradução da ciência hermética não tinha nada a ver com transmutação de metais ou, num plano diferente, com a troca de abstrações como o eu superior e inferior. Preocupava-se em apontar a realidade visual reconhecível de uma alquimia em que uma experiência percetiva registada em prata era seguida por outra expressa em ouro.

Esta lição foi reforçada na noite em que Clare viu uma figura masculina de pé ao seu lado. O contorno não era de prata, mas formado por um dilúvio de luz dourada. Mesmo depois de aparecer como figura claramente reconhecível, tinha um halo de ouro à sua volta. Certamente não era o discarnado comum a que ela se habituara. Pôs a mão na testa

dela. Ela foi inundada por uma sensação de paz indescritível e de intemporalidade absoluta. Durante dias depois sentiu uma serenidade interior que se refletia exteriormente na sua expressão e comportamento. Era fascinante recordar que outra mulher que, anos antes, tivera uma experiência idêntica, também antecipara Clare ao receber instruções para ler os escritos paulinos e em particular a Primeira Epístola aos Coríntios.

Esta era a figura que Clare chamara de «figura de Cristo», mas Guilhabert disse-nos que o termo era injustificado e que era quase impossível conceber Cristo a aparecer às pessoas nesta terra nesta era. Não havia dúvida quanto às aparições em Emaús e noutros lugares, mas nos séculos intermédios as emanações de Cristo haviam sido substituídas por uma hierarquia de entidades que se estendia desde os revenants como Braida, que vinham até nós regularmente com informação factual e conselhos práticos, até aos como Guilhabert, que não reencarnara desde o século XIII mas que ainda estavam disponíveis para nós através da agência de entidades como Braida ou diretamente devido à nossa própria necessidade aguda deles. Havia também anjos e arcanjos nos estratos mais elevados da consciência, para além mesmo de Guilhabert. Aprendi dele que existe uma ordem e uma hierarquia nos mundos para além de nós e, de facto, em todo o universo.

Da próxima vez que vi Guilhabert, estava sentado com Clare. Vi a minha mandala novamente, mais claramente do que nunca. A cruz reta de braços iguais estava cravejada de ametistas. A cruz de Santo André sobreposta estava incrustada de topázio. A rosa era de prata. Clare tocou-me no braço. Perguntou se via mais alguma coisa na mandala. Ao início nada ofereci, depois vi um pássaro.

Depois disso tudo ficou claro para mim. O que via não era apenas visão imediata, mas memória. Era sabedoria e verdadeiro saber. Estava a reviver o que experimentara antes. O pássaro pousado no topo da mandala era uma pomba de prata. Havia movimento na escuridão e no meu cérebro a luz da memória. Estava de volta ao Ariège no século XIII. Passava de uma pequena gruta através de uma abertura na rocha para uma gruta maior. Havia luz na gruta maior. Vinha não só da abertura mas de outras fissuras altas no teto. Então senti uma mudança crucial e cósmica na atmosfera. Não sabia se ocorria no passado ou no presente. Tinha todas as marcas e ao mesmo tempo o divino mistério da experiência intemporal. Senti uma vibração no ar. Transformou-se num tipo de música

aguda que era sem som e sem tom, mas ainda assim uma harmonia contínua. Ouvira este som na primeira infância. No coração deste som havia um mundo sem vibração onde o tempo se detivera e onde a infinitude da eternidade se coagulava num instante demasiado breve para ser registado como tempo. Nesse menos que um instante soube que o pássaro cruzara do topo da mandala para a coroa da minha cabeça e que o que ouvira não era apenas o pulso da eternidade mas o bater das suas asas.

Ao cruzar da mandala para a minha cabeça, a prata das asas do pássaro transformou-se em ouro. Passara do nível psíquico para o da experiência espiritual.

Agora estava de volta a mim próprio e recordava com agudeza. Soube que, pela primeira vez, revivera uma experiência. Uma coisa é sentir «Já estive aqui antes, já fiz isto antes», e outra é regressar na totalidade do ser às espirais e malhas do tempo passado. Sentado no meu quarto em Bath, recordando a gruta, estivera fora do meu corpo e fora do tempo. Tivera a mesma experiência intemporal sete séculos antes. Diferira do que conhecera em Bath no facto de, na Idade Média, ter sido premeditada e trabalhada. Guilhabert de Castres colocou a questão crucial: «O que aconteceu depois de teres tido a experiência intemporal na gruta do Ariège?» «Ajoelhei-me e toquei o chão com a testa.»

Não precisei que Guilhabert me dissesse porquê. Tocar o chão três vezes com a testa fazia parte de uma cerimónia simples em que se prestava respeito não ao Parfait, mas ao Espírito com que ele estava impregnado. O que era mais fascinante era a revelação de que, dezanove anos antes, recordara esta cerimónia de iniciação. Em 1954, depois de ter ouvido a música das esferas e o primeiro roçar das asas da pomba, estas intuições de realidade haviam sido deformadas em sintomas pela minha própria resistência à iluminação.

Sofrera toda a bateria da síndrome de Ménière: ataques de tontura aguda, sensação de natação na cabeça, sensação de desequilíbrio e de andar de base larga como um marinheiro num convés oscilante, juntamente com zumbidos e náuseas. Isto fora compensado por duas breves experiências de alegria inexpressável que, nos livros sobre misticismo, são geralmente referidas de forma inadequada pela palavra «bem-aventurança». Nestes momentos para além da conceção de duração

senti-me para além do tempo e num mundo de consciência indivisível e harmonia antes da sua fragmentação em bem e mal.

Não conseguia esquecer que estas experiências em 1954 se seguiram à realização do que nessa altura era para mim um rito peculiar e inexplicável. Virando-me na cama, descansara sobre os joelhos e tocara o colchão com a testa. No século XX repetira as genuflexões que fizera na Idade Média.

Guilhabert disse-me que a iniciação que experimentara no século XIII e que recordara parcialmente em 1954 e mais totalmente em 1973 fazia parte da instrução de uma pequena proporção daqueles já ordenados como Parfaits. O objetivo desta iniciação final era permitir aos que a recebiam resistir à tortura e à morte por queima e outros métodos. Por este processo, o recipiente conseguia alcançar, e na prática repetir, uma dissociação do corpo que diminuía os seus sofrimentos com fogo, água e outras torturas.

Um Parfait era recebido através do Consolamentum. Este era o único sacramento reconhecido pelos cátaros. Tem sido frequentemente afirmado que o Consolamentum conferia imensos benefícios espirituais aos que o recebiam. Afirma-se que os dotava dos poderes de resistência acima mencionados. Sempre me parecera impossível. Não conseguia acreditar que uma única cerimónia pudesse ter tais poderes. Acreditava na existência de um treino posterior de uma minoria especialmente selecionada de Parfaits. Naquele dia de 1973 foi-me permitido olhar para trás para o treino que eu próprio recebera.

Porque tive estas experiências, não posso considerar-me superior a ninguém. As pessoas dizem que, de certa forma, devo estar mais evoluído. Só posso dizer que não é obra minha nesta encarnação. Se cheguei a certo nível, é porque estou a colher a colheita do que aprendi e treinei na minha encarnação cátara. Não tenho sensação de pertencer a uma minoria de elite e irritam-me constantemente as pessoas que adotam tais atitudes. Notei que tais perspetivas frequentemente coincidem com uma escassez de experiência.

O que ouvi de Guilhabert de Castres sobre temas como a alquimia e a minha iniciação na gruta interessou-me em todos os níveis da consciência, mas o que regressava à minha mente quotidiana com insistência incomodativa era a sua preocupação com cores e joias. Parecia estranho

que ele, praticante de uma fé considerada ascética, se preocupasse tanto com estas matérias. Mais tarde aprendi que a minha surpresa era resultado da minha própria ignorância. Acima de tudo, parecia ansioso por que eu compreendesse plenamente o significado da ametista e da luz transmitida por ela.

Ele, por vezes reforçado por Graham, falou-me da formação dos primeiros minerais no mundo e de como a luz criou vida que ou se movia na superfície das águas ou estava contida e aparentemente imóvel mas ainda potente nos minerais e especialmente nas pedras semipreciosas. Aprendi que a primeira individualização da consciência que viria a tornar-se *eu* ocorreu dentro de uma ametista. Deu-me um vislumbre dos meus começos últimos para além da minha encarnação como homem. Repetiu que a ametista era a cor da busca da verdade.

Os detalhes do que aprendi são demasiado esotéricos e profundamente filosóficos para caberem nesta obra. Sempre ficarei fascinado pelo que aprendi, mas tenho de admitir que, na altura em que tudo isto me foi transmitido, estava mais preocupado com a minha convicção de que o significado especial da ametista para mim estava de algum modo ligado a Betty. Esta conclusão pareceu ainda mais válida no dia em que Guilhabert reapareceu e falou mais das propriedades curativas e criativas das joias, da sua identificação com diferentes tipos de flores e acima de tudo com diferentes áreas do corpo.

De repente, sem relevância, vi numa visão um pequeno modelo de uma pomba. Depois vi uma bolsa de couro suspensa por algum tipo de fio. Soube que usara o modelo da pomba escondido na bolsa e suspenso ao redor do pescoço. Soube também que Betty possuíra e usara uma medalha semelhante. Agora compreendia plenamente porque anos antes ficara tão comovido, na sala de estar de René Nelli em Carcassona, quando ele me mostrara o pequeno modelo de chumbo de uma pomba, reivindicado como indubitavelmente do século XIII. Sabia sem dúvida que, nessa altura, usara um objeto semelhante ao redor do pescoço.

No entanto, em matérias como estas, estou dividido entre, por um lado, a perceção e o sentimento e, por outro, o meu ceticismo natural. Obriguei-me a perguntar: «Mas isto não beira a superstição?» «Depende de como olhas para isso», disse ele. «Se consegues sentir por algum sistema de vibração a minha presença no teu quarto após sete séculos,

haverá algo particularmente certo ou errado em sentir a emanação de algo que foi usado perto de mim durante a minha vida na terra? Dei-te a pomba e usaste-a ao redor do pescoço.» Não acrescentou que fora benéfico para mim absorver da pomba o que ela ganhara pelo contacto com o seu corpo. Pensei na emanação de duas ou três das pedras em Avebury e em como fui carregado por elas e as minhas perceções aumentadas, de modo que quando fui para Surrey vi com clareza penetrante algumas cenas da minha vida como agente francês na era napoleónica.

Se aceitarmos que pedras aparentemente inanimadas podem irradiar-nos força curativa e perceção aumentada após séculos, é certamente permitido inferir que o mesmo efeito pode ser obtido usando junto à pele o que esteve previamente em contacto com o corpo de alguém como Guilhabert de Castres. Certamente o que emanara dele tinha considerável força devido ao grau de emancipação da matéria que alcançara na sua última encarnação e que ainda se manifestava na sua visita sete séculos depois.

De repente pensei em Betty. Perguntei a Guilhabert se lhe dera a pequena pomba de metal que ela usara no século XIII. Disse que não fora assim e acrescentou a informação incrível de que, em novembro de 1971, ela a redescobrira no jardim da casa em Fanjeaux onde ela e eu quase certamente nascêramos. É claro que Betty foi guiada para o jardim e para o pequeno modelo. Guilhabert disse que foram os seus dedos a tocar a pomba que estimularam o seu poder de recordação, de modo que pela primeira vez se lembrou de que Roger de Fanjeaux fora seu irmão.

Até esse momento não o ligara ao Roger rabiscado nos seus cadernos de esboços durante a convalescença de escarlatina no início dos anos 1930. Foi ainda mais apunhalada pela recordação em St. Papoul, o lugar onde eu, como Roger, fora apreendido pela Inquisição em fevereiro de 1253. Só ao regressar a Inglaterra e depois de ler *The Cathars and Reincarnation* é que reconheceu que fora eu o seu irmão sete séculos antes.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Chegou o dia em que passámos das verdades imutáveis do universo para a criação do mundo e das propriedades das joias e em particular das da ametista. Começou com uma instrução notavelmente positiva e concreta de Braida. Uma noite visitou Clare e disse-lhe que não devia ficar sozinha no dia seguinte. Era bastante invulgar para Clare pedir abrigo ou transmitir informação inquietante sobre si própria. Senti-me apreensivo e convidei-a para jantar.

Depois do jantar estávamos sentados juntos a olhar a vista quando senti a direção do seu olhar mudar. Estava a olhar para os tecidos algo inchados na base do meu polegar direito. Era uma acentuação de problemas na minha articulação osteoartrítica e os músculos circundantes estavam inchados. «Tens alguma dor aí?», disse ela. «Não vale a pena falar nisso.»

Estendeu a mão e tocou a base do meu polegar. Apertou-o de modo que por alguns segundos ficou encerrado na palma da sua mão. Sorri ao recordar como Graham dissera que, na encarnação celta, quando ela e eu vivíamos juntos, ela adorava sentar-se aos meus pés apertando a base do meu polegar. Virei-me para fazer alguma referência a isso quando vi que ela se curvara para a frente com as faces congestionadas e não estava a ouvir a minha conversa. Depois cobriu o rosto com as mãos. Fiquei alarmado pelo que para ela era um gesto melodramático. Quando lhe perguntei o que se passava, pareceu não me ouvir. Então gritou: «É horrível, horrível. Faz alguma coisa para os deter.» «Deter quem?»

Estava para além de ouvir as minhas perguntas. «Estão a matá-la», gemeu ela. «Estão a matá-la com pedras. Agora estão a cortá-la.» «A cortar quem?» Não tinha qualquer dúvida de que falava de Betty. Estava demasiado agitado para perceber porquê tinha tanta certeza. «Estão a cortar-lhe os dedos. Estão a pisoteá-la.»

Atrás da agonia no seu rosto, e através dos gritos agudos e finos que diferiam tanto dos seus próprios tons vibrantes, vi o cenário do horror. Havia a pequena colina coroada por árvores e, sendo outono, as finas bandeiras douradas esvoaçavam para trás das bétulas. Betty jazia com a multidão à sua volta no terreno pantanoso entre o outeiro e o lago. As águas do lago estavam imóveis e atrás dele, a norte, as encostas de Skiddaw eram roxas no crepúsculo outonal.

Clare estava a reviver em detalhe o assassínio de Betty que já mencionei ao escrever sobre Bassenthwaite. Permaneceu com a cabeça enterrada nas mãos até os ombros deixarem de tremer e as respirações rápidas e superficiais regressarem ao normal. A história que contou foi esta: Betty foi apedrejada até à morte ao pé de Castle How. Nesta colina, na primavera desse ano, Clare sentira a presença de Betty com tal intensidade que não compreendia que eu não a conseguisse ver. Foi morta por uma multidão de rufiões supersticiosos inflamados pelo padre pálido de rosto afiado, triangular visto de frente, como um abutre de perfil, que instigou os ataques já descritos contra Annette e Clare.

Não vi o horror em Castle How tão claramente como Clare, mas estava consciente de que, quando o último reflexo de agonia ainda tremia no corpo mutilado de Betty, lhe cortaram os dedos porque tinham sido usados em curas. Nas primeiras décadas após Cristo, os cristãos praticavam a injunção dele de curar os doentes tanto como pregar a palavra. Isto continuou até ao século VII em Cumberland. Betty, morta junto ao lago com os dedos amputados, foi o melodrama incisivo através do qual a Igreja encenou a sua negação do ato de curar.

Betty morreu também porque acreditava na companhia imediata e consoladora dos antigos deuses com as suas limitações inevitáveis, mas tão reconfortantes para o homem como o sol e a chuva. «Mas Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso.» «Não terás outros deuses além de Mim.» Betty jazia morta porque os elementos mais baixos da sociedade compreendiam melhor o deus tribal da demonologia judaico-cristã que os cátaros mais tarde reconheceriam como satânico.

Nunca na minha vida vira nada semelhante à emoção de Clare. Na minha carreira como psiquiatra, vira pessoas a desintegrarem-se em agonias culminantes que irrompiam como uma maré através do que fora erodido por uma tensão prolongada. Nesses casos via-se a água a subir e o quebra-mar a desmoronar-se. Mas o que presenciara com Clare fora uma cena súbita e aterradora do passado projetada sem aviso contra o fundo do presente. Para mim era a memória distante no seu auge mais agudo. Nunca me apercebera de que o processo pudesse ser tão doloroso.

Quando o tumulto cessou, Clare sentou-se calmamente ao meu lado. Fiquei grato por regressar à mediocridade tranquila do presente. Havia

algo mais dramático por vir. Quando ergui os olhos, vi traçado na parede um círculo de ametista profunda rodeado novamente por uma orla dourada. Depois vi, a alguma distância da ametista, um feixe irregular e inclinado de luz prateada. «Que é o feixe de prata?», disse eu. «A tocha que levámos quando a enterrámos.»

Agora via o passado tão claramente como a própria Clare. Vi o lago de Bassenthwaite e o telhado de colmo da primeira igreja de St. Bega na sua margem distante. Enterrámo-la à luz de uma única tocha debaixo de uma pedra perto do que é hoje a entrada do adro. Lembrei-me de como, no abril anterior, Clare se afastara de nós e ficara nesse ponto a olhar sobre o lago. Não estava perdida em contemplação porque via para além do tempo até à noite em que enterráramos Betty.

O círculo de ametista na parede oposta continuava a esbater-se e a regressar, mas depois voltou com intensidade avassaladora e com a riqueza de luz refletida de uma joia. Virei-me para Clare. «Tu, Guilhabert e Braida dizem todos que a ametista é a cor da busca da verdade, mas para mim está sempre identificada com Betty. Sei que ela está por perto quando vejo esta cor.» «A ametista que vês na parede é a joia que pousámos no caixão de Betty.»

Isto selou a questão para mim. Nas últimas semanas, enquanto o brilho de ametista e a visão da joia se intensificavam, o meu sentimento de identificação com Betty aprofundara-se correspondentemente. Para mim, isto era o fim da história. Guilhabert de Castres falara de joias para me preparar para a ametista que fora pousada no caixão de Betty na noite em que a enterrámos. Parecia uma conclusão suficientemente elegante de uma experiência fascinante. Mas o que eu pensava ser o fim da história era apenas a conclusão de um capítulo.

Quando regressámos a esta vida do horror perpetrado em Castle How, Braida materializou-se. Disse a Clare que aquele dia era o aniversário da morte de Betty na sua encarnação celta. Era mais um exemplo da capacidade de Clare para reverberar de uma forma ou de outra nestes aniversários trágicos. Parecia que a sua capacidade de reação se intensificava. Ainda não sabia que estava destinado a marchar nos passos dela um pouco atrás e que a minha capacidade para este dom, em certos aspetos desastroso, da memória distante se desenvolveria ainda mais.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Na visita seguinte de Guilhabert de Castres regressámos à minha mandala. Mais uma vez o brilho da rosa era intenso na interseção das cruzes. Enquanto observava, vi o contorno de uma pomba a formar-se por trás da rosa. Moveu-se para cima com as asas quadradas para trás, passando além da mandala através de um brilho dourado. Cruzou o teto num trilho de ouro e pousou na minha cabeça.

Desta vez acrescentou-se uma nova experiência. Onde a pomba passara, vi na parede o contorno de um cálice. Quando se formou pela primeira vez, tinha a forma de triângulo invertido dos copos de vinho em voga há quatro décadas. Depois tornou-se mais em forma de cálice. O recipiente em si era relativamente largo e o pé curto. Parecia um tipo de copo de champanhe com o pé encurtado.

Ao início o cálice era dourado. Compreendia isto perfeitamente à luz do que Guilhabert dissera anteriormente sobre o ouro ser a cor da experiência espiritual. O que era difícil de compreender era a mudança de cor para ametista. Guilhabert repetiu que a ametista era a cor da busca da verdade. A importância do cálice residia no que continha. Tomava a sua cor do que estava dentro dele. Era essencialmente o recetáculo da verdade. Guilhabert disse que o cálice era de um tipo muito primitivo. Aparecera frequentemente durante as iniciações cátaras e era por isso que o catarismo era muitas vezes associado à lenda do Graal. Não havia associação histórica entre o catarismo e a corte de Artur. O cálice era mais antigo do que o cristianismo e a pomba era de antiguidade semelhante.

O que Guilhabert desejava deixar claro era que a rosa, a pomba e o cálice tal como vistos nas minhas visões eram entidades materializadas reais. Certamente eram símbolos no sentido de que cada um transmitia uma propriedade. Por exemplo, o cálice era o recetáculo da verdade. Mas não eram símbolos no sentido moderno da palavra, que implica que tais fenómenos representam apenas sinais e sintomas de diferentes estados de espírito. Eram mais do que marcos na história psiquiátrica do indivíduo. Eram tão reais como a prímula tardia que floresce no jardim. Para os ver era preciso estar, por algum tempo, noutro nível de consciência, mas isto não diminuía em nada a sua realidade essencial.

Além de serem sinais de que se alcançara certo nível de desenvolvimento psíquico, estes símbolos constituíam um alfabeto do

Dualismo. Ao longo dos milénios, aqueles que tiveram estas experiências inscreveram-nas em pedra ou registaram-nas em desenhos. Constituíam uma linguagem de sinais através da qual os buscadores da verdade se puderam reconhecer uns aos outros durante séculos. Se eu visse numa gruta do Ariège um cálice semelhante ao que percebera na minha recente experiência visionária, isso significava que quem gravara os seus contornos na rocha vira o que me fora manifestado no meu quarto em Somerset em 1973.

Não era apenas questão de ver um certo sinal de séculos antes e dizer: «Passou por aqui um dualista.» Estava a partilhar as experiências idênticas de muitos há muito mortos. Guilhabert enfatizou que os símbolos que discutíramos datavam de épocas anteriores à aquisição pelo homem da facilidade na expressão de conceitos verbais, quando se exprimia melhor através de imagens. Ao escutar Guilhabert, compreendi a natureza primordial do Dualismo e como a filosofia mais pragmática e ao mesmo tempo a mais mística surgiu da reação do homem à primeira luz e à ameaça das primeiras sombras.

Depois de me convencer da antiguidade imemorial destes símbolos visionários, Guilhabert enfatizou também a grande idade dos sinais e símbolos mais concretos associados ao Dualismo há milénios. Explicou-me que a cruz de Santo André, que atuara como arauto das minhas revelações celtas, era uma simplificação do antigo sinal de Peixes. Este fora reconhecido pela Sra. Smith, minha namorada Puerilia no século XIII, como o emblema na fivela do cinto que eu usara como Roger de Grisolles. Aparecera também nos desenhos de Betty, que lamentara Roger nos desenhos feitos no seu caderno de esboços no início dos anos 1930.

Guilhabert disse-me que as curvas do sinal abaixo representam as superfícies do sol e da lua a aproximarem-se uma da outra. A barra horizontal representa a terra que as une. É um emblema esquemático simples do Dualismo, o sol representando a luz do bem, a lua a escuridão do mal, e a terra que as une simbolizando o equilíbrio entre as duas potências alcançado nos nossos próprios corações na passagem por este mundo.

Este, disse Guilhabert, era um sinal muito antigo. Predatava mesmo o culto de Mitra. A cruz de Santo André, adotada pela Igreja Celta, tinha o mesmo significado que o sinal pisciano de que era uma versão

simplificada. A interseção das linhas diagonais representava a terra e o seu compromisso entre o bem e o mal.

Aprendi também que a cruz simples com o braço vertical longo, que descrevemos como latina, é um símbolo muito antigo da verdade e que nada tem de especificamente cristão. Foi adotada pelos seguidores de Cristo porque ele morreu numa cruz dessa forma. A cruz de braços iguais com o círculo à volta, conhecida vulgarmente como cruz celta, é muito mais antiga do que a sua equivalente latina. O círculo deriva dos dias em que o Dualismo estava associado ao culto do sol. O círculo representando o sol foi em muitas áreas abandonado com o tempo, mas a cruz rodeada pelo círculo ainda é suficientemente comum no Languedoc, na Jugoslávia, no País de Gales e no noroeste da Grã-Bretanha.

Ficou claro para mim que a minha atenção estava a ser dirigida para algo anterior à encarnação celta. O tema principal nessa altura era a antiguidade das visões e símbolos que vira e havia referência especial ao culto de Mitra e às épocas anteriores ao seu aparecimento. Outro sinal foi acrescentado às cruzes celtas e de Santo André que via frequentemente projetadas na parede. Este apareceu ao início como um M, mas mais tarde reconheci-o como os triângulos entrelaçados que vira na parede de Portchester. Graham interveio dramaticamente para explicar este fenómeno.

Era significativo que o seu modo de intervenção fosse diferente. Há algum tempo conseguia detetar a sua presença, mas agora conseguia descrevê-lo pela primeira vez. Mais uma vez era questão de o ver com o olho interior. Tinha cabeça longa, cabelo escuro e olhos castanho-escuros. Era alto e, embora de ombros largos, não era de modo algum robusto. A sua expressão era naturalmente solene, mas o seu sorriso súbito e breve era encantador e contagiante. Dava a impressão geral de um highlander esguio e de movimentos rápidos. Certamente não era Graham como fora no século XIII, quando era um tipo mais rude com as feições embotadas por uma estrutura óssea mais pesada. Estava obviamente a vê-lo como fora numa encarnação anterior.

Perguntei-me se seria celta, mas a sua contribuição imediata fez-me rever as ideias. Tratou imediatamente do sinal em M. Quando nos preocupáramos com Portchester, aprendêramos dos revenants e dos seus agentes neste mundo que este símbolo particular derivava de um culto

maçónico medieval, mas Graham insistiu que as suas origens eram muito anteriores. Dois dias depois, Annette telefonou do Canadá e relatou que Guy regressara a ela na noite anterior e dissera que os sinais em M que eu vira recentemente eram comuns no culto de Mitra e podiam ser encontrados nas paredes de certas grutas. Annette não pôde dar-me a localização. A situação esclareceu-se num dia ou dois quando Braida e Guilhabert se materializaram e confirmaram que as grutas referidas eram as do Ariège e haviam sido usadas sucessivamente pelos druidas, pelos adeptos de Mitra, pelos cátaros e pelos templários.

Annette transmitiu uma mensagem de Guy de que cinco membros do grupo se mantiveram juntos através de cinco encarnações. Isso significava que havia outra por vir. Annette fora também informada de que cruzes de braços iguais encerradas em círculos, com, em cada um dos quatro compartimentos, ou três pontos ou três trevos dispostos em forma de triângulos, eram sinais muito antigos. Recordavam as moedas lembradas pela Sra. Smith em *The Cathars and Reincarnation*.

Agora diziam-nos que estes desenhos, e outros aliados a eles, não eram meramente cátaros mas também existentes no culto de Mitra no Império Romano. Guy foi ainda mais específico. Acrescentou que na nossa encarnação romana um número de membros do grupo vivera na cidade e arredores, mas passara algum tempo em Óstia. Há algum tempo sabia que, quando Clare visitara uma câmara subterrânea nas escavações de Óstia, vomitara e saíra em estado de colapso. O palco estava preparado para a nossa encarnação romana.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Era curioso que, em meio a tantas experiências transcendentais, eu sentisse que algo como um laço pessoal entre Betty e mim se intensificava. Se parece absurdo que eu sentisse isto por uma mulher morta que nunca vira, só posso registar fielmente as minhas impressões. Quando Clare me disse para chamar Betty quando precisasse da sua presença, tive medo de o fazer. Recordava que se considerava maligno invocar espíritos. No entanto, deixei-me persuadir e Betty apareceu. Acalmou-me imediatamente. «Porque estaria eu perto, à espera, se fosse mau pedir-me para vir? Porque não me chamas quando precisas de mim?»

Não posso dizer que as minhas dúvidas foram imediatamente resolvidas pelas palavras de Betty. Sempre insistira em ser passivo nestas matérias e ficara feliz por os revenants sempre me terem procurado e por eu não ter dado passos para contactar com eles. Mais tarde, Betty e os outros revenants deixaram claro que a operação em que estávamos envolvidos era invulgar e ditada pelas horas cruciais que vivíamos. Fora necessário que seres do próximo dos mundos contactassem aqueles ainda dispostos a ouvir e residentes num planeta inclinado para a autodestruição.

Nessa fase, ela preocupava-se mais do que nunca comigo. Mostrava a sua consideração de forma direta e estava sempre rápida a chamar a atenção para pessoas em dificuldades e cansadas na minha própria família, especialmente necessitadas do meu apoio. Preocupava-se sempre em poupar-me fadiga e avisava-me para não me envolver em assuntos diferentes que bem poderiam causar-me tensão aumentada e esgotamento desnecessário. Disse-me que, a partir de então, estaria muito comigo e sempre de manhã quando acordasse cedo. Quando isso acontecia, sentia-me frequentemente deprimido porque, durante o sono, estivera em contacto com os revenants e principalmente com Betty.

A minha depressão ao acordar devia-se ao facto de não conseguir recordar o que nos disséramos nas horas de sono. Betty disse que nem sempre estaria consciente da sua presença nas primeiras horas, mas que nessas alturas teria o seu apoio. Desde então, sempre que acordo cedo e num estado de depressão, é só raramente que não volto a adormecer após um curto intervalo. Disse também que, sempre que precisasse dela, devia chamá-la. Disse que nem sempre conseguiria visitar-me, mas viria sempre que fosse possível. Esta promessa de ajudar-me quando precisasse dela traduziu-se em ação em breve.

Num dia de outono, conduzi o carro pela rua estreita que se alarga na baía curva do crescente. Tem sempre um ar de mar aberto. Virar a esquina é enfrentar o vento do mar. Deixei o carro mesmo na curva e caminhei pelo caminho abaixo do relvado inclinado. As folhas estavam espessas nas árvores nesse outono. O ouro derramava-se dos topos das árvores e espalhava-se na luz dos ramos inferiores. De repente foi como se Betty caminhasse ao meu lado. Vi-a com a intensidade paralisante instantânea da visão interior. O que significa quando digo que a vi? Significava que a via como as folhas caindo e os ramos dobrando-se no

vento sudoeste? O sentimento era mais profundo do que isso. Não a via com o olho visual. A imagem era mais rica e mais real do que o ato de perceção.

Então recordei que, dois anos antes, ainda viva, ela caminhara da grande curva das casas imponentes olhando sobre o relvado para as árvores e a cidade. As folhas caíam. Entre as nuvens leves o céu estava pálido com o sopro do inverno. Virou do seio incurvado *(voltado para baixo)* do grande crescente para a rua estreita. Descendo a rua, parou na casa de Clare e deixou uma mensagem e um presente para mim. Depois caminhou pelo silêncio do outono e saiu da minha vida tal como a compreendemos.

Mas como sabia tudo isto? Tudo o que Clare me dissera fora que, em outubro de 1971, Betty passara pela sua casa com um presente para mim. Como sabia que rota tomara ou que deixara o carro no crescente? Estaria eu a indulgir numa capacidade de visualizar e num gosto por nostalgia romântica?

Caminhei do ouro das folhas no parque para as sombras da rua estreita. Clare estava à porta e parecia esperar-me. Disse imediatamente: «Onde deixou Betty o carro no último dia em que a viste?» «Mesmo na curva onde o crescente começa. Lembro-me de ter caminhado lá com ela antes de ela regressar à casa da mãe. Porque perguntas?» «Deixei o meu carro no mesmo lugar e desde que o deixei que tenho pensado nela.» «Sabes que faz dois anos exatos que ela veio?» «Queres dizer pela última vez e com um presente para mim?»

Isto ocorreu numa altura em que éramos constantemente visitados pelos revenants nos aniversários de eventos dolorosos e experiências dramáticas em encarnações anteriores. Sabia que ela viria nessa noite. Pedi-lhe não verbalmente nem mesmo com o que quer que no meu cérebro canalize a torrente de pensamentos para os canais da fala. Pedi através do grito do meu coração e dos tecidos. De todos os que vinham dos mortos, ela era a mais próxima de mim. Não era ela o objeto indiscutível da minha oração muda dos últimos anos: «Tu que estás perto de mim, ajuda-me»?

Na parede oposta vi vividamente a rosa, com as pétalas recortadas e os espinhos entre elas, que fora um componente vital da minha mandala e que sabia ser tão antiga como Mitra. A cor era algo entre prata e ouro,

como o momento após a aurora quando a orla do sol se move acima do horizonte. Depois, mais uma vez, vi o anel de ametista intensamente luminoso rodeado por ouro brilhante. Então toda a parede e a figura com contorno pulsante projetada nela eram também douradas. A figura tinha uma faixa de luz dourada mais brilhante na testa. Não percebi de imediato que estava a ver um halo. Depois a figura esbateu-se e no seu lugar ficou um círculo de ametista profunda que se movia para cima e para baixo no meio da parede.

Dois raios de luz mais intensa projetavam-se do coração da ametista. Moviam-se na minha direção. Depois houve um clarão de uma estrela a estilhaçar-se. Soube que Betty se movia na minha direção. Viria o clarão porque, nesse momento, ela passava de uma zona de contacto para outra em que eu podia vê-la. Quando vira o clarão da estrela, estivera por um instante para além da minha psique e no meu corpo astral. Esta é uma experiência rara e só pode ser suportada momentaneamente.

À medida que Betty se aproximava, havia à sua volta uma franja prateada irregular e pulsante. Parecia a espuma das últimas ondas achatadas na areia ondulada pelo vento do mar. Via-a como a vira na encarnação celta porque era assim que já a conhecia, mas percebi que estava muito perto de a conhecer como nunca antes.

Quando a figura com o halo dourado deixara a parede e se movera na minha direção, passara do plano espiritual para o psíquico. Para me consolar, realizara uma alquimia em reverso. Refletira-me o mundo das figuras de Cristo e depois abandonara-o pelo dos revenants. Por meio da transmutação reversa do ouro para a prata através de uma fase de ametista, regressara a um mundo que era o mais próximo do meu. A própria verdade refletira-se através da luz na forma de Betty.

Fiquei satisfeito não só por ela e eu sermos um núcleo mais próximo no nosso círculo, mas por ela, nesses dias, me visitar com um propósito especial. Ao descer da parede, cristalizara na sua forma psíquica a partir de uma zona de espiritualidade impalpável. Fizera-o porque sentia a particularidade única do amor humano. Sentou-se no chão ao meu lado direito. Nesses dias aparecia sempre desse lado porque era um símbolo de que se tornara a minha mão direita. Beijou-me a testa. A sensação era indescritivelmente fresca e delicada e de algum modo impregnada com a sensação de mobilidade. Parecia penas à deriva com um impacto frio e

entusiasmante. Senti-me tão perto dela que ela substituía para mim as formas invisíveis do cume da hierarquia.

Soube também que me aproximava de outra encarnação. Uma manhã acordei com o olho direito inchado, inflamado e doloroso e com as pálpebras coladas uma à outra. O outro olho recusava-se a focar imprensa ou distância. O meu campo visual estava coberto por uma teia de aranha palpitante. Não conseguia ler, não conseguia ver feições a mais de cinco jardas e, fora da janela, o arvoredo era uma cortina amarrotada. Esta condição persistiu durante horas. (Mais tarde viria a saber que estava a reviver o trauma recebido noutra encarnação.)

A meio da manhã senti descer pelo braço esquerdo um frio intenso e inundante. Era como se uma fina película de gelo se tornasse móvel. Ao mesmo tempo não havia nada de profundamente gelado nisso. Era estranho e entusiasmante como um duche intensamente frio e finamente pontiagudo dirigido ao meu braço. Com o olho interior vi Betty com o seu cabelo claro e olhos escuros como fora na sua encarnação celta. Deve recordar-se que isto era, nesse momento, a parte mais distante da minha memória distante. Senti a gentileza e o conforto que fluíam do seu toque.

Mais tarde nessa manhã vi Clare. Ela pousou uma mão acima do meu olho. Para minha surpresa, cobriu o olho relativamente não afetado e deixou-me arranjar-me com o direito que era praticamente não funcional. De repente as coisas começaram a acontecer. Era uma bela manhã e apesar da visão prejudicada conseguia ver que o sol brilhava acima dos telhados. Enquanto o observava, começou a encolher. A sua circunferência e diâmetro diminuíram progressivamente. Retinha a forma circular mas afundou-se numa espécie de poça radiante. Dela emergiram mil finos raios de luz.

Os raios eram inumeráveis, muitas vezes mais do que os habitualmente representados como saindo da cabeça de Minerva. Os finos filamentos brilhantes mudavam enquanto os observava. Alguns mostravam todas as cores do espetro solar. Outros eram um rosa belo e intensamente luminoso como vira antes, e raramente, em pores do sol. Muitos dos raios iluminados por todas as cores do espetro mudavam enquanto os observava para este brilho rosa-rosado. Abaixo do sol havia uma grande barra de ouro tão radiante que os meus olhos ardiam ao observá-la. Depois este símbolo esbateu-se e no seu lugar vi muito

fugazmente a célula azul-celeste com o núcleo intensamente luminoso de ametista que vira intermitentemente durante anos e mais frequentemente nos últimos meses, e que Guilhabert de Castres me dissera indicar que se estava a ter mais do que uma experiência psíquica. Isto foi depois substituído por um enorme e intenso brilho de ametista com uma faixa dourada à volta.

Num curto espaço de tempo a luz tornou-se tão ofuscante que não conseguia olhar diretamente para ela. Isto não quer dizer que a cor na parede fosse visualmente deslumbrante. O que acontecia era que o que via com o olho interior afetava a minha visão comum. Betty materializou-se com Graham. Explicaram que, em pessoas constituídas como eu, o prejuízo oftálmico demonstrável da visão acompanhava muito frequentemente uma capacidade crescente de perceção interior. Acrescentaram que os inumeráveis raios saindo do sol eram um símbolo mitraico. Pouco depois tive outra experiência visionária. Vi mais uma vez o profundo brilho de ametista a coagular na forma de uma joia com muitas facetas e com rios de luz nos seus interstícios.

O que era diferente era que desta vez a névoa dourada à sua volta estava moldada, sem qualquer dúvida, numa moldura dourada. Qualquer que fosse o seu significado psíquico, estava a olhar para uma joia com uma montagem perfeitamente ortodoxa. Aparecera pouco depois da imagem solar mitraica. Sabia que indicava a minha proximidade com Betty. Esta sucessão próxima de visões significava que ela fora, no passado, uma adepta de Mitra?

A questão moveu-se mais para um clímax nos dias seguintes. Comecei a ver projetado nas paredes, e coincidindo com símbolos de grande significado como a pomba e o cálice, um padrão em forma de diamante interrompido por pequenos quadrados. Parecia o de algumas variedades de oleado usadas em casas de banho eduardianas. Reconheci que também podia ser um mosaico romano e isto foi confirmado por Betty e Graham. Veio um dia em que Betty apareceu novamente vestida como uma sacerdotisa celta com o seu toucado enrugado e túnica roxo-escura. O mosaico romano estava projetado na parede atrás dela.

Indulgi em algumas especulações justificáveis sobre mosaicos romanos que persistiam em tempos celtas. Isto era razoável porque, afinal, ainda se os vê em materiais produzidos em massa até hoje. As

minhas inferências lógicas foram tempo perdido. Betty explicou que o vestuário em que os revenants apareciam dependia das necessidades imediatas do observador. Aparecia frequentemente a Clare nas suas túnicas celtas quando Clare revivia as piores agonias da sua encarnação celta.

O mosaico romano fora projetado na parede para meu benefício especial porque nessa altura a questão de uma encarnação romana estava no topo da minha mente e porque, nela, o meu amor por Betty fora o mais intenso e o mais conscientemente sentido.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A minha experiência romana clamava há tempo suficiente nas águas profundas da consciência. Começou clara e conscientemente numa tarde em que olhava pela janela para o vale e as colinas em frente. Braida e Betty apareceram quase imediatamente. Era raro Betty surgir tão depressa. Habitualmente materializava-se relativamente tarde no decurso das coisas. Como sempre, drenou toda a tensão da atmosfera. Foi como se, quando ela chegava, o vento caísse e eu estivesse a olhar para um campo silencioso. Nessa noite o silêncio intensificou-se e o campo mudou. Vi uma casa meio aberta aos elementos devido à larga escadaria ascendente numa das extremidades.

Havia quartos que se abriam a partir da escadaria e, da balaustrada no lado oposto, podia olhar-se diretamente para o jardim entre as colunas. Em algum lugar da casa havia um salão com uma alta cúpula branca. «Estou a ver a tua casa na tua encarnação romana.» «Vês-me também?» «Não», disse eu prontamente, e acrescentei imediatamente, passando à visão interior, «quer dizer, os teus olhos são ainda mais escuros do que na encarnação celta. São de uma cor indescritível. Pretos em vez de castanhos, mas com salpicos de avelã.» «O teu cabelo é claro, mas não de forma impressionante como ouro como quando viveste em Cumberland. É um castanho-avermelhado muito claro com alguns fios avermelhados.»

Continuei a descrever a aparência de Betty. O seu rosto era mais largo do que na encarnação celta e a boca tão grande e generosa como na sua vida do século XX. Podia dizer-se que havia algo sensual, mas não desagradável, no seu rosto. Ao escrever isto parece estranho e

significativo que, neste primeiro dia claro da revelação romana, eu pudesse falar-lhe assim frente a frente. Isto porque, catorze anos antes, vira, atrás da cabeça de uma mulher tímida e conscienciosa na casa de quem me hospedava, um rosto com olhos ardentes e uma beleza animal. Este rosto recorrera-me muitas vezes nos anos intermédios e sempre pensara nele como o de uma pessoa em quem o desejo era consumido pela sua própria intensidade. Sabia que, ao ver esse rosto, olhava para trás para a antiguidade. Não conseguia tirar da cabeça os rostos de certas deusas gregas e romanas, ardentes, amoralmente serenas na realização da sua própria sensualidade.

Era estranho associar este rosto à criatura gentil e pouco assertiva que, nesta vida, amara o marido e se ocupara discretamente de obras de caridade. Esta beleza romana estava muito distante da viúva enlutada de 1971 que descobrira a sua segunda perda quando chamou por Roger após a visita a Fanjeaux, mas que, conscienciosa e tímida, não tentara contactar-me diretamente. No entanto, persistia que este rosto que vira durante anos era Betty. Só mais tarde percebi que derivava de uma época ainda anterior à sua encarnação romana.

O meu próprio caso era mais fácil. A mãe de Betty, Jane Butler, materializara-se um dia e dissera-me, entre outras coisas, que eu era uma criatura atraente na minha encarnação romana. Quando Betty disse simplesmente que eu era bela, isto atuou como pedra de toque. (Seria uma compensação pela minha aparência atual?) Descrevi-me sem hesitação como tendo cabelo muito espesso, áspero e intensamente escuro, olhos azul-profundo e rosto oval longo. «Sim, era assim que parecias», disse Betty.

O que tenho a dizer sobre a minha vida em Roma com Betty é a colheita de muitas entrevistas com ela em Somerset no século XX. O que me foi revelado não se organizou em ordem cronológica exata porque, em algumas entrevistas, Betty estava acompanhada por Braida e Guy, mais preocupados respetivamente com as encarnações cátara e celta. Noutras ocasiões, o curso da conversa era dirigido pelos temas que eu próprio levantava. Para conveniência do leitor, organizo os factos o mais exatamente possível pela ordem em que ocorreram em Roma, e não segundo o padrão em que me foram revelados.

Fui recolhido por Betty e pelo seu marido em algum lugar nas montanhas do noroeste de Itália. Não sei exatamente onde. Pode mesmo ter sido em território atualmente francês na Saboia. Tudo o que sei é que saí de uma choça numa aldeia alta e austera, fresca à sombra das montanhas. Vi-a de pé à minha frente. Desceram do carro e caminhou alguns passos na minha direção. O marido permaneceu sentado. O encontro fora previamente combinado e tudo o que esperava dele era trocar uma forma de servidão por outra. Não tinha outra esperança senão passar da prisão da pobreza para talvez uma escravidão melhor alimentada, mas mais prolongada.

O meu pai servira como soldado sob as ordens do marido de Betty. Morrera recentemente. Vivia em grande pobreza, mas estava decentemente vestido. Tinha dezasseis anos na altura. Betty (o seu nome era Camillia nessa época) estava nos seus vinte e poucos anos e muito mais jovem do que o marido. Para mim parecia mais velha do que a idade devido à quietude do olhar e à dignidade da postura. Tinha uma maneira de olhar intensamente que nunca encontrei em ninguém mais em nenhuma das minhas encarnações. O seu olhar era nivelado, tranquilo, não conscientemente piedoso, e não havia nada de possessivo ou dominador nele.

O marido de Betty não entra muito nesta crónica. Era um soldado sénior, distinguido na profissão, que passava muito tempo longe de Roma. Em casa parecia bastante incolor e insignificante, mas Betty em si não era de modo algum dominadora. O marido era devotado a ela. Permitia-lhe fazer exatamente o que desejava. Não era de modo algum ciumento dos homens que a visitavam. Assumia, e com razão, que muitos deles partilhavam os seus interesses filosóficos. Este era um traço que perdurou ao longo das suas cinco encarnações, embora nunca exibido de forma pedante. O marido não tinha ideia do grau de intimidade dela com alguns dos visitantes. Era um homem bondoso e calmo. Trabalhar na casa era extremamente fácil. Deixava toda a gestão a Camillia, que pedia muito pouco de nós.

Tornei-me escravo na casa. É difícil transmitir exatamente o que isso significava. Dizer que era escravo provoca um reflexo de repulsa nestes dias pouco esclarecidos. Certamente usava uma pulseira no pulso esquerdo que era insígnia do meu estatuto. Os progressistas desta era podem compará-la a uma coleira posta ao pescoço de um cão, mas é bom

recordar que algumas pessoas gostam dos seus cães e estes podem ser devotos dos donos. Há donos de cães que compram coleiras caras para os seus animais e têm cuidado para que o metal esteja sempre polido. Recordo, por memória direta e não só com a ajuda de Braida e outros, o orgulho com que olhava para a fina pulseira de prata no pulso. Sinto o seu eco até hoje e a gratidão por a minha senhora a ter escolhido ela própria. Isto não é sentimentalismo, mas realidade. Talvez eu não seja da massa de que são feitos bons socialistas.

Tenho uma impressão de um enxame de companheiros escravos vociferantes, opinativos e não especialmente dotados das virtudes da cooperação. Dois destacam-se claramente. O nome de Clare nesta encarnação era Cressi ou pelo menos assim soa. Ela própria recorda este nome e Betty, Braida e Graham, os revenants mais envolvidos com a encarnação romana, confirmam que era assim que se chamava. Tinha a ideia de que o nome completo era Cressida, o que mais tarde foi confirmado por Betty.

Uma coisa é certa: o seu rosto é tão claro para mim nas feições e expressões como o de uma mulher que cruzei ontem no mercado. Para começar, era uma ruiva radiante. Tinha testa e maçãs do rosto largas, mas a parte inferior do rosto era triangular e afilava-se bruscamente para um queixo pontiagudo. Tinha olhos muito luminosos (qualidade que Clare manifestou em todas as encarnações conhecidas por nós), por vezes azuis e por vezes esverdeados. Não achava que mudassem realmente de cor, mas pareciam verdes se os olhos tivessem primeiro pousado na sua juba ruiva. Tinha tez cor de bolacha com um rubor bastante tijolo nas maçãs do rosto.

Como a vejo no século IV em Roma, Cressi usa sempre uma expressão interrogativa. Há um olhar endiabrado nos olhos e é claro que pretende extrair o máximo possível de humor de qualquer situação dada.

Na mesma noite em que vi Cressi pela primeira vez em Somerset no século XX, Kathleen telefonou da Suíça e deu-me uma descrição idêntica. A única variante era que insistia que a tez era normalmente pálida e que o rubor nas maçãs do rosto só estava presente quando se excitava com algo. Kathleen acrescentou que Cressi tinha um génio para resolver as coisas e manter o moral alto. Tinha um jeito para tirar o melhor das pessoas, particularmente quando estas estavam rebeldes ou abatidas.

Nessa altura Annette telefonou do Canadá com uma descrição idêntica da aparência de Cressi, pintando-a como uma espécie de estadista doméstica.

O único outro companheiro escravo de que me recordo com exatidão é Blodena. Era uma camponesa robusta, de pernas fortes, ombros salientes, rosto redondo e ossudo, cabelo escuro e áspero e olhos flamejantes com um sentido de agravo. Era uma personagem agitada, determinada, sem grande perspicácia, em quem a truculência nunca estava muito longe da superfície. Clare recordava-a como uma camponesa obstinada e vituperante, mas geria-a melhor do que eu. Por razões que ficarão claras mais tarde, Blodena não me tinha exatamente estima. Aparece como Kathleen nesta encarnação. A sua voz suave e frases bem escolhidas contrastam fortemente com o seu modo de expressão na encarnação romana, mas reteve o dom da vituperação.

Para tratar primeiro das primeiras coisas, o que os psiquiatras contemporâneos chamam a minha vida afetiva despertou e cumpriu-se no primeiro dia em que conheci Camillia. Quando, saindo da choça, a vi de pé como a manhã sobre o mar, bela, elegante, inatingível e na sua beleza imediatamente acolhedora, o curso do meu coração ficou traçado para sempre. Amei-a não desde o primeiro momento em que a vi, mas no instante em que percebi que me sorria. (Mais tarde descobri que sorria raramente e falava pouco. Era uma ouvinte atenta e ouvir as dores dos outros enquanto os olhava com os seus olhos extraordinários e que tudo viam era a sua expressão do dom da compaixão.)

Representava outro mundo da aprendizagem árdua da pobreza. Para mim, desde o primeiro momento, era gentil e bela e isso era o fim da questão. Esta aparente ingenuidade era um lampejo de sabedoria. Nunca vacilei no meu amor por ela. Ela nunca foi, nem por um instante, indigna dele. A minha primeira impressão dela foi um momento de revelação. Disse antes que, quando nesta vida a vi pela primeira vez contra o fundo romano, percebi que era, de uma forma estranha e não incriminatória, não particularmente moral, mas este aspeto do seu carácter só se tornou claro para mim algum tempo depois de a conhecer na minha vida romana e não se manifestou naquela manhã cinzenta quando veio em calor e luz à aldeia fria à sombra das montanhas.

Não me recordo quais eram os meus deveres quando cheguei à casa em Roma. Talvez estivesse demasiado atordoado pelas salas amplas e luminosas, a frescura da escadaria exterior olhando para o céu azul doloroso e o ar cintilante, para recordar a natureza das minhas primeiras responsabilidades. Tudo o que sei é que a promoção foi rápida. Não penso que a oposição fosse considerável. O lugar estava sobrelotado. Parecia-se com algumas das indústrias estatais contemporâneas por ser uma espécie de caridade não reconhecida.

A diferença era que os beneficiários eram, no geral, gratos. Clare, como Cressi, tinha alguma senioridade entre os que tinham as tarefas domésticas mais servis. Escapei à competição não muito energética dos meus colegas vociferantes e brigões quando Camillia me fez sua criada pessoal. Tomava conta das suas roupas e ajudava-a a vestir-se. Olhar para trás para esses dias é como recordar um abril perpétuo. Ajudá-la a vestir-se era a porta do céu.

Um dia, falando com ela em 1973 em Somerset, veio-me subitamente, agudamente, sem emoção e com a incisividade da verdade, que Camillia usava sobretudo roxo-escuro e verde-escuro. Era a sua combinação favorita de cores. Vi claramente que as ondas proeminentes de verde e roxo que vira desde 1964 em diante não eram apenas indicações de atividade psíquica ou da iminência de presenças, mas que havia uma inevitabilidade pessoal nelas. Vira-as durante anos porque ela as amara mais.

Fiquei satisfeito por, por meio deste súbito golpe de memória, ter explicado porque era assombrado por estas cores, mas Betty aguçou ainda mais a memória quando me perguntou se me lembrava de como, quando me pedia para escolher entre roupas que já não usava, eu invariavelmente selecionava as túnicas verde e roxa que ela própria preferia. Recordámos juntos como, mesmo quando adquiri dinheiro próprio, raramente comprava roupas novas, preferindo adaptar as que ela descartava. É incrível pensar que esta combinação de cores, que sempre considerei, e com razão, de grande significado oculto e filosófico, tivesse feito o seu primeiro impacto em mim quando me entregava a caprichos egocêntricos em frente de um espelho na Roma antiga.

Passei rapidamente de criada pessoal a chefe da casa. Apesar da minha vaidade algo infantil (nada me agradava mais do que sair com os

meus caracóis cuidadosamente arranjados, pingando de joias e os meus braceletes a tilintar), não era de modo algum estúpida. Tinha uma boa inteligência prática e era um juiz fiável de carácter. Tinha um faro infalível para os maus elementos e, como tal, era alguma proteção para a minha patroa.

Conseguia captar uma má atmosfera muito rapidamente, mas a minha interpretação dela degenerava frequentemente em superstição. Não tinha uma mente inquisitiva. Se a tivesse, talvez não tivesse tido uma devoção tão inabalável e consumidora pela minha senhora. Não tinha o mínimo interesse no abstrato nem compreensão de religião. Fingia interesse no culto de Mitra quando soube que a minha senhora se ocupava intensamente dele. Na minha primeira encarnação dualista, o único equipamento relevante era uma crença firme no poder do mal.

A minha rápida promoção não deixou de suscitar comentários. A líder dos descontentes era Blodena. Esta gaulesa de língua afiada e brigona era devotada a Cressi e considerava que esta fazia todo o trabalho da casa enquanto eu levava todo o crédito. Esta opinião baseava-se no facto de eu acabar por funcionar como governanta enquanto Blodena continuava ruidosamente e grosseiramente em ocupações mais servis. Kathleen, ao recordar a sua vida como Blodena, considera-me uma rapariga calculista que se insinuou em benefício próprio nas afeições da minha senhora. Ao fazê-lo, deixei o trabalho sujo para Cressi.

Esta atitude é completamente injustificada. Suponho que os criados mais velhos achavam difícil suportar que Camillia tivesse tal afeição por mim, mas ninguém podia acusá-la de ser demonstrativa na manifestação dela. O facto é que Cressi e aqueles dirigidos por ela tinham deveres diferentes dos meus, mas uma vez que Blodena metia uma ideia na cabeça, nada menos do que uma trepanação a conseguiria extirpar. Também tinha pouca paciência com a própria Camillia. Não conseguia aceitar que fosse bela e até hoje, como Kathleen, limita-se a descrevê-la como «bem-parecida à sua maneira, mas desmazelada».

Quando me tornei governanta, fazia todas as compras para a casa. Camillia dava-me o dinheiro necessário, que era sempre marcadamente superior ao que precisava, tanto mais porque, criada entre camponeses das montanhas, conseguia regatear os vendedores até abaixo dos preços de mercado. Quando regressava a casa após as compras, dizia a Camillia

com grande escrúpulo e cuidado o que comprara e quanto pagara. Entregava-lhe o troco, que ela recusava aceitar. Isto continuou durante algum tempo, ao fim do qual ela comprou-me uma caixa em forma de urna bastante larga. Disse-me que não precisava de me dar ao trabalho de contar o troco para ela, mas que podia pô-lo diretamente na caixa. Quando chegava a hora de a esvaziar, dizia-me que o dinheiro era meu. Pelo resto da minha vida continuou assim. Era a sua maneira de me fazer poupar. Mesmo ainda escrava, era bastante abastada quando morri.*

Embora tivesse dinheiro suficiente, não comprava roupas minhas. Importava-me intensamente usar o que pendurara no corpo dela. Pode interpretar-se como quiser. Sei que não havia o mínimo traço de homossexualidade na minha relação com ela. Confesso que, até hoje, a sugestão me repugna. Tinha por ela um tipo de amor impessoal e assexuado que, pelos padrões modernos, é inclassificável. Disse que, enquanto os meus atributos académicos e culturais eram nulos, tinha um sentido de atmosfera.

Penso que posso ir mais longe. Ela era mais do que bela e eu via nela uma espécie de harmonia total, um princípio vivo de beleza que estava para além do bem e do mal e que me persegue até hoje. Penso que tinha razão na minha atitude em relação a Camillia porque muitas pessoas, observando o seu modo de vida, podiam dizer que se comportava como se estivesse para além do bem e do mal.

Por vezes era um tormento para mim que ela recebesse tantos homens na ausência do marido. Às vezes ficavam por ali muito tempo durante o dia. Não havia nada de invulgar nisso porque vivíamos numa sociedade ociosa. As pessoas falavam durante horas. Mantinha os ouvidos abertos ao que diziam. Ao início eram discretos, mas depois continuavam as conversas na minha presença. (Eu estava mais ao serviço de Camillia do que os outros criados.)

A maioria deles percebia que, apesar da minha aparência excessivamente colorida, era uma pessoa responsável e me tornara a confidente da minha senhora. Era óbvio para mim que falavam da pertença a uma seita semi-secreta que proliferava em Roma nessa altura e que, no início da minha carreira, era no geral bem tolerada e não levada a sério pelas autoridades. Parecia-me que o que discutiam era não político. Era tudo o que me interessava porque odiava pensar na minha senhora

envolvida com as autoridades. O que discutiam estava na maior parte acima da minha cabeça e eu tinha pouco uso para isso. Aguçava os ouvidos quando falavam de luz e trevas porque tinha medo à noite e particularmente dos espíritos malignos que andavam então. Os meus dons percetivos degeneravam em superstição. Quando passavam da luz e das trevas para a necessidade de autopurificação, eu não me interessava. Mencionavam nomes de demasiados filósofos. Não compreendia porque a minha senhora, tão bela reclinada no divã com a cabeça na mão, se reduzia a discutir assuntos tão aborrecidos. Nos meus primeiros anos com ela, temas como o culto de Mitra eram para mim de importância secundária.

Nem todos os homens que vinham vê-la eram pensadores e filósofos. Alguns eram homens da sociedade. Fingiam interesse em filosofia para se qualificarem para a sua companhia. Ela era a principal anfitriã nesse bairro e uma das mais procuradas em toda Roma. Atraiu pessoas pela sua beleza e por um brilho particular que parecia emanar dela. Para uma pessoa hospitaleira, falava e sorria muito pouco. Penso que concentrava as suas energias em juntar outras pessoas e em estimulá-las a falar pelo magnetismo do seu próprio silêncio recetivo.

Entre os seus visitantes masculinos havia um terceiro grupo que me interessava mais do que os outros e que, ao início, despertava o meu ódio. Eram pessoas assustadas por alguma preocupação secreta, ou nem tão secreta, uma esposa doente, um filho desviado ou o facto de estarem traídos no amor. Às vezes era visitada por homens que tinham passado o auge e estavam a afundar-se numa melancolia inevitável. Eram os membros sombrios e angustiados deste terceiro grupo que ficavam até tarde. Parecia-me que era porque não tinham para onde ir, ou que as casas a que regressavam eram sem conforto, frias ou saturadas de miséria. Ao início tinha pena dessas pessoas, mas chegou o dia em que se tornou óbvio para mim que por vezes um ou dois deles passavam a noite com ela.

Não vale a pena deter-me na agonia que senti quando fiz esta descoberta. Há dor suficiente numa única vida sem revolver as brasas de velhos ódios e fúrias sentidas em encarnações anteriores. O extraordinário é que recuperei tão rapidamente. Aqui estava o único e exclusivo amor da minha vida e descobrira que ela podia passar a noite com um falso masculino esfarrapado quando, se precisasse, tinha toda

Roma à escolha. (Não me dizia a mim própria que, se ela fizesse a sua escolha em toda a cidade, eu o teria tomado igualmente mal.) Mas não posso dizer que a minha agonia durasse mais do que alguns dias. Claro que desejava mortos os seus amantes, mas havia nela algo que desarmava a crítica. Embora tivesse partilhado a cama com eles, embora os tivesse talvez convidado, de algum modo estava imaculada por isso, não era da sua responsabilidade. O extraordinário era que, quando descobri as suas infidelidades pela primeira vez, ela não fez qualquer tentativa para as explicar. Apenas me perguntou se guardaria o seu segredo. Nunca jogou com os meus sentimentos.

Olhou-me absolutamente intensamente. Ainda consigo ver e sentir a fixidez dos seus olhos e a imobilidade sem sorriso das suas feições em nada rígidas. Nunca me disse que me amava. Nem sequer estava implícito no seu olhar. Olhava através da minha alma e para além dela. Disse que guardaria o seu segredo. Quando disse que não queria magoar o marido, soube que isto devia ter sido dito milhões de vezes na história de Roma. Esta, a mais velha manobra do mundo, eximia-a aos meus olhos e, acredite ou não, perdoei-lhe tudo. Porquê? Porque nunca me ocorreu que pudesse amar outra pessoa de qualquer idade ou sexo da mesma forma que amava Camillia.

O meu foi um dos raros casos de um amor único que durou uma vida inteira. Imagino que no nosso primeiro encontro houve um contacto psíquico intenso entre nós. Não consigo explicar de outra forma como pude ser ao longo da minha vida tão inabalável e tão totalmente absorvido numa única reação. Talvez eu estivesse no meu melhor na minha encarnação anterior como mulher. Talvez seja simplesmente que só uma mulher pode amar desta forma.

Porque sabia que guardaria o seu segredo, começou a falar-me mais livremente. Quando reagi mal a uma aparição trémula que partilhava a cama dela, disse que era o único meio que conhecia para diminuir a angústia dele. É fácil dizer que acreditei nela porque estava apaixonada. Não penso que seja verdade. Acredito que mesmo nesse momento, muito doloroso para mim, havia em mim um núcleo de sabedoria camponesa que sabia que algum tipo de contacto físico era a única forma de aliviar as agonias daqueles que repetiam na velhice o que tinham experimentado quando as mães passavam a mão na testa durante horas de febre.

Muito cedo na sua peregrinação concentrada até mim no final do verão e início do outono de 1973, Betty levantou a questão da sua vida íntima na casa em Roma. Nesta vida não senti dor quando ela falou do que outros chamariam as suas infidelidades matrimoniais. Isto não foi só porque introduziu o tema de forma tão subtil, permitindo-me ver de modo quase impessoal como as partes se encaixavam perfeitamente no padrão, mas também porque fora preparada para tais revelações por pensamentos que atravessaram a minha mente na última década e que agora sei terem sido implantados por Braida e Guilhabert de Castres e que Betty agora me recordaria no curso das suas visitas em 1973.

Se não era doloroso, era estranho e comovente ouvir da revenant Betty os detalhes da sua vida como Camillia. Um dia, quando falava do meu amor por joias, houve uma súbita quietude na minha mente e deixei de ouvir o que ela dizia. Era estranho sentir este vazio na presença de quem amara tanto numa vida passada e que viera do outro mundo falar comigo. Sabia que, nesse momento, olhava para trás para a sua vida com os amantes, e que o vazio no meu cérebro era imposto pela minha relutância em falar disso.

Quando pensava nela como fora nesta vida, era como uma mulher tranquila, modesta, de classe média, desolada pela perda do marido, ou como uma escolar estiolada com olhos candorosos, boca larga e não especialmente bonita. Era um exercício mental incómodo passar desta imagem para a de uma versão onírica de uma senhora romana de virtude fácil. Ela facilitou-me dizendo que o que tinha a dizer remontava a algo que eu escrevera três anos antes sobre uma rapariga chamada Julia que dormira com um excluído para o convencer de que não era homossexual.

Compreendi nesse momento que as suas atividades na encarnação romana haviam sido motivadas por compaixão, mas fiquei confusa com o que me disse. Era incapaz de perceber que, no que fora em Roma, não diferia em nada da rapariga de quem as suas amigas da escola Clare e Kathleen disseram que mesmo na adolescência parecia fluir paz dela.

Pode parecer estranho, mas muitas vezes, quando falava com Betty, era levado para outro lugar pelos meus próprios pensamentos. Demorei algum tempo a perceber que isto era outra forma de dizer que ela me levava a outras cenas e temas para me impedir de pensar nela de forma demasiado pessoal. Desejava tornar o processo de recordação o mais

indolor possível. Sofrera o suficiente naqueles poucos dias em Roma quando ficava acordado no escuro sabendo que ela estava entrelaçada com outro. Foi desta forma que pensei subitamente nas mulheres do templo hindus que davam paz aos homens por certas técnicas no amor. Refletira sobre este tema em várias ocasiões nos últimos anos. Suponho que era inevitável porque a função da psique se tornara tão importante na minha abordagem à psiquiatria que não podia deixar de considerar as possibilidades psíquicas e transcendentais do amor físico.

Depois, falando com Betty, recordei como uma mulher amável e casta, sem conhecimento de religiões orientais, falara subitamente e abruptamente de passividade no amor e descrevera o sexo como o conhecemos como uma forma de violência. Betty disse-me que esta mulher tivera, nesta vida, nenhuma experiência prática do que discutia, mas tivera duas encarnações orientais nas suas últimas cinco vidas. Numa fora sacerdote budista e na outra «algo não exatamente como um sacerdote numa encarnação hindu».

Em ambas fora homem. Não pude deixar de recordar que uma vez, quando fui saudado por esta mulher, passei por ela sem a reconhecer, nas feições do jovem indiano bonito sobrepostas às suas, a mulher bem conhecida por mim.

Aqui está a tradução do texto para **português europeu**, adaptada à norma ortográfica em vigor em Portugal (Acordo Ortográfico de 1990, com aplicação plena desde 2009/2016). Mantive o tom literário, introspetivo e filosófico do original, com linguagem natural e fluida em PT-EU.

Notei que, sempre que falava com Betty acerca dos seus amantes, a nossa conversa era sempre precedida por uma discussão sobre o toque com Braida e Graham, aparecendo Betty apenas quando o fluxo da conversa já estava bem estabelecido. Inicialmente, não fazia ideia de que este assunto estivesse particularmente relacionado com Betty. Pensava que, tal como para todos os revenants, o tema do toque tinha uma importância especial para ela. Só mais tarde percebi que Braida e Graham estavam a envolver as intimidades da vida de Betty em referências gerais ao assunto do toque. Tive de me saturar na contemplação desta questão para criar um fundo adequado à devida consideração das chamadas infidelidades de Betty na sua encarnação romana. Mesmo no início das

nossas discussões sobre estes assuntos, consegui perguntar-lhe se, nas suas relações amorosas nos dias romanos, procurava alguma intenção filosófica para além da paixão. Quando lhe perguntei se esperava matar o desejo ao exprimi-lo, respondeu afirmativamente, mas era óbvio que a minha era uma simplificação grosseira e que tinha muito mais a dizer.

Com suavidade, à medida que o tempo passava, insistiu cada vez mais em falar dos seus interesses filosóficos em relação ao toque e à experiência sexual. Nessa altura, visitava-me com frequência porque eu tinha particular necessidade dela, mas, em geral, vinha ver-me menos do que os outros porque estava a estudar filosofia com o meu amigo falecido, Simon. Ela e ele estavam mais interessados na filosofia transcendental de Guilhabert de Castres. Era estranho que isto estivesse ligado às intimidades físicas da sua encarnação romana.

Disse-lhe que achava estranho nunca ter manifestado qualquer interesse pela filosofia até ao fim da sua vida no século XX. Nos últimos meses antes da morte, todo o seu passado cátaro lhe regressara e recordara os princípios básicos da filosofia que então praticara. Não um renascimento completo, mas por vezes uma espécie de renascença começa antes do ato de morrer. Foi assim com Betty. Nas últimas semanas que lhe restaram em 1972, ponderou mais sobre o propósito e o significado da existência do que em toda a sua vida.

Não tinha consciência, até depois da morte, dos detalhes da sua encarnação romana, mas agora, nas visitas que me fazia, desejava que eu compreendesse algo da vida que levara naqueles dias e como as suas ações — que me deviam ter parecido inexplicáveis e por vezes dolorosas — estavam enfiadas no fio de um propósito filosófico, embora, enquanto viva em Roma, nunca tivesse conseguido exprimir em palavras ou sequer em pensamentos conscientes este motivo de destruir o desejo ao alterar o seu curso e a sua natureza.

Betty tentou educar-me mais pelos factos do que pela persuasão. Confiava mais no seu registo ao longo das cinco encarnações do que em qualquer reação numa única vida. Contou-me os principais motivos que uniam as suas cinco vidas num dia de inverno suave, enquanto caminhávamos pelo campo. Nos dias anteriores, Graham, Braida e Guilhabert de Castres tinham estado preocupados com o toque em relação à experiência sexual e como seu substituto. O casamento

idealmente feliz de Annette e Guy nunca fora consumado. Ao deitarem-se juntos com os corpos em contacto, conseguiam sair do tempo e perder todo o sentido das suas identidades separadas. Era uma forma pela qual o corpo, auxiliado pela psique, podia alcançar uma sensação da sua própria dissolução. Betty disse que, numa experiência como a de Annette e Guy, os primeiros sentimentos despertados eram talvez eróticos, mas a indução ativa da união psíquica não tinha, em sentido algum, caráter sexual.

Caminhando pelo campo silencioso à hora do pôr do sol, com as últimas gralhas a voarem para as plantações escuras, sabia que Betty tinha mais qualquer coisa para me dizer e que se tratava de uma comunicação íntima. Simplesmente não estava ansioso por ouvir dela algo de natureza física. O que sentia por ela era literalmente fora deste mundo. Seria lógico desejar ouvir os factos da vida, ou qualquer embelezamento ou distorção deles, de uma mulher que nunca conhecera nesta vida e que vinha ter comigo como uma bênção quando eu estava deprimido e cansado?

Disse-me que nunca, nas suas cinco vidas, sentira o ardor da paixão sexual. Na sua encarnação romana, deitava-se com os doentes e os desanimados tal como Annette se deitara com Guy. Acalmava-os e por vezes curava-os pelo contacto imóvel do seu corpo. Quando havia maior intimidade, era acompanhada de imobilidade. Se aqueles a quem confortava insistissem na turbulência da paixão física, deixava de os receber.

Perguntei-lhe se o que fizera em Roma era análogo ao que era praticado em comunidades hindus pelas mulheres dos templos e a certos rituais do budismo tântrico. Concordou, mas não mostrou grande interesse por essas práticas orientais. O que mais a preocupava era que o que praticara fazia parte do conceito trovadoresco de amor. Este, no seu mais elevado desenvolvimento, era completamente incorpório, uma espécie de devoção mística a um Espírito Santo feminino. Apenas uma pequena proporção dos trovadores era capaz de tal refinamento.

A base do seu conceito de amor era que o contacto físico devia ser mínimo, que o amor se devia manter pela tensão do seu próprio anseio e que, quando a dama concedia os seus favores, o fazia aos poucos e ao longo de muito tempo. Os processos envolvidos não tinham relação com a sublimação. Foi fascinante saber, por revelação direta, que uma das

práticas mais raras dos trovadores era a cópula passiva e prolongada descrita por Camillia.

Fiquei espantado quando falou assim dos trovadores. O que disse era idêntico às opiniões que eu próprio exprimira verbalmente e por escrito durante vários anos. Anos antes, antes de o fluxo de impressões começar a chegar-me diretamente do passado, escrevera um romance intitulado *The Gibbet and the Cross*. Na altura, já conhecera Mrs. Smith, retratada em *The Cathars and Reincarnation*. Adquirira algum conhecimento do catarismo e da civilização medieval do Languedoque, mas isso não se estendia ao conhecimento das técnicas amorosas praticadas pelos trovadores. No entanto, nesse romance, descrevi uma mulher a conceder favores aos poucos a um jovem que retratei como trovador.

Ainda mais impressionante era o facto de a dama no meu romance se chamar Berenice, o meu próprio nome na encarnação romana. Quando escrevia este romance, tinha as minhas primeiras experiências das faixas verde-escuras e púrpuras produzidas pelo toque de Betty e Guilhabert de Castres. No mesmo livro, atribuí à heroína atributos manifestados por Annette como Aurélia na sua encarnação celta, assim como antecipei os danos causados ao tornozelo esquerdo desta última na Cúmbria celta.

Betty salientou que, desde a sua encarnação romana, tivera pouca experiência da carne. Na encarnação celta, fora sacerdotisa, mas nunca vivera com um homem, embora nessa época isso fosse permitido. Na encarnação cátara, a sua vida sexual foi mínima. Casara e tivera três filhos. Ela e o marido não eram feitos um para o outro. A sua passividade durante o ato sexual levou-o a procurar pastagens mais animadas. Aos vinte e poucos anos, dedicara-se ao catarismo. Quando se tornou Perfeita antes dos trinta anos, separou-se do marido durante alguns anos. Com a sua partida, a sua vida sexual terminou. Nunca deixou de se interessar pelo bem-estar dos filhos, um dos quais, Pierre de Mazerolles, era um canalha avarento. Nunca conseguiu desligar-se dele. Passou toda a vida magoada e envergonhada pela falta de virtude dele. Na encarnação napoleónica, regressou como homem e permaneceu casto e solteiro toda a vida.

Com o seu registo sexual anterior tão mínimo, parecia, de certa forma, um retrocesso o facto de ter casado nesta vida. Não teve filhos. A suposição razoável era que se submetera ao marido porque isso lhe era exigido. Fiquei espantado ao saber dela que, mais uma vez, no século XX,

regressara, na sua vida de casada, ao amor passivo que praticara na encarnação romana.

Foi interessante contemplar o salto súbito da aparente promiscuidade de Betty nos dias romanos para a sua vida dedicada e assexuada como sacerdotisa celta. Certamente procurava algo inexprimível e para além do corpo na casa em Roma que sempre imagino silenciosa, com o seu jardim mudo no calor entorpecente. O seu local era algures perto da Villa Borghese, mas Betty não respondeu quando lho perguntei. No entanto, a sua carreira em Roma parecia uma base frágil e perversa para uma sucessão de vidas em que os aspetos meditativos pareciam predominar, certamente em relação aos impulsos físicos básicos. Não saltei sobre a sua transformação, da sofisticada dama romana para a sacerdotisa celta a olhar sobre o lago de Bassenthwaite, como uma manifestação do karma. Esta doutrina não desempenha qualquer papel no dualismo. No nosso grupo de dualistas reencarnantes, o destino não é tão informatizado. Parece que o nosso propósito básico é que cada um de nós deve desenvolver plenamente o impulso criativo predominante na sua constituição.

O que me interessava na carreira de Betty ao longo das suas cinco vidas era o seu curso em ziguezague. Certamente o traço filosófico esteve presente em todas, revelando-se mesmo mais tarde na encarnação napoleónica, mas entrelaçava-se com as suas responsabilidades matrimoniais nas encarnações cátara e do século XX. Isto não pode ser atribuído a uma submissão alternada à carne no meio das suas evoluções filosóficas. Com ela, nunca houve qualquer questão de batalhas entre a carne e o espírito. Simplesmente não era feita dessa maneira. A sua gentileza e timidez eram naturais, não impostas pela repressão.

Ao longo de todas as suas encarnações conhecidas, o sexo nunca foi mais do que um instrumento de uma intenção filosófica. Nunca tentou justificar-se. Não tinha culpa pelo passado. Disse-me que um dia, quando o seu marido do século XX formou uma ligação inocente com outra mulher, ficou completamente imperturbada. Percebeu que não havia questão de esperar pelo seu regresso porque, na verdade, nunca o perdera. Afinal, acrescentou, ele fora seu marido na encarnação romana. Também não o podia culpar, porque ela própria tivera outros afetos na sua vida em Roma.

Contei-lhe a sensação peculiar de punhalada que sentira recentemente no plexo solar, indefinível e que nunca experimentara antes. Não era como o pungir de comunicação que por vezes sentia quando estabelecia contacto psíquico com outro. Vinha acompanhada de um sentimento de intenso anseio. Sabia que ela aceitava que havia um vínculo especial entre nós, mas fiquei espantado quando disse que este novo sentimento se devia ao meu crescente reconhecimento do apego por ela. Riu-se comigo com a ideia de que eu me estava a apaixonar por um espectro.

Disse que eu estava simplesmente a reviver os sentimentos que tivera por ela na minha encarnação romana. Já disse antes que, por vezes, juntando superstição camponesa a uma perceção genuína de atmosferas, temia que espíritos malignos me perseguissem à noite. Quando os horrores eram particularmente fortes, ela tomava-me no seu leito e envolvia-me nos braços. Por vezes beijava-me, mas raramente. Em resumo, cuidava de mim da mesma forma que cuidava dos outros feridos, embora não haja dúvida do seu afeto por mim.

Disse-lhe que, no mundo moderno, havia quem considerasse a nossa relação romana como tingida de homossexualidade. Respondeu que isso estava de acordo com o pensamento contemporâneo e era manifestamente idiota. Percebia que estava a oferecer provas que podiam ser usadas contra ela pelos psiquiatras contemporâneos de cérebros mecanizados ao admitir que, no fundo, preferira o seu próprio sexo nos dias romanos, mas isso devia-se à maior capacidade deles de intuição e compaixão. Se, como Camillia, por vezes sentia certo desdém pelos homens, era apenas porque recuava perante a agressão e a vontade dominadora expressas pelo ego masculino. Esta atitude refletia-se fisicamente na sua recusa em se entregar às manifestações, para ela, violentas da paixão sexual.

Disse-me que os abraços que trocáramos eram inesquecíveis para mim porque, através deles, eu fora levado, como Annette e Guy nesta vida, como os seus chamados amantes na encarnação romana, a um mundo de harmonia e de anulação do eu. Acrescentou que a punhalada de anseio que eu sentia no plexo solar era uma sensação especialmente adaptada à minha natureza. Tinha uma função curativa. Pelo que induzia em mim, podia trazer maior conforto aos outros que eu tocasse.

Camillia nunca me disse que me amava. Reservou a expressão do seu afeto para depois da morte no século XX. Em Roma, simplesmente não era feita dessa maneira. Não era por qualquer inibição da sua parte, mas porque considerava o amor como uma emanação. Ou se sentia ou não se sentia. Uma ou duas vezes, impulsivamente, nos meus primeiros dias como escravo, disse-lhe o que sentia por ela. Não é surpreendente. Deve lembrar-se que eu tinha apenas dezasseis anos quando entrei ao seu serviço e o meu apego por ela começou no primeiro dia em que a vi. Não me repeliu, apenas me acariciou a testa. Os outros membros da casa não viram nada de patológico na nossa relação, por mais que uma fação liderada por Blodena a ressentisse e me considerasse uma interesseira calculista que usara a sua inteligência aguçada e o seu modo sedutor para saltar a fila das promoções.

Durante a minha vida com Camillia, afastei da mente o pensamento de que os outros membros da casa pudessem estar cientes das suas infidelidades técnicas. Estas eram mais conhecidas do que eu imaginara. Kathleen diz-me que se lembra de como, enquanto Blodena, não hesitava em dar, a um círculo escolhido, a sua opinião sobre a moral de Camillia. O facto de ela não concordar que Camillia fosse bela afeta-me mais do que qualquer crítica ao seu caráter. Kathleen concede que era impressionante, mas o adjetivo «desmazelada» fere-me a sensibilidade. Suponho que faz parte da minha convicção de que a beleza representa uma imagem de harmonia para além do bem e do mal.

Betty contou-me que, enquanto na encarnação romana, com a sua adesão ao culto de Mitra, se iniciara o seu interesse pela filosofia, nunca nesses dias praticara qualquer forma de meditação. Disse que o fizera durante muitas horas seguidas como sacerdotisa celta, contemplando o lago de Bassenthwaite. Fizera-o sentada e sem adotar qualquer postura especial. Era claro que a sua filosofia e a meditação que praticava estavam enraizadas nas suas origens europeias e não derivadas de fontes orientais. Acrescentou o item fascinante de que, entre os dualistas, era habitual a experiência de meditação se concentrar numa única encarnação.

De tempos a tempos, desde o outono de 1973 até bem entrado em 1974, os revenants estiveram particularmente preocupados com a função das joias. Já me tinha recuperado do choque de descobrir que ascetas como Guilhabert de Castres tivessem tais interesses, pois percebi que a sua preocupação com este assunto estava relacionada com considerações

cósmicas como a criação da vida e a natureza da cura. Quando Betty e, em menor grau, Graham voltaram a discutir comigo as propriedades das diferentes joias, soube que estávamos perante assuntos científicos e filosóficos e não com trivialidades de adorno pessoal. No entanto, face à minha visão repetida de uma ametista, persistia obstinadamente na crença de que alguma joia ou joias tinham, na encarnação romana, um significado pessoal para mim. Fiquei, por isso, muito feliz quando, ao comunicar esta crença a Betty, ela me disse que, na minha vida em Roma, a deixava feliz ver-me adornado com as suas joias.

Quando me contou que com frequência me oferecia as suas joias, pedi-lhe que parasse enquanto lhe descrevia três exemplos que acabavam de me ser projetados no ecrã da consciência. Um era um círculo de prata com uma cruz de Santo André no interior. A cruz estava destacada com pedras azul-escuras. Betty disse-me que eu estava certo e que as pedras eram, de facto, safiras. Como, nas semanas recentes, a cruz de Santo André me aparecera tão frequentemente, perguntei a Betty se me dera este presente por alguma razão particular. Respondeu que não e disse que mo dera simplesmente porque eu gostava. Afirmou que eu o recordava no presente devido ao amor que existira entre nós.

Outro presente de que me lembrava era uma suástica numa corrente de prata. Betty recordou-me que a suástica tinha apenas três pernas. Eu próprio não me lembrava deste detalhe. Quando falou deste objeto particular, recordei a pedra do Triskele com a suástica de três pernas na igreja de Isel. Pelo que sei, ninguém explicou o desenho desta pedra nem determinou com precisão a sua data.

Recordei também o presente trazido a Camillia de Alexandria por Graham. Na sua encarnação romana, ele fora um distinto advogado e partilhara os interesses filosóficos dela. Enquanto em Alexandria, estudara numa escola que perpetuava os ensinamentos dos Terapeutas, que, séculos antes, praticavam um sistema verdadeiramente psicossomático de medicina. Na nossa era, este termo é mal aplicado e usado de forma vaga para exprimir a influência geral de conflitos emocionais em sintomas físicos ou aparentemente físicos. A verdadeira interpretação de psicossomático implica a influência direta da alma na indução de doenças físicas. Graham estava particularmente ansioso por obter esta joia para Camillia porque a saúde dela era indiferente. Não sofria de nenhuma condição reconhecível, mas cansava-se facilmente e muitas vezes

descansava à tarde. Não se tratava de uma manifestação educada de neurose exibida por um membro das classes altas romanas. Era simplesmente que ela era um tipo percetivo e emanava para além da sua capacidade.

Vi a pedra com toda a clareza em todos os seus detalhes enquanto Betty falava comigo. Era uma cruz de prata de braços iguais com safiras azul-escuras engastadas em cada braço. Mais uma vez, estava suspensa numa corrente. Não sei porquê, mas Camillia nunca me deu nada além de pendentes, exceto a fina pulseira de prata. Esta era obrigatória como insígnia do meu estatuto de escravo. Não tenho recordação de ter recebido um anel ou qualquer outra variedade de joia dela e a própria Betty confirma que assim foi.

Graham esperava que a cruz de braços iguais com as safiras ajudasse a eliminar o cansaço de Camillia. Nas minhas muitas entrevistas com os revenants, mas especialmente nas que conversei com Guilhabert de Castres, Graham e Braida, ficou claro que acreditavam no poder curativo das joias. Viam a luz nelas ou refletida por elas como substituto das radiações e cores naturais da terra. Para os suscetíveis às suas vibrações, atuavam como baterias de armazenamento para os raios benéficos do cosmos. Por exemplo, o âmbar no outono era animador para os melancólicos. Restaurava-lhes as radiações mais ricas do sol de meados do verão.

Graham deu-se a infinitos trabalhos para conseguir o ornamento certo para Camillia. Lamento que o seu efeito tenha sido insignificante.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Em todas as revelações que recebi durante os últimos dois ou três anos, houve vários temas contínuos mas entrelaçados a apresentarem-se ao mesmo tempo. Por vezes, foi um problema doloroso registar experiências em que três ou quatro assuntos relacionados mas claramente delimitados foram discutidos numa única entrevista com os revenants. O meu progresso da ignorância para talvez um pouco de conhecimento assemelha-se ao crescimento de uma sebe densa em que os ramos entrelaçados da bryonia *(uva-de-cão),* da convolvolus *(trepadeira-de-cerca)* e da alegria-do-viajante são inseparáveis uns dos

outros. Chegou um momento em que o tema do culto de Mitra predominou. Os meus informantes foram principalmente Betty e Braida. Isto é muito importante porque tem sido frequentemente alegado contra o culto de Mitra que era uma religião exclusivamente masculina.

Todos os que regressaram do mundo dos mortos disseram-nos que, na nossa encarnação romana, pertenciam ou estavam envolvidos no culto de Mitra. Este estava bem estabelecido no Império Romano e talvez particularmente nos dias do seu declínio. Era dualista no sentido de acreditar que havia duas forças principais ativas de bem e mal no universo e que a batalha entre elas no coração do homem era um reflexo em pequena escala da luta entre luz e trevas no cosmos. A reencarnação era também um dos seus princípios básicos. Diz-se que nos últimos anos do Império o culto era forte no exército entre oficiais e soldados que viviam austeramente e eticamente, possivelmente com a esperança de que assim ajudariam a travar o declínio final.

O culto de Mitra tem sido criticado pelas alegações de que era exclusivamente masculino e se entregava a sacrifícios de animais. O que aprendi com Braida, Betty e os outros refutou firmemente estas convicções arraigadas. Descrevendo a sua vida como Camillia, Betty disse que a ideia de que as mulheres desempenhavam um papel menor, ou nenhum, no culto era um disparate. Ela própria era devota e a sua casa era um local secreto de reunião para os crentes. Os anos que passei ao seu serviço coincidiram com a rápida expansão do cristianismo e da sua influência política. Na época de que falo, o culto de Mitra era olhado com grande veneno pelos cristãos. Mitra nascera à meia-noite de 24/25 de dezembro. Assumia-se, portanto, que os praticantes do culto tinham roubado o aniversário de Cristo.

O facto de Mitra ter nascido séculos antes parecia irrelevante. Os cristãos acusavam os seguidores de Mitra de também terem apropriado a Eucaristia. A simples refeição de pão e vinho era comum no culto antes do nascimento de Cristo. O cristianismo era, na minha vida, a religião oficial do Império Romano. Os cristãos podiam, por isso, lançar estas acusações com irrelevância palpitante. Inicialmente, as autoridades seculares não tomaram medidas e os cristãos tiveram de se contentar com algumas pancadarias privadas, uma dieta insuficiente para tal bando de fanáticos. As autoridades romanas não estavam ativamente interessadas nas numerosas religiões praticadas em Roma a menos que pudessem ser

provadas como subversivas. Sob a influência dos cristãos, esta tradição de tolerância foi rapidamente erodida.

Betty disse-me que a ideia errónea de que o mitraísmo era só para homens surgiu do facto de que, na maior parte, homens e mulheres adoravam separadamente. Seis representantes cuidadosamente escolhidos de cada sexo reuniam-se duas vezes por ano, a 21 de março e a 21 de setembro, para serviços especiais. Esta associação com os equinócios caracteriza muitas formas de dualismo. Na Igreja Celta antes da sua romanização, observavam-se os mesmos rituais de primavera e outono. Nos últimos meses de 1973, quando ouvíamos muito sobre o culto de Mitra, o Sr. Mills, trajado como Bertrand Marty, recordou como na sua encarnação celta ele e eu visitávamos regularmente juntos o cume de Skiddaw ao amanhecer nas datas acima mencionadas, e que ficávamos lá até o sol descer para o Solway. Esta preocupação com certas datas no calendário tem sido sempre uma característica do dualismo e manifesta-se até hoje.

Nunca acreditei que, pelo menos nos seus dias posteriores, o culto tivesse praticado o sacrifício de animais. Aceitei que a matança do touro, considerada o centro do ritual mitraico, era uma alegoria para o controlo da agressão brutal inseguramente trancada na nossa personalidade. Foi fascinante ouvir a versão de Braida sobre os sacrifícios de animais. Ela própria servira no exército romano e alcançara um posto menor de oficial. Fora casada com dois filhos e estivera estacionada durante alguns anos em Autun. É extraordinário como, nas minhas vagabundagens de férias, visitei e fiquei regularmente em lugares que, embora não o soubesse na altura, me eram familiares ou a outros membros do grupo em encarnações anteriores. Recordo com grande afeto a minha noite e dia em Autun. É desnecessário dizer que os vestígios romanos significavam mais para mim do que qualquer outra coisa na cidade.

Braida disse-me que no seu tempo não havia sacrifícios de animais exceto de galos que por vezes eram decapitados. O facto de a ave continuar a andar depois de perder a cabeça era tomado como representação da energia diretiva separada da psique. Falei também com Braida sobre o Imperador Juliano, o Apóstata. Ele era favorável ao culto de Mitra e também viciado no exame de entranhas de animais. Esta ocupação tem sido sempre explicada como evidência do desejo de Juliano de ver o futuro. Aparentemente, era uma má interpretação das suas

intenções. Ele procurava o ponto em que a alma entrava no corpo. Braida comentou que o Imperador tinha ideias sólidas mas, quanto à sua verificação, "muitas vezes ia pelo caminho errado". Se a sua descrição da preocupação de Juliano parece forçada, só posso registar que, como estudante de medicina, os nossos manuais ainda afirmavam que a glândula pineal era um órgão vestigial sem importância — uma visão quase certamente errada — e que fora considerada pelos antigos como o ponto em que a alma entrava no corpo.

Através de Betty, Graham e Braida, aprendi muito sobre o culto de Mitra na nossa encarnação romana. Sempre entendera que os manuscritos mitraicos tinham sido completamente destruídos durante a perseguição. Perguntei-me se algum ensinamento inequivocamente mitraico ainda poderia ser encontrado. Annette telefonou do Canadá para dizer que Braida a visitara na véspera e passara a palavra "veda". Perguntei-me se isto significava que havia analogias aos ensinamentos mitraicos em certas escrituras hindus, mas deixo isso aos eruditos para comentarem. O que era mais positivo era que, estimulado pela presença de Graham, vi a celebração de uma Comunhão mitraica.

Isto envolvia os comunicantes sentados em bancos longos e baixos diante de uma mesa ainda mais baixa. Sobre a mesa havia uma laje plana de pão, um jarro de vinho e um jarro de lavagem. Esta simples Comunhão era celebrada duas vezes por ano nas épocas dos equinócios. A primeira celebração destinava-se a agradecer a Deus pela vinda da luz e do sol, e a segunda a preparar-se para a chegada do inverno. Graham foi tão enfático como Betty ao dizer que ambos os sexos assistiam a estas celebrações.

Graham visitava constantemente a casa de Camillia. O seu nome era Cornelius. Era um distinto advogado e devoto de Mitra. Não era, de forma alguma, um dos seus amantes, embora a admirasse grandemente. Outro visitante era um jovem chamado Claudius. Assim que Betty o descreveu, consegui pôr-lhe um nome. Meses antes, Annette dissera-me que o seu nome na encarnação romana era Claudia. Não tinha conhecimento de latim e não se apercebera de que Claudia era nome de rapariga e Claudius o seu equivalente masculino.

Betty descreveu Claudius como um jovem rico e culto especialmente interessado em ervas e plantas raras. Tinha um jardim onde cultivava todo o tipo de espécimes escolhidos. Nunca exerceu medicina — parece que

não precisava de trabalhar em nada —, mas distribuía aos amigos poções da sua própria confecção. Não há evidência de que algum do seu círculo tivesse sofrido mal com as suas ministrações. Igualmente, nada nos diz que tenham feito muito bem. O seu interesse especial em ervas curativas é significativo porque, quando regressou a este mundo na sua encarnação celta, Annette desabrochou como uma curandeira competente de opiniões independentes.

Betty, com Braida e Graham presentes, recordou-me algo que eu esquecera e que recordei de novo quando eles levantaram a questão. Como jovem, Claudius apaixonou-se loucamente por mim. Talvez fosse cativado pelos meus caracóis, que não eram da moda mas algo da minha própria confecção. Eu era alguns anos mais velho do que ele. Não correspondi de todo. Nem sequer me senti lisonjeado por ele prestar atenção a um escravo.

As intenções dele eram suficientemente sinceras. Não havia qualquer questão de ele desejar seduzir e desfrutar de uma rapariga bonita. Considerei todo o assunto ridículo e tratei-o com o maior desdém que me podia permitir arriscar. Ele ficou tão destroçado que não retomou durante anos as visitas à casa de Camillia, porque não suportava ser recordado da sua paixão frustrada. A minha atitude para com ele foi completamente insensível e considerei-o uma figura bizarra e até cómica. Se acreditasse no karma, diria que a desolação que senti quando Annette partiu para o Canadá restabeleceu o equilíbrio do meu antigo desprezo. Talvez, quando ela partiu para o Novo Mundo sem me ver, eu tenha revivido um pouco o que ela, como Claudius, sofrera na encarnação romana.

Algumas semanas depois de ter sabido por Betty e os outros da existência do jovem Claudius na encarnação romana, Annette forneceu-me mais detalhes da sua vida nessa época. As suas memórias eram completamente independentes das recordadas por Betty, por mim e pelos outros, pois eu não lhe contara nada sobre elas. A descrição que Annette fez de si mesma encaixava perfeitamente na atitude que eu exibira para com ela durante a minha vida como Berenice. Falando de si própria, foi breve e irónica. Disse: «Eu era um maricas horrível. Gastei uma fortuna a vestir-me e a tentar parecer bonito. Tinha sandálias muito extravagantes que se atavam com uma espécie de correia enrolada nos tornozelos. Não fazia grande coisa a não ser encharcar-me em perfume.»*

Esperava que Annette, devido ao seu interesse por plantas, se lembrasse de uma rosa vermelha que Betty recordava ter crescido no seu jardim. Parecia-me tratar-se da Rosa gallica, mais tarde chamada rosa dos boticários e usada em medicina. Infelizmente, Annette não me pôde fornecer qualquer descrição útil.

Claudius, que era rico e pertencia a uma classe privilegiada numa civilização ociosa, tinha outro álibi para a sua existência improdutiva. Durante a maior parte da vida sofreu ataques de dor abdominal aguda acompanhados de vómitos. Estes eram atribuídos a todo o tipo de infeções e humores. O tratamento aplicado nunca era eficaz. Geralmente duravam alguns dias, mas pioravam à medida que envelhecia.

No último trimestre de 1973 e ao longo do ano seguinte, Clare esteve sujeita a ataques em que o rosto se lhe congestionava e os olhos, primeiro distantes, acabavam por se fixar. Em alguns destes ataques perdia completamente o que habitualmente chamamos consciência e entrava num estado de consciência alterada em que gemia e choramingava enquanto revivia tragédias que lhe haviam acontecido e horrores que lhe haviam sido infligidos em encarnações anteriores. Quando revivia integralmente antigas dores e refletia as suas dores no corpo, a perda da consciência comum era total; noutras ocasiões, porém, limitava-se a escapar, sem grande sofrimento, para os seus antigos ambientes em encarnações anteriores, sem ficar inteiramente inconsciente.

Numa destas últimas episódios, viu o cenário de uma celebração mitraica e os objetos usados na sua realização. Falou de uma urna de forma semelhante a um vaso de flores que possuo. A urna tinha duas asas laterais. Havia um padrão de cabos entrelaçados que ia do topo da asa de um lado até ao fundo da asa do outro. O padrão entrelaçado era semelhante ao que descrevi nas nossas encarnações celta e cátara. Havia um padrão de folhas de videira colocadas perpendicularmente nas asas, mais ou menos como orelhas numa caveira. A urna era de cor verde-oliva acinzentada.

Uma sala na casa em Roma era reservada para as celebrações mitraicas, mas só era equipada para isso em ocasiões raras, de modo a evitar chamar a atenção das autoridades. As paredes eram de mármore esverdeado. A mesa e o pedestal que a sustentava numa extremidade da sala eram do mesmo material. Em ocasiões cerimoniais, uma pequena

estátua repousava sobre a mesa. Esta descansava num plinto quadrado com dois triângulos por cima. Estes encontravam-se nas suas pontas, produzindo um efeito semelhante a uma ampulheta. Dentro desta estrutura havia a figura de um jovem com dois raios a emanarem dos lados da cabeça.

À direita desta estátua estava a urna já descrita. Do lado esquerdo havia um círculo com um núcleo central e raios a saírem dele, produzindo o efeito de algo semelhante a uma margarida. Era quase idêntico ao que Clare e eu tínhamos visto em Torpenhow em 1973, quando Graham nos dissera para estarmos atentos à pedra mitraica. (Ver abaixo.)

Por trás da estátua havia um nicho branco numa parede. Continha a figura de uma rapariga com as mãos atrás da cabeça, os cotovelos parcialmente dobrados e segurando um diamante de ametista entre os dedos.

Todos os objetos acima mencionados eram usados apenas durante as reuniões. A sala era preparada pouco tempo antes do início das celebrações e os objetos descritos eram retirados o mais depressa possível. A figura da rapariga era removida do nicho, que era preenchido com um vaso de flores. Dos dois lados da sala havia bancos longos e baixos, abaixo dos quais havia outros semelhantes mas muito mais baixos, a não mais de um pé do chão. Estes últimos eram para as pessoas se ajoelharem.

Clare fez grande alarde de uma colher de ouro que era usada durante a cerimónia. Esta era mergulhada na urna, que continha algum tipo de poção, e colocada na testa de cada adorador. A ação tinha dupla função: fazia parte do ritual e era considerada de efeito curativo.

Clare recorda também um manuscrito com capa púrpura escura. Depois de ela o mencionar, recordei que na capa havia um círculo dourado a envolver um padrão de raios de sol da mesma cor. O nome do livro era algo como «meda». Certamente não era «veda», o nome captado por Annette a partir de Braida quando esta discutia manuscritos mitraicos perdidos.

Numa ocasião em que eu e Clare olhávamos para trás, para a sala em Roma, vi o mar a partir de uma escada exterior no lado esquerdo da casa, mas Clare insistiu que não era Roma, mas a casa em Óstia que pertencia a

Betty e onde também havia uma sala reservada ao culto de Mitra. Na sala de Óstia havia uma urna e um círculo como em Roma, mas não a estátua com a figura masculina.

Tanto em Roma como em Óstia, as nossas casas estavam liberalmente abastecidas com os deuses domésticos então em voga no Império. Era uma precaução para ocultar o facto de Camillia ser adepta de Mitra. O marido não partilhava as suas opiniões, mas apoiava-a nisto, como em tudo, devido ao amor que lhe tinha e à convicção de que tudo o que ela fazia estava certo. Era um daqueles indivíduos admiráveis e incolores que tendem a ser ignorados em companhia mais marcante. Coniviu com Camillia no esconderijo em Óstia de pessoas em dificuldades com as autoridades romanas e que esperavam fugir para a Gália.

Nesses dias, os navios partiam de Óstia nessa direção. Alguns destes apoiantes clandestinos de Mitra vinham de tão longe como a Grécia e o Levante e viam Camillia furtivamente. Clare e eu recordamos particularmente um homem loiro de pele clara, rosto pontiagudo, queixo particularmente pontudo, pequena barba triangular e olhos azuis claros. Destaca-se porque, embora viesse do Oriente, estava longe de ter aspeto levantino.

Todos estes anos foram um tempo de grande felicidade. Exceto as minhas primeiras agonias possessivas quando soube dos companheiros de cama de Camillia, não conheci dores maiores do que as inseparáveis das fricções de uma casa congestionada. É duro, mas típico e inevitável, que se tenha uma memória mais plena dos medos e misérias dos anos maus. O nosso período de agonia foi muito mais curto do que a longa primavera que nos envolveu antes de atrairmos a atenção dos cristãos.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Um dia, enquanto estava sentado com Clare, vi na parede oposta um simples padrão em forma de diamante que poderia ter sido encontrado numa casa de banho há cinquenta anos. Sabia agora que se tratava de um mosaico romano. Pouco depois apareceu Graham e falámos de assuntos absorventes e apaziguadores como a criação das plantas e de como cada uma tem uma espécie de alma. De repente, Clare entrou num estado que parecia um sono em pé. Estremeceu e contorceu-se e não respondeu às

minhas perguntas. Fiquei perturbado com este mutismo aterrorizante. Sabia, pela experiência passada, que ela estava a reviver alguma experiência devastadora. Os seus traços estavam mais aguçados e o rosto parecia encolhido. Não percebi que a sua expressão de agonia, o silêncio e as contorções que manifestava, como se se encolhesse reflexamente perante uma chuva de golpes, eram uma reprodução exata do que estava a reviver.

Quando Clare voltou a si e pôde falar, ocorreram dois outros fenómenos. Primeiro, eu próprio consegui fornecer boa parte do que ela sofrera, pois fora estimulado a recordar ao partilhar as suas agonias. Segundo, nesta fase Betty entrou em cena. Estava vestida com o seu roxo escuro celta. O cabelo, que lhe chegava aos ombros, estava frisado sob o pequeno barrete enrugado. Não conseguia compreender porque a via vestida com as roupas da sua encarnação celta quando já vira o mosaico romano e presumia que estávamos a tratar das nossas vidas no período romano.

Quando Clare recuperou a consciência, descreveu como revivera ser espancada por um grupo investigador não oficial composto por uma turba de cristãos inflamados por um padre fanático. Este assemelhava-se ao outro eclesiástico que, na encarnação celta, fora responsável por Clare ser atacada pela multidão em Loweswater e por Betty ser linchada à beira do lago de Bassenthwaite. Este segundo padre era outro homem de cabelo escuro e pele pálida, mas com feições mais cheias do que o seu homólogo celta e menos esquizóide. Estes guardiões cristãos da consciência pública já estavam convencidos de que a casa de Camillia era um centro do culto de Mitra.

O seu objetivo imediato era duplo: obter os nomes do maior número possível de adeptos e descobrir o que acontecia durante as cerimónias. Tinham um faro para a sujidade e a magia negra. Para eles, o secreto ou semi-secreto tinha necessariamente de ser orgiástico. Magia negra significava tudo o que estivesse fora do ocultismo do sacramento cristão. Acima de tudo, queriam saber se o culto de Mitra tinha alguma aspiração política e se podia ser descrito como subversivo.

Clare foi espancada sistematicamente e com deleite. Permaneceu obstinadamente silenciosa. Os seus perseguidores não conseguiram saber nomes de adeptos nem detalhes da cerimónia. Se quisesse, poderia ter

fornecido a informação desejada, pois ela própria assistira às reuniões. Tinha mais inteligência e era mais perspicaz do que eu e era capaz de um interesse positivo pelos procedimentos. Estava intensamente grata a Camillia por lhe ter permitido, sendo escrava, participar nas cerimónias. A ideia de eu o fazer nunca entrava em questão. Por mais que amasse Camillia, não estava disposto a aborrecer-me assistindo a reuniões ou discussões filosóficas. Isso era para os outros. Eu não precisava de competir com eles. De certa forma, tinha-a só para mim.

O silêncio fixo de Clare numa tarde de outono em Somerset em 1973 simbolizou admiravelmente o estoicismo mudo que mostrara dezasseis séculos antes. Quando recuperou a consciência na sua encarnação romana, conseguiu arrastar-se do quarto para onde fora arrastada e espancada. Desabou depois de se pôr de pé e dar alguns passos ao ar livre. Encontrei-a deitada na estrada e consegui, de algum modo, meio a apoiar, meio a arrastar, levá-la a Graham. Não me recordo dos detalhes da viagem. O que se destaca claramente é que, em nenhuma circunstância, a levaria de volta a Camillia. É típico de mim que o meu principal interesse fosse desviar qualquer suspeita da minha senhora.

Graham manteve-a na sua casa até ela estar em condições de regressar a Camillia. Não sei quanto tempo ficou com ele, mas foi, para ambos, o início de uma devoção que duraria a melhor parte de dois milénios. Nessa noite particular em Bath, em que recordou os seus sofrimentos, admitiu que, com o tempo, se afeiçoou a ele. Senti que havia mais do que isso. O certo é que, desde aqueles dias em Roma, ele sempre lhe mostrou afeto e a protegeu em todas as suas encarnações.

Ajudou a cuidar dela quando foi agredida pela multidão em Loweswater na encarnação celta. Na encarnação cátara, gostou muito dela, mesmo casado com Arsendis, agora reaparecida como Kathleen. Cuidou dela quando esteve em confinamento solitário em Portchester. Nesta vida, gostou dela e cuidou dela durante vinte anos, tendo o cuidado, nos seus últimos anos, de passar na companhia dela os dias em que sofrera particularmente na encarnação napoleónica.

Graham contou-nos que Clare foi espancada numa sala subterrânea, não em Roma propriamente dita, mas em Óstia, que na altura era costeira e um porto importante. Tanto Camillia como Graham tinham casas em Óstia, além de Roma. No início dos anos 60, Clare passou férias em Itália,

durante as quais visitou Óstia. Enquanto vagueava por um sítio escavado, viu uma abertura que levava a uma câmara subterrânea. Ficou interessada e entrou. Foi dominada por um sentimento de angústia indescritível e vomitou imediatamente. Não tenho dúvida de que tinha todas as razões para o fazer e de que estava a recordar, nessa ocasião, a agonia que sofrera naquela sala. Há uma diferença abissal entre o sismógrafo humano que regista com precisão e o histérico sugestionável.

- *Clare recordou que, em criança nesta vida, Annette conservara o seu amor pelos perfumes. Numa ocasião, com não mais de sete ou oito anos, comprou furtivamente vários frascos de perfume barato e borrifou Clare e a mãe com tal intensidade que, quando entraram no carro para regressar a casa, a atmosfera era insuportável.*

Perguntei a Betty por que razão aparecera vestida como sacerdotisa celta quando teria sido mais adequado usar um vestido romano. Respondeu que se vestira assim para se identificar com Clare nos seus sofrimentos e para lhe recordar que ela própria também sofrera às mãos de uma multidão.

No dia seguinte à recordação de Clare daquilo a que chamava interrogatório na sala subterrânea de Óstia, recebi uma chamada telefónica agitada de Annette, no Canadá. Numa visão, ela própria fora testemunha ocular dos acontecimentos. Disse que também fora visitada pela mãe e que Braida previra que haveria outra provação que Clare teria de suportar sozinha. Quando voltei a ver Clare e lhe perguntei sobre a sua experiência mais recente, disse laconicamente que o que sofrera na noite anterior fora pior do que a reencenação do primeiro interrogatório, que ocorrera na minha presença.

Sofrera novamente às mãos da mesma multidão. Uma vez mais, depois de perder a consciência, foi arrastada para a estrada e, mais uma vez, eu a encontrei e a levei para casa de Graham, para desviar as suspeitas da minha senhora. Graham era um advogado eminente e muito respeitado e, nessa altura, era certamente considerado acima de qualquer suspeita pelas autoridades.

Tivemos outros problemas com os cristãos enfurecidos, mas nenhum da magnitude dos dois episódios que descrevi. A partir daí, a natureza e o ritmo da nossa vida mudaram radicalmente e passámos a viver num mundo de sombras iminentes. O padre cristão informou as autoridades

seculares das suas suspeitas. Mais tarde, viríamos a sofrer com investigadores mais rigorosos, melhor organizados e mais inteligentes. Apesar da ameaça que pairava sobre nós, não posso dizer que estivéssemos continuamente infelizes ou cronicamente tensos. Certamente foi um mau período, com picos de horror absoluto, mas de algum modo conservámos a capacidade de deixar de lado os problemas e desfrutar das consolações imediatas da vida. Acho que muitos historiadores liberais e venerados são risíveis quando se colocam no lugar daqueles que viveram séculos antes e imaginam que as reações dos seus antepassados eram idênticas às sentidas pela intelligentsia confortável de hoje. Simplesmente não éramos feitos assim. Eu vinha de uma choça. Não sei qual era o passado de Cressi, mas penso que era menos humilde.

Acho que, no fundo da mente, sabíamos que éramos escravas que tinham conseguido bons lugares, com patrões generosos e até amorosos, e que, se fôssemos espancadas uma ou duas vezes ou sofrêssemos grande dor, isso tinha de ser pesado contra o facto de termos conseguido muito mais do que alguma vez poderíamos imaginar quando deixámos os nossos lares humildes. Penso também que a nossa atitude em relação aos patrões era simples e incondicional. Sabíamos que tínhamos de servir, mas era um luxo acrescentado à nossa vida saber que os nossos serviços eram apreciados. Não tínhamos adquirido o jargão da iluminação e não éramos intelectuais em sentido algum, mas creio que, na nossa inteligência biológica básica, estávamos acima da média moderna.

Numa visita posterior, Betty falou dos dois padres que tinham sido os nossos perseguidores nas encarnações romana e celta. Disse que, em todas as nossas vidas anteriores, fôramos seguidos por um cão de caça particular que fazia da sua missão causar-nos problemas. Na encarnação cátara, fora Pierre de Mazerolles. Na encarnação napoleónica, segundo Betty e Graham, também houve um legitimista malevolente e dedicado que fez o possível por inibir a influência das minhas conferências e panfletos e por me pintar como perigosamente subversivo. Betty recusou-se a dizer se havia uma pessoa específica nesta vida. Enfatizou que uma considerável força hostil de maldade era dirigida contra nós e causara muitos encontros falhados devido a doenças, acidentes e outras causas.

Nos últimos meses de 1973, ficou-me mais claro do que nunca que, durante anos, os trovões e alarmes das minhas encarnações iniciais tinham estado a ribombar abaixo da superfície da consciência. Três anos

antes, escrevera efetivamente uma história em que uma rapariga pertencia a um culto mitraico e era martirizada por uma multidão cristã inflamada por um padre que correspondia exatamente à criatura de rosto negro e triangular que incitara a multidão a livrar-se de Betty em Bassenthwaite. Pode-se dizer que, nesta terra de sombras da meia-memória, confundi um pouco as encarnações, porque no meu livro a rapariga era morta na sua encarnação romana. Contra isto, pode-se argumentar que a cena da minha história oscilava entre a Cúmbria e Roma, isto é, nas duas regiões envolvidas nas nossas encarnações celta e romana. Nesta história, insisti contra as evidências que as mulheres pertenciam ao culto de Mitra. Estas premonições da verdade foram provadas mais tarde pelas informações que recebi de Betty, Graham e outros.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Durante semanas, notei que o meu sentido do tempo estava desarticulado. Não era desorientação como é entendida pelos psiquiatras. Mantinha ainda o que se poderia chamar uma memória histórica. Às perguntas sobre datas relativas a mim ou a outros, poderia responder com a minha precisão habitual. O que perdera era a capacidade de estimar a duração. Conseguia recordar incidentes com pormenor mínimo, mas não conseguia estimar quanto tempo passara desde que aconteceram. Não se tratava de estar anos errado na estimativa. Quando lidava com os revenants, não sabia se os incidentes que recordava tinham ocorrido há três semanas ou três meses.

Clare estava igualmente afetada. Era um fardo pequeno comparado com as agonias da clarividência e a interrogação sobre qual dos amigos o golpe atingiria quando pressentia o desastre. Apesar disso, estava perturbada por este borrão nas bordas da cronologia. O pai dela insistiu na necessidade de viver minuto a minuto. Isto era ainda mais difícil numa pessoa com a capacidade de ver o futuro. O Sr. Mills achou necessário reforçar as suas exortações com duas demonstrações práticas.

Conhecera Clare enquanto ela conduzia pelo parque. Parou e falou comigo sem sair do carro. Senti que a conversa terminara e preparava-me para me ir embora quando ela começou a mexer em algo no colo. Não deu explicação para as suas ações e acabei por perguntar. Disse que o relógio

dela acabara de se desintegrar. Pensei que se referia ao vidro que caíra. Isso acontecera, mas, além disso, a tampa traseira do relógio desprendera-se das dobradiças. O mostrador desprendera-se e os mecanismos ficaram expostos. O relógio não caíra nem ela o batera em nada. Rapidamente, sem drama, desmontara-se. Não pensei muito neste incidente porque, nos últimos meses, experimentara acontecimentos muito mais dramáticos do que um instrumento mecânico a desfazer-se.

Na noite seguinte, Clare estava no quarto a olhar para a mesa de cabeceira. O relógio «saltou de repente da mesa e atirou-se ao chão». Então o Sr. Mills materializou-se. Disse que o que ela acabara de ver, e a separação fragmentada do relógio de pulso no dia anterior, tinham sido arranjados para demonstrar a não realidade do tempo. Sabia que ela já o compreendia, mas acreditava que precisava de um sinal qualquer de reconhecimento de que, naquele momento particular, o tempo estava desarticulado para ela.

Disse que ela e eu estávamos agora a mover-nos num plano onde o tempo não existia. Mesmo neste mundo, as nossas psiques estavam essencialmente a funcionar noutro. Continuávamos tolhidos e impedidos pelos farrapos da nossa velha conceção de tempo cronológico, que limitava a liberdade dos nossos pensamentos e perceções. Afirmou que o propósito do ataque ao relógio e ao despertador de Clare era preparar-nos para outra revelação.

Depois do encontro no parque com Clare, regressei a casa para o chá e depois fui deitar-me. Fiz isso não porque me sentisse mal, mas porque, desde a minha catástrofe cardíaca, os médicos me tinham dito para me retirar da batalha quando me sentisse exausto. Não me estava a mimar excessivamente nem a antecipar o início de qualquer doença. De repente, comecei a sentir um frio excessivo. Não era um frio vindo do exterior. O dia não estava excessivamente frio e o meu quarto estava quente. Havia gelo nos meus ossos.

Sentia-me literalmente gelado até à medula. Empilhei cobertores na cama, mas nada me aquecia. Lembrei-me do meu pai numa das suas crises de malária. Como as tentativas de me descongelar falharam, resigno-me a esperar pelo aparecimento do primeiro sintoma. Parecia-me óbvio que estava destinado a pelo menos uma forte gripe e talvez algo pior. Nunca sentira tanto frio antes de um ataque de gripe.

Recebi uma chamada de Clare. Disse que falara com o pai e que ele me visitaria. Fui imediatamente consciente da presença dele no quarto. O contorno não era claro, mas sabia exatamente onde estava. Hoje, disse ele, era o aniversário de uma queda de neve sem precedentes em Roma. Foi nesse dia que o primeiro investigador oficial, representando a autoridade secular, apareceu na casa de Camillia. As autoridades tinham sido incomodadas pelos cristãos que insistiam que era um local de reunião para os adeptos de Mitra, que descreviam cuidadosamente como politicamente subversivos.

O oficial que veio entrevistar Camillia não era excessivamente zeloso nem particularmente enamorado dos seus informadores cristãos. Ela negou todo o conhecimento do culto e que a casa fosse usada para reuniões. O visitante estava prestes a partir, perfeitamente satisfeito com as respostas dela. Nesse momento, Clare e eu regressámos de um passeio que se prolongara porque Clare nunca vira neve assim antes. Vinha do sul e, para ela, a neve era algo espalhado finamente no topo de montanhas remotas e não algo depositado densamente nas ruas.

A visão das pegadas deixadas pelo visitante ao aproximar-se da casa causou uma impressão sinistra em Clare, porque era uma experiência tão invulgar para ela. Ao ver que ela, muito mais calma e corajosa do que eu, estava obviamente assustada, perdi a cabeça e, num segundo, fui tomado por superstições e obsessões campestres que, em mim, nunca estavam longe da superfície da consciência. Parecia-nos a ambos que aquelas pegadas nítidas que levavam à casa tinham de ser de mau agouro. Nesse momento, Camillia apareceu no alpendre com o visitante. Clare e eu comportámo-nos de forma tola. Com o investigador ainda presente, juntámo-nos à volta de Camillia, tagarelando excitadamente como gralhas, bombardeando-a com perguntas e perguntando o que o visitante ali fazia. O nosso comportamento não pôde deixar de despertar as suspeitas dele.

O nosso comportamento depois da partida dele pode parecer ainda mais incompreensível. Clare e eu pusemo-nos a obliterar as suas pegadas. Estou certo de que fui o principal instigador, mas ambos tínhamos a ideia primitiva de que, se apagássemos todos os vestígios da sua visita, seria como se ele nunca tivesse estado ali. Psiquiatras e outros reconhecerão isto como uma mistura de obsessão e magia primitiva. Passámos horas na tarefa e ficámos gelados até aos ossos de frio e medo.

De volta ao meu quarto em Somerset, senti alívio e não tive mais medo de estar destinado a uma doença grave. Ainda sentia gelo na espinha, mas consegui entreter visitantes sem sentir que lhes falava de dentro de uma geleira que convergira em mim de todas as direções.

O investigador que visitou Camillia devia ser um tipo burocraticamente frio. Devia ter feito uma anotação nos seus livros no sentido de que reabriria o assunto após um período fixo de tempo expresso em números redondos. Era análogo a um médico marcar uma consulta de controlo para dali a tantos meses. Exatamente um ano depois de termos limpado a neve, submetemo-nos ao nosso primeiro interrogatório pelas autoridades seculares.

Uma manhã acordei em Bathford com todos os objetos próximos e distantes do quarto borrados. A cena lá fora da janela era uma teia de aranha palpitante. Perguntei-me se haveria um defeito na fusão e uma falta de equilíbrio entre os dois olhos. Fechei cada olho alternadamente, mas os resultados não melhoraram. Tudo o que via era algo como uma queda de neve miúda e, por trás, o contorno ténue de objetos familiares. Não pude deixar de meditar possibilidades lúgubres como descolamento da retina ou hemorragia retiniana.

Os meus receios acalmaram-se quando soube de Clare que acordara a meio da noite em pânico. Pensou que ia ficar cega. Dorme com as cortinas abertas. Tudo o que conseguia ver, olhando através da opacidade do quarto, era que a janela era um retângulo ligeiramente menos escuro. Acendeu a luz e o resultado pouco melhorou. Quando começou o dia de trabalho, admitiu que não conseguia reconhecer as caras de pessoas familiares até estarem a três ou quatro metros. Sabia bem que eu captara os sintomas dela ou ela os meus. Nessa altura, o grupo já tivera inúmeros exemplos de pessoas a adquirir os sintomas umas das outras.

Quando nos encontrámos mais tarde nesse dia, ela pousou a mão nos meus olhos. Senti o ardor e o formigueiro nas palmas dela e soube que havia uma lesão reconhecível nos meus olhos, caso contrário o processo de cura não teria sido iniciado. Esta reação curativa não é proporcionada a histéricos. Mal pousou as mãos em mim, Graham apareceu. Disse que a noite anterior fora o aniversário da ocasião em que ela e eu fôramos interrogados pela primeira vez pelas autoridades seculares. O padre e os seus confrades tinham-nos atormentado com

persistência raivosa, para além de as suas suspeitas terem sido despertadas pela forma como Clare e eu nos comportámos naquele dia em que a neve cobria densamente o chão.

Na época de que falo, a influência do cristianismo tornava-se preponderante em Roma. Permeada pela teologia cristã, a tendência autoritária romana mostrava os seus aspetos viciosos. Sob domínio secular, as pessoas mais ou menos adoravam como queriam, desde que não fizessem alarde público em demonstrações frenéticas e desde que as suas intenções não fossem subversivas. Com a crescente cristianização de Roma, toda a crença que não fosse uma versão cuidadosamente manipulada e comentada dos ensinamentos de Cristo era considerada perigosa. Não sabíamos que estávamos a assistir ao início do cristianismo como teocracia internacional, como previra o Imperador Juliano. Tudo o que podíamos saber, como escravas iletradas, era que estes assuntos estavam para além da nossa compreensão e que tínhamos de proteger a nossa senhora.

Até então, eu tinha escapado ao ataque desorganizado da turba. Desta vez, Clare e eu sofremos juntos. Mais uma vez, o objetivo da investigação era descobrir se a nossa senhora era adepta de Mitra e se a casa era usada para reuniões. Fomos chicoteados com vergastas que chegaram mesmo a ser aplicadas nos nossos rostos. Eu saí pior do que Clare. Fui tão brutalmente espancado no rosto que os meus olhos ficaram fechados. Não se tratava apenas de inchaço das pálpebras e dos tecidos adjacentes. Numa das ocasiões, recebi o chicote em cheio no olho. Foi uma bênção que, por reflexo natural, tivesse apertado as pálpebras no momento em que o chicote desceu.

Não sei como aconteceu que Graham estivesse presente quando fomos interrogados. É possível que ele próprio estivesse sob suspeita e que as autoridades quisessem saber como reagiria. Ou talvez lhe tenha sido permitido representar Camillia nessa ocasião, uma vez que duas das suas servas estavam a ser interrogadas. Certamente, em momento algum ele e ela foram submetidos a violência pessoal. Os interrogadores não conseguiram extrair qualquer informação de nós.

Sentado no meu quarto em Somerset, não precisei que Betty e Graham me dissessem que a condição ocular de que Clare e eu sofremos

teve origem na nossa encarnação romana. Agora soube pelos revenants que estes fenómenos de aniversário, tão notórios nas encarnações celta e napoleónica, estavam a intensificar-se, e que eu sentiria mais profundamente as dores e doenças de que sofrera em vidas passadas. Fazia parte do padrão tecido não só neste mundo, mas na imensa colcha cósmica lançada sobre o sol, as estrelas e o próprio universo. Nada podíamos nós nem os revenants fazer para o impedir. O que estava ao alcance deles era dar-nos a compreensão da origem dos nossos piores acessos de angústia e ajudar a minimizar os seus efeitos aplicando as suas próprias formas de cura.

Esta consolação nem sempre satisfatória foi reforçada por Braida. Estava nos Jardins Botânicos num dia calmo, com o céu baixo e os pássaros silenciosos. Não se ouvia qualquer som além do canto do regato sob os ramos pendentes. Caminhava com meia dúzia de outras pessoas, passando pelo arvoredo de bambus de folhas finas em direção ao lago e ao templo. De repente, senti um odor avassalador de choupo-bálsamo, embora fosse tarde no ano e há muito passado o tempo em que a árvore perfuma. Sabia que era o cheiro com que Braida se anunciava a Clare. Eu próprio o sentira na companhia dela. Agora sabia que Braida me anunciaria diretamente a sua presença quando eu estivesse rodeado de pessoas e inibido pela pressão das personalidades.

Mais tarde nesse dia, Betty apareceu-me ao ar livre. Era final da tarde e a névoa perolada que durara todo o dia aguçara-se em prata ao crepúsculo. No mesmo instante em que senti a presença de Betty, visualizei claramente um colar de âmbar. Ela disse-me que mo dera para me animar depois de ter sido devolvido à casa após o interrogatório.

Contou-me que o meu rosto não ficara permanentemente desfigurado pelo tratamento que recebi, mas que permaneceu magoado e pisado durante semanas. Ela própria nunca fora submetida a grande pressão. Limitara-se a negar qualquer conhecimento do culto. Imagino-a bem a enfrentar os seus interrogadores com os olhos claros e irresistíveis e a cabeça muito imóvel sobre os ombros relaxados. As autoridades ainda não estavam preparadas para estender a perseguição às classes altas.

CAPÍTULO QUARENTA

Um dia, enquanto Clare e eu falávamos com Betty, perguntei-lhe quanto, nesta vida, depois de me recordar como eu fora no século XIII, desejara estabelecer contacto. Tivera vontade de falar comigo ou de me encontrar, mas era demasiado tímida para fazer mais do que uma abordagem velada e tentativa. Leu um trecho de Platão que achou tão belo que sentiu que tinha de telefonar a Clare sobre ele. Platão dissera que a alma deve ser o componente mais importante do ser porque está sempre em movimento. Clare telefonou-me imediatamente depois de falar com Betty. Nesse dia, eu estivera a escrever uma recensão de um livro verdadeiramente enorme em que essa citação particular de Platão estava enterrada como uma pepita de ouro fino. Antes de Clare me dizer o que Betty dissera, eu já sabia a que passagem se referia, duas ou três frases num tomo de mais de oitocentas páginas.

Betty disse: «Esse trecho de Platão desencadeou algo em mim nas últimas semanas da minha vida. Estava a preparar-me para o que tinha de fazer. Agora passo muito do meu tempo com o teu amigo Simon.»

Recordei o dia em que soube da morte de Simon. Em *We Are One Another* contei como Betty, que nunca ouvira falar dele nesta vida, regressou do túmulo para dizer à mãe que o melhor amigo do Dr. Guirdham estava morto. Isso foi antes de eu ter recebido da família a notícia da sua morte em Paris. Lembrei Betty disso. «No dia em que Simon morreu e também no dia seguinte, senti o meu corpo a arder.»

«Foi porque Simon foi queimado na fogueira no século XIII.»

«Qual era o nome dele?» perguntei.

«Jean de Cambiaire.»

Mesmo tendo-me habituado a revelações estonteantes, senti um choque de surpresa. Jean de Cambiaire fora um dos primeiros nomes que vira entre as mensagens escritas que envolveram Clare em 1971. Durante muito tempo, ela, sem razão que eu soubesse, sugerira que esse Perfeito cátaro fora o meu amigo Simon nesta vida. Não dera importância a essa sugestão porque estava preocupado com a necessidade de provas confirmatórias e porque demorei a perceber que muitas das nossas amizades mais profundas nesta vida são determinadas por conhecimentos de vidas anteriores.

Os registos da Inquisição dizem-nos que Jean de Cambiaire, um Perfeito cátaro, foi queimado como herege em 1235.

«Estás próxima de Simon agora?» perguntei.

«Estamos a estudar juntos.»

«Conheceste-o para além de como cátaro?»

Ela não respondeu.

Recordei como Simon e a mulher tinham ficado connosco há um quarto de século. Como todos os nossos encontros, foi escrito em luz. Era como se o mundo tivesse deixado de rodar e o tempo fosse um vento que passava lá fora da janela. Houve o dia em que nos sentámos na estalagem, afastados da encosta, olhando através das árvores fugidias e suplicantes para o vale adormecido na névoa do outono. Foi durante essa visita que lhe pedi que visse uma doente. Quando a escutou, pareceu recolher-se na sua própria gentileza. Falava pouco inglês. Não era o que dizia, mas o que ouvia que importava. As palavras dela, tropeçantes, desordenadas, despertavam ecos mais ricos no seu próprio coração, de modo que a acalmava com a sua própria piedade não expressa. Sempre me doera que ele, o médico completo e perfeito, tivesse decidido inexplicavelmente tornar-se patologista. «Por que mudou?» disse eu a Betty.

«Pergunta-lhe a ele mesmo.» No silêncio que ela própria retirava do seu silêncio e que se aprofundava com ele, percebi que outra pessoa entrara. Não via os seus contornos. Mais uma vez, tratava-se de saber que estava ali e exatamente onde se encontrava. Não vale a pena entregar-me a prosa florida sobre o meu primeiro reencontro com Simon. Seria uma distorção da verdade dizer que me senti transportado e fora deste mundo. Como poderia sentir-me a mover para outra dimensão quando já atravessara a fronteira entre este mundo e o próximo?

Só posso dizer que vivia mais calmamente num estado de perceção imensamente aumentada. Falei com ele da mesma forma que falava com Braida e Betty. Palavras e pensamentos formavam-se juntos e, para mim, a troca era silenciosa, embora Clare ouvisse as suas vozes como se fossem vivas. Simon perguntou-me se me lembrava de uma conversa num restaurante perto de uma estação num dos nossos últimos encontros. Lembrava-me bem. Tínhamos comido num restaurante alsaciano perto da Gare de l'Est. Recordava que ele me dissera então que abandonara a

prática clínica porque estava horrorizado com o materialismo. Na altura, entendi que se referia à busca do dinheiro em vez da vocação, à estupidificação descuidada dos doentes com drogas como castigo por mencionarem os seus sintomas. Agora dizia-me que também se referia ao culto da violência que se infiltrara na medicina sob a forma de operações exploratórias desnecessárias, remoção de órgãos designados como supérfluos por cirurgiões com mulheres e filhos para sustentar, e arrastar doentes das camas após grandes operações para minimizar o risco mínimo de embolia e garantir que sofressem meses de exaustão.

Perguntei a Simon se, quando me viu pela primeira vez, me recordava como eu fora em vidas passadas. Disse que no nosso primeiro encontro soubera que eu era cátaro, mas nunca falara disso porque não quisera condicionar-me. No entanto, comprou-me um livro sobre os cátaros para ler na viagem de regresso. Também me deu o livro de Giono sobre a Provença. Estava a antecipar a minha recordação da encarnação napoleónica.

Queria especialmente saber se me lembrava de um dia numa casa numa floresta, porque fora o dia mais feliz que passámos juntos. Não precisava de me lembrar. Lá estava a cidade murada a olhar sobre a planície para as vinhas e a avenida verde e ondulante entre as cidades. Deixámos a estrada num caminho que se estreitava através da escuridão da floresta. De uma clareira alta olhámos sobre o oceano verde-escuro e ondulante da floresta até à planície, ao rio e ao país para além dele. Foi a única vez que o vi contra o seu próprio fundo. De repente, descongelado pela memória da floresta e do seu sussurro intemporal, perguntei pela minha mulher porque nessa altura ela estava com dores, exausta e a perder peso. Recordava como, numa ocasião, por uma fração de segundo, ele a olhara com uma intensidade estranha. «Reconheceste alguma vez a minha mulher como ela fora em alguma encarnação anterior?»

«Num dos nossos últimos encontros. Soube que tivera uma encarnação celta.»

Pensei em como a minha mulher sofria ao reagir às doenças de Annette no Canadá.

Depois de Simon me deixar, refleti sobre como ele me regressara através de Betty. Ela devolvera-me o homem que, após a morte de Eugene, mais claramente me falara na linguagem da comunicação

psíquica. Senti que me guiava, mas não do modo direto e pragmático de Braida. Levava uma lanterna por um país sombrio. Perguntei-me para onde me levaria.

Nessa altura, além de captar as misérias de pessoas a centenas ou mesmo milhares de quilómetros de distância, estava mais perturbado pela fraca saúde da minha mulher normalmente extrovertida e animada, que sofria há meses de um espasmo intestinal que lhe causava dor e outros sintomas angustiantes, incluindo uma depressão bem dissimulada, fora de linha com a sua natureza normal, otimista e corajosa. Uma noite, ela e eu fomos jantar a casa de Clare. Depois, esta e a minha mulher retiraram-se para outra sala para verem uns vestidos.

Fiquei onde estava, absorto no que lia a tal ponto que suportei mais tempo do que o habitual a estranha vibração zumbidora que aumentava à medida que lia. O ruído, rítmico, agudo e de certo modo musical, tornava-se cada vez mais estridente. O meu primeiro pensamento foi que se tratava de alguma aberração mecânica e que havia algo de ominoso errado na instalação elétrica. Fiquei suficientemente preocupado para ir à sala ao lado e chamar a atenção de Clare para aquele ruído agora incómodo e exigente. Ela voltou à sala de estar e disse imediatamente: «Os copos estão a vibrar.» Abriu a porta de um armário onde guardava a loiça de vidro. Não havia dúvida de que o ruído vinha dali. Ficava obviamente amplificado quando abria a porta. Depois cessou de repente. Não tive tempo de ver qualquer vibração nos copos.

«Mas o que os faz vibrar?» perguntei.

«Acho que alguém está a tentar contactar-te.»

Ao custo de parecer ingénuo, tenho de admitir que, a princípio, não a levei a sério. Face às minhas experiências dos últimos três anos, devia tê-lo feito imediatamente. Nessas alturas não tenho sensação de inibir as minhas perceções nem de ligar as baterias do ceticismo. É simplesmente que algo dentro de mim abranda e eu não vejo. «Já ouviste estes copos vibrarem antes?» perguntei.

«Não.»

Ela fechou a porta do armário com especial firmeza para que não houvesse hipótese de contribuir para vibrações transmitidas. Voltou ao quarto ao lado para retomar com a minha mulher a inspeção das roupas

que comprara. Continuei a ler. Não tive tempo de recuperar a concentração antes de a vibração regressar mais alto e imperativa. Agora estava perturbado e irritado. Chamei Clare imediatamente. Ela voltou à sala de estar. Era óbvio que não partilhava a minha ansiedade, mas era claro que escutava atentamente. Repetiu: «Digo-te que alguém deve estar a tentar contactar-te.»

Quando abri a porta do armário, o clamor estava mais alto do que nunca e a nota mais insistente e localizada. Conseguia ver que um copo em particular estava a vibrar. Era um tipo novo de copo de vinho tinto bastante largo. Podia observar os finos tremores que atravessavam a sua substância. Clare pousou a mão no copo e o tremor cessou. Voltou imediatamente para o quarto ao lado. Não ficou comigo porque o que estava a ser dito era só para mim.

Regressei ao meu livro, mas o esforço de concentração era desnecessário. Reconheci Simon por uma zona delineada de vibração à frente e à direita de onde eu estava sentado. Perguntou-me se me lembrava de um dia que ele, a minha mulher e eu tínhamos passado juntos no mês após Munique, antes de o velho mundo morrer. Na sua presença, era tão agudo como dor recordar os campos amplos, a luz clara, as torres de igreja nitidamente recortadas e o céu oceânico, o seu azul ligeiramente embaçado pelo sopro do outono.

Nesse outono de 1938, eu soubera que vivíamos uma trégua. Para mim, o silêncio do nosso pequeno hotel era sagrado. Era um remanso em que sentia, no ar imóvel, a longa memória de Paris e o lamento das suas antigas tristezas. Não havia nada como o dia a descer entre os álamos, folhas amarelecidas pelo outono, a rodopiarem entre as árvores, até Blois silenciosa e perdida na contemplação da sua própria história, até Beaugency e a curva do rio, e de volta por Orleães quando as lâmpadas se acendiam. Agora, anos depois, sentado num quarto em Somerset, não conseguia pensar naquele dia vivo e imortal como passado. Vivia sempre para mim num estado de eterna reverberação, folhas a cair, caídas, nos cais de Paris, ainda a flutuar em finais de outubro, simultaneamente mortas e insistentemente vivas. A nitidez e a beleza do que recordava serviam como solvente do tempo.

Quantas vezes, nos anos passados, olhara para trás para aquele dia imperecível? Nunca imaginara que tivesse significado tanto para Simon,

mesmo que ele fosse feito para partilhar a felicidade dos outros. Agora dizia-me que fora um dia notável na sua própria vida. Escutei-o como se fossem as primeiras palavras pronunciadas, como se houvesse um grande silêncio sobre o mundo, porque refletia a quietude no meu próprio coração. Disse que eu devia contar à minha mulher o quanto amara aquele dia. Acrescentou que ela estava mais deprimida do que eu imaginava.

Simon tinha ideias sobre o regime da minha mulher. Era de inclinação homeopática e partilhava a sua aversão a medicamentos heroicos. Sugeriu que lhe desse um pouco de whisky à noite para ajudar a dormir. Levei a sugestão do whisky ainda mais a sério porque, nos últimos anos da sua vida, ele não tocara em álcool.

Quando partiu, não consegui voltar ao livro. Recordava o passado com tal acuidade que vivia intensamente no presente. Se isto parece um paradoxo, não o posso evitar. As grandes experiências da vida ocorrem todas fora do tempo. Blois em 1938 e Somerset em 1974 eram um instante vibrante que ecoava com intensidade máxima num quarto com um armário de canto contendo copos de vinho.

A minha mulher e eu preparávamo-nos para sair quando o copo soou novamente. Desta vez não houve um zumbido lento e constantemente crescente, mas um clangor percetível. Tirei a minha mulher do quarto com algum pretexto e escutei o que Simon tinha a dizer. A mensagem foi curta: «Devia pô-la num antidepressivo.»

O ânimo da minha mulher elevou-se apreciavelmente com a mensagem de Simon sobre o nosso dia em Blois. A prescrição de whisky à noite funcionou bem e imediatamente. Começou a melhorar depois de tomar uma dose muito pequena de um antidepressivo. Depois hesitou um pouco. Simon regressou novamente por instigação de Betty. Disse-me para duplicar a dose noturna. Era interessante que nunca tivesse usado estes fármacos em vida, pois mudara de especialidade e terminara os seus dias como patologista. Seguir o regime que sugerira foi o ponto de viragem na doença da minha mulher.

Simon é outro exemplo do facto de que todos os meus amigos mais antigos e profundos eram de constituição psíquica, embora, quando os conheci, não tivesse ideia de que assim eram, pois nessa altura não tinha qualquer interesse por tais assuntos. Quando conheci Simon em 1938 e Eugene em 1940, a ideia de que os conhecera em encarnações anteriores

ter-me-ia parecido fantástica, porque nessa altura não estava remotamente preocupado com o tema da reencarnação. É interessante e significativo que ambos tenham morrido a 21 de abril. Aprendera, entretanto, que certos dias e períodos do ano são ominosos para os membros do grupo e para aqueles a eles ligados.

Falhei completamente em perceber que a intervenção de Simon através do meio dos copos de vinho não era apenas para chamar a atenção para o estado da minha mulher e clarificar as minhas próprias ideias sobre ele, mas para anunciar a sua própria intervenção crescente na nossa história. Isto começou quando Clare estava a receber tratamento dentário, pois quatro dos seus dentes da frente se tinham tornado cada vez mais soltos no ano anterior, apesar de não haver uma condição grave de dentes ou gengivas que o explicasse.

Não conseguia compreender por que alguém que fazia tão pouco alarido dos seus problemas podia ficar tão abalada com a manipulação dos dentes. Uma noite, após o tratamento, teve um dos seus ataques em que o rosto se congestionava e os olhos se fixavam e distanciavam. Descaiu de lado na cadeira e deixou cair os braços com estrondo sobre a mesa, como se largasse dois pesos pesados. Depois a cabeça caiu entre os braços e permaneceu nesse estado, com o pulso reduzido em volume, durante dois ou três minutos. Quando voltou a si, ficou atordoada por um período aproximadamente igual, após o qual me contou o que vira e revivera.

Durante uma semana antes, ela — e eu também, aliás — exibira sintomas de fraqueza, particularmente nas pernas, mal-estar geral e febre baixa com sensação de calor interrompida por acessos de arrepios. Os revenants tinham-nos dito que nessa data, na encarnação romana, houvera algum tipo de epidemia. Estou certo de que, no meu caso, a infeção se enxertou num substrato de malária a que era propenso e que ainda grassava na planície não longe de Roma.

Qualquer que fosse o diagnóstico, as autoridades seculares consideraram-no uma oportunidade dada por Deus para nos interrogar mais uma vez sobre o velho tema de se a casa de Camillia era um centro do culto de Mitra e, em caso afirmativo, quem estava envolvido. Clare recordou que ela e eu fomos interrogados ao mesmo tempo. Nenhum de nós admitiu nada. A minha negação foi menos heroica do que a dela

porque eu não tinha nem conhecimento nem interesse pelo dualismo, embora pudesse ter dado os nomes de alguns dos visitantes mais constantes à casa de Camillia. Clare, que assistira às reuniões, era um caso diferente. Pode ser que os interrogadores tenham percebido que o seu conhecimento desses assuntos era mais íntimo do que o meu. Em qualquer caso, ela saiu pior do que eu.

Enquanto me contava as suas experiências, Braida, Graham e o Sr. Mills apareceram e, mais tarde, para meu espanto, Simon. Era razoável que se tivesse anunciado abanando os copos de vinho quando a minha mulher estava por perto, pois estivera muito ligado a nós os dois. Não conseguia imaginar que tivesse qualquer interesse específico nos procedimentos atuais e só podia assumir que estava mais incorporado no grupo do que anteriormente imaginara e que poderia tornar-se mais tarde um visitante regular, embora possivelmente pouco frequente.

O interrogatório descrito por Clare foi semi-privado. Não havia nada de realmente formal. Foi atirada ao chão e os seus quatro dentes da frente ficaram soltos. Os que supervisionavam os procedimentos obtinham informações para serem reportadas mais tarde a autoridades mais formais e dignas.

Braida e Graham disseram-nos que aquele dia particular, em que Clare visitara o dentista, era o aniversário do dia em que fora maltratada em Roma. O que era fascinante era que o recente e aparentemente inexplicável abrandamento dos seus dentes, que ela experimentara nesta vida, ocorrera nos últimos meses. Em outras palavras, coincidiu exatamente com a revivência das suas experiências romanas ao longo do ano passado.

Agora, no seu quarto em Somerset, recordava que Camillia trouxera um médico depois de ter sido devolvida do interrogatório. Estava vestido com uma túnica cor de ferrugem com um cinto dourado suspenso do centro do qual pendia um medalhão. Este estava decorado com um desenho do sol com numerosos raios a emanarem dele e também com um simples desenho de flor e folha semelhante ao que vira na cruz em W., na Cúmbria, e que também fora afetado pelos membros do grupo que serviam na Marinha francesa e viviam como prisioneiros em Portchester durante as guerras napoleónicas. Não se lembrava se o médico fizera algo específico pelos seus dentes. Recordava que ele a viu sozinha, que pousou

uma mão na sua testa e a outra na nuca — um procedimento familiar das suas memórias cátaras — e lhe disse para não contar a ninguém que lhe dera tal tratamento. Tinha mãos grossas castanhas com pele algo áspera. Agora, de volta ao quarto de Clare em Somerset, Simon interveio para dizer que a sua pele era áspera e as mãos castanhas porque trabalhava muito no seu jardim, cultivando as suas próprias ervas. Disse que, como médico na encarnação romana, usara beladona, ópio, dedaleira (para produzir digitalina, o remédio clássico para o coração) e outra planta cujo nome não consegui distinguir.

Sem qualquer estímulo da parte dele, Clare recordou como ele por vezes lhe fazia massagem com uma mão num ponto fixo e a outra a mover-se. Estava, de facto, a praticar a mesma técnica modificada que ela própria aprendera com Braida nos primeiros meses da sua associação nesta vida como professor desencarnado e pupila encarnada. Era para evitar chamar a atenção. Manter uma mão em movimento era menos notório, menos oculto, do que se ambas ficassem imóveis. Clare recordou como, enquanto a tratava, ele falara de forças do bem e do mal e explicara que o que ela estava a sofrer na altura se devia a estas últimas.

Simon disse-me que, nesses dias, não me dera instruções. Não fora chamado para me tratar porque, após esse interrogatório particular, eu não saíra demasiado mal e, de qualquer modo, o meu interesse pelo dualismo era inexistente e a minha capacidade para absorver os seus princípios estritamente limitada.

No dia seguinte, quando visitei Clare, o seu pé direito estava enfaixado. Tinha um inchaço, metade do tamanho de um ovo de galinha, contendo líquido, logo lateral a um dos principais tendões no topo do pé. Era extremamente doloroso. Nessa manhã, tropeçara nas escadas e prendera o pé direito por baixo dela. Estendera a mão esquerda para se salvar e magoara o polegar ao fazê-lo. Quando se levantou, soube que se tratava de uma repetição de um acidente na sua encarnação romana. Enquanto eu examinava o seu pé, os revenants apareceram para dizer que ela sofrera o dano idêntico da mesma forma quando fora atirada pelas escadas no decurso do interrogatório que ocorrera no mesmo dia do ano, dezasseis séculos antes.

Na presença dos revenants, Clare reviveu o fim deste período particularmente concentrado e vicioso de interrogatório. Recordou como

ela e eu fomos escoltados por quatro homens desde a casa de Camillia. Só conseguia coxear por causa do pé mau e era ajudada pelos quatro guardas. A alguma distância pela rua, virámos à direita e depois à esquerda, subindo umas escadas até uma sala longa, ao fundo da qual havia um estrado com cinco homens sentados à volta de uma mesa.

Clare e eu fomos examinados separadamente quanto às crenças do culto de Mitra. Recordo por minha conta que, no início do interrogatório, estavam especialmente preocupados com as forças do bem e do mal. Recordo que se interrogavam se os adeptos de Mitra acreditavam num deus do mal. Estavam obviamente ansiosos por provar que os membros do culto se dedicavam à adoração do diabo.

Também queriam saber se o culto incluía a crença num terceiro deus. Os crentes consideravam Mitra como Deus ou como Filho de Deus? Com os revenants à minha volta, recordei tentativas de me arrancar a confissão de que Mitra era pelo menos o Filho de Deus e, portanto, um rival subversivo de Cristo, que presidia aos destinos do Império Romano. Penso que convenci os interrogadores de que sabia menos sobre o assunto do que eles.

Era óbvio que as subtilezas teológicas não eram o principal propósito deste interrogatório. Creio que os investigadores de rosto sombrio, silenciosos mas não propriamente intimidadores, não estavam realmente preocupados com os méritos relativos de Cristo ou Mitra. O que era mais importante para eles era que Cristo, aos seus olhos, era uma aquisição do Império Romano, ao passo que Mitra, por se lhe opor, era um potencial destruidor. De qualquer modo, mudaram abruptamente de abordagem. Tendo verificado que eu não era de qualquer ajuda na questão dos deuses do mal ou de terceiros deuses, dispararam perguntas destinadas a elucidar se a casa de Camillia era o centro de uma conspiração militar.

Estava tão obviamente desorientado e completamente apanhado desprevenido que a minha própria confusão os convenceu de que eu, pelo menos, nada sabia de tal possibilidade. Quando chegou a vez de Clare, penso que, neste particular, ela estava tão espantada como eu. Certamente fora admitida nas cerimónias, mas creio que a questão de uma revolta militar instigada pelos adeptos de Mitra nunca lhe passara pela cabeça.

Sentado com ela em Somerset dezasseis séculos depois, fiquei espantado ao saber que as suspeitas dos inquisidores eram na verdade justificadas. Havia algum tipo de conspiração entre a soldadesca dedicada a Mitra. O marido de Betty não estava de modo algum implicado, mas alguns dos seus colegas, que também eram amigos de Camillia, estavam profundamente envolvidos. Alguns deles falavam do Imperador Juliano, que fora favorável a Mitra e se opusera ao cristianismo, entre outras coisas porque via o seu potencial perigo como sistema teológico internacional preocupado com a manutenção do poder temporal.

No fim desta sessão, Simon revelou informação de grande interesse para mim. Contou-nos o tratamento que aplicara ao pé de Clare na encarnação romana. Consistia na aplicação de uma loção fria alternada com uma pasta quente. A loção fria chamava-se algo como plumbiacus. O nome é suficientemente sugestivo para eu poder dizer que se tratava de uma loção de chumbo que, nos meus primeiros dias como médico, ainda era usada para entorses, contusões e semelhantes. Nesta fase, os meus poderes perceptivos esmoreceram, mas Clare recordou que essa loção era vermelha. Quanto à pasta quente, o mais próximo que conseguiu do nome foi Coalancius Meteorith. Recordou um óleo de uma flor azul semelhante, se não idêntica, ao linho, e tendo como outro constituinte uma semente de uma flor amarela.

Alguns dias depois, vi o contorno de Simão na parede em frente. Não conseguia distinguir-lhe os traços do rosto, mas notei claramente a túnica cor de ferrugem, cingida à cintura por um cinto dourado. Era interessante refletir que Clare, nesta vida minha principal guia para o mundo invisível, tivesse recebido a sua primeira instrução em dualismo há dezasseis séculos, da parte do homem que, nesta vida, fora aquele que estivera mais próximo de mim durante mais tempo.

Tivemos mais experiências com Simão tal como ele fora enquanto Marcelus na encarnação romana. Um dia, eu e a minha mulher estávamos a visitar os jardins de Stourhead. Tenho grande afeição por este lugar, com a sua mistura de beleza formal que nunca é opressiva e a sugestão inofensiva de uma natureza selvagem que invade o espaço. Estava muito feliz até começarmos a contornar o último lago no regresso. Em silêncio, no meu coração, pedi ajuda a Betty. O meu apelo era certamente apropriado, mas pouco lógico. Era ela quem precisava de ajuda.

Quando regressei a Bath, fui visitar Clare. Ela disse-me que sentira a mesma sensação de depressão pesada e horror que eu experimentara a meio da tarde. Ambos estávamos convencidos de que se tratava de algo que acontecera na encarnação romana. Depois, soubemos os dois que Betty viera ter connosco: Clare com a acentuação da perceção visual que lhe permitia ver os revenants como via os transeuntes, só que os contornos destes últimos eram mais sólidos; e eu com a perceção interior que me permitia saber, no exato momento em que ela aparecia, onde exatamente se encontrava, que tinha cabelo loiro e olhos escuros. Soube imediatamente que, na encarnação romana, Camillia estivera envolvida num acidente. Vi com muita clareza a sua queda de um carro. Estava vestida com uma túnica branca semelhante a uma toga, aberta na perna esquerda, e com uma capa púrpura bordada a ouro por cima.

Os dois cavalos assustaram-se com algum objeto na estrada e Camillia foi projetada para fora. Vi-a caída, inconsciente. Sentado na sala em Bath, soube com certeza que ela fraturara o lado direito do crânio. Consegui até nomear o osso (parietal) que estava efetivamente envolvido. Soube também — coisa que Simão, ou Marcelus, não sabia na altura — que ela sofrera ainda outra fratura numa das vértebras inferiores do pescoço, com algum deslocamento dos fragmentos ósseos e compressão do nervo ulnar. Devido a esta segunda fratura e aos seus efeitos de compressão, o braço esquerdo ficou parcialmente paralisado, mas isso só foi descoberto dias depois, sem qualquer culpa do médico, porque a doente estava inconsciente. Só consigo pensar que vi esta calamidade com tanto detalhe porque Betty e eu éramos especialmente próximos um do outro.

O homem que conduzia o carro ficou com cortes no rosto e algumas costelas partidas.

Clare e eu estávamos em casa quando soubemos de Camillia. Eu fui chamar o médico enquanto Clare foi à procura de Graham, que já estava apaixonado por ela.

Mais tarde, nesta vida, Clare entrou num estado em que a voz se lhe tornou mais grave e lenta, e em que não compreendia as perguntas que eu lhe fazia. Alguns minutos depois, embora ainda atordoada, percebeu o essencial do que eu dizia. Na verdade, estava a recordar mais pormenores do acidente. Camillia estava completamente inconsciente e obviamente

muito em estado de concussão. Depois passou por uma fase de irritação cerebral em que se tornou muito agitada. Colocaram-lhe duas almofadas duras de cada lado da cabeça para lhe controlar os movimentos. Começou a agitar as mãos mesmo estando inconsciente e tiveram de lhas segurar. Notou-se que o braço esquerdo se movia menos que o direito, e foi isso que permitiu a Simão localizar o ponto da segunda fratura.

A ferida externa na cabeça foi lavada com uma poção feita de urtigas ou de alguma planta muito semelhante. Era uma ferida irregular cujas margens foram aproximadas e tratadas com alguma substância viscosa cuja natureza já não consigo recordar.

Camillia era alimentada com uma dieta líquida de mel, sal e água. Esta era-lhe colocada na língua, literalmente gota a gota, mesmo antes de conseguir engolir. Era um bom tratamento, pois os componentes da poção equivaliam aos de um soro moderno.

Simão também lhe fazia massagens. Isso em si não era surpreendente, pois a arte era comum na Roma antiga. O que era único era que, tal como fizera com Clare quando a ajudou após o interrogatório, ele usava apenas uma mão. O sistema de cura mitraico assemelhava-se ao dos cátaros no sentido em que os seus praticantes preferiam manter ambas as mãos imóveis. Com a massagem, Simão conseguiu relaxar de tal modo os músculos do pescoço de Camillia que pôde sentir os fragmentos ósseos partidos e realinhá-los. Com a pressão retirada do nervo ulnar, ela recuperou a total mobilidade do braço esquerdo e não houve atrofia quando sarou da fratura.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Sabíamos há algum tempo que o Natal era um período difícil para aqueles que recordavam as suas vidas como cátaros em Montségur. Agora descobríamos que, nesta estação, tínhamos, pelo menos por enquanto, outro fardo a carregar. Três dias depois do Natal, Clare sentiu-se excessivamente deprimida e entrou num dos seus estados de semi-ausência. Nessa condição, regressou a um novo interrogatório em que não fomos espancados, mas sim investigados de forma mais ou menos pública, enquanto estávamos contidos por um dispositivo que consistia num poste ao qual estava fixada uma espécie de coleira que se ajustava

por baixo dos braços. O objetivo era obrigar-nos a permanecer rigidamente de pé. Enquanto Clare revivia esta experiência, foi visitada por um dos revenants que lhe disse: «Olha debaixo dos teus braços.» De cada lado formara-se uma verruga um pouco abaixo da axila, exatamente no ponto de contacto com a coleira de madeira.

Era perfeitamente lógico que a atenção das autoridades sobre Camillia e os seus amigos se intensificasse no Natal, pois esta data era também uma festa mitraica, celebrada como tal há séculos. Os cristãos mais fanáticos pressionavam as autoridades para maior atividade precisamente na época da paz e da boa vontade, repetindo a acusação de que o culto de Mitra era subversivo.

Três dias após a primeira recordação do dispositivo de madeira, Clare desmaiou completamente. Quando recuperou, deu-me os detalhes. Mais uma vez, ela e eu tínhamos sido obrigados a ficar de pé nos respetivos colares. Na ocasião anterior, tínhamos visto isso juntos. O propósito desta segunda crise era garantir uma visão mais profunda do procedimento interrogatório. A sala onde fomos interrogados estava revestida com placas de mármore acastanhado. Havia uma longa mesa com seis pessoas sentadas à volta. Outro interrogador estava sentado à parte, num assento semelhante a um banco de piano. O que era singular era que tanto Camillia como Graham estavam presentes enquanto éramos interrogados.

Este último já fora testemunha numa ocasião anterior em que tínhamos sido espancados. Pelo que sei, esta era a primeira aparição de Camillia. Graham e Camillia não estavam encerrados no dispositivo de madeira, que creio ser algo reservado a escravos ou a quem era visto com a máxima suspeita.

As coisas estavam a chegar ao clímax. Nos primeiros dias do ano novo houve mais uma repetição em que Clare e eu, novamente na presença de Camillia e Graham, fomos investigados não só para obter informações sobre o culto de Mitra, mas também para descobrir se existia alguma organização ainda mais esotérica e misteriosa a operar por detrás dele. Desta vez encontrávamo-nos noutra sala, com uma mesa baixa e comprida. Era diferente de qualquer outra sala onde tínhamos sido interrogados anteriormente, porque Clare se lembrou de que ficava por cima de uma loja onde vendiam pimenta. Enquanto Clare recordava a sala por cima da loja, eu vi a praia e soube que estávamos em Óstia e que

Camillia perdera algo na areia. Tratava-se de um pequeno modelo de golfinho. Lembrei-me de que, naquela época, considerávamos este animal como outro símbolo da luz e da escuridão e, portanto, do bem e do mal. O seu simbolismo dualista devia-se ao facto de estar ao sol num momento e mergulhar no instante seguinte sob a superfície da água. A curva que descreve ao saltar da água tende a completar um círculo e representa assim a imortalidade. Recordava-me também que este golfinho era usado por alguns marinheiros franceses pertencentes ao grupo maçónico de Portchester. Estava combinado com o simples padrão de flores e folhas já descrito anteriormente.

Seja qual for o significado que o golfinho tenha adquirido na encarnação napoleónica, a sua importância esotérica era inquestionável na vida de Camillia. Clare viu, ao regressar ao passado, que se tratava de uma figura central num culto misterioso infinitamente mais antigo do que o de Mitra. Recordava-me que, nos dias em que ela recebia mensagens escritas de Braida, a expressão «mistérios eleusinos» fora registada juntamente com a de Mitra*, e quando sugeri que era disso que estávamos a tratar agora, os revenants indicaram a sua aprovação.

Clare conseguiu dar-nos detalhes da própria cerimónia. O golfinho era feito de algum material transparente e colocado com uma luz no seu interior, no centro da mesa. A luz era de algum modo intensificada e depois diminuída. Continuava a crescer e a diminuir. Senti que havia alguma concentração de espelhos à volta da sala para produzir esta alternância de luz. Depois de a luz atingir a sua intensidade máxima, o golfinho era de alguma forma transformado numa espiga de trigo. Não sei se outro símbolo era introduzido em substituição do golfinho nesse momento, mas o efeito produzido era o de uma transmutação direta da cauda do golfinho para a espiga de trigo.

Ocorreu-me que este culto misterioso com que estávamos a lidar era mais um sistema psicológico e esotérico, algo equivalente a um ioga do século IV. O seu objetivo era aumentar a sensibilidade e a perceção, e foi da prática das técnicas incorporadas nestes mistérios que Camillia adquiriu a capacidade de transmitir paz às pessoas e desenvolveu algo na sua natureza que persistiu durante cinco encarnações.

Os investigadores estavam menos preocupados com uma possível ligação entre o culto de Mitra e os mistérios eleusinos do que com a

possibilidade de Camillia ser uma participante ativa nestes últimos. Não creio que tivessem muitas provas concretas. Alguém apanhara o golfinho que ela perdera. Fora encontrado não longe da sua casa, mas não havia prova positiva que a ligasse a ele. Ao investigar a pertença ao culto misterioso, não estavam preocupados com religião subversiva ou motim, mas com as simples e vigorosas questões da sexualidade pervertida. Os mistérios estavam associados, na sua mente, a orgias sexuais coletivas. Não tinham qualquer esperança de encontrar provas de tais práticas no círculo de Camillia, mas qualquer pretexto servia para bater nos suspeitos, especialmente na atmosfera de boa vontade gerada pelo Natal.

Se disser que não consigo descrever os meus sentimentos na noite após esta última revelação, arrisco-me a ser aborrecido. Durante meses sofri as dores e depressões inseparáveis de reviver, e não apenas recordar, os piores episódios de encarnações anteriores. Houve alturas em que, por curtos períodos, os sofrimentos eram intoleráveis. Esta noite em particular foi uma delas. Na presença de Clare e da minha mulher, senti-me horrivelmente agitado. Não conseguia estar quieto e fui para outra divisão abrir a janela para apanhar ar. Isto não tinha nada a ver com o meu historial de doença cardíaca. Era como se não houvesse ar no mundo e eu estivesse a sufocar por falta dele.

Acordei cedo na manhã seguinte. É inútil tentar definir os extremos de horror que senti ao acordar. Quando vi Clare mais tarde, ela disse que tivera uma noite terrível em que a terra tremia, seguida de um terramoto. Teve a sensação de ser engolida e de haver alguém com ela que sofrera as mesmas experiências com consequências piores.

Em rápida sucessão recebi uma chamada de Annette, no Canadá, e de Kathleen, na Suíça. A primeira disse que Braida lhe contara que estivera muito tempo com Clare na noite anterior, que esta se sentira mal e tivera problemas no peito. Kathleen disse que na noite anterior sentira estar envolvida num terramoto. Achava que fora algures no Mediterrâneo oriental. Disse que Clare fora engolida pelo terramoto e que alguém próximo dela morrera. A declaração mais impressionante de Kathleen foi que sentia que o que ela e Clare tinham vivido na noite anterior remontava a uma encarnação anterior à nossa vida em Roma. Eu próprio tivera essa impressão. Poder-se-ia dizer que era razoável e obtido por dedução, pois os mistérios eleusinos tiveram origem na Grécia.

Mais tarde nesse dia, na minha companhia, Clare não entrou num transe, mas num estado de absorção em que os olhos se fixavam no infinito e respondia às perguntas lentamente, com uma entoação arrastada. Nessa altura, ampliou o que vivera na noite anterior. Ouviu um grande ruído, o mar subiu e a terra abriu-se. Esta última calamidade impressionara-a mais. Todas as casas da vizinhança foram destruídas. Ela (nessa altura era uma mulher) foi engolida pelos escombros. Alguém próximo dela, um homem, morreu. Ela sabia que esse homem era eu. O enorme peso dos escombros repousara-lhe no peito.

Admitiu que este se sentia apertado e que era doloroso respirar, e notei que a sua voz estava rouca. Lembrei-me do que Annette dissera na chamada telefónica sobre Clare ter problemas no peito. Olhei para ela e descobri que tinha um inchaço ósseo distinto e doloroso cerca da terceira costela esquerda, perto do esterno. Este inchaço ocupava o mesmo local do que sofrera quando revivera ser soterrada por escombros ao tentar escapar de um túnel em Portchester na encarnação napoleónica.

Senti-me convencido, embora sem qualquer razão que satisfizesse o meu cérebro exigente, de que nesta catástrofe estávamos perante uma encarnação ainda anterior à romana. Nessa altura apareceram Braida e Graham. Perguntei-lhes se Clare revivera o terramoto por ser uma ligação inevitável com os mistérios eleusinos. Perguntei se o terramoto seria uma demonstração do poder do mal inerente à natureza. Estaríamos nós de volta, antes de Pitágoras, aos próprios inícios do dualismo? Responderam que sim.

Perguntei depois se alguns dos mitos mais antigos não seriam, na verdade, ilustrações do dualismo. A história de Plutão e Perséfone não seria um simbolismo da luz engolida pela escuridão da terra? O desaparecimento de Perséfone não representaria a noite e o mal, e a luz e a bondade não estariam associadas ao seu regresso? A espiga de trigo nos mistérios eleusinos não seria uma indicação de Perséfone a regressar à luz e a trazer consigo a chegada da primavera?

Falámos também das festas da primavera para celebrar o regresso da luz e de como a própria bondade estava contida na luz, pois através dela os campos voltavam a ser férteis. Falámos dos ritos primaveris que tinham sido celebrados em locais da Grécia antiga e que eram francamente sexuais e orgiásticos. Os revenants disseram que estes

excessos deviam ser vistos nem como bons nem como maus, mas como uma consequência natural e reflexa do desastre. Tinham ocorrido pela primeira vez entre os sobreviventes do grande terramoto. A escuridão passara, a luz regressara e eles sabiam que tinham escapado a ser engolidos pelo enorme buraco que se abrira na terra. Todo o propósito de reviver o terramoto era perceber que esta fora a causa a partir da qual os mistérios eleusinos começaram.

A grande catástrofe fora uma prova positiva do poder do mal inerente à natureza. O regresso da primavera, com a renovação das colheitas sobre o que fora devastado, era um sinal da resiliência da natureza e do poder do bem inerente a ela. As celebrações orgiásticas reflexas eram importantes porque foi a partir destes excessos indisciplinados que se desenvolveu, ao longo dos séculos, a relação refinada e criativa praticada por Camillia. Os revenants recordaram-nos que o homem moderno se comportara de forma igualmente gregária e desinibida após o terramoto de Messina. Enfatizaram que o terramoto que Clare revivera servia para ilustrar o nascimento dos mistérios eleusinos e não tinha relação com o mito da Atlântida.

Os revenants confirmaram que eu tinha morrido no terramoto e que Clare ficara gravemente esmagada. Houve mais evidências desta última catástrofe. No dia seguinte, além do inchaço junto ao esterno, ela sentiu grandes dores no cóccix, a secção mais baixa da coluna vertebral. Havia descoloração, especialmente do lado direito, e ao longo dos dias esta espalhou-se como uma nódoa em forma de V cobrindo toda a área. Além disso, havia dor, inchaço e tensão aumentada dos tendões na nuca. Os sintomas do pescoço desapareceram em três dias, mas a dor e a descoloração na zona coccígea, com a consequente limitação de movimentos, duraram bem mais de uma semana.

Nos dias seguintes, enquanto se recuperava do choque do terramoto, Clare descreveu com maior detalhe os vasos usados nos mistérios eleusinos. Eram frequentemente tricolores: geralmente ametista, ouro e prata. A ametista indicava a busca da verdade, o ouro a realização dessa busca e a obtenção da verdade absoluta, enquanto a prata representava a emergência à boca do túnel no momento da grande catástrofe. Os mistérios eram essencialmente uma questão de alquimia. A transmutação da ametista em ouro era uma das mudanças significativas a observar na evolução pessoal.

Graham disse que era importante para pessoas constituídas como Clare usarem ouro e ametista no mês de janeiro, antes do regresso de Perséfone em fevereiro. Na lenda de Deméter, o regresso da filha perdida ocorria nesse mês.

Voltando à nossa vida em Roma: as autoridades foram incapazes de extrair de Clare e de mim qualquer informação sobre o culto de Mitra. O mau período durou durante os últimos três ou quatro anos da vida de Camillia. Ela estava sempre fatigável por ter dado tanto de si de forma tão discreta, e pergunto-me quanto a tensão dos últimos anos contribuiu para o seu fim precoce. O acidente ocorrera quando ela tinha cerca de trinta e dois anos. Ainda lhe restavam dois anos. Não vejo os anos em que estivemos sob vigilância como um horror ininterrupto. Se me colocar na pele do meu predecessor romano, considero que vivi um pesadelo. Estou certo de que isto é um exagero.

Claro que tínhamos medo entre os interrogatórios, mas não creio que estivéssemos paralisados pela apreensão. Acho que aceitávamos o medo e a dor como parte da vida num grau que é difícil as pessoas desta era compreenderem. A ideia de que éramos menos sensíveis do que o homem moderno e reagíamos menos às brutalidades que nos eram infligidas é um disparate. Creio que estávamos mais preparados para pagar em dor e medo os benefícios inegáveis que obtínhamos ao trabalhar para uma senhora como Camillia. Não penso que o pensamento de a trair ou de ceder sob pressão alguma vez nos tenha passado pela cabeça.

Antes da catástrofe final há memórias isoladas, algumas dolorosas, outras agradáveis. Entre as primeiras, houve outro interrogatório infligido apenas a Clare. Depois de ser questionada pelas autoridades seculares, foi atirada pelas escadas abaixo e depois arrastada para uma câmara subterrânea escura. Esta era quase completamente negra, exceto por uma fresta de luz que entrava de algum lugar que ela não consegue recordar. O que a aterrorizava mais do que a escuridão e a solidão era a sensação de enormes aranhas a rastejarem sobre ela. Aparentemente, o lugar estava infestado delas. Nesta vida, ela tem uma fobia por aranhas e reage excessivamente só de as ver.

As memórias de Kathleen eram mais agradáveis, embora recordasse bem a animosidade que me mostrara dezasseis séculos antes. Lembrava-

se de que as cores favoritas de Betty eram o púrpura e o verde-escuro e de como eu usara os seus vestidos. Disse que o meu cabelo era muito escuro, que muitas vezes usava uma faixa dourada com uma joia amarela ao centro à volta da testa e que trazia algo amarelo ao pescoço. Creio que se tratava de um colar de âmbar.

Teve de admitir que, naqueles dias, não gostara muito de mim e insistiu que eu não era muito popular junto do resto do pessoal. Recordava que a família e os convidados comiam em mesas compridas e baixas, semelhantes a mesas de centro, e se reclinavam em almofadas enquanto o faziam. Ela e outros serviam nessas refeições. Deixou claro que eu era demasiado elevado para fazer isso. Clare recordou que por vezes usávamos travessas em vez de pratos para as refeições comuns e que, quando havia molhos e caldos, estes eram servidos em recipientes separados.

Kathleen lembrou-se de que Clare tinha os mesmos olhos luminosos que teve em todas as cinco encarnações recordadas. Não conseguia ter a certeza da cor deles. Estou convencido de que não eram tão azuis como nesta vida.

Mencionei que, quinze anos antes, vira o rosto de uma mulher modesta, tímida e conscienciosa transformar-se no de uma rapariga com uma beleza pagã, meio animal, e olhos ardentes. Betty identificou isto como ela própria numa encarnação pré-romana, no Mediterrâneo oriental.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Chego a um período em que, dia após dia, sem interrupção, via a ametista e o anel dourado à sua volta.

Um dia, quando liguei a Clare, conseguia ouvir pelo telefone que a sua respiração estava rápida e leve e que a sua fala era algo irregular. Perguntei-lhe o que se passava. Disse que estava a tremer e não conseguia aquecer-se. Tinha fechado todas as janelas da casa e utilizado todas as formas de aquecimento disponíveis. Era um dia cru com vento de leste, mas não se podia descrever como ártico. Ela não era, de modo nenhum, uma pessoa friorenta. Por vezes achei a sua casa excessivamente saudável, com mais ar fresco do que eu consigo suportar

confortavelmente. Presumi que devia estar a adoecer. Mesmo pelo telefone, tinha a impressão de que os seus tremores se aproximavam de rigores.

Tive, para mim, uma noite má. Estava inquieto e agitado. Pedi ajuda a Braida e a Betty. Mesmo quando hesitava em chamar os revenants para responder às minhas perguntas, não tinha qualquer escrúpulo em invocar a ajuda deles para aliviar os meus próprios sofrimentos.

Na manhã seguinte, liguei a Clare. Dormira pouco e riu-se apologeticamente ao descrever o seu estado como horrível. Disse que ainda se sentia gelada até aos ossos e não conseguia parar de tremer. Perguntei-lhe se medira a temperatura, mas ela não era desse tipo e não possuía termómetro. Veio ver-me mais tarde nesse dia. De repente, senti a presença de Braida à esquerda da cadeira em que estava sentado, com Betty de pé à minha direita.

Betty falou-me muito suavemente dos seus interesses filosóficos difundidos por cinco encarnações. Depois, subitamente, vi a ametista mais próxima, mais clara do que nunca. Era como se estivesse a olhar através de um microscópio que magnificava a sua forma e me mostrava em detalhe requintado as facetas da joia e a luz como uma rede de rios comunicantes aprisionados dentro dela. A névoa dourada palpitante à sua volta endurecera na realidade cintilante do ouro batido.

Num momento estava a ver as ricas correntes luminosas a fluir dentro da ametista rodeada pelo seu círculo de ouro, e no seguinte olhava para uma casa alta com uma escada exterior aberta ao ar, ao céu e a uma paisagem endurecida pelo brilho áspero do sol nas casas dispersas. Camillia estava a morrer nessa casa. Reunimo-nos à volta da sua cama, mas após o lapso de tantos séculos era como olhar para um quadro. Ela tremia violentamente. Depois, com os olhos fechados e em estado de coma, os rigores continuaram.

«Ela morreu de febre», disse eu.

«Que tipo de febre?», perguntou-me Braida.

Depois disso, fui eu quem tomou a palavra. Disse calmamente e com precisão, como se estivesse a ler um historial clínico, que Betty morrera de malária cerebral. Fora atacada por malária terciária maligna, uma forma virulenta do parasita da malária. Contraíra-a na Campagna, a região em

redor de Roma onde a malária persistiu até aos anos 1920. Fora o seu primeiro ataque. Exceto pelo acidente, não tivera doenças anteriores de importância, embora fosse frequentemente descrita como delicada e se cansasse facilmente. Era o médico em mim a olhar para trás através de dezasseis séculos. Quando disse que, mesmo no leito de morte, o seu rosto não ficara ictérico pela malária, não estava apenas a manifestar as minhas capacidades clínicas, mas a expressar um orgulho desesperado pela sua beleza intacta.

Tinha trinta e quatro anos quando morreu. Faleceu na noite de 13 para 14 de outubro, ou seja, na mesma noite em que Clare e eu sentira a sua passagem no século XX.

Era significativo da intensidade com que Clare revivia o passado que ela sofresse durante dois dias e uma noite dos rigores terminais que acompanharam a malária cerebral de Betty. Durante esse período, tremeu constantemente e por vezes violentamente. Tivemos outra testemunha dramática das últimas horas de Camillia. Estava sentado na minha cadeira, após a partida de Clare, a recuperar de uma experiência em que o facto inexorável da morte se unia à verdade imperecível da continuação. Kathleen ligou da Suíça. Estivera perturbada durante várias noites por aquilo a que chamava um sonho vívido e que imagino ser melhor descrito como uma visão.

Estava numa casa com pavimentos e paredes de mármore e com uma vista maravilhosa sobre uma cidade que sabia ser Roma. Havia muitas pessoas de vestes brancas reunidas à volta de uma cama onde uma mulher estava deitada. Estava obviamente muito doente. O aspeto mais marcante da sua doença, que Kathleen enfatizou várias vezes, era que tremia violentamente. Perguntei-lhe como era a mulher. Disse: «Sabes como ela era. Era muito bonita de uma forma desleixada. Era sempre impressionante. Lembras-te do seu cabelo muito loiro e dos olhos muito escuros.»

«Lembras-te de mais alguma coisa?», perguntei.

«Sim, uma coisa muito vividamente. Estavam a borrifá-la com algum tipo de água perfumada. Acho que era feita de pétalas de rosa.»

O borrifo era a contribuição de Cláudio. Ele mantivera-se afastado da casa desde que eu repelira tão sarcasticamente as suas investidas, mas o

respeito por Camillia era tal que esqueceu as suas próprias dores e esperou junto ao seu leito de morte. Não sei o que esperava da água de rosas. Talvez pensasse que reduziria a temperatura altíssima dela.

Kathleen disse que, durante várias noites, vira o seu avançado de râguebi que aparecia quando mais precisava de apoio. Estava particularmente perturbada pela sua visão, que era, para ela, a recordação mais nítida da sua encarnação romana. É possível que a sua consciência do século IV tenha sido despertada quando, de pé junto ao leito de morte de Camillia, recordou todas as críticas que lhe fizera.

Depois veio o que pensei ser certamente a experiência culminante. Braida e Betty reapareceram e disseram-me que, após a morte desta última, eu herdara a sua posse mais querida: um pendente do qual pendia uma grande ametista escura. Estava lapidada em muitas facetas na frente e nos lados. Era plana atrás. Estava engastada numa fina moldura de ouro. Tinha forma oval, com o limite inferior do oval ligeiramente pontiagudo. A descrição de Betty correspondia exatamente ao que eu vira tantas vezes em visões e por vezes em momentos de tensão antes ou depois de dar palestras públicas sobre dualismo.

Camillia considerava a ametista como um amuleto. Usava-a para se proteger contra doenças e mau-olhado. Deu-ma porque me amava profundamente, mas também porque se lembrava das noites em que eu me agarrava a ela em busca de proteção contra os espíritos malignos.

Para mim, isto era a última palavra, e a conclusão lógica das faixas de púrpura e verde-escuro que vira anos antes, dos vestidos que herdara dela na minha vida em Roma e da visão da ametista que se intensificara nos últimos meses. Esta última era algo que ela me dera porque me amava. Não podia haver qualquer dúvida de que ver a ametista era para mim o sinal da presença de Betty e uma indicação não só do nosso amor um pelo outro ao longo de quase dois milénios, mas também um sinal seguro de que, entre todos os revenants, ela era a mais próxima de mim e devia ser considerada a minha mentora.

Fiquei satisfeito e feliz por agora compreender o propósito da experiência visionária de anos e por me sentir confirmado no estranho, impalpável amor de outro mundo que sentia por Betty. Dois dias depois, fui para o meu quarto descansar. Mais uma vez, Braida e Betty apareceram. Há algum tempo que não via os símbolos fundamentais da

minha experiência visionária. Agora surgiram a pomba, a rosa e o cálice. Estavam delineados a prata, que em breve se transformou em ouro. Mais uma vez, a alquimia visual estava em funcionamento. Depois apareceu na parede o mosaico romano em forma de losango. Desta vez, o desenho estava colorido. Os losangos eram de um verde pálido e os interstícios entre eles de um ouro claro. Em seguida, vi nas paredes os contornos de uma figura e, depois, um rosto e uma cabeça imóvel envolta no que parecia ser uma espécie de toucado.

Depois percebi que o que julgara ser um toucado era uma espécie de ligadura firmemente enrolada à volta das faces e que, acima do rosto, se abria ligeiramente. Soube que estava a ver Camillia morta e preparada para o enterro. O mosaico era o padrão do chão do seu quarto. Vi estas coisas claramente com o olho visual e não com o órgão da perceção interior. Não eram tão nítidas como a estante de livros que está à minha frente neste momento, mas via-as da mesma forma e através dos mesmos processos oculares. Era triste e irónico refletir que a mãe de Betty, a Sra. Butler, dissera anos antes que eu veria Betty antes de ver qualquer outro dos revenants.

Sabia agora que a mãe de Betty quisera dizer que, antes de todos os outros, eu a veria pela via dos processos comuns da visão. Era triste que, quando recorri à visão que usamos neste mundo, tenha visto Betty depois de morta. Era um paradoxo doloroso que anteriormente a tivesse visto, com o seu cabelo loiro e olhos escuros, pela perceção não sensorial — aquela que alguns possuem em vida e que poucos herdam ao nascer cegos.

A visão de Betty como Camillia, imóvel e distante, foi intensamente comovedora. Ao mesmo tempo, fui compensado pela sensação da sua presença ao meu lado. Vivi naquele quarto, nesses momentos, não uma alegoria da vida, mas a sua substância condensada. Estivemos juntos em quatro vidas e fomos mantidos afastados um do outro na quinta pela malícia da geografia e das circunstâncias. Mais do que tudo isso, sobrevivemos a cinco mortes. Sei que ela estava de pé à direita da minha cadeira nestes dias. Sempre a considerei a minha mão direita.

Há uma fase na vida em que se toma uma respiração profunda e prolongada e se diz a si próprio que se chegou a um marco. Pareceu-me que, quando pensava em Betty, era para sempre e que a ametista era um

acompanhamento da nossa eternidade comum. Foi num estado de espírito abrilhantado pelo coração que disse a Clare: «Claro que a ametista está inextricavelmente associada a Betty.» Mesmo ao dizê-lo, considerei as minhas palavras supérfluas. Não desejava ser tranquilizado nem apoiado na minha conclusão. Apenas falei porque me tornava feliz partilhar a minha convicção com Clare.

«Mas não está», disse ela com firmeza. «A ametista faz parte de ti independentemente de Betty. É um símbolo da busca da verdade, mas há mais do que isso. É também a tua pedra.»

«O que queres dizer com a minha pedra?» Pareceu-me ridículo que um conceito favorecido pelas revistas mais baratas fosse contraposto a tudo o que eu traçara da história da pedra e a tudo o que aprendera do seu significado íntimo para mim.

«Estas coisas foram estabelecidas muito antes de conheceres Betty.»

«Queres dizer que eu sentimentalizo a questão da ametista e de Betty?»

«Não enfrentas a verdade sobre isso», disse ela. «Apareceu na tua própria vida muito antes de Betty. A vida dentro dela é a mesma que a tua. As vibrações que emite estão sintonizadas com o ritmo particular do teu sistema nervoso e, por isso, são curativas para ti.»

Recordou-me então o que Guilhabert de Castres e Graham me tinham dito sobre a formação dos primeiros minerais no mundo e como a luz criou vida que ou se movia à superfície das águas ou se cristalizou e parecia imóvel, mas continuava potente nas rochas e nas pedras. Graham acrescentou que a primeira individualização da consciência que viria a tornar-se a minha vida humana ocorreu dentro de uma ametista. Os detalhes do que me contou são demasiado esotéricos e profundamente filosóficos para caberem nesta obra. Tudo o que posso dizer é que os inícios da minha sensibilidade pessoal estavam contidos em alguma forma primitiva de existência nascida das vibrações da ametista. Deu-me um vislumbre dos meus começos últimos, para além da minha encarnação como homem.

Os revenants, incluindo a própria Betty, confirmaram que eu estava certo em tudo o que deduzira sobre o significado pessoal da ametista para mim. Não podia haver qualquer dúvida de que o que vira nas minhas

visões era aquilo que Betty usava suspenso no seu pendente na encarnação romana. Acrescentaram que era necessário eu ultrapassar a personalização da experiência visionária. Compreendo o ponto deles, mas não penso que tenha conseguido o que sugeriram.

Nesta altura, Clare entregou-me um bloco de ametista natural que comprara para mim algumas semanas antes. Disse-me que devia mantê-lo ao meu lado, especialmente quando estivesse a escrever, e que devia segurá-lo durante vários minutos todos os dias. Hesitei perante a sugestão. Pareceu-me demasiado análogo ao uso de imagens sagradas e à reverência pelos ossos hipotéticos de santos ainda mais hipotéticos. Não conseguia ver que o que era errado num católico fosse certo num dualista e expressei as minhas dúvidas a Braida, que respondeu: «Se ainda não sabes a diferença até agora, nunca saberás nada.»

O meu cérebro aguçou-se um pouco com isto e perguntei se o facto de receber a ametista de Clare tinha algo a ver com a aplicação dos princípios da psicometria. Então soube que, antes de ma dar, Clare a tinha manipulado ela própria cerca de dez minutos por dia durante cinco ou seis semanas. Sugeri a Braida que, como Clare tinha, através da sua psique, o poder de se dispersar pelo tempo, conseguia, emitindo um sistema de vibrações para além das limitações da cronologia, ligar-se à emanação da ametista e transmitir-lhe algo da sua capacidade de curar e de ver o passado. Igualmente, podia evocar da substância da ametista vibrações que, transmitidas a mim quando a tocava, me podiam fortalecer ao levar-me de volta aos meus próprios começos e também aguçar as minhas visões do passado. Braida disse-me que tudo isto não só era possível como estava em funcionamento.

Não pode haver dúvida de que, quando toco na ametista, sinto sensações bem características e inconfundíveis. Para começar, está sempre gelada como se tivesse sido recém-escavada das altas fortalezas de onde foi extraída. Esta sensação de frio é independente do local onde tem sido guardada. Uma sensação de frio sobe dos meus dedos em canais gelados até ao braço superior e é imediatamente acompanhada por uma pulsação marcada no próprio braço. Esta circulação arterial acentuada é por vezes sentida também no tronco. Corresponde às sensações registadas quando a cura psíquica é realizada a todo o vapor e se manifesta em pulsções arteriais em vez do calor e formigueiro mais comuns.

Sinto-me mais forte e confiante se segurar a ametista durante alguns minutos. Não pode haver dúvida de que, além de aumentar o meu bem-estar físico, clarifica a minha mente ao ponto de, durante uma sessão particularmente boa, a resposta aos problemas fluir de forma clara e sem esforço. Como tudo o resto neste mundo, o meu bloco de ametista não é uma cura completa nem funciona sempre, mas a sua eficácia não pode ser posta em dúvida porque, ao segurá-lo, sinto as mesmas vibrações associadas à cura. Os revenants também me disseram que, por vezes, quando me era exigido algum esforço especial, devia recarregar as minhas baterias com ele. Fiz isso, por exemplo, quando fui chamado a dar uma emissão à meia-noite que, teoricamente, é uma provação física para além das minhas forças e da qual saí não só incólume como sem cansaço.

Aconselharam-me também a levar um pedaço de ametista no bolso para usar quando estivesse exposto a pressões como dar palestras ou responder a perguntas no final delas. Recordo-me de uma ocasião em que, a meio de uma palestra, a minha mente esvaziou com uma rapidez desconcertante e perdi o fio ao que estava a dizer. Exceto em raras ocasiões, falo sempre com notas mínimas. Fui imediatamente trazido de volta à plena consciência ao tocar num pedaço de ametista que trazia no bolso.

Não compreendo plenamente o mecanismo envolvido no que me é transmitido pela ametista. Ainda subsiste em mim uma relutância em usá-la. Se me pressionassem a perguntar porquê, reduzir-me-ia ao argumento pomposo de que vai um pouco contra os meus princípios. O pragmático em mim diz-me que devo guiar-me pelos resultados. Devido aos seus efeitos, aceito agora que a minha relação com a ametista é mais antiga do que o meu amor por Betty, mas persisto em que ela, a ametista e eu formamos uma espécie de trindade indissolúvel e sei que, enquanto escrevo, é ela quem dirige as palavras que profiro.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

É completamente inútil tentar descrever os meus sentimentos após a morte de Camillia. Havia uma agonia tanto mais terrível por ser de certo modo destacada. O pior era o núcleo gelado e central de entorpecimento e a certeza absoluta de que a vida parara. O tormento era tão externo, tão irrelevante para a morte interior, que quando as autoridades nos

prenderam para novo interrogatório era difícil distinguir os dois tipos de horror um do outro.

Graham levou Clare e a mim para sua casa imediatamente após a morte de Camillia. Os seus motivos eram vários, mas no conjunto honrados. Tinha uma veneração genuína por Camillia e sabia que a minha segurança e, em menor grau, a de Clare lhe seriam muito queridas. Sentia que nos tornaríamos um novo alvo das autoridades. Nessa altura, estava também profundamente apaixonado por Clare. (É interessante que nem ele nem Cláudio manifestassem a rigidez de classe que caracterizava as camadas privilegiadas da sociedade romana.)

No próprio primeiro dia em que chegámos à casa de Graham fomos visitados pelas autoridades seculares. É um reflexo da persistência nauseante da burocracia daquela época o facto de terem aproveitado a oportunidade para nos atormentar novamente quando estávamos esmagados pela nossa perda. Clare viu, numa das suas semi-ausências, os interrogadores a exigirem o significado de dois objetos que Camillia lhe deixara. Um era a cabeça de um jovem com duas prolongações no topo da cabeça. Parecia a figura usada nas celebrações mitraicas.

Graham conseguiu persuadir as autoridades de que se tratava apenas de um legado pessoal para Clare. Ela foi também questionada sobre outro legado. Era uma cruz encimada por um círculo e decorada com um padrão entrelaçado semelhante ao que viria a ser comum nas cruzes celtas trezentos anos depois. Este segundo presente era também um símbolo mitraico, mas Graham conseguiu que fosse considerado como objeto de arte.

Após a morte de Camillia, a minha própria vida era uma sombra. Quando a agonia dos primeiros meses passou, já não estava deprimido, exceto nos aniversários dos dias em que tínhamos feito passeios especiais juntos e noutros momentos em que ela regressava a mim como um perfume doce e cortante. Mantive o meu respeito próprio. Com os meus caracóis e joias, enfeitava-me tão impressionante e talvez tão absurdamente como sempre. Embora, para as aparências externas, fosse uma imagem de sofisticação algo consciente, o meu coração estava morto dentro de mim porque o propósito desaparecera da minha vida. Entregara o meu coração a Camillia quando saí da minha cabana nas montanhas. Morreu com ela e para mim haveria sempre um vazio frio no centro do

meu ser. Como era de origem camponesa e com a sabedoria de um camponês, porque sabia que um ramo pode morrer por uma fenda na casca e porque sabia pela natureza que não enfrentar o tempo selvagem do mundo é assinar a própria sentença de morte, trabalhei tão arduamente como sempre e vesti-me com o mesmo cuidado ostentatório. Sabia que o respeito próprio consiste muitas vezes em manter uma sucessão de hábitos.

Fiz o meu melhor por Graham porque lhe estava intensamente grato. Não era culpa dele que eu não pudesse considerar o meu trabalho um labor de amor. Não havia vestidos verdes e púrpura para herdar e as minhas funções eram inevitavelmente menos interessantes. Clare estava em melhor situação. O que sentia por ele era algo mais profundo do que gratidão. Pouco depois de entrar na sua casa, tornou-se sua amante. Uma coisa de que estou certo é que isto não era uma questão de um cavalheiro a explorar uma escrava. Graham era um homem grave, atencioso e compassivo. Não estava na sua natureza agir como um mulherengo.

Nunca invejei a Clare o seu estatuto melhorado. Não porque a minha natureza fosse particularmente abnegada ou tolerante, mas simplesmente porque não via o que havia para invejar. Amara uma vez à minha maneira particular e que os outros precisassem de paixão uns pelos outros era para mim uma diversão externa sem sentido. Não era que houvesse algo de etéreo em mim, de qualquer modo. Suponho que era naturalmente casto, mas de modo nenhum retraído. Tinha por vezes um traço duro e sabia de que lado o meu pão era barrado. Era simplesmente que Camillia absorvera totalmente e para sempre todo o afeto de que eu era capaz. Gostava de Clare e admirava-a muito, mas o meu coração não estava envolvido.

Levei o que para mim era uma vida confortável e sem relevo. Não precisava de trabalhar de todo porque poupara dinheiro suficiente ao serviço de Camillia, mas não estava na minha natureza ficar ocioso. A vida de Clare valia certamente a pena ser vivida. Estava apaixonada e grata. Era também mais elástica e sensata do que eu. Não duraria.

Uma noite, Clare estava silenciosa, absorta em si mesma e obviamente deprimida. Annette ligou do Canadá. Tinha captado pelo éter que Clare estava deprimida e exausta. Perguntou-me se era o aniversário da morte de Graham em alguma das encarnações, a celta ou a romana.

Optei pela última. Mais tarde nessa noite, Graham visitou Clare. Disse que o dia que acabara de passar era o aniversário da sua morte na encarnação romana. A miséria de Clare nesse dia era compreensível, considerando como perdera alguém que a protegera em cinco encarnações.

No dia seguinte ao aniversário da morte de Graham na encarnação romana, Clare jantou connosco. Notei que o seu rosto estava congestionado e os olhos algo distantes, mas ela não admitiu que estivesse a olhar para trás, para uma vida anterior, e as minhas oportunidades de a questionar foram escassas. Alguns minutos depois de ela ter saído, olhei pela janela e vi, por acaso, que o seu carro ainda ali estava parado.

Parecia que ela tinha iniciado o caminho para casa, mas fora depois acometida pela tontura que tão frequentemente se seguia a estas incursões ao passado, e tivera de voltar a estacionar o carro por se considerar inapta para conduzir. Enquanto estava sentada no escuro, recordou que, nesse dia particular em Roma, aproveitando o desespero que a morte de Graham induzira em nós dois — e nela em particular —, as autoridades tinham achado por bem voltar a chamar-nos. Fomos interrogados novamente e maltratados no processo.

É extraordinário, quando se pensa na inumanidade calculada praticada contra nós pelas autoridades, que Clare consiga olhar para trás para a encarnação romana sem repulsa e eu com uma afeição positiva. Maltratar pessoas já é suficientemente mau por si só. Aproveitar a oportunidade para o fazer nas vinte e quatro horas seguintes ao luto que sofreram é o limite extremo da crueldade humana. Será que, ao olharmos para o passado, cometemos o mesmo erro que nesta vida ao contemplarmos a nossa própria juventude?

Ao recordarmos depois de décadas, esquecemos as suas agonias e só nos lembramos dos seus êxtases de abril. Da minha parte, acredito que, exceto nos anos em que fui perseguido por causa do suposto conhecimento do culto de Mitra, fui positivamente feliz porque conheci um grau de segurança que nunca mais viria a experimentar em qualquer das minhas encarnações. A felicidade é sempre um subproduto. A minha nasceu da oportunidade de amar e servir Camillia.

Betty considerava a sua vida em Roma como a segunda mais feliz das suas encarnações. Disse que, mesmo durante o declínio do Império e até

às perturbações dos últimos anos, a vida do seu círculo era ociosa e graciosa. Considerava a sua vida na Cúmbria celta como a encarnação mais feliz.

Para escravos, fomos extremamente afortunados e, de facto, privilegiados. Não sei quantos anos vivemos com Graham, mas após a sua morte, quando passámos para as mãos de Cláudio, creio que eu estaria já na casa dos trinta e muitos. Nessa altura, o seu amor profundo e autodestrutivo por mim já se tinha extinguido e ele conseguia suportar sem dor a visão do meu rosto e dos meus caracóis pretensiosos. Foi bondoso da sua parte aceitar-nos. Havia algo de fraco e um pouco patético na sua constituição. Era indubitavelmente de bom coração e, passados os anos, não esquecera a sua reverência por Camillia e sentia uma responsabilidade definida por Clare e por mim, enquanto dois dos seus dependentes.

Quando Clare e eu fomos servi-lo, creio que ele já não era capaz de qualquer sensação profunda, encerrado no seu casulo hedonista. No meu pior momento, nunca me preocupei tanto com a aparência como ele, e o meu uso de perfume era muito mais contido. (Mais uma vez, não há evidência de que fosse homossexual. Era apenas efeminado e com ornamento próprio.) Annette refere-se apenas a estas últimas características quando se descreve, na encarnação romana, como um «pansy medonho». Um dos nossos deveres era preparar o seu banho, que era polvilhado com sândalo. Annette lembrava-se disto com muita clareza. Transmitiu-me esta informação num grande atropelo, porque ainda se sente nitidamente — embora de forma ilógica — envergonhada da sua constituição como homem na encarnação romana.

Estou certo de que o lavar e secar Cláudio lhe dava não mais do que uma satisfação sensorial comum. Os seus desejos não eram de modo algum despertados por estes procedimentos, que eram, aliás, bastante comuns na época. Vivia dos prazeres dos seus cinco sentidos, era basicamente bondoso, mas demasiado inerte para fazer muito bem positivo e certamente não fazia mal a ninguém. Tinha alguma desculpa para a sua existência sem rumo.

Como já indiquei anteriormente, a sua saúde não era boa e parecia cinzento, tóxico e de olhar baço durante os seus ataques de dor abdominal acompanhados de vómitos.

Cláudio era completamente incapaz de assumir responsabilidades. Isto foi-nos trazido de forma muito clara mil e seiscentos anos depois, em Bath. Uma noite, estava sentado com Clare quando fui subitamente acometido por uma dor no lado direito. Foi uma punhalada momentânea que poderia não ter significado algum, um espasmo muscular de alguns segundos provocado por estar sentado demasiado tempo numa posição contraída. Ainda assim, foi aguda enquanto durou. Não havia qualquer razão para que uma pessoa comum notasse o meu desconforto momentâneo. Clare apercebeu-se imediatamente e perguntou onde era a dor. Esta regressou de forma tão aguda que prendi a respiração e perguntei-me se estaria a começar uma pleurisia.

Não foi necessário pensar no problema. Annette ligou do Canadá pouco depois. Disse que se sentira péssima o dia todo e perguntou-me se algo horrível tinha acontecido. Pensei que estivesse a expressar a sua habitual preocupação com Clare. Ela afastou a sugestão com brusquidão e disse que se referia a algo que acontecera na encarnação romana. Depois contou-me que vira a casa em Roma onde vivera como Cláudio. Eu estivera doente com uma dor baixa no lado direito. A sua descrição correspondia exatamente ao local da dor que eu acabara de sentir. O médico, o nosso amigo Simão, ou, como ela o conhecia então, Marcelus, visitara-me e aplicara uma espécie de cataplasma.

Annette recordava com clareza e franqueza o quanto ficara agitada porque eu adoecera na sua casa, e era evidente que naquele momento se sentia profundamente envergonhada da sua reação de séculos antes. Compreendo melhor agora por que razão, apesar de se fascinar pela cura e pelas ervas, Cláudio nunca se entregara de corpo e alma à medicina. Tinha vários atributos que fazem um médico: era compassivo, interessado na cura e na ciência, paciente e teria sido apresentável se se tivesse restringido a um vestuário ortodoxo e não se tivesse intoxicado com a necessidade de se enfeitar. Mas faltava-lhe completamente a capacidade de suportar a responsabilidade por alguém gravemente doente sem entrar em pânico. Apesar de tudo, tinha o impulso de curar.

O que fora timidamente exibido na sua encarnação romana foi exibido com coragem em Loweswater e Bassenthwaite na encarnação celta, quando Annette, como Aurélia, não era apenas uma curandeira competente, mas tinha uma mente independente e uma vontade própria, e preparava poções frescas, num sistema de «enquanto espera», em vez

de distribuir receitas prontas como muitos dos seus confrades. Tinha o mesmo amor pelas ervas medicinais na encarnação cátara. Ela e eu discutimos este assunto quando estive gravemente doente de tuberculose e pneumonia em Montségur.

Pergunto-me se Clare e eu fizemos justiça suficiente à má saúde de Cláudio quando nos ríamos das suas fraquezas e idiossincrasias. Estaria ele sempre um pouco tóxico por causa do apêndice resmungão? Creio que Clare foi mais compassiva para com ele do que eu. Tinha pena dele de certa forma, mas depois eu magoara-o gravemente quando ele era pouco mais que um rapaz, e é sempre mais difícil perdoar aqueles a quem nós próprios ferimos. De qualquer modo, ficámos todos suficientemente abalados no dia em que Cláudio sofreu mais um dos seus ataques de dor baixa no lado direito do abdómen, com vómitos contínuos. O médico veio e nada pôde fazer por ele. Morreu em grande agonia do que tenho a certeza ter sido um apêndice crónico supurante rompido, com peritonite consequente.

Como o leitor poderá lembrar, no verão de 1973 Annette esteve desesperadamente doente com um apêndice rompido e uma peritonite fulminante e foi dada como morta. Os acidentes em que esteve envolvida eram repetições de acontecimentos ocorridos em encarnações anteriores. Estou certo de que a sua peritonite quase mortal em 1973 foi uma recordação, ao nível visceral, da sua doença final e morte como Cláudio na encarnação romana.

Após a morte de Cláudio, vivi sozinho numa casa minha. Continuei amigo de Clare. Estava agora na casa dos cinquenta e tinha o suficiente para viver. Após a morte de Camillia, o resto da minha vida foi um culto secreto. Tornei-me seguidor de Mitra. Significava pouco para mim. Fiz isso apenas porque pensava que seria um consolo para Camillia nas sombras. Também me ajudava a preencher o tempo. Foi um consolo que, nestes últimos dias, tenhamos escapado à descoberta e à perseguição. Nunca me interessei verdadeiramente pelo culto de Mitra. Distraía-me facilmente quando tinha de me concentrar em algo que não me interessava.

Um dia, estava sentado em Bath com Clare quando ela entrou num dos seus semi-trances. Ao recuperar, disse que revivera a minha morte na encarnação romana. Por vezes, nestes estados de consciência alterada, Clare atuava como um forte catalisador, de modo que eu conseguia ver-

me como fora nas minhas últimas horas. Foi assim nessa ocasião. Estava sentado tranquilamente com Clare em Roma uma noite quando, subitamente, sem dor ou qualquer aviso, vomitei sangue. A última coisa de que me lembro antes de desmaiar foi que a hemorragia era copiosa. Clare arrastou-me para a cama e foi chamar o médico. Recordo-me de acordar enquanto estava sozinho. Deitei-me muito quieto, sem dor nem medo. Algo me impeliu a pôr a mão no abdómen. Estava duro e resistente como uma tábua. Embora não soubesse medicina, percebi que estava perto do fim. Senti-me completamente desligado de mim próprio, embora estivesse plenamente consciente do que me rodeava. Não me importava de um modo ou de outro. Não tinha medo. Estava esvaziado de toda a emoção e o medo saiu com o resto dos meus sentimentos. Quando Clare chegou com Marcelus, eu já partira.

Não tenho dúvidas de que morri de uma daquelas raras úlceras pépticas altamente agudas que não dão sintomas prévios, que perfuram e que são frequentemente acompanhadas de hemorragia considerável. Nestes dias, suponho que teria sobrevivido, mas, embora nessa altura já não estivesse deprimido e cumprisse as minhas obrigações da maneira metódica habitual, já tinha tido o suficiente. Possivelmente a psiquiatria moderna diria que a úlcera foi uma erosão dissimulada de mim próprio após a morte de Camillia. Suponho que esta explicação é tão boa como qualquer outra. Estou certo de que tudo o que a minha psique procurava era retomar o meu antigo trabalho com a minha senhora.

Foi Braida, reforçada por Guilhabert de Castres, quem primeiro me disse que devia escrever este livro para nele descrever como estabeleci contacto direto com os revenants. Foi Betty quem indicou como o devia escrever. Disse que a história devia centrar-se nela. Surpreendeu-me que alguém tão abnegada me desse tal conselho, mas vejo que a história se reúne melhor desta forma. Além disso, sentia que era bom para mim expressar por escrito o meu antigo e contínuo amor por ela, que me parecera tão frustrante e sem propósito nos últimos anos da minha vida em Roma.

Por vezes vejo-a como a minha irmã no século XIII. Senta-se com o tronco ligeiramente inclinado para a frente a partir das ancas, mas a linha da sua coluna permanece muito direita. Tinha a mesma postura, o mesmo sorriso atento e a mesma voz suave no século XIII que teve na sua última encarnação, mas os traços eram mais agudos, embora não menos gentis.

Mas enquanto escrevo este livro, vejo-a como majestosa, adorável e um pouco lânguida enquanto as sombras caem sobre Roma. Está quase sempre sem sorrir, mas observa-me intensamente.

Ela continua à minha volta. Quando estou em apuros e a chamo, vem mais depressa do que os outros. Não posso dizer aqui o que sei sobre a natureza do tempo, a dissolução da forma e a persistência da consciência individualizada. Tudo o que direi é que ela estará sempre comigo, que não há fins nem começos, que naquilo a que chamamos eternidade há acordes distintos que se harmonizam especialmente uns com os outros e que ao mesmo tempo ecoam em todas as direções.

Na minha encarnação romana, terminei a minha vida algures junto ao mar. Penso que foi em Óstia, mas os revenants não mo disseram. Tenho a certeza de que foi num lugar bastante próximo, porque Braida e o Sr. Mills me disseram que, com a minha vida em Roma a pressionar-me tão de perto, não devia visitá-la durante mais um ano. Sentiam que, se o fizesse, seria demasiado para mim.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A história de como estabeleci contacto com os revenants está intimamente, mas não inteiramente, ligada à da minha encarnação romana. Houve muitas ocasiões em que os sinais que me foram dados não só se manifestaram no presente, como se referiam ao presente, como no episódio da ranhura moldada na minha mão pela pressão da corrente de Braida. Vimos também como Braida dirigia as mentes dos outros em benefício dos membros do grupo, como quando influenciou os pensamentos do Dr. Charles sobre as cores do outono, cornalinas e ágatas musgosas no início do seu tratamento de Annette. Mais tarde, quando o Dr. Charles conheceu Clare e a mim, ficou espantado com a identidade não só das nossas opiniões sobre Annette, mas das próprias palavras que usávamos para as expressar.

Numa ocasião, ele estava a exprimir a ideia de que Annette vivia a sua vida em compartimentos em todos os quais era espantosamente competente, mas que parecia incapaz de facilitar a comunicação entre eles. Falando mais rapidamente do que o habitual, disse-lhe que para mim Annette era como uma secção de um favo de mel em que cada célula era

perfeitamente feita, mas em que não havia comunicação entre as células individuais. O Dr. Charles interrompeu para perguntar se eu discutira recentemente Annette nestes termos com Clare e, quando lhe garanti que não o fizera, expressou espanto ao saber que Clare não só exprimira as mesmas ideias sobre Annette, como citara a analogia do favo de mel com palavras idênticas.

Considerara tal fenómeno explicável pela telepatia, mas Braida descartou esta última como um mecanismo subsidiário. Falou da fusão de psiques e admitiu que, no que dizia respeito a Annette, alimentara aqueles que lhe eram mais próximos e os que a acompanhavam com as suas próprias ideias, e foi por isso que Clare e eu falávamos por vezes não só de forma semelhante, mas absolutamente idêntica, num grau que era único na experiência do Dr. Charles.

Esta atividade particular de Braida revelou-se no seu momento mais dramático quando Neville e Peggy Armstrong passaram connosco um fim de semana. Neville é o meu editor. Na sexta-feira e no sábado falámos bastante sobre a persistência do grupo através das suas diferentes encarnações. Falei especialmente dos desenhos que Betty fez aos sete anos de idade, os quais provavam que ela estava a sintonizar-se com um grupo de personagens obscuras do século XIII.

Para além do interesse geral fascinante destes desenhos infantis, havia para mim um fator intensamente pessoal. Nem toda a gente tem a sorte de possuir prova escrita de que alguém se lembra dela tal como era há setecentos anos. Em vários lugares do caderno de esboços de Betty, o meu nome do século XIII, Roger, está rabiscado pelas páginas.

Depois do pequeno-almoço de domingo de manhã, Peggy Armstrong chamou a minha mulher ao quarto onde ela e Neville tinham dormido durante o fim de semana. Alguns momentos depois, a minha mulher pediu-me que subisse e olhasse pela janela, e Neville seguiu logo depois. Na noite anterior houvera uma forte geada. A relva ainda estava congelada no relvado lá fora. Estava cinzenta-prateada e estaladiça, exceto pelo padrão de letras traçado sobre ela.

Não conseguia acreditar nos meus olhos. Peggy e a minha mulher perguntaram-me o que pensava estar escrito na relva gelada. Enquanto recuperava o equilíbrio, murmurei algo sobre um texugo, mas aquelas não eram pegadas de texugo nem de qualquer outra besta, porque os animais

não escrevem letras do alfabeto. O que estava escrito era absolutamente claro para nós os três. Havia primeiro uma letra «A». A seguir, escrita em letras enormes, estava a palavra Roger. Tão espantoso como a existência do nome era o facto de as letras estarem formadas exatamente como no caderno de Betty. Isto manifestava-se de três maneiras. Primeiro, Betty fazia os seus «R» de uma forma especial. Segundo, o nome inteiro Roger, tal como traçado no relvado, apresentava a mesma espécie de curva que nos cadernos de Betty. Terceiro, o «R» final afinava-se abaixo do nível do resto do nome, no mesmo rabisco que Betty empregava nos seus desenhos infantis.

O relvado que estávamos a observar pertence aos nossos vizinhos. Chamámos a sua atenção para o estado dele nessa manhã. Para não os condicionar de modo algum, repeti a minha peça sobre texugos. A nossa vizinha olhou para o relvado e disse que aquilo não era obra de texugos, mas do seu neto. Disse que o nome Roger, que leu com a mesma facilidade que nós, era o esforço do seu neto, que tinha um amigo com esse nome. Mesmo para o racionalista, a questão não termina aí.

Qualquer menino pode traçar um nome na geada (de resto, eu não diria que esta fosse uma ocupação comum nestes dias endurecidos), mas será que os meninos escrevem com as exatas idiossincrasias de meninas a rabiscar em cadernos há quarenta anos e agora mortas? Se o fazem, estarão esses mesmos meninos a sintonizar-se com o massacre de Avignonet em 1242? Isto é realmente pedir muito. E por que razão a maiúscula «A» precedia o Roger? Por que haveria o neto da minha vizinha de colocar a inicial do meu nome cristão do século XX antes do seu equivalente no século XIII?

Qual seria o mecanismo que produziu esta escrita? O meu primeiro pensamento foi que se tratava de um exemplo extraordinário de telepatia no seu grau mais poderoso. Sem que ele próprio o soubesse, teria aquela criança da casa ao lado captado algo do coração e do centro da nossa conversa do dia anterior e dessa manhã cedo?

Sinto que Peggy Armstrong pensou de forma diferente desde o início. Ela insistiu que eu perguntasse a Braida.

Os Armstrongs deixaram-nos por volta do meio-dia. Braida apareceu nessa noite. Confirmou que a maiúscula «A» antes de Roger era a abreviação do meu nome cristão atual e disse que a criança da casa ao

lado não o produzira, nem o nome Roger, sob influência de telepatia. Ela própria estivera a pairar nos bastidores durante esse fim de semana e dirigira a operação, cujo objetivo era produzir uma prova vital — se não à minha porta, pelo menos à vista da minha janela — da minha identidade comum em dois séculos. Admitiu que pusera a ideia na mente da criança e explicou o seu motivo. Sabia que Neville e Peggy Armstrong estavam profundamente interessados no meu trabalho e não tinham dúvidas da validade e importância dos fenómenos que eu registava. Disse com muita firmeza que eles não precisavam de instrução nestes assuntos nem de mais provas da sua significação.

Mas sentia que, estando envolvidos na publicação dos meus livros, os Armstrongs deviam conhecer toda a intensidade das experiências que eu tivera nos últimos anos. Mesmo eu, habituado a estas manifestações de outro mundo, fiquei espantado com a experiência. Há certos picos elevados que, nos últimos quatro anos, se destacam acima das terras altas da minha consciência cósmica. A ranhura na minha mão provocada pela corrente de Braida, os cadernos de Betty e as pernas queimadas da Sra. Butler no aniversário do auto-da-fé de Montségur foram, cada um à sua maneira, experiências únicas e espantosas. O que as distinguia desta última revelação era a sua relativa privacidade. Era uma experiência nova e impressionante ver a prova de uma encarnação anterior rabiscada na relva do lado de fora da própria janela. Ao nível cósmico, senti a ansiedade comum: «O que pensarão os vizinhos?»

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Os diferentes tipos de contacto com os revenants e a forma como os registei revelam estádios claros no meu desenvolvimento psíquico. Em *The Cathars and Reincarnation* e *We Are One Another* estive empenhado numa verificação prolongada do que nos era dito e escrito a partir de outra dimensão. Estava, de facto, a rebater o materialismo com as suas próprias armas e a operar sobretudo no plano do intelecto e da personalidade. Ao registar as minhas encarnações celta e napoleónica, a iluminação que me foi dada ocorreu ao nível psíquico e construiu-se, na sua maior parte, sobre sincronizações extraordinárias entre os vivos e os mortos.

A história da minha encarnação romana derivou do meu contacto direto com os revenants, com Clare a atuar por vezes como intermediária. Algumas das minhas experiências nessa altura foram além do psíquico, como, por exemplo, a minha recordação da iniciação numa gruta nos Ariège.

Nessa altura, os revenants já tinham gasto muito cuidado e tempo na minha educação. Compreendi que o que pretendiam para mim era importante. Entendi mais claramente do que em 1971 o que queriam dizer quando afirmavam que eu devia escrever e falar o mais possível sobre o dualismo. Tinham sempre dito que, face ao choque dos sistemas materialistas neste mundo, a hora era crucial. Estávamos ameaçados por um regresso às Idades das Trevas. A contribuição mais sólida que eu, e outros membros do nosso grupo, podíamos fazer era esclarecer as pessoas na mesma sintonia sobre a natureza do dualismo, para que as suas verdades não se obscurecessem durante épocas de escuridão.

Segundo Guilhabert, o dualismo era a mais antiga filosofia europeia e a menos alterada pela erosão do tempo e pela necessidade de viver em segredo em certas épocas. Tudo o que eu previa para mim era um papel talvez mais verboso como expositor do que os revenants estavam a deixar de chamar dualismo e a referir sob títulos tão simples como a verdade sobre a vida. Parecia que eu não fora suficientemente pretensioso na minha avaliação do meu próprio papel.

Chegou o dia em que ouvi algo que, três anos antes, me teria mergulhado numa febre de excitação. Devia ter percebido que algo se preparava. Clare estava comigo nesse dia e, enquanto lhe falava, notei que o seu rosto se afinava e o seu nariz, algo pequeno, se tornava mais fino e comprido. Os olhos permaneceram os mesmos. Reparei num pormenor que nunca antes vira. O canto da boca estava ligeiramente levantado de um lado. Perguntei-lhe se alguma vez tivera paralisia de Bell.

Trata-se de uma doença do sétimo nervo que causa paralisia dos músculos de um lado do rosto, de modo que os dois ângulos da boca não ficam ao mesmo nível. Clare respondeu que nunca tivera tal condição em vida e não se lembrava de ter sido assim afetada numa encarnação anterior. Braida materializou-se nessa altura e disse que Clare tivera tal paralisia no século XIII. Estivera associada a um processo séptico que afetara o ouvido e envolvera o sétimo nervo. Os leitores recordarão que

esta vulnerabilidade do ouvido persistiu nas encarnações napoleónica e do século XX de Clare. Tudo isto significava que eu estava a vê-la tal como fora como Esclarmonda de Perelha no século XIII.

A ocasião foi também importante porque, quando Guilhabert de Castres apareceu, vi com mais clareza do que antes os seus ombros largos e atarracados e o tronco pesado. Não pude deixar de sorrir ao refletir quantos haviam exagerado o ascetismo do catarismo. Se Guilhabert alguma vez praticara jejuns severos, isso não se notava na sua figura. Nunca antes vira com tanta clareza o seu rosto rechonchudo e bondoso.

A nossa conversa começou sem pretensões. Discutimos a dieta que ele comera e disse-me que nunca jejuara excessivamente. Contou-me que a tradição segundo a qual os cátaros se abstinham de comida e bebida durante dias e até semanas era completamente infundada. Disse que ele próprio comera carne quando lha ofereciam os anfitriões, porque não havia razão para se abster, já que o animal já estava morto. Disse também que por vezes comia carne para se sustentar em longas viagens. Era um viajante inveterado e percorria distâncias enormes para a época ao pregar a palavra.

Depois destes pormenores caseiros, houve uma súbita elevação da temperatura espiritual quando lhe perguntei se alguma vez pusera por escrito todo o conhecimento e experiência que me transmitira verbalmente. Disse que o fizera num livro que constituíra parte do tesouro de Montségur. Ao longo dos anos houve muita discussão sobre a natureza do tesouro que foi contrabandeado para fora do castelo durante o cerco. Até esse dia particular, sempre pensei que consistia em obras raras e preciosas, mais do que esotéricas. Era excitante e comovente saber que, em tempos, o tesouro cátaro incluíra aquilo que Guilhabert me dissera nas grutas dos Ariège e que repetira a Clare e a mim no século XX. Que tivesse escrito tal livro fora-me ocultado até que eu fosse capaz de tirar proveito desse conhecimento.

Perguntei a Guilhabert quando o seu livro fora contrabandeado para fora de Montségur e ele disse que fora pouco antes do Natal de 1243. Já descrevi anteriormente como, toda a minha vida, me senti tenso e deprimido logo antes e incluindo o Natal. A miséria experimentada nesta estação era agora partilhada por Clare, Kathleen e Annette que, com a sua memória distante despertada, voltavam a suportar a apreensão que

sentira há setecentos anos. Agora compreendia por que razão os membros do nosso grupo tinham estado particularmente agitados durante a disposição do tesouro. É demais supor que todos fossem tão eruditos ao ponto de serem torturados pelo destino de uns livros. Por outro lado, era perfeitamente natural que estivéssemos especialmente preocupados com o destino do manuscrito escrito por alguém que nos era intimamente conhecido e por nós venerado. Durante dois anos, Clare, Kathleen, Annette e eu vivemos um dia negro a 20 de dezembro. Foi nesta data que os portadores do tesouro foram recusados numa casa no caminho para o Castelo d'Usson.

O tesouro, disse Guilhabert, acabara por chegar a esse lugar. Ali se perdera simplesmente ao longo das eras. É fascinante refletir que, quando Annette foi contrabandeada de Montségur em roupas de homem a 15 de março de 1244 — a data em que saiu misturada com a guarnição —, seguiu para o Castelo d'Usson, onde permaneceu até morrer numa idade que, para a época, era avançada. O tesouro permaneceu lá durante a sua vida e décadas depois, mas Guilhabert não quis dizer em que data desapareceu definitivamente nem qual foi a forma da sua disposição.

Num flashback para o século XIII, Clare e eu vimos este manuscrito. Era impressionante devido à sua encadernação verde-maçã pálido.

Fiquei suficientemente comovido ao saber que o que ouvira de Guilhabert em Somerset era apenas uma repetição do que ele me dissera antes. Era pessoalmente doloroso saber que o que fora posto por escrito se perdera. Estas reações esvaíram-se em nada quando ouvi as palavras seguintes de Guilhabert, em que disse que o que escrevera uma vez tinha de ser registado novamente e que a tarefa me era imposta. Disse que era importante, neste livro atual, registar como estabeleci contacto com os revenants, a fim de, num livro posterior, dar a substância dessas verdades esotéricas que datavam de muito antes do catarismo e estavam incorporadas nos cultos misteriosos da Grécia clássica.

Era uma perspetiva paralisante para um médico provinciano ser informado de que era o herdeiro filosófico e literário de um bispo herético que morrera sete séculos antes. Para mim, as implicações do que Guilhabert dissera eram ao mesmo tempo imensas e sóbrias. Significava que ele me considerava suficientemente conhecedor e responsável para atuar como mais um elo na longa cadeia de transmissores da verdade que,

desde Pitágoras em diante, por vezes abertamente e por vezes em palavras veladas e símbolos, transmitiram ao homem a verdade sobre a sua criação e destino.

Tudo isto era mais do que eu esperara ou mesmo pedira, porque nunca me propusera ser mais do que um repórter consciencioso da vida tal como existe para além das fronteiras da matéria. O que se seguiu colocou-me responsabilidades ainda mais pesadas sobre os ombros. De repente, vi-me de pé, livre das árvores, no flanco de uma montanha que subia ao sol, através da escuridão do mato baixo, até um castelo no cume. O meu companheiro era um homem moreno, de aspeto rude, com traços algo escarpados.

Estava vestido com uma túnica que lhe chegava a meio da coxa, reforçada com tiras de couro. Eu explicava-lhe algo devagar e com cuidado, e ele ouvia com muita atenção. Depois, estávamos os dois dentro de uma sala quase toda na penumbra, mas com luz a entrar por uma abertura alta na parede. Eu segurava dois manuscritos unidos por uma capa púrpura com um círculo dourado ao centro.

Quando a visão se desvaneceu, voltei-me para Guilhabert. «Eu próprio escrevi esses livros.»

«Lembras-te do que tratavam?», perguntou ele.

«Eram um comentário ao teu próprio livro. Tentei ampliá-lo em alguns pontos para o tornar mais compreensível para pessoas comuns.»

«Foi por isso que o teu livro ficou mais longo do que o meu», disse ele. «É também o que fazes hoje nas tuas palestras e escritos, especialmente nas palestras. Tentas apresentar os ensinamentos básicos do dualismo de uma forma que todos possam compreender. É isso que ainda te é exigido, só que, no futuro, deves escrever sobre a filosofia do dualismo, além dos seus princípios aceites.»

Agora via com mais clareza do que nunca a razão da tensão manifestada por Clare, Annette e Kathleen nos dias antes do Natal. Mais cedo na conversa com Guilhabert, julgara que a tensão delas — e a minha — fora intensificada pelo conhecimento de que o livro de Guilhabert estava entre aqueles em risco enquanto o tesouro era retirado furtivamente da fortaleza sitiada através de território hostil. Agora percebia que havia uma razão ainda mais pessoal para a depressão das

minhas três companheiras. Nessa altura, eu jazia às portas da morte em Montségur, sofrendo de pneumonia sobreposta a tuberculose pulmonar. Annette, Clare e Kathleen recordavam-se de cuidarem de mim, e Annette recordava, com total clareza, como eu — um destroço esgotado e emagrecido nos meus quase setenta anos — encontrava prazer na companhia dela e nas nossas conversas sobre flores e plantas. Era natural que ela e as duas amigas se interessassem pelo destino de um manuscrito produzido por alguém tão bem conhecido delas e evidentemente com pouco tempo de vida. Deve recordar-se que Montségur era um castelo relativamente pequeno e que o que acontecia dentro das suas muralhas apinhadas devia ser de intenso interesse para a comunidade. O meu livro seria bem conhecido por eles e a sua disposição segura uma preocupação maior.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Um dia vi com grande clareza Betty tal como fora na sua encarnação celta. O contraste entre o seu cabelo loiro claro e os olhos escuros era particularmente marcante. Nesse mesmo dia falei com Braida dos antigos deuses e deusas, falando sobretudo da Grécia e de Roma, mas mencionando também aqueles ainda venerados na Igreja Cristã Celta na Cúmbria antes de ser romanizada. Falámos deles com pena, vendo-os não só como divindades, mas como projeções de estados de espírito humanos e, por isso, mais acessíveis a nós do que os deuses monolíticos das religiões semitas.

Sonhei muito nessa noite. Houve o sonho da mulher alta e bela que montava muito direita num caçador cinzento. Cavalguei com ela através de uma floresta que não era escura, com luz a filtrar-se entre os troncos das árvores. Por algum motivo obscuro, sabia que ela era polaca. Não sabia porquê, pois era dolicocéfala e tinha traços clássicos. As mulheres polacas que conhecera não correspondiam a esta descrição. Seria por causa de Eugene, que era polaco e um caçador inveterado?

Era difícil de compreender, porque não conseguia imaginar as árvores por entre as quais a bela caçadora cavalgava como parte de uma floresta polaca. Parecia mais um bosque de um país mediterrânico. Senti que tivera este sonho porque falara com Braida dos antigos deuses e

deusas. Será que, no sono, estendera uma mão tímida e tateante para Diana, a caçadora?

No meu sonho, continuámos a cavalgar sem parar. Era noite à volta da minha cama, mas no sonho era dia e luz solar até que a luz se desvaneceu ao crepúsculo e ficou frio na floresta e sombras ao entardecer. Os nossos cavalos abrandaram e ela disse que desejava passar a vida comigo, mas que a decisão era minha. Não conseguia decidir-me. Parecia-me que estava preso entre as deusas pagãs — isto é, pré-cristãs —, pois, de algum modo estranho, os deuses haviam-se evaporado — e os reconfortantes revenants que falavam a minha própria língua e partilhavam as minhas dores. Via Braida e os seus amigos como cristãos no sentido primitivo e verdadeiro da palavra. Tinha de escolher entre eles e as deusas da antiguidade. Acima de tudo, tinha de aceitar ou rejeitar a bela caçadora. Não sei se falhei em decidir-me ou se ela saiu do sonho antes de eu o fazer.

Mas se Diana, a Caçadora, saíra do meu sonho, havia ecos da sua antiga presença. Continuei a sonhar com deusas não simbolizadas como belas mulheres em vestes modernas a cavalgar por florestas anteriores ao primitivo, mas como estatuetas esculpidas em pedra. Havia três destas figuras com rostos encapuzados que eu sabia serem Deusas-Mães. Não sabia por que razão os seus rostos estavam cobertos. Talvez porque, nesta vida, não podemos absorver a plenitude da verdade. Não podemos infringir a lei segundo a qual só após a morte entramos na segunda zona de iluminação.

Na manhã seguinte, foi como se o meu sonho tivesse continuado. Clare vira-me nas pequenas horas no meu corpo etérico. Eu falara com pesar dos antigos deuses celtas que ainda veneráramos furtivamente na Cúmbria nos últimos anos da Igreja Celta independente. Dissera que era melhor ter contacto com deuses menores capazes de nos confortar e transmitir as nossas necessidades a uma entidade maior. Os antigos deuses eram mais bondosos e tolerantes do que o Deus monolítico judaico-cristão. Mal acabara de falar com Clare quando Annette ligou para dizer que na noite anterior falara com a mãe dos antigos deuses e deusas celtas em termos idênticos aos meus, até nas palavras exatas que eu usara.

Tudo isto significava que, no espaço de uma noite, me preocupara com as antigas deusas, tanto clássicas como celtas. Senti que havia uma mensagem para mim mais profunda do que a necessidade de escolher entre o cristão e o clássico. Por exemplo, por que razão Diana era tão insistentemente polaca?

Tive de esperar vários meses pela resposta. Um dia, quando Betty apareceu, disse-me que, quando regressei a França no início do século XIX após ter sido prisioneiro de guerra em Portchester, parti numa missão clandestina para Varsóvia. Esta dizia respeito às minhas atividades como membro da escola maçónica não ritualista, que derivava diretamente dos maçons da Idade Média. Em Varsóvia conheci um polaco que, nesta encarnação, era o meu amigo Wing-Commander L—. Naqueles dias, os polacos lamentavam a perda da sua independência. Fui recebido com entusiasmo pelos círculos patrióticos que frequentei na Polónia, porque as minhas ideias liberais e a minha antipatia pelos Bourbons coincidiam com o seu próprio ressentimento contra o domínio tsarista. Fui tratado com grande bondade, quase com reverência, por este grupo de polacos corajosos e cultos.

As nossas reuniões foram organizadas pelo antecessor do século XIX do Wing-Commander, a quem viria a conhecer em 1940, quando os esquadrões da Força Aérea Polaca L— voaram de França para continuar a defesa da civilização. A nossa casa em Bath tornou-se conhecida como um local de repouso não oficial para polacos durante as suas licenças. Também fui instrumental na formação em Bath de uma Sociedade Anglo-Polaca, da qual me tornei presidente. Uma das minhas posses mais queridas é uma carta de agradecimento assinada por todos os oficiais de um aeródromo polaco, na sequência de uma carta que escrevi à imprensa para corrigir uma horrível deturpação dos objetivos polacos gerada nos cérebros febris de uma secção da pretensa intelligentsia. Não tenho dúvidas de que, nesta vida, estava a retribuir a bondade que recebera um século e meio antes.

Durante a minha visita ao século XIX à Polónia, estive em Vilna e Cracóvia, além de Varsóvia. Nestes lugares, como noutros, preguei com incansável tenacidade os meus três temas dualistas: que o universo é um campo de batalha entre as forças do bem e do mal, que os homens se podem purificar pela reencarnação e que o mundo é criado por uma entidade inferior. Também proferi o meu habitual libelo contra o mal do

domínio bourbon, que foi bem recebido num país onde a reação legitimista era exemplificada pelo Tsar.

Parecia que me entregava apenas a reminiscências nostálgicas enquanto falava com Betty em minha casa em Somerset, mas assim que ela disse que o meu sonho estava ligado a uma experiência que tive na Polónia, vi uma cidade com muitos edifícios medievais. Embora nunca lá tivesse estado nesta vida, sabia que era Cracóvia, e Betty confirmou-o. Caminhava por uma rua bastante larga em direção a um beco empedrado que se inclinava para a direita e subia ligeiramente. Vi com clareza a rua e o beco que dela partia. Ao entrar no beco, o caminho foi barrado por uma figura delineada em luz dourada. Betty disse-me que isto era análogo às formas e contornos iluminados que eu vira com uma luz dourada indescritível difundida à sua volta e que Clare descrevera pela primeira vez como figuras de Cristo.

Das chamadas figuras de Cristo vistas por Clare e por mim, houvera até então duas variedades. A primeira era delicadamente masculina e a segunda representava um princípio abstrato de beleza que era essencialmente assexuado. Betty afirmou calmamente que o que eu vira na Polónia era uma figura feminina e também não cristã. Disse que tal visão não devia ser descrita como figura de Cristo, mas como uma revelação daquilo a que chamou a Deusa-Mãe. Acrescentou que, ao descrever tal figura como feminina, referia-me apenas ao rosto. Este exprimia a beleza e a compaixão do feminino, mas as linhas do corpo eram em parte masculinas.

Betty disse que ver tal figura era a mais elevada experiência visual obtível neste mundo. Repito o que ela disse, embora ache um pouco difícil de compreender. Pensaria que um rosto que representasse sobretudo uma beleza assexuada seria o ideal. Mas talvez nisto eu esteja a ser tolo, porque vemos visões a partir deste mundo e elas têm de ser expressas em termos compreensíveis para nós. Um rosto inteiramente assexuado não é fácil de imaginar. Quando se torna difícil dizer com certeza se um rosto é de rapaz ou rapariga, não se está perante o assexuado, mas perante uma possível manifestação de bissexualidade.

Creio que a dificuldade que senti em aceitar plenamente o que Betty disse se devia à minha própria capacidade de autocrítica. Durante anos falei do princípio eterno feminino e da superioridade da Deusa-Mãe sobre

as contrafações masculinas. Por que razão haveria de recuar perante o que cumpria tudo o que eu sentira, conhecera e esperara?

Betty disse que o sonho fora um marco na minha vida porque era uma repetição velada e clandestina da minha experiência em Cracóvia, há um século e meio. O que eu vira à entrada do beco naquela cidade comoveu-me como nada mais o fizera na minha encarnação napoleónica. Acabara de sair para a rua depois de dirigir uma reunião. Estava exausto, mas satisfeito com os meus esforços. A visão que tive não foi de modo algum um consolo, uma recompensa ou um alívio para o meu cansaço. Foi uma revelação deslumbrante que falava a sua própria língua. Fui tirado de mim próprio para outro mundo onde não havia perguntas e onde se era engolido por uma harmonia tão total que o instante e a eternidade eram idênticos e Deus e eu fazíamos parte um do outro.

Betty disse-me que, ao longo de toda a minha vida na encarnação napoleónica, ansiara pelo regresso do que ela chamava inequivocamente a Deusa-Mãe. Sempre acreditara que a voltaria a ver. Quando ela não regressou imediatamente, disse a mim próprio que era mais do que se podia esperar, mas talvez numa crise, talvez numa doença, a voltaria a ver. Ela não era algo para ser adorado. Era demasiado encantadora para a reverência. Era algo para amar, para viver com ela e para seguir. Nunca mais a vi. Essa foi uma das razões da minha depressão que me atingiu nos meus sessenta anos na encarnação napoleónica. Não sei por que razão uma pessoa tão incompleta foi agraciada com uma visão que me parece ter excedido o seu desenvolvimento interior.

Parece que também nesta vida sempre ansiara pela Deusa-Mãe. É inútil encadear as vagas intimações que senti da sua presença. Há mais de trinta anos exaltava o que chamava o princípio feminino em detrimento do seu equivalente masculino e indicava que todas as civilizações e culturas provinham da sua operação. Nos últimos anos não deixei de escrever abertamente que, para mim, a Deusa-Mãe é a única divindade última e que a ideia de um deus concebido de qualquer modo como masculino é vã e absurda. Creio também que a Deusa-Mãe não é a última palavra, mas que por trás desta conceção demasiado finita de uma figura amada existe uma influência passiva, criativa e feminina para além da definição e da análise.

Betty disse-me que, no meu sonho da caçadora, eu não vira a própria Deusa-Mãe, mas uma das suas mensageiras íntimas. Viria Diana porque ela curava tanto quanto caçava. Estávamos juntos porque eu estava muito próximo da natureza, porque na minha infância tivera outra experiência de deuses na floresta quando vira Pã, que era em parte maligno, mas também um curador.

Este sonho de Diana surgiu no meio de um período em que fazia muitas visitas fora do corpo a Annette, Clare e Kathleen. Foi também significativo que tivesse tido uma experiência fora do corpo precisamente na noite em que sonhei com Diana. Nessa ocasião, juntara-me a Graham no seu corpo astral numa visita a Clare. A própria Diana podia viajar fora do corpo à noite. Talvez este fosse um dos seus métodos de cura.

Betty explicou-me que Diana aparecera como uma senhora polaca para me recordar que a última vez que a vira fora na Polónia, em Cracóvia. Disse também que eu estivera certo ao associar este sonho a Eugene, porque ele era um grande caçador e porque tinha um imenso poder de emanação. Este último permitira-lhe, no seu corpo astral, atuar como catalisador nessa noite em que Diana estivera comigo não só na floresta de antiguidade inexplorada, mas no beco empedrado que saía da rua em Cracóvia.

Diana dissera no fim do meu sonho que ficaria comigo toda a minha vida se eu o desejasse, mas que cabia a mim decidir. Eu não o fizera. Betty disse que isso se devia ao facto de eu ainda estar condicionado pelo cristianismo, acima de tudo pela sua obsessiva codificação ética abrangente e pela sua insistência na necessidade da culpa.

Betty falou-me longamente sobre a Deusa-Mãe e Diana porque elas representavam o que ela procurara nos mistérios eleusinos que praticara na sua encarnação romana. Sempre acreditara, sem agressividade, até anonimamente, que existe uma divindade oculta na feminilidade. Foi isso que tentara utilizar em todas as encarnações que nos são conhecidas.

Quando contemplo este sonho belo e inconclusivo, vejo claramente outra razão para ter sido levado de volta a uma época anterior à nossa vida em Roma, ao tempo da grande catástrofe. Já disse que a luz e a bondade regressaram ao mundo com o retorno de Perséfone do submundo. Perséfone representa a luz da bondade nesta terra e Plutão uma escuridão luciferina não totalmente maligna porque, através dela,

percebeu um pouco o poder da luz. Mas, mais primordial do que Perséfone e Plutão, pensa-se em Deméter, a mãe terra, a chamar de volta a sua filha das sombras e a ver a terra devastada repovoada de colheitas e as fendas entre as rochas subitamente, dramaticamente, em chamas de flores. Aqui temos uma Deusa-Mãe mais compreensível, mais misericordiosa e mais plena do que a divindade masculina do Antigo Testamento. Ela enfrenta o facto do mal irremovível neste planeta. Vê a caverna para onde a luz foi arrastada na escuridão do inverno. Efetua um compromisso com o deus do submundo para recuperar a sua filha com a chegada da primavera.

Note-se que ela não realiza ginástica obscena como o deus masculino do Antigo Testamento que reivindica ser todo o bem, dominar o mal, mas ter criado tudo, incluindo o que é mau. Deméter aceita o mal neste mundo porque é o melhor que pode fazer dentro dos estreitos limites deste planeta, mas sabe que a sua fertilidade abençoada e rejuvenescida pode ser transformada, por uma alquimia espiritual, em perceções mais agudas que abrem as portas a novos mundos de consciência e que conduzem em última análise ao núcleo central silencioso e não pulsante da verdade, que é feminino na sua passividade e silêncio.

Guilhabert de Castres quis que eu escrevesse este livro porque sabia, pela experiência passada e pelo conhecimento presente de mim, que eu era capaz de compreender o núcleo criativo feminino da experiência humana. Uma vez o livro em curso, Betty tomou as rédeas e disse-me como o tema devia ser tratado. Foi escolhida para cumprir este papel não apenas pela sua proximidade comigo através de várias encarnações e no presente, mas porque, de todas as personagens do grupo, era aquela que mais se aproximava dos conceitos clássicos pré-cristãos que me chamam de uma distância imensurável. Aparece-me sobretudo como foi na sua encarnação romana: sem sorrir, olhando intensamente e absolutamente verídica, a aproximação mais próxima, na minha experiência consciente e inconsciente, de uma das deusas brancas da antiguidade.

Com Betty presente, já não tenho sede da Deusa-Mãe porque não posso aspirar, neste mundo, a estar mais perto dela do que estou agora. A separação dela é menos dolorosa do que foi na minha encarnação napoleónica porque, nesta vida, compreendo melhor o que se passa na minha própria mente e, em segundo lugar, na beleza narcótica de Somerset, não estou tão assombrado por ela como estive nos meus anos

na Provença, quando, contra um fundo clássico, podia ouvir os seus passos, mas nunca a ver diante de mim como no beco de Cracóvia.

Creio que é justo dizer que nunca senti sentimentalismo por Betty. Não elevei a criança magra, de pernas finas e sorriso franco, vista numa fotografia à beira-mar, ao nível de uma Deusa-Mãe. Quando falo com ela, vejo-a muitas vezes no verde e púrpura que usava de dia. Com a escuridão caída, vejo apenas a palidez do seu rosto e os seus olhos perscrutadores, enquanto, abrindo os braços, varria da minha mente o medo dos demónios que caminhavam à noite.

Aprendi um pouco com as minhas vidas. Quanto mais se espera da vida, menos se recebe dela. O sol brilha tanto sobre os justos como sobre os injustos. Muitas vezes parece inclinado a favor destes últimos. Em geral, quanto mais se esforça, menos se obtém. Há certas consolações. O amor é mais forte do que a morte e a sabedoria chega a todos, por mais intratáveis ou relutantes que sejam. No curso de um ciclo de vidas, não consigo ver que a sabedoria possa ser realizada contra o fundo de uma única vida, por mais que esta seja adornada com as bonitas e sedutoras promessas do céu ortodoxo.

Adquirimos o sentido que possuímos ao percorrer os corredores de muitas vidas. Esta vida que consideramos, conforme a nossa constituição, ou tragédia ou comédia, é, na verdade, uma miragem, um reflexo ténue num espelho e sem importância exceto como imagem de uma harmonia mais plena, de uma beleza mais viva e de uma verdade mais profunda. Toda a beleza neste mundo tem uma qualidade penetrante e trágica porque é evanescente.

Devemos considerar o que nos é dado como o mais ténue reflexo na margem mais distante. As próprias cores deste mundo são tons atenuados das harmonias vibrantes que nos aguardam após a morte. Os pensamentos e sentimentos que trocamos neste mundo são fragmentários e interrompidos, como as colunas quebradas de templos cujas proporções mal conseguimos imaginar.

Falei com os mortos e o que sei deles é que a vida que vivemos aqui é uma espécie de morte. O que neste mundo considero belo não é mais do que o sopro de um fantasma na minha testa. À medida que ascendemos aos planos seguintes de consciência, voltamos à vida. Esperamos, para além do ermo do tempo, num mundo onde Guilhabert de Castres disse

que não há começos nem fins e a memória é uma nuvem de vibrações que se move para trás e para diante.